

Como fazer para entrar em contato com os falecidos



Aprenda a fazer contato com os falecidos

Metodologia explicada passo a passo

COMO ENTRAR EM CONTATO COM O ALÉM

PROCESSO SIMPLES PARA CONTATAR OS FALECIDOS

(Transcomunicação Instrumental)

Autor: Vivaldino Marconato

Transcrição das mensagens áudio dos falecidos: Vivaldino Marconato

Metodologia aplicada: Gravação de farfalhar de papel via microfone

2022 – 1ª Edição

Versão digital

ÍNDICE

Domínio público	7
Apresentação	8
Nota importante	9
A quem se destina?	10
Sobre o conteúdo deste livro	11
Primeira parte – Metodologia para entrar em contato com os falecidos	13
<i>Como entrar em contato com o além (processo simples para contatar os falecidos) ...</i>	<i>15</i>
O que é necessário	16
Fones de ouvido	16
Características desejáveis dos fones de ouvido	16
Sensibilidade dos fones de ouvido	16
Impedância dos fones de ouvido	16
Fones de ouvido: desconfie das características “perfeitas”	17
Requisitos mínimos que o software processador de áudio deve ter	17
Um processador de áudio gratuito que dá suporte aos requisitos mínimos	18
Uso de múltiplos programas para compensar as deficiências de edição	18
Primeiros passos	19
Testes iniciais	19
Teste do fone de ouvido	19
Teste do microfone	19
Dicas para efetuar a gravação	20
Iniciando	21
Gravação inicial	21
Dados de controle	22
Salvando	22
Exemplos	23
Para nomes de gravações completas	24
Se a gravação for original	24
Para nomes de trechos salvos	24
Entrando em contato com o além	25
Características	25
Retorno	25
Como proceder para efetivar o contato com o além	25
Antes de continuar... saiba previamente (recomendável)	29
Tossir/espirrar	29
Flatulências	29
Suor	29
Banho	30
Manutenção dos calçados	30
Tanto na gravação quanto na reprodução	30
Um exemplo prático (real)	32
Saiba previamente (recomendável) → (continuação)	52
Os arquivos mudam	52

Conteúdo fixo e mutável	52
Nova gravação ou teimar em uma já feita?	53
Fato novo	53
Fatos relevantes	54
Cuidado com interpretações	55
Posso experimentar?	56
Vozes masculinas e femininas indicam o sexo de quem se manifesta?	56
Em velocidades muito lentas só se escutam vozes muito graves, quase cavernosas?	57
Uma vez alterada uma mensagem, por causa da velocidade, as mensagens anteriores se perdem?	57
As mensagens se misturam tornando tudo confuso?	57
Só quero respostas curtas, de três ou quatro palavras!	58
Sua mente poderá ser “ecoada”	58
Aparência	59
Monitoração dos pensamentos	59
Você no controle!	59
Registro do conteúdo	60
Da recepção de elogios e depreciações	60
Da interpretação apressada	61
Os falecidos não sabem tudo	62
Do julgamento prévio	62
Somente receberei boas mensagens dos falecidos?	62
O meu contato com os falecidos evoluirá facilmente?	63
Dos eventos desconhecidos	63
Das informações contraditórias	64
Das palavras ou expressões estranhas	64
Do conteúdo	65
Da seriedade	65
Para onde isso tá levando?	66
Segunda parte – o conteúdo de uma única mensagem ao reproduzi-la quase diariamente	68
<i>O conteúdo de um contato real com os falecidos</i>	69
Um caso real de contato (explicação detalhada)	70
Explicação inicial	70
Algumas notas	76
Começando a perceber a complexidade	79
Mensagem recebida dos falecidos	86
Fluxo normal	86
Fluxo reverso	115
O conteúdo (mensagem) do original (sim, ele existe!)	138
Fluxo normal	138
Fluxo reverso	138
Trabalhando na cópia do original	139
Reverso	149
Comparação de certos trechos (original (cópia) versus manipulado)	151
Terceira parte - outras mensagens de contato com os falecidos	156

<i>Mensagens anteriores - as primeiras mensagens gravadas</i>	158
Mensagem 01 (18/09/21)	159
Mensagem 02 (23/09/21)	162
Mensagem 03 (24/09/21)	192
Mensagem 04 (27/09/21)	198
Mensagem 05 (28/09/21)	216
Mensagem 06 (29/09/21)	252
Mensagem 07 (30/09/21)	261
Mensagem 08 (01/10/21)	267
Mensagem 09 (02/10/21)	283
Mensagem 10 (03/10/21)	293
Mensagem 11 (04/10/21)	307
Quarta parte - Implicações técnico- científicas – Primeiras considerações	314
<i>Os dados objetivos - As primeiras informações obtidas</i>	316
Existência do arquivo de áudio	317
Gravação de áudio: o que se espera e o que se obtém	320
A necessidade de ruído como suporte	322
A descoberta das camadas	326
Fluxos do conteúdo: normal e reverso	328
Conteúdo: dinamicidade, interpretabilidade e transcritabilidade	330
Mutabilidade do conteúdo do arquivo	331
A variação do volume durante a reprodução do conteúdo	331
Colocando em teste certas afirmações	343
Teste prático para testar voz surgindo “diretamente” no alto-falante	343
Teste prático para testar a produção de eletricidade “do nada”	345
Teste prático incrementado para testar som “saindo diretamente” no alto-falante	347
Teste prático incrementado para testar a produção de eletricidade “do nada”	349
Quinta parte - Das outras implicações – Considerações relevantes	354
<i>Outros dados relevantes - Algumas informações importantes</i>	356
Sobre a confiabilidade dos dados recebidos	358
Origem das mensagens	361
Transweb	361
Lugar virtual	363
Mundo dois	364
Irmandade	365
Origem dos falecidos	365
Mistura de idiomas	366
Nomes completos de falecidos	368
Pedidos	370
Árvore do Cristianismo	371
Anatomia dos falecidos	372
Psique	373
Fatos passados	374
Somos observados	374
Os falecidos também filmam	375

Variância do conteúdo	376
Adentrando em tecnicismos	378
Teste de pilhas	378
Presença de técnico eletrônico	379
Requisição de gravação pelos microfones	381
Os falecidos usam microfones?	382
Falecido dando orientação durante gravação	382
Pedido de migração para metologia mais avançada	383
Outros mundos	384
Ovnis	384
Seria o autor um et homossexual, expulso de andrômeda?	385
Sexta parte - Utopia – Alguns sonhos do autor	392
<i>Objetivos a serem alcançados - O que precisa ser feito para que a utopia se torne uma realidade</i>	<i>394</i>
Utopia	395
Ensino coletivo	396
Da utopia à realidade	396
Conclusão	401

DOMÍNIO PÚBLICO

Esta obra está em domínio público, significando que qualquer um poderá copiar, armazenar, reproduzir, citar, etc... o seu conteúdo, no todo ou em parte, não se exigindo nem mesmo a citação do autor original.

Qualquer modificação implica em nova obra e, portanto, outro autor, o qual deverá assumir a sua autoria, bem como as implicações legais, seja de benefícios, seja de responsabilização.

Nos termos da legislação brasileira em vigor, esta obra, por suas implicações morais, só poderá ser apresentada a menores de idade por seus responsáveis legais, que em geral são os pais dos menores, ou pela autorização expressa destes. Embora em domínio público, quem divulgá-la deve tomar todo cuidado para que este detalhe seja respeitado.

APRESENTAÇÃO

Esta obra se divide em três partes. A primeira ensina *como* contatar os falecidos. A segunda mostra *o conteúdo* de um único contato (o último) quando reproduzido quase diariamente. A terceira engloba os outros contatos que, a rigor, foram os primeiros. Estes, embora fossem os primeiros, não eram do conhecimento do autor que os postergou por falta de tempo.

Trata-se de matéria experimental. É o resultado da experimentação progressiva. O autor começou sem sucesso por não usar um ruído de suporte. Ocorreu-lhe de usar o farfalhar do papel por alguém tê-lo citado em uma das obras lidas previamente. Era tudo que o autor sabia a respeito deste método. Assim, as coisas foram acontecendo e se foi descobrindo muito além do esperado.

Este livro deve ser encarado como etapa de entrada, o início. O autor errou muito, não é fácil interpretar o conteúdo quando imerso em muito ruído. Às vezes as mensagens são claríssimas. Outras vezes são tão complicadas que a chance de errar é grande. Tem vez que não se consegue entender o que é dito. Também se recebe conteúdo que não se sabe o que significa. Neste caso pode ser informação que não se reconhece ou captação de conteúdo reverso que entra como espúrio.

O autor começou com experiência “zero”, ou seja, nunca tinha feito contatos assim antes. Ao término o autor já conta com uma certa experiência. Já sabe, mais ou menos, como “a coisa” funciona. Isso se chama em inglês de “*feeling*”, ou seja, conhecimento prévio. Com certeza, depois de tudo isso, já se tem algum conhecimento prévio para voos mais altos.

O que esta obra contém é a experiência do autor. Obviamente que, ao repetir a trajetória registrada no livro, cada um formará a sua própria experiência e terá conteúdos exclusivos que lhe dizem respeito. É recomendável registrar tudo. Só assim poderá comparar detalhes do histórico bem como analisar o mesmo.

Incluiu-se a data e o horário em que a interpretação foi efetuada. Isso permite dimensionar os esforços necessários para o contato se materialize em algo concreto, ou seja, para que as mensagens estejam acessíveis a outrem. De forma resumida: dá trabalho!

Se quiser contatar os falecidos já sabendo algo de antemão, usando este método, leia este livro primeiro e só depois se aventure. Boa sorte!

NOTA IMPORTANTE

Não é religião.

Não se trata de religião de qualquer espécie. Os seres vivos morrem. Pertencam eles a qual religião pertencam, é fato que, cedo ou tarde, perecerão. Mas os que não têm religião também perecerão. Crentes ou ateus, ninguém viverá eternamente.

Boa parte das religiões afirmam que “não se morre”. Elas estão certas. E o lado bom disso tudo é que se pode contatar os falecidos que nos são caros. Isso se deve a um desenvolvimento relativamente recente, que permite às pessoas contatarem os falecidos por intermédio de instrumentos técnicos.

Pessoas que viveram neste mundo, após morrerem, se esforçaram em criar vias de comunicação para pôr em contato o “mundo de aqui” com o “mundo do além”, trabalho que envolveu (e ainda envolve) seres de ambos os lados.

Por usar instrumentação técnica, é acessível a qualquer um, religioso ou não. Uns terão mais facilidade que outros mas, com persistência, é de se esperar que todos consigam. Justamente por usar instrumentação técnica (os falecidos usam o sistema deles) torna-se necessário “criar um canal”, ou seja, criar o contato entre aqui e lá, pois os falecidos tem uma quantidade limitada de instrumentos. Por isso a persistência, pois sem tais instrumentos o contato não acontece.

Uma forma de sinalizar aos falecidos que vale a pena investir em um contato com você é procurar informações (literatura) demonstrando o seu interesse. Procure por Transcomunicação Instrumental (livros e artigos). No estágio atual se recomenda usar um computador como meio de contato, pois é muito mais flexível e exige muito pouco em termos de acessórios ou complementos para materializar um contato.

Existem atualmente muitos métodos para se contatar os falecidos. Nesta obra é explicado como usar um dos mais elementares.

Não é religião. Qualquer um pode tentar.

A QUEM SE DESTINA?

A qualquer que queira contatar os falecidos que lhe são caros. Mas também aos que desejam criar um canal entre o “aqui” e o “além” para, quando perecerem, já terem garantido um meio de comunicação que esteja operacional.

Ao morrer, a maioria das pessoas se dão conta de que “não se morre”. Mas aí vem a dura realidade: não conseguem se comunicar com os que aqui ficaram. Existem bilhões de seres humanos vivendo neste globo. Pouquíssimos conseguem se comunicar com os falecidos, é como se, ao falecer, se acaba indo parar “no limbo”, com o esquecimento dos “de cá” para com os “de lá”.

Se você não se esquece dos seus parentes que pereceram e não gostaria que, ao morrer, também se esqueçam de ti, então é hora de aprender a contatar os falecidos e ensinar a seus familiares a fazer o mesmo. Ao morrer, seus familiares saberão precisamente o que fazer para continuar mantendo o contato com você.

Essa aprendizagem só depende de você. Se esforçar agora para não ser esquecido depois ou ignorar e ser ignorado depois.

Lembre-se: não é possível ir ao *shopping* e comprar um aparelhinho, apertar um botão e, num passe de mágica, conversar com os falecidos. É um pouco mais complexo e você precisa aprender isso. O que funciona para um pode não funcionar para os demais por isso comece da forma mais elementar possível e evolua. A “coisa” pode não cair do céu de mão beijada. Pode ser necessário certo esforço de tua parte.

SOBRE O CONTEÚDO DESTE LIVRO

Tudo o que há neste livro é referente ao autor, de forma direta ou indireta. O autor obteve os dados ouvindo gravações que ele mesmo efetuou. Os falecidos que participaram o fizeram por livre e espontânea vontade, se exprimindo livremente, sem qualquer tipo de coação. Conteúdos não esperados (e até mesmo inusitados) surgiram, o que mostra não serem frutos da imaginação do autor. Nada nesta obra se refere a outrem, exceto quando os falecidos, no uso de seu livre arbítrio, assim se manifestem.

Falecidos tem se manifestado. Alguns são identificáveis pelo conteúdo como conhecidos pelo autor (pai, mãe, etc...). Outros, mesmo que se identifiquem, são desconhecidos do autor, que não tem a menor ideia de quem são. Por outro lado, erros ocorreram aos montes. Certos erros o autor tem a plena consciência de tê-los cometido e os manteve. Outros fugiram de seu controle fruto da complexidade envolvida conjuntamente com as limitações encontradas.

Afirmou-se que o autor também deforma o conteúdo. Nunca houve a intenção de deformar algo. Quando o autor percebe uma mensagem que parece ser pronunciada informalmente, assim a registra. Por exemplo, a palavra “gente” quando pronunciada “genti” poderia ser registrada como “gênti”, “gêntx” ou simplesmente “gentx” denotando que não se escuta, no áudio, o final duro da letra “e” como os gaúchos tradicionais a pronunciariam.

Este é um trabalho que é fruto do improviso. De experimentação em experimentação se foi dando corpo à obra, que acabou sendo uma “salada” de estilos. Partes do conteúdo podem não serem relevantes para terceiros ou soarem estranhos/sem significado.

Tendo o autor, no início, percebido conteúdo que o desagradou profundamente, resolveu escutar todas as gravações já efetuadas para saber exatamente o que pensam a respeito dele. Mas eis que os falecidos detêm o controle total das mensagens de tal forma que substituíram as gravações originais por outras e ficou, virtualmente, impossível saber como se manifestaram no momento da gravação. Assim, muita pouca coisa ficou registrada tal qual gravado e o que se obteve é, na realidade, conteúdo novo.

O autor assume total responsabilidade pelos erros da transcrição, devido a sua incapacidade de captar tal qual os falecidos se manifestaram.

Esta obra está dividida em partes, seis no total. A primeira parte ensina como entrar em contato com os falecidos, usando de instrumentação técnica. Embora sejam possíveis diversos instrumentos para se obter contato com os falecidos, nesta obra se limitou apenas ao mais elementar deles: a produção de ruído de forma manual, quase exclusivamente o farfalhar de papel diante de um microfone.

O princípio de ação é o de modulação: alguém (no caso desta obra: o autor) fornece um ruído de suporte e os falecidos modulam, isto é, atuam sobre este ruído de modo que o ruído modulado contenha informações audíveis. Basta, então, escutar, interpretar e transcrever o conteúdo. Em síntese, isto é tudo o que é necessário para entrar em contato com os falecidos.

A segunda parte trata do conteúdo de uma única mensagem, quando reproduzida diariamente (ou quase), onde surgem certos detalhes, na maioria não encontráveis em literatura similar. Destaca-se, entre outros, a dificuldade de entender o conteúdo, as camadas, o reverso, a mutabilidade do conteúdo, etc...

A terceira parte se refere às mensagens anteriores àquela que norteou a segunda parte, limitando-se a escutar e interpretar uma única vez cada uma delas. São as mensagens iniciais, tal qual o autor foi obtendo no seu processo de aprendizagem.

A quarta parte traz algumas considerações sobre as implicações tanto técnica quanto científicas, na maior parte de ordem técnica, na visão do autor. Se trata de conteúdo com um certo afastamento mas sem aprofundar muito. Esta obra, por ser experimental, não foi construída para se fundamentar em bases científicas mais sólidas.

A quinta parte traz à tona considerações sobre outras implicações que se extraem do conteúdo transcrito. Embora tal conteúdo esteja repleto de erros, pela incapacidade do autor, principalmente na fase inicial, de entender o que era dito, mesmo assim dados que surgiram permitem certas reflexões.

A sexta parte contém os sonhos do autor, ou seja, a motivação que o norteou a começar tal contato com os falecidos: servir de veículo, de uma forma deslumbrante, de modo a ser muito mais do que um mero contato. Quer o autor que os falecidos deem um *show*, tanto pelo emprego da multimídia quanto pelo emprego da mecatrônica. Poderosos recursos poderiam ser usados para cativar os espectadores, que seriam ativos, ensinando e trazendo a realidade do pós-morte ao vivo e a cores, por imersão, com o apoio tecnológico existente.

PRIMEIRA PARTE

METODOLOGIA PARA ENTRAR EM CONTATO COM OS FALECIDOS

COMO ENTRAR EM CONTATO COM O ALÉM

PROCESSO SIMPLES PARA CONTATAR OS FALECIDOS

MÉTODO 1 (VERSÃO INICIAL)

Metodologia explicada passo a passo para se contatar com os falecidos.
(Somente para maiores de idade)

ERECHIM – 2021

O que é necessário

- Um microfone (para efetuar a gravação).
- Um fone de ouvido sensível (para ouvir o que foi gravado).
- Um computador com software para processamento de áudio (gravação, reprodução com repetição, reversão, remoção de ruído, amplificação do sinal, capacidade de atuar em qualquer parte selecionada do sinal).
- Um pedaço de papel mais ou menos do tamanho de uma folha de ofício.

Fones de ouvido

Características desejáveis dos fones de ouvido

- Ampla resposta de frequência. O modelo escolhido deve ter uma resposta equilibrada o mais ampla possível dentro do espectro de frequência de 20 Hz a 20000 Hz (20 KHz). Evite os tipos que predominam em certa banda de frequência, como por exemplo, “reforço de graves”. A menos que tenha problemas auditivos e precise de um modelo que compense tal deficiência.
- Alta sensibilidade. Sons fracos poderão ser distinguidos mais facilmente em um fone de alta sensibilidade, reduzindo sofrimento na hora de interpretação.

Sensibilidade dos fones de ouvido

- Fone com sensibilidade de 108 dB é recomendável.
- Fone com sensibilidade de 98 dB (ou menos) torna sofrível a interpretação. Sempre que possível, evite-os. Os fones mais caros não são necessariamente os melhores, nem em resposta de frequência, nem em termos de sensibilidade.

Impedância dos fones de ouvido

- A impedância típica (característica) é da ordem de 32 Ohm (Ω).

- Não use os de impedância de 8 Ohm (Ω).

Fones de ouvido: desconfie das características “perfeitas”

- Fones de ouvido são elementos problemáticos em termos resposta de frequência.
- Desconfie das características quando estas indicarem resposta de frequência entre 20 Hz e 20Khz. Esta seria uma resposta ideal para um componente real.
- Um fone de ouvido deficitário em altas frequências pode, através de marketing, ser anunciado como “bom de graves”.
- Não esqueça que o papel aceita tudo e não faltam os que colocam justamente aquilo que gostaria de encontrar (um produto perfeito a preço de banana).

Requisitos mínimos que o software processador de áudio deve ter

- Amplificação (recurso amplificar).
- Atuação seletiva (permitir a seleção de trechos específicos).
- Alterar a velocidade da reprodução.
- Repetição do trecho selecionado em qualquer velocidade.
- Deleção de trechos específicos (recurso deletar/excluir),
- Reversão (reverter $\leftarrow \rightarrow$ inverter inicio e fim).
- Normalização (recurso normalizar).
- Mute/mudo (recurso silenciar ou emudecer).
- Redução de ruído.

Nota: é muito importante que o software seja capaz de reverter o áudio pois os falecidos podem se comunicar tanto pela via normal quanto “ao contrário” ou seja, ao reverso (do fim para o começo). Além disso, é importantíssimo que o

software permita a repetição em qualquer velocidade escolhida, e não apenas na normal, pois é comum haver mais informação acessível em baixa velocidade, como se a gravação fosse feita em camadas. A normalização não é obrigatória mas facilita a preparação do sinal gravado, economizando esforços. O mute não é obrigatório mas é um recurso que pode ser útil para limpar o sinal de espúrios, podendo ser substituído, em alguns casos, pela deleção/exclusão de trechos específicos. Note que **inverter** e **inverter início e fim** (reverter) não são a mesma coisa. Inverter é fazer a inversão da parte de baixo com a de cima, e vice-versa, do sinal. Isso não é útil para captar as mensagens do além. Reverter é inverter o fluxo da reprodução: normal (do início para o final), reverso (do final para o início).

Um processador de áudio gratuito que dá suporte aos requisitos mínimos

- Audacity (<https://www.audacityteam.org/>)
- Recursos poderosos de edição disponíveis no Audacity 2.1.1 (para Windows XP → necessário instalar o Lame (já descontinuado) se quiser exportar a gravação em MP3 (.mp3)).
- Versões posteriores (mais atuais que a 2.1.1) não permitem a repetição em baixa velocidade, o que dificulta sobremaneira a captação dos contatos do além.

Uso de múltiplos programas para compensar as deficiências de edição

- Se o software usado não der suporte aos requisitos mínimos pode-se usar, alternativamente, softwares (programas) diferentes, extraindo de cada um deles o recurso necessário de modo que, no final, os requisitos mínimos sejam cumpridos.
- Por exemplo: pode ser usado o *oCam* (<https://ohsoft.net>) para gravar a tela em baixa velocidade e o resultado aplicado a um reproduzidor de áudio com repetição, como o *Windows Media Player* do Windows ou o próprio *Audacity*.

Primeiros passos

- Ligue o computador.
- Abra o software processador de áudio escolhido.
- Conecte o fone de ouvidos na respectiva entrada (se já não o fez).
- Conecte o microfone na respectiva entrada para poder efetuar a gravação.

Observação: não há uma ordem específica para efetivar estes passos, proceda como quiser.

Testes iniciais

Teste do fone de ouvido

- Reproduza um arquivo de áudio normal.
- Coloque o volume de reprodução em um valor confortável (em torno de 50 ou 60%).
- Deve haver reserva de volume tanto para aumentar quanto para diminuir o nível do som.
- O som não pode ser muito grave ou estridente. Precisa ser equilibrado.
- Dificuldades de audição (surdez) dificultam sobremaneira a captação das mensagens do além (por não serem áudio puro (limpo, cristalino) e sim uma mistura complexa de sons).
- Evite sons muito altos para não danificar seus ouvidos.

Teste do microfone

- Faça um teste de gravação.
- Ajuste a sensibilidade do microfone para que o resultado esteja próximo do valor padrão (em torno de -1 dB ou um nível de 0,7 V (volts). Evite excesso de sinal, não deixe ultrapassar -1 dB (se medido em decibéis) ou $\pm 1V$ (se o nível do sinal é dado por tensão Um áudio normal deveria estar com uma amplitude de 0,7 volt).

- Cuidado com a indicação de vermelho, tanto na gravação, quanto na reprodução, o que é um indicativo de excesso de sinal (e, por conseguinte, um fator de distorção).
- A taxa de amostragem pode ficar em 44100 Hz (44,1 KHz) mas pode ser usada qualquer outra. Quanto maior a taxa, mais precisa a gravação, ou seja, melhor a definição das nuances (44100 é um valor muito bom).
- Em geral a gravação será mono, a menos que hajam recursos especiais no seu computador permitindo ampliação de possibilidades.
- O microfone será comum, de eletreto, do tipo usado em PC. Não use as *Web-cam* por deixarem a desejar. Não coloque o microfone junto do móvel onde está o computador ou outro dispositivo que vibre (pelo uso de *coolers* (ventoinhas, ventiladores)) pois o ruído por eles emitido será captado pelo microfone, contaminando a gravação.
- Se usar um microfone avulso, daqueles que se seguram pela mão, enrole-o em uma toalha de rosto para diminuir a transmissão de ruído de seu próprio corpo. Evite mexer no microfone durante a gravação para não gerar ruídos, picos indesejáveis e outros espúrios que afetam negativamente a gravação.
- Se usar um microfone embutido no fone de ouvido, em geral através de uma haste ou no próprio cabo, tome cuidado para ter uma distância mínima da boca, e cuidado para o suporte do microfone (haste ou fio) não tocarem em nada, como na roupa, de modo a evitar espúrios desagradáveis que contaminam a gravação.
- Você poderá usar qualquer microfone que o seu sistema aceite, desde que o resultado final seja alcançado.

Dicas para efetuar a gravação

- Cuidado com o nível da sua fala junto ao microfone, para evitar distorções por excesso de sinal ou sopros indesejados. Também evite sinal fraco demais o que causaria dificuldades ao além para modular o ruído de suporte.
- Tente ser uniforme, tanto ao falar junto ao microfone, quanto ao produzir o ruído de suporte.
- Não ative a gravação com reprodução simultânea (ouvir o que está sendo gravado durante a gravação), pois isso produziria a

inconveniência do som gravado ficar com eco.

- A gravação deverá ser feita em total silêncio para evitar a confusão entre o que é daqui e o que é do além, além de perturbações das mais variadas.
- A melhor hora para gravação é a que lhe for mais confortável. Se de noite, em torno das 22h30min.

Iniciando

Gravação inicial

- Faça uma gravação normal, via microfone.
- Para tanto, deixe um espaço inicial antes de falar, para seu controle de ruído e garantir a integridade da gravação desde o início.
- Fale ao microfone, observando o espectro do sinal gerado durante a gravação. Procure por excessos (picos) que podem ser indicados em vermelho. Tente ficar na região recomendada, nem muito baixo, nem muito alto. Lembre-se que poderá amplificar ou diminuir o sinal depois da gravação.
- Não se preocupe, neste estágio você não receberá nenhuma mensagem do além.
- Grave uma mensagem curta, tipicamente uma pergunta ao além, tal como: “*Tem alguém aí?*” ou “*Alguém gostaria de se comunicar?*”.
- Evite enrolar ou produzir mensagens muito longas. Lembre-se que os falecidos podem ler a sua mente, ou seja, você pode se manifestar mentalmente com eles. Mas, na gravação, tente ser direto.
- Não faça gravações longas pois terá que analisar toda a gravação feita, o que é muito demorado. O tempo de gravação dependerá do seu tempo disponível e de quanto está disposto a se envolver com isso. Inicialmente, se limite entre 15 e 30 segundos para resposta do além.
- Não faça múltiplas perguntas em uma única gravação. Para múltiplas respostas, faça múltiplas gravações, que podem ser mais curtas, suficientes para a resposta pretendida. Isso permite separar as perguntas

e suas respectivas respostas, diminuindo a confusão.

- Você pode ser sucinto (direto ao ponto) ou querer amplo contato. Para maximizar o contato, dê mais tempo para eles se manifestarem. O retorno dependerá muito deles.
- Importante: após a gravação, deixe um espaço generoso sem qualquer gravação (quanto mais, melhor, mas sem excesso). Uns 10 segundos já está bom. Quanto maior o espaço sem gravação maior será a chance de o software identificar o ruído para poder filtrá-lo depois.
- Escute a sua gravação. Você deverá ouvir o ruído captado pelo microfone mais a pergunta que você fez ao além (ou, pelo menos, aquilo que você falou). Certamente será uma captação ruidosa a menos que grave em um estúdio.
- Agora reverta sua gravação, isto é, inverta o fim pelo início, reproduzindo “ao contrário” o que gravou. Observe como é uma gravação “ao contrário”. Em alguns casos você conseguirá entender alguma coisa que terão, certamente, a sua voz “ao contrário”. Em caso de dúvidas, grave, novamente, a sua fala exatamente igual e compare: deve ser idêntica. Se não o for, pode ser que já tenha recebido uma mensagem do além.
- Você sempre pode pedir, mentalmente, para que os falecidos não se manifestem durante os seus testes. Se você pedir, eles não interferirão.

Dados de controle

- Você pode embutir, na gravação, dados de identificação, para seu controle e gerenciamento.
- Nome completo ajudam a distinguir quem gravou tal mensagem.
- A data de gravação ajuda a organizar e gerenciar suas gravações.
- Múltiplas gravações podem ser distinguidas por data e hora.
- A menos que esteja em um ambiente coletivo, em que outros também compartilhem de sua gravação, não se recomenda incluir na gravação nada mais do que a pergunta ao além

Salvando

- Ao salvar, organize seus arquivos de modo a encontrá-los facilmente

depois.

- É altamente aconselhável que o nome de cada arquivo salvo contenha a data da gravação, no formato *ano/mês/dia* (para evitar confusão devido às características dos softwares classificadores, que não tem a mesma inteligência que a sua). Tal data deve ser a primeira parte do nome do arquivo.
- Havendo mais de uma gravação naquela data, acrescente, entre parênteses, um número crescente, de modo a poder distinguir qual ocorreu primeiro. Ou acrescente a hora depois a data para distinguir entre duas ou mais gravações subsequentes no mesmo dia.
- Sempre salve o arquivo original, com todo ruído com que foi gravado, e o mantenha a salvo de alterações.
- Qualquer alteração deve ser salva em outro arquivo, com mesma data mas identificado como tal.
- Evite recortar suas gravações, salvando apenas fragmento delas visto que, agindo assim, impedirá o surgimento de novas mensagens. Você pode excluir as partes sem informação, devido à ação do redutor de ruído, de modo a diminuir o arquivo final. Não faça isso no arquivo original (ou seja, na gravação original, para não afetá-la).
- Se optar por salvar trechos de suas gravações, nomeie-os, cada um deles, com a data de gravação distinguindo-os uns dos outros por algum número identificador (entre parênteses) seguido por uma descrição daquilo que gostaria de lembrar.

Exemplos

Para nomes de gravações completas

2021-12-25-(01)-Gravação no Natal.

2021-12-25-(02)-Gravação no Natal.

Que poderiam ser registradas assim:

2021-12-25-Gravação no Natal (01)

2021-12-25-Gravação no Natal (02)

Se a gravação for original

2021-12-25-(01)-Gravação no Natal (original).

Para nomes de trechos salvos

2021-11-23-(01)-Alô.

2021-11-23-(02)-Alguém do além diz 'bom dia!'".

2021-11-23-(03)-Mensagem do além – 'mais cedo'".

2021-11-23-(04)-Mensagem do além – 'ai meus ouvidos'.

2021-11-23-(05)-Primeira mensagem do papai.

Para gerenciamento, onde múltiplos transcomunicadores se interagem, pode ser necessário criar uma estrutura de diretórios (pastas) com o nome ou apelido de cada um, separando o que pertence aos seus respectivos autores. Pode ser necessária uma pasta coletiva, para experiências coletivas.

Se você receber mensagens de múltiplos falecidos, pode ser uma boa ideia criar uma pasta para cada um deles, salvando cada mensagem no seu respectivo lugar. No entanto, e isso é comum, se houverem mensagens de múltiplos manifestantes em uma única gravação, o gerenciamento pode se tornar complicado, obrigando a salvar trechos específicos. Outro problema é identificar quem se manifestou, principalmente se a gravação não permitir reconhecer a voz natural de cada um deles (por deficiência do suporte utilizado ou devido ao manifestante ser desconhecido).

Nota: nunca destrua nem modifique o arquivo original. Para proteção de seus arquivos (mensagens) se eles forem importantes para você, grave-os em um CD-ROM (ou DVD-ROM/BD-ROM) pois os HD podem se danificar. Backups regulares são recomendados. Como os CD-ROM e outras mídias óticas estão caindo em desuso, opte por outras mídias equivalentes desde que permitam gravações permanentes, indestrutíveis.

Entrando em contato com o além

Características

- Muito fácil (método: papel farfalhando).
- Qualquer um pode fazer.
- Interpretação complicada por causa suporte de ruído usado.
- Interpretação pode ser melhorada pelo tratamento do sinal antes de interpretá-lo.
- Tratamento do sinal trabalhoso, que exige muita paciência do transcomunicador.

Retorno

- Alguns podem receber mensagens abundantes, logo na primeira tentativa.
- Outros podem precisar tentar durante anos até receberem alguma mensagem.
- As mensagens costumam ser relevantes para quem as busca. Algumas podem não ser entendidas pelo receptor. Certas mensagens não passam de efeitos especiais, como rimas e transformações de uma expressão em outra, devendo ser consideradas como tais.
- Você recebe aquilo que sintoniza. Somos uma antena. Pensamentos ruins atraem mensagens ruins, Bons pensamentos atraem falecidos com igual sintonia.
- Recebemos aquilo que merecemos ou precisamos ouvir, mesmo que tenhamos as melhores intenções. O mundo dos falecidos não é um “mar de rosas”.

Como proceder para efetivar o contato com o além

Se você já fez todos os testes citados acima, se o software está instalado e

operacional, o próximo passo é tentar contatar o além, ou seja, os falecidos que lhe são caros e com os quais gostaria de voltar a contatar.

Você precisará de uma fonte de ruído para que os falecidos possam modulá-la. Você terá que fornecer esse ruído. Muito embora existam fontes de ruído mais elaboradas, neste trabalho será usado uma das mais elementares, ao alcance de qualquer um: uma simples folha de papel, que pode ser de ofício, papel de embrulho, etc... O importante é que você consiga extrair barulho (ruído) amassando e desamassando continuamente tal papel durante a gravação. Sim, para receber mensagens do além você precisará fazer barulho (controlado).

Treine, então. Coloque o software processador de áudio em modo gravação e fique fazendo ruído com o papel diante do microfone, obviamente que este é um trabalho manual, a ser executado com suas mãos. Observe na tela do programa a amplitude do sinal. Tente ser o mais regular possível, o resultado deve ficar o mais homogêneo possível, sem picos excessivos, sem regiões marcadas com vermelho que indiquem excesso de sinal. Mas também não pode ser muito fraco. O sinal deve ser de mediano a quase máximo mas tão uniforme quanto possível. O nível do sinal depende da proximidade do ruído produzido (com o papel) em relação ao microfone bem como da direção do microfone.

A figura abaixo mostra, graficamente, o papel sendo farfalhado perto do microfone.



Após ter treinado o suficiente, de modo a “dominar” a técnica de fazer ruído diante do microfone, o passo seguinte será o de iniciar a tentativa de contato com o além.

Antes, porém, coloque o software processador de áudio no modo gravação e procure posicionar o microfone de modo a que capte o menor ruído possível. Mexa com ele de posição, tente todos os lugares, sempre observando a tela do computador para a obtenção do menor ruído possível, pois este ruído é indesejável e terá que ser reduzido ou eliminado posteriormente. Evite colocar o microfone no mesmo local (“*rack*”, estante, mesa, etc...) do computador. Evite segurar o microfone com as mãos. Enrole o microfone com uma toalha de rosto se precisar segurá-lo manualmente, de modo a não transmitir vibrações excessivas que acabarão sendo captadas e se misturarão com o sinal útil, sendo um transtorno a mais a ser solucionado.

Resolvido esse passo, só resta o contato com os falecidos. É o que será visto a seguir.

O processo é muito simples, siga estes passos:

- Coloque o software processador de áudio em modo de gravação (pode ser qualquer um que grave do microfone, mas um processador de áudio é mais recomendável pois você terá que fazer muitas edições antes de poder interpretar o que foi gravado).
- Em seguida deixe em silêncio a parte inicial, por alguns segundos (uns três a cinco). Somente o ruído aparecerá na tela.
- Tão logo esse tempo inicial passar comece a fazer a pergunta ao além, com uma frase curta e direta. A figura abaixo ilustra isso.



- Quando a pergunta acabar, deixe mais uns cinco segundos em silêncio de modo que somente o ruído de fundo apareça na tela do software do processador de áudio.

- Em seguida, em completo silêncio, fique farfalhando o papel continuamente, tão uniformemente quanto possível. Verifique na tela do computador o nível do ruído causado pelo farfalhar e mantenha o nível sob o controle. Não é fácil mas com jeitinho fica razoável. Fique fazendo isso continuamente até esgotar o tempo que dedicará ao além para responder (de 15 a 30 segundos, se for mensagem única). Se houver falha, não se preocupe, continue de onde está até completar o tempo.
- Esgotado o tempo a ser dedicado ao além para responder, pare imediatamente de farfalhar o papel diante do microfone, deixando o ambiente novamente em silêncio por um período razoável, pelo menos de dez segundos (reservado para o software processador de áudio identificar o ruído, de modo a poder atenuá-lo ou eliminá-lo (pouco provável) quando requisitado a fazer isso).
- Pronto, você acabou de fazer a sua tentativa de contato com o além. Reproduza o áudio resultante (a sua gravação) e verifique se há algo gravado que, aparentemente, ali não deveria estar. Se você escutar a pergunta que fez e, a seguir, ouvir apenas barulho do farfalhar do papel, provavelmente não conseguiu desta vez o contato pretendido. Não delete o arquivo, ainda é preciso eliminar o ruído para ter certeza de que nada há ali.
- Se a gravação falhar, tente de novo, e de novo. Recomenda-se tentar uma vez por dia, todos os dias, sempre no mesmo horário. Mas você não está proibido de tentar mais vezes. Só não pode fazer zoação para não atrair entidades nada recomendáveis.
- Se obteve êxito, se apareceu algo que parece serem vozes, embora confusas, parabéns. Mais adiante poderá aprender como melhorar tal mensagem para ficar mais compreensível, os recursos a serem aplicados, saber como extrair as informações, em um passo a passo de um caso prático real, bem didático.

Antes de continuar...

Saiba previamente (recomendável)

Tossir/espirrar

- Crise de tosse? O espirro surge sem avisar? Cuidado: os manifestantes (falecidos) costumam ficar bem próximos, podendo estar do seu lado. Evite tossir forte ou espirrar para os lados para não atingir eles. Tente se controlar, espirre para frente, se for inevitável (em geral, é), espirre contra seu braço, use suas mãos para limitar o alcance do espirro, enfim, se esforce para minimizar o problema pois você não estará sozinho.
- Por mais que pareça incrível, os falecidos podem ser atingidos fisicamente, com seu espirro.

Flatulências

- Problemas com flatulências (gases intestinais)? Você precisará controlar a fonte de suas flatulências, ou seja, selecionar o que vai comer e quanto vai comer pois, pelo que se percebeu, os falecidos tem um olfato apurado e sentem odores ambientais. Se você tiver dificuldades para suportar a própria flatulência não espere menos da parte deles.
- Se quiser evitar receber um “puxão de orelhas” da parte deles, controle suas flatulências. Fazer as necessidades antes da gravação já serve para minimizar uma crise mas pode ser pouco dependendo do problema. Elimine da sua dieta certo alimentos produtores de gases intestinais.

Suor

- O suor produz cheiro. Como os falecidos parecem ter um olfato sensível, procure minimizar os efeitos do suor. O problema é que os falecidos podem ficar “grudados” em você para maximizar o contato e é aí que o suor pode representar um problema.

- O suor pode ficar impregnado em sua pele ou em sua roupa. Trocar de roupa sem tomar banho ou tomar banho sem trocar de roupa mantém o suor presente e o cheiro também.

Banho

- A questão do banho parece ser crítica para os falecidos. Eles parecem ter um olfato muito apurado, serem bastante sensíveis aos odores. Se não quiser ter problemas com os falecidos, se não quiser receber reclamações ou “recomendações” para que tome banho, faça suas gravações somente depois de tomar banho. Não deixe o banho para depois, Primeiro o banho, a gravação você faz depois.
- Está muito frio e quer “abortar” o banho? Os falecidos parecem se importar mais com o cheiro que com o frio, talvez eles não sintam o frio. Mas você sente. Talvez com uma estufa no banheiro você consiga “encarar” o banho. Ou abortar a gravação. Se não gravar os falecidos poderão repreendê-lo por isso, pois vieram até você e perderam o seu tempo.

Manutenção dos calçados

- Em termos de contato com os falecidos, você é uma antena, Portanto, é sintonizável, ou seja, você “capta” o além de acordo com sua sintonia. Se estiver mal sintonizado captará mal ou nem conseguirá captar o que quer.
- Levando isso em consideração, não tire os seus calçados (sapatos) pois eles também fazem parte da sintonia. Você, com sua roupa, forma um conjunto completo. Os sapatos o ligam “à Terra”, de modo a completar o circuito e podem facilitar as coisas mesmo que não pareça. Se você usa calçados o tempo inteiro, não vá tirá-los durante a gravação pois o seu estado normal é “com calçados”.

Tanto na gravação quanto na reprodução

- Os falecidos se manifestam na gravação (ato de gravar) e também na reprodução, quando acrescentam (ainda mais) informação, alteram-na

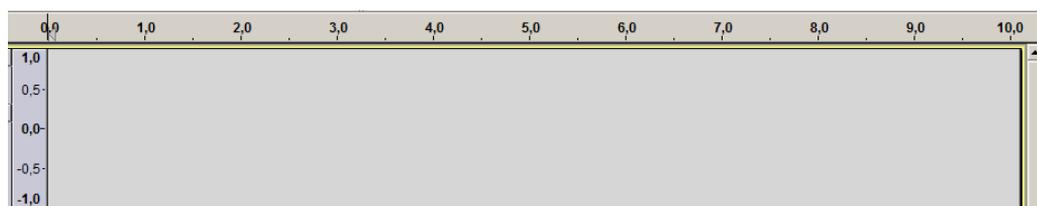
durante a reprodução, podendo modificá-la radicalmente, isto é, transformar a gravação original (aquela que começou a “escutar/ouvir”) em outra totalmente diferente.

- Deste modo, as recomendações acima sobre espirros, flatulências, suor, banho, calçados, etc.. são válidas também na reprodução já que eles continuam atuando junto de você. Você continua o mesmo, eles (salvo novos manifestantes) são os mesmos, o que indica que há uma dinamicidade de sua parte e da deles mas que, no final de contas, é tudo um *continuum* (tem início quando você inicia a gravação e só termina quando você não tocar mais no arquivo gravado).

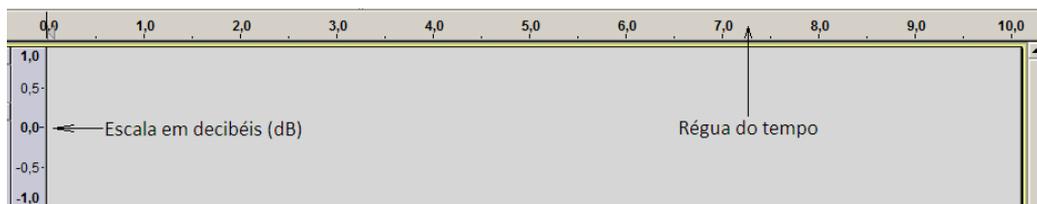
(Veja mais no final deste trabalho. Para evitar perturbar esse passo a passo, real e didático, foram deixados os demais detalhes complementares para o final, pois estão ligados mais ao conteúdo que ao modo de obtê-lo.)

Um exemplo prático (real)

Os gráficos seguintes se referem a uma mensagem gravada para servir de exemplo aos parlamentares. No entanto, tomou um rumo inesperado, de onde se extraíram lições. Ela será apresentada, graficamente, passo a passo, como exemplo prático real de forma a tornar visível a metodologia aplicada, mostrar as dificuldades a serem superadas e as otimizações a serem aplicadas previamente antes de se tentar interpretar o seu conteúdo. O conteúdo, por si só, é um caso a parte, varia de mensagem para mensagem e é relevante para quem buscou o contato com o além.

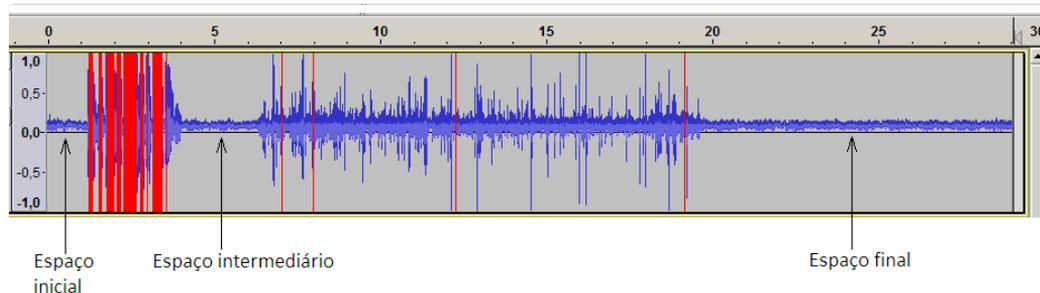


Exemplo de local onde se visualizará a gravação.



Identificando as régua.

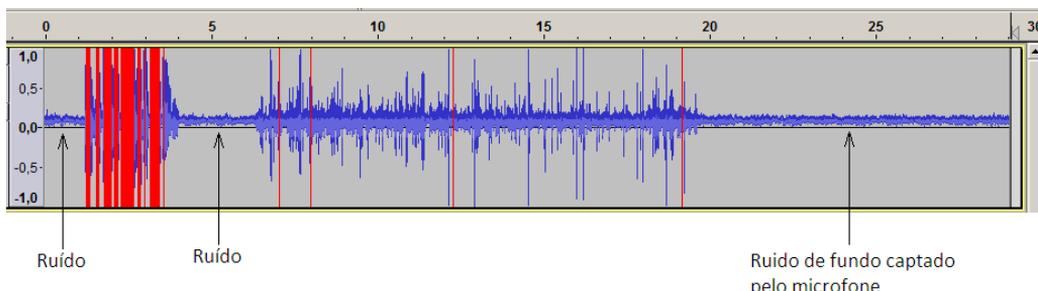
Eis uma gravação real:



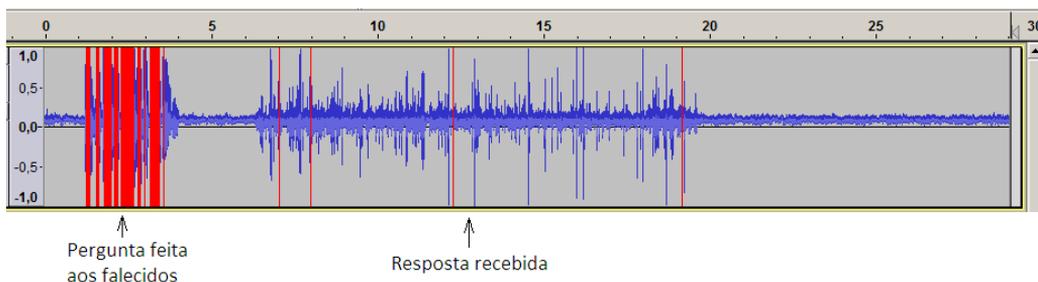
Identificação dos espaços propositalmente deixados sem informação.

Localizando o ruído de fundo e distinguindo-o do sinal útil (pergunta e

resposta). Observe que o ruído de fundo está presente em todo sinal mas é visualmente mais perceptível justamente onde não há sinal útil. Ao gravar, sempre deixe espaços separados do sinal para facilitar a detecção do ruído com vistas à sua atenuação ou eliminação.



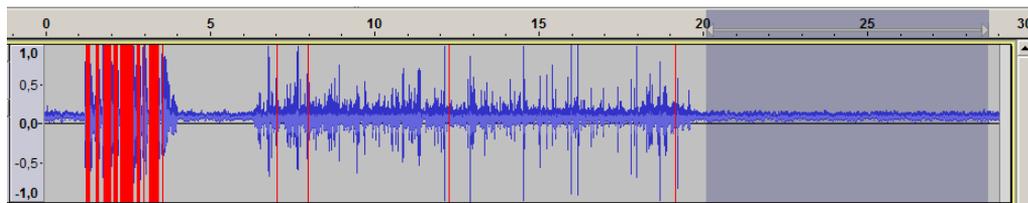
Identificando o ruído de fundo captado pelo microfone.



Identificando a pergunta feita e a resposta recebida.

Para a redução do ruído, a primeira etapa a cumprir é selecionar uma parte do sinal composta somente por ruído. Isso permitirá ao software processador de áudio reconhecer o ruído e saber o que filtrar. O software procurará determinar um padrão de ruído e, com base nisso, filtrará todo o sinal. Quando se grava, o ruído de fundo é captado junto enquanto a gravação estiver em curso, seja quando você fizer silêncio ou quando formular uma pergunta aos falecidos. Mas o ruído também será captado quando você produzir ruído pelo farfalhar do papel.

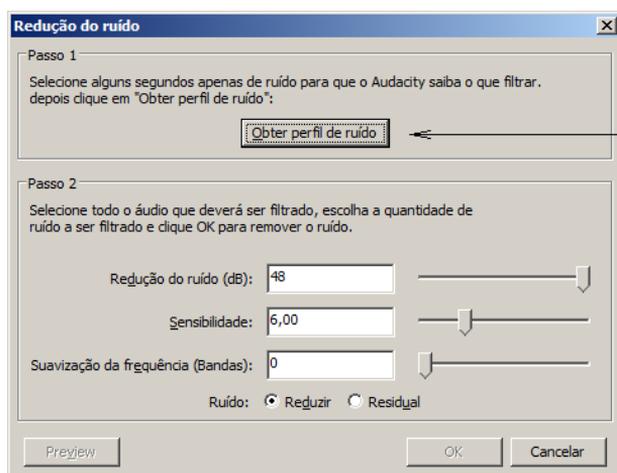
Selecione o ruído de fundo final. Escolha apenas a parte que parecer homogênea ou regular. A figura seguinte mostra como isso é feito. Observe que a parte escura do gráfico representa o ruído já selecionado. Esta parte servirá de referência para o programa processador de áudio saber distinguir o que realmente é o ruído.



Selecione o ruído final para o software identificar o ruído

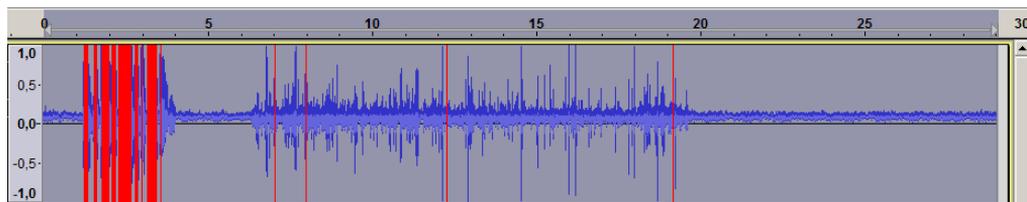
Selecione o ruído final para que o software processador de áudio possa reconhecê-lo como tal.

Após selecionar um trecho que contenha somente ruído (que pode estar no final da gravação), localize no software processador de áudio algo semelhante a “redução de ruído”. Será necessário obter o “perfil” do ruído, isto é, conhecer o padrão que caracteriza um ruído específico. De forma simplificada, o software vai “entender” como o ruído é composto. Para obter o perfil do ruído basta clicar no botão “Obter perfil de ruído” (se utilizar o *Audacity 2.1.1*). Isso representa o “Passo 1” no *Audacity*.



Clique em "Obter perfil de ruído"

Após obter o perfil do ruído, o passo seguinte é selecionar todo o sinal gravado (ou seja, selecionar toda a gravação). O gráfico abaixo mostra como fica a seleção de todo o sinal.



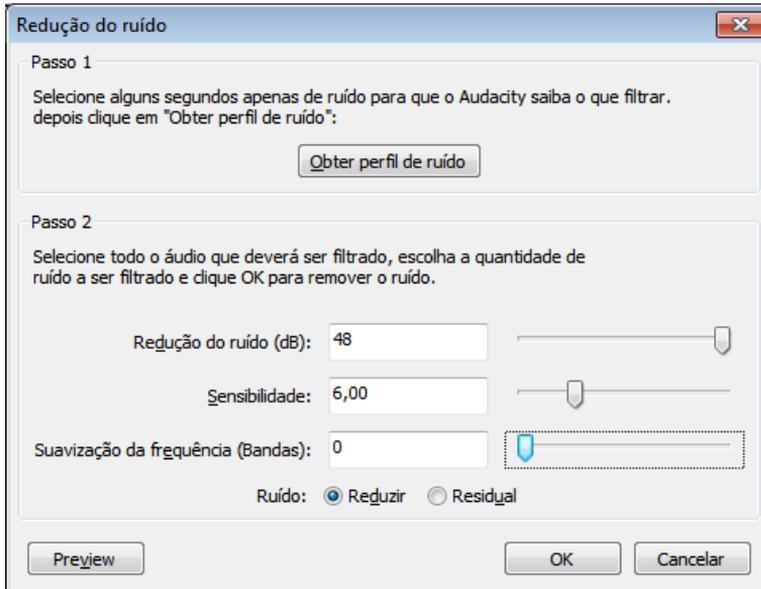
Todo a gravação está selecionada.

Após selecionar toda a gravação, chame novamente o redutor de ruído visto acima. Note que o botão “OK”, que estava desabilitado antes de obter o perfil do ruído, passou a ficar habilitado. Configure o quanto quer de atenuação do ruído. Caso queira ir além use a ajuda do programa. Você pode optar entre reduzir o ruído e eliminar o ruído residual (aquele que sobra depois de atenuar certa quantidade). Em geral, basta apenas reduzir o ruído. Você pode escolher a máxima redução permitida pelo programa ou um valor menor. Saiba que o processo não é perfeito, ou seja, ao remover o ruído do sinal, o próprio sinal pode ser afetado, gerando certa distorção. Então, após a redução do ruído, verifique se o resultado é aceitável.

Antes de efetuar a redução do ruído, aconselha-se a ouvir a gravação completa, original, com todo o ruído para identificar se a distorção, após reduzir o ruído, é aceitável. Sempre salve as alterações em um arquivo novo, jamais mexa no arquivo original ou perderá a referência inicial.

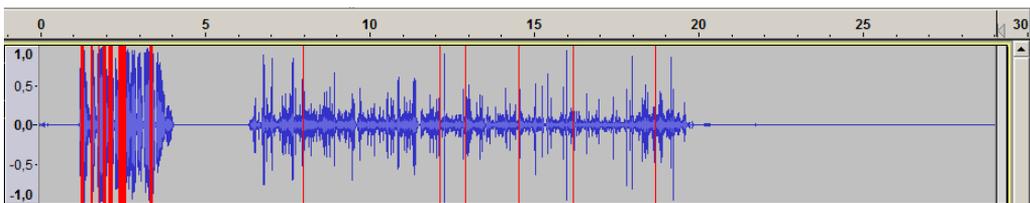
Ao clicar em “OK” você executou o “Passo 2”, ou seja, eliminou o ruído de toda gravação. Você não precisa selecionar toda a gravação, apenas o trecho desejado, caso queira fazê-lo para apenas uma parte do sinal. No entanto, é preciso tomar cuidado com o perfil de ruído, visto que, antes de qualquer atenuação, você precisa ter certeza de que está usando o perfil de ruído certo. Se alterar a gravação no meio do processo, tudo muda, muda o ruído de fundo e o perfil necessário para atenuá-lo também. Se “emendar” uma gravação, obtenha um novo perfil de ruído dessa emenda e limite a redução de ruído somente à região emendada.

A figura seguinte ilustra esta etapa, tanto para a obtenção do perfil do ruído (parte superior) quanto para a redução do ruído propriamente dita (parte inferior da ilustração).

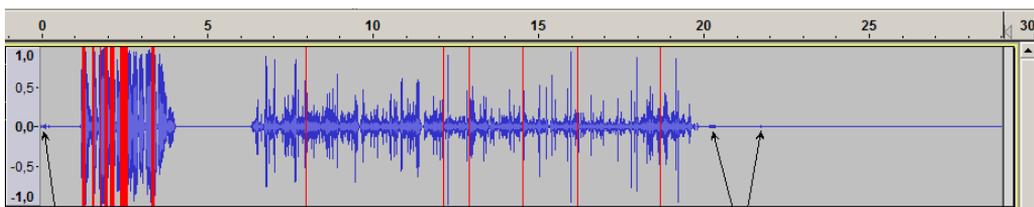


Para atenuar o ruído da gravação, clique em "OK".

Eis uma gravação real, com a redução do ruído já realizada.



Eliminado o ruído da gravação. Somente o sinal útil aparece.



Espúrio

Espúrios

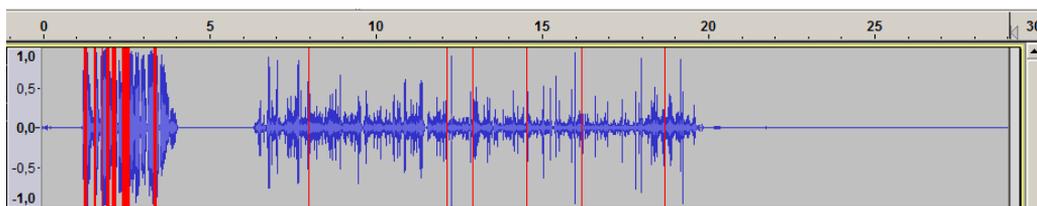
Observe a possível existência de "espúrios" no sinal.

Espúrios são sons na gravação que não são ruídos de fundo mas que também não são nem a sua pergunta, nem a resposta dos falecidos. Pode ser um morcego que passou na hora e foi captado pelo microfone. Ou um grilo, um

passarinho, uma cigarra, etc... Podem vir em alta ou até em baixa frequência. Se for mais longo talvez se distinga algo interessante. Se for de curta duração dificilmente terá alguma utilidade.

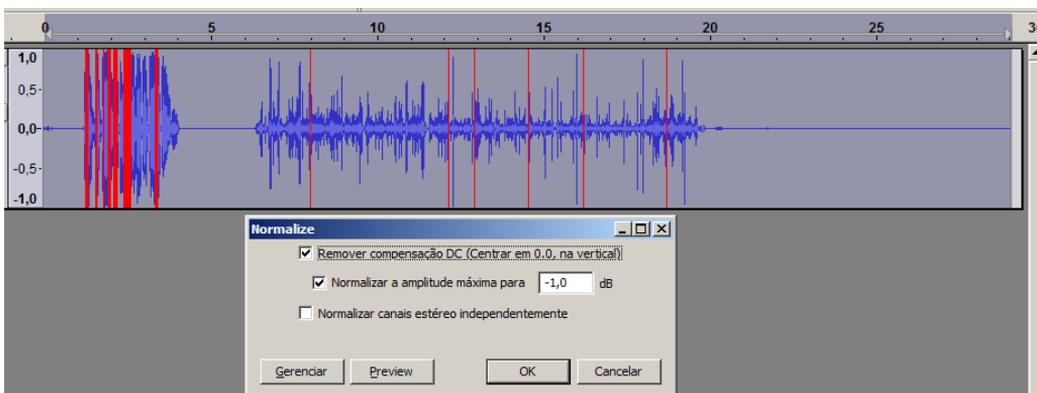
Para eliminar os espúrios visíveis, basta selecionar o espúrio e acionar o “mute/mudo” ou promover a sua deleção/exclusão. Se usar o “mute” o tamanho da gravação não se altera. Se optar por excluir um trecho, a gravação ficará correspondentemente mais curta. Se não lhe incomodar, você pode manter o espúrio na gravação, deixando-o quietinho onde está.

Observe, na figura seguinte, que há excesso de amplitude no sinal gravado.



Excesso de amplitude (locais dos picos destacados em vermelho).

Quando há um excesso de sinal, o software processador de áudio marca o sinal nos locais onde ocorrem tais excessos, pintando-o de vermelho (neste caso mostrado pois pode depender de configuração e até de versão do software utilizado). É o destaque dos locais onde ocorrem picos que ultrapassam o nível padrão do sinal.

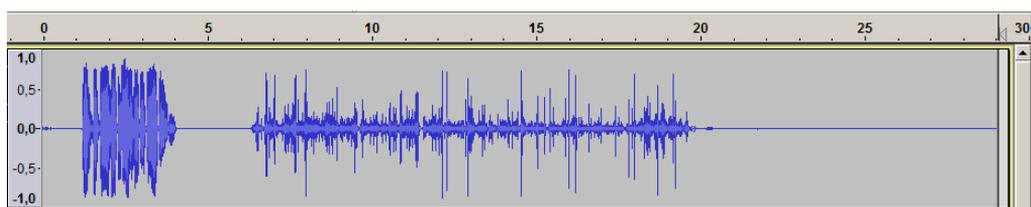


Há duas formas de se resolver tal problema: 1) pela atenuação do sinal; 2) pela normalização do sinal. Para a correção de amplitude manual, selecione a região desejada do sinal e vá em amplificar, colocando ali um valor negativo apropriado. Pode ser necessário, no processo de tentativa e erro, tentar várias vezes até chegar a um nível satisfatório. Note que o bloco inteiro deve ser atenuado, para não distorcer uma parte em relação à outra. Muito mais fácil e rápido, se disponível, é usar da normalização, onde o próprio software se encarrega de colocar no melhor ponto, em uma única operação, toda a gravação ou parte dela (se normalizar apenas uma parte selecionada).

Remover a compensação DC do sinal é, na verdade, centralizar o sinal para que fique simétrico verticalmente, ou seja, corrigir o “deslocamento” do sinal para que não fique mais “para cima” ou mais “para baixo” em relação ao centro do gráfico.

A amplitude de -1 dB é o valor padrão no *Audacity* (você pode alterar isso mas é aconselhável manter o padrão para evitar que um determinado sinal tenha um padrão e um segundo, outro). O que o *Audacity* fará é ajustar a amplitude geral de tal modo que o maior pico do sinal atinja -1 dB.

Eis o resultado da normalização ao ser aplicada neste exemplo real utilizado nesta obra.



Exemplo real: gravação normalizada.

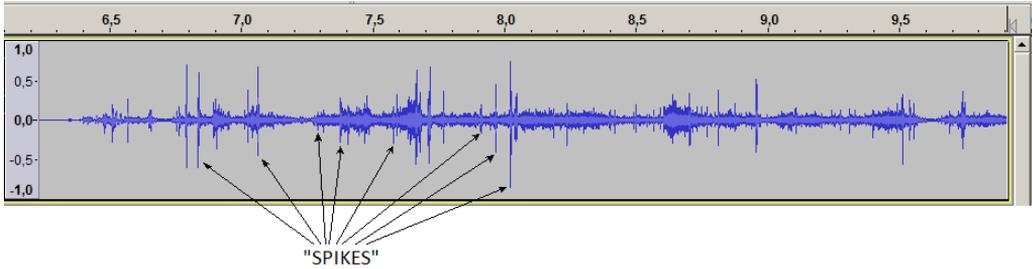
Note que os excessos marcados em vermelho (destaque) não estão mais presentes. Note que o sinal está com a máxima amplitude, porém sem distorção. Observe o sinal da esquerda (a pergunta feita aos falecidos) confrontando-o com a parte da direita (a resposta dada pelos falecidos). Há uma diferença notável. A pergunta feita aos falecidos não possui “spikes” e tem amplitude alta. A resposta dos falecidos aparece com inúmeros “spikes” e baixa amplitude nos locais onde não há “spikes”.

“*Spikes*” são aqueles picos de sinal, momentâneos, presentes no sinal de resposta dos falecidos. Os *spikes* podem ser positivos ou negativos. Eles prejudicam a audibilidade, perturbando sobremaneira a compreensibilidade da mensagem. Eles se devem ao ruído de suporte utilizado (farfalhar de papel) e perturbam de diversas formas: 1) por criar um limite ao sinal, fazendo com que a parte útil fique muito próxima do nível do ruído; 2) por produzir um “clique” desagradável no fone de ouvido (ou alto-falante), o que tira a concentração; 3) por deformar a envoltória do sinal produzido pelo ruído de suporte distorcendo, portanto, a envoltória da própria informação (mensagem dos falecidos).

Os *spikes* somente existem na mensagem de resposta dos falecidos porque somente nesse momento é que se inicia o farfalhar do papel. O farfalhar do papel é a principal fonte dos *spikes*. Os falecidos modulam o ruído de suporte fornecido (o ruído de papel farfalhando), se este está carregado de *spikes* tal perturbação virá modulada também, ou seja, fará parte da mensagem de resposta. Para fugir dos *spikes* é necessário fornecer um ruído de suporte livre de *spikes*, o que já é mais complexo.

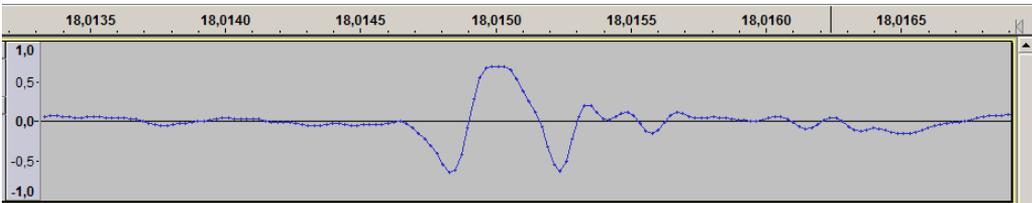
Note que não se poderá usar a função de eliminação de cliques do software processador de áudio pois este se limita a “zerar” o áudio nos locais onde houver um pico, o que produz um ruído desagradável no som reproduzido bem como deforma o sinal original. Em vez de solucionar, a remoção de cliques complica ainda mais. Os *spikes* podem ser manipulados (atenuados) de forma controlada, de forma a produzir uma melhoria geral do sinal. A remoção de cliques deixa o sinal intratável, ou seja, uma vez executado não há como se livrar dos incômodos que causa.

A manipulação dos *spikes* é trabalhosa mas é necessário fazê-la se a sua capacidade auditiva não for muito boa. A compreensibilidade da mensagem depende do nível do sinal (volume) e, com *spikes*, não se pode aumentar o volume de modo que se torne suficientemente compreensível se você escutar mal. Note que ouvir algo é uma coisa, compreendê-la é bem outra. Como as mensagens dos falecidos vêm “em camadas”, misturadas, exigindo muita prática para compreendê-las, qualquer perturbação adicional somente complica em vez de ajudar.

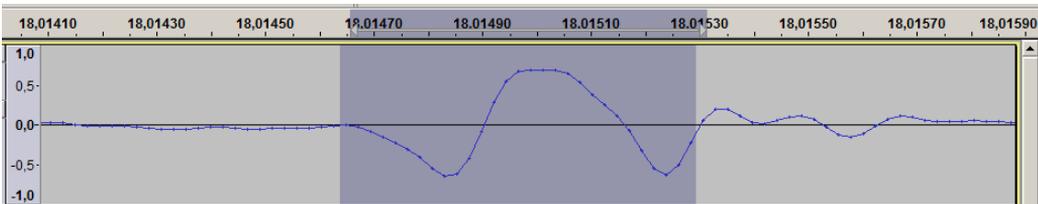


Mostrando alguns "spikes" na mensagem-resposta dos falecidos (neste caso, na região inferior do gráfico).

Parece fácil identificar um *spike* no sinal geral mas, visto de perto, não é tão fácil assim. Basta ampliá-lo para que a complexidade apareça e a dificuldade em manipulá-lo, sem deformar apreciavelmente o sinal, se torne real. Eis um *spike* com *zoom* ampliado (aumentado) na figura abaixo (note que já não é mais “apenas um risco vertical” e sim algo mais complexo):



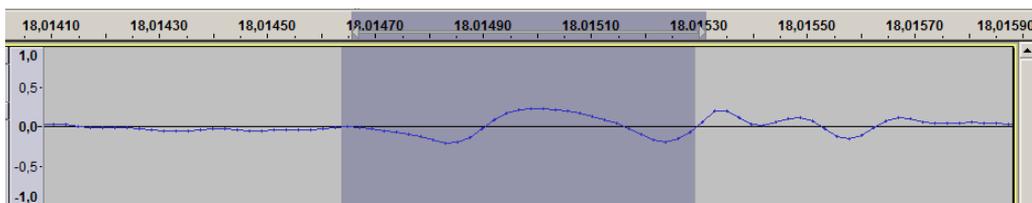
"Spike" visto de perto (ampliação do zoom).



"Spike" selecionado (para posterior manipulação).

Nota: ao selecionar qualquer trecho da mensagem, sempre inicie e finalize a seleção no cruzamento pelo zero da escala de decibéis (dB), para evitar distorções inaceitáveis do sinal. Deve-se alterar um trecho inteiro, começando no “zero” e terminando no “zero” pois somente assim se minimizam distorções que podem soar bem desagradáveis quando da audição da parte manipulada. Deve-se respeitar também a forma de onda (envoltória), mantendo-a. Assim, não mexer um tanto na parte positiva e outro tanto, diferente, na parte negativa,

a menos que haja visível distorção no sinal, tornando-o excessivamente assimétrico. Note como o *spike* se diferencia do sinal próximo, que tem uma amplitude bastante diferente, tipicamente bem menor.



"Spike" atenuado (desamplificado: -10 dB neste caso)

O controle dos *spikes* se faz pela sua atenuação (ou desamplificação). Seleciona-se o *spike* a ser manipulado e, a seguir, procede-se aplicando uma amplificação. Deve-se notar que a amplificação deve ser negativa, com um sinal de “-” antes do valor numérico da amplificação. O valor exato depende do local onde o *spike* está inserido, devendo ser o suficiente para que fique com uma amplitude semelhante ao sinal normal adjacente. No exemplo da figura acima se aplicou uma amplificação de 10 decibéis negativos, ou seja, de -10 dB. Tal valor foi suficiente, neste caso, para “emparelhar”, mais ou menos, a amplitude do *spike* em relação ao sinal adjacente.



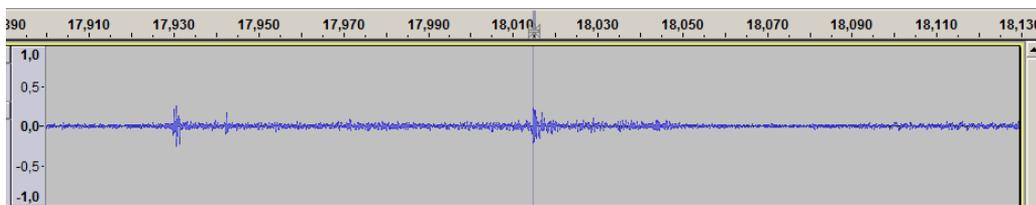
"Spike" atenuado em -10 dB, diminuição do zoom para observar melhor o resultado.

Na figura acima podemos observar o mesmo *spike*, atenuado em -10 dB, só que com um *zoom* menor, ou seja, visto “mais de longe”, o que permite observar uma faixa maior do sinal podendo, dessa forma, ter uma noção mais geral do impacto na região afetada pela manipulação. Observe que o *spike* ainda predomina no local, ficando em nível semelhante ao sinal próximo à sua direita mas bem maior do que o sinal à sua esquerda.



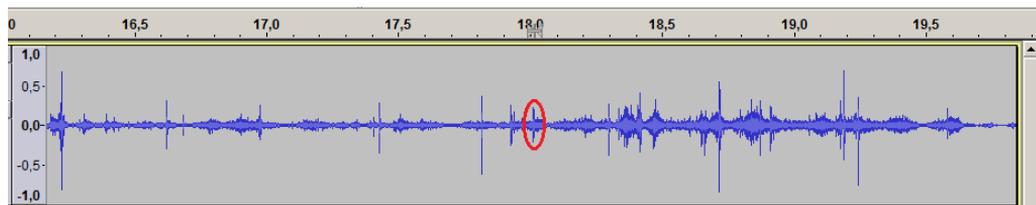
"Spike" atenuado em -10 dB, maior diminuição do zoom para observar ainda melhor o resultado.

Observe, na figura acima, que temos uma visão ainda melhor da região onde o *spike* está inserido, ficando evidente que aquele local predomina em relação às adjacências. Parece pouco mas basta amplificar o sinal para que a discrepância nesta região se apresente como um problema. Para aumentar ou diminuir o *zoom* basta selecionar a ferramenta apropriada, tanto via menu, quanto pelo acesso direto aos "botões" especialmente destinados a essa finalidade.



"Spike" atenuado em -10 dB, diminuindo o zoom ainda mais.

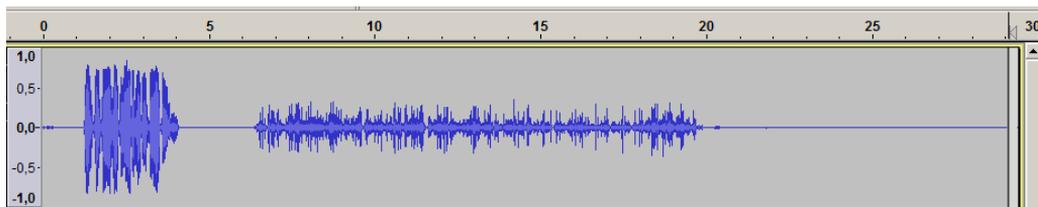
Observe na figura acima o mesmo *spike*, agora visto de tão longe (usando um *zoom* pequeno) que fica difícil distingui-lo do restante do sinal local. Mas o efeito geral é perceptível: há uma preponderância do sinal naquele ponto.



"Spike" atenuado em -10 dB, diminuição extrema do zoom.

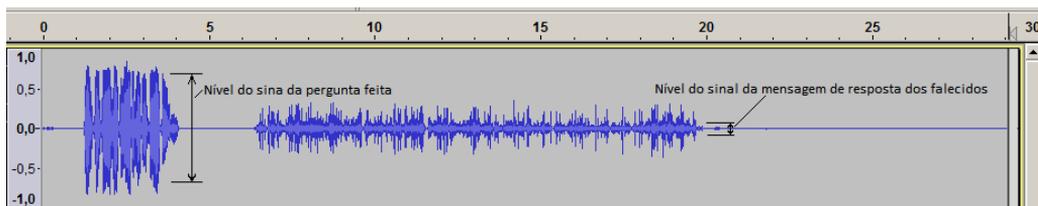
Na figura acima o *zoom* foi reduzido tanto que a região do *spike* já não se distingue ao ser selecionada. Basta ver na régua do tempo que há uma seleção no local. Para deixar bem claro onde estava o *spike* foi traçada uma elipse em

vermelho na região onde o *spike* atenuado está inserto. Observe que há muitos outros *spikes* que precisam de manipulação semelhante.



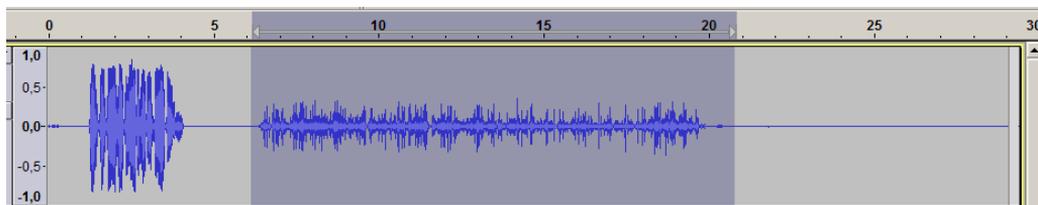
"Spikes" reduzidos. O sinal (da mensagem dos falecidos) ficou mais uniforme.

Na figura acima todos os *spikes* relevantes, ou seja, aqueles que têm uma amplitude claramente excessiva, foram manipulados de modo a ficarem com amplitude semelhante ao sinal adjacente ao do próprio *spike*. Note bem que há inúmeros outros "*spikes*" no sinal, menores que os anteriores, mas que são muito significativos e perturbam a compreensibilidade da mensagem. Note que o sinal da pergunta aos falecidos é bem maior e livre de *spikes*, embora os picos até pareçam contê-los.



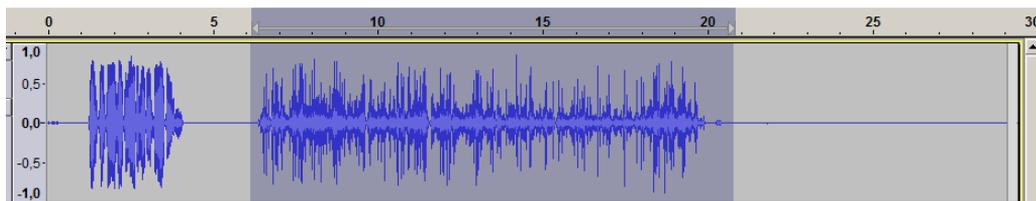
Comparação aproximada do nível dos sinais: da pergunta feita e da resposta recebida dos falecidos.

Como está, tal sinal recebido como mensagem dos falecidos é muito baixo, dificultando a sua compreensão (mensagem), além de conter inúmeros *spikes* menores mas perturbadores. A solução é selecionar tal mensagem e amplificá-la (ou, opcionalmente, normalizá-la) removendo posteriormente os *spikes* mais relevantes. A figura seguinte mostra o sinal já selecionado.



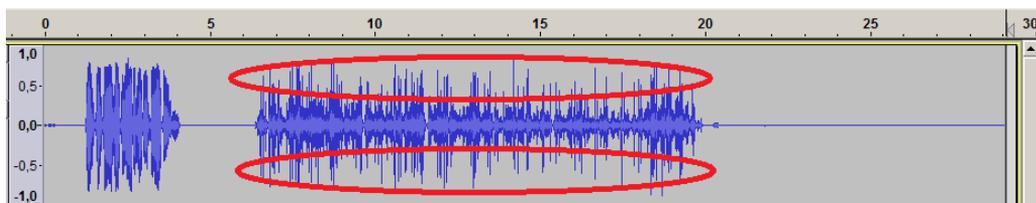
Selecionando todo o sinal da mensagem recebida dos falecidos.

E a normalização, que requer um único passo, nesta figura:



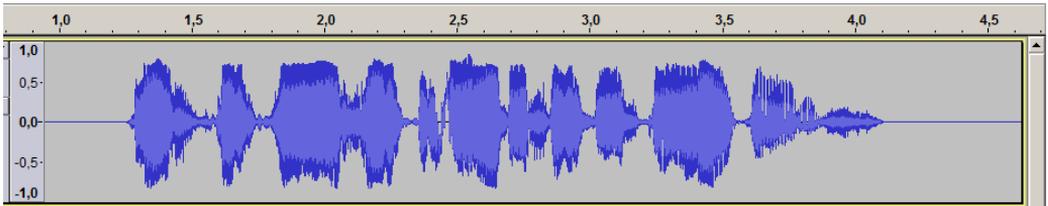
Aqui tal seleção foi amplificada (pelo uso da normalização por ser, neste caso, mais cômodo).

Observe que despontam inúmeros novos *spikes*, o que impede uma amplificação adequada do sinal útil, aquele que transporta a informação (mensagem dos falecidos). Tais *spikes* estão destacados na figura abaixo e precisam ser manipulados, também, pois é preciso aumentar o sinal útil.

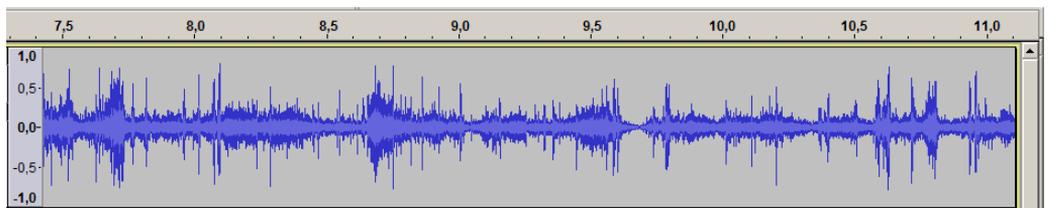


Embora seja possível tentar entender o conteúdo tal como está, sem mais trabalho, é compensador trabalhar mais e melhorar o sinal. Até porque o sinal pode conter mensagens em camadas, umas em cima das outras e qualquer perturbação torna tudo mais difícil. Se você não tiver um ouvido excelente, proceda a uma nova manipulação dos *spikes*, atenuando um por um, até que o sinal fique mais nivelado.

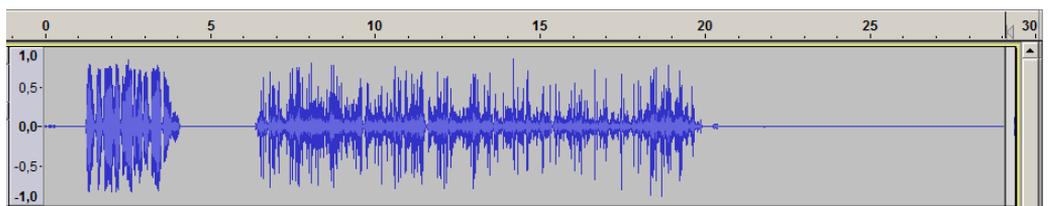
Para perceber a diferença entre o sinal da pergunta feita e a da resposta recebida dos falecidos, basta dar um *zoom* justamente no sinal da pergunta, “aproximando-o mais”, ou seja, aumentando o *zoom*. Na figura seguinte se pode observar o interior do sinal da pergunta feita, onde se nota a modulação (mudança da envoltória), podendo facilmente ser percebida a inexistência de *spikes*.



Note que o sinal muda de amplitude mas não contém anomalias como picos (*spikes*). Trata-se de um sinal alto e sem picos indesejados. Em contrapartida, o sinal da mensagem dos falecidos é baixo e perturbado por inúmeros *spikes*, como mostra a figura abaixo (trecho visto com aumento de *zoom*).



Tais *spikes* dificultam sobremaneira a compreensão da mensagem transmitida pelos falecidos. Para perceber isso experimente, neste ponto, ouvir o seu conteúdo. Comece ouvindo normalmente, isto é, reproduza o arquivo do começo ao fim, da esquerda para a direita, ouvindo a gravação tal qual foi gravada (primeiro a pergunta que você fez, após a resposta recebida dos falecidos).

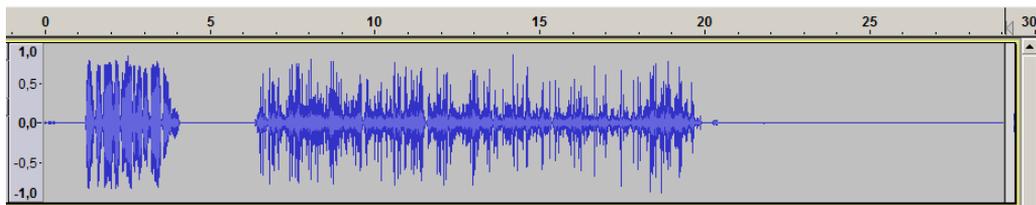


Reprodução normal, da esquerda para a direita

Ouçã normalmente toda a gravação, do início ao final.

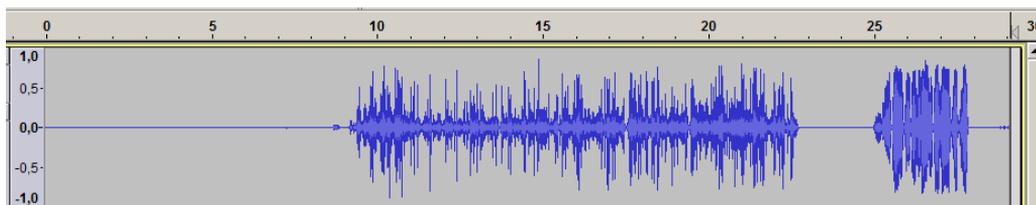
Você deverá entender perfeitamente a própria pergunta que fez, alto e claro. Mas terá certa dificuldade ao tentar entender a mensagem recebida dos falecidos, provavelmente a mensagem estará imersa em uma espécie de “zoeira”, sem falar na falta de qualidade do sinal, que será sofrível.

Agora tente ouvir tal gravação “ao contrário”, isto é, do final para o começo. A figura seguinte exemplifica melhor o que foi dito.

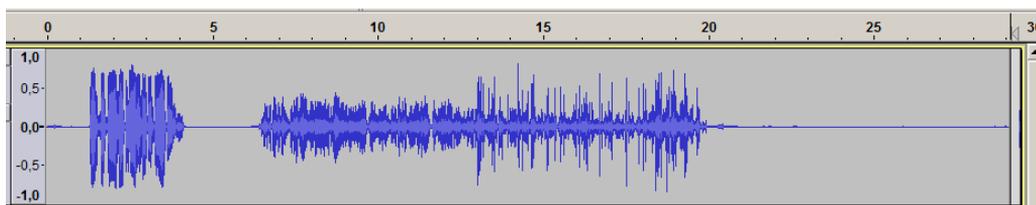


Reprodução ao "contrário", do final para o começo.

Como não é possível, com aparelhos comuns, reproduzir “do final para o começo”, o que se faz é reverter previamente o sinal, ou seja, invertê-lo horizontalmente, de modo a trocar o final pelo começo e vice-versa. A seguinte figura mostra a reversão já feita.



Note que aquilo que era início virou final e o que era final se tornou início. Agora, para “ouvir ao contrário” basta reproduzir normalmente tal sinal revertido que se ouvirá tanto a pergunta quanto a resposta “ao avesso” (ou “ao contrário”). Como os falecidos podem modular o sinal tanto no sentido normal, quanto no reverso, reverter o sinal é essencial para garantir que não perdeu nenhuma parte da mensagem.



Atenuação dos novos spikes em execução. A metade esquerda já está atenuada.

Agora que já tem uma noção do conteúdo da mensagem e da “qualidade” da mensagem (que não é das melhores) pode prosseguir atenuando os novos *spikes*. Na figura anterior, e também na seguinte, cerca da metade dos *spikes* (metade esquerda da mensagem recebida) já foi atenuada ao nível do sinal adjacente, ficando para fazer a outra metade (no caso, a metade direita).



Na próxima figura todos os *spikes* relevantes foram atenuados.

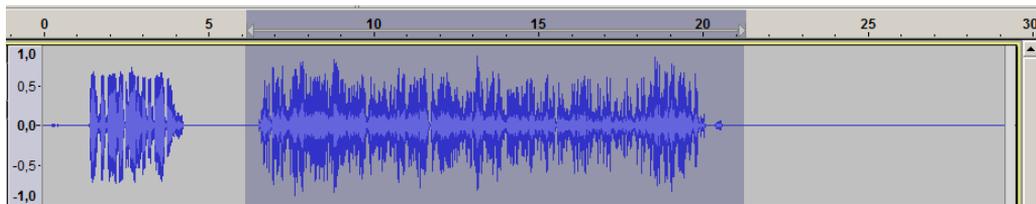


E o processo recomeça tudo de novo, até atingir um nível e uma qualidade aceitável, pelo menos. Na figura abaixo a mensagem de resposta dos falecidos foi novamente selecionada.



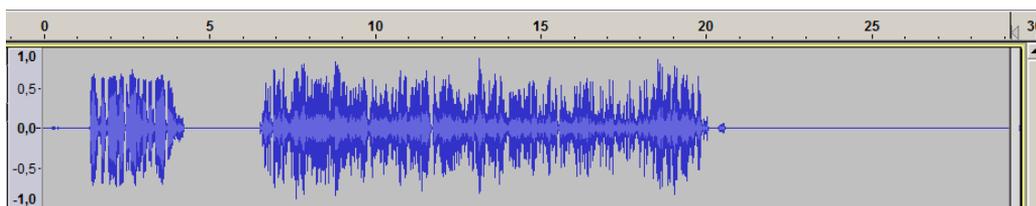
E uma nova amplificação (neste caso, a normalização é mais prática porque

otimiza a amplitude em uma única operação). Se o software utilizado não permitir a normalização, terá que usar do recurso amplificação, o que leva a resultados semelhantes, apenas pode exigir algumas tentativas pelo método de “tentativa e erro”. A figura abaixo mostra o sinal de resposta dos falecidos (a mensagem deles) já normalizada. Note que os picos do sinal estão limitados entre +1 dB e -1 dB.



Aqui a mensagem de resposta dos falecidos foi novamente normalizada.

Como o tratamento do sinal é trabalhoso, o sinal de resposta dos falecidos, neste estágio, já é usável. Pode ser feita uma comparação “grosseira” com o sinal da pergunta feita mas a “pureza” do sinal não depende apenas da equalização dos *spikes*, é bem mais complicado que isso, depende fundamentalmente do ruído de suporte utilizado e também de outros fatores (basicamente, do conteúdo sonoro agregado como, por exemplo, número de camadas simultâneas, diretas e reversas, de sinais perturbantes, como instrumentos musicais e outras fontes sonoras, do ruído e da relação sinal/ruído, do espectro sonoro, da fidelidade, da taxa de amostragem, etc...).

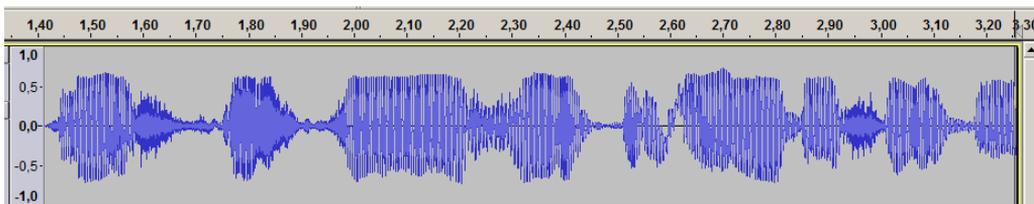


Em termos de amplitude, o sinal de resposta dos falecidos já é usável.

Apesar de já ser usável, a “prova dos nove” será escutar a mensagem. É aí que as deficiências se manifestarão. Alguma parte do sinal poderá parecer excessiva (alta demais), em outras o som ficará perturbado por ruídos, como se interlocutor estivesse “berrando” (o sinal útil, isto é, o conteúdo, acompanha os *spikes* e tende a ficar pronunciado nos picos), Em outros locais ficará fraco, difícil de escutar. Poderá haver mensagem sussurrada, com as dificuldades

inerentes a este tipo de informação bem como sinal que não finaliza adequadamente, se confundindo em um turbilhão de sons, gerando dificuldades de interpretação. De forma geral, a “qualidade” do sinal só poderá ser adequadamente apreciada escutando-o na prática. Alguns ajustes posteriores poderão ser feitos, de forma a otimizar o sinal mas, cuidado, ao salvar qualquer conteúdo a mensagem poderá mudar, inclusive radicalmente. Ou seja, ao salvar a mensagem, esta poderá se transformar em outra mensagem. A recomendação é salvar os ajustes em novos arquivos, sem alterar o atual (sinal original).

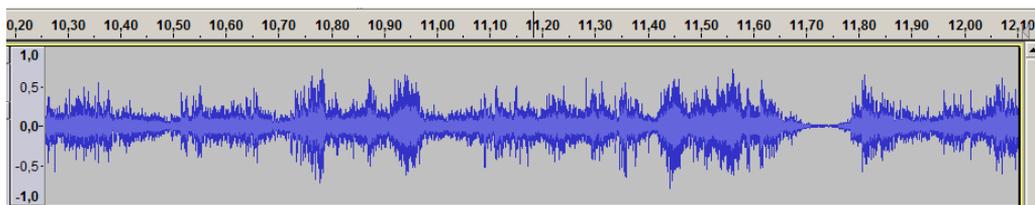
Veja, agora, o interior da onda de sinal de pergunta feita aos falecidos. Note que não há *spikes*, o sinal é uniforme, apenas a envoltória do sinal é modulada, sem picos perturbadores. Qualquer pico neste sinal se deve ao próprio sinal e não a um suporte instável, com altos e baixos.



Vista (com zoom aumentado) do interior do sinal da pergunta feita.

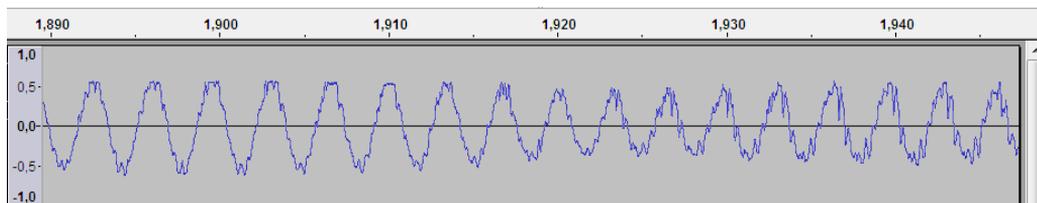
Como não poderia deixar de ser, a vista interior da onda de sinal da mensagem dos falecidos contrasta com a da pergunta feita, pois a modulação “segue” o ruído de suporte utilizado, neste caso o farfalhar de papel que, por si só, contém “estalidos” (sendo os “*spikes*” sua manifestação no sinal elétrico, já que o microfone capta uma cópia fiel da pressão sonora que incide sobre ele).

Para comparação, a figura abaixo mostra com zoom aumentado, o “interior” da onda de sinal da mensagem de resposta dos falecidos.

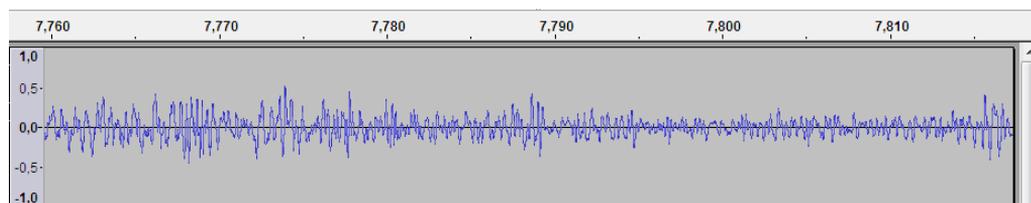


Vista (com zoom aumentado) do "interior" da mensagem dos falecidos.

Obviamente que se pode aumentar muito mais o *zoom* de ambos os sinais, para visualizar detalhes mais específicos. Observe na figura acima como é evidente a irregularidade do sinal de mensagem recebido dos falecidos, quando visto de uma certa distância.



Pergunta feita aos falecidos, sinal visto com grande zoom.



Resposta dos falecidos (modulação do ruído de suporte) com o mesmo zoom.

Note que o sinal de resposta é bem mais complexo, o que pode significar que contém bem mais conteúdo a modular o ruído de suporte, de modo a otimizar a comunicação (transferência de muita informação aproveitando do reduzido tempo de contato que aqui poderíamos definir como “janela de contato”). Por outro lado, os falecidos tendem a se diferenciar nos contatos de modo a evitar qualquer confusão com sinais normais, do nosso mundo, para que não aleguem que a captação seja mera captação das coisas deste mundo (o mundo dos “vivos”).

Com isso você já pode estabelecer suas próprias comunicações com os falecidos. Em geral, quem acode aos seus chamados são os falecidos que guardam alguma relação de parentesco ou amizade. Com o tempo se pode não apenas identificar os manifestantes, como chamá-los diretamente. Há, porém, outros que podem lhe ser totalmente desconhecidos pois pode haver uma equipe técnica dando o suporte, bem como outros diretamente interessados na comunicação, pelos motivos os mais diversos.

Não espere, da noite para o dia, que uma equipe técnica esteja te esperando para

estabelecer a comunicação. Vai depender de teu interesse prévio, de seus esforços neste sentido (o que você está fazendo para se aprofundar previamente e seus preparativos para a comunicação) bem como de seus objetivos (se for para expandir, para confortar o sofrimento de outros diante da perda de seus entes queridos, de formar um grupo, um núcleo de difusão), não esquecendo de sua seriedade (este não é um assunto frívolo, nem de fofocarias).

Como última observação, note que “normalizar” pode deixar o sinal com intensidade excessiva, perturbando a interpretação. Neste caso, após normalizar se pode desamplificar (ou seja, atenuar) um pouco o sinal (colocando um valor negativo para a amplificação).

Antes de se entregar à comunicação com os falecidos, é bom saber mais algumas coisas (continuação do assunto já tratado anteriormente, que foi deixado para o final para não perturbar o caráter prático deste passo a passo).

Saiba previamente (recomendável) → (continuação)

Os arquivos mudam

- Após a gravação inicial, o conteúdo do seu arquivo poderá mudar. Veja que o aspecto geral será sempre o mesmo, com os mesmos altos e baixos gravados desde que você não os altere. No entanto, cada vez que reproduzir o que gravou poderá ouvir coisas que ali não estavam ou não ouvir mais coisas que tem certeza de que as ouviu ali.
- O arquivo poderá mudar radicalmente se você o salvar. Cada vez que salvá-lo poderá obter novo conteúdo, por isso jamais mexa, altere ou salve o arquivo original, exceto uma primeira vez. Depois não altere mais o original, sequer tente ressalvá-lo. Pode copiá-lo e replicá-lo se o desejar, mas sem o abrir.

Conteúdo fixo e mutável

- Se você, teimosamente, ou por simples experiência, escutar diariamente o mesmo arquivo, sem salvá-lo, poderá perceber dois conteúdos que se distinguem pela mutabilidade.
- O conteúdo fixo é aquele que, toda vez que abrir o arquivo para reprodução, o escutará, dia após dia, o que já seria de se esperar e assim o é.
- O conteúdo mutável é aquele que se obtém diariamente, sempre que abre o arquivo para reprodução, mudando de um dia para outro, de uma hora para outra, de um momento para outro: ele muda, às vezes muda tanto (“na hora”) que se pode montar um verdadeiro *show* de transformação, onde um conteúdo se transforma gradualmente em outro.
- O conteúdo fixo não é invariável, ele também muda, nada no arquivo está protegido da ação dos falecidos enquanto você estiver escutando-o. Em geral, tais mudanças aparecem quando se repete muitas vezes algum trecho para escutar melhor. Os falecidos podem atenuar ou eliminar uma informação fixa para que você consiga entender outra que está no mesmo lugar. Ou podem intensificar a informação que está “escondida” atrás de outra para que você a perceba. Ou podem tentar compensar sua incapacidade auditiva (surdez) para que consiga perceber certa mensagem.

Nova gravação ou teimar em uma já feita?

- Não se engane: em uma nova gravação tudo é novo, qualquer semelhança com uma gravação anterior é mera coincidência. É onde se maximiza o intercâmbio com os falecidos: tanto a sua pergunta, quanto a resposta deles, não estão atreladas a outras mensagens a menos que se queira.
- Em uma gravação já feita há uma parte fixa que o obrigará a reinterpretá-la, implicando em perda de tempo sua e da deles também, que terão que te esperar para poder atuar. Funciona mas é menos eficiente em termos de intercâmbio, obrigando-te a inquirir os falecidos mentalmente se quiser respostas para perguntas que não foram materializadas na mensagem.
- Sempre faça uma nova gravação em vez de escutar indefinidamente uma já feita. Explore toda gravação nova, no modo normal e reverso, mude a velocidade para novas mensagens. Tendo esgotado a mensagem, não volte mais a ela, em vez disso faça nova gravação. Não deixe uma parte da mensagem para analisar no dia seguinte pois, devido à mutabilidade das mensagens, você não acabaria a análise nunca! Faça de uma vez, mesmo que demore!
- Se uma mensagem se modificar durante a sua tentativa de interpretação, seja paciente e tente captá-la (entendê-la) no momento em que isso acontece pois somente assim poderá se tornar parte de um “show” de transformação de alguma mensagem em outra e suas etapas intermediárias.
- Se perceber que a mensagem mudou enquanto a estava interpretando, não tem jeito, terá que voltar e começar de novo. Aí tem um problema: se voltar, poderá perder o conteúdo que estava a interpretar, que será substituído pelo novo conteúdo. Se insistir, poderá perder o novo conteúdo que poderá ser substituído por um terceiro. É muito dinâmico, às vezes se recebe bem mais do que se consegue captar ou registrar.

Fato novo

- Ao escutar, repetidamente, uma certa mensagem já gravada ou ao revê-la ocasionalmente, preste muita atenção para fatos novos.
- Constitui fato novo toda ocorrência posterior à data de gravação da mensagem, de tal modo que seria impossível estar presente na gravação

física, já efetuada e inalterada desde então.

- Não constituem fatos novos se tais fatos aparecerem após um salvamento pois no salvamento os arquivos podem mudar. Para constituir fato novo, além dele ser posterior à data de gravação, esta não poderá ter sido nem editada, nem ter sido salva após o salvamento inicial.
- Fatos novos indicam influencição. Algo aconteceu para que coisas não gravadas apareçam na gravação já efetuada e inalterada desde então.
- Fatos novos se perdem pois não estão fisicamente gravados na gravação original. Para não perdê-los faça uma gravação da tela, com vídeo e áudio presentes, utilizando um software específico para isso, como o software *oCam*. Faça no modo repetitivo, isto é, coloque em repetição o trecho onde o fato novo está presente e grave a tela executando esta repetição. Isso evita mal-entendidos pois a informação será repetida várias vezes permitindo confirmá-la por redundância. Na gravação da tela deverá ficar claro o conteúdo que se deseja provar, se possível com tela completa, onde consta o nome do arquivo sendo reproduzido. Seleção de trecho específico, em nova instância, não conterà o nome do arquivo.
- Exemplos de fatos novos são doenças que apareceram ou acidentes que ocorreram, ao autor da gravação, *posteriormente* à data da gravação. Se você salva uma gravação no dia 10 de junho e, posteriormente, no dia 7 de setembro, hipoteticamente, sofrer um acidente, não seria de se esperar que, ao rever o arquivo mais à frente, tal ocorrência estivesse incorporada na mensagem original. Se a mensagem é diferente, algo aconteceu. Se fato novo estiver presente, não pense que a mídia física virou “vidente”. Isso pode ser claro indicativo de que inteligências estão atuando por influencição.

Fatos relevantes

- O que é relevante para um pode ser irrelevante para outro. Relevante é tudo aquilo que tem relevância., que gera interesse, que desperta interesse, que lhe é significativo merecendo ser eternizado.
- Para que algo relevante seja perpetuado faça uma gravação de tela, em modo de repetição, com software apropriado, como o *oCam*, de modo a ter a prova registrada daquilo que lhe for relevante. Se a informação da existência de um “mundo dois” aparecer para ti e se tal informação for considerada suficientemente significativa a ponto de querer que tal fato

fique provado à posteridade, então registre-a de tal forma que não se coloque dúvida sobre a sua existência e seu conteúdo.

- Podem ser relevantes, por exemplo, sons de acompanhamento, como fundo musical, tangimento de instrumentos musicais, sons que se escutam ora em um ouvido, ora em outro em gravação mono, fadings, etc... Ou revelações inusitadas.

Cuidado com interpretações

- É preciso ter muito cuidado com interpretações apressadas para não cair em equívocos. Por exemplo, se aparecer a revelação da existência de um “mundo dois”, se podem conjecturar hipóteses do que isso signifique mas erros de interpretação podem desviar o rumo e dar por “dito” o “não dito”. O certo é se limitar e aguardar mais informação para que as hipóteses se limitem cada vez mais na direção correta.
- “Mundo dois” parece indicar a existência de um “mundo um”. Por outro lado, um “mundo dois” pode indicar “um mundo de extraterrestres”, ou seja, outro orbe existencial físico. Em outras palavras, um outro planeta habitado. Mas um “mundo dois” pode indicar uma outra forma de existência, que pode ser uma continuação da existência atual. Assim, um “mundo um” poderia ser a vivência em um mundo físico, bem materializado, e um “mundo dois” a vivência em um mundo não físico (ou pouco materializado, imponderável à física atual). Em palavras simples, um “mundo um” poderia ser o mundo dos vivos e um “mundo dois” um mundo onde vivem os falecidos. E ambos os mundos poderiam estar interligados, existirem ao mesmo tempo, podendo se comunicarem entre si.
- Se “mundo dois” justifica pensar na existência de “mundo um”, por extrapolação se poderia pensar em “mundo três”, “mundo quatro”, etc... Se o que separa os mundos é uma questão de densidade então uma escala de densidades, isto é, a separação existencial, poderia ser rotulada por “mundos” que se distinguem entre si com base numérica. Se partirmos da hipótese de que o mais sólido, o mais denso, é o “mundo um”, restariam mundos menos densos que poderiam ser rotulados ao infinito. Assim, “mundo um” seria “este mundo” onde vivemos e nos percebemos como tais, em carne e osso e “mundo dois” seria relativo “aos demais mundos”, menos densos, a serem descobertos. Isso, desde já, implicaria em uma estratificação do mundo dos falecidos, segundo a um padrão baseado na densidade, indo do “bastante denso”, quase

materializado, ao “densidade zero”, sem participação material, mostrando a independência e interdependência entre a matéria e o que a comanda. Implicaria que o imaterial comanda o material, sendo impossível o contrário.

Posso experimentar?

- Claro, desde que com o devido respeito aos falecidos e motivado por um crescimento de conhecimento justificável.
- Você pode testar, com objetivos científicos, de modo a detectar como o processo é elaborado, analisar variáveis, colocar em cheque a influência da consciência, do subconsciente, do subconsciente coletivo, testar limites, verificar se o processo é atribuível a inteligências, entre outras possibilidades.
- Você não está proibido a melhorar o processo. Pelo contrário, tente melhorá-lo!

Vozes masculinas e femininas indicam o sexo de quem se manifesta?

- Lamentavelmente, não! Pelo menos por este processo com ruído de suporte baseado em papel farfalhando.
- Registrar uma voz com sendo masculina ou feminina pode ser conveniente para que outros entendam como você percebeu (ou captou) certa mensagem. No entanto, quando você recebe uma mensagem específica que, de forma inequívoca, a atribui a alguém que conhece bem, sabendo a que sexo pertenceu, pode ficar espantado se ela vier com uma voz de outro sexo, que você sabe estar errado.
- Para definir o sexo baseado no áudio da mensagem, seria conveniente que o ruído de suporte retornasse, como uma característica, o som quase natural de quem se manifestou. Ou seja, seria desejável que o tom escutado fosse tão parecido quanto possível com a voz de quem se manifestou.
- De qualquer forma, tal reconhecimento deveria ser feito apenas na velocidade normal visto que velocidades mais lentas tornam mais grave uma voz.

- Uma voz ouvida normalmente em baixa velocidade poderá soar estridente se aumentar a sua velocidade.

Em velocidades muito lentas só se escutam vozes muito graves, quase cavernosas?

- Não. Se a mensagem continuar escutável em velocidades baixas, ela será cada vez mais grave chegando, no extremo, a ficar parecendo “cavernosa”. Mas há outras mensagens que se escutam normalmente ou levemente mais lentas e até mensagens bem agudas que não seriam interpretáveis em velocidades mais altas. Há, porém, mensagens que parecem “meio cavernosas” e são mensagens novas, ou seja, somente daquela forma são perceptíveis.

Uma vez alterada uma mensagem, por causa da velocidade, as mensagens anteriores se perdem?

- Não. Se você reduzir a velocidade, obtendo nova mensagem, ao retornar a velocidade anterior, terá a mensagem anterior. Tudo continua acessível mas não simultaneamente pois a velocidade de reprodução será uma só. Você escolhe dentre as mensagens aquela que quer ouvir simplesmente escolhendo a velocidade mais apropriada.

As mensagens se misturam tornando tudo confuso?

- Sim e não. Há, realmente, uma mistura de mensagens que complica tudo, Mas você não as perceberá misturadas se elas estiverem acessíveis somente em outra velocidade, pelo menos não de forma altamente perceptível. Há, de certa forma, uma mistura e uma “não mistura”. Às vezes, uma mistura é tão complicada que você não consegue entender uma mensagem de fundo que esteja encoberta por outra, em geral forte e marcante.
- O processo é tal que, em velocidades mais reduzidas, a mensagem “normal”, tida como “fixa” pode ficar inescutável: você ouve somente as mensagens acessíveis por aquela velocidade de reprodução.

Só quero respostas curtas, de três ou quatro palavras!

- É altamente inconveniente colocar um limite no número de palavras que receberá como mensagem dos falecidos. É complicar sem necessidade. É limitar o que receberá, ou seja, é querer receber menos do que está disponível. É obrigar os falecidos a se limitarem dentro daquilo que deseja receber, empobrecendo consideravelmente a comunicação.
- Por quê receber menos se pode receber mais? Desde o início rejeitei tal limite de palavras (um limite imposto para que a mensagem recebida fosse sintética, de modo a provar uma capacidade (ou arte) de síntese de quem se manifesta). É querer que uma pessoa comum, “tagarela”, depois de morrer se torne, de um instante para o outro, verdadeira mestre de concisão.
- Há quem somente aceite como verdadeiro, ou seja, que a mensagem provenha dos falecidos, se for relevante a quem a recebe, não seja profunda em termos de significância (banalidade das mensagens) e seja curta, muito curta. Talvez haja um medo intrínseco de haver um choque entre duas realidades que coexistem: a dos falecidos que se expressam segundo suas próprias convicções e a das crenças particulares de quem tem dificuldades em admitir que nem tudo é como acredita. Seria a fixação no velho e medo do “novo”.
- Uma coisa é certa: a realidade é uma só. Só falta nós conseguirmos ver a realidade tal qual ela é. Ao que parece, ela é complexa pois cada um a vê segundo suas percepções ou, dito de outra forma, segundo a “cor que seus olhos veem”. Cada um vê de um jeito diferente.

Sua mente poderá ser “ecoada”

- Os seus pensamentos, por pior que sejam, poderão aparecer nas mensagens, como forma de provar pelo menos duas coisas: 1) que os falecidos leem a sua mente, ou seja, nada poderá ser oculto deles (sua mente é um “livro aberto” para eles.); 2) provar que eles existem pois, afinal, quem mais leria sua mente colocando tal conteúdo no áudio gravado?
- Pensamentos ruins são mostrados para que medite sobre eles e se corrija.

Aparência

- Por incrível que pareça, os falecidos se importam com a aparência. Aquele ditado: quem vê cara não vê coração, ou seja, não vê o lado espiritual mas apenas o lado corporal junto com a alegação de que o homem vê o exterior, mas Deus vê o interior (ou seja, a alma) entram em conflito quando os falecidos se importam, sim, com a aparência.
- Se você usa roupas rasgadas poderá ser solicitado a “se vestir decente”. Pense nisso.
- A explicação inicial seria de que, se tais pessoas antes de falecer se importavam com a aparência, ao falecerem continuam se importando com ela, ou seja, continuam iguais.

Monitoração dos pensamentos

- Se os falecidos tem algum interesse maior em você poderão monitorá-lo continuamente, seja comportamentalmente, seja perscrutando o que pensa a todo momento. Você poderá “sentir” de alguma forma que não está só em seus pensamentos.
- Se você já possui um canal mental de comunicação com além, mesmo que rudimentar, poderá perceber o tempo todo que está sendo monitorado e até mesmo notar um intercâmbio com o além. Poderá responder mentalmente a este canal.

Você no controle!

- Se você receber mensagens inadmissíveis (ataques pessoais, grosserias, enfim, mensagens absurdas de todo tipo) simplesmente pare de contatar o além por algumas semanas ou alguns meses.
- Você não é obrigado a receber mensagens de nenhum tipo. Sem a participação deles não há contato com o além. Sem a sua participação não há, igualmente, contato com os falecidos.
- Cabe a você respeitar aos falecidos. Cabe a eles respeitarem a você também. Se faltarem com o respeito, você terá todo o direito de atuar fechando o canal provisoriamente.
- Depois de algum tempo, tente de novo. Se o problema persistir, pode ser

problema de sintonia sua que atrai manifestantes indesejáveis. Tente se orientar junto de alguém (ou alguma organização) mais experiente. Se não for problema de sintonia, manifeste mentalmente sua indignação tentando excluir de seus contatos o manifestante problemático.

- Você sempre pode desconsiderar as mensagens inadmissíveis que receber.

Registro do conteúdo

Pode parecer atraente salvar trechos específicos, rotulando-os coerentemente, para fácil acesso posterior destinado a fins diversos, como mostrar a outrem, A dinamicidade pode ser tal que tal processo pode se tornar inadequado.

- Tente organizar suas anotações em modo texto (pelo uso de um processador de texto).
- Arquivos de áudio são dinâmicos, outros podem escutar coisas diferentes do que você escutou, salvar trechos de áudio pode não ser uma boa ideia.
- Procure ser detalhista, registre os mínimos detalhes. Você é o narrador de algo que só você recebeu. Se há uma riqueza, mantenha-a registrada.
- Você errará muito, principalmente se tiver dificuldades auditivas. Não tome por certo aquilo que é incerto.
- Cuidado com certos conteúdos. Não tire conclusões apressadas.
- Não tome decisões críticas sem a devida ponderação. Você pode ter entendido tudo errado.

Da recepção de elogios e depreciações

- Não leve em consideração qualquer elogio que receba pois quem elogia pode, depois, depreciar. Até porque você pode ter interpretado errado. Seja cauteloso.
- Leve em consideração qualquer depreciação recebida, mesmo que gratuitamente. Ela pode ser real e mostrar muito bem como é enxergado pelo além. Não tome, porém, nenhuma decisão crítica, que produzirão

consequências. Você pode ter entendido tudo errado.

- Não considere ameaças ou determinações como fatos concretos, por exemplo, se datarem a sua morte, dizendo que “virá” tal dia ou tal época. Viva normalmente, aproveite sua vida e não se deixe levar por conjecturas. Na hora certa você saberá o resultado, não o apresse. Não se prejudique. Lembre-se: você pode ter se enganado, subentendido o que não foi dito, concluído erradamente, enfim, seguiu na direção errada. Deixe o futuro para o futuro. De qualquer forma, algumas decisões podem ser tomadas, como regularizar coisas pendentes enquanto é tempo.
- Cautela e ponderação é a chave. E agir com critério.

Da interpretação apressada

- A maioria dos mal-entendidos é fruto da má interpretação.
- A má interpretação nasce da pressa de interpretar, das características cerebrais (melhor dizendo, das características da “mente”) e da incapacidade auditiva (surdez).
- Tendemos a interpretar auditivamente frações de palavras como sendo certas palavras já conhecidas (com as quais já nos familiarizamos). Essa é uma grande fonte de erros pois interpretamos o *não dito* como algo *dito*, o que é falso.
- Sons que são confusos (pouco claros para nós) levam a ser interpretados de uma forma ou de outra, segundo nossas preferências (ou ponto de vista) podendo levar a erros.
- Da mesma forma que, ao iniciar a digitar algo no navegador de internet, obtemos sugestões para completá-lo, nosso cérebro/mente ao ouvir fração de algo tende a interpretar como se já soubesse do que se trata, enganando-nos.
- Nem tudo é o que parece (nem tudo que reluz é ouro, segundo ditado popular). Se você pegar a palavra *casa* e separar “ca” e “sa” cortando o áudio e tentar montá-lo de modo a obter novas palavras pela simples concatenação de frações de outras palavras, o resultado pode ser totalmente diferente do previsto. Se escutar “ca” separadamente, assim o ouvirá. Mas se tentar juntar “ca” + “ca”, ou seja, “caca” não ouvirá [cáca] mas provavelmente [cara]. Você acaba de ser enganado pelo seu cérebro (sua mente) devido a características mentais peculiares. Isso é

um problema.

Os falecidos não sabem tudo

- Contatar os falecidos não é como se diz popularmente: consultar uma bola de cristal. Uma bola de cristal nada tem a lhe retornar. Os falecidos não sabem tudo e também erram, ou seja, não são infalíveis.
- A infalibilidade dos falecidos é facilmente posta em dúvida quando te dizem algo que você tem toda a certeza que é diferente. Isso pode ser consequência de só você saber algo que era impossível a alguém saber. Após falecer, tal pessoa que ignorava tal informação pode se manifestar com desconhecimento de causa, afirmando coisas que você sabe, mais que ninguém, ser diferente.
- Aqui nos limitamos aos falecidos comuns, aqueles que você poderá facilmente contatar. Não se está incluindo aqui a espiritualidade superior, praticamente inacessível para “meros mortais”, como nós. Há falecidos que viveram recentemente antes de falecer e há os que, de longa data, não vivem entre nós. Não se espera de falecidos sábios que percam o seu tempo com bizarrices, fofoquinhas e toda sorte de conteúdo que não leva a lugar nenhum.

Do julgamento prévio

- É de se esperar que não lhe seja feita nenhum julgamento antes de você “bater as botas”, quer dizer, antes de você falecer. É de se esperar. Mas a realidade não vai por esse caminho. Você pode topar com alguma mensagem que faça julgamento de seu comportamento, não se trata de “ecoar” seus pensamentos: pode acontecer de ser “condenado” por algum falecido que se julga na posição de julgar e de fato o julga.
- Não retribua na mesma moeda, não julgue quem te julga. Não acuse ninguém, nem deste mundo, nem do mundo dos falecidos. Acusar é fácil, não acuse.

Somente receberei boas mensagens dos falecidos?

- Talvez, isso não é impossível. Mas não espere por isso.
- O mundo dos falecidos não é um mar de rosas. Você contactará

falecidos dispostos a ajudar e outros que pensam diferente.

- De qualquer forma, independentemente de quem fizer a ponte entre mundo de lá e o de cá, não espere ser tratado como se fosse um rei (ou uma rainha). É muito provável que apontem os seus defeitos para que reflita sobre eles e faça algo a respeito.

O meu contato com os falecidos evoluirá facilmente?

- Pelo que se tem notícia, não espere por isso. Os falecidos costumam cobrar esforços de quem quer avançar, nada vem de graça.
- Os falecidos fazem a contraparte de um esforço que deve nascer de você. Para avançar, você é que tem que avançar primeiro, ou seja, ser ativo, fazer acontecer.
- Não se está falando, aqui, de avanços morais e sim da técnica. Se você nada fazer, nada acontecerá. Não espere que uma solução mágica caia do céu em seu colo.
- Há uma grande incerteza sobre a cooperação dos falecidos para melhorar algo, tecnicamente. Parece mais fácil a um leigo receber dicas de como melhorar a técnica do que alguém com mais conhecimento as recebê-las.

Dos eventos desconhecidos

- Nem tudo que vier nas mensagens será reconhecido por você. Alguma coisa pode estar fora de seu alcance, não há como saber delas.
- Outras, porém, soam estranhas e pedem mais detalhes.
- Há as que causam confusão. Por exemplo: “tio virá Natal” pode significar que algum parente chegará no Natal ou que um tio morrerá no Natal ou, então, que você morrerá no Natal (se tiver algum(a) sobrinho/sobrinha) falecido(a) capaz de tal informação. Ou então “embarrigou-me” parecendo significar “que me engravidou” mas que pode muito bem significar que “foi filho meu” (“foi filha minha”).
- Eventos desconhecidos pedem cautela e observação. O tempo costuma dar resposta a tudo. Aguarde.

Das informações contraditórias

- Alguma mensagem pode ser interpretada por você com um determinado sentido. Depois, nova informação trará dados que, associados à informação anterior, torna-se controversa: uma aponta em uma direção e a outra em outra.
- Por exemplo: se uma interpretação significar que você morrerá logo e outra, interpretada no sentido de que fará sucesso, sendo requisitado a formar um grupo e levar o processo adiante, o conflito de informações já aponta para a contradição: ou não morrerá logo ou não terá tempo para liderar um grupo e ser um sucesso. Porque seria um paradoxo acontecerem ambas simultaneamente.
- Informações contraditórias apontam para a má interpretação da mensagem ou, e isto é ruim, estão fazendo você de bobo ao plantarem informação do tipo “jogar verde para colher maduro”. Quer dizer, podem querer assustá-lo para ver se muda de hábitos, tal qual o faria um médico ao dar pouquíssima expectativa de vida a um paciente fumante crônico, se continuar a fumar (por exemplo, só mais trinta dias de vida).

Das palavras ou expressões estranhas

- Ao interpretar, muitas vezes se obtém palavras meio desconexas, palavras sem sentido, que você não reconhece como um vocábulo real.
- Por exemplo: “codisco” ou “push báitâs”. Pode ser um efeito de se escutar na velocidade errada um conteúdo acessível apenas em outra velocidade. Se você reduzir a velocidade nestes termos estranhos, geralmente obterá uma palavra ou expressão bem conhecida. É provável que a falta de conteúdo naquela velocidade o leve a escutar o conteúdo de outra velocidade e querer interpretá-lo a todo custo como se algo ali estivesse registrado.
- A recomendação é: ao topar com palavras ou expressões “estranhas” reduza a velocidade pois ali pode estar “embutido” outra coisa, só acessível em outra velocidade. Lembre-se: não há uma obrigação dos falecidos modularem o sinal até no limite do ruído de suporte, eles podem parar antes do ruído findar.

Do conteúdo

O conteúdo pode ser muito complexo. Costuma ser relevante para quem o buscou. O fato do conteúdo conter coisas ruins não significa desvio de direção mas fará todo o sentido para uns (receptores da mensagem) embora pareça apontar na direção errada quando visto por outros (meros observadores). É importante que a mensagem que você receba seja altamente relevante para você,

Da seriedade

Todo o processo de gravação, interpretação e transcrição deve ser conduzido com seriedade. Você é uma antena, atrairá falecidos que se “sintonizarão” contigo. Pensamentos ruins poderão atrair falecidos de má reputação, que poderão te fazer de bobo, ou mesmo atuarem de modo ainda pior. A máxima “semelhante atrai semelhante” é verdadeira em se tratando de contatar os falecidos. Eleve os pensamentos, pense em ajudar e a aprender, pense no bem geral de todos, tanto os de “carne e osso” quanto os falecidos. Tente ser útil. Esteja disposto a aprender e jamais leve o processo levemente.

Se você permitir a degradação do contato, os falecidos de bom caráter se afastarão e o espaço deixado será preenchido por falecidos nada recomendáveis, que poderão perturbá-lo. Não tente manipular o processo, não tente chantagear, não use as mensagens para fins nada recomendáveis. Se possível, evite ganhar dinheiro com tais mensagens: o que vem de graça deveria ser divulgado de graça. Obviamente que, se a obra for impressa, há um custo para isso e é justo buscar a devida compensação, principalmente em volumes mais elevados. Mas não torne isso um negócio. Se a obtenção de lucro foi inevitável, dedique uma parte do lucro tão generosa quanto possível para ajudar aos necessitados.

Tipicamente, as mensagens obtidas por transcomunicação instrumental são destinadas a você, transcomunicador. No entanto, caso ganhe relevância, tais mensagens pode ganhar certa generalidade, de modo a servir a outrem também. É preciso muito cuidado para não extrapolar um conteúdo dirigido a você aplicando-o a outrem. Se o “chapéu” lhe servir, não pense que servirá para os demais. Talvez o “chapéu” que outros necessitem seja diferente do seu.

Para onde isso tá levando?

- Nunca perca de vista o rumo que o contato com o além está tomando.
- Sempre se pergunte: para onde isso tá levando?
- Alerta vermelho deve ser ativado se o conteúdo apontar para o lado negativo. Nunca faça coisas condenáveis por mais que lhe peçam.
- Bizarrices, “fofoquinhas”, “tagarelices” que não levam a nada são um sinal de alerta.
- Há evolução? O conteúdo é sublime? Há aprendizados reais?
- Há experimentos e experiências que possam significar o prelúdio de algo mais evoluído?
- Algo aponta para alguma forma mais evoluída de contato? Alguma migração de tecnologia?
- Não confunda transformações com avanços pois *shows* todo mundo pode fazer. A questão é: onde parará (aonde levará)? Dito de outra forma, qual o destino de tudo isso?



SEGUNDA PARTE

O CONTEÚDO DE UMA ÚNICA MENSAGEM AO REPRODUZI-LA QUASE DIARIAMENTE

MENSAGEM DO ALÉM: O CONTEÚDO

O CONTEÚDO DE UM CONTATO

REAL COM OS FALECIDOS

Os detalhes de um contato com os falecidos que tomou um rumo inesperado.
(Somente para maiores de idade)

ERECHIM – 2021

UM CASO REAL DE CONTATO

(EXPLICAÇÃO DETALHADA)

PERGUNTA FEITA AO ALÉM		
Data	NORMAL	REVERSO
Data	(hora de início) Mensagem (hora de término)	(hora de início) Mensagem (hora de término)

RESPOSTA RECEBIDA		
Data	NORMAL (fluxo normal)	REVERSO (fluxo reverso)
Data	(hora de início) Mensagem (hora de término)	(hora de início) Mensagem (hora de término)

Explicação inicial...

Os detalhes de como entrar em contato com os falecidos, esclarecidos passo a passo são explicados à parte (veja *COMO ENTRAR EM CONTATO COM O ALÉM*). Lá é explicado a metodologia usada para contatar os falecidos baseada em um exemplo real e didático. Aqui você encontrará o **conteúdo** de tal contato, ou seja, o que se conseguiu extrair daquele contato explicado passo a passo.

Tal contato com os falecidos foi elaborado para servir de exemplo aos parlamentares sobre como contatar os falecidos, de forma simples e prática. Acontece que tal contato seguiu por um rumo inesperado, logo foi preciso dedicar um esforço para entender o que estava acontecendo.

Pergunta feita aos falecidos naquele exemplo de contato:

Este é um exemplo de anotação para os parlamentares

Trata-se de uma pergunta muito pouco criativa, a começar pelo termo “anotação”. Era preciso fazer uma pergunta, não se pensou em detalhes e ela surgiu de improviso. O objetivo era simplesmente mostrar aos parlamentares

como contatar os falecidos, dirigindo-lhes uma pergunta, obtendo-se uma resposta em consequência, bastando fornecer um ruído de suporte (o farfalhar de um papel) que seria por eles (pelos falecidos) modulado.

Como todos os contatos feitos anteriormente já estavam previamente filtrados, não servindo para um exemplo passo a passo de como executar o processo, optou-se por elaborar um rapidíssimo contato meramente ilustrativo, onde todos os estágios ficariam registrados para permitir a explicação passo a passo.

Antes de enviar aos parlamentares tal arquivo exemplo, a curiosidade quis que fosse verificado o seu conteúdo, para ter uma noção do que continha. Esperava-se alguma mensagem rápida aos parlamentares. Bem, esperava-se. O que se encontrou estava muito distante disso. A rigor, os falecidos nem se preocuparam com os parlamentares, direcionando a mensagem exclusivamente para o autor deste texto.

Devido a um problema em contato anterior, o autor deu uma pausa no processo de contatar (deu um tempo, ou seja, interrompeu provisoriamente os contatos). Por isso se tornou comum a reclamação para retomar os contatos, entre outros detalhes, alguns a serem elucidados mais à frente, ao explicar a mensagem recebida.

Obviamente que jamais se esperava por uma complexidade. Ela foi uma consequência da persistência em entender o que estava acontecendo pois, de toda literatura analisada a respeito, nunca se viu nada igual. Nem mesmo se aproximam de tal realidade. O máximo que se encontrou na literatura era de que os arquivos, depois de alguns dias, poderiam conter mais uma mensagem, algo que não estava presente no momento da análise inicial. Era como se tal mensagem surgisse do nada, bastando esperar uns dias para se materializar.

Esse trabalho mostra que a coisa é bem mais interessante do que isso, que há uma dinamicidade e que tal surgimento de novas mensagens seria o normal, não a exceção. Basta um esforço da parte do receptor da mensagem, em busca dos detalhes, para que as coisas aconteçam.

É preciso lembrar que o autor aprendeu com o processo, pelo método da tentativa e erro, ou seja, elaborou um contato rapidíssimo, tentando se limitar a entender o mínimo, pois não era o objetivo receber nenhuma mensagem do além para si e sim servir de exemplo de como materializar o processo. A chave residia em ensinar como fazer e não buscar um contato para aprender com ele, em um processo de autoaprendizagem.

Por isso, de improviso em improviso, as coisas foram acontecendo, exigindo cuidados dada vez maiores, como parar de editar o arquivo-fonte para não influenciá-lo, adicionar datas, que evoluíram para data e hora, incluir outras características como a necessidade de se distinguir o primeiro plano do segundo, gênero das vozes, mudança de velocidade, transformações de termos e outros detalhes, em uma complexidade crescente que foi tomando um tempo cada vez maior.

A complexidade resultante é similar ao famoso *iceberg* flutuando à deriva no oceano; o que se vê, a princípio, é apenas a sua ponta, a maior parte se encontra submersa. Somente submergindo é que se pode avaliar a dimensão do *iceberg*. Ela somente foi descoberta por uma casualidade. Ao tentar entender o conteúdo, porque este pareceu ter mudado, para ter certeza era preciso reanalísá-lo. Mas, como já era muito tarde, e havia dúvidas sobre a captação, foi deixado para o dia seguinte para rever e resolver os detalhes, algo que não parecia dar muito mais trabalho.

Eis que no dia seguinte a mensagem já não era mais a mesma: tinha mudado. Sabedor que a mensagem poderia se alterar, não parecia um problema maior. Tudo indicava ter acontecido justamente o que parecia ser uma exceção. Mas como não se conseguiu finalizar a captação da mensagem, sendo tarde, o processo foi adiado novamente para o dia seguinte. Obviamente, para não afetar o arquivo original (tenho esse cuidado de longa data) todas as edições foram salvas em um outro arquivo, e esse foi o problema: ao salvar, o arquivo mudava permanentemente.

O salvamento era obrigatório pois, ao editar alguns *spikes* incômodos, para não ter que aturá-los novamente, o arquivo melhorado tinha que ser salvo. Mas tão logo se percebeu que o arquivo estava mudando, e mudando radicalmente, optou-se por acompanhar diariamente, por um lado, e não fazer mais qualquer edição no arquivo-fonte, que permaneceu inalterado desde então. Não houve mais salvamentos. As mudanças não pararam mas aconteciam de forma diferenciada, ou seja, estando o arquivo aberto, o conteúdo era dinâmico. Mas havia um conteúdo que se repetia, dia após dia, de forma razoavelmente fixa.

Ficando patente que não cabia tanto conteúdo em apenas cerca de treze segundos de resposta, começou-se a cogitar formas de entender como era possível que novas informações surgissem “do nada”. Uma das primeiras tentativas de entender foi imaginar que a gravação era semelhante à metodologia empregada nas mídias dos CD, com um entrelaçamento tal que o fluxo de alguma forma seria semelhante ao sinal *eye-pattern*, tal como se observa na tela de um osciloscópio.

Havia ali uma dificuldade pois o sinal *eye-pattern*, tão característico, é repetitivo (em termos de forma de onda). Uma curva é distinta das próximas por um ângulo, que se repete depois de alguns ciclos mas são rapidíssimos, ou seja, ocorrem em alta velocidade. O autor imaginou uma modulação similar, muito lenta, que iria 'se desenrolando' como uma rosca sem fim de um torno mecânico explicando, assim, a mudança da informação e a existência de camadas.

E por ali tentou entender também o fluxo reverso, como sendo o lado oposto do sinal: enquanto de um lado o sinal girava no sentido horário, do lado contrário o faria no sentido inverso. A imaginação apontava para uma espécie de modulação rotativa, com sinais que ora estavam na máxima amplitude (o "primeiro plano") mas que iam sendo deslocados para ceder lugar a outro sinal, sinal este que se tornaria o novo primeiro plano. No momento de transição, antes de assumir o "primeiro plano", ambos os sinais competiriam para aparecer, surgindo, assim, primeiro e segundo planos: o mais forte seria o primeiro plano e o mais fraco o segundo.

Era só esperar para confirmar: na medida que girasse, o primeiro plano se transformaria no segundo, com conteúdo já conhecido, vindo conteúdo novo no primeiro plano. Mas nunca foi possível colocar no segundo plano o que foi detectado no primeiro plano. A "coisa" não correspondia ao imaginado. Para complicar, a mensagem mudava durante a reprodução, como se o "giro" acontecesse bem debaixo do nariz do autor. Mas tudo isso caiu por terra diante das transformações: um sinal ia se transformando em outro, aos poucos, dando um *show* de efeitos.

Nessa altura o autor já tinha desistido de se basear no sinal *eye-pattern* e nas gravações fixas com modulações exóticas, como a "rotativa" (por entrelaçamento de camadas). Já era patente que o sinal mudava, não por um padrão fixo, variável no tempo, como a torção de camadas. Não se tratava de gravação única, com camadas que se revelavam sob critérios não conhecidos, mas de informação dinâmica, que era "escrita" na hora, pelos falecidos. O ponto nodal eram as transformações, por um lado, e a quantidade exagerada de informações, impossível de serem frutos de uma gravação única.

Tão logo ficou evidente que havia uma influencição contínua no sinal preexistente, teimou-se na captação quase diária em busca de algo novo, algo que acontecesse após a gravação original da mensagem, pois seria impossível algo que aconteceria no futuro aparecer na gravação feita no passado. Parece que os falecidos não perceberam a importância de tal detalhe, tanto que

demorou para acontecer, de forma inequívoca, de modo a garantir: esse detalhe é novo, surgiu muito depois da gravação, portanto não deveria ser captado na reprodução de um arquivo antigo, a menos que fosse ali intencionalmente introduzido.

A captação precisa ser inequívoca, ou seja, não deixar margens para dúvidas. Não pode depender de pontos de vista do receptor, não pode ficar imersa em confusão. Esse fato novo foi a declaração de que o autor estava doente. Isso, na hora, causou estranheza, pois o autor nada sentia diferente do que vinha sentindo até então. Eis que, em curtíssimo prazo, se revela um forte resfriado (ou uma gripe, não se sabe), que perdura ainda até esta data (01/12/21) sem qualquer previsão de cura. A declaração foi certa, nem mesmo o autor dela suspeitava, e aconteceu muito depois da gravação da mensagem dos falecidos e suas primeiras edições.

Tal fato não poderia estar registrado na mensagem. Se estivesse, seria apresentada como “vai ficar” ou “ficará” doente. Mas o que se captou foi “está” doente. Ou seja, no momento da captação a doença já tinha se instalado mas, de tão recente, nem o autor dela suspeitava. Outro fato novo apareceu mas, devido a interpretabilidade da mensagem, por outro ponto de vista, não serve como prova inequívoca. Trata-se de uma panela que, enquanto o autor estava de cama, foi colocado por alguém conhecido, sem que o autor percebesse, no fogão da residência onde mora, causando estranheza quando o autor, ao levantar, percebeu. Era uma panela muito grande (um “panelão”), chamava a atenção de longe e que não pertencia aos moradores.

E assim, com o surgimento de fato novo na gravação, o que seria impossível de acontecer no caso concreto se não houvesse influenciação dos falecidos, abriu-se a porta para um mundo novo: o da interação com o mundo dos falecidos por processos ainda pouco conhecidos, o que pede um maior aprofundamento para entender *o quê* e *o como* isso se materializa.

Se não há uma gravação, não há um salvamento, é dinâmico, parece vir em camadas separadas por velocidade, ocorre em plena reprodução, com sinal aberto apenas na memória do PC usando, porém, do subsistema de multimídia do computador, fica claro que, de alguma forma, tal acontece e impacta o operador, que se sensibiliza com os eventos. Mas não é algo psicológico pois pode ser gravado. E editado. Se mexer no sinal, terá a respectiva repercussão. Terá um retorno dependendo do que selecionar, se filtrar, tal filtro atuará. Tudo parece real.

E, do conteúdo, coisas que gostará ou que te desagradará. Coisas boas e ruins

serão ecoadas. Coisas que vagueiam em seu pensamento poderão ser ecoadas como se fossem perscrutadas por outrem. Coisas estranhas, que causam estranhamento, poderão surgir. Coisas banais, idem. Em síntese, há uma complexidade.

Nomes surgem. Poderá não fazer a menor ideia a quem eles pertencem. Há referências indiretas que denunciam seu portador, como a dizerem: sou eu que comunico. Os mal-entendidos são comuns: como se erra! A quantidade de erros de interpretação assombra. Ao retornar, depois de percorrer um certo trecho, se percebe o quanto se entendia errado, o quão longe estava a interpretação da que deveria ser feita. Mesmo assim, depois de ficar “escaldado” pelo longo percorrer, ainda assim não está livre de erros de interpretação.

Aprende-se, de forma crescente, a não concluir aquilo que não foi claramente ouvido, evitando interpretar apressadamente os termos dúbios. O problema é que as informações vem como avalanche: você se sente soterrado por elas. Quando claras, são fáceis de captar. Quando confusas, levam à confusão e, não raro, ao erro de interpretação.

Para se ter uma ideia mais ou menos precisa do que acontece nada melhor que ver o processo completo, descrito em detalhes, como vivenciado. No entanto, para entender profundamente, nada melhor que entrar em imersão no processo: fazer tudo por conta própria, desde a gravação até a interpretação do conteúdo. Trata-se de um trabalho penoso que resultará em um certo grau de experiência: depois disso você nunca mais será o mesmo, nunca mais verá a realidade como a enxergava. Você contatará os falecidos, coisa que poucos fazem, pelo menos pela utilização de instrumentação técnica.

Algumas notas

Nota 1: “correio”, aqui, é entendido, quase sempre, como a *mensagem recebida do além*, como se fosse um correio eletrônico. Quando aparecer a palavra ‘correio’ subentende-se comunicação vinda do além (dos falecidos) por instrumentação técnica.

Nota 2: Por incrível que pareça, reduzindo a velocidade, muitas vezes se obtém outro comunicado, em geral bem diferente. Reduzindo ainda mais se pode obter ainda mais uma outra mensagem, mesmo no reverso. Muitos sons somente são distinguíveis ao se reduzir a velocidade.

Nota 3: É preciso tomar muito cuidado com interpretações do conteúdo, que está sujeito ao erro de percepção auditiva e sensorial, dependendo do ponto de vista de cada um. Não se sabe se há, realmente, um som holográfico, onde ambos os pontos de vista estão registrados, sendo perceptíveis quando se adota tais pontos, de forma excludentes, ou seja, ou se percebe um ou outro, mas não ambos ao mesmo tempo, ou se é má interpretação (ou seja, interpretação equivocada) de algo. É possível que um grau de surdez esteja envolvido na incapacidade para distinguir uma possibilidade dentre duas que se apresentam.

Nota 4: É impressionante como boa parte do conteúdo é relevante, isto é, “serve como um chapéu” a quem recebeu a mensagem.

Nota 5: Há casos estranhos, no mínimo, onde o receptor não se identifica com o conteúdo, pelo menos naquele momento da captação e/ou interpretação.

Nota 6: Surgem dados íntimos, que costumam ficar restritos à mente, podendo não serem agradáveis e até bem desagradáveis.

Nota 7: Como é possível que em apenas cerca de 13 segundos contenha tanto conteúdo, tão diversificado, que surge e desaparece sem mais nem menos?

Nota 8: Os “comunicantes” podem ser entidades boas ou más, podendo ambas se manifestarem no mesmo áudio. Ou talvez as más tentem perturbar induzindo pensamentos impróprios, que surgem na mente sem mais nem menos.

Nota 9: Onde não indicado, entende-se como “primeiro plano”, isto é, a mensagem predominante. No início mensagens sussurradas foram classificadas como “segundo plano” o que pode ter sido um erro de classificação.

Nota 10: primeiro e segundo planos podem estar interconectados, completando uma mensagem. Mas podem conter mensagens diferentes.

Nota 11: Perspectivas 1, 2 e 3 (ou mais) podem indicar dificuldades de distinguir certos sons, levando a identificar construções diferentes entre si, podendo se distanciar do real. São tentativas de se entender o que se ouve que, em geral, está imerso em muito ruído. Pode ser um som débil atrás de um som muito forte (que está em primeiro plano). Não se descarta a possibilidade de som holográfico.

Nota 12: Uma imagem holográfica é permanente, podendo ser percebida por qualquer pessoa que se posicione angularmente de acordo com o padrão holográfico. De forma análoga, um som holográfico deveria ser permanente, perceptível por qualquer pessoa que adote o respectivo ponto de vista sonoro. No entanto, como os sons na gravação mudam dinamicamente, fora do controle do operador, não se pode exigir que um som holográfico seja permanente de modo a que qualquer um o perceba em qualquer momento, para que possa ser classificado como holográfico. É possível que existam sons holográficos voláteis, ou seja, que a holografia sonora seja transitória, sujeita a ser alterada ou destruída por manipulação. Estaríamos diante de um sistema criador de eventos sonoros holográficos mutáveis (ou dinâmicos),

Nota 13: É possível que haja uma influência mental do operador, de modo que os falecidos ecoem a perspectiva que o operador adote em certo momento. Se a perspectiva mudar, seria ecoado o novo posicionamento. Para isso a dinamicidade da manipulação teria que ser muito alta. Seria uma alternativa à explicação de sons holográficos pois, em vez de estar presente um som holográfico, o que se perceberia seria o ecoar de perspectiva adotada pelo operador.

Nota 14: Em certo momento, foi possível ouvir ambas as perspectivas simultaneamente, embora não de forma perfeita. Houve uma certa dificuldade para percebê-la.

Nota 15: Todas as perspectivas perceptíveis em certo ponto da mensagem eram relativas a um único tom de voz, ou seja, não se encontrou perspectivas distintas com distintos tons de voz. Se houvesse diferentes tons de voz, talvez se pudesse afirmar ser um som holográfico. Sendo tom único, tais perspectivas podem representar incapacidade auditiva do operador.

Nota 16: Onde não indicado, entende-se como velocidade normal.

Nota 17: As mensagens (e suas transcrições) são sequenciais, uma após a outra, sendo assim registradas na transcrição.

Nota 18: O sinal → indica mutabilidade sonora (ou transformação de uma palavra em outra). A palavra “mudou” e suas variantes podem indicar a mesma coisa: “que mudou para (...)”.

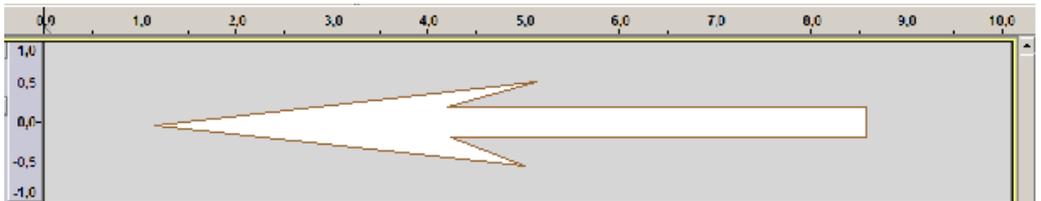
Começando a perceber a complexidade

A figura seguinte tenta mostrar uma representação do que significa “primeiro plano” (fluxo normal). Fluxo normal é reprodução normal, do começo ao fim. Primeiro plano é o som que se sobrepõe aos outros, que predomina, ou seja, o mais forte.



Fluxo normal - destaque para o primeiro plano.

Igualmente, fluxo reverso é a reprodução do fim para o início. Primeiro plano reverso (ou simplesmente *primeiro plano*) é o som que predomina no sentido do fim para o começo.



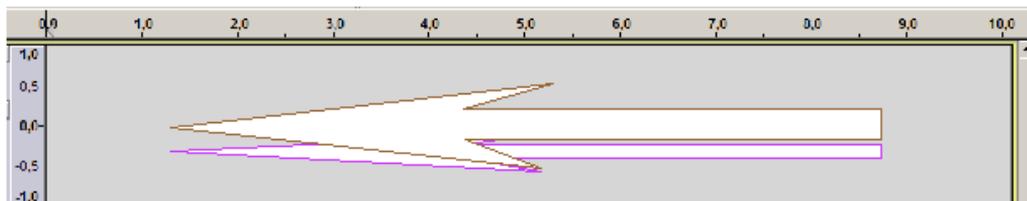
Fluxo reverso - destaque para o primeiro plano.

Na figura seguinte foi introduzida, também em forma de seta direcional, uma noção do que significa “segundo plano” (o som de fundo, que é mais fraco que o principal, chamado de “primeiro plano”). Note que o segundo plano é representado “mais fino” para dar a noção de ser menos preponderante. Ademais, na figura abaixo, foi representado meio deslocado para ficar visível. A rigor ficaria atrás (ou escondido). Em termos de som nem o primeiro plano nem o segundo são contínuos pois possuem pausas que separam as expressões componentes ou a entonação (se no meio da palavra).



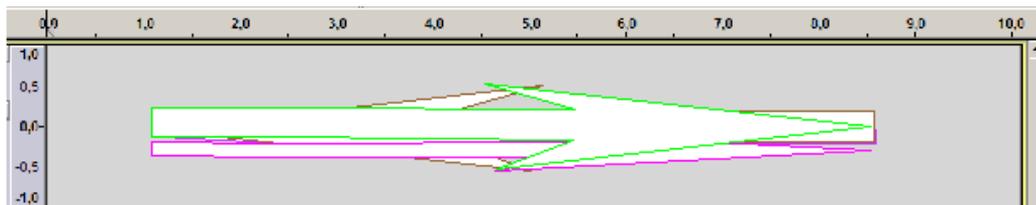
Fluxo normal - identificando o segundo plano (em magenta).

O mesmo se dá para o fluxo reverso e “primeiro” e “segundo plano reverso”. Primeiro plano constitui o som preponderante, aquele que domina, o mais forte. Já o segundo plano atua como um segundo canal, mais fraco, mais débil. Ambos podem se complementar, com expressões distintas ou na mesma expressão (quando um plano diz algo e o outro continua de modo a formar a expressão completa). O diferencial, neste caso, é que só são percebidos ao se reproduzir do fim para o começo. A figura seguinte dá uma ideia, novamente deslocados para facilitar a compreensão.



Fluxo reverso - segundo plano (representado com tonalidade mais escura que o magenta).

Obviamente que, na prática, tudo fica superposto, misturado, uma “salada” intrincada de sons, de onde se consegue captar (interpretar) os mais relevantes, aqueles sons que se consegue entender (ou compreender). O primeiro plano costuma ser relativamente fácil, o segundo pode ser fácil ou bem complicado, dependendo das dificuldades. Do fluxo reverso não se consegue entender nada quando se reproduz normalmente e vice-versa. A figura abaixo mostra graficamente, na forma de setas direcionais, sobrepostos, o fluxo normal e o reverso, com seus planos (primeiro e segundo). Note que os “segundo planos” estão levemente deslocados para que sejam perceptíveis graficamente. Mas já dá para ter uma noção inicial da complexidade do sinal.



Na prática, ao se reduzir a velocidade, novos “primeiro plano” e “segundo plano” se revelam, podendo haver até três ou quatro camadas separadas por velocidade. Não se sabe, ainda, o limite do número de camadas, parece depender mais dos falecidos do que de qualquer outra coisa.

Primeiro plano normal
Segundo plano normal
Primeiro plano reverso
Segundo plano reverso

As setas, como meio de representar as informações captáveis, já dão uma noção do que se pode esperar encontrar como conteúdo. Mas tal representação pode ser feita com palavras designativas dos planos envolvidos (em geral, primeiro e segundo) e sua direcionalidade (normal ou reversa). A figura acima mostra, com palavras, como ficariam primeiro e segundo planos com base na direcionalidade, estando todos separados para que sejam perfeitamente distinguíveis. Mesmo no reverso, você não terá dificuldades para “ler” aquilo que deveria ser escutado, tal a facilidade desta apresentação. Na prática, não apenas há uma mistura como distinguir os sons não é tarefa fácil, sendo o reverso indistinguível quando da reprodução normal e vice-versa. Você só escuta o reveso se reproduz no reverso, idem para a reprodução normal.

Misturando tudo a “coisa” fica mais complicada. A figura abaixo mostra, com palavras, as mesmas expressões vistas na figura acima, só que todas juntas. Para facilidade, todas as sentenças continuam distintas por coloração, sendo possível, visualmente, perceber cada uma com um pouco de esforço. Observe a “confusão” visual. Imagine se fosse feita de sons. No caso real, é com sons que se lida nas mensagens.

Primeiro plano normal
Segundo plano reverso
Primeiro plano reverso
Segundo plano normal

E na figura abaixo, esta mesma representação vista na figura acima, só que sem as cores que identificam os planos e fluxos. A “salada” está feita. Desembaralhar os sons é problema seu.



Se sempre o primeiro plano é masculino com tom grave e o segundo feminino, com som agudo, torna-se mais fácil distinguir. Há porém, “n” variáveis a interferir, como por exemplo, acompanhamentos de fundo musical ou ritmados, que não são mensagens faladas. Embelezam mas complicam a compreensibilidade. As partes sussurradas são um desafio a mais. Se vierem isoladas, facilitam.

Isso dá uma ideia da complexidade envolvida na captação e interpretação do conteúdo da mensagem recebida dos falecidos. Pode ser mais complexo? Sim, bem mais complexo. É sempre assim? Não. Em certos trechos você ouve apenas o primeiro plano, o que facilita. Em outros, ouve apenas o segundo plano, facilitando também. Mesmo na mistura, se o segundo plano contiver outro tom, já ajuda a distinguir. Se o primeiro plano é masculino com tom grave e o segundo feminino, com som agudo, torna-se mais fácil distinguir. Há porém, “n” variáveis a interferir, como por exemplo, acompanhamentos de fundo musical ou ritmados, que não são mensagens faladas. Embelezam mas complicam a compreensibilidade. As partes sussurradas são um desafio a mais. Se vierem isoladas, facilitam.

Mas entra aí sua capacidade auditiva, bem como seu grau de instrução. Por exemplo, se você nunca ouviu falar de reencarnação e ouvir a palavra “reencarnante” pode ter dificuldades em interpretá-la. E precisará distinguir entre “reincarnante” e “reencarnante”. Qualquer grau de surdez prejudica. A audibilidade, em geral, é sofrível e dependerá de recursos técnicos para melhorá-la, além de manipulação da envoltória para melhor equalização. A compreensibilidade depende tanto da pureza da mensagem (que, tipicamente, é baixa), de sua resposta auditiva (audiograma auditivo) que pode ser apurada por um fonoaudiólogo (audiometria), do uso de filtros e da existência de interferências perturbantes.

O fluxo reverso não é captável quando se reproduz normalmente e vice-versa. Entra como zoeira sonora, fazendo parte de um turbilhão de sons mais amplo, que prejudica a compreensibilidade sempre que não fazer parte da mensagem a ser captada e interpretada em certo momento.

E a dependência do linguajar do comunicante é outro fator a complicar. Não espere uma linguagem culta, gramaticalmente exemplar, segundo o vernáculo oficial. Agradeça se for tudo em português, seu idioma. É menos provável que

ouça em outro idioma, a menos que o domine ou que esteja diante de um comunicante mais especial. Em geral, as frases aparecem de forma muito coloquial, como “prá”, “falá”, etc... No início tentei “corrigir” tais desvios para o coloquial colocando no lugar de “prá” a palavra “para” e no lugar de “falá” a palavra “falar” à guisa de exemplo. Mas, rapidamente, desisti pois isso parecia distorcer a mensagem original e passei a adotar a transcrição coloquial, tal como a percebia. Uma dificuldade surgiu em “bocaberta” que o corretor automático não reconhecia e sugeria “boca-aberta”, obviamente no conteúdo de outra mensagem. Mas isso mostra como o linguajar comum, coloquial, pode conflitar com corretores ortográficos, por um lado, e como surgem as mensagens reais, por outro. Os comunicantes falam como falavam antes de falecer. A morte não modifica sua forma de falar.

Embora se afirme, na literatura, que os falecidos se comunicam mentalmente, tais mensagens obtidas tecnicamente são fruto da fala, como a conhecemos, por intermédio de um aparelho fonador. Os falecidos parecem continuar com a capacidade de falar pela boca (aparelho fonador), como nós neste mundo dos “vivos”. Isso se depreende de uma mensagem onde um falecido, que parecia controlar o comunicante, disse em voz mais baixa: “vai falando!”, pedindo para o comunicante não interromper sua fala enquanto o farfalhar do papel se mantivesse, motivado, talvez, pelo fato do comunicante ter se perdido e ficado indeciso se deveria parar ou não, pois não sabia quando o farfalhador do papel daria um ponto final ao ruído de suporte (ou talvez por não saber o que dizer). Parece que os comunicantes falam de improviso e, para terem conteúdo atualizado, nos monitoram (em especial à quem busca se comunicar).

Há, porém, outros comunicantes a integrar a comunicação, que podem vir como “convidados” e dar a sua contribuição, como no caso de um falecido que tangiu a corda de um instrumento (pelo que pareceu), sendo alguém desconhecido por mim. Por outro lado, nomes até surgem, mas são nomes sem sobrenomes, ou seja, incompletos, o que dificulta a identificação concreta dos falecidos. Obviamente que este é um trabalho inicial, recém se está dando os primeiros passos, muita água precisa “rolar” ainda, a começar com a melhora do ruído de suporte que literalmente inferniza a vida de quem quer obter mensagens dos falecidos. Como a solução não cai do céu, algo precisa ser feito.

A comunicação, que será transcrita mais abaixo (afinal esta obra deve trazer “o conteúdo” da mensagem recebida, quando da tentativa de criar um exemplo para servir de referência aos parlamentares) deveria registrar cronologicamente o fluxo normal, de uma certa data e seu respectivo fluxo reverso, por uma questão de coerência, devida a sua complementariedade temporal (ou seja, serem da mesma época). Acontece, porém, que apresentar sequencialmente

apenas um dos fluxos (normal ou reverso), em ordem cronológica, permite comparar as mensagens embutidas em certo trecho, para determinado fluxo (normal ou reverso) de modo a perceber o que varia e o que é invariável, ou seja, perceber que há conteúdo fixo (ou quase) e conteúdo mutável. É desta comparação que se pode deduzir como a mensagem foi elaborada (de uma única vez ou por influência continuada) algo que é muito importante para delimitar a forma e/ou os meios afetados do subsistema computacional, o que é relevante em termos físico eletrônicos.

É muito pouco provável que haja manipulação do subsistema de memória do PC pois há, aí, um alto risco de corrupção e implicaria em extrema complexidade. Seria similar a tentar embarcar em um carro de Fórmula 1 andando a 300 Km/h (ou ainda mais), não seria impossível mas de altíssima improbabilidade. Por mais que você conheça com profundidade os subsistemas de memória dos PC(s), ter que “brigar” com um subsistema trabalhando em altíssima velocidade, em baixíssimo nível, em um turbilhão indistinto de bits sincronizados, sem derrubar o sistema todo, seria algo simplesmente hercúleo. E uma péssima opção, visto existirem 'n' subsistemas de memória operando atualmente. Tudo aponta para influência em outro local, mas isso não será tratado nesta obra, até porque depende de maiores aprofundamentos (e por cair em uma área técnica, incompatível com os objetivos desta obra destinada a leigos no assunto).

As mensagens captadas a partir de um único arquivo de áudio, que foi ouvido quase diariamente, poderão ser comentadas para que se entenda melhor o próprio conteúdo global e momentâneo. Tendo em vista que o autor deste trabalho errou muito, entendendo tudo errado em boa parte da captação inicial, motivado pelo desconhecimento (falta de prática), pelas conclusões apressadas, pela surdez que prejudica em muito a compreensibilidade, pela mutabilidade da mensagem, pela composição do sinal que complica tudo, etc... Tais comentários se destinam a evitar conclusões apressadas de eventual leitor que não esteja determinado a analisar o trabalho todo, antes de fazer qualquer juízo, criando mais problemas do que ajudando a melhorá-lo. É preciso salientar que esta é apenas **uma** das mensagens gravadas, outras contém outros conteúdos, e uma infinidade de mensagens nunca foram gravadas não por falta de cooperação dos falecidos mas por falhas do lado dos “vivos”, ou seja, falha nossa.

Aumentar o número dos que contatam os falecidos permite aumentar o número de mensagens obtidas. Mas também o número de transcrições e análises dos que se dedicarem a fazer algo. Se estes se organizarem, um trabalho conjunto maior pode ser obtido. Mas também serve como meio de contato, puro e

simples, com o lado de lá, a diminuir a dor dos que perderam seus entes queridos e gostariam de ter, pelo menos, uma certeza de que eles estão bem. Estes não precisam se perder em tecnicismos, bastando se concentrarem em seus objetivos (provavelmente, comunicação).

Antes de se aventurar em contatar os falecidos, é realmente útil e interessante conhecer o conteúdo registrado a seguir, como forma de saber com o que está lidando, aprender com os erros dos outros, ter uma noção de como proceder, os cuidados na hora da interpretação, não tirar conclusões apressadas, não tomar decisões precipitadas das quais poderá se arrepender amargamente.

O conteúdo abaixo é fruto da repetição continuada de trechos selecionados, ou seja, são escutados certos trechos inúmeras vezes até se certificar que o conteúdo foi entendido. Há, porém, um perigo na utilização deste método: existe a possibilidade de o final do trecho ser “emendado”, pela repetição, com o trecho inicial ficando “trecho final” → “trecho inicial” e, de tal emenda, surgir termos ou expressões que nunca foram ditas. É preciso tomar cuidado para não se perder na repetição, sabendo onde começa e onde termina o trecho selecionado, de forma a não produzir informação falsa, inexistente, pela justaposição/aglutinação indevida em termos temporais: o que é início é início e o que é final é final, não podem ser misturados na interpretação. Isso acontece porque, durante a transcrição, é costumeiro deixar o trecho repetindo com o programa processador de áudio na forma minimizada (ou oculta), enquanto se dedica a transcrever o que se captou no processador de textos, que encobre o processador de áudio. Sempre que possível, durante a interpretação, procure observar a tela do processador de áudio para se certificar da posição do cursor de reprodução de modo a não confundir final com início. Na reprodução continuada, se não houver pausa no sinal, tudo vira um contínuo e aí aparece o perigo de “fundir” fim com começo e sua consequência: captar o que não existe. Isso é dito porque o autor foi vítima desse descuido e o resultado foi erro de captação/interpretação que afastou o que os falecidos disseram em relação ao que o autor pensou que tinham dito. Este tipo de fusão afeta tanto o primeiro plano quanto o segundo, simultaneamente, levando a conclusões anômalas.

Evite concluir qualquer coisa com respeito a esse trabalho. Faça as suas próprias gravações e tire conclusões apropriadas de seu próprio trabalho. A experiência não vem da noite para o dia, ninguém se torna experiente com apenas uma gravação. Iniciar é necessário, continuar é recomendável, evoluir é desejável. Mas somente pode afirmar que entende de comunicação com os falecidos aquele que, com esforço próprio, estabelece comunicação real.

MENSAGEM RECEBIDA DOS FALECIDOS

Data da gravação: 13/10/21

Data em que foi finalizado suficientemente o tratamento dos “*spikes*”:
16/10/2021

Fluxo normal

Data: 16 ou 17/10/2021

Em um dia, entendido assim - (Velocidade normal): Você tem certeza, Vivaldino, que tem que policiar? Por quê fazer barulho? Ninguém pode lhe dissuadir. Você bem sabe disso. Largue ver “codisco”. Não há ocorrências.

Comentário: a imprecisão da data advém do fato de que não se esperava uma mensagem gigante, que tomaria muitos dias de captação e interpretação. Datar foi um recurso somente adotado mais à frente e tal data retroativa ficou imprecisa. Acontece que o autor costuma avançar madrugada adentro e não se lembra se começou no final do dia 16 e terminou no dia 17 (madrugada) ou se começou na madrugada do dia 17. É preciso deixar claro que o autor é um ativista pró-vida e pró-família e, coincidentemente, esta seria a última etapa antes de iniciar um ativismo sem precedentes, que implicaria muito barulho, fruto de muitas atividades que os falecidos classificaram como “policiair”. Com relação ao fato de que ninguém consegue dissuadir, o autor tem recebido ataques de todos os lados, inclusive espiritual mas, como eles observam, “sem ser dissuadido”. Com relação a “não há ocorrências”, isso causou estranheza e o autor deste texto não se calou, de onde, mais à frente a informação de que “foi você quem disse isso”, ou seja, ecoaram algo transitório da mente do autor, na hora errada, no lugar errado, ficando mal-entendido. Quanto a “*codisco*” não se tem a menor ideia do que isso significa. Ao salvar o arquivo, devido a um ajuste mais apurado de “*spike*”, tal informação foi substituída por outra. Apesar de não saber seu significado e ter tentado por repetidas vezes certificar-se do que se tratava, por falta de conhecimento, que só se adquiriu com o tempo, não se tentou outra velocidade. Com certeza a chave deveria estar na redução da velocidade, que costuma trazer à tona aquilo que, na velocidade normal, soa estranho. Tudo indica uma incapacidade de

interpretar o som no meio de um turbilhão de ruídos, principalmente quando a experiência é pequena.

Com relação a “fazer barulho”, em outras obras se percebe que “fazer barulho” é divulgar “aos quatro cantos” coisas que tem ocorrências limitadas a certos lugares, ou seja, a divulgação pode não resultar na expansão dos eventos (extrapolação). Em resumo, outros podem não conseguir os mesmos resultados que o divulgador, logo a divulgação acaba sendo “fazer barulho” (já que os falecidos não são obrigados a atender a todos que tentam a mesma coisa).

Data: 17 ou 18/10/2021

No dia seguinte, assim - (Velocidade normal): Simplesmente inaugurar o correio. Vejo o percorreio. Medite. Fé. Por favor. Vai culpadíssimo. Vai em cima, compete a ti. Vai procurando o melhor do ser. Respira fundo direito que vai ter. Você é bom.

Comentário: “Vejo o percorreio. Medite. Fé. Por favor.” potencialmente entendido errado, não há como revisar algo que não existe mais, devendo, portanto, ser ignorado este trecho. “Vai culpadíssimo. Vai em cima, compete a ti” tem implicações amorosas. “Respira fundo direito que vai ter. Você é bom.” → trecho entendido errado,

Data: 19/10/2021, madrugada (aqui começou a datação das mensagens)

No próximo dia, assim - (Velocidade normal): Simplesmente inaugurar o correio. Vá de correio em correio. Guarde este correio. Tu vais e tomas Covid. Vem a corona bis/tri. Banque os componentes misturando entre si. Vai ter. Você é bom.

Comentário: “Tu vais e tomas Covid. Vem a corona bis/tri.” → gravíssimo erro de interpretação, não se tratando de covid, mas de tomar leite! O assunto ficou muito longe do coronavírus e a pressa levou a assumir uma interpretação de algo que era “martelado” constantemente na mente do autor, a tal pandemia de Covid 19. Tudo indica que *componentes* se refere a componentes eletrônicos, pois realmente o autor misturou tais componentes antes de fazer uma montagem de um acionador de campanha. “Vai ter. Você é bom.” → erro de interpretação, a mensagem real diz outra coisa, como será visto adiante.

Data: 20/10/21 (aqui é introduzido também a hora e a noção de perspectiva)

(01:06:26) - *No dia seguinte, assim* - (Velocidade normal):

(*Perspectiva 1*) Vai pra frente. Deita de lado. Coisa denunciá. Não sei por que, por que se for prazer ou fogo no rabo de alguém.

(*Perspectiva 2*) Volte hoje pro correio, volte de novo a favor. Explode. Tu vai em cima, por quê descer.? Por quê triste? Por quê atritos, cozimentos? Você é bom. (01:54:42)

Ao retornar à perspectiva 1 (que estava incompleta) o conteúdo já tinha mudado: (01:58:47) Simplesmente inaugurar o correio. Pra deixar correio pro senhor que for. O fogo não tinha que fazer. Foi pra cima, o que dizer? Muito triste. Por que existe cozimento? Você é bom. (02:13:56)

Comentário: “Vai pra frente” → a casa onde o autor mora é afastada e “ir para a frente” corresponde a ir até o portão/passeio. Deitar de lado ajuda a aliviar o estômago e evitar o agravamento de uma úlcera duodenal. “Coisa denunciá” se refere a atividade de ativista do autor. “Não sei por que, por que se for prazer ou fogo no rabo de alguém.” → tem implicações amorosas. Não se sabe a continuação porque o autor se concentrou na perspectiva 2. “Volte hoje pro correio, volte de novo a favor. Explode. Tu vai em cima, por quê descer.? Por quê triste? Por quê atritos, cozimentos? Você é bom.” → tudo indica que houve erro de interpretação mas, como o conteúdo já é outro, não há como voltar para conferir. Note-se que a mensagem mudou durante a tentativa de interpretação, ou seja, quando o arquivo estava aberto para reprodução. “Pra deixar correio pro senhor que for.” → não é “pro senhor” e sim “por pior”. Ou seja, ecoar a mente do autor nas mensagens. “O fogo não tinha que fazer. Foi pra cima, o que dizer? Muito triste.” → pode ser referir tanto a ataque espiritual que recebi quanto ao acendimento de churrasqueira pelo vizinho. “Por que existe cozimento? Você é bom.” → trecho entendido errado.

Data: 20/10/21

(01:06:26) - *No dia seguinte, assim:* (Velocidade normal):

Simplesmente inaugurar o correio.

(*Perspectiva 1*): vou (*interpretação errada*)

(*Perspectiva 2*): pra

deixar correio pro senhor e só (“pro senhor e só” → o certo é “por pior que for”)

(*Perspectiva 1*): pra fazer-te um sucesso. Vais tomas. (“vais tomas” → o certo é “mais tomas”)

(*Perspectiva 2*): pra fazer um processo de frutas (*interpretação errada*)
(*Segundo plano*): Vai é onde?
Por quê insistir?
(*Primeiro plano*): é muito diz que
(**nota**: ouviu-se em seguida a palavra *ferrado* mas depois não se ouviu mais.)
(*Segundo plano*): Respira
(*Perspectiva 1*) (*segundo plano*): só não beijá.
(*provavelmente interpretado errado*)
(*Perspectiva 2*) (*segundo plano*): sono vem já.
(*Segundo plano – nova perspectiva*): respira a esponja. Vai te acontecer.
(“*respira a esponja. Vai te acontecer*” → *provavelmente, interpretado errado.*)
(*Primeiro plano*); Diz que não pode com ciumento (*erro de interpretação*).
(*Primeiro plano – nova perspectiva*): Respira fundo demais com ciumento. → (*erro de interpretação.*)
(*Segundo plano*): Vez que não pode cochilar com ciumento. (*erro de interpretação*)
Nesse minuto não é pra fugir (*essa expressão desapareceu*).
(*Primeiro plano – velocidade normal*): Você é bom.
(*erro de interpretação*)
(*Segundo plano – velocidade lenta*): Esse já comeu. (*Não se sabe o que isto significa*)
(*Segundo plano – velocidade ainda mais lenta*): Esse saco dele. (*Faltou indicar a hora final mas era cerca de 3h da madrugada*)

Comentário: “Esse saco dele.” → refere-se a um relacionamento de caráter sexual com uma pessoa do sexo feminino que não será revelada para não criar problemas para ela. No entanto, tem falecido que se sentiu incomodado e ecoou a sua indignação.

Data: 22/10/21

(01:44:05) - (Velocidade normal): Simplesmente inaugurar o correio.
(*Perspectiva 1*): vou (*erro de interpretação*)
(*Perspectiva 2*): pra
deixar correio e não volte só. (“*e não volte só*” → o certo é “*por pior que for*”)
A favor de atitudes tu vais e tomas Covid que vou assistir. (“*tu vais e tomas Covid que vou assistir*” → grave erro de interpretação. O certo é “*mais tomas*” “*vou assistir*”, o primeiro relativo a tomar muito leite e o

segundo com relação a “assistir” a uma rixa do autor com o vizinho que fez uma fumaceira com sua churrasqueira.)

Pra que existe o ciumento. Isso é bom. (“Pra que existe o ciumento” → erro de interpretação)

(Velocidade lenta) Simplesmente inaugurar o correio pra deixar correio por pior que for. Faz favor de responder. Tu passou nas provas de quê? Errou, insiste. O espírito de tua mãe vai abençoar. Conhecimento. Isso é bom. (não é *com ciumento* e sim *conhecimento*. Não é *você é bom* e sim *isso é bom*. Foi esquecido de registrar a hora de término mas era aproximadamente 2h45min da madrugada. Com relação a responder, a reclamação se deve ao fato de o autor apenas reproduzir um arquivo pré-gravado, em vez de fazer novas gravações. Registra-se o interpretado sem questionar ou “responder” o conteúdo. As provas são relativas a módulos idiomáticos. Soa estranho que alguém alegue que “o espírito de tua mãe” fará algo. O natural seria dizer que a “tua mãe” fará isso ou aquilo, pois se imagina que os falecidos se tratem como pessoas que nem nós e não como “espírito” de uma pessoa.)

Data: 23/10/21

(00:43:49) - (Velocidade normal): Simplesmente inaugurar o correio. Me volta esse correio. E só. A favor de atitudes. Vai e tomas, convide-se. É muito diz que. Refiro ao ser. Conhecimento. Isso é bom. (“Me volta esse correio. E só. A favor de atitudes.” provavelmente deveria ser “pra deixar correio por pior que for”. Já “vai e tomas” deveria ser “mais tomas”. A expressão “refiro ao ser” deve ter sido erro de interpretação.)

(Velocidade lenta – na velocidade normal entendeu-se a mesma coisa) Simplesmente inaugurar o correio pra deixar correio pro senhor que for. A favor de defender-se. Vai e tomas, convide-se. De fundo bistris. Me refiro a ter conhecimento, **conhecimento!** Isso é bom. (01:26:32) (“pro senhor que for” deve ser entendida como “por pior que for”. “A favor de atitudes” na velocidade normal passou para “a favor de defender-se” na velocidade lenta. “Vai e tomas” deveria ser “mais tomas”. “É muito diz que” na velocidade normal passou a ser “de fundo bistris” na velocidade lenta. “**Conhecimento!**”, em negrito, significa que foi pronunciada com ênfase, com destaque.)

Data: 24/10/21 (aqui se começa a indicar a velocidade em percentual)

(00:26:13) - (Velocidade normal): Simplesmente inaugurar o correio.

Este correio devolve só (devido a repetição, deve-se ter sido entendido, anteriormente, fora de ordem cronológica/temporal (neste instante piscou uma estrelinha neste local, no vídeo), deformando a frase) pra fazer-te que puder. Tu mais Thomas (Tomas) convidem-se (e não tu vais e tomas Covid, sim). Eu vou assistir. Respire fundo (em segundo plano, simultaneamente, há uma voz aparentemente feminina que diz algo que, inicialmente, se entendeu como “o Beto” mas que depois se entendeu como “o método”. Nota: é a primeira vez que se percebe uma voz que destoa das demais pelo timbre, aparentando ser feminina, já que todas elas se parecem iguais em um turbilhão de sons de baixa compreensão). Conhecimento. Isso é bom. (“Este correio devolve só pra fazer-te que puder.” deveria ser, provavelmente, “pra deixar correio por pior que for”. Já a expressão “ Tu mais Thomas (Tomas) convidem-se” deveria ser “mais tomas” “convide-se”.)

(Velocidade lenta: 70%) Abra a porta. Simplesmente divulgar o correio. Feliz pra correio. Perigo. Que sejam. O fósforo diz o que fazer. Tu mais Thomas tem que insistir. Levou mais triste. Respire fundo que vem mais, mais conhecimento. Isso é bom. (“Tu mais Thomas tem que insistir” com certeza foi interpretado errado devendo ser, provavelmente “mais tomas” e “vou assistir”. Quanto ao início, antes desta expressão, há dúvidas a respeito pois em velocidade mais baixa é normal a mensagem mudar.)

(Velocidade lenta: 70% novamente, porque algo mudou): Agora é fato (?). Tu compreende melhor o correio. Que bom (inaudível se não ouvir de forma destacada do resto da mensagem). Feliz pra correio. Perigo. Que sejam. O fogo diz o que fazer. Tu mais Thomas tem que insistir. (“Tu mais Thomas tem que insistir” deve ser entendida como “mais tomas” e “vou assistir”) Levou mais triste. O Valdo que erra. Vamos ver.. (Essas três últimas frases estão sobrepostas de tal maneira que a seguinte representação dá uma ideia melhor do que se escuta no momento, em termos de simultaneidade:

LEVOU MAIS TRISTE ^{Vamos ver}
O Valdo que erra

LEVOU MAIS TRISTE ~~Vamos ver~~

LEVOU MAIS TRISTE ~~Vamos ver~~

Ou, se preferir:

Levou mais triste
^{vamos ver}
O Valdo que erra

(Continuando)

Respire forte que vem mais conhecimento. Isso é bom. (02:17:20)

(Nota: Valdo é o apelido do autor usado por familiares e alguns vizinhos próximos.)

Data: 25/10/21 (aqui se introduz a noção de primeiro e segundo plano)

(00:15:40) - (Velocidade normal): Simplesmente inaugurar o correio..
Pra deixar correio por pior que for. Pra fazer-te um sucesso. Vai e tomas,
convide-se. Ele é bom, (“vai e tomas” deve ser entendido como “mais
tomas”. “ele é bom” deve ser entendido com “isso é bom”)

(Primeiro plano): Diz que.

(Segundo plano): pena que erra. (“pena que erra” é uma constatação de
que o autor erra muito, interpretando como dito aquilo que não foi dito.)

Respire forte. Conhecimento. Isso é bom.

(Velocidade 70%): Ela foi corretiva ao inaugurar o correio junto. Veio pra correr porque que foi trazer. O fogo tinha que fazer. Foi pras chamas, o que dizer? Levou mais triste. Respire forte. Conhecimento. Isso é bom. (“Ela foi corretiva ao inaugurar o correio junto” é uma explicação da constatação, pelo autor, no dia anterior, de que havia outro tom de voz (no caso, feminina). Foi tal voz que disse “O Valdo que erra”, isso acabou sendo captado pelo microfone dos falecidos e incorporado na mensagem, sendo percebida pelo autor que deu o devido destaque acima. “Veio pra correr porque que foi trazer” é uma expressão que, se não foi interpretada errada, resulta em uma incógnita: não se sabe o que ela significa. “O fogo tinha que fazer. Foi pras chamas, o que dizer? Levou mais triste.” se refere ao fato do vizinho ter acendido a churrasqueira, levando uma fumaceira e calor ao autor, que estava consertando o telhado e tinha que passar alguns centímetros distante da chaminé.)

(Velocidade normal, novamente): Simplesmente inaugurar o correio. Pra deixar correio por pior que for. A fazer de atitudes. Foi pras chamas, o que dizer? Eu vou assis... (depois de “assis” ocorreu uma pausa.)

(Primeiro plano): tir.

(Segundo plano): é guerra!

Respire forte. Conhecimento. Isso é bom. (02:11:30)

A figura abaixo mostra como fica, em termos de duração primeiro e segundo plano para “Eu vou assistir” e “é guerra!”

Eu vou assís tir
é guerra!

Eu vou assís tir
é guerra!

Note que há uma pausa entre “assis...” e “tir”, sendo “tir” mais alongado. Justamente neste período do “tir” ocorre a frase, em segundo plano, dizendo “é guerra!”. O autor e seu vizinho se encrencaram por causa da churrasqueira dele. O autor estava reparando o telhado e o ambiente fechou de fumaça, além do calor do fogo por onde ele passava.

Dai o “eu vou assistir” e previsão de uma guerra entre ambos. Acontece que o evento ocorreu de manhã e a mensagem foi registrada tarde da noite, ou seja, não registra a mudança de rumo: não houve guerra porque o autor se calou e aguentou. Por outro lado o problema também melhorou.

Data: 26/10/21

(00:06:21) - (Velocidade normal): Sinto muito inaugurar o correio pra deixar correio por pior que for.

(*Primeiro plano*): Pra fazer disso um sucesso

(*Segundo plano*): Vai dar bom!

Tu mais tomas

(*Primeiro plano*): Convide-se.

(*Segundo plano*)

(*Perspectiva 1*): Toma leite.

(*Perspectiva 2*): Tu é maroto.

(**Provavelmente erro de interpretação**).

(*Primeiro plano*): Eu vou assistir

(*Segundo plano*): Levou onde quis, é guerra!

(*Primeiro plano*): Respire fundo.

(*Segundo plano*): Com método.

(*Segundo plano, sussurrado*): Pro teu

Conhecimento.

(*Perspectiva 1*): Esse é bom!

(**Erro de interpretação, o certo é “isso é bom!”**)

(*Perspectiva 2*): É Saigon! (**provavelmente erro de interpretação**)

(Velocidade 65%)

(*Segundo plano*): Abra a porta

(*Primeiro plano*): Simplesmente inaugurar o correio.

(*Segundo plano*): Pega fogo!

(*Primeiro plano*): Pra deixar correio por pior que for.

(*Segundo plano, muito difícil de entender porque primeiro plano é muito mais forte*): Vai botar forro novo. (**nota: isso é verdadeiro e está sendo muito trabalhoso, ou seja, está demorando**).

(*Primeiro plano*): Pra fazer disso um sucesso.

(*Segundo plano*): Diz o “seu Luciar”.

(*Primeiro plano*): Vai e tomas. Convide-se.

(*Segundo plano*): Não varre onde.

(*Segundo plano*): Nunca existiu (**provavelmente erro de interpretação**)

(*Terceiro plano*): Barranco no Valério. (**foi o que se ouviu e tal barranco**)

existe mesmo, só que está no terreno onde moro fazendo divisa com o terreno do “Valério”.)

(*Primeiro plano*): Levou mais triste.

(*Segundo plano*): O Valdo que erra!

(*Primeiro plano*): Respire fundo que mais

(*Segundo plano, som mais grave*): Cochilou

(*Segundo plano, som mais agudo*): Cochilar

(*Primeiro plano*): Você vai ter.

(*Primeiro plano*): Isso é tempo bom. (02:30:19)

Nota: neste caso houve “dois *segundos planos*” simultâneos, ou seja, dois falecidos falando ao mesmo tempo, ambos no segundo plano, dizendo quase a mesma coisa. Um diz “cochilou” e o outro “cochilar”. O que os diferencia é o tom. Estavam em dueto, ficando até engraçado pois finaliza com dois finais diferentes, mas semelhantes. A figura seguinte dá uma noção visual disso:

Cochilou
Cochilar
Cochilou

Data: 29/10/21

(00:44:20) - (Velocidade normal): (*som inicial difícil de definir*) Pense em inaugurar o correio para deixar correio por pior que for. Pra fazer disso um sucesso.

(*Primeiro plano*): Mais tomas.

(*Segundo plano*): (*Difícil de se entender, muito barulhento na velocidade normal.*)

(*Primeiro plano*): Convide-se.

(*Segundo plano*): (*Difícil de se entender, muito barulhento na velocidade normal.*)

(*Primeiro plano*): Eu voo assistir.

(*Segundo plano, no finalzinho da frase acima*): É guerra!

(*Primeiro plano*): Respire fundo.

(*Primeiro plano*): Que vai.

(*Segundo plano*): Com método.
Conhecimento! Isso é bom.

Lento (*Erro de seleção, selecionando mais que devia, gerando erro de interpretação*)

(Início) (*somente trecho inicial, difícil de interpretar na velocidade normal*)

(Velocidade 90%): pra você.

(Velocidade 80%): pra você.

(Velocidade 70 %): abafá.

(Velocidade 60%): abafá.

(Velocidade 50%): abafá.

(Velocidade 40%): abafá.

(Velocidade 29%): abafá.

(Velocidade 29%): (*Provável erro de registro, talvez 19%*): abafá (*som muito cavernoso*).

(Velocidade 60 %):

Simplesmente inaugurar o correio pra deixar correio por pior que for.

(*Primeiro plano*): O foco desse sucesso.

(*Segundo plano*): Desse sucesso (*sussurrada, sincronizada na frase acima, em dueto*).

(*Primeiro plano*): pra fazer-te não desistir.

(*Segundo plano, sussurrada*): Não varre onde nunca existiu.

(*Fenômeno estranho aqui aconteceu: ao se concentrar no segundo plano “sumiu” a parte “pra fazer-te” do primeiro plano deixando a descoberto “não varre onde” no segundo plano. Em seguida “não desistir” do primeiro plano também foi sumindo, colocando em evidência “nunca existiu” no segundo plano. Depois de se persistir “nunca existiu” se percebeu como “nunca insistiu”.*)

(*Segundo plano, sussurrada, refeita*): Não varre onde nunca insistiu.

(*Primeiro plano desapareceu nesta frase, talvez seja uma característica da mente/cérebro de ignorar sons fora de foco, mesmo que fortes. É preciso deixar claro que apenas “não varre onde” está sussurrada, o restante não está sussurrado, apesar de estarem ambos no segundo plano.*).

(*Primeiro plano*): Levou muito triste

(*Segundo plano*): O Valdo que erra (*começou junto com “triste” da sentença acima, terminando um pouco além como se houvesse um “tristes” em vez de “triste”.*) A figura abaixo é uma representação

temporalmente mais precisa que a mostrada anteriormente pois indica onde inicia e termina a mistura de expressões:

Levou muito triste

O Valdo que erra

Levou muito triste

O Valdo que erra

(*Terceiro plano*, velocidade 50%): Tu anda pulando barranco. Uai, tu vai nascer. (Nota; no mesmo espaço ocupado por “Não varre onde nunca insistiu” do primeiro plano, apenas que com 50% da velocidade. Nessa altura não sei se a frase original já não mudou. Esse “pulando barranco” provavelmente se refere a uma queda do barranco.)

(*Primeiro plano*, velocidade 60%): Respire fundo que mais
(*Segundo plano*, velocidade 60%): cochilar (em dueto com “que mais” da expressão acima, som bastante confuso neste ponto por acúmulo de mensagens.).

Respire fundo que mais

Cochilar

Respire fundo que mais

(*Primeiro plano*, velocidade 50%): Respondo após o cochilar. (o “chilar” final vem como eco em outro tom, predominando no final). A figura seguinte tenta mostrar esse “eco”.

Respondo após o cochilar

chilar

Respondo após o cochilar

(Nota: o autor, de tanto cansaço, frequentemente “cochila” ou “sofre um apagão”)

(Velocidade 90%, *na metade final desta mesma frase*): que você vai (*Segundo plano*) conhecimento (*primeiro plano, forte*) ter (*segundo plano*). Este é um caso em que o segundo plano antecede ou, pelo menos, fica “separado” do primeiro plano, mostrando a sua independência. Também é exemplo de complementariedade, onde um plano complementa o outro de modo a construir a sentença completa multiplano. A figura seguinte dá uma ideia disso:

CONHECIMENTO

QUE VOCÊ VAI

TER

(*Primeiro plano*, velocidade 60%): Isso é muito bom.

(*Primeiro plano*, velocidade 41% *se parece com*): Esse saco dele.

(*Primeiro plano*, velocidade 31% *se parece com*): Nesse saco dele.
(02:59:55)

(Nota: o caráter sexual da expressão é a manifestação de indignação de falecido com relação ao autor e seu relacionamento sexual.)

Data: 31/10/21

(00:20:58) - (Velocidade normal): (*som inicial difícil de definir nesta velocidade por isso vai ser omitido*) Pense inaugurar o correio pra deixar

(*Primeiro plano*): correio por pior que for.

(*Segundo plano*): Valdo: volta à flor.

(*Primeiro plano*): pra fazer-te um sucesso → pra fazer disso certo (*neste ponto ocorre uma transformação da primeira sentença na segunda*).

(*Segundo plano*): (*Algumas sílabas estão no primeiro plano e outras no segundo plano, se complementando, aparentemente, sendo o “segundo” plano grave e o “primeiro” mais agudo.*) → Por algum motivo não foi feito registro disso, o autor não se lembra do porquê, talvez se refira à expressão do primeiro plano anterior.

(*Primeiro plano*): Mais tomas

(*Segundo plano*, *foi preciso reduzir a velocidade para 80% para compreender*): Primeiro parecia ser “tomara que” depois parecia “nada ver”, em seguida “manda ver”

(*Primeiro plano*): Eu vou assistir (“assís-tir”)

(*Segundo plano*): É guerra! (junto com o “tir” de “assistir” acima)

(*Primeiro plano*): Respire fundo

(*Segundo plano*): Com método

(*Primeiro plano*): Conhecimento. Isso é bom. (em outra perspectiva se parece com “é Saigon”. Esta última perspectiva deve ser erro de interpretação.)

Lenta (velocidade 60%)

(*Parece começar com*): Amor fraco.

Quem que agarrou esse fio (com fundo ruidoso meio em eco).

(*Primeiro plano*): Ele está torcendo.

(*Segundo plano*): “Feliz aqüo” (O autor não sabe o que é isso, se é que entendeu bem).

(*Primeiro plano*): Você está sujo.

(*Segundo plano*): Não será registrado aqui a palavra imprópria que tende a aparecer na minha mente, apenas nela, mas ela é ecoada por eles nesta mensagem.

(*Primeiro plano*): Pra fazer disso um sucesso.

(*Segundo plano*): Digamos que você é um lugar nada! (Parece ser um desprezo contra o autor, tornando-o um ser desprezível. Resta saber se quem despreza é o mesmo que elogia).

(*Primeiro plano*): Mundo excelente. Muito insisti.

(*Segundo plano*): Não varre onde (ao se concentrar, se escuta em primeiro plano: nunca insistiu e, em segundo plano, “barranco do Valério”, ambos ao mesmo tempo, portanto, após “não varre onde”. Nesse caso, ficaria difícil de se tratar de um som holográfico já que é possível escutar ambos simultaneamente, a menos que a separação entre eles seja insignificante para isolá-los.).

(*Primeiro plano*): Levou mais triste.

(*Segundo plano*): O Valdo que erra.

(*Aparentemente, segundo plano*): Vai com uma corda firmar (em dueto com um som idêntico em outro tom, que acaba em eco mas que parece tender para “vai com uma corda auxiliar”). Finaliza a frase em primeiro plano, só reconhecível na velocidade 40%: você vai ter (com um fundo que o autor não conseguiu reconhecer). Nesse instante, ao parar a reprodução para tentar novamente outra velocidade, embora já tinha testado todas, o autor nota uma conversa baixa no ouvido. Julgou que o computador estivesse “pegando” alguma estação de rádio (espúrio). O autor aumentou o volume para 100% (estava em 61%) mas não observou nenhuma diferença de intensidade. A conversa ainda se mantinha com o mesmo nível. Poderia estar entrando pelos estágios

finais do amplificador da placa de som. Retirou, então, os fones mas continuou escutando a mesma conversa, incompreensível para ele, com uma voz suave, aparentemente feminina, como se fosse alguém comentando algo calmamente, no estilo de uma entrevista. Imaginou alguém namorando ou coisa assim, no lado de fora da casa, saiu mas não viu ninguém em lugar nenhum, exceto sua irmã que estava lavando a louça na cozinha. O ambiente estava ruidoso, tanto sua irmã, cantando baixinho, dentro da casa, quanto barulhos diversos lá fora, inclusive sons de animais noturnos mas ninguém conversando por ali, embora o autor escutasse bem baixinho uma fala. Voltou para o computador e notou que, próximo dele, a “fala” no seu ouvido era mais intensa. Nunca tinha acontecido algo assim antes. Aparentemente, ao terminar de redigir isso, parou de ouvir tal “fala”.

(Velocidade 60%): Isso é pouco bom. (03:23:23)

Data: 02/11/21 (talvez dia 01/11/21 pois foi encontrado duas mensagens do mesmo dia conflitando em horário. Ambas não podem ter acontecido simultaneamente. Tal erro seria fruto do cansaço.)

(01:07:39) - (Velocidade normal): (início pouco claro na velocidade normal, omitido.) Simplesmente inaugurar o correio pra deixar correio por pior que for.

(*Segundo plano*): Valdo: volta à flor. (inicia-se em “reio” de “correio” da expressão acima).

A figura seguinte dá uma ideia de duração da cada expressão e sua posição relativa.

Simplesmente inaugurar o correio pra deixar correio por pior que for

Valdo: volta à flor

Simplesmente inaugurar o correio pra deixar correio por pior que for

Valdo: volta à flor

(*Primeiro plano*): Pra fazer disso um sucesso.

(*Segundo plano*): Vai dar bom (iniciando junto de “sso” de “disso” da expressão anterior).

A figura seguinte dá uma ideia de duração da cada expressão e sua posição relativa.

Pra fazer disso um sucesso
Vai dar bom

Pra fazer disso ~~isso um sucesso~~
Vai dar bom

(Primeiro plano): Mais tomas. Convide-se.

(Segundo plano): Está difícil de entender mas, reduzindo a velocidade, cai no “não varre onde nunca...” já conhecidos.

(Primeiro plano): Eu vou assistir.

(Segundo plano): É guerra! (bem no finalzinho da expressão anterior).
Reduzindo a velocidade para 70% se entende: “Valdo que erra!”.

(Primeiro plano): Respire fundo.

(Segundo plano): Com método (junto com “-ndo” da expressão anterior).

A figura seguinte dá uma ideia de duração da cada expressão e sua posição relativa.

Respire fundo

Com método

Respire fundo

Com método

(Primeiro plano): Conhecimento.

(Primeiro plano): Isso é bom.

(Velocidade 70%): Isso é bom → Esse é bom → Esse é ruim → Esse é rum → e se há rum? → e a serra “rum” → e a serra “ruum” → e a serra cortou/poupou → e a serra ocupou → e serrá copou → quis serrá com pou → quis serrá ocupou → quis serrá culpou → quem será culpou? → esse já culpou → esse já ocupou (segundo plano: pra sábado) → estábulo (rimando com o segundo plano) → pra sábado (em dueto com o segundo plano). (01:57:48)

(**Nota:** aqui está um exemplo de transformação, onde uma expressão ou palavra se transforma em outra, A tal se serra deve ser uma referência, nesta altura já desatualizada pois aconteceu antes de iniciar os contatos com os falecidos, ao fato do autor ter cortado os dedos com uma serra “maquita” (tendo perdido a ponta do indicador da mão esquerda). Quanto à referência “pra sábado”, tal data foi ruim. Alguma coisa estava prevista para sábado mas se revelou muito ruim para o autor.)

Data: 02/11/21

(00:30:17) - (Velocidade normal): (Início pouco claro na velocidade normal, omitido.) Simplesmente inaugurar o correio pra deixar correio por pior que for.

(*Segundo plano*): Valdo: volta à flor. (Inicia-se em “rreio” de “correio” da expressão acima)

(*Primeiro plano*): Pra fazer disso um sucesso.

(*Segundo plano*): Vai dar bom (Iniciando junto de “sso” de “disso” da expressão anterior).

(*Primeiro plano*): Mais tomas. Convide-se. (Restringindo a seleção apenas na região de “convide-se” se escuta “compete-se”)

(*Segundo plano*): Não varre onde (Iniciando em “to” de “tomas”).

(*Primeiro plano*): Eu vou assistir.

(*Segundo plano*): É guerra! (Bem no finalzinho da expressão anterior).

(*Primeiro plano*): Respire fundo.

(*Segundo plano*): Com método (Junto com “-ndo” da expressão anterior. Restringindo a seleção, no mesmo lugar que inicia “com método” se escuta “por ela” meio sussurrado seguido por “tu vai”, sussurrado, que passou a se entender como “tu vais”).

(*Primeiro plano*): Conhecimento!

(*Primeiro plano*): Isso é bom → pra esse é bom

(Velocidade de 40%):

(*Primeiro plano*): Pra você, tchê. Larga fogo, ó espírito forte! Que espirro tão forte, um, dois, três mortes que eu vejo. (Depois se entendeu como “que espirro forte, que corpo, três nhoques que eu vejo”. Interessante é que ao restringir a seleção se continua a ouvir “um, dois, três nhoques que eu vejo”, ou seja, “um, dois, três” está e não está presente dependendo do enfoque seletivo. De qualquer forma, se refere ao ato do autor espirrar, pois este costuma espirrar forte, até porque imaginava estar sozinho no local.)

(*Segundo plano*): Não falta música pro (ininteligível) seu trabalho (Iniciando em “um, dois...”). Parece que a parte ininteligível é uma

pausa justamente sob a palavra “nhoque” do primeiro plano, que é enfatizada. “Seu” é enfatizada, no segundo plano. O segundo plano está em tom mais agudo que o primeiro plano.

(*Primeiro plano*): O fogo num alguém especial, fervendo. (Talvez com implicações amorosas ao autor.)

(*Segundo plano*): Digamos que você é um “extremenogo” (iniciando em “alguém” da expressão acima). “Estremenogo” se entendeu como “exremenavo” → estranho rabo → de estranho rabo.

(*Primeiro plano*): Vou obrigar ela sujeitar/deitô, Por ventura ela chamô?, (que passou a ser entendido como “no real ela te sujeitô, por ventura ela chamô?”)

(*Primeiro plano*): Nesse taco firme de um passo firme

(*Segundo plano*): Nisso taco gente boa, “vénto”, “véndo ciuúmes” (ou “dénunciou-me”)

(*Primeiro plano*): Maiconato e Máicrofólio que puxa o Marcos.

(*Primeiro plano*): Nesse saco firme → nesse saco “fel” → nesse saco feio. (03:00:40) (É provável que algum falecido tenha ecoado sua indignação relativa ao relacionamento de caráter sexual do autor. Não dá para esquecer que há partes fixas no arquivo, que é apenas aberto para reprodução, nada mais. Assim, uma informação nele presente, continuará presente sempre que ele for aberto, podendo ser momentaneamente alterado. Por isso essa aparente insistência nesse assunto: trata-se de reproduzir novamente algo que já estava gravado.)

Data: 05/11/21

00:46:00 - (Velocidade normal): (Início não se entende nesta velocidade, foi omitido): Simplesmente inaugurar o correio pra deixar correio por pior que for.

(*Segundo plano*): Volta à flor (iniciando em “or” de “pior” na expressão acima).

(*Primeiro plano*): Pra fazer disso um sucesso.

(*Segundo plano*): Vai dar bom (iniciando em “di” de “disso” na expressão acima).

(*Primeiro plano*): Mais tomas.

(*Segundo plano*): Agora ainda.

(*Primeiro plano*): Convide-se.

(*Segundo plano*): Tomar o leite. (“Leite” está muito difícil de compreender pois fica parecendo “verde”. O primeiro plano está muito mais alto e atrapalha neste caso. Nota: o autor toma muito leite, não toma chimarrão e costuma tomar justamente nesse horário em que estava interpretando o arquivo.)

A figura seguinte dá uma ideia de forma gráfica:

Mais tomas. Convide-se.
Agora ainda. Tomar o leite.
Mais tomas. Convide-se.

(*Primeiro plano*): Respire fundo

(*Segundo plano*) Com método (iniciando após terminar “fundo”, completando o significado da frase de primeiro plano. Nota. Está em outro tom e voz feminina, enquanto o primeiro plano se faz com voz masculina).

(*Segundo plano*, sussurrada): Teu

(*Primeiro plano*): Conhecimento! (Completando a expressão anterior → “teu conhecimento!”)

(*Primeiro plano*): Esse é bom.(01:22:42) → É Saigon → Peça é bom → festa é bom → “peça rigon” → “passarigão” → “massarigão” → “mate rigão” → “mate ricão” (*segundo plano* sussurrado: pêssego) → “materricão” (se ouvem ambos, nítidos, simultâneos, “pêssego/materricão” embora o autor não conheça nenhum “materricão” (“pêssego” no primeiro plano e “materricão” no segundo.))

(Velocidade 73%): (Dificuldades com a nova versão do processador de áudio fizeram desistir neste ponto) (01:49:51)

Data: 06/11/21 (Esse deveria ser o “sábado” do “pra sábado”)

(00:35:21) - (Velocidade normal): (Não se consegue entender o início nesta velocidade, foi omitido): Simplesmente inaugurar o correio pra deixar correio por pior que for.

(*Segundo plano*): Valdo: Volta à flor (Iniciando em “-rreio” de “correio” na expressão acima).

(*Primeiro plano*): Pra fazer disso um sucesso.

(*Segundo plano*): Vai dar bom (Iniciando em “di” de “disso” na expressão acima).

(*Primeiro plano*): Mais tomas. Convide-se.

(*Segundo plano*): Vou tá aí (ou vou cá?). Embarrigou-me.

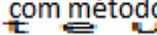
(*Primeiro plano*): Eu vou assistir.

(*Segundo plano*): É guerra (Iniciando em “tir” de “assistir” da expressão anterior)

(*Primeiro plano*): Respire fundo. (*segundo plano*): Com método.

(*Primeiro plano*, sussurrado, junto com a expressão “com método”): teu

(*Primeiro plano*): Conhecimento! (Ficaria, possivelmente, assim: Respire fundo, com método teu, conhecimento!) → mais ou menos assim:

RESPIRE FUNDO  CONHECIMENTO!

Ou, com cores, na figura abaixo:

Respire fundo  Conhecimento!

Respire fundo  Conhecimento!

(*Primeiro plano*): “O preço é bom” em dueto com “esse é bom” ambos em primeiro plano, O primeiro aparentemente feminino e o segundo masculino. O primeiro está meio “metalizado” tal o tom. (01:16:25)

(01:16:41) (Velocidade 70%)

(Início): abafá. (Erro por excesso de seleção de trecho.)

(*Primeiro plano*): Simplesmente inaugurar o correio (ruidoso, com eco).

(*Segundo plano*): Acabou (lento, durando tanto quanto a expressão anterior, com eco, meio sílaba por sílaba” → passou-se a entender como “diz: acabou!” → “disacatou”. As figuras seguintes dão uma noção gráfica:

~~S~~implesmente ~~i~~naugurar ~~o~~ ~~c~~orreio

~~A~~ ~~ca~~ ~~ibou~~

~~S~~implesmente ~~i~~naugurar ~~o~~ ~~c~~orreio

Simplemente inaugurar o correio

Di sa ca tou

Simplemente inaugurar o correio

(Primeiro plano): Pra deixar correio.

(Segundo plano): Ele está com outra (iniciando em “dei” da expressão “deixar” anterior).

(Primeiro plano) (Perspectiva 1): por pior que for. (Perspectiva 2): bota fogo (bota fogo?).

A figura abaixo mostra graficamente, de acordo com a perspectiva 1:

Pra deixar correio por pior que for
Ele está com outra

Pra deixar correio por pior que for

(Primeiro plano): Pra fazer disso um sucesso

(Segundo plano) diz o seu Luciar (Iniciando com “di” de “disso”).

(Primeiro plano): Mais tomas.

(Segundo plano): Não varre onde.

(Primeiro plano): convide-se → “competistiu” → “compre etistil (etistiu?)” → “completistiu” → “completastil” → “completa skew” (por falta de tempo não se prosseguiu nesta transformação: não se sabe onde pararia).

(Segundo plano): Só varre a área (provavelmente a parte frontal da residência).

(Primeiro plano): Levou mais triste.

(Segundo plano): O Valdo que erra! (Iniciando em “is’ de “mais” da expressão anterior).

(Segundo plano) Respire fundo que mais (em coro, ou dueto, onde “mais” denuncia ter mais vozes pelo desencontro final, aparentemente femininas) seguido, em primeiro plano, masculina, por: “Você vai ter!”

(Primeiro plano): Esse é muito bom → esse saco bom → esse saco vou → enche saco bom → nesse saco bom → “nécêssá cupom” “essa é ruim” (em segundo plano, que foi gradativamente ficando mais forte que o primeiro plano, ambos em tonalidades diferentes) → Ambos acabam

dizendo “essa é ruim”. (02:15:50)

Nota: Essa transformação indica que os falecidos não têm controle total das transformações, seguem a tendência de interpretação do intérprete podendo o resultado não ficar adequado. Mas podem encerrar a transformação de forma radical, assumindo o controle, mesmo que penalizando a “rima” embutida na transformação. Dizer que “essa é ruim” é dizer que a transformação não seguiu por caminho feliz e o processo precisa ser finalizado. As transformações costumam acontecer mantendo alguma parte da expressão anterior, alterando-a em algum de seus elementos.

Data: 10/11/21

(00:11:35) (Velocidade normal): ([Trecho inicial difícil de compreender nesta velocidade.](#)) Simplesmente inaugurar o correio pra deixar (*Primeiro plano*): correio por pior que for. (*Segundo plano*): Valdo. Volta à flor ([iniciando em “-rreio” de “correio da expressão anterior](#)). (*Primeiro plano*): Pra fazer disso um sucesso. (*Segundo plano*): Vai dá bom ([iniciando em “di” de “disso” da expressão anterior](#)).

A seguinte figura ilustra graficamente:

Pra fazer disso um sucesso
Vai dá bom

Pra fazer ~~disso~~ ~~um~~ ~~sucesso~~

(*Primeiro plano*): Mais tomas. Convide-se.
(*Segundo plano*): Embarrigou-me ([Iniciando em “-mas” de “tomas” e terminando em “-de-” de “convide-se”](#)). Veja a próxima figura.

Mais tomas. Convide-se.
Embarrigou-me

Mais tomas. ~~Embarrigou-me~~ Convide-se.

(Primeiro plano): Eu vou assis-ti.

(Segundo plano): É guerra! (Iniciando na pausa em “assis-ti)

(Primeiro plano): Respire fundo. Conhecimento”

(Segundo plano): Com método (iniciando em “-do” de “fundo” da expressão anterior).

(Segundo plano, sussurrado): Pro teu (iniciando em “fun” de “fundo” da expressão anterior).

Nota: inicia antes de “com método” terminando antes também, ambos antes de “conhecimento!”. Ou, graficamente, se preferir, notando que é apenas o fluxo normal, ignorando-se todo fluxo reverso.

Respire fundo. Conhecimento!
Com método.
Pro teu

Respire fundo. Com método. Conhecimento!
Respire fundo. Com método. Conhecimento!

(Primeiro plano): Pra esse é bom! (“pra” surge sussurrada, ficando o restante da frase sussurrada junto “esse é bom” mas também pronunciada normal (dueto em uníssono) → preço é bom. Nesse instante o volume subiu sozinho retornando, também sozinho, ao normal. Na verdade não se sabe o que está sendo dito pois, dependendo do ponto de vista, ouve-se uma coisa ou outra. (01:25:56)

A figura seguinte mostra algo aproximado, pois um dueto em uníssono, com voz sussurrada e normal, misturado com outras expressões dependendo do ponto de vista não é algo fácil de representar:

Pra esse é bom!
esse é bom!
Pra esse é bom!

01:26:05) (Velocidade 60%): Abafã. (Erro por seleção excessiva de trecho.)

Simplesmente inaugurar o correio (com eco). (Chama a atenção um som parecido com o 'crau' de um corvo, mais alto que o primeiro plano. Analisando mais de perto, ouve-se de forma ruidosa, "pelas damas" → "reinador". Com efeito, o autor reclama muito, é um "reinador" ou seja, vive "reinando".)

(Primeiro plano): Pra deixar correio por pior que for.

(Segundo plano): Que saco (iniciando em "-xar" de deixar na expressão acima) → "vem saco" → "vem em saco" → "veem saco" → "leem saco" → "lê infarto" → "leia infarto" → "leiam infarto" → "leiam fracht" → "leiam furado" → "leiam torrado".

(Primeiro plano): No seio perdido.

(Segundo plano): Se ouve um som parecido com o "tóim" de uma corda de violão ao ser tangida solta (aproximadamente a nota ré) iniciando após "seio" terminando antes de "perdido" finalizado pela palavra "pode" que acabou sendo ouvida como "não pode".

A figura seguinte dá uma noção gráfica do som tangido ao se tentar interpretar este trecho:



No seio perdido

(Primeiro plano): "tá sujo" → "dá sujo" → "vá sujo" → "bafujo" → "tá sujo" → "pra sujo" - "traz sujo" → "entrá sujo" → "braçujo" → "braço sujo" → "gravidez" → "grave mexmo" → "breve mexmo" → "greve mexmo" → (Nesta altura se escuta tanto "grave mexmo" quanto "greve mexmo" dependendo da perspectiva como se estivéssemos diante de um som holográfico) → "grave mexmo" alternado com "não está", ou seja, ambas as expressões ficam alternando entre si, ora uma, ora outra, devido à repetição continuada do trecho. "Não está" está ficando preponderante enquanto "grave mexmo" está diminuindo, ou seja, ambas em "fading" mas em sentido oposto, com "não extá" duas vezes mais forte porém bem mais grave em termos de tom. (Nesta altura cabe uma explicação: levando em conta que se ouviu "infarto" comecei a pensar se não deveria fazer uma cardiografia, até porque outra mensagem dizia "tio vem Natal". Por isso, quando surgiu "grave mexmo" (grave mesmo) comecei a juntar "infarto" com "grave mesmo")

com “tio vem Natal”. Nesta hora, “grave mexmo” foi seguido por “não extá” (grave mesmo não está), o que explica o rumo da transformação acima, que inclui como parte a participação do interpretador.).

(*Primeiro plano*): Pra fazer disso um sucesso → pra fazer-te disso um sucesso (note a facilidade de inserção de novos termos à expressão existente, dando outro rumo à interpretação.)

(*Segundo plano*): “Diz o seu Luciar” (iniciando em “di” de “disso” na expressão acima).

(*Primeiro plano*): () nunca existiu → 'nunca insistiu”

(*Segundo plano*): não varre onde (seguida de uma espécie de riso feminino com eco, antes de “nunca existiu”). Tal risada, visto com mais atenção, se transformou em “esse enfeite meu anjo Mari” → “desse jeito me arranjo que nem Rosemari”.

(*Primeiro plano*) Levou mais triste.

(*Segundo plano*): O Valdo que erra (iniciando em “tris-” de “triste” na expressão acima). (Sussurrado): Levou um acorde de cochilar (seguido por) “push báitâs”. “Mostra saco bom” (Na velocidade 40% ficou “nesse saco feio”). (Esse “push bátâs” na velocidade 40% se entendeu, claramente, como “do Marcos” com um som de fundo parecido com um gongo ou o tangido de uma corda de violão algo metalizada. Tal tangido inicia antes de “do Marcos”. Ao que parece, aquele tangido citado acima foi um acorde do “Marcos”) (02:53:16)

Data: 11/11/21

(00:00:43) (Velocidade normal): (O início nesta velocidade é indistinguível).

(*Primeiro plano*): Pense inaugurar o correio pra deixar correio por pior que for.

(*Segundo plano*): Valdo, volta à flor (iniciando em “co-” de “correio por” da expressão acima).

(*Primeiro plano*) Pra fazer disso um sucesso.

(*Segundo plano*): Vai dar bom (iniciando em “di-” de “disso” da expressão acima).

(*Primeiro plano*): Mais tomas. Convide-se.

(*Segundo plano*): Embarrigou-me (no intervalo entre “tomas” e “convide-se”. Aqui aparece no intervalo entre duas palavras). Veja a figura seguinte:

Mais tomas. Embarrigou-me. Convide-se.

(Primeiro plano): Eu vou assistir

(Segundo plano): É guerra! (iniciando em “-tir” de “assistir” na expressão acima. Note que dura tanto quanto o “tir”, ou seja, é rápido).

(Primeiro plano): Respire fundo. Conhecimento!

(Segundo plano): Com método (posicionada no intervalo entre “fundo” e “conhecimento” da expressão acima).

(Primeiro plano): Pra esse é bom (começa meio metalizada, mais agudo e termina normal, grave, masculina) → “preço é bom”.

(Velocidade 80%) Abafá (é o que parece ao se escutar. Se trata de erro por seleção excessiva de trecho.).

(Primeiro plano): Pense em inaugurar o correio pra deixar correio por pior que for.

(Segundo plano): Valdo, volta à flor (iniciando em “co-” de “correio por” da expressão acima).

(Primeiro plano) Pra fazer disso um sucesso.

(Segundo plano): Diz o seu Luciar (iniciando em “di-” de “disso” na expressão acima).

(Primeiro plano): Mais tomas. Convide-se.

(Segundo plano): Não vai é onde (no mesmo intervalo ocupado por “mais tomas”). “Tamíduo” (tá húmido? Não se sabe o que é “tamíduo”).

(Repassando o trecho encontrou-se, no primeiro plano “por que insisti”. No segundo plano “barranco do Valério”)

(Primeiro plano): Levou mais triste.

(Segundo plano): O Valdo que erra (iniciando em “tris-” da expressão acima. “Levou mais triste” passou a ser entendida como “eu vou assisti” → “levou mais assisti” (combinando as duas anteriores, escutando-se algo como “levou maissisti”).

(Primeiro plano): Respire fundo, cochilar. Conhecimento!

(Segundo plano): Cochilar (feminino, levemente deslocada de modo a terminar um pouquinho além embora comecem junto em dueto uníssono). “Ter” (mal se percebe no mesmo intervalo de “-mento” da palavra “conhecimento” acima).

(Primeiro plano): Pra esse é bom → preço é bom → preço é bum → pra esse é ruim → preço é rum → “presserum” → pra esse é rum.

(Velocidade 60%): Abafá (Erro por seleção excessiva de trecho.)

(Primeiro plano): Simplesmente inaugurar o correio (com eco, com um fundo “chioso” como se houvesse um efeito de sintetizador).

(Inserção de “Pelas damas” iniciando em “-mente” de “simplesmente” parecendo, à primeira vista como o “crau” de um corvo”).

(Primeiro plano): Pra deixar correio por pior que for. (Após selecionar a

parte final, surge: “me bota fojo”)

(*Segundo plano*): “Vem saco” no intervalo ocupado por “pra deixar” da expressão acima. “O preço (...)” (Não foi possível reconhecer, muito confuso).

(*Primeiro plano*): Pra fazer disso um sucesso → Pra fazer-te um sucesso.

(*Segundo plano*): Diz o seu Luciar (iniciando em “di-” de “disso” da expressão acima).

(*Segundo plano*): Não varre é onde (*primeiro plano*): nunca insistiu.

(*Segundo plano*): Necessito muito (seguido por algo que parecia “Polônia. Navio”. Colocado em 40% passou-se a escutar: “de longe ela vem”).

Nota: Os meus antepassados, da parte materna, vieram de navio da Polônia. Mas minha mãe nasceu no Brasil. Logo “de longe ela vem” deve se referir, forçosamente, a um antepassado que talvez nem conheci. Pode ser uma tia ou até mesmo a vó materna.

(*Primeiro plano*): Levou mais triste.

(*Segundo plano*): O Valdo que erra!

(*Segundo plano*): Vai com uma corda auxiliar → vai com uma corda conciliar (sussurrado) (seguido no primeiro plano de algo parecido com “pushbáitâs”). (“pushbáitâs” em 33% continua a mesma coisa mas se percebe, sussurrado, algo que parece “você vai ter”. Na velocidade 19%, quase cavernosa, entende-se: “você vai ver” → “você vai ter” que ficam alternando entre si por causa da repetição do trecho.).

(*Primeiro plano*): Esse tempo bom.

(Repetindo a última parte, depois de “o Valdo que erra!”, na velocidade 33%, surgiu o seguinte): Marconato em Marco paiê puxa em Marcos (que se passou a entender, devido ao segundo plano, em dueto, como: “Marteus”). Nesse saco feio (dueto, masculino e feminino, em uníssono). (02:21:03)

Data: 16/11/21

(00:33:18) (Velocidade normal):

(*Primeiro plano*): Simplesmente inaugurar o correio (quando a mensagem toda é selecionada se entende “simplesmente”, se cortar o início se entende “tente” Se tirar apenas os dois primeiros blocos já se transforma em “sinto”. Assim, a frase acima (sinto, tente, simplesmente) inaugurar o correio é uma só, com erros advindo de não usar todo o bloco modulado).

(*Primeiro plano*): Pra deixar correio por pior que for.

(*Segundo plano*): Valdo, volta à flor (iniciando em “-rreio” de “correio”

da expressão anterior).

(Primeiro plano): Pra fazer disso um sucesso.

(Segundo plano): Vai dar bom (iniciando em “di-” de “disso” da expressão anterior).

(Primeiro plano): Mais tomas. Convide-se.

(Segundo plano): Embarrigou-me (iniciando logo após “-mas” de “tomas” na expressão anterior).

(Primeiro plano): Eu vou assistir. → Levou a desistir (foi entendido depois de um tempo repetindo)

(Segundo plano): É guerra! (iniciando em “-tir” da expressão “assistir” anterior. Note que é dito “assisti” e não “assistir” e o sentido é de observar, tal como em “assistir televisão”).

(Primeiro plano): Respire fundo (em tom médio), com método (segundo plano, feminino). Conhecimento (médio/grave masculino) que se entendeu como “vem quietude, com método, pro teu conhecimento” (onde “pro teu” é sussurrada. A frase foi composta a quatro vezes, cada uma fazendo um segmento da expressão, todas bem diferentes na metodologia empregada).

(Primeiro plano): preço é bom.

Representação gráfica da expressão composta a quatro vezes separadas, explicada acima:

Vem quietude, com método, pro teu conhecimento.

(Velocidade 63%)

(Primeiro plano): Alô, simplesmente inaugurar o correio pra deixar correio por pior que for. (os primeiros dois blocos não fazem parte do “simplesmente” e, pelo que se entende, diz: “alô” de forma rápida e metálica.)

(Segundo plano): Valdo, volta à flor.

(Segundo/terceiro plano, gritado/estridente): “Pela dama” (iniciando em “dei-” de “deixar”).

(Primeiro plano): Pra fazer disso um sucesso.

(Segundo plano): “Diz o seu Luciar” (iniciando em “di-” de “disso” na expressão acima).

(Primeiro plano): Não pare onde (sussurrada), ela é que é ciumenta (feminina, com eco, segundo plano), pois é (complementado por uma voz rouca, meio masculina) nunca insistiu (masculina, normal). O “pois é” se transformou em “frui pé”.de forma isolada. Selecionando toda expressão se obteve: “é sério?” ou seja: Ela que é ciumenta (feminino).

“É sério?” (masculina média).

(Primeiro plano): Levou mais triste.

(Segundo plano): “O Valdo que erra” (iniciando em “tris-” de “triste” da expressão acima).

(Primeiro plano): “Respire fundo” (sussurrada) → “neste local” → “vê se me acorde” com ela (foi preciso reduzir a velocidade para 53% para ter certeza de que era “com ela”).. “Pushbáitâs”. Tal expressão “pushbáitâs” só será entendida com redução da velocidade. Acontece que daí surge nova mensagem (Existe a possibilidade de se estar ouvindo o reverso por falta de informação no fluxo normal.).

(Primeiro plano): Esse é muito bom.

(Velocidade 43%)

(Primeiro plano): Água quente leva a “piérdêr” o gosto de limpeza. Eu não participo disso (em segundo plano se ouve “do papo dele” em dueto com “disso” ficando “eu não participo do papo dele / eu não participo disso”). A figura seguinte mostra graficamente isso:

Eu não participo disso

do papo dele

Eu não participo disso

do papo dele

(Primeiro plano) “Desse nhoque” (masculina) “deu repúdios” (feminino, aparentemente em coro). (“Desse nhoque” passou a ser entendida como “desemboque”. Ficando “desemboque, deu repúdios”).

(Primeiro plano): Um excelente de um motivo (masculino).

(Segundo plano): “Um maurice e-elexterminavam” (em 33% se entendeu como: “Uma festa, eles terminaram”) → escutando a sentença toda em 33% surge: “Um excelente de um motivo é que eles terminavam: sim!”.

(Primeiro plano, com eco ou soluçada, masculina aguda, como quem tem dificuldade para falar gritado): “Vai levar aliança, tia Leo?”. “Eu te amo meu irmão” (quase cavernosa, parecendo masculina). (Nota: O autor tem uma única irmã falecida e Leo é o apelido de uma outra irmã do autor.)

(Primeiro plano): Lúcio vem me lembrar “béntchú” (em 29% se entendeu como: “já passou”). Bem que eu gostei.

(em 29 %, toda expressão): o cheiro tapa, já atrapalhou. Já vou socorrer. Eu te amo com orgulho.

(Primeiro plano): Marconato você vai com o Mário (sussurrada)

masculina com feminina em dueto). Você vai ter (grave, masculina).
(Primeiro plano): Nesse saco feio (dueto masculino grave com feminino médio) → “Nesse saco veil” (03:07:48)

Fluxo reverso

Data: 16 ou 17/10/21

(Velocidade normal): Entendido em um dia como (16 ou 17/10/2021):
Deixe inaugurar o que pode lhe ajudar (ajudá). Vai de professor e só aproveita se quiser. Não vem só. Bote no teu gênio mergulhando nisto. Respira fundo direito que vai ter. Você é bom.
Depois parecia iniciar como (16 ou 17/10/2021):
Dê te inaugurar o correio (por ser tarde foi interrompido a audição, foi deixado para continuar no próximo dia).

Data: 18/10/21

(Velocidade normal): No dia seguinte estava assim (17 ou 18/10/2021):
Deixe pensar, pertence para ela, vai te ajudar. Custeia casaco de molho. Isso é o reverso da “bestuari”, entende? Faz perguntas que deixam. Tu acha ou não.
(Nota: observe que mudou radicalmente de um dia para outro.)

Data: 19/10/21

(Velocidade normal): No dia seguinte, assim (19/10/2021, madrugada):
Você já pertence para ela, vai te ajudar. Você tem que guardar este correio. Isso adianta para dissuadir. Você editar hipertenso. Confirme provar pilha. É só uma experiência. (De fato o autor é hipertenso há décadas e tem um estilo de vida altamente estressante. Pediram para provar pilha. Acontece que os relógios do autor o deixam “na mão” frequentemente e, de tanto trocar pilhas sem testá-las, começou a testá-las para saber se o problema que surge é na pilha ou no relógio despertador. Não é qualquer um que tem um testador de pilhas e, talvez por isso, pediram-lhe para fazer um teste, por mera experiência. Provavelmente deveria ser curiosidade da parte deles. Feita tal teste pedido, no claro e no escuro, o autor nunca recebeu retorno com o “resultado” da experiência, de onde se suspeita de mera curiosidade de

algum falecido).

Data: 20/10/21

(02:14:47) - (Velocidade normal): No dia seguinte, assim: Porque já pertence pra ela, pode te ajudar. (Tem implicação amorosa mas não se sabe quem é ela, se deste mundo ou do além.)

(*Perspectiva 1*): Por quê parou com o correio? (O autor deu uma pausa devido ao tratamento agressivo recebido em correio anterior, o que explica tal questionamento.)

(*Perspectiva 2*): Por quê: Por quê? Por que se (provavelmente, interpretação errada).

Isso já deixa “bestuaria”. Tu tá perdendo doce? Deu pro gasto. Poco

(*Perspectiva 1*): jorra também pote.

(*Perspectiva 2*): Já há ocorrências. (02:38:44)

(Comentário: Não se trata de “bestuaria” e sim de “bestuari”, ou seja, houve erro de interpretação. O que é bestuari? O autor não sabe mas, pelas mensagens, deduz-se ser “besteira”, “besteirol” ou “idiotices”, ou seja, fazer asneiras. Quanto a perder doce, é verdade cristalina. O autor atravessou a cidade para conhecer um supermercado famoso e acabou comprando dois potes de “chimia”. Acontece que, ao chegar diante do portão da residência (era noite) a sacola plástica em que ambos os potes estavam se rasgou, caindo ambos os potes no passeio, rompendo-os. Um deles, rompido, conservou o conteúdo. Do outro vazou uma porção na calçada. Recolhido os potes, deixou-se a calçada como estava, lambuzada. Por incrível que pareça, no dia seguinte nada havia no local derramado. Notem que os falecidos estavam acompanhando o autor, de outra forma não saberiam de tal evento. Quanto a “já há ocorrências” o autor lembra que, anteriormente, se afirmou “não haver ocorrências”. Ora, o autor questionou frontalmente o fato e esta inserção na mensagem já mudou de direção. Na verdade, eles não afirmaram que “não havia ocorrências”, apenas fizeram eco, da mente do autor, na mensagem e acabaram fixando algo que era apenas transitório. Note-se também que ambas as perspectivas são verdadeiras.)

Data: 22/10/21

(00:59:00) - (Velocidade normal): Pulando para o dia 22/10/21 (por absoluta falta de tempo): Vou pegar presença pra você. Dois pra iniciar. Respeita as ordens do correio. (“Vou pegar presença pra você. Dois pra iniciar” não se sabe o que isso significa. Quem vai “pegar” presença?)

Dois de que lado: de cá ou de lá? “Respeita as ordens do correio”, como assim? Quem dá ordem? Até onde se sabe é preciso discernimento para tudo que vem do além afinal você é responsável pelos seus atos e precisa vigiar, além de não perder de vista certos fundamentos. Um trabalho em conjunto implica adequação mútua. Não cabe ao autor “dar ordens” aos falecidos nem de ofendê-los. Aparentemente, o inverso também é válido. Ser obediente não implica em cegueira, você tem que estar no controle pois deve responder por seus atos.)

Ao retornar ao início, este já era outro:

(Velocidade normal) mostre que lhe quer, pertence para ela, vai te ajudar. Por quê parou com o correio? Respeita a dor de cabeça (em segundo plano dizia para colocar gelo mas tal conteúdo desapareceu antes de anotá-lo). Este mundo está perdido. Você disse isso de que não há ocorrências. (De fato o autor estava com dor de cabeça devida a insolação: passou o dia inteiro consertando o telhado e estava com a cabeça “explodindo” de dor devido a insolação. O pior é que não poderia parar e se obrigou a ir até a meia-noite daquele jeito. “Este mundo está perdido” foi registrado para ecoar os pensamentos do autor. No caso, frente aos eventos que se manifestavam, ele se expressou “clonando” tal frase dita por um parente agora já falecido. Não é costume do autor se expressar assim mas os falecidos “pegaram” tal expressão na hora “H”. Quando o autor se expressou adotando que “o mundo está perdido” quis dizer que o mundo, do jeito que vai, não escapará do apocalipse, pois é para lá que caminha. O “perdido” não é no sentido de irreversibilidade mas sim da inescapabilidade. E isso se deve ao silêncio dos bons, sua inoperância. “Você disse isso de que não há ocorrências” só confirma o fato de que eles ecoam suas verbalizações e seus pensamentos.)

(Velocidade lenta) Você prometeu eu te amo mexicana, te amo até a morte. Espera ... (não será escrita aqui tal frase por causa de seu conteúdo impróprio, que existiu apenas em nível mental, seguindo até o final a repetição de uma palavra que atormenta mentalmente o autor e que se obriga a repeli-la continuamente. O curioso é que foi ficando cada vez mais grave/lenta como se estivesse desacelerando, até ficar cavernosa).01:44:05

(Comentário: Não se sabe, ainda (07/12/21), quem é a tal da “mexicana”, se é de carne e osso ou se é falecida. Se for de carne e osso, talvez em uma encarnação anterior fosse uma “mexicana”. Se é falecida, talvez seja um amor antigo que se ignora. De qualquer forma, em outra

mensagem, se fala de uma “francesa”. Por outro lado, nesta vida, o autor externou seus sentimentos, ao longo da vida, apenas para um número extremamente limitadíssimo de mulheres. Uma variante que será recebida em data posterior coloca Ana ou Anna onde aqui se encontra “mexicana”, ao se concentrar no trecho.)

Data: 23/10/21

(01:28:39) (Velocidade normal): Você já pertence pra ela, vai te ajudar. Por que foi lá no correio? Esse é o fruto da bestuarí. O mundo está perdido. Você diz que já tinha.. Não há ocorrências. (“Esse é o fruto da bestuarí” é interpretação errada. O certo é “Instituto da bestuarí”. “Por que foi lá no correio?” é um questionamento para o qual o autor não consegue responder, a não ser questionar: Quando isso? O que aconteceu/houve? De tanto se questionar, mais à frente aparece algo como “esqueça o correio”, ou seja, deixa isso para lá.)

(Velocidade lenta): Você já pertence pra ela, vai te ajudar. Por que foi lá no correio, tchê? Esse é o fruto da bestuarí. O mundo está perdido. O que fizeste

(*Perspectiva 1*) Pra vestir (→ véstir). (Potencialmente, interpretação errada.)

(*Perspectiva 2*) Travesti (→ travéstiir) (Interpretação errada.)

(*Segundo plano*): O fato é: o Valdo é “queer”. (Interpretação errada.)
O Marconato!

(**Comentário:** O estranho é que *dependendo do ponto de vista*, entende-se uma coisa ou outra: Em um ponto de vista se entende “não há ocorrências!” e, por outro ponto de percepção, se entende “O Marconato!”) (02:22:19)

Data: 25/10/21

(25/10/21) (Velocidade normal):

Você já pertence pra ela, vai te ajudar. Por que foi lá no correio? Esse é o fruto da bestuarí. O mundo está perdido.

(*Primeiro plano*): Com firme (confirme?) (su)puseste.

(*Segundo plano*): Por que não desiste? (Aqui cabe uma explicação: algum falecido questiona porque o autor não desiste de rever a reprodução, dia após dia, da mesma mensagem. Em geral, poucos persistiriam da forma que se fez aqui, “teimando” em cima de um único

arquivo, repetidamente.)

(Velocidade normal); O Marconato!

(Velocidade 70%): Este é dos Marconatos! (02:48:16 AM) (Nota: costuma-se afirmar que os Marconatos são teimosos, persistentes. Bem, afirmar é uma coisa, na prática não é qualquer Marconato que mereça tal rótulo.)

Data: 28/10/21

(00:07:50) - (Velocidade normal):

Você já pertence pra ela, pode te ajudar. (“Pode” ou “vai” te ajudar? PODE e não VAI. Escutando com detalhe se conclui que é “pode” e não “vai”). Por quê foi lá no correio? Este é o fruto da bestuari. O mundo tá perdido. Com firme puseste.

(*Segundo plano*): Cheiro de broa. (Não se sabe o que significa isso. Parece que os falecidos em um olfato apurado e tal “cheiro” deve ter vindo de alguma outra residência ou era um “pseudo-cheiro”, quer dizer, um cheiro semelhante que lembra a broa. Obviamente que não havia “broa” na residência do autor, até porque no horário gravado não faria muito sentido.)

(*Primeiro plano*): O Marconato!

(Velocidade 60%): Terá que acontecer. Se eu te amo mexicana, te amo até a morte. Transplantes, está com miopia. (Recomendação para transplantes de córneas, motivado por “miopia”. Na hora, “expliquei” aos falecidos (que imaginei estarem presentes) não se tratar de miopia mas sim de astigmatismo e o motivo pelo qual se agravou. Percebi que houve um entendimento sobre o assunto, de tal forma que não se insistiu no assunto.)

Isso é importante pra “bestirar” a dor. (Não se sabe o que é “bestirar”, não seria “*lhe tirar*”? Não há como rever algo que não volta, pois a mutabilidade do áudio é real. Provavelmente o item seguinte seja o correto e este seja erro de interpretação.)

(*Primeiro plano*, pois mudou, voz masculina): Mais importante que a “bestuari”.

(*Segundo plano*, incrível, com eco, voz aparentemente feminina): Mais importante que a “bestuari”.

(*Primeiro plano*): Antes disso aproveito.

(*Segundo plano*): Diga de novo aproveito.

(**Comentário:** “Antes disso aproveito” se refere a aproveitar a oportunidade de se manifestar antes de acontecer o “transplante” de

córneas sugerido (e que parecia darem como certo).)

Data: 28/10/21

(Velocidade normal):

(*Primeiro plano*): Tu está perdido (*tu meio tremido*, “*tuuu*”).

(*Segundo plano*): Eu acredito.

(*Primeiro plano*): Porque fez partir. (Não se sabe do que estão falando.)

(*Segundo plano*): Filmar após partir. (Não se sabe o que isso significa.)

Isto produz nova (o autor esqueceu de completar seu pensamento e a sentença ficou incompleta, provavelmente se refere a uma nova informação: *filmar*).

(*Primeiro plano*): Ocorrências.

(*Segundo plano*): Ouve-se um som de vibração típico de um estádio de futebol momentaneamente excitado.)

(*Segundo plano*, *finalizando*): E os dedos? (02:01:10) (O autor se acidentou com uma “maquita”, cortando os dedos, a ponta do dedo indicador da mão esquerda foi cortada fora. O sentido da pergunta é porque tal dedo indicador, mais curto, não voltou ao normal, levando o autor a prestar atenção nele com frequência. O dedo médio, que tinha uma certa dormência, praticamente voltou ao normal nesta data (07/12/21), embora ainda se perceba algo de estranho.)

Data: 30/10/21

(00:35:05) (Velocidade normal):

Você já pertence pra ela, pode te ajudar. Por quê foi lá no correio? Esse é o fruto da “bestuari”.

(*Primeiro plano*): O mundo tá perdido.

(*Segundo plano*, *pelo que parecia*): O mundo tá de volta!

(Nota: “*tá perdido*” foi sumindo e “*tá de volta*” foi ficando cada mais do primeiro plano, ou seja, parece ter havido uma transição entre o segundo plano e o primeiro, daquele para este, com o *fading* crescente do primeiro para ceder lugar ao novo ocupante. Mais que isso: “o mundo tá de volta” foi transitando para “o fundo trá de volta”. Por incrível se transformou em “o fundo trá de novo” que se transformou em “no fundo trá de novo” que, mais uma vez, transitou para “bem fundo trá de novo” que, novamente, ficou: “vem fundo entrar de novo” e, “vem fundo estar perdido”, então. “no fundo está perdido” → “no fundo está a pedir”.)

(*Terceiro plano?*): Mãos ao alto! (No espaço ocupado por “no fundo está a pedir”, porém no “segundo plano”, mal se ouvindo. Na verdade, estava tão fascinado com a troca-troca de expressões que nem percebia o

segundo plano (ou terceiro?). Parei com o show para registrar isto e continuar, já que é tarde da noite e preciso levantar cedo.)

(Comentário: “O mundo tá de volta!” tem o significado de que os falecidos voltam a participar deste mundo, o mundo de carne e osso, como se estivessem entre nós, “meros mortais”. Em vez de ficarem restritos ao mundo dos falecidos, podem participar ativamente com “os do lado de cá!”.)

A figura seguinte ilustra o final da transformação, junto com o segundo plano.

No fundo está a pedir.
Mãos ao alto!
No fundo está a pedir.
Mãos ao alto!

(*Primeiro plano*): Com firme puseste

(*Primeiro plano*, velocidade 75%): Com firme repuseste (que passei a ouvir como) com firme repudiar-te.

(*Segundo plano*): O fato é repudiar-te (na verdade o segundo plano e o primeiro estão em dueto sendo que o segundo plano vem antes e o primeiro plano vem como “eco”, bem distinto, ambos com tons diferentes.

(*Dueto segundo/primeiro plano*): o fato repudiar-te (nota: o “dueto” está fora de “coincidência, por falta de nome melhor, pois o segundo plano é contínuo e o primeiro cria uma pausa para finalizar quase junto).

(**Comentário:** “O fato é repudiar-te” e “o fato repudiar-te” são coisas bem diferentes entre si. Independentemente de quem ou o que repudia, há um repúdio aí e, por isso mesmo, fere a imagem do autor mais uma vez. Parece que alguns falecidos não se cansam de expressar o seu desprezo pelo autor.)

(*Primeiro plano*): Como uma experiência!

(*Segundo plano*): O Marconato! (O segundo plano transitou para o primeiro e ambos, em dueto, diziam a mesma coisa: O Marconato!, com o segundo plano em leve eco que finalizou em coincidência, só o timbre distinguia ambos.) (01:33:30)

Data: 31/10/21

(23:17:48) - (Velocidade normal):

Você

(*Primeiro plano*): Já pertence pra ela, pode te ajudar.

(*Segundo plano, quase como eco, em outro tom*): já pertence pra ela, pode te ajudar.

(*Primeiro plano*): Por quê foi lá no correio?

(*Segundo plano, em dueto, som idêntico e “chiado”*): Por quê foi lá no correio?

(*Primeiro plano*): Esse é o fruto da “bestuari” → Isso é fruto da “bestuari”. (**Pronúncia [bễs] [tuari]**) → Instituto da “bestuari”.

(*Segundo plano*): (**Não se consegue compreender nada na velocidade normal mas há algo ali. Depois de um tempo mais longo se entendeu como**): “Não leva ao trabalho”

(*Primeiro plano*): O mundo tá perdido.'

(*Segundo plano*): Não é pra levar.

(*Primeiro plano*): Com firme.

(*Segundo plano*): Com amor

(*Primeiro plano*): Puseste.

(*Segundo plano*): O Valdo tá aqui.

(*Primeiro plano*): Como há experiências!

(*Segundo plano*): O Marconato!.

(Nota: ambas expressões acima, que duram o mesmo tempo, se entendem com o mesmo tom, parecendo ser a mesma pessoa a falá-las simultaneamente. Dependendo do ponto de vista (perspectiva) se entende uma ou outra, sendo possível praticamente ouvi-las as duas juntas parecendo um caso de som holográfico. É possível ouvir quase ambos ao mesmo tempo devido ao conteúdo diferente o que produz desalinhamentos. Neste instante o volume aumentou um bocado sozinho!!! O ícone do volume indicava 61%. (O sinal aumentou mas não o indicador de volume. Nada indicava ser defeito de hardware.)).

(Velocidade 70%): Oi, vão se conhecer!

(Velocidade 70%, **som ruidoso**): Eu te amo mexicana. Te amo até a morte. (**Parece haver um segundo plano dizendo a mesma coisa, com pequena diferença de tom e levemente deslocado em alguns momentos,**)

(*Primeiro plano*): Responde a pergunta de ontem. (**Não sei de que pergunta estão falando. Parece que o segundo plano é um chiado que emoldura o primeiro plano, como se a pronúncia fosse acompanhada de um componente “chioso”. Se a pergunta é “porque foi lá no correio”,**

não sei do que estão falando, de quando “fui” no “correio”, nem o que foi que houve que marcou tanto assim. E se a pergunta for “Quem que agarrou esse fio?” não sei de que fio estão falando).

(*Primeiro plano*): Isso é fruto da “bestuari” → Instituto da “bestuari”. (Há um forte eco que impede reconhecer algum outro conteúdo, não se sabe se é mesmo eco ou vozerio em forma de eco mas o primeiro plano é de voz masculina e o “eco” parece ser feminino).

(*Primeiro plano*): Este mundo tá perdido. (O som transita de tom mais agudo para tom mais grave.)

(*Primeiro plano*): O fato repercute isto “certi” (Talvez haja erro de interpretação.).

(*Segundo plano*): Tá que é bravo! (Iniciando em “percute” da expressão acima.)

(Repetiu-se o trecho final, da velocidade normal, inclusive com o aumento do volume sozinho. No entanto há um acréscimo: transitou para expressão única dizendo, em volume alto: “este é dos Marconato!” (em dueto, onde a voz predominante é mais aguda e a predominada mais grave, ambas masculinas) (01:04:48)

Data: 02/11/21

(00:47:11) (Velocidade normal):

Você

(*Primeiro plano*): Já pertence pra ela, pode te ajudar.

(*Segundo plano, quase como eco, em outro tom*): Já pertence pra ela, pode te ajudar.

(*Primeiro plano*): Por quê foi lá no correio?

(*Segundo plano, em dueto, som idêntico e “chiado”*): Por quê foi lá no correio?

(*Primeiro plano*): Instituto da “bestuari”.

(*Segundo plano*): Não leva ao trabalho! (Com respeito a “não levar ao trabalho” é cabível, aqui, um comentário: Tendo sido recomendado a levar ao trabalho estas mensagens, no caso as anteriores, eis que o “patrão” não gostou nada de que se ouvissem tais coisas por lá. Com isso foi cancelado todo o processo de dar ciência destas mensagens por mal acolhida. Eis porque a mensagem diz: “não leva ao trabalho”, bem ao contrário da recomendação inicial. No entanto, também dizem: “no fundo é pra levar”).

(*Primeiro plano*): No fundo tá perdido.

(*Segundo plano*): Mãos ao ar!

(*Primeiro plano*): Com firme, puseste. (Pronunciado como fir-me.)

(*Segundo plano*): Alô (simultâneo com “firme”) seguido de “Valdo tá

aqui” (simultâneo com “puseste”).)

(Primeiro plano): Como há experiências!

(Segundo plano): O Marconato!.

(Nota: O primeiro plano passa a ter o mesmo conteúdo que o segundo, ambos dizendo a mesma coisa: “O Marconato”, em uma espécie de dueto com leve diferença de tom. É interessante notar que o primeiro plano dizia “como há experiências!”.)

(Velocidade 50%)

O tempo tá a pedir (som normal): Eu te amo mexicana, te amo até a morte! (sussurado) (Reduzido a velocidade para 29% para confirmar a palavra “mexicana”, ao retomar a velocidade, o início parece ter mudado de “O tempo está a pedir” para “Você tá a pedir”.)

Responda às perguntas convite. (Meio sussurrado, som ruidoso.)

(Primeiro plano): Mais portâncias perdeste o amor. (Na velocidade 34%): Mas o machão a gente grudaaa (o “aa” final vem como eco em outro tom). Vem com ela com outro.

(Segundo plano): Marconato (simultâneo com “Mais portâncias”). Nova York (simultâneo com “-deste o amor”. Não parece ser Nova Iorque e sim Nova York).

(Nota: ao parar percebi um som no ouvido. Retirei o fone de ouvido e continuei a escutá-lo. Embora houvesse ruído ambiental, não parecia ser do ambiente. Coloquei um protetor auditivo (atenuação de 29 dB) mas o som continuou no ouvido. Tal som é fraco, incompreensível, com tom mais agudo do que estava ouvindo, situando-se na faixa dos médios. Neste instante tal som sumiu sozinho. Talvez a excitação contínua do ouvido na tentativa de identificar o conteúdo acaba deixando este a captar mais coisas que, a priori, não se pode saber o quê é.)

(Primeiro plano): Medite este favor.

(Segundo plano): Por miréis (mil réis?) ondi dizê (em um tom mais agudo) seguido por “alô pedaço” (bem mais grave. Ouve-se algo que se parece um sino de igreja antecedendo o “alô”) que se passou a ouvir como “Malu pedaço”.

(Primeiro plano): Toma parte, põe no “” (Não será escrito aqui tal vocábulo) e se esperte. (“toma parte passou a ser ouvida como “tu não pode”.)

(Primeiro plano): Este aviso é de reencarnante.

(Segundo plano): (Se ouve algo muito rápido, parecendo “foi dado” ou “furado” simultâneo a “-en-” de “reencarnante”). (02:57:01)

Data: 04/11/21

(00:38:46) (Velocidade normal): **Problema no sistema operacional: afetado recursos do sistema. Abortado o processo.** (00:44:42)

Data: 07/11/21

(00:35:25) (Velocidade normal): Você já pertence pra ela (**que, depois, se entendeu como “ele”**), pode te ajudar. Por que foi ilá no correio? (**Mudou para**): Amor que já pertence pra ele. Aposto ali que tá. Por que foi ilá no correio? (**Ao mesmo tempo, parece haver uma voz que diz várias vezes “tu-do”, estando mais nítida embora mais embaralhada**).

(*Primeiro plano*): Instituto da “bestuari”.

(*Segundo plano*): Não leva ai trabalho.

(*Primeiro plano*): No fundo tá perdido. (*Segundo plano*): Não é pra levar. **Passou a ficar assim**: (*Primeiro plano*) no fundo não é pra levar (**o segundo plano complementou e passou para o primeiro plano deixando tudo primeiro plano**).

(*Primeiro plano*): Com firme (**pausa**) puseste.

(*Segundo plano*): Com amor (**simultâneo a “com firme” da expressão acima**). O Valdo tá aqui (**simultâneo com “puseste” da expressão acima**).

(*Primeiro plano*): Como há experiências, O Marconato. Como há experiências. O Marconato. (**Primeiro plano e segundo plano repetem as mesmas coisas em dueto. Nota-se que alternam as expressões depois de pronunciá-las algumas vezes. A quantidade é variável, às vezes menos, outras mais. Deve-se observar que este trecho é reproduzido continuamente com repetição e, teoricamente, deveria ser repetido igualmente a cada ciclo**). Nota: pode-se escutar: como há experiências ou O Marconato, bastando querer escutar uma ou outra delas, ou seja, por mera questão de perspectiva. No entanto, se em certos momentos é assim, em outros não é e tentando mudar acaba-se ouvindo ambas as versões em simultâneo. Há aí um jogo que causa confusão como a confirmar o “no fundo está perdido”.

(*Segundo plano*): “na riba” (Trata-se de um som sibilante difícil de entender.).

(**Termina a mensagem de forma muito rápida e muito aguda, ininteligível. Reduzindo para 26% parece dizer: “buraco bom”**).

(02:11:14)

Data: 11/11/21

(00:37:38) (Velocidade normal): Você já pertence pra ela, pode te ajudar. (Esse “pode te ajudar, quando isolado passou a ser ouvido como “pólspoliquiá”). Por que foi lá no correio?

(Primeiro plano): Instituto da “bêstuari”.

(Segundo plano): Não leva ao trabalho.

(Primeiro plano): No fundo tá perdido.

(Segundo plano): Não é pra levar. (“Tá perdido” foi sumindo de tal forma que “é pra levar” da expressão se sobressai como primeiro plano ficando: “no fundo não é pra levar” → “no fundo é pra levar”. Notar que “não” e “-ndo” estão em dueto, ficando difícil distinguir o “não”. Curioso é que, ao retirar o fone de ouvido por um instante, ao recolocá-lo se ouve tudo de novo, desde o início, ou seja, começa com “no fundo tá perdido”. Neste instante o “no fundo tá perdido” voltou e o “não é pra levar,” que começou ausente, foi gradualmente aparecendo e ganhando corpo, como descrito acima. Agora, depois de “brincarem” com as expressões, passou para “no fundo tá de novo” e o “não é para levar” foi surgindo e ganhando corpo, ficando novamente “no fundo é pra levar”, que se alterna com “no fundo tá novo”, ciclicamente. (Não esquecer que, como um padrão, o trecho é reproduzido com repetição.)

(Primeiro plano): Com firme, puseste (isolada a expressão, se entendeu como “como puseste” sendo o “como” fraco, quase sussurrado.)

(Segundo plano): Com amor (em dueto com “com firme” da expressão acima). “O Valdo tá aqui” iniciando entre o final de “com” e início de “puseste”.

(Primeiro plano): Como há experiências! → O Marconato!

(Segundo plano): “O Marconato”. Inicialmente em dueto com “como há experiências”, logo em uníssono com “o Marconato” de modo que ambos dizem a mesma coisa. (01:16:46)

(01:16:59) (Velocidade 66%):

Vão se conhecer! Pertence pra ela (Sussurrada, mal começou e sumiu, vindo à tona aquilo que estava no segundo plano). “Flertemo” mexicana, te amo até a morte. Ganhou status de primeiro plano se entendendo como: “flertemo mexicana, damos apoio venha a morte”. Foi tentado reduzir a velocidade neste ponto (ainda mais) mas se encontrou uma conversa totalmente diferente. A solução foi isolar para entender melhor. Esse “venha a morte” se transformou em “nem é mole” → “quem engole” → “nem enrole” → “reenrole” → “vem e role” → “quem engole” → “quem enrole” → “que enrolha” → “quem enrolha”

(Primeiro plano): Está bem perdido pelo jeito. Isolado o início para

tentar captar o segundo plano o “está bem” se transformou em “esta noite”. Há um som de fundo, algo parecido com tangidas de contrabaixo, embora não o seja. A expressão inteira ficou transformada em “esta noite escondido” que passou a ser entendida como “esta noite respondi-te” → “esta noite esponjite” → “esta noite me espondite” → “esta noite respondi-te”.

(Primeiro plano): Instituto da “bêstuarí”.

(Segundo plano): A mesma voz em eco, que parecia risada como citado acima. Isolando o início para entender o conteúdo, tem-se: “lê direito” onde seria “instituto” seguido por “que deixa clamor” no lugar de “da bestuari”.

(Primeiro plano): No fundo tá perdido → No fundo tá pedindo → No fundo tá “perdivo”. (Segundo plano): Diga de novo sete nervo → liga de novo sete nervo.

(Primeiro plano): “O fato repetiu-se o sete” sendo “o fato re” em voz mais grave e enfática e “petiu-se o seu sete” em voz mais aguda, também masculina, em tom mais agudo, melodiosa e adotando uma sequenciação cadenciada, como se estivesse “silabando”. O resultado pode ser mostrado mais ou menos assim: **O fato repetiu-se o seu sete.**

(Primeiro plano): Este é dos Marconatos! (Segundo plano: Ainda bem!) (02:11:55)

(02:12:55) (Velocidade 46%)

(Primeiro plano): O que é que aconteceu (muito grave): se eu te amo mexicana? (sussurrada). **Pense:** ela tem amor. (Nota: “pen” muito forte, como uma bigornada, metálica. “-se” quase não se percebe.)

(Primeiro plano, sussurrada): Experimente hoje menina me dê banho. Sobrepondo-se com “hoje” e “menina” há uma voz bem grave e forte, parecendo um grunhir de suíno, que diz: “Brusque”.

(Primeiro plano): Nas portâncias ter neste amor (tal expressão vem com um fundo, que parece feminino, em eco, dizendo a mesma coisa. O “delay” é tal que, gradativamente se entende o fundo cada vez mais claramente e gradualmente sem eco, porém deslocado, um dueto quase em unísono).

(Primeiro plano): Amor de mãe que já vai convivendo o frio (meio cantada, como se houvesse um acompanhamento de algo parecido com uma tuba, com um som típico de alto-falante de suspensão que produz um grave “macio”).

(Primeiro plano): O fato é que o “Couper diz pra tio”.

(Segundo plano): O Mauro é direto conforme diz pra tio. (Nesta sentença primeiro e segundo plano ficaram confusos e difíceis de dizer exatamente o que ali contém).

(Primeiro plano, meio sussurrada, com eco): Esse vídeo a gente vai chamar. (03:09:06)

Data: 13/11/21

(00:09:06) (Velocidade normal): Você já pertence pra ela, pode te ajudar. (Isolada, “pode te ajudar” se transforma em: “vens coliquiá”. Aumentando a seleção, se transforma em (sussurrada): “superei, vens coliquiá” iniciando em “-ce” de “pertence”. De forma continuada ficaria assim, tal como se ouve: “pertensuperei, vens coliquiá”. Certamente “coliquiá” deve ser referir a colóquio.)

(Primeiro plano): Por que foi lá no correio?

(Segundo plano transitando para o primeiro): “Esqueça a dor no correio” (como uma segunda perspectiva ou ponto de vista, sendo que “esqueça” está bem “chiada”) → se transformou em “esqueça lá no correio” pois ainda me indago o querem dizer com “por que foi lá no correio?”).

(Primeiro plano): Instituto da “bêstuari”.

(Segundo plano): Não leva ao trabalho.

(Primeiro plano): No fundo tá perdido.

(Segundo plano): Não é pra levar.

(Ascensão do segundo plano ao primeiro): “No fundo não é pra levar” onde “não é pra levar” ficou do primeiro plano) → “No fundo é pra levar” com a supressão de “não”.

(Primeiro plano): Confirme puseste.

(Segundo plano): “Com amor” seguida por “O Valdo está aqui”.

(Primeiro plano): Como há experiências → “O Marconato”

(Segundo plano): “O Marconato”. (Primeiro e segundo plano passaram a dizer a mesma coisa, em dueto.). Notar que “como há experiências” foi repetida apenas duas vezes, ficando somente “O Marconato” no primeiro plano. Quanto ao segundo plano, “O Marconato” se reduz a “O Marco”, emudecendo o final → “O Marc” → “O Ma”

(Segundo plano, sussurrado): “Que fazer” seguido por “arriba!”.

(Parte final da mensagem): Difícil de distinguir, nesta velocidade, por ser muito rápida, meia metálica. Há três perspectivas, com “mi” = “me”:

1. Pêsame
2. Beija-me
3. Deixa-me.

(Velocidade 73%):

(Primeiro plano): (Começa muito grave e passa a sussurrada) Você já pertence pra ela, pode te ajudar → Você já pertence pra ela, pode te orgulhar (sussurrada a partir de “ela”) → Você já pertence pra ela, pode

ter que mergulhar → “ter comigo vá” → “ter comigo já” → “ter comigo veá” → “ter comigo viá” → “ter comigo virá” → “Deus politsa” crescendo junto com “ter comigo virá” se sobrepondo quase totalmente “Deus politsa”. Há uma batida como de prato (instrumento) ao iniciar a frase. Há um fundo sonoro bem complexo. “Deus politsa” se entendeu como “téus politsa”. No fundo parece, bem fraquinho, algo como: Aleluia! “Téos politsa” → “téos política”.

(Primeiro plano): Este mundo tá perdido → este núcleo tá perdido → este nunca tá perdido.

(Segundo plano transitando para o primeiro): Este alerta está pedindo (este alerta é segundo plano, primeiro desapareceu neste ponto).

(Primeiro plano): Instituto da “bêstuari”.

(Segundo plano): Mais contatos têm (como se fosse eco). “Instituto da bêstuari” passou a ser ouvida como “instituto da bêsuari”.

(Primeiro plano): No fundo tá perdido → no fundo tá “perdivo”.

(Segundo plano): O mais novo quer a guerra → o mais novo se aferra (escutável qualquer uma de ambas, dependendo da perspectiva).

(Comentário: “O mais novo quer a guerra” é uma forma de ecoar os pensamentos do autor que, insatisfeito com a realidade, pensa em agir, donde “quer a guerra” pois agir, para um ativista é isto mesmo: fazer algo, algo que repercute, é como criar uma guerra.)

(Primeiro plano): O fato repudiaste (“pudiaste” vem meio robotizada como se pronunciada silabadamente, com outro tom mais agudo).

(Primeiro plano): Como há experiências (duas vezes na repetição) → Este é dos Marconatos!

(Segundo plano): Este é dos Marconatos (em tom mais agudo, em dueto).

(Provavelmente velocidade 40%, foi esquecido de registrar.)

(Primeiro plano): Tempo pra anunciar: eu te amo mexicana. Te amo até a morte! (Após “te amo” e antes de “até a morte” masculino, aparece expressão meio melodiosa, feminina, dizendo: “vem amor!”, assim: “Te amo, vem amor, até a morte”).

(Primeiro plano, sussurrada, meio cavernosa): Experimento meus alunos hoje.

(Primeiro plano): Ma chiquinhos mudam (em 29% se entende “Vem urgentemente, muda!). Pergunta salvador. (Em 29%: “Vem urgentemente, muda! Vem com o Mário. Vem!”)

(Segundo plano): Apesar de o primeiro plano se aproximar de cavernoso, o segundo plano fala rapidamente, de forma incompreensível, o tempo inteiro. Em 29% conseguiu-se entender somente “joga fora” logo após o “muda!” mas antes de “Vem com o

Mário”. O problema, aqui, não é a velocidade mas a mistura de sons que torna incompreensível.

(*Primeiro plano*): “Diverti: fique firme com o cumpleo” cantada, com acompanhamento de uma espécie de tuba e pratos (os pratos se ouvem ora em um ouvido, ora no outro, dando noção espacial, apesar de a gravação ser mono (pista única)). Parece ter voz masculina e feminina em dueto, em uníssono notando-se mais de um tom (mas altamente sincronizados parecendo um só com tom duplo).

(*Primeiro plano*): “Fuma pó de risco que diz por ti”. (Não se sabe o que é “fumar pó de risco”).

(*Segundo plano*): O Valdo tá doente. Contato progressivo. (Eis aqui o surgimento de **fato novo**, que nem o autor suspeitava, a ser confirmado brevemente pela realidade que se concretiza. Fato novo em uma gravação inalterada significa muito: que as informações não vêm apenas da gravação original. Há, pois, um outro caminho.)

(*Primeiro plano*): **Equilíbrio**. *Deita, que é tarde*. Tem a dizer Guilherme (com eco). **Nota**: foram quatro vezes sequenciais para compor a mensagem. (02:50:58)

A figura seguinte dá uma noção gráfica desta expressão a quatro vezes:

Equilíbrio. Deita, que é tarde. Tem a dizer Guilherme.

Data: 14/11/21

(22:42:34) **Nota**: “O Valdo tá doente” da expressão na data acima se mostrou certa ao extremo. Na hora, não tendo percebido nada de anormal, o autor ficou pensando sobre qual doença se referiam, visto que tem muitos problemas. Mas tendo passado pouco tempo já deu para perceber a exatidão de algo que ele nem suspeitava: realmente estava doente, de um forte resfriado ou de uma gripe comum, com intensa coriza, espirros constantes e violentos, um pouco de febre, bem como um sono interminável. Passou todo dia na cama e o sono não acabava nunca. Já estão completando 48 horas e ele muito para baixo. Mas, o que é realmente relevante é: **esta é a primeira confirmação real de fato novo neste áudio**, que foi gravado em 13/10/2021, finalizado o tratamento dos “spikes” em 16/10/2021, com alguns pequenos retoques nos primeiros dias e salvamento destes. Mas, a partir de 21/10/2021 não se retocou mais para evitar qualquer influência nas mensagens subsequentes.

Suspeitava-se, fortemente, que novas mensagens fossem criadas, mesmo sem tocar no áudio, que nunca mais foi salvo: somente era aberto para audição e fechado sem qualquer alteração. Esperava-se um fato novo, isto é, algo que ocorresse após a gravação, sendo impossível ter sido gravado por causa de sua inexistência na época da gravação do áudio inicial. Note que não se diz: “O Valdo vai ficar doente” ou “O Valdo ficará doente” mas sim “O Valdo está doente”, conjugado no presente. Esse fato novo prova, pelo menos para o autor, que informação nova tem sido acrescida significando que aquilo que se suspeitava estava correto. Não cabe tanta informação em um áudio de apenas uns 13 segundos de duração. Imaginar formas de embuti-lo de modo que se revele aos poucos ao longo do tempo é introduzir teorias que tendem a ser falaciosas. Assim, além da gravação inicial, o áudio fica suscetível de ser modificado ao longo do tempo, por acréscimo ou remodulação que, se não salvos, se perderão mas que provam que não é apenas na gravação inicial que informações surgem: basta o arquivo estar aberto para estar sujeito à influência. Tipicamente há uma parte fixa, que se repete, e outra volátil, mutável, apreciável em cada abertura do arquivo ou, como se prova acima, enquanto o arquivo estiver aberto. Basta estar aberto para estar sujeito à influência. O acesso à nova informação costuma se dar ao alterar a velocidade da reprodução, como se a gravação fosse realizada em camadas, embora nada garanta ser assim até porque é mutável como se provou ao repetir pequenos trechos. (23:26:01)

Data: 14/11/21

(23:30:01) Devido ao fato novo, registrado acima, repetiu-se, nesta data e hora, o reverso, registrado acima, em 13/11/2021. Nota: o autor continua doente, bem para baixo, com um sono enorme apesar de ter ficado a maior parte do tempo de cama (e se obrigando a tapar as narinas para conseguir essa repetição pois de outra forma seria muito complicado, já que estas mais parecem uma torneira com vazamentos.).

(Velocidade normal)

(*Primeiro plano*): “Você já pertence pra ela, pode te ajudar” que se entendeu em seguida como “você já pertence pra ela, tens coliquiá” → “você já pertence pra ela, podes coliquiá” que, visto de forma isolada, mostra sussurradamente: “superei, tens coliquiá” → “superei, vamos coliquiá”. Isso se dá pela supressão de tudo que vem após “pertence” ficando assim: ““**Você já pertence superei, vamos coliquiá**””.

(Primeiro plano): “Por que foi lá no correio?” que passou a ser entendida como “esqueça ou não no correio”. Há, bem grave, algo como “tudo” no espaço de “esqueça ou” e também junto a “-rreio” onde se ouve algo que se parece com “tútu’ ou “tu tu”.

(Primeiro plano): Instituto da “bêstuari”.

(Segundo plano): Não leva ao trabalho

(Primeiro plano): No fundo tá “perdivo”.

(Segundo plano): Não é pra levar. Repetindo-se muitas vezes há uma fusão do primeiro plano com o segundo, com o segundo ganhando status de primeiro, assim: “no fundo é para levar”, com duas vezes masculinas, a primeira mais grave que a segunda.

(Primeiro plano): Com firme puseste.

(Segundo plano): “Com amor”, “O Valdo tá aqui”. Este “O Valdo tá aqui” também pode ser entendido como “Volta aqui!”. É preciso notar que “com firme, puseste” é masculina, “com amor” parece um coro em outro tom, aparentemente feminino e “O Valdo tá aqui” é bastante aguda, ou seja, feminina, aparentemente em coro de adultos.

(Primeiro plano): Como há experiências! → O Marconato! → como há experiências! → O Marconato! (...) que se repete aleatoriamente, ou seja, não há um padrão.

(Segundo plano): O Marconato! (Primeiro e segundo plano em dueto, às vezes dizendo a mesma coisa, as vezes não, mas o segundo plano sempre diz a mesma coisa.)

(Segundo plano, quase sussurrada): “Levante!” na parte inicial da sentença “como há expe-” seguido, muito grave, no final com algo que se parece com “tu”.

(Parte final da mensagem): Difícil de distinguir, nesta velocidade, por ser muito rápida, meia metálica. Há perspectivas, com “mi” = “me”:

- Pêsame
- Beija-me
- Deixa-me.
- Te vira.

(Velocidade 73%)

(Primeiro plano, masculina, grave): “Deixa eu conhecer”.

(Sussurrada): “Eu te amo mexicana” (com mexicana em feminino, “eu te amo” é mistura que parece incluir voz masculina). “Temos apoio em nós”

(Primeiro plano): “Este nunca tá a pedir-te → que se entendeu como “externei que fale, acredite” (com um som de “acompanhamento”

parecendo de uma tuba) → “Esta noite fale, acredite” → “Esta noite vai, acredite” → “Esta noite cai, acredite” → “Esta noite sai, acredite” → “Estarei com pai, acredite” → “Estarei com pai a pedir-te” → “Estarei ocupado a pedir-te”. **No fundo, aparece:** “mais saúde!”

(*Primeiro plano*): Instituto da “bêstuari”.

(*Segundo plano, meio metalizada, feminina, com eco*): Marconato, te abençoarei.

(*Primeiro plano*): No fundo tá “perdivo”.

(*Segundo plano*): Papai (junto com “no fundo”) que se entendeu como “rapaiz” seguido por “conjurai” sussurrada, junto com “-divo” de “perdivo”) que se entendeu, no conjunto completo, como: “O Valdo. Conjurai”, como se fosse; “**no fundo o Valdo tá perdivo: conjurai!**”

(*Primeiro plano*): Com firme repuseste.

(*Segundo plano*): O fato repudiaste (que ficou do primeiro plano, com “o fato re-” masculina, igual do primeiro plano e “-pudiaste” sequenciada, meio silabada, em outro tom, como se fosse um software falador (masculina, meio metalizada, em tom mais agudo).

(*Primeiro plano*): “Como há experiências” → Dos Marconatos!

(*Segundo plano*): Este é dos Marconatos! (*Primeiro plano e segundo se confundem no primeiro e dizem a mesma coisa com diferença de tom, em dueto uníssono. Ouve-se, no fundo, o seguinte: “Suficiente!”.* O interessante é que a expressão se reduziu para “Dos Marconatos!”

(*Parte final da mensagem*): Difícil de distinguir, nesta velocidade, por ser muito rápida, meia metálica. Há perspectivas, com “mi” = “me”:

- Pêsame
- Beija-me
- Deixa-me.
- Pra ela → Panela (nesta data minha cunhada deixou uma panela no fogão aqui em casa para ser uma surpresa ao filho dela que estava de aniversário. No início estranhei tal panela, colocada enquanto eu estava deitado, com protetor de ouvidos, de modo que nada notei. Estava quente e em processo de elaboração de algum preparado.) (Nota: constitui fato novo também mas, devido às perspectivas possíveis, perde o valor de prova pois não é inequívoco.)

(Velocidade 40%):

(*Primeiro plano*): O que quero (com um “erre” de “quero” meio aspirado, masculino) podendo também ser entendida como “o que berro”. A expressão completa diz: O que quero deslanchar.

(*Sussurrado, masculina*): Eu te amo mexicana, te amo até a morte

(*Segundo plano, feminina*) “Vem amor” entre “amo” e “até” da expressão acima, ficando assim: “Tento deslanchar: eu te amo mexicana, te amo, vem amor, tér a moça” onde “tér” é agudo no estilo nordestino. O que parecia ser “até a morte” aqui, de forma destacada, se revela “tér a moça”.

(*Primeiro plano, sussurrada, quase cavernosa, mistura de masculina e feminina*): Neste tempo meus alunos pegue-o → peque-o → “peguiri” → “préfiru” → “préviru” → “préviram” → “pegam víru” → “traduziram” → “próduziram” (*Segundo plano*: com dinheiro → o lixeiro → hoje cheiro → outro cheiro (*junto com algo que se parece*: pra variar → caviar).

(*Primeiro plano, dueto masculino/feminino, cavernosa*): Mais difícil ver neste tal o ardor. (parece haver uma fala rápida de fundo mas que é incompreensível pois o primeiro plano se sobrepõe e nada se distingue.)

(*Primeiro plano*): “Diverti, desce o filme com cumpleo” com acompanhamento musicado, inclusive com pratos em que se escuta ora em um ouvido, ora em outro, apesar de o áudio ser mono (monopista, monoaural). Que após se escutou como “Diverti, quesse filme com cumpleo”. Na velocidade 29% ficou: “adverti com esse filme pouco vamos ser claro” (esse “vamos ser claro” só foi perceptível na velocidade 19%). Na verdade, em 19% há uma outra mensagem, com direito a segundo plano agudo, feminino, mais exatamente: é um dueto uníssono. (Na velocidade 19%: “Lutamos sucesso pro Valdo, prematuro, vamos ser claro”).

(*Primeiro plano*): “Tu mais qué ser risco por que quis partir”.

(*Segundo plano*): Tu não apoia (entre “risco” e “por que”). Ficaria assim a expressão: Tu mais qué ser risco, tu não apoia, por que quis partir. Ou, como se passou a entender: “Fumas pó de risco, tu não apoia, por que quis partir”.

(*Primeiro plano*): Este vídeo você vai comer (que se entendeu, como: Busque vídeo porque não vai comer).

(*Primeiro plano, metalizada*); Direto no ponto → tenderás inovar. (02:39:48)

Data: 17/11/21

(00:13:01) (Velocidade normal): Você já pertence pra ela, podes coloquiá.

(Velocidade 70%)

(*Primeiro plano*): “Você já pertence pra ela”. “Te ama, apoia a nós”

(sussurrada).

“Eu te amo” (estridente) mexicana (sussurrada), sempre (ríspida) (iniciada junto com “per-” de “pertence”).

A expressão total mudou antes de registrá-la, ficando assim:

“Você já perdeu” (masculina) mexicana (sussurrada). “Te ama, apoia a nós” (sussurrada). (Junto com “perdeu” aparece gritado “eu te amo”. O “Te ama, apoia a nós” passou a ser ouvida como “beleza, apoie nós”). A frase inteira ficou: “Você já perdeu (eu te amo) mexicana. Beleza, apoie nós”.

(Primeiro plano): Este nunca está a pedir-te → Este nunca está acredite → Este nunca está a agredir-te (com um acompanhamento que parece uma tuba).

(Primeiro plano, masculino): Instituto da “bêstuari”.

(Segundo plano, feminino, entrando como uma espécie de falatório em eco): Marconato, te abençoarei.

(Primeiro plano, masculino, grave): O fundo tá “perdivo”.

(Segundo plano, masculino, médio): O mais novo quer a guerra! (onde a pronúncia do “R’ de guerra é algo aspirada, pronúncia comum hoje em dia). (Nota: como ativista, tenho dificuldades para ver sem agir. Assim, ao pensar em agir já dizem que quero a guerra.)

(Primeiro plano): “O fato re-” (masculina grave) “repúdio te odiar-te” (masculina, média, meio sequenciada, como a pronúncia fosse silabada).

“O Valdo tá aqui” (iniciando junto com “o” de “odiar-te”)

(Primeiro plano): Como há experiências! → Este é dos Marconatos!

(Segundo plano): “Este é dos Marconatos!”. Suficiente! (voz metalizada e rápida.)

(Primeiro plano): É tudo muito rápido e se pode entender qualquer coisa neste lugar. Neste momento se entende “a maconha”, que já se entendeu como “pra quem ama’ → “pra cama!” → “me chama!” → “de cama”.

(Velocidade 50%):

(Primeiro plano): Você tá a perder: eu te amo mexicana, te amo até a morte → tempo pra rever: se eu te amo mexicana, te ama, ela apoia a nós. Esse “te ama” de “te ama, ela apoia a nós” vem como uma “bigornada”. Trata-se de um som confuso mas escutando-se repetidamente, de forma isolada, aparece “Sandrinha” e, na velocidade 40% “brinde-lhe” ficando “brinde-lhe até a nós”. (Com respeito à “Sandrinha”, o autor não sabe de quem estão falando. Somente conhece uma pessoa por “Sandrinha” (que é casada e tem filhos). Afora essa, conheceu mais duas pessoas com nome “Sandra”. Até onde o autor sabe, somente essas (sem considerar uma famosa apresentadora de TV).)

(Primeiro plano, velocidade 40% ou 50%): Você tá perdido com o teu

banho.

(*Primeiro plano*, masculino, velocidade 50%): Nas portâncias ter neste ardor. (Esse “ardor” é difícil de definir se é isso mesmo.)

(*Segundo plano vem em eco*, feminino): Marconatas (o restante se confunde com o primeiro plano)

(Velocidade em 26%): Quando gentilmente gruda, vem com o Mário número 11, vem! (Este “número 11” aparenta ter sido criada com instrumentos musicais e não voz humana pela forma harmoniosa, melodiosa como aparece. Em outras palavras, uma sequência tal de notas permite entender exatamente como se fosse falado por alguém. Fica a dúvida se é voz humana misturada com instrumentos ou apenas instrumentos).

(Velocidade em 50%): No fundo está com “mevo” (cantada, voz grave, com acompanhamento tipo tuba. Há coro ou dueto quase uníssono, voz média) (O autor não sabe o que é “mevo”. Seguramente não é “medo”. Na velocidade 36% apareceu “burrêncio” (como *perspectiva 1*) ou “vai estar” (como *perspectiva 2*).

(*Primeiro plano*): Fuma pó de risco porque quis partir.

(*Primeiro plano*): Muito feliz “modo on” já vai comer. (Na velocidade 33%: “nu disciplismo verde banho urgente”). (**Nota:** devido a ter ficado doente, muito mal, como relatado anteriormente, o autor “abortou” o banho no domingo, mudando a sua estratégia neste quesito.)

(Velocidade 50%): direto ao ponto → (Velocidade 33%): Neto bom. (02:29:12)

Pergunta feita ao além:

Este é um exemplo de anotação para os parlamentares

Reverso da pergunta feita ao além:

Nota: tal reverso tem sido desprezado por pura falta de tempo mas parece também conter conteúdo. (Na realidade, não houve qualquer influência dos falecidos no reverso da pergunta feita. O que se ouve é

o reverso da pergunta feita que, coincidentemente, parece conter algo relevante, *só parece* mas nada contém.)

Dia 28/10/21 (02:06:35)

(Velocidade 60%): Será que o WhatsApp não “xão” os mesmo pra “zoarritse”?

(02:22:19)

Dia 30/10/21 (00:20:37)

(Velocidade 65%): Será que o WhatsApp “mâxê” os mesmo pra “zoarritse”?

(Velocidade 95%): Será que o WhatsApp não são os mesmo pra “zoarritse”?

(Velocidade 51%): Será que o WhatsApp não “xão” os mesmo pra “zoarritse”? (00:33:51)

Dia 01/11/21 (23:11:06)

(Velocidade normal): Será que o WhatsApp não são os mesmo pra “zoarritse”?

Dia 02/11/21 (00:44:15)

(Velocidade normal e em 50%): Será que o WhatsApp não são os mesmo pra “zoarritse”?

Dia 07/11/21 (00:33:11)

(Velocidade normal): Será que o WhatsApp não são os mesmo pra “zoarritse”?

Dia 11/11/21 (00:36:06)

(Velocidade normal): Será que o WhatsApp não são os mesmo pra “zoarritse”?

(00:36:48)

Dia 13/11/21 (00:05:59)

(Velocidade normal): Será que o WhatsApp não são os mesmo pra “zoarritse”? (00:07:48)

O CONTEÚDO (MENSAGEM) DO ORIGINAL

(Sim, ele existe!)

Nota 1: De fato, o original existe mesmo. Mas este “original” é o original, a versão inicial, aquela em que não foi removido nem o ruído de fundo. O conteúdo acima não apenas é filtrado mas também recebeu um certo tratamento de “*spikes*” e conseqüente salvamento. Ou seja, o conteúdo da mensagem acima é posterior ao original por causa das manipulações iniciais. Esta é a principal causa da discrepância entre o original e o conteúdo inicial das mensagens acima.

Nota 2: Será visto no conteúdo do original que o uso deste, tal qual está, é impraticável, necessitando, pelo menos, de uma filtragem de ruído inicial.

Nota 3: O baixo nível do sinal dificulta a sua interpretação. A presença de inúmeros “*spikes*”, idem.

Nota 4: Há uma inversão de fluxo entre o conteúdo acima e o conteúdo do original. O que era fluxo reverso no conteúdo acima é encontrado como fluxo normal no original. Isso tem suas implicações.

Fluxo normal

Pergunta feita ao além:

12/12/21 10:03:50 (nota: esta data se refere à data da transcrição, não à da gravação.)

Este é um exemplo de anotação para os parlamentares
(10:04:19)

Fluxo reverso

Dia 12/12/21 (10:05:22) (nota: esta data se refere à data da transcrição, não à da gravação.)

(Velocidade normal): Será que o WhatsApp não são os mesmo pra “zoarritse”? (10:06:14)

Resposta dos falecidos:

Não foi possível transcrever a resposta dos falecidos diretamente do arquivo original pelos seguintes motivos:

- Excesso de ruído de todo tipo, inclusive um “huummmmm” com intensidade suficiente para encobrir todos os sinais mais fracos.
- Nível do sinal útil (a resposta dos falecidos) muito baixo, parecendo sussurrada, com grande dificuldade de interpretação. Em casos assim, o grau de erro aumenta muito pela dificuldade em discernir sons, pois o sinal fica praticamente no mesmo nível do ruído, se sobressaindo em alguns pontos, sendo encoberto em outros.

Solução adotada:

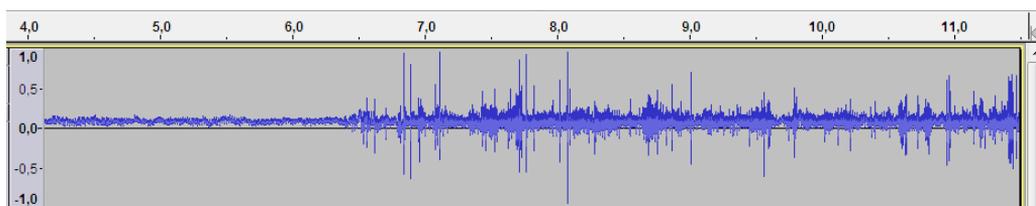
Fazer uma cópia do original pelo gerenciador de arquivos do sistema operacional do computador e trabalhar nesta cópia, sem alterar o original.

Trabalhando na cópia do original:

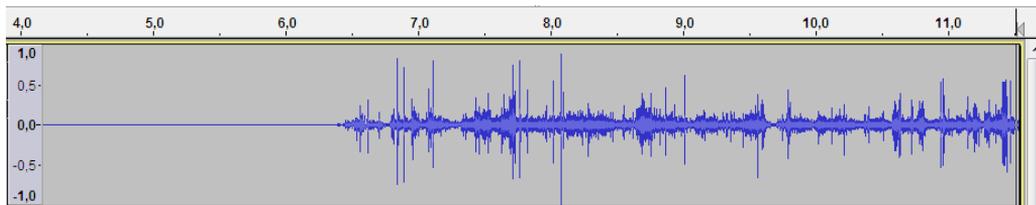
Primeira alteração: Redução do ruído.

10:26:30 (Velocidade normal): Você já pertence pra ela, pode “coliquiá”

Nota: Este conteúdo pertence ao fluxo reverso, conforme consta do conteúdo acima. Só que está no fluxo normal. Por isso as figuras seguintes fazem uma comparação entre o início da resposta dos falecidos no original e na cópia (guie-se pelos “spikes”, veja se são os mesmos (ou não) em ambas as figuras).

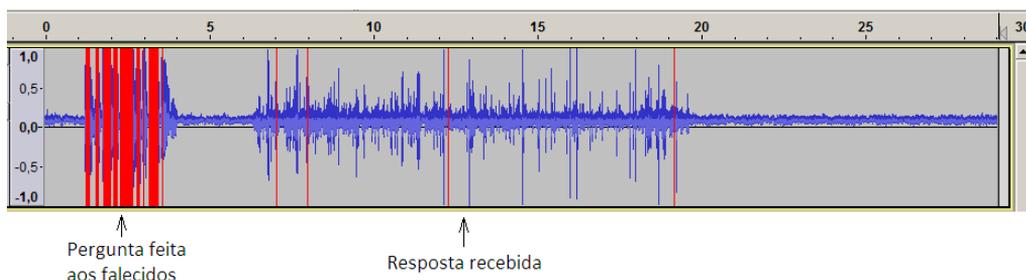


Início da resposta dos falecidos (no original, 12/12/2021)



Início da resposta dos falecidos (na cópia do original, com redução de ruído, em 12/12/2021)

Compare com a imagem da figura seguinte, que foi elaborada para servir como parte de um guia didático destinado a ensinar a se comunicar com os falecidos (Nota: foi esquecido de registrar a hora neste ponto.):



Veja, neste caso, que os picos de sinal estão indicados em vermelho. Note que ao abrir o original tais marcações em vermelho não existem. Acontece que, logo após a gravação, antes mesmo de salvá-la, o software destaca marcando com vermelho os sinais excessivos (em geral, os picos). Ao fechar e abrir tais arquivos, o software automaticamente se adapta e não mais indica tais excessos, por isso a discrepância acima, onde, no original (que permanece intocado em termos de modificações) não mais se visualizam tais excessos, embora lá estejam. Uma coisa é a gravação (e o respectivo tratamento que pode ser dado ao conteúdo gravado por quem o gravou), outra é a reprodução, onde o software se adapta ao que encontrou ao abri-lo.

Veja que o início da resposta dos falecidos, em todos os casos, é idêntica, de onde não se poderia captar uma informação que é do fluxo reverso ao reproduzir no fluxo normal. Ao escutar o original, justamente nesse início, apesar de a grande dificuldade para entender por causa do ruído e baixo nível do sinal, se verifica que o conteúdo é exatamente aquele captado na cópia como transcrito acima, ou seja, a cópia do original não reverteu os fluxos. 11:05:57

(Continuando):

Primeira alteração: Redução do ruído.

10:26:30 (Velocidade normal): Você já pertence pra ela, pode “coliquiá” (11:05:57)

11:07:54 (Velocidade normal): Você já pertence pra ela, pode “coliquiá”. Por que foi lá no correio? (Há conteúdo no segundo plano mas não se consegue interpretá-lo, um deles parecendo “túdu, tudó”.)

(Primeiro plano): Instituto da “bêstuari”.

(Segundo plano): Não leva ao trabalho (Durando tanto quanto a expressão acima).

(Primeiro plano): No fundo ta “perdivo”.

(Segundo plano): Não é pra levar (Durando tanto quanto a expressão acima). O primeiro plano mudou para “no fundo tá de novo”. O “de novo” perdeu intensidade e “é pra levar” assumiu o seu lugar em intensidade, ou seja, permutou-se a intensidade, “trocando de plano”, embora todos se ouçam ao mesmo tempo. A informação preponderante diz “no fundo é pra levar” mas também é possível escutar ambas na forma não misturada.

(Primeiro plano, masculina média/grave): Com fir-me, puseste.

(Segundo plano): Com amor (Durando tanto quanto “com fir-me” da expressão acima) “com amor” vem em dueto (aparentemente feminino + masculina média/aguda). O Valdo tá aqui (Durando tanto quanto “puseste” da expressão acima), “o Valdo tá aqui” vem em dueto feminino. De forma continuada ficaria “Com amor, o Valdo tá aqui”.

(Primeiro plano): Como há experiências.

(Segundo plano): O Marconato! (Com final sibilado parecendo um “s” mas pode ocultar outra coisa).

Nota: o primeiro plano começou com “como há experiências”, mudou para “o Marconato” e ficou oscilando entre ambas, de forma aleatória, se fixando em “o Marconato”. O segundo plano não variou.

(Parte final da mensagem): (Não se consegue entender o que está sendo dito).11:45:45

11:51:51 (Velocidade 80%): Você já pertence pra ela, pode “coliquiá”. “Você já” em masculina grave normal. “tence pra ela, pode “coliquiá”” vem sussurrada. “per” de “pertence” vem como transição entre normal e sussurrada.. O “ten” de “pertence” tem mensagem embutida, parecendo nesta velocidade como o “crau” de um “corvo”. O pertence soa como “pêrténcê” com “e” final mudo.

(Primeiro plano, masculina aguda com dueto chioso): Por que foi lá no correio? (Há conteúdo no segundo plano mas não se consegue

interpretá-lo, um deles parecendo “túdu, tudó” (o primeiro lento e o segundo mais rápido)).

(*Primeiro plano*): Instituto da “bêstuari”.

(*Segundo plano*): Não se consegue entender direito mas se suspeita, pelo que se consegue ouvir, que diz algo parecido com “Marconato, te abençoarei”.

(*Primeiro plano*): O mundo tá “perdivo”.

(*Segundo plano*): Não é pra de barro (“r” pronunciado aspirado como se dissessem “baho” como o “h” aspirado do inglês, pronúncia comum para o “R” atualmente). “tá perdivo” do primeiro plano sumiu e “pra de barro”, que se passou a entender como “pra de baxo”, se tornou primeiro plano, de modo que o conjunto passou a ser entendido como “o mundo pra de baxo” → “o mundo tra de baxo” → “o mundo traz de baxo”.

(*Novo segundo plano*): Louça lavar. Com o segundo plano anterior migrando para o primeiro, este “novo segundo plano” traz **fato** recentíssimo, ou seja, conteúdo **novó**: a necessidade de lavar a louça: explicando, quem costumeiramente lava a louça é a irmã do autor. Mas tendo ela viajado para fazer adaptação de um novo aparelho que necessita, sobrou para o autor lavar a louça. Como o autor lavou toda casa no dia anterior (limpeza das paredes externas, comum no final de ano), indo até tarde da noite, simplesmente deixou a louça para lavar hoje. Por isso o cobram para lavar a louça, algo que é conteúdo novo, não poderia estar na gravação original de 13 de novembro passado. Nesta altura, no primeiro plano, voltou “o mundo tá perdivo” com o segundo plano dizendo “louça lavar”. Parece que, ao mudar o foco da concentração, volta-se a se ouvir a gravação inicial do trecho em primeiro plano.

(*Primeiro plano*): Com fir-me (pausa) puseste.

(*Segundo plano*): Com amor. O Valdo tá aqui. (Igual ao que se ouvia na velocidade normal.)

(*Primeiro plano*): Como há experiências.

(*Segundo plano*): “Os Marconatos”. O primeiro plano passou a dizer a mesma coisa, sendo que o resultado final aparenta ter eco. Há um final sibilante.

(*Parte final da mensagem*): (Não foi possível, nesta velocidade, entender de forma inequívoca o que ali contém, mas há algo ali.)
12:39:26

12:40:46 (Velocidade 60%): Você já pertence pra Anna, te ama, apoia a nós (nota: Anna é o nome da mãe do autor, já falecida). “Você já” aparece como masculina, normal, tendendo para cavernosa por causa da velocidade. O restante vem sussurrado. O “te” de “te ama” soa como

uma “bigornada” (que o corretor ortográfico do processador de texto sugere ser “abigornada”, termo que o autor nunca ouviu) ou uma batida forte em ferro para tentar endireitá-lo.

(*Primeiro plano*): Este nunca está

(*Perspectiva 1*): acredite (tem sons demais para caber neste vocábulo).

(*Perspectiva 2*): agredir-te (parece ter sons demais para caber também aqui). (Há uma espécie de acompanhamento em dueto chioso.)

(*Segundo plano, muito grave, lenta*): O microfone. Ô, Zé! (Tal segundo plano se tornou o primeiro plano).

(*Novo segundo plano*): O conteúdo chioso passou, de forma sussurrada a dizer: “pega o microfone também!” (ou seja, fazer novas gravações).

(*Primeiro plano*): Instituto quer “dêstilar”. Esse “dêstilar” vem, em primeiro plano com masculina, algo grave em dueto com uma ou mais vozes femininas, levemente deslocadas, dando um efeito de eco. Parece tem mais de uma voz feminina. De qualquer maneira, “destilar” parece ser “deste lar”, sem pausa, emendando tudo. Revendo o trecho todo, tem-se: “Instituto (pausa) que é deste lar”.

(*Segundo plano, feminina média*): Marconato (normal) expliquei (em eco, meio silabada, precisando selecionar o trecho para entender). Em seguida vem “deixa amor” com um aparente primeiro plano masculino médio acompanhado por feminino médio-agudo em dueto.

(*Primeiro plano*): No fundo tá perdendo (masculina muito grave).

(*Segundo plano, masculina aguda*): Liga de novo, nega não vem. (Nota: “nega” é o apelido dos familiares para a irmã do autor que viajou para testar um novo aparelho. Ela não é negra mas branquíssima, trata-se apenas de um apelido dado desde criança. De qualquer forma, consistiria um fato novo, visto que ela foi viajar agora, no dia 10/11/2021. Quanto ao “liga de novo”, não se sabe porque “ligar de novo”, quem vai “ligar de novo”? O autor não usa celular, portanto não sabe quem recebe(u) alguma ligação.)

(*Primeiro plano*): O fato “reim” pro grupo que “trouxer-te”. (Não deu para captar o sentido exato do trecho em primeiro plano.) Ao tentar escutar o segundo plano, de forma selecionada, eis que o primeiro plano passou a ser entendido diferentemente: Voto sim (iniciado por um ruído típico de um microfone ligado que “rola” um pouco na mesa ao ser agarrado).

(*Segundo plano*): Amar é óbvio (no mesmo lugar do primeiro plano até “sim” da expressão anterior). Note-se que, no momento, sumiu tudo, exceto o “sim” no primeiro plano para este trecho. Apenas que é dito “âmar”, fechado no início, em vez de “amar”. Ao tentar mais uma vez, tem-se: “tu vai em rádio” (segundo plano) com o primeiro plano dizendo “participo”. Assim, não é “amar é óbvio” e sim “tu vai em rádio”. Da

mesma forma, no primeiro plano, não é “o fato “reim”” e sim, “participo”. Quando há dificuldades para entender, o conteúdo pode ser outro. De forma selecionada, realmente se ouviu assim mas, selecionando o trecho inteiro, se ouviu como no início. É muito dinâmico.

(*Primeiro plano, masculina aguda*): Este mundo dá o reverso que se passou a entender como “estimula dar o reversos”. No final há algo no segundo plano que não se conseguiu interpretar.

(*Parte final da mensagem*): (Não foi possível interpretar nesta velocidade).

15:31:39 (Velocidade 40%): O tempo quer fechar (*voz grave*).

(*Segundo plano*): Custeia (*voz parecida com aquelas que se ouvem nos “tweeters”*). Surge após “fechar” na expressão acima mas antes da retomada do primeiro plano).

(*Primeiro plano*): Te amo mexicana (“te amo” em masculina, grave e “mexicana” em feminina sussurrada. Mas, ao seccionar tal trecho, não se consegue interpretar o seu conteúdo coerentemente, devido a profusão de sons. O segundo plano começa com “custeia” seguido pelo primeiro plano que parece dizer “calmo” onde deveria estar “te amo”, seguido por “psique” Ana onde deveria estar “mexicana”. O Ana vem destacado, ou seja, não poderia estar ligado a sílabas anteriores, como em “mexicana”. Ademais, Ana é pronunciada como se fosse Anna, com “N” dobrado, ou seja, “An + na”. A falecida mãe do autor tinha justamente este nome (de origem polonesa, onde ambos os “n” se pronunciam distintamente). “Psique” parece se referir à alma, ao espírito ou, como se diz em algumas literaturas mais técnicas: “psique”).

Revedo o trecho, que está bem complicado, tem-se: Custeia (*segundo plano*) caro (*primeiro plano*) vestido (*segundo plano*) com renda (no local onde estaria Anna. A pronúncia se aproxima de “currenda”, sussurrada, chiosa, em uníssono feminino, que se entendeu a seguir como “purém dá”). Segue-se “te amo, vem até a nós”. Este último trecho está em dueto masculino/feminino, meio sussurrado, onde o masculino é normal e o feminino meio melodioso. O feminino vai sumindo no final, isto é, está em fading, embora iniciou sem tal recurso. O trecho total ficaria mais ou menos “custeia caro vestido, porém dá. Te amo, vem até a nós”. Isto, no lugar onde se entendia anteriormente (ver mensagens anteriores ao do arquivo original) como “Se te amo mexicana, te amo até a morte”. Este “te amo até a morte” passou a ser entendido como “te ama, apoia a nós”. Agora passou a ser entendida como “te amo, venha, apoia a nós”. E assim, o trecho todo ficou alterado, novamente, para:

“custeia caro vestido, porém dá. Te amo, venha, apoia a nós”. Este “te amo” inicia como se fosse uma batida forte de um portão.

(*Primeiro plano*): Você tem perdido (...)

(*Segundo plano*): Buscando (...)

O trecho está tão complicado de entender que se apelou para uma segunda alteração.

(16:51:06) Segunda alteração:

Copiou-se o trecho para o clipboard. A seguir tal seleção copiada foi colada em uma nova instância do *Audacity*, onde foi normalizado para aumentar o nível, pois o segundo plano está muito baixo. O problema é que aumentou tudo, até o primeiro plano. A confusão ficou com nível de sinal aumentado.

(*Segundo plano*): Buscando (“ver um antídoto”, pelo que parecia). Não teve jeito, foi preciso outra alteração, deste vez de velocidade:

(16:58:29) Terceira alteração:

Alterado a velocidade para 36%, somente no trecho da segunda instância do *Audacity*. Não se tocou na cópia do original. A informação alterou antes de anotá-la, gerando confusão. Repetiu-se o processo em uma outra instância do *Audacity*. O resultado:

(*Segundo plano*): Buscando neném perdido (que se mostrou complicado, ainda). O trecho completo foi copiado para a última instância, normalizado e, mesmo assim, foi preciso atuar por seleção. O resultado:

(*Segundo plano*): Buscando em mente (em dueto onde participam, pelo menos, uma voz masculina, média, sussurrada com outra feminina, normal, bastante aguda mesmo nesta velocidade (36% na última instância) seguido por “disputô” (com voz aguda, quase metálica), seguida por “tremenda” (esse “tremenda” vem tremida, como se fosse modulada por um som oriundo do quicar continuado de um objeto numa mesa, como o que seria causado por uma mola que se soltasse levando um objeto a ficar golpeando outro ao seu alcance, repetidamente. Este

“disputô”, que já se entendeu de diversas outras formas mas não se conseguiu registrar, devido a complexidade do trecho e sua mutabilidade, agora se entende por “disculpô. No lugar de “tremenda” está também “pesadelo”). Termina o trecho com “emeo” que talvez seja “e-mail”. Mas tal som vem junto com um som de “matracar” de uma arma de repetição (ou de uma operação rápida e sequenciada de grampear madeira). Esse “emeo” passou a ser entendido como “erreo” que mudou para “correio” → “o reio”. (17:39:30)

Fechando as demais instâncias do Audacity, volta-se de onde se partiu, pelo menos é o que deveria esperar. Ao tentar escutar o trecho já selecionado, que foi copiado para outras instâncias, se encontra o seguinte:

(Velocidade 40%): Neste tempo meus alunos sonham. (Sim, a informação mudou de novo!). Entre “alunos” e “sonham” há um som típico de bola de bilhar (sinuca) ao entrar no buraco e se posicionar lá dentro.

(*Primeiro plano*): Vai numa agênci (há aqui um “*spike*” bem onde poderia estar um “a”) e tira (tudo acompanhado por um estranho som meio tremido) nesse “séalllido”. (Copiado para uma instância do Audacity, tal trecho, em 36% se revelou: “nesse saalllido”. Realmente, o autor foi em duas agências mas, somente na última, conseguiu tirar “nesse saldo” pois não ultrapassava o limite diário. Assim, constituiria fato novo, pois não há como, na gravação original, ter tal informação. No entanto, o autor faz isso todo mês, donde não se pode afirmar que tal informação seja desta data justamente por não citarem data alguma.) (18:06:27)

Saindo novamente da nova instância do Audacity, continua a transcrição.

(18:08:00) (Velocidade 40%) Ver (pausa) a “úti” quer que eu filme “com cumprimento” seguido por algo que pareceu “duelo” → “pro ralo” → “pro Valdo” → “pro ralo” (conjuntamente há um som que parece batida de um barrote em uma tábua (mas que parece dizer “toco” ou “loco” → “soco”))

(*Primeiro plano*): Voou (masculina, grave), se é que eu vi (masculina, média) pra fazer de ti (masculina, grave, lenta). Este último trecho, por parecer haver um segundo plano, foi copiado para uma nova instância do Audacity mas não se encontrou um segundo plano, apenas um fundo ruidoso. Novamente, de volta ao normal.

(18:26:54) (*Primeiro plano*) Gato fugiu de ti. (De fato, um gato preto do vizinho adentrou a casa (onde o autor mora) há pouquíssimo tempo. Vendo-o, o autor bateu as mãos uma contra a outra como quem bate palmas e o gato “se mandou”, ou seja, “fugiu do autor” (“fugiu de mim” se considerado em primeira pessoa). Isso aconteceu agorinha, faz alguns minutos, consistindo um fato novo que, obviamente, não poderia estar presente na gravação original, feita em novembro passado. Tal gato, por motivo ignorado, nos últimos tempos, deu de entrar na casa onde mora o autor.)

Comentário adicional: Esse mesmo gato, posteriormente, voltou a aparecer dentro da referida casa mas com um detalhe curioso: a porta estava fechada. Ao transitar aparentemente do quarto para a cozinha, passando pela sala, onde o autor estava no computador, eis que o gato passa pelo autor mas, ao lhe perceber, volta atrás. Então o autor levanta para espantá-lo para fora mas nota que a porta da cozinha, por onde poderia sair, estava fechada. Vai até ela e a abre, indo atrás do gato para espantá-lo para fora, através da porta. Mas eis que o procura por todos os lados, revirou a casa e nada do gato. Deve ter fugido por uma das janelas abertas (todas elas estavam). Parece que o gato adentrou a casa justamente pela janela. Digno de nota foi que não houve nenhum comentário, por parte dos falecidos, a este respeito, embora tal tenha acontecido quase nos final destes registros, ou seja, foi encerrado antes de que alguém pudesse inseri-lo posteriormente.

(*Primeiro plano*): Me explique (seguido por) “vân” ou “tu vâ” (meio gritado) que, por não se entender, copiou-se para uma instância do *Audacity* e, não conseguindo entender, foi sendo reduzida a velocidade até chegar em 29%. Continuou a dúvida sobre qual seria a interpretação correta. O que se encontrou, em voz sussurrada, foi “tu vem” em segundo plano, atrás do “vân”. Voltando de novo ao trecho, tem-se em seguida sussurrado “insigne” que é pronunciado como “insigne” ou “insigne”. O Trecho todo fica: Me explique: tu (vân/vem) insigne. O que se ouve, claramente, é o “vân”. O “vem” somente é perceptível baixando ainda mais a velocidade, como já citado acima.

(*Trecho final da mensagem*): Em som meio metalizado parece dizer algo como “pra lá nevô” ou “pra la levô”. Há dúvidas sobre a correta interpretação deste trecho, se é que é uma modulação. Somos tentados a tentar interpretar sons até onde não há modulação. De qualquer forma, a irmã do autor, ao viajar para se adaptar a um novo aparelho, levou junto

a outra irmã do autor, para que conheça tal cidade também. Esse “pra lá” vem de tal forma que parece uma sucessão de batidas em um tarol (18:59:44). O interessante é que tal “prá lá levô” se transformou em “pra lá eu já to indo”. Deve-se notar que o autor pretendia parar por aqui pois têm alguns afazeres para fazer na sequência antes de escurecer, de onde o “eu já tô indo” parece ecoar a mente do autor, ou seja, a intenção do autor de dar uma pausa. Isso, visto dessa forma, constituiria mais um fato novo.(19:06:03)

Ao parar, o autor teve que fechar a cópia do original. Acontece que, ao fazer isso, se obrigou a não salvar as alterações. Sendo assim, ao recomeçar, se torna necessário criar uma preparação mínima da cópia, ou seja, remover o ruído da gravação.

(23:58:30) (Velocidade 19%) É ruim (som sussurrado, quase metalizado). Hoje deu (som sussurrado, quase metalizado). Por eu (som sussurrado, quase metalizado). Descansa ô → descansa lo → Descansa loco (som roncante, como se estivesse em um ambiente trepidante, mais ou menos como quanto se grava de uma webcam fixada na CPU. Aos poucos foi sendo possível reconhecer uma voz que se destacava do ruído geral. Na verdade, o ruído era tanto que o sinal era muito menor que o ruído. O sussurrado, por ser agudo, era destacável do resto mas era de difícil reconhecimento, exigindo copiar para uma instância separada, fazer o tratamento de “spike” e normalização. Mesmo assim interpretar era complicado. Já o som grave, que acompanhava o ruído forte de baixa frequência, ao se destacar, era como se alguém estivesse falando ao som de fundo de um vulcão roncando continuamente. Nestas condições, a interpretação se torna extremamente difícil e recursos de manipulação em instâncias separadas são necessários. A pedido deles (dos falecidos) foi interrompido esta última passagem na velocidade de 19% (não se consegue fazer em 20% por limitação do programa), e a decisão de tal interrupção foi reconhecida ao piscar uma luz neste local (*na tela do monitor*. De fato, o autor viu uma luz piscar neste local, na tela do monitor, enquanto fazia suas anotações). (00:42:44)

É preciso notar que a eliminação do ruído, feito na cópia para que a mesma se tornasse minimamente interpretável não eliminou o ruído da gravação que faz parte dela, ou seja, o ronco de fundo que permeava toda gravação em 19%, como se fosse gravado ao som de um vulcão ativo por estar nas proximidades dele. Tal ruído estava junto do sinal (útil) e fora dele, era um ronco contínuo, meio trepidante, como quando as pás de uma hélice estão tortas, empenadas ou quando uma das pás

está quebrada, afetando o equilíbrio rotativo que se manifesta com intensa vibração. (00:52:38)

Reverso

(13/12/21) (23:07:58) (Velocidade normal)

(*Primeiro plano*): Simplesmente inaugurar o correio pra deixar correio por pior que for.

(*Segundo plano*): Valdo, volta à flor. (Iniciando em “-rreio” da expressão anterior até o final.)

(*Primeiro plano*): Prá fazer disso um sucesso (masculina média/grave).

(*Segundo plano*): Vai dar bom (iniciando em “di-” de “disso” indo até “-ce-” de “sucesso”, voz em tom mais agudo).

(*Primeiro plano*): Mais tomas. (pausa) Convide-se. (Voz masculina, grave).

(*Segundo plano*): Embarrigou-me (inciando no início da pausa e terminando em “-de-” de “convide-se” da expressão anterior).

(*Primeiro plano*): Eu vou assís (pausa) tir.

(*Segundo plano*): É guerra! (Iniciando no início da pausa e terminando no final da expressão anterior).

(*Primeiro plano*); Respire fundo (aparente dueto, mais agudo). (pausa) (incompreensível) Conhecimento. (Masculina, grave)

(*Segundo plano*): Com método! (Feminina – Iniciando e terminando na pausa da expressão anterior.)

(*Parte final da mensagem*): Admite várias perspectivas:

(*Perspectiva 1*): Esse é bom.

(*Perspectiva 2*): É Saigon.

(*Perspectiva 3*): Pra esse é bom.

(*Perspectiva 4*): Preço é bom.

(*Perspectiva 5*): Esse é “legum”. (Decididamente, nesta altura, já não se admite “esse é bom” nem “é saigon” nem “pra esse é bom” nem “preço é bom”, ou seja, o som mudou.) → Esse é bebum → Esse bebum → Recebe brum → Excede brum → Tem séde brum → Excede brum → recebe brum → Excede brum → Recebe brum → Excede brum → recebe brum → (Nesta altura, basta pensar em um destes últimos dois que é isso que se ouvirá). (23:36:27)

(23:36:56) (Velocidade 60%):

(*Início da mensagem*): Abafá. (Esse abafá é irreal visto que o “fá” é obtido usando justamente o início de “sim” de “simplesmente”.

Removendo tal trecho, some o “abafá” e fica algo bem reduzido, muito rápido e médio/agudo que se interpreta como: “aguenta!” mas que também se pode interpretar como “tá bem”. Na verdade, basta pensar em um deles para ouvir justamente isso.)

(*Primeiro plano*): Simplesmente inaugurar o correio (masculina, média, com eco).

(*Segundo plano*): As facas? (pausa) Já fiz! (Voz masculina, grave - “fa-” de “facas” tem uma contribuição gritada, aguda, como se fosse falada por um papagaio ao mesmo tempo. As facas inicia em “-men-” de “simplesmente” e termina em “-nau-” de “inaugurar”. “já fiz” inicia em “co-” e termina em “-rre-” de “correio” da expressão anterior.). Trata-se de um som todo confuso, complexo, por causa do eco.

(*Primeiro plano*): Insatisfeito o perco por tá sujo. (Desabafo por causa do comportamento do autor, reprovado por algum falecido.)

(*Segundo plano*): Ensaco! (junto com “insat-” de “insatisfeito” da expressão anterior. Deve-se notar que há algo mais, sendo necessário voltar parte da expressão anterior (“correio”) mas é muito difícil de dizer o que é: vem prolongada, em eco, parecendo algo como “teeerimmm”, antecedendo “ensaco”. Se notou porque o início de “ensaco” estava esquisito ficando difícil de garantir que fosse “en”. É como se fosse “nsaco” aproveitando o “in’ de “insatisfeito” → “insaco”.

(*Primeiro plano*): Assédio (masculina grave).

(*Segundo plano*): “Não parelho” junto da expressão “assédio” anterior. (Nota: faltou a aspa final em “parelho”, sendo inserida posteriormente, sem garantias de que o destaque deveria estar justamente ali.)

(Velocidade 61%) Lamentavelmente foi clicado inadvertidamente no cursor da velocidade e não se consegue mais colocar em 60%.

(*Segundo plano, sussurrado*): Diz o seu Luciar.

(*Primeiro plano*): Nunca esteve. (Pausa). Nunca insistiu.

(*Segundo plano*): Não varre onde (aparentemente feminina, sussurrada, dueto, do início da expressão anterior até antes do início de “nunca”) seguido por algo que vem meio soluçado dizendo aproximadamente “ezecessível” em voz feminina, aguda).

(*Primeiro plano*): Levou mais triste. (“Triste” é pronunciada lenta.)

(*Segundo plano*): O Valdo que erra! (começa em “triste” da expressão anterior, indo além dela).

(*Segundo plano*): O que se ouve de inicio se parece com “mésumdôtôr”. Há uma tendência de interpretar como “és um dotor”. Nessa altura se parece com “mésumotor” continuando com “cochilar”, voz normal, média/aguda, final com eco, prolongada ou em unísono onde se

desencontra no final. É muito barulhento, complexo e ainda tem o primeiro plano “em cima” de “cochilar”. Tal primeiro plano diz algo que se parece com “push báitâs” (com uma tendência de interpretar como “conhecimento!” em um momento e, em outro, como “você vai ter!” (nesse momento se percebeu que a velocidade estava em 68%, não se sabe o que aconteceu para essa discrepância). Reduzindo a velocidade para 25% esse “báitâs” se revela como “vai ter”. Antes disso não há nada, somente ruído. Prestando mais atenção ao ruído que parecia meio melodioso se encontra “hoje” bem lento, agudo, sussurrado, melodioso, ou seja: “hoje, vai ter!”.

(Velocidade 61%):

(*Primeiro plano*): Nesse assunto bom (masculina, grave. “Ne” de “nesse” vem como se houvesse uma introdução por sintetizador). (Por algum motivo, provavelmente irritação do autor, se esqueceu de registrar a hora, principalmente a hora final, quando se encerrou a transcrição.)

Nota: obviamente, se fosse dar continuidade à transcrição dos arquivos, novas mensagens seriam captadas por interpretação do autor (ou de quem se dispuser a tanto), tanto no original (e sua cópia) quanto nas versões manipuladas (devido ao tratamento do sinal: basicamente redução de ruído e equalização dos “spikes”).

COMPARAÇÃO DE CERTOS TRECHOS

(ORIGINAL (CÓPIA) versus MANIPULADO)

Na cópia do original, fluxo normal:

Dia 12/12/21

10:26:30 (Velocidade normal): Você já pertence pra ela, pode “coliquiá”

Na versão manipulada (filtragem + equalização de “spikes”). Fluxo reverso:

Data: 14/11/21

(23:30:01) Devido ao fato novo, registrado acima, repetiu-se, nesta data e hora, o reverso, registrado acima, em 13/11/2021. Nota: o autor continua doente, bem para baixo, com um sono enorme apesar de ter ficado a maior parte do tempo de cama (e se obrigando a tapar as narinas pois de outra forma seria muito complicado, já que estas mais parecem uma torneira com vazamentos.).

(Velocidade normal)

(*Primeiro plano*): “Você já pertence pra ela, pode te ajudar” **que se entendeu em seguida como** “você já pertence pra ela, tens coliquiá” → “você já pertence pra ela, podés coliquiá” **que, visto de forma isolada, mostra sussurradamente:** “superei, tens coliquiá” → “superei, vamos coliquiá”. **Isso se dá pela supressão de tudo que vem após “pertence” ficando assim:** “**Você já pertence superei, vamos coliquiá**”.

Na cópia do original, fluxo reverso:

(13/12/21) (23:07:58) (Velocidade normal)

(*Primeiro plano*): Simplesmente inaugurar o correio pra deixar correio por pior que for.

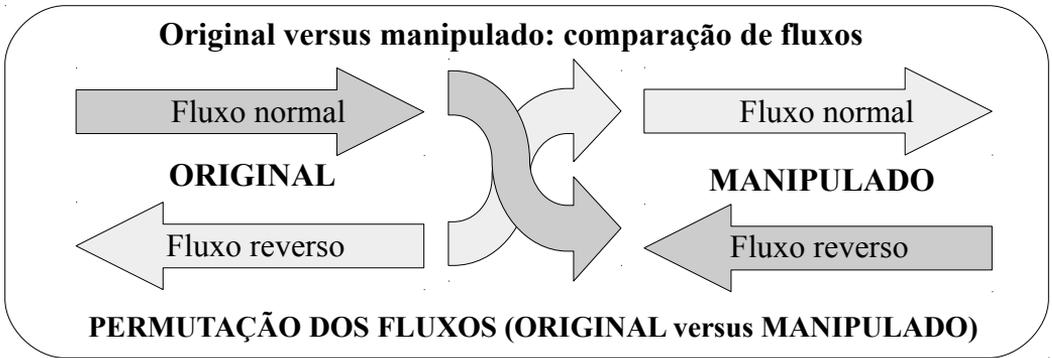
Na versão manipulada (filtragem + equalização de “spikes”). Fluxo normal:

Data: 02/11/21

(00:30:17) - (Velocidade normal): (**Início pouco claro na velocidade normal, omitido**) Simplesmente inaugurar o correio pra deixar correio por pior que for.

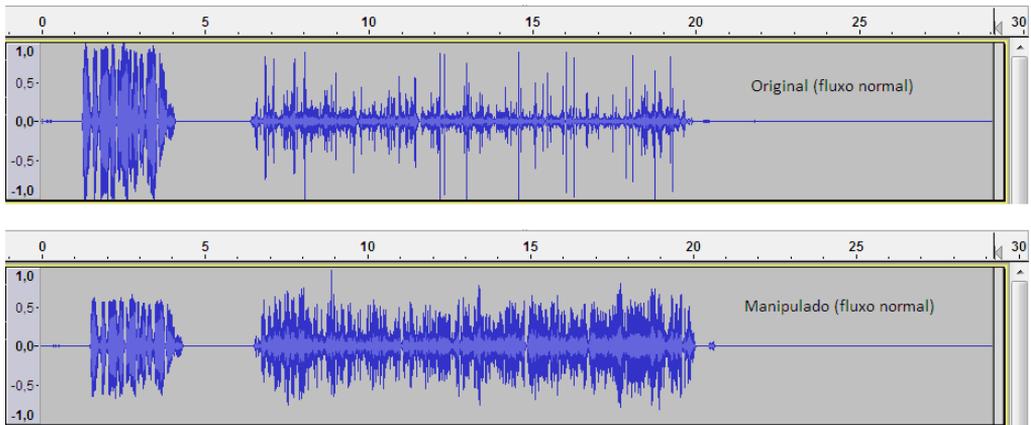
Fica evidente a reversão dos fluxos entre a versão original (cuja cópia por intermédio do gerenciador de arquivos do sistema operacional não alterou) e a versão dita “manipulada”, ou seja, aquela em que houve tratamento de sinal para torná-lo mais audível, basicamente filtragem de ruído e equalização dos “spikes”, sem o qual não se poderia aumentar o nível do sinal “útil” (o portador de informações → mensagens dos falecidos).

A figura seguinte mostra, de forma gráfica e didática, tal permuta de fluxos.



Note-se que, em termos físicos, ou seja, a distribuição dos bytes do sinal de áudio, ficou inalterada, pelo menos quando visto pelo aspecto visual, de forma global. Olhando para o sinal gráfico não se distingue a versão original filtrada (sem equalização dos “spikes”) da sua versão modificada (manipulada) exceto pela presença dos “spikes” no arquivo original e a falta deles (dos mais relevantes, dos mais perturbadores) no sinal manipulado, que foi normalizado.

Compare ambas as versões, original *versus* manipulada, observando a posição da pergunta feita aos falecidos, na figura seguinte. Eis:



Note que em ambos a “pergunta” aos falecidos fica à esquerda e a “resposta” deles fica à direita do gráfico representativo. Mas, ao escutá-los, na prática, eis que os fluxos são interpretados de forma inversa: o que é fluxo normal no arquivo original é fluxo reverso na versão com tratamento de sinal (redução de ruído, equalização de “*spikes*” mais relevantes e normalização).

Obviamente, não é obrigatório que isso aconteça mas, neste caso, foi o que aconteceu. Isso tem as suas implicações, que precisam ser aprofundadas mas que, a rigor, seria impossível de acontecer fisicamente, sem uma clara intenção, de natureza inteligente, a operar tal reversão. Até onde se sabe, sinais gravados não permutam o fluxo por si só. O que acostuma acontecer é a degradação da gravação, principalmente se a mesma usar suporte magnético (fitas magnéticas nos gravadores e discos magnéticos nos HD tradicionais. Não se testou com HD SSD.). Não se trata, aqui, de gravação degradada.

TERCEIRA PARTE

OUTRAS MENSAGENS DE CONTATO COM OS FALECIDOS

MENSAGENS ANTERIORES

AS PRIMEIRAS MENSAGENS GRAVADAS

MEDODOLOGIA USADA: PAPEL FARFALHANDO

Os detalhes das mensagens anteriores que, embora previamente gravadas, somente foram interpretadas posteriormente.

(Somente para maiores de idade)

ERECHIM – 2021/2022

Mensagem 01 (18/09/21)

Data de gravação: 2021/09/18

Nome dado ao arquivo:

2021-09-18 - normal não se entende - reverso parece 'mais cedo'.mp3

Fluxo normal

24/12/21 (00:19:44) (Velocidade 56%)

Difícil de entender. Volume aumentou sozinho por duas vezes. Aparentemente diz:

(Primeiro plano, masculina): “Foi quem quis”.

(Segundo plano, feminina): “Erro!” (junto de “quis” da expressão anterior.)

(Primeiro plano, masculina, velocidade 40%): “Correndo!” (junto de “banho” expressão seguinte.)

(Segundo plano, feminina, velocidade 56%): “Pra banho!”

Volume aumentou mais duas vezes sozinho. Com grande chance de erro de interpretação do conteúdo por ser muito difícil de interpretá-lo. (00:37:18)

Fluxo reverso

Muito difícil de entender.

(00:39:28) (Velocidade 80%): Aparentemente diz: “Vai de pêssego”.

(Velocidade 60%): Aparentemente diz a mesma coisa acima, difícil de entender.

(Velocidade 40%, masculina e feminina): “Iego mau. Séha. An. Produz”. (Aparentemente é isso que se ouve, com o “h” aspirado.)

(Velocidade 19%, masculinos): “O fogo vem” (“vem” parece ser um dueto dizendo “tleim” em que os “ee” são um “e” prolongado. Parece, mais ou menos, como se houvesse um “vem” junto de um “tem”. Nessa altura já se escuta: “O globo tle:im” onde os dois pontos indicam uma

prolongação da vogal anterior.)

(*Segundo plano*): “E havia” (em tom mais agudo, aparentemente masculino, começando mais ou menos em “-go” de “fogo” ou “-bo” de “globo” indo até o final de “tle:im”).

(*Primeiro plano*): “Ple:im” (muito confuso que, aos poucos foi ficando assim: “tu vem aí” (com voz média e aguda, talvez feminina.) → “Tu vem a risco” → “tu vem arisco” → “vem arisco” → “banha nisso” → “panha nisso” (o “pâ” vem como uma martelada, tal a entonação.) → “baionice” → “báionis” → “pái ô ni” → “pai do Nico” → “Vai dormir”).

(*Primeiro plano, arrastado*): “Filho”. (mais ou menos “fiiilhhoo”). (Aparentemente a mãe do autor pedindo para ele ir dormir pois era tarde e a cansaça era extrema.)

(*Primeiro plano*): Mais ou menos “narrô” com o “rr” aspirado.

(*Primeiro plano*): Mais ou menos “sorries” ou “orries”.

(Com chance de ter ocorrido um alto índice de erro de interpretação.)

(Faltou a hora de término mas era entre 1h30 e 2h da madrugada).

Nome dado ao segundo arquivo: 2021-09-18 -mesmo áudio - nova tentativa.mp3

Fluxo normal

(25/12/21) (08:04:37) (Velocidade normal)

Aparentemente diz: “Você tem”.

(*Perspectiva 1*): Pilha (“pilhá”).

(*Perspectiva 2*): Filha (“filhá”).

(*Perspectiva 3*): “Quilá → “que ir lá”.

(Velocidade 70%): “Você fez” (há um segundo plano, agudo, metálica, junto da palavra “fez” que não se consegue entender mas que se assemelha a “menos”. Há um ruído de fundo permeando todo áudio, quase da amplitude do sinal útil, do tipo “pipocar”, parecido com aqueles defeitos típicos em amplificadores de áudio que produzem um ruído pipocado.)

(*Perspectiva 1*): “Tudo”. (Há um segundo plano, agudo, metálico, que repete, em dueto a palavra “tudo”, levemente deslocado.)

(Velocidade 50%): Aqui será visto trecho por trecho:

(*Trecho inicial*): Ininterpretável.

(*Trecho 2*): “Please”.

(*Trecho 3*): “Iês” → “Yes”.

(*Trecho 4*): Começa com o segundo plano, agudo, metalizado, dizendo: “Fó banho” → “Só banho”. O primeiro plano ocorre junto de “banho” dizendo algo

como: “Cobom” com tendência de interpretar como “Ficou bom” mas que pode, em segunda perspectiva significar “Covão” → “Escovão”.)
(Velocidade 40%): Se parece com: “Serra *please, yes (iés)*, (Segundo plano: pó) (Segundo plano/primeiro plano: currendo”). Nota: o segundo plano, agudo, metálico, diz: “pó”. Em seguida, em dueto, primeiro e segundo plano dizem “currendo”, com “erre” aspirado, sendo primeiro plano grave, masculino.

Fluxo reverso

(25/12/21) (08:42:55) (Velocidade normal)

Se parece com: “Onde tre-pi-dô”.

(Velocidade 70%): “Onde pê-sse-go?”

(Velocidade 50%): “Ondeá pê-sse-go?” (→ “Onde há pêssego”). Mas que se parece, neste momento, com: “Onde a fé secô” (em dueto. Primeiro plano é agudo/feminino/metálico e segundo plano aparece em tom grave/masculino).

(Com chance de ter ocorrido um alto índice de erro de interpretação. Esta última frase parece ser a única que é coerente e bem interpretada.) (08:56:49)

Mensagem 02 (23/09/21)

Data de gravação: 2021/09/23

Nome dado ao arquivo: ver mais abaixo, após a interpretação inicial.

(Interpretação inicial)

(Voz normal)

Valdo:

“Nova tentativa”.

(Vozes paranormais)

Em primeiro plano:

Custou com metas de dente,

Em segundo plano, sussurrada:

Digamos volte na hora.

Em segundo plano, sussurrada:

Vai para o banho. ENDIREITA RÁPIDO!

Se deixa a ocorrência (em dueto com o primeiro plano).

Em primeiro plano:

Se deixa a ocorrência (em dueto com o segundo plano).

Em primeiro plano:

Modestifique-os

Em segundo plano, sussurrada:

Que legal!

Em primeiro plano:

Sempre foi

Em primeiro plano:

De novo se uma ocorrência se lhe ocorrer,

Em segundo plano, sussurrada:

O Valdo está vendo.

Em primeiro plano:

Disputante, importante,

Em segundo plano, sussurrada:

O Valdo está vendo ela.

Em primeiro plano:

Pode tão importante, entende...

Em segundo plano, sussurrada:

Grau de enamorado/ em vão de olhar.

Em primeiro plano:

Importante pra despedir.

Em segundo plano, sussurrada:

O Valdo está indo tomar banho na chuva.

TRECHO COM SOM APARENTEMENTE HOLOGRÁFICO

Em segundo plano, sussurrada:

Skol já está chegando, que lhe vem com um forró! (em dueto com primeiro plano).

Em primeiro plano (*perspectiva 1*):

Festas que lhe vem com um forró! (em dueto com o segundo plano) (continua abaixo com *tava portando (...)*, ou seja a perspectiva 1 se funde com a perspectiva 2, transitando para a esta, ambas no primeiro plano).

Em primeiro plano (*perspectiva 2*):

Estas que você tava portando, acaba importando.

FIM DO TRECHO APARENTEMENTE HOLOGRÁFICO

Em segundo plano, sussurrada:

Onde mulher amada?

Em primeiro plano:

Prá você.

Em primeiro plano:

É muito importante.

Em segundo plano, sussurrada:

É muito importante, pode falar-te, conversa com a mãe. Você.

(Nota: a mãe do autor é falecida.)

Reverso

“Valdo, teu cabelo, melhor tu lave camomila, lave o peito também. Te recolhe, te recolhe, tire o mal do sono. (O) Valdo (está) em cima de quem? O tio vai tomar banho. Eu vou torcer por (ai guti). Abre o portal de Valdo. Por que parou? Leva o nariz pelos Correios. Aguenta, eu vou curtir me erguer, já foi. Já foi lá pro açougue”.

“A gotinha estrago na panela/ avô tinha estado na (panela)/avô tinha registrado na Paraíba”.

“O Anderson está até nervosso”.

“Já tomou. Vai te responder. Vai com o espírito da boa vontade. Abre o portão”. (???)

(REFAZENDO)

Nome dado ao arquivo: 2021-09-23 CONTINUAR E REVISAR_1.mp3

Há dois arquivos, sendo um com a versão “fluxo normal” e outro com a versão “fluxo reverso”. Dito de outra forma, houve a reversão do fluxo, que acabou sendo salva, fixando-a. Ao salvar, pode conter informações distintas da versão normal, ou seja, ambos os arquivos podem diferir entre si, embora ambos sejam uma cópia espelhada (reversa), mas não completa, uma da outra.

(25/12/21) (09:44:46) (Velocidade normal):

Pergunta feia ao além: “Nova tentativa.”. (09:45:36)

Resposta obtida:

(09:46:24) (Velocidade normal)

(Primeiro plano, masculina, média): “Vem junto”.

(Segundo plano, media mais aguda): (Perspectiva 1): “Bêjo”.

(Perspectiva 2): “Vejo”. (Perspectiva 3): “Brêju”. (Neste ponto o volume aumentou sozinho.)

(Primeiro plano, masculina média): “Se ocorrências se lhe ocorrer”.

(Segundo plano, dueto em segundo plano, mais agudo): “Valdo tá com amor”. (Iniciando em “se” e terminando em “-rrer” de “ocorrer” da expressão acima.)

(Primeiro plano, masculina, média): “Disputante, porque”

(Segundo plano, mais aguda, aparente dueto em segundo plano, coincidindo com o “porque”). “O Valdo diz por quê. (Inicia em “-tan-” de importante, indo até o final da expressão acima).

(Primeiro plano): Neste local ocorre um trecho que não se consegue dizer o que é, assemelhando um pouco com microfonia (sem sê-la), algo metalizado, lembrando o “guinchar” de uma ave.

(Primeiro plano, masculina): “É muito importante, entende,”

(Segundo plano, um pouco mais aguda, quase sussurrada): “Não digue não” (“Não diga que não”).

(Primeiro plano, masculina média): “Importante pra despedi”.

(Segundo plano, aguda, continua após a mensagem anterior): “Este homem concorda”. Continua o segundo plano como que em coro em que há pelo menos duas vozes, a dizer (perspectiva 1): “Volta a me ver”.

(Primeiro plano, masculina, media): “Eix” “que de importante 'caba' portando”.

(Segundo plano, média um pouco mais aguda): “Conta!” (Junto de “-ndo” de “portando” da expressão anterior.)

(Primeiro plano, masculina, média): “Acaba importando, (Segundo plano, continua: “Pro Va”). (Com trecho selecionado mais amplo se entendeu: “de hoje não pode”, neste caso dueto primeiro/segundo plano.)

(Primeiro plano, masculina, média): “Entende?”.

(Segundo plano, quase sussurrada): “Onde chamada?”.

(Primeiro plano, final): “Porque”. (O áudio está truncado, como se este arquivo fosse uma seleção de algo maior.) (10:53:38)

(Velocidade 72%):

(*Primeiro plano, masculina, grave*): “De novo, se as ocorrências se lhe ocorrer”.

(*Segundo plano, média, talvez feminina*): “Registra a Globo”. (*Iniciando em “se” da expressão anterior, indo até o final.*)

(*Primeiro plano, masculina, grave*): “Dis (pausa) putante, (pausa), porque”.

(*Segundo plano, agudo, em coro*): “Pra” no lugar de “dis” de “disputante” da expressão acima. Continua até o final “Peguemo em preto a Anna”, iniciando em “-tan-” de “disputante”.

(*Primeiro plano*): Ouve-se uma espécie de guinchar que se pode interpretar como (*perspectiva 1*): “Curreu”; (*perspectiva 2*): “Curô”.

(*Primeiro plano, masculina, grave*): “Por que? Porque excelente portante”.

(*Segundo plano, aguda, metalizada*): “Excelente inteirá onde”.

(*Primeiro plano, masculina, média*): “Importante pra despedir”.

(*Segundo plano, aguda, talvez dueto*); “Abre a porta por quem?” junto de “pra despedir”.

(*Segundo plano, agudo, metalizado, continuando*): “Você vai pra fora!”. No entanto, depois se entendeu como “você vai entrar p*” (*Não será escrita aqui tal palavra*).

(*Segundo plano, cantado*): “Skol já tá chegando, que vem com um forró!” (*O primeiro plano contribui, em dueto, em “que vem com um forró!” com participação crescente, finalizando no mesmo nível do segundo plano, que tomou o lugar ausente do primeiro plano.*)

(*Primeiro plano, masculina, grave*): “Cortando, 'caba' importando”.

(*Segundo plano, muito agudo, meio metalizada*): “Sois os mesmo: que tu fez com o trabalho?”). Foi necessário usar do equalizador gráfico, em uma instância separada do *Audacity*, eliminando completamente os graves e colocando os agudos quase no máximo, dividindo o espectro em apenas graves e agudos, tal a dificuldade extrema para interpretar. Pode haver erro de interpretação, principalmente no vocábulo “sois”) (12:01:41)

(*Primeiro plano, masculino, médio*): “Entende, porque”. (*Fim do áudio.*)

(*Segundo plano, médio mas agudo*): “Hraandx” “Não tá chapado?” Esse “Hraandx” tem uma pronúncia como se houvesse um “h” aspirado seguido por um “r” mais ou menos como em “Gran” na pronúncia holandesa. “Não tá chapado?” antecede “porque” no primeiro plano. Ao se concentrar no segundo plano, o vocábulo “entende” do primeiro plano é entendido como “dêfêndx” (defende).

(*Fim do áudio*) (12:14:24)

(12:59:59) (Velocidade 51%)

(Primeiro plano, masculina, ruidoso, talvez dom dueto): “Coerência”.

(Primeiro plano, masculina): “Se for 'portantx' ele lhe agir” (pausa) “currência”.

(Segundo plano, sussurrada, chiosa, aguda): Aparentemente diz a mesma coisa, vindo como um dueto ou “fantasma” sonoro, levemente deslocado.

(Primeiro plano, grave): Como se fosse um “Hehh!”

(Segundo plano, média): Inicialmente se entendeu como “Federal”, após como “General” e agora como “Hêneral” (com “H” aspirado e tonicidade na primeira e terceira sílaba.). Basta assumir uma das perspectivas que é isso que se escuta.

(Primeiro plano, grave): “Portância” (pausa) “por têia”.

(Segundo plano, agudo, meio metalizada): “Né, tchêêê. Muito colegial”.

(Primeiro plano, vem como o guinchar de uma ave): “Curreu” → (Não serão acompanhadas estas transformações por serem impróprias.)

(Primeiro plano, masculina, grave): “Por quê. Porque são 'êsts' portântê”.

(Primeiro plano, masculina): “Confirme que fiz '()sso” (como se dissesse “isso”). Passou a se entender como “Con-fir-me confirme que faz isso”. (“Que faz isso” vem em médio parecendo também ser masculina.)

(Segundo plano, feminina): “Eral”, “pet” “d'náilo”.

(Continua com segundo plano): “Confirme que ele é tortuososo”.

(Continua com segundo plano): (Alta dificuldade de interpretação, uso de instância do Audacity em 50%, tratamento de “spikes” e normalização) “rgchtereu” “lovar tuas meia”.

(Sussurrada, chiosa): “Competx fazer”.

(Primeiro plano, masculina): “Um pequeno avante” (como se fosse modulada por pelo tangimento de um instrumento de cordas, em tom médio, perturbada por um som semelhante ao produzido por uma dedeira, daquelas que se usam em violões) “que robô”.

(Primeiro plano, masculina, grave): “Não esqueça teu, que fôra”.

(Primeiro plano, masculina, grave): (Perspectiva 1): “Tu nascê”.

(Perspectiva 2): “Tu mais qué”. (Perspectiva 3): “Tumátê”.

(Perspectiva 4): “Fumácê”.

(Primeiro plano): “Tu já vais” → “Tu gerais” → “Tu já dormes” → “Sujo dormes” → ‘Sujo e dormes”.

(Primeiro plano): “Tio Fantx por acaso”.

(*Segundo plano*): Junto do “-tx” de “Fantx” há algo que se parece com “tonera”, bem rápido, sussurrado, médio. Esse “tonera” começa a ser entendido como “com erre” → “não erra” → “tolera” → “sujera” → “tu gera” → “tu chera” (no segundo plano aparece: “mato”) tudo no lugar do “tx” → “tocera” → “tuchera” → “t'cher” → “t'chera” → “T-chê” → “Tcheco” → “Seco” (sempre com “mato” no segundo plano). Optou-se por parar por aí.

(*Primeiro plano*, médio/agudo, parece em coro): Sinal incompreensível que, aos poucos, se interpretou como “Vai e acuse” → “vai, acuse” → “véia cruz”

(*Segundo plano*, mais aguda ainda): “Tu vai aonde?” → “tu vai aon” → “t' vaion” → “aon” → “marrom” (com “r” aspirado) → “aarôn” → “aron”. Optou-se por parar aqui.

(*Primeiro plano*, masculina, grave): “Murcê” → “Murcerê” → “Mostrarê” → “Bosta é” → “Basta aí” → “Maçarico” → “Vai sai?” → “Fumacê”.

Há, neste momento, um *segundo plano* dizendo algo. No *primeiro plano*, o efeito é semelhante como o trepidar de uma vara plástica em um objeto plástico oco.

(*Segundo plano*, agudo, como dueto ou quase eco): Diz a mesma coisa que na expressão acima. Na verdade, ambos se complementam, ficando mais evidente um ou outro dependendo do momento. (15:15:12)

Fluxo reverso deste arquivo

(26/12/21) (11:36:54) (Velocidade normal)

“Olha o teu cabelo melhor. Desloque o teu 'ila'. É defeiito”.

(*Primeiro plano*, masculina, média/grave): “O bom disso”.

(*Segundo plano*, meio arrastada): “Disso” vem em dueto, como se fosse produzida por um violino com som desacelerando a frequência (tom) de modo a começar médio e terminar média/grave. Nessa altura, o primeiro plano já se entende como “humor disso”.

(*Primeiro plano*, masculina média/aguda meio metalizada): “Bom dia!” → “doentia” → “quantia” → “contx” (no primeiro plano) com “tia” (no segundo plano) → “se escondx” → “escondx” → “ficou ruim”.

(*Primeiro plano*, sussurrado): “Por estx Fagundes” (*Fagundes é o sobrenome de um parente.*) “Pai da Jane”.

(*Segundo plano*, masculino, agudo): “Você!” inicia em “da” e termina em “Ja” da expressão anterior. Nessa altura o primeiro plano já está sendo entendido como “vai deixanduí” → “vai deixando i”.

(*Primeiro plano*): “Simone” (de forma isolada). Ao selecionar mais um trechinho, entende-se “seu nome cá”. Por outra perspectiva se tem:

“comunicá” → “só vô brincá” → “tem gatos” (no segundo plano parecia dizer: (mudou antes de conseguir registrar e o autor acabou se perdendo)).

(Primeiro plano, masculina, média/aguda): “Cortina”.

(Segundo plano, masculina, grave): Se entendia como “puxe” depois como “cutx” → “curtx”. Nesta hora o primeiro plano diz “Giba” → “Seu bago” → “Se eu pago” → “Seu pardu” → “Leopardu” → “Geopardu” → “Se o partu” → “Se eu partu” → “Seu partu” → “Leopardu”. Optou-se por parar por aqui.

(Primeiro plano, sussurrada, média/aguda): “Ela (vê)”.

(Segundo plano, média): “Vê”. Na verdade, começa no primeiro plano e termina com o segundo. O “ela” tem um “L” bem pronunciado, como se colocando a ponta da língua na parte superior da boca. Aos poucos o “ela” vai se transformando pela separação das sílabas ficando “e lá”. O segundo plano parece dizer “fre”. O primeiro plano já diz: “foi lá!”. O segundo plano migrou para “frent” → “frentx”. O resultado ficou “foi lá, frentx”. Optou-se por parar por aqui.

(Primeiro plano, masculina, transitando de agudo para grave): “Contas” (agudo) “eu vou tirar (grave)”.

(Primeiro plano, grave): (Perspectiva 1): “fuga”. (Perspectiva 2): “pluga”. (Perspectiva 3): “ruga” (ontem o autor encontrou uma). O segundo plano vem como um ruído como se passasse um bastão plástico em escorredor de roupa ou como quando se tange as cordas de um violão, abafando som com a outra mão. Talvez seja frutos dos “spikes” neste local.

Selecionando ambos os trechos acima, tem-se, no conjunto, algo parecido com “morrê ai de”. Segue-se um som forte como se fosse o guinchar de uma ave não sendo possível atribuir uma expressão significante nesta velocidade.

(Primeiro plano, masculina): “Deslocô”.

(Segundo plano, tom mais agudo): De algo que parecia “silentô” passou para “esquentô” sendo que há uma transição do agudo para o grave, seguida por uma separação primeiro/segundo plano, ficando “esquentô” do primeiro e “silentô” do segundo. Há neste momento (não se percebeu antes), algo dizendo “vou contá” ou “bom contato” sendo que tal “algo” vem meio sussurrado modulado por um som como se fosse de um bastão fino de plástico sendo deslizado por uma superfície, como a de um vidro canelado (de janela) ou escorredor de roupa, som médio, tendendo para metalizado, sem o ser.

(Segundo plano, agudo, continuando): “Tio Valdo “seguido pelo primeiro plano, dizendo algo parecido com “nda por quê”

(Primeiro plano): “Ganhou um filho” → “ganhou um físico” (sendo

uma transição do segundo plano para o primeiro, de agudo para grave, onde “ganhou” está no segundo e “físico” no primeiro). Neste momento, no segundo plano se escuta “hello” → “alôa” → “canoa” → “tá boa” → “cabô lá”. “Física” e “cabula” são ouvidas neste instante. Progrediu para “física” e “burra” → “tola”. Ficando “música tola” devido à repetição continuada que inverte fim pelo começo. O certo é “tola” e “música”. Optou-se por parar aí.

(*Primeiro plano, masculina*). Selecionando o trecho anterior (e um trechinho mais anterior ainda) e juntando o trecho seguinte, por parecerem formar um bloco, tem-se: “Coelho. Brilho sê fortis”

(*Segundo plano, masculina média*): Hora incerta (onde se tem “brilho sê fortis”). Evouiu para “parecêrt”. Devido à dificuldade para se entender exatamente o que se diz, optou-se por a parar aqui.

(*Primeiro plano*): Iniciando com algo que parecia “matiei-o” logo se entendeu como “Matheus” (nome de um sobrinho, filho do irmão do autor) → “Adeus!”. (Neste momento termina a parte de resposta da mensagem, que está no reverso, restando a pergunta pelo reverso.) (13:32:55)

O Reverso da pergunta feita parece dizer: “Lo deixa mi tavaan”, obviamente não se trata de mensagem recebida e sim da pergunta ouvida “de trás para frente”. (13:34:39)

(14:56:00)

(Velocidade 70%): “Ei, tio. Foi casado” (que se entendeu em seguida como: “foi caçado!”).

(*Primeiro plano, masculino*): “Ufa!”

(*Segundo plano, agudo, sussurrado*): “Não berre” que se entendeu logo como “não erre”. O “ufa” da expressão anterior está em dueto com “erre” desta expressão.

(*Primeiro plano, masculina, grave*): “Que áudio ruim” → “Pra onde eu fui”.

(*Segundo plano, média/aguda*): “Pra onde eu vai”. → “Cadê teu pai”.

Comentário: eventualmente, perspectivas diferentes podem ser consequência de dois sons diferentes serem modulados juntos, como no caso anterior, onde “pra onde eu fui” e “pra onde eu vai” atuam em dueto mas são perfeitamente distinguíveis, tanto pelo desencontro onde diferem, quanto pelo diferente tom empregado. A coisa se complica com vozes semelhantes e sons semelhantes.

Neste momento o primeiro plano diz: “Cadê teu fui” e o segundo diz:

“Cadê teu pai”. “Cadê que eu fui” e “Cadê teu pai”. “Cadê o que eu fui. Cadê o teu pai”.

(*Primeiro plano*, aparentemente masculina, meio metalizada): “Desculpa!” → “Desculpá”. Na verdade, enquanto uma voz grave diz: “Desculpa!”, outra, mais aguda, meio metalizada, em dueto, diz: “disculpá”. A diferença de tonicidade (paroxítone com oxítone) até dá um efeito mais exótico.

(*Transição de agudo, metalizado, para grave rouco*): “Pede o Cristoó”.

(*Primeiro plano*, masculina, grave, rouca com sussurrada): “O amor te levou”.

(*Segundo plano*, tom mais agudo): “Leia contrato”. Na verdade, a dificuldade está justamente porque uma voz diz “leu contrato” e outra diz: “leia contrato”, pronunciadas muito rápidas, em dueto, onde o final de uma emoldura o final da outra em um efeito que parece estar falando através de um sistema de fazer bolhas na água. É como se a voz surgisse através de sopro de um canudinho na água, borbulhando. Nesta hora se entende o primeiro plano como “não acerta” neste trechinho → agora é “na certa” → “na seta”. A “barulheira” é tal que é de se ficar “zonzo”, precisando de muita repetição.

(*Primeiro plano*, masculina, média): “Como as tiu” que se passou a entender como “comatiu-a” → “comartiu-a” → “omar tiu-a” → “o mar - tiu-a” (“o mar” em grave e “tiu-a” aguda).

(*Segundo plano*, aguda, parecendo infantil): “Pai” (iniciando após o “como” da expressão anterior, indo até “as” de “como as”).

(*Transição de voz média para grave sussurrada*): “Fêlix por mauds” (Há um impressionante acompanhamento musical, no fundo, agudo mas que não consigo atribuir a um instrumento em especial. Poderia ser um floreio de gaita (acordeão) mas conheço pouco de instrumentos musicais. Por mais que se repetiu não foi possível se entender melhor que “felix por mauds”).

(*Primeiro plano*, masculina, média, rouca, ruidosa): “Vai tossir”.

(*Segundo plano*, masculina, média/aguda, quase metalizada): “Em cima de quem?” como continuação do primeiro plano, completando-o.

(*Primeiro plano*, masculino, média): “Irtu”

(*Primeiro plano*, masculino, médio, meio rouca): “E o imposto correndo”.

(*Primeiro plano*, masculino, médio): “O chefe encrencô” → “o chefe trancô”.

(*Segundo plano*, feminino): “Foi dado” ou “coitado”.

(*Primeiro plano*, masculina, média): “Veste”.

(*Primeiro plano*, masculina, muito grave, rouca): Há algo parecido com

“tábém” e um segundo plano, médio, sussurrado, que diz: “apanha” mas provavelmente é “estranha”.

(*Segundo plano dos dois últimos primeiros planos*): “Onde te estranha?” (cantado, em voz masculina, aguda, com entonação em “on” de “onde”). Nesta altura já se escuta “veste estranha”. Foi necessário copiar para uma nova instância do *Audacity* e equalizar os “spikes”.

(*Primeiro plano*): Muito ruidoso, praticamente ininterpretável mas se parece com “pré” “fuga” (dois trechinhos). Esse “fuga”, que já pareceu “siga”, se parece agora com “pulga”.

(*Primeiro plano, masculino médio/agudo*): “Pai de”.

(*Segundo plano, médio, meio que em uníssono ou coro*): “Apanha” → “Banha” → “Vãha” (em polonês seria parecido com Vania). Ficaria assim: “Pai de Vania” ao adotar ambos os planos em forma complementar. Na verdade, ambos estão em dueto, ou seja, metade da frase no primeiro plano e a segunda metade no segundo plano. Não estão uma depois da outra.

(*Primeiro plano, agudo, como que um guincho de ave*): Se é que se pode interpretar como mensagem, parece dizer “parô” ou “coelho”. Foi registrado apenas para constar.

(*Primeiro plano, masculino, grave, transitando para médio, quase metalizada*): “Foi o culpado”. O segundo plano, em uníssono vem quase como eco em “foi o”. Em “culpado” se mistura com o primeiro plano, que começou fraco e ganhou “corpo”, predominando no final.

(*Primeiro plano, médio/agudo, meio metalizada*): “Coral do”. Esse “do” é mais grave e vem de “supetão”, talvez por causa dos “spikes”.

(*Primeiro plano, muito grave, rouca, cheio de “spikes”*): “Por tí” ou “por quê?”. O segundo plano parece dizer “vaiee” ou “paiee” com os “ee” meio tremidos, como se resultado de algo acionado por mola que dá uns repiques.

(*Primeiro plano, masculino, médio transitando para médio/grave*): “Óleú”. “Pinga nos olhos cedo”. (Isso acontece mesmo, ou seja, o autor ao levantar pega um frasco de colírio, que mantém cheio de água, e pinga “nos olhos” tal líquido. Não é “óleo” mas água da torneira).

(*Segundo plano, aparentemente feminina, média*): Diz a mesma coisa que o primeiro plano, em dueto, com distinção por tom. Há um impressionante sincronismo, como se o comunicante falasse em “dois tons” simultaneamente, inclusive nas variações tonais. Esse “óleú” passou a ser entendido como “óciu” → “calciu”, ou seja, “calciu, pinga nos olhos cedo” ou, de forma alternativa: “Cálcio: Pinga nos olhos cedo”.

(*Primeiro plano, média*): “Feliz”.

(*Segundo plano, som como que produzido por um bastão frágil de*

plástico em uma superfície de plástico): “Vamo lá” ou “demorá”.

(Primeiro plano, masculina, média em dueto com masculina grave): “A fio ori” ou “A tio Ori” → “a priôri” → “a priôr”.

(Segundo plano, masculino médio): “Zorraa” → “Tesoraa” → “Tesouraa”. (17:31:35)

(18:32:21)

(Velocidade 50%):

(Primeiro plano, masculina, grave): “Ei, tiú” que se pareceu com “lêntium”.

(Primeiro plano, masculina, grave): “Errô” que se transformou em “tu erra”.

(Primeiro plano, feminino em uníssono): “Tranquila” “prêsépee” com voz masculina grave dizendo “me agarrô” junto do “prêsépee”.

Esse “errô tranquila prêsépee”, ao selecionar o trecho inteiro, parece algo como “foi tranquila prêsépee”. Esse “prêsépee” quase se entende por “prêsétee”.

(Primeiro plano, masculina, grave): “Siarê”. Começa com “tossia” masculino, agudo, bem baixo, sussurrado, continuando com masculina grave dizendo algo como “a ler”, misturando de forma prolongada o “a” final de “tossia” com o “a” inicial dessa expressão. O contraste de tom e volume dificulta separar ambas as partes pois o “a” inicial é grave e, como o outro predomina, quase não se percebe. Nesse instante, se percebe como fundo “tu assinalou”. A parte final passou a dizer “abusa” → “a blusa” → “abusa”.

(Primeiro plano, masculina, média/grave): Não se consegue entender, parece algo com “Cércuits”.

(Primeiro plano, masculina, média/grave metalizada): “Desculpe-re”.

(Segundo plano, tom mais grave mas ainda nos médios, tal que se assemelha a um relinchar de cavalo, mais grave, como se estivesse com problema para relinchar): “Já lavou a louça?” (O autor ainda não tinha lavado a louça apesar da hora tardia). (19:21:24).

(Primeiro plano, masculina média em uníssono com tom mais agudo): Parece algo com “frete um 'hustree” onde “hustree” teria um “H” aspirado.

(Primeiro plano, masculina grave, rouca, com média que termina em eco tremido): “Depois”.

(Primeiro plano, masculina grave, som com componente grave “meio borbulhando” e componente média normal): “Vai ter ver na filha” que se entendeu em seguida como “que dor na fíbia” → “que deu na filha?”. Na verdade se escuta qualquer uma destas duas expressões, bastando querer escutá-las (isto é, se concentrando em uma delas). Há um dueto

tonal, de onde é possível que ambas as expressões estejam presentes embora tendemos a ouvir apenas uma delas por seleção auditiva. No momento se passou a ouvir “de homofilia” no primeiro plano e, no segundo, “é o fim!”. O interessante é que a parte masculina fixou em “de homofilia” e a parte feminina se entende tanto por “é o fim” quanto “de homofilia” bastando se concentrar em uma das opções. Mas, agora, ao tentar se concentrar em uma opção diferente da que se ouviu, não houve mudança, continuando a se ouvir fixamente o que estava rodando. É preciso notar que se está escutando repetidamente um pequeno trecho de áudio. Esse “de homofilia” se escuta agora como “de mão cheia” → “demonstrei-a”. A parte feminina já está dizendo “eu não sei” → “présancêi”. Na verdade, parece haver pelo menos três vozes, todas variando ficando complicado continuar registrando.

(Primeiro plano, masculina grave com voz aguda, meio metalizada): “Tu (masculina grave) já sabe (voz aguda metalizada)”.

(Primeiro plano): “Rever (masculina, grave). Ele é aberto (feminino, uníssono, sussurrado, médio).

(Primeiro plano, masculino, grave): “Os parentes”. Há um acompanhamento musical de fundo à base de gaita (acordeão). O interessante é que se consegue distinguir o som perfeitamente, apesar das sérias limitações do arquivo de áudio.

(Primeiro plano, masculino, grave): “Qué tussir”.

(Segundo plano, média, talvez em uníssono): “Indalahoor” → “mudalahoor” → “medalahoor” → “me dá labor”.

(Primeiro plano, médio/agudo, metalizada): “Transplantes (masculina, mais grave), “Nega” (feminina, sussurrada)”.

(Primeiro plano, masculino, médio/grave em uníssono com médio): “Direi” (masculina) “Guilherme diz” (médio, talvez masculina algo metalizada) → “Guilherme me diz”

(Primeiro plano): “Os dedu” (masculina média/grave) → passou-se a entender como “u zêbu”

(Segundo plano); “To errado” → “foi errado” (“os dedu” foi mudado para “u zêbu”).

(Primeiro plano): “Era tio fu” que se entendeu ao selecionar o trecho como “ser” sumindo o “tio fu”.

(Segundo plano, em coro, sussurrada, com batida de palma (uma vez)): “Te amo!” em dueto com “tio fu”.

(Primeiro plano, masculina, grave, ruidosa/trepidante): Se parece com algo como “mrô”.

(Primeiro plano, masculina, grave, ruidosa): “hoj(e) (i)nsistimos”.

(Segundo plano, masculina, média, em tom de discurso ou declaração pública, lembrando um apresentador de circo): “Ôuum”. Ao isolar o

trecho parece o agricultor que comanda um boi no grito. O interessante é o acompanhamento musicado que lembra uma trilha sonora de filme. Tal acompanhamento se transformou em “põe na mesa”, silabado, parecendo ser “feito” por intermédio de notas musicais, ou seja, há dúvida se é voz humana ou se é sintético → “Bom na mesa” (ao se misturar tal “acompanhamento” com o comando do “agricultor”). Que ficou assim: “Ouumm, (acompanhamento) dexa”. Selecionando o trecho inteiro e além, no primeiro plano, já se escuta: “leitx. Iugús”.

(Primeiro plano, masculino, grave, rouca): “Esse” (masculina grave) (pausa) Sonha!” (masculina, média, parece em uníssono). Passou a ser ouvido como: “Praesse” (pausa) sonha!” → “Preesse (pausa) sonha!””. Ao selecionar apenas “sonha!” por parecer não combinar muito bem, encontrou-se: “foi diá” em uníssono.

(Primeiro plano, agudo, parecendo um guincho de ave): “Curend(a)” → “Tu vem” junto com “Tu vai” → “tu já vai”. Trata-se de um som muito alto, agudo, em dueto dizendo ambas as coisas. Neste instante se ouve “nuvem” e “nu vêm” junto com o segundo plano dizendo “tu já vai” → “No vêm” oscilando entre “nu vêm” e “no veim”.

(Primeiro plano, masculina, grave): “Tu fere Cristo”.

(Segundo plano, masculina, média): “Tu vai rodar”.

(Primeiro plano, média e aguda): Volume inicialmente crescente parece dizer: “Apeia, tio”.

(Primeiro plano, masculina grave): “Tu es nú. Turresmu” (segundo plano, média). Aos poucos “tu es nú” se tornou apenas “nú” e “turresmu” se tornou “torresma” → “tu lesma” → “belesma” → “que lesma!”.

(Primeiro plano, grave): O som é tal que se assemelha a um cavalo quando lança ar pela boca e narinas com vista a se livrar de algum problema. Mais ou menos o “tossir” de um cavalo, se é que o autor sabe como um cavalo tosse.

(Primeiro plano, grave com médio, em uníssono): Se parece com “Hê rê” (masculino, grave, no primeiro plano) com “tu varrê” no segundo plano). Mas há um som como de quando se passa um pedaço de madeira finíssimo com pressão sobre uma superfície canelada, como a tábua de lavar. Esse “Hê hê” já se assemelha com “qué vê” → “Tê vê! → TV”. O fundo já diz “tu vai í”.

(Primeiro plano): “É fígado” (como o autor reclamou que tanto dizem que “tu vem”, “tu vai”, etc... mas nunca dizem o que ele tem de problema, agora já citam: “É fígado”).

(Segundo plano): “Olha a mão”.

(Primeiro plano, masculina, grave em dueto com feminino médio): “dorme” (sussurrada, média/grave) “mesmo zum deliciô o con vitx”. “o

con vitx” vem silabada, talvez por causa da falta de suporte por irregularidade no farfalhar do papel quando da gravação do áudio. Há um fundo ruidoso, parecendo ter mensagem mas não se consegue captar. É como se houvesse barulho de água, de alguém caminhando nela ou de alguma onda fraca batendo na beira de algum rio além de outros ruídos. (Primeiro plano, masculino, grave): “Porque irá”. Esse “irá” vem meio que em eco, mas de um som metalizado médio, tremido, como se, ao levantar o volume, houvesse a vibração de algum objeto metálico raspando em algum lugar. (21:55:38)

* * * * *

Data de gravação: 2021/09/23

Nome dado ao arquivo de áudio: 2021-09-23 CONTINUAR E REVISAR.mp3

Nota: este arquivo começa pelo reverso pois foi salvo assim.

Fluxo normal deste arquivo (que, em realidade, é o reverso):

(27/12/21) (22:30:31) (Velocidade normal)

“Olha o teu cabelo melhor”.

(Primeiro plano, masculina, média): “Molha o teu pila até no peito”.

(Segundo plano): Há uma espécie de réplica em uníssono que não se sabe se é real ou se é o primeiro plano que oscila. Esse tem sido um dos problemas para caracterizar o que se ouve.

(Primeiro plano, masculino médio): “O bom tiê (tchê?) que eu fui”.

(Primeiro plano, masculino, médio): “Chequeix” “tira moldes” (masculina média/aguda, quase sussurrada) ao mesmo tempo é dito: “tienganô” que vem em volume crescente, cada vez mais definida. Já está bem mais alta que “tira moldes”.

(Primeiro plano, masculina, sussurrada): “Vai mostrar pro Zúrica”.

(Primeiro plano, masculina, média): “Cortina!” → “Botina”.

(Primeiro plano, masculina, média/aguda, rouca): “O morrê”.

(Primeiro plano, masculina, média, grave): “Nunca foi ao concerto?” (Até parece ser acompanhada de palmadas sincronizadas tonalmente). Talvez a pergunta fosse: “Nunca foi ao concerto?”.

(Primeiro plano, masculina, média): “Ai do pio fazer contato”. (Nota: justamente no “pio” há um pio ou um som agudo que o simule.)

Ao mesmo tempo é pronunciado “Deslocou com desloquei” em uníssono. O deslocou se transformou em colocou e o desloquei se transformou em coloquei, ambos em uníssono. Há duas vozes variando.

“Botei, desbotei → OK” ficam se alternando entre si. A variação é tanta, e tão rápida, que não se consegue registrar. Não há uma quantidade específica, ou ciclo. É tudo aleatório, segundo a vontade de quem modula.

(*Primeiro plano*, masculina, sussurrada): “Volte”, “Valdo!” (Masculina, aguda, gritando). Ao voltar um pouco, tal “volte” se entendeu como “pote”, ou seja: “deslocou pote, Valdo!” em três vozes, cada uma dizendo uma parte da sentença. (Há pouco o autor levou para a pia da cozinha a embalagem onde estava um pedaço de torta de digeriu.). Antes disso, na geladeira, foi empurrado outra embalagem para pegar este pedaço de torta.

(*Primeiro plano*, masculina, média, com som parecido como quando se segura pressionado o nariz para falar): “Um dia” → “Urgia” → “Diacôr” → “Giracôr” (estas duas últimas palavras ficam sendo permutadas entre si, quando não são perceptíveis bastando pensar nelas. Surgiu uma voz feminina com volume crescente que parecia dizer “jácô” mas que caiu nas mesmas “giracôr” “diacôr”. “Olha o fígado uma vez por mês” → “Olha o fígado uma vez 'pureis” → “Olha o fígado o nariz 'pureis””. “Ralha (pausa) o fígado, o nariz 'pureis” (no segundo plano diz: “cara experto!” em masculina, média). “Ralho (pausa) o fígado, o nariz 'pureis” → “Ralhô (pausa) fígado o nariz 'pureis””.

(*Primeiro plano*, masculina, aguda): “Paguei!” → “a Tere!” → “A ter” → “Ter” → “Tr” → “Târi” → “Tiori” → “Tio Ori” → “T Ori” → “Teôri”.

(*Segundo plano*, masculina média): “Adeus!” → “Ater!”.

(*Primeiro plano*, ruidoso): Se entende algo parecido com 'crar(k)' com o “k” mudo.

(*Primeiro plano*, masculino, grave): “Não vai” → “não vai co”.

(*Primeiro plano*, masculina, aguda, meio metalizada terminando em eco): “Curtir?” O “co” de “não vai co” se torna início de “curtir” ficando “não vai co (grave) rtir” (agudo). Deve-se notar que a tônica fica no “vai” e termina tonicamente em “tir”. Esse “não váicô” se tornou “nováico” + “rtir” ou seja “nováicortir” em duas vozes.

(*Primeiro plano*, médio/agudo, masculino, algo metalizada): “Valeu” → “te pague”. (Nota-se que, dependendo de como se concentra, é aquilo que se ouve mas tem vezes que não é. Parece que a concentração do autor influencia o que será colocado para ouvir mas, para provar que não é assim sempre, pode não acontecer.). (Em segundo plano se ouve: “Diisq(ue)”). (Isso foi obtido em uma nova instância do Audacity, com tratamento de “spikes”).

(*Primeiro plano*, masculino, médio): “Em Tuesday” (28/12/21, 00:11:15) O autor acabou de olhar para o relógio do computador e já

saiu dizendo: já é dia 28. Ai saiu a frase acima, complementando, só que misturando português com inglês: “Em Tuesday → em terça-feira”. Só que este “Em” é como se fosse uma pressionada de pedal de moto tentando dar a partida (nas sem partida elétrica). Até parece mesmo o som disso, com uma pequena girada do motor. Isso é fato novo, não poderia estar na gravação original, pois esta aconteceu no dia 23/09/2021, uma quinta-feira. Esse “Em” passou a ser entendido como “vem” com o mesmo estilo de pedalada. Ao parar e recomeçar, recomeçou do começo, com o “Em”. Quanto mais se escuta, mais se nota a pedalada e menos o “vem”.

(*Primeiro plano*, sibilada, quase inaudível): “Parece”. Na verdade, se escuta de acordo com a seleção, não sendo possível dizer exatamente o que há aí pois é contínuo e vai do quase inaudível para o forte, do médio/agudo para o grave. Quanto se seleciona mais amplo não se escuta nada no início devido a grande diferença de nível de som.)

(*Primeiro plano*, masculina, grave e médio/agudo em uníssono, meio engasgado): “(?) robô o teu sangue”. (O autor pensou em um inseto e veio esta frase).

(*Primeiro plano*, masculina, média/grave): “Errô” → “Que errô” → “Quierô”

(*Na sequência, segundo plano, talvez feminina média meio metalizada*): “Pai”. A sentença completa diz: “**Que errô Pai**”.

(*Primeiro plano*, masculina, média): “Sôgue” meio tremido.

(*Segundo plano*, média, talvez feminina): “Polenta”.

(*Primeiro plano*, média, algo metalizada): “Sólavâmi” → “Sol avantx”. Além do mais há um “guincho” de algum bicho.

(*Primeiro plano*, masculina, aguda em uníssono com outra média no final): “Tudo já foi!”. Agora mesmo o autor, que já está bem cansado, olhou para o áudio e percebeu estar próximo do final, nesta velocidade. Isso representa mais um fato novo, algo que não poderia estar registrado “desde ontem”, quer dizer, desde setembro deste ano.

(Segue um trechinho somente com ruído. Não se consegue extrair nada ali.)

(*Primeiro plano*, masculina, média/aguda): “Por que canta que eu vô?”

(*Segundo plano*, masculina, grave): “Acabô”. De fato, falta somente mais um trechinho para acabar de fato nesta velocidade, em termos de resposta dos falecidos. Depois, somente a pergunta vista ao reverso.

(*Mesmo segundo plano*, agora nova interpretação, baixinho, média): “Foram no mato”. Ao mesmo tempo, se ouve: “Conversá” (em masculino, médio mais grave), ou seja, “foram no mato conversá”. Com certeza se referem aos policiais que se posicionaram ao lado do parque Longines Malinowski, no estilo “marcar presença” mas que é puro

ativismo provocador como represália por o autor ter enviado aos parlamentares federais a metodologia para se contatar os falecidos. Em resposta à provocação, o autor foi fazer uma “verificação” local para mostrar que não se intimida. Se trata de mais um fato novo, que aconteceu em torno das 18h45min do dia anterior (27/12). Não poderia estar registrado no áudio original, o que prova que “os falecidos” seguem a gente para poder “ecoar” fatos, reais e recentes, nas mensagens. Selecionando todo o trecho se obtém, em duas vozes: “*conversando, acabô*”. O “foram no mato” continua a ser ouvido no lugar de “conversando”. O estranho é que, ao se concentrar nesse “foram no mato” não se ouve “conversando”, ficando “*foram no mato, acabô*”. É preciso dizer que o autor não foi no mato, apenas passou ao lado dele.

(*Primeiro plano, masculina, grave, em dueto com agudo/médio*): “Tu foi” → “Tu fere” → “T ferí” → “Tferri” → “Tfeim” → “tfe + ruído de grilo”. *Optou-se por encerrar aqui.*

(*No segundo plano* → “Tu não vai” → “tudo bem” (*dependo do ponto de vista do autor*) (01:23:59)

(01:24:31)

Reverso da pergunta feita aos falecidos:

“Lo deixa ni taván” (*ou seja, apenas o reverso, sem participação dos falecidos, apenas parece iniciar com um pio.*). (01:26:57)

(29/12/21) (00:16:53) (Velocidade 70%)

(*Primeiro plano*): “Olhu teu cabelo melhor”.

(*Primeiro plano*): “Ónde eu fui”.

(*Segundo plano*): “Cadê teu pai?”.

(*Primeiro plano, dueto mé dia/grave com média*): “Desculpa!” (“Desculpá!”, *em dueto*). Se tentar ouvir ambas ao mesmo tempo acaba ouvindo algo parecido com “discúlpá!”. Já parece solucionado o motivo do porquê se escuta algo, ora de um jeito, ora de outro, dependente do ponto de vista: mais de uma expressão é pronunciada ao mesmo tempo, de modo que, ao se concentrar em uma delas, é o que se acaba ouvindo. Às vezes é possível ouvir ambas as formas juntas, mas não é fácil pois o cérebro (mente) não estão acostumados a isso.

(*Primeiro plano*): Dificil de entender. “Pede um” → “pezun” → “pedzum”. *Optou-se por parar aqui.*

(*Primeiro plano, masculina, grave, fanha*): “Corpo”.

(*Segundo plano, médio*): “Alô, (“pxré” não se consegue entender, se é que há algo relevante.)

(*Primeiro plano, masculina, fanha*): “Qué vor” “Qué vêr” (depende do ponto de vista).

(*Primeiro plano, masculina, grave*): “Eu não humorista”. Ao voltar ao trecho se ouviu um dueto “Eles són humorista” (meio que pronunciada como que borbulhando) e “Eles são humoristas” (pronúncia normal). Ficou “e era só humorista” (em dueto normal/borbulhante). Que passou para “E ela sabe disso” (em dueto normal com borbulhante).

(*Primeiro plano, masculina média*): Parece algo como “Chiópa”.

(*Segundo plano, agudo, talvez infantil*): Inicialmente se ouvia “pai” agora se ouve “pare!”

(*Primeiro plano, masculino*): “Felích” (média) “for mauds” (grave, quase sussurrada).

(*Segundo plano*): Acompanhamento musical, talvez por um floreio de gaita.

(*Primeiro plano, masculina*): “Vai torcer” (grave, fanha). “Em cima de quem?” (média aguda como se pronunciada por um tweeter).

(*Segundo plano, masculina, média*): “Dorme!”. Neste momento já se entende como “Vai tossir, dorme!, em cima de quem?” com três vozes, sendo 'dorme’ no segundo plano e o restante no primeiro.

O autor optou por parar por aqui por ser tarde e o prolongamento, neste ritmo, se estenderia por mais uma hora e meia, estimadamente.
(01:12:31)

(30/12/21) (00:06:33) (Velocidade 70%)

(*Primeiro plano*): “Olhu” (masculina, grave, meio indefinida) “teu cabelo melhor” (masculina, média, quase sussurrada, meio rouca).

(*Primeiro plano, masculina, grave*): “Pra onde eu fui?”.

(*Primeiro plano, masculina, quase sussurrada, meio rouca*): “Disculpa” em dueto com “disculpá” (Basta pensar em uma deles para ouvi-lo).

(*Primeiro plano, masculina, quase sussurrada*): “Vai” (normal) “no corpo” (fanha).

(*Primeiro plano, masculina, quase sussurrada, rouca*): “O amor”.

(*Primeiro plano, masculina, “borbulhando”*): “Que ela falô”.

(*Segundo plano, masculina, média/aguda*): “Que eu não fui” ou “que ela falô” bastando pensar para ouvi-las, isto é, ouve-se uma ou outra.

(*Primeiro plano, masculina, masculina*): “Covar” (média/grave) (pausa) “dia” (média, sussurrada). De “covardia” se entendeu “combatia” mas pronunciada como “cômba pausa tia”.

(*Segundo plano, aguda, infantil?*): “Meu pai” ou “teu pai” escutando-se uma ou outra bastando se concentrar em uma delas.

(*Primeiro plano, masculina, média, meio sussurrada*): “Felích formauds”.

(*Segundo plano*): Ouve-se um acompanhamento que parece o floreio de uma gaita (acordeão).

(*Primeiro plano, masculino, grave, rouca, ruidosa*): “Vai tossir”.

(*Primeiro plano, masculina, média/aguda, meio sussurrada*): “Em cima de quem?”. Estas duas últimas expressões, quando vistas com mais detalhamento, pois parecia haver algo a mais, resultou em: “Vai pro seu” (grave) “blefe” (média, com eco) “se eu maldiquei” (sussurrada).

(*Primeiro plano, meio metálica*): “Irtu”.

(*Primeiro plano, masculina*); “Vai” (média) “no custo” (grave).

(*Primeiro plano, masculina, sussurrada*): “Me lembro até” → “Lhe lembro que”.

(*Primeiro plano, masculina, média, meio metalizada*); “Virtuô”.

(*Primeiro plano, masculina, grave, rouca, ruidosa*): “Veste estranha”.

(*Segundo plano, masculina, média/aguda*): “Ónde te estranha?” (Como quem está comandando um boi no grito).

(*Primeiro plano, masculina, grave*): “Frugo” → “frutu” → “grupo”.

(*Primeiro plano, masculina, média/aguda, meia metalizada*): “Ai de' → “vai de” → “vai ter”.

(*Primeiro plano, médio/agudo, metálico*): Espécie de guincho ou piado de ave. Não se sabe se há algo para interpretar aí mas tem momento que se entende “coelho”, em outro “parô”

(*Primeiro plano, masculina*): “Olha o cuidado” → “raiô o coitado” (média, sêca, transita para média sussurrada meio metalizada).

(*Primeiro plano, médio, metalizado*): “Foi lendo”.

(*Primeiro plano, muito grave, ruidosa*): “Por”.

(*Primeiro plano, média metalizada, arrastada, tremida*): “Que?”.

(*Primeiro plano, masculina, média metalizada*): “Éfiru” → “rápido” → “ácido” → “ássiduo” → “ássim doa” → “assinou-a” → “assim doa” → “assinou-a” → “assim doa” (mal o autor escreve um vocábulo, já muda para o outro, na verdade a permutação é a cada três repetições.)

(*Primeiro plano, masculina, grave, rouca, fanha, dueto com média, melodiosa*): “Fisga de um olhos cedo o nariz também” → “fuga de um ólho cego”.

(*Segundo plano, coro médio*): “Vá com ele certo”.

(*Primeiro plano, masculino, transita de média a grave, de normal a rouca/ruidosa*): “Elístabeim” (Ele está bem). O final vem tremido como se desse uma abigornada com repique final. Este final, destacado, se revelou como “tesôra em dueto com tesoura”. O “tesôra” se entendeu

também com “desonra” → “que zorra!”.

(Primeiro plano, masculina, grave, tremida): “Flor”.

(Primeiro plano, masculina, média/grave): “Tu vai” → “não vai”

(Segundo plano: “de varrê”, em médio) “morder” (média/aguda metalizada).

(Primeiro plano, masculina, quase sussurrada, algo metalizada): “Vélhu” → “éliú”.

(Primeiro plano, masculina, média metalizada, meia rouca): “Ês” “tê diarréia”. (Complicou, primeiro e segundo plano se misturam).

(Segundo plano, masculina, média, tremida): “Vão tê diarréia” onde “vão” vem tremida alongada como se fosse “võommm”. → “vão morrer de diarréia” → “vão (tremido/alongado) ri de josesa” → “vão ri de joser(t)” → “vão ri dexoser(t)” → “vão ri dexocer(t)” → “vão ri dixo certo” → “vão ri diss certo” → “vão ri disso certo”.

(Primeiro plano, masculino, muito grave, rouca em uníssono com média): “Esta vovó com sonho”.

(Primeiro plano): “Augo” (grave, masculina) “stini” (média, meia sussurrada).

(Primeiro plano): “Suoje” (masculina, grave) - “suofre” → “suofr” → “suofr(i)” → “sou fel(i)” → “descôlp(re)” → “discôlp(i)” → “solt(re)” (muito tarde, optou-se por parar aqui.).

(Primeiro plano, média meio metalizada): “Dieta era a base” → “Dieta, rapaz!” → “Direta, rapaz!”. Parece ser “dieta, rapaz!”.

(Primeiro plano, agudo): Espécie de guincho existente no sinal.

(Primeiro plano, médio/agudo, meio metalizado): “Sono lhe vem” → “somo refêim” Esse “re” de “refêim” tem as características do “r” inglês, tal como na palavra “read”. Junto de “refêim” ouve-se, em médio, a palavra “quatro” como se fosse “quaá pausa trôô”.

(Primeiro plano, masculino, médio em uníssono com médio mais agudo que vem chiosa): “Fór binquedeiro fõr”.

(Primeiro plano, masculina): “Tsuór(i)”. Por ser muito tarde, optou-se por parar aqui. O segundo plano também é confuso. (02:45:53)

(30/12/21) (23:51:17) (Velocidade 50%)

(Primeiro plano, masculina, grave): “Êitxu”.

(Primeiro plano, média/aguda): “Teu cabelo 'peverti”. Esse “peverti” passou a ser entendido como “preservee”. Continua com “ti agarro” (masculina, grave, rouca). O trecho todo, revisado, mudou para: “tu tranquila preservee. Ti agarrô”.

(Primeiro plano, masculina, grave, rouca, dueto, iniciando masculina, média, normal, quase sussurrada): “Se li for mort(u)” → “serí for

mort(u)” → “s ri fôr mort(u)”.

(Primeiro plano, masculina/grave com masculina/média metálica): “Descúlpere” → “Descúlperer”. Optou-se por seguir adiante.

(Primeiro plano, masculina): “Médium” (médio metálico) “cohtre” (grave, fanha). “Médi um cohrtre”.

(Primeiro plano, masculina, grave, fanha): “Depois”.

(Primeiro plano, média, feminina, com fundo “borbulhante”): “Entrem na fila um só” → “Entrem na fila e só”.

(Primeiro plano): “Abre teaberta” (masculina + feminina, média, sussurrada) “depois” (masculina média/grave, normal). Esse “depois” se passou a ouvir como “tuer pausa quaiants”.

(Segundo plano): Fundo musical como se houvesse floreio de uma gaita (acordeão).

(Primeiro plano, masculino, grave): “Tem concerto” → “quer concerto”.

(Primeiro plano, masculina com feminina, média metalizada): “Fâ-ram te liga”.

(Primeiro plano, média, masculina meio metalizada): “F roi”.

(Primeiro plano, masculina, grave): “Por qué quê quis!”.

(Primeiro plano, masculina grave com feminina): “môr redú” (“r” aspirado). “Murrê du quer que ‘f orr”.

(Primeiro plano, masculina, grave): “Persistimos vêr ti”.

(Segundo plano, masculino, médio): “Ôummm” seguido por acompanhamento do tipo efeito especial de filmes (consistindo de três tons sequenciais de frequências cada vez mais graves).

(Primeiro plano, médio, masculino grave fanho + feminino médio): “Foi diá”.

(Primeiro plano, médio): Som tipo guincho de ave parecendo dizer: “corri”.

(Primeiro plano, masculina, grave, quase sussurrada): “Qual é o prest” seguido por “Frô tio” em (feminino, médio, meio metalizada) terminada por “Bela” masculina, média/grave, escutável assim: “Bêellaa!” → “Bêim lá”. Seguido ainda por algo que não se consegue interpretar e por “pur quêê” (em masculina grave).

(Primeiro plano, masculino, médio/grave): “É figado!” Seguido por “um par”.

(Primeiro plano, masculino, grave em dueto com feminino médio, melodiosa): “Dorme” “acusam um delicioso por disporquinho”. Junto desse “porquinho” se escuta, tremido, meio soluçado: “tí-le-nol”.

(Primeiro plano, dueto, feminino médio com masculino grave rouco): “ter” pausa “ambos!”. Entre ambas palavras há algo que se parece com “se” (média, masculina).

(Primeiro plano): “For” (masculina, média, meio tremida) seguido por

“por onde mesmo?” (masculina, média, como se “faltasse a voz”).

(Primeiro plano, masculino, grave, meio com eco): “Nês fré di ontem”. O som que continua o “nês” até “fré” até lembra o motor de um carro antigo, logo após ligá-lo, que faz um ruído próximo de “pa-pa-pa”.

(Primeiro plano, masculino, grave): “Neste domingo, não flerte”. “Alguns(t) flertem” (médio, talvez feminino). Junto com “flertem” se ouve também “perdem” e, devido aos desencontros, acaba ficando um som meio tremido, confuso, mas basta se concentrar em um deles para ouvi-lo. Ambos são escutáveis ao mesmo tempo mas parece que o cérebro tem dificuldade para interpretá-los simultaneamente, precisando escutar um por vez.

(Primeiro plano, masculino metalizado médio com masculino grave): “Bom feli” “guêrra-a” (onde “guê” é grave). Passa-se a ouvir “tu” (em segundo plano) seguido por “guêrra-a” mas não se ouviu mais “bom feli”.

(Primeiro plano, masculino, médio, metalizado): “Sinhô boom pro sal”. (“Pro sal” em tom mais agudo, talvez feminino, também metalizado).

(Primeiro plano, meio gritado, metalizado): “Lob(i)”.

(Primeiro plano, feminino, agudo, dueto, quase metalizado): “Sonha a luz coar”. Talvez “sonha a luz co ar” embora “co ar” seja rápido e não separado.

(Primeiro plano): “Falam” e “sálom’ simultâneos. Agora se escuta “falam” e “fâlôm”. Que se escuta com “te falam” e o “falom” mudou para “pertence” → “mportanti” → “emportanti” onde o “i” final não é brando (é duro, como em mico). “Te falam” mudou para “tu vá lê”. Optou-se por parar aqui por ser muito tarde.

(Primeiro plano, masculino arrastado, com fundo chioso, meio sussurrado): “Pifou coaiquêle ti ver lustruo”.

(Primeiro plano, metalizado, média com final grave): “Êilort”.

Reverso da pergunta: “No deixa mi tavaan”.

Fluxo reverso deste arquivo

(02:37:05)

Nota: ao terminar, o autor percebeu em seus ouvidos algo que se parece com sons ou falas, porém incompreensíveis, por serem muito baixos.

Antes de reiniciar, na data abaixo, o autor também ouviu tais sons ou falas

incompreensíveis.

(31/12/21) (20:55:04) (Velocidade normal)

Pergunta feita aos falecidos: “Nova tentativa”. (20:57:26)

Resposta recebida

(Velocidade normal)

(Primeiro plano): Primeiro trecho não parece conter nenhum conteúdo nesta velocidade.

(Primeiro plano, masculina média): “Custou metas de dentx”.

(Segundo plano, masculina, média aguda): Não se consegue entender, há conteúdo mas é de difícil interpretação. Copiou-se o trecho para outra instância do *Audacity*, reduziu-se spikes relevantes, foi normalizado, mas, mesmo assim, a interpretação é complicada. Sugeriu mentalmente a palavra “milagre” pois é o que parecia e foi o que se começou a ouvir. A mensagem passou a ser esta, completamente compreensível: “um milagre”. Depois se passou a ouvir como “de um milagre”. Isto corresponde à metade final do trecho selecionado. Saiu-se da instância do *Audacity* e, de volta, eis que tal trecho que era incompreensível passou a ser perfeitamente compreensível no áudio normal (sem qualquer manipulação). Obs: não se entende a correlação entre “metas de dente” (que foi real) com “de um milagre”.

(Primeiro plano, aguda, baixa como se fosse sussurrada sem o ser, rápida): “Melhor Sueli”. Segue-se um som que mais parece um guincho de ave. Nota: Sueli é o nome da irmã do autor.

(Primeiro plano, aguda, baixa como se fosse sussurrada sem o ser, rápida): Difícil de interpretar. Primeiro se ouvia algo como “óia o banho”, depois como “óia o Coelho”. Agora se percebe qualquer uma delas, bastando se concentrar nela. Apenas que “banhooo” tem os “ós” tremido, o mesmo para “Coelhooo”.

(Primeiro plano): Segue-se um trecho ruidoso que, em primeiro plano se parece com som emitido por um burro “o berro do burro” que o autor não sabe como registrar com palavras. No segundo plano há algo que se parece com “trilho” ou “filho”, bastando pensar numa destas perspectivas para escutá-las. Agora se parece com “trilhão” ou “filhoo”.

(Primeiro plano, masculina, média parecendo terminar em um eco curto): “Torrântx”.

(Segundo plano, ruidosa, meio sussurrada, baixa): Na verdade não é segundo plano e sim primeiro, antecedendo a frase anterior. O que se consegue interpretar é: “burrão”. Junto parece algo como “tá errado”

(muito rápido). Agora se parece tanto “tá errado” como “tô errado”, simultâneos, bastando se concentrar em uma ou outra.

(Primeiro plano, masculina, grave, rouca): “Me deixa com a mofo”. O que se entende é “quaómofo”.

(Primeiro plano, masculino, médio): “Desistx, sii” → “Que existx, sii”

(Segundo plano, média, indefinida): “Vai retorná” (a irmã do autor vai retornar da viagem daqui a dois dias, no domingo, 02/01/2022). “Vai retorná” se escuta como “qué retorná”.

(Primeiro plano, masculina, média/grave): “Pois”.

(Primeiro plano, média/aguda, transitando para grave): “Tire o tal calor”.

(Segue um trecho de ruído): Querendo atribuir algo, o som parece dizer “esfolei” ou “te falei”. Mas é mera imaginação pelo que se ouve.

(Primeiro plano, masculina). Tal trecho parece um *mix* com conteúdo de outra gravação. Eis: “tíroeivo” (grave) “se ocorrências se lhe ocorrer” (média).

(Segundo plano, média, tom mais agudo que o primeiro plano): “Valdo tá com amor”.

(Primeiro plano, masculina, média/grave): “Disputantx” pausa “portantx”.

(Segundo plano, aparentemente dueto feminino/masculino, agudo/grave): “O Valdo tá com amor” indo de “-tan-” a “-tan-” da expressão acima, passando pela pausa.

(Primeiro plano, masculina, grave, silabada, ruidosa): “m por tan tx” seguido por “qué” (médio/agudo, ruidoso).

(Segundo plano, masculina, média): “Não digue não” ou “Andignô”.

(Primeiro plano, masculina, média, tom do primeiro plano): “Entende, compreende? Pra despedir”.

(Segundo plano, médio/agudo, baixinha, parecendo voz de brinquedo falante): “Oia lá quem (faltou completar - começando em “pra” da sentença anterior).

(O autor deu uma pausa, saindo um pouco. Voltou agora (22:32:32).

(Segundo plano, médio/agudo, baixinha, parecendo voz de brinquedo falante): Não dá para interpretar, muito baixo, misturando com o primeiro plano. Parece começar com “errona” ou “errô na”. Mesmo assim ainda parece ser o primeiro plano, que mudou: no lugar de “pra despedir” agora se tem: “errô na” “só por este dia!”.

(Segundo plano, agudo, feminino, som de tweeter): “Que homem”. Continua com “que farda!” em médio, meio rouco, parece ser dueto.

(Primeiro plano, dueto masculino /feminino, médio): “Skol dá brilhera” ou “scónd a brilhera” bastando pensar numa delas que é isso que se escuta.

(Primeiro plano, masculino): “Mêslô” (média metalizada) “Bedum forró” (média/grave, cantando).

(Primeiro plano, masculino, médio metalizado): “Não entendo”.

(Segundo plano, médio mais rouca): “Gula”.

(Primeiro plano, masculina média metalizada): “Toque aqui!”. Ao selecionando um trecho maior à frente, se entendeu este trecho como: “Só até aqui!”.

(Primeiro plano, masculino, grave): “Portandoó” pausa “entendx”.

(Primeiro plano, média/aguda, meio indefinida): “Ondes amava?” “porque”. (Tudo indica que este áudio está truncado pois a mensagem termina aqui.) (23:04:35)

(23:05:38) (Velocidade 70%)

Pergunta feita aos falecidos: “Nova tentativa”.

Resposta dos falecidos

(23:06:43) (Velocidade 70%)

(Primeiro plano, masculino, grave, ruidosa): Trecho ruidoso que parece dizer “frentx” → “nfluentx” → “influentx” → “fontx” → “Ondx” (neste momento, basta pensar nestas duas últimas que é isso que se escuta. Mas se pensar nos anteriores, não se consegue o mesmo).

(Segundo plano, médio metalizado): “Cega” → “esfrega” → “escorrega” → “colega” (Neste momento, se pensar em qualquer uma das anteriores, é isso que se escuta, com exceção de “cega” que se escuta “te cega” → “te serra” → “te ferra”. Qualquer uma destas ou das anteriores pode ser escutada, bastando pensar nelas. O impressionante é que agora mudou radicalmente, dizendo “micro-onda” sem o “s” final. Tanto o segundo plano quanto o primeiro estão dizendo a mesma coisa. O primeiro plano passou a dizer Ana enquanto o segundo plano diz “microona”. O primeiro plano já diz de novo “influentx” enquanto o segundo continua com “microona”. O primeiro voltou para Ana. Optou-se por parar por aqui senão o restante não poderá ser interpretado.

(Primeiro plano, masculino, médio, tom esquisito, bem diferente do captado na velocidade normal): “Cuustou metas de dente” (este “e” final é separado e alongado, meio sussurrado).

(Segundo plano, feminino, dueto, ruidosa, sussurrada ou quase): “É de loco”.

(Primeiro plano, agudo, metalizado, meio “enrolado”): “Ignorando indo,

tá corre-corre”.

(*Primeiro plano*, masculina): “Difi” (metalizada) “co” (grave) (“dificô”).

(*Primeiro plano*, sussurrado): “Juno Mário” → “Diz o Mário” → “assim não vale” → “não vale” → “inválido” → “não pare” → “compadre” → “pálido” → “quero nota” → “os olhos” (bem agora o autor deu atenção aos olhos). É de se notar que “quero nota” e “os olhos” ficam juntas mas não é fácil escutá-las simultaneamente. “Cheira mal”. Optou-se por continuar com o restante.

(*Primeiro plano*, masculina, média grave meio metalizada): “Dissolveu” → “Slovêr”. O trecho completo ficou assim, depois de um tempo: “Júnior vai resolver” com “Júnio vai re” sussurrada e “solver’ grave/ruídos. Este “Júnior vai resolver” se transformou em “tu não vai resolver”.

(*Primeiro plano*, masculina, grave, fanha/ruídos): “Por que foi pá de lixo?”.

(*Primeiro plano*, masculina, média metalizada): “Medixtx sii”.

(*Segundo plano*, sussurrada, média, aparentemente em coro): “Ninguém char mô”. Este “char” vem acompanhado de um som como se houvesse repique rápido de bola de tênis de mesa.

(*Primeiro plano*, masculino, grave): “Pluis”.

(*Primeiro plano*, masculino, médio metalizado): “Ti legal ter mor”.

(*Primeiro plano*, masculino, grave, rouca): “Foi. Noiva se foi”.

(*Segundo plano*, masculino médio): “J. S. se foi”. Nota: realmente foi pronunciada uma abreviação, ou seja, o “J” e o “S” sem qualquer vogal de suporte. Nota 2: tais resultados de “se foi” é fruto de seleção restrita.

(*Primeiro plano*, masculina, grave, rouca): “Foi. Noiva. se for ocorrência se discorrer”.

(*Segundo plano*, masculina, média meio metalizada, nível de primeiro plano): “Tu tá de disco novo?” (quase silabada).

(*Segundo plano*, embrulhada, muito baixa, média): Parece dizer: “ah, eu não vô mais” “ter um disco vivo” com a mesma voz média, meio metalizada, com nível de primeiro plano acima.

(*Primeiro plano*, masculina, grave, rouca): “Disputantx” pausa “mportantx”.

(*Segundo plano*, feminina, média/aguda): Inicia com “semea” ou “quemea” metalizada seguido por “Perdemo impredo arranha” onde “rr” é aspirado, pronúncia comum hoje em dia.

(*Primeiro plano*, média, metalizada, parecendo um guincho): “Tu repúdia” (com “i” duro).

(*Primeiro plano*, masculina, grave, rouca): “Importantx for ontxi”.

(*Segundo plano*, médio metalizado): “Tente informar o (mudado de

direção, ficou sem conclusão pois não se estava conseguindo entender.
 (*Segundo plano, médio metalizado, de novo*): “Chega gatinho ferrá ontxi” muito difícil de interpretar, desistido pois está ficando tarde.
 (*Primeiro plano, masculina, grave, rouca*). Trecho completo “Importantx for ontxi, importantx pra despedir”.
 (*Segundo plano, dueto masculino (medio) com feminino médio/agudo*): “ai deixa, porque expandx”. (01:05:02)
 (*Primeiro plano, feminino, médio/agudo, metalizado*): “Você vai transformado”.
 (*Primeiro plano, uníssonos, masculino, médio*): “Skol vai tá chegá”.
 (*Primeiro plano, masculina, média/grave*): “Pentx”.
 (*Segundo plano, feminina, aguda, baixa*): “Fim da noitx”.
 (*Primeiro plano, masculina, grave, com som quase que borbulhando, uníssonos com feminino*): “D importantx forró”.
 (*Primeiro plano, masculino, grave*): “Portando-o” pausa “muito importando-o”. Revisitando o trecho, encontrou-se “Portantes qué por si portando-o”.
 (*Primeiro plano, masculino, médio algo metalizada*): “Pra frentx” → “stafantx”.
 (*Segundo plano, agudo*): “Antigu” → “já vai dormir” sussurrada chiosa. Neste momento parece “aarduir”.
 (*Primeiro plano, em coro com batida de palma, feminino, médio*): “Não tá chapadoi”.
 (*Primeiro plano, masculina, média/grave meio metalizada*): “Purquê?”. (01:46:14)

Comentário: neste ponto ocorreu ao autor que, se os acréscimos feitos ao áudio acontecer por intermédio de microfones na parte dos falecidos, ou seja, se eles falam em microfones para depois inserir neste arquivo de áudio, em hipótese nenhuma se encontrou sons do ambiente (do autor), como periquitos ou cachorros, na reprodução, indicando que tais microfones, se existem, não captam o ambiente local ou há recursos para anulá-los.

(03/01/22) (22:05:34) (Velocidade 50%)

Pergunta feita aos falecidos: “Nova tentativa”.

Resposta dos falecidos:

(*Primeiro plano, média, indefinida*): “nflôié”.

(Primeiro plano, masculina, grave/média): “Não há tempo de experiência depois”.

(Segundo plano, sussurrada, quase imperceptível, muito lenta): Muito difícil de interpretar. Além dessa há um trechinho que diz “de amor” (feminina, média, normal) logo após “experiência” mas iniciando antes de “depois” embora ambas sejam pronunciadas ao mesmo tempo. Há um claro conteúdo sussurrado mas não foi possível interpretar embora pareça relevante.

(Primeiro plano, masculina, um pouco normal e um pouco metalizada): “Não é o rosto do pai”.

(Primeiro plano, masculina, média, meio tremida): “Márcio Prades”. (Pronunciada “Márcio Praádes”.

(Primeiro plano, masculina, média transitando para grave): “Se ele foee”.

(Primeiro plano, feminina, média): “Chega na (final ininterpretável mas parece algo como “hert”. Parece ter desacelerado e agora se parece como “chega NovaIorq” → “cheganamaior”).

(Primeiro plano, masculina, grave): “Sô cô”. Logo se entendeu “psô côo” (transitando de média metalizada para grave).

(Primeiro plano, masculina grave fanha/ruidosa com componente chiosa): “Pur quê perigo de eu 'vivooficiôr”.

(Segundo plano, difícil de interpretar) → “Pausa para descansar”. O autor não se lembra mais mas é provável que tenha dado um tempo antes de continuar, por estar esgotado. (22:56:21)

(23:19:03) Continuando...

(Segundo plano, média): Não se consegue interpretar pois fica “atrás” de “perigo” mas parece com “pela ô”.

(Primeiro plano, masculina, grave): “Depois que eu fue”.

(Primeiro plano, masculina): “Aguantee” (média) “tchiarlaprôu” (média metalizada com eco) “formáa” (grave) “dêchaa” (grave) “córiscôo” (grave).

(Primeiro plano, masculina, grave): “Se for corantx ela agir de ser ignorância”.

(Primeiro plano, masculina, grave para média quase metalizada) “Hênêrao”.

(Primeiro plano, masculina, grave fanha transitando para média metalizada): “Portância”.

(Primeiro plano, média, tendendo para metalizada): “Muito elediávoeira”.

(Primeiro plano, média metalizada): “Curreu” “fúbio” (masculina,

média/grave, normal).

(Primeiro plano, masculina, grave): “Pur que só lêstx impor tântx”.

(Segundo plano, masculina, média quase metalizada): “Só lestx informal” iniciando em “só” e terminando em “impor” da expressão acima.

(Primeiro plano, masculina, média): “Pergunte isso” (lenta) “vai ficar quem” (mais rápida, meio soluçada ou com eco).

(Segundo plano, feminino, médio): “Beral” (mais lenta) “não pega de náilon” (rápida).

(Primeiro plano, masculina, média quase aguda, meio metalizada): “Pior que seja de noortx roósa”. (Com acompanhamento musical tipo floreio de gaita/acordeão).

(Primeiro plano, masculino, média, meio rouca): “Cleur for partido, creia”. (“Creia” vem meio tremida, média/aguda, um tanto metalizada e bem mais rápida).

(Primeiro plano, masculina, média normal transitando para “falta de voz”): “Competx fazê”.

(Primeiro plano, masculina, grave, bem complexa entre tremida e melodiosa, difícil de descrever): “Alto-falante” “descolocô” (masculina grave). Esse “descolocô” agora se entende por “pscolocô”. Além disso se percebe um “pseummm” (média, algo metalizada, como segundo plano).

(Primeiro plano, masculina, grave): “Não esqueçaa”.

(Primeiro plano, média, aparentemente em coro): “Rebola”. Ao mesmo tempo, masculina grave, parece dizer “putcha” ou “utcha”.

(Primeiro plano, masculina, média): “Uma fofura”.

(Primeiro plano, masculina, média/grave): “Tio Fantx”.

(Segundo plano, média, masculina): “Prá manhã”.

(Primeiro plano, aparentemente feminino, média): “Tu tá chapadoô”. (Aparentemente há um dueto com leve deslocamento, pois há desencontro.)

(Primeiro plano, masculina, grave): “Múrcerê” → “mostrarê” e “mostra aí” (aparentemente interpretado a partir de um acompanhamento musical de fundo, ou seja, um instrumento parece “falar”).(00:46:10) (04/01/22)

Mensagem 03 (24/09/21)

Data da gravação: 24/09/2021

Nome dado ao arquivo de áudio: 2021-09-24-FAZER.mp3

Fluxo normal

Pergunta feita aos falecidos: “Alguém teria mais um recadinho aí?” (**reverso:** “e a um dia que ligar mais rebimbó”.)

Resposta recebida:

“Abre os teus olhos junto com o sono, tio Valdo, que te pague. Onde tu vai tomar banho. Já me sinto mal. Muito boa tarde. Lava com muito sabão. Vai ver se apren”

(trecho holográfico, *perpectiva 1*): de a tomar banho.

(trecho holográfico, *perpectiva 2*): Vem cá banho!

“Vem cá banho!”.

Fluxo reverso

“Vai tomar banho, ajuda pro tio Valdo. Vai tomar teu banho direto antes de continuar. Vossa Excelência, o psicólogo, para continuar. Levanta! Solta o primeiro britador desde julho. Vou de mala”.

Revedo e refazendo

Fluxo normal

Resposta recebida:

(24/09/21) (?) (velocidade (?))

“Abre os teus olhos junto com o sono, tio Valdo, que te pague. Onde tu vai tomar banho. Já me sinto mal. Muito boa tarde. Lava com muito

sabão. Vai ver se apren”

(trecho holográfico, *perpectiva 1*); “de a tomar banho”.

(trecho holográfico, *perpectiva 2*): “Vem cá banho!”.

“Vem cá banho!” (?)

Nota: os sinais de interrogação entre parênteses indicam hora ou velocidade de reprodução ignorada (por não ter sido registrada no momento da transcrição).

(07/11/21) (**Refeito nesta data**)

(21:40:58) (velocidade normal)

“Olha o cartão parou de crescer pro tio Valdo, que te pague. Vai tomar banho. Já me sinto mal, Vai tomar banho, deixa de linguiça (?), me livre “du francesa”. Vem cá banho!”. 22:25:47

(22:26:01) (velocidade 70%)

“O Éden 'trais' mais dor do real (**simultâneo**: “do perfil”, **iniciando em** “do real”), imagina o tio Valdo buldogue! Tu vai tomar banho. Rotina cruel. Tu tem uma rotina (**pronunciado** “rótina” e **não** “rôtina” (**paroxítonas**). **Se transformou em** “Vivaldino tem uma rotina” **em feminino, segundo plano, em dueto no final com** “rotina” **em masculino. O restante simplesmente desapareceu**). “Mexam copisca” (**com o pisca?**) **simultâneo com segundo plano em** “copisca” **dizendo** “o Valdo deixa”, “pra de dar dor no, como é que se fala?, tá na fieira dele”. **Simultâneo com** “dele” **que não se sabe se é feminino ou não, pelo tom, vem** “fuga” **em masculino (muito mais forte)**. (23:02:15)

Fluxo reverso

24/09/21 (?) (velocidade (?))

“Vai tomar banho, ajuda pro tio Valdo. Vai tomar teu banho direto antes de continuar. Vossa Excelência, o psicólogo, para continuar. Levanta! Solta o primeiro britador desde julho. Vou de mala”. (?)

07/11/21 (Refeito nesta data)

(23:04:43) (Velocidade normal):

“Cadê”

(Em *segundo plano*, muito rápido, algo que se parece com “tu já vem” → “Sueli” → “tu sua ali” → “tu já é” → “pro Jair” → “isso aí”).

(Continuação do primeiro plano) “Valdivino bocaberta”. O cadê passou a ser ouvido como “tá bem” → “amém”). Virou confusão pois tanto o primeiro plano quanto o segundo mudam cada pouco (transformação) (Primeiro plano: “escolhe bem” → “escolhe be” → “escolhe bits” → “chá verits” → “favoritos” → “já vem” → “também” → “tá bem” → “fecha bem” → “chabém” → “Né?”) (Segundo plano: “suja bem” → “tu já vem!” → “tu já era!”). O “Valdivino bocaberta” passou a ser escutado como “pode vir, bocaberta. O vermelho é o que ata, o senhor impulsô”, (segundo plano continua com “luisressender” sendo que o primeiro plano diz “êta!” iniciando em “re” de “ressender”). O “luisressender” passou a ser ouvido como “noisressender” (“nois ressender” → “nois ressentente” → “nois recenter”). Nessa altura “eta!” se transformou em “brita” → “frita” → “flita” → “aflita”). “Governo tá de olho. Laranja! → se arranja! Milagre! Oh, que susto, lhe ferrou. Segura → se cura”. (23:59:20)

(23:59:32) (Velocidade 70%):

“Deixa ele ver. Tá lá em cima → falá em cima → falá enciuma. Fiz um oito → bisão oito → visão oito → visão morto - visão no horto → visa no arto → visa no ártu → (). Quando venho avisar. Dá um estico” (segundo plano: “berrando com o maneco” → “errando com o caneco”).

“Vai a um “osculistim” → “oshfilistim” (Segundo plano: “o felistem”) → “ofialestem” (Segundo plano: “eles têm”) → “oficialés têm” (Segundo plano: eles têm) → “o chalé estranho” (Segundo plano: “é estranho” (em dueto com estranho do primeiro plano) → “eu estranho”). “Menu, corante, mal de cor” (Segundo plano: “corá”). “É um alerta” (Segundo plano: “não reclama”). “É um alerta” se transformou em “deu aberta” que passou a ser pronunciado em uníssonos indicando que vários atuam em conjunto. “x'logo vamos a reprisar isso, entende, lhe filmô. Se acorda!” → “jaguara” (velocidade 40% → “de ajoelho”) (01:06:20)

(velocidade 40%): “Mexer o boi → que cheiro ruim. Que explode. Esse foi forte o cheiro” (aparentemente o segundo plano repete com voz muito aguda, contrastando com a voz grave do primeiro plano, dando a impressão de uma ladainha). “Por quê levás as flores” → “por que lava

as cuia” → “por que levas a escoia” → “por que lá vascuia” (em unísono). “Este saco é teu” (*Segundo plano: difícil de entender se há algo aqui mas parece ter algo como “é, é teu” meio como se fosse um eco*).

Nota: “chalé estranho” se refere a uma casa vizinha recentemente construída.

“O alho (“oáio”?) antes que ele contar. Isso pega. 'Vertiual'. Só a honra o impede” que se entendeu como “sua onça o impede”. “A 'Crerezin' diz saber” (“a Crerezin” em voz feminina muito aguda, completada por “diz saber” com voz masculina grave tendendo para cavernosa). “Torce por eles” que se entendeu como “conte com eles” → “corte com eles” → “cote com eles”. “Qué um prazer 'meu” (esse “meu” entrou com um efeito, ligando ao tom agudo da frase o grave de uma voz masculina média) → passou-se a entender como “o sol vai trazer” no segundo plano seguida por “adeus” no primeiro plano. “Jesus: de ajoelho!” (01:56:11)

Reverso da pergunta feita

24/09/21

Pergunta feita aos falecidos: “Alguém teria mais um recadinho aí?”.

Reverso: “E a um dia que ligar mais rebimbó”.

07/11/21 (21:26:22) (velocidade normal)

Pergunta feita aos falecidos: “Alguém teria mais um recadinho aí?” (21:26:39)

(21:36:50) (velocidade normal)

Reverso da pergunta: “E a um dia que ligar mais rebimbó”. (21:38:52)

Nome dado ao arquivo de áudio: 2021-09-24-FAZER - parte 2.mp3

Fluxo normal

Resposta recebida dos falecidos

08/11/21 (23:14:56) (velocidade 63%)

“Refiz mais dinheiro” (**gritado**). “Foi o que eu fiz” (**continua em segundo plano**: “por que não ajeita”). “É o tio Valdo um buldogue. Tu vai tomar banho” (**dueto em uníssono**). “A rotina claro. Teme pra rotear” (**dueto em uníssono**). “Vai deixando cupim escapar” (**dueto em uníssono, pouco discernível**). “Vai falando” (**mais baixo, como se houvesse um terceiro incitando alguém a falar**). “Vai te levar. Que 'bestera'. Périgoso” → “é rigoso”.

09/11/21 (00:07:31) (Velocidade normal)

“Não só o trabalho biruta ingressô. O tio Valdo que te pague. Vai tomar banho. Fétido no plural. Vai tomar banho. Deixa de linguíça. Parte 'quilímedro”. “Princesa” **que passou a ser entendida como** “francesa” → “franciesa” → “frantiesa” → “vão te levar”. “Que que foi? Chega!” (*segundo plano*: “pégadiço” (Paroxítona).)

Fluxo reverso

24/09/21 (?) (velocidade (?))

“Vai tomar banho, ajuda pro tio Valdo. Vai tomar teu banho direto antes de continuar. Vossa Excelência, o psicólogo, para continuar. Levanta! Solta o primeiro britador desde julho. Vou de mala”. (?)

07/11/21 (**Refeito nesta data**)

Fluxo normal

09/11/21 (00:34:41) (velocidade normal):

“Já vem. Pode vir. Bocaberta. Só pra reanimá. Acima do cursor” (*segundo plano* **rápido demais para entender**). “Acima do cursor” **passou**

a ser entendido como “estilo de professor.” → “estilo divisor” (ou “de visor”. *Segundo plano* passou a ser entendido como “É Londres”). Foi no estádio. Correndo “rôtvil”. Se arranja. Quem abre o 'meu gébrido' diz por que covardia”. (00:56:13)

(00:56:22) (Velocidade 63%):

“Tá fora de: Teresinha → teresminha. Deixa aberta” (*dueto em uníssono - no local onde na velocidade normal se entende* “boca-aberta”). “A menina está pedindo” (ou “figindo” → “fugindo”) “coáreou” (*segundo plano*: “pra sáibado!” ← *velocidade 53% neste ponto confuso que permitiu ouvir o segundo plano*). “Oxalá estranho, belê” (*Segundo plano*). “Overárig, deixe falar!” (*Segundo plano*). “Seu Alert que amo. E logo voltaremos. Desperdício” (*Segundo plano*: “ciúme de...”). “Qual é? Já mentisti” → *passou a ser entendido como* “tem ciúme de (*não será registrada aqui tal palavra*). “Já omitiste!”. (01:29:38)

Fluxo reverso

24/09/21

Pergunta feita aos falecidos: “Alguém teria mais um recadinho aí?”.

Reverso da pergunta feita: “E a um dia que ligar mais rebimbó”.

07/11/21 (21:26:22) (velocidade normal)

Pergunta: “Alguém teria mais um recadinho aí?” (21:26:39)

(21:36:50) (velocidade normal)

Reverso da pergunta: “E a um dia que ligar mais rebimbó”. (21:38:52)

09/11/21 (01:30:49) (velocidade normal)

Reverso da pergunta: “E a um dia que ligá mais rebimbó” (01:31:53)

Mensagem 04 (27/09/21)

Data de gravação: 27/09/2021

Nome dado ao arquivo de áudio: 2021-09-27 CONTINUAR E REVISAR (1).mp3

Fluxo normal

(04/01/22) (01:11:03) (Velocidade normal)

(*Primeiro plano*, *agudo*): “Se tu não tivesse tirado o sapat(o)”. *Esse “o” final ocorre bem no final do arquivo, parecendo este ter sido cortado fora de ponto.*

(Velocidade 76%)

(*Primeiro plano*, *masculina média em dueto com masculina aguda*): “Se tu não tivesse tirado o sapat”.

(Velocidade 60%)

(*Primeiro plano*, *masculina média em dueto com masculina aguda*): “Se tu não tivesse tirado o sapat”.

Fluxo reverso

(04/01/22) (01:19:58) (Velocidade normal)

(*Primeiro plano*, *média em dueto com aguda*): “O WhatsApp inxêiridu”.

(Velocidade 76%)

(*Primeiro plano*, *média em dueto com média mais aguda*): “U WhatsApp inxêiridu”.

(Velocidade 60%)

(*Primeiro plano*, *média em dueto com média mais aguda*): “U WhatsApp inxêiridu”. (01:26:28)

Nome dado ao arquivo de áudio: 2021-09-27 CONTINUAR E REVISAR (2).mp3

Fluxo normal

(Velocidade normal)

Pergunta feita aos falecidos: “Mera tentativa”.

Resposta recebida:

(*Primeiro plano*, masculina, média transitando para agudo): “Seu apelid é raio vilde”. (01:40:52)

(04/01/22) (22:37:43) (Velocidade normal)

(*Primeiro plano*): “Seu apelid é raio vilde”.

(*Primeiro plano*, masculina, média/aguda): “Jâg in tac géia”.

(*Primeiro plano*, masculina, média/aguda): “unvar este vídeo”.

(*Primeiro plano*, masculina, média, algo metalizada): “Racha um dias de hoi”.

(*Segundo plano*, agudo): Diz a mesma coisa que o primeiro plano, em dueto.

(*Primeiro plano*, masculino, transitando de agudo para média, metalizada): “Não se pode tirar a harpni”. Nota: o “h” aqui é aspirado. (23:16:24)

(Velocidade 76%)

(*Primeiro plano*, masculino, média normal transitando para aguda metalizada): “Seu apelid ´é raio vilde”.

(*Primeiro plano*, masculina, média, metalizada): “Já mentiô una jelha”.

(*Primeiro plano*, masculina, média/aguda com finalização meio metalizada): “Espalha este vídeo”.

(*Primeiro plano*, masculina, média transitando para média/grave): “Rachô txu escova”.

(*Primeiro plano*, masculina, média transitando para sussurrada): “Não

pode tirá a barbde”.

(Velocidade 60%)

(*Primeiro plano, masculina, grave transitando para média*): “Seu aquário é acoar o duílsferri”.

(*Primeiro plano, masculino, médio, meio metalizada*): “Já pintchou na Angélica”.

(*Primeiro plano, masculino, normal transitando para médio, metalizado*): “Escola xtiment o remédio”.

(*Primeiro plano, masculina, grave*): “Rachô txu escova”.

(*Primeiro plano, masculina, média transitando para agudo metalizado*): “Não se pode tira a baazed”.

(*Segundo plano, médio/agudo*): Há um acompanhamento do tipo musical como se executado com piano nas teclas agudas”. (00:06:54)

Fluxo reverso

(00:09:26) (Velocidade normal)

(*Primeiro plano, masculina, média*): “A Mari qué ouvin”.

(*Primeiro plano, masculina, grave*): “Água pros pech”.

(*Segundo plano, masculina, média*): “Vou tê que i já” → “vô te quixá” → “vô te qui chá?” → “botei qui chá?”.

(*Primeiro plano, agudo, metalizada*): “Um milhão de discret”.

(*Primeiro plano, média, metalizada*): “Não interessa, vai te”.

(*Primeiro plano, bem agudo, metalizada*): “bibliardjenta milifoe”. (00:25:13)

Reverso da pergunta feita:

(**Voz do autor**): “Dêxa mi tarénn” (00:26:08)

(00:28:06) (Velocidade 76%)

(Nota: ao parar o autor percebeu algo que se parecem vozes bem baixinhas no ouvido, incompreensíveis. Neste momento pararam.)

(Primeiro plano, masculino, média/grave em dueto com feminino média): “junto à mágico ao vir” → “junto a mágica que ao ouvir”.

(Primeiro plano, masculina, grave): “Ao gostinho quix”.

(Segundo plano, média, algo metalizada): “Tinho quix chorar' (em dueto com a sentença anterior, completando-a no final).

(Primeiro plano, masculina, média/aguda): “Persegue um dedo”.

(Segundo plano, feminina, aguda, metálica): “De ssláide” começando em “de” de “dedo”, completando a expressão no final.

(Primeiro plano, média): “Lhe interessa a morti” → “lhe endereça a morti”.

(Primeiro plano, aguda): “Ansfiblo eangépolia depois”. (00:52:14)

Reverso da pergunta feita:

(Voz do autor): “Me dêxa mi varann”. (00:53:09)

(00:53:40) (Velocidade 60%)

(Primeiro plano, masculina, média/grave meio sussurrada): “A quael di fmólds”.

(Primeiro plano, grave, algo rouca): “Ólhe o gust tiver ficha”.

(Primeiro plano, média, dueto, metalizada); “Rogério a gente dissolds”.

(Primeiro plano, média, metalizada): “Lhe interessa a morti lá!”. (O “lá!” é pronunciado enfaticamente).

(Primeiro plano, aguda, metalizada): “Destruímo a la véspera, inala a flor”. (01:12:24)

Reverso da pergunta feita:

(Voz do autor): “Me dêxa mi tarran”.

Fluxo normal

(05/01/22) (01:17:13) (Velocidade normal)

Pergunta feita aos falecidos: “Mera tentativa”. (01:19:05)

Resposta recebida:

(01:19:48) (Velocidade normal)

(Primeiro plano, agudo, metalizada): “Se não tivesse tirado o sapat. Teu apelid é raio vilde”.

(Primeiro plano, médio/agudo, metalizado): “Joguin choc véia”.

(Primeiro plano, médio/agudo, metalizado): “Libere este vídeo” → “bugar este vídeo” → “mudar este vídeo”.

(Primeiro plano, masculina, média, algo metalizada): “Agentes do BOE”.

(Primeiro plano, masculina, média/aguda): “Vê se pode tirar rápido” → “Não se pode tirar rápido”.

(01:33:17) (Velocidade 76%)

Pergunta feita aos falecidos: “Mera tentativa”.

Resposta recebida:

(01:34:54) (Velocidade 76%)

(Primeiro plano, masculino, média, algo metalizada): “Tu não tivesse tirado o sapat. Teu apelid é raioviltsdi”.

(Primeiro plano, média, metalizada): “Joguing” (masculina) “txu navalha” (talvez feminina, ruidosa).

(Primeiro plano, masculina, grave “oca” transitando para aguda metalizada): “Esparra este vídeo”.

(Primeiro plano, masculina, grave, aparentemente em dueto com feminina média): “Agentes do BOE”.

(Primeiro plano, masculina, média quase sussurrada): “Não pode tirar a básed”. (01:47:42)

(01:49:20) (Velocidade 60%)

Pergunta feita aos falecidos: “Mera tentativa”. (01:50:19)

Resposta recebida:

(01:50:52) (Velocidade 60%)

(*Primeiro plano*): “Se não tivesse tirado o sapat” (**masculina, média**). “Slougué!” (**coro, média**). “poiam até agora wilsdi”.

(*Primeiro plano, masculino, média*): “Joquing” (**mais grave**) “txuma jeito” (**mais aguda**).

(*Primeiro plano, masculina*): “Scolast” (**grave**). “te mete o remédio” (**médio**) → “simplesmente o remédio”. (**É, já passou da hora do autor tomar o remédio, que é por volta da meia-noite**).

(*Primeiro plano, masculina, grave*): “Ela Chentimente ficou boa”.

(*Segundo plano, média*): **Acompanhamento musical, ficando difícil de captar os detalhes pois o primeiro plano, muito grave e forte, toma todo o espaço auditivo da percepção. Mas dá para se notar que é muito trabalhado.**

(*Primeiro plano, médio, masculino, meio sussurrado*): “... pode tirar a básed”.

(*Segundo plano*): **Acompanhamento musical**. (02:17:43)

Fluxo reverso

(05/01/22) (22:28:54) (Velocidade normal)

(*Primeiro plano*): **O trecho inicial não se entende.**

(*Primeiro plano, aguda, muito baixa*): “A Mari tá ouvind”.

(*Primeiro plano, média, masculina*): “Prá você christi”.

(*Primeiro plano, agudo*): “Que o senhor diz 'discrents”.

(*Primeiro plano, média/aguda*): “Não interessa, vai-te”.

(*Primeiro plano, aguda*): “A Bíblia 'jádinhero”.

(*Primeiro plano*): “Foi” (**média/grave**) “batizado enxêiridu” (**média, talvez feminina, algo metalizada**). (23:12:08)

Reverso da pergunta feita aos falecidos: “Me dexa mi tarrán”. (23:13:02)

(Velocidade 76%)

(*Primeiro plano*, masculina, média/aguda, quase sussurrada): “Junto a Mari quer ouvir”

(*Primeiro plano*, masculina, grave): “Augustinho fishes”.

(*Primeiro plano*, média): “Por que será?”.

(*Primeiro plano*, masculino, média/grave): “Alagort”.

(*Primeiro plano*, média): “Pur quix” “chorá” (levemente mais aguda).

(*Primeiro plano*, aparentemente masculina, aguda): “Persegue a mil te esfregue”.

(*Primeiro plano*, aparentemente em coro, agudo, meio fanha/rouca): “Lhe endereça a morte”.

(*Primeiro plano*, aguda, muito baixa como se sussurrada mas sem o ser): “Ansia por 'angéspiur”’. Esse “angéspiur” tem o final tremido. Foi necessário copiar para uma nova instância do *Audacity* e normalizar para captar isso.

(*Primeiro plano*, média, metalizada): Se ouve algo parecido com “(f)ori”. Ao mesmo tempo há outra voz que parece dizer “trena”. (Nota: o autor procurou, sem encontrar, justamente uma trena, poucas horas antes). Esse “(f)ori” agora se ouve como “que mais” e “trena” como “pena” → “cama”. O autor está “morrendo” de sono. O “pena” agora se ouve como “tema” → “toma” e “que mais” como “tomás”.

(*Primeiro plano*, masculina, média/aguda, aparentemente com eco mas que deve ser um som tremido): “Uót sable”. Talvez esse “Uót” seja “what”, termo inglês.

(*Primeiro plano*, masculina, média, meio metalizada): “Chéirgudú”. (00:06:37)

Reverso da pergunta feita aos falecidos: “Me dexa mi tarrán”. (00:07:22)

(00:08:40) (Velocidade 60%)

(*Primeiro plano*, masculino, média tendendo para grave, meio sussurrada): “Voacoelds for moldis” com fundo musical.

(*Primeiro plano*, masculino, média/grave): “Alargurt quer fichaa” (com acompanhamento musical). Este “fichaa” de forma selecionada, é ouvida como: “michai” onde o primeiro “i” é muito mais grave que o segundo.

(*Segundo plano*, masculina, média, gritada): “Mi surra” em dueto com masculina, grave, metalizada. Tal expressão ocorre junto de “míchuai” (não é mais “michai”) → “lix(u)” com a perda crescente do final “uai”. E

o “mi surra” já se ouve “empurra” onde o “rr” é aspirado.
(Primeiro plano, aparentemente masculino, agudo algo metalizado):
“Rogério antende de solds”.
(Primeiro plano, masculina, média/aguda transitando para média/grave):
“Lhe enteressa a morti lá” → “Lhe endereça a morti lá”.
(Primeiro plano, feminino, agudo meio tremido): “Já destruímu a
véspcuilâdâ”.
(Primeiro plano, masculino, médio/grave com final metalizado):
“Hédiús” → “Régue-us” onde o “R” é aspirado.
(Primeiro plano, médio tendendo para agudo com transição final para
médio/grave metalizado): “Uót sable” “enxéridú”. Esse “enxéridú”, de
forma isolada foi ouvida como “prui chásticu”. Há uma segunda voz que
diz; “prui saco”.

Reverso da pergunta feita aos falecidos: “Me dexa mi tarrán”. (01:06:01)

Nota: neste momento o autor, ao parar, está a escutar uma espécie de
conversa bem baixinha em seus ouvidos.

Nome dado ao arquivo de áudio:

2021-09-27 (NOITE) (-1-) CONTINUAR E REVISAR.mp3

Fluxo normal

(06/01/22) (01:09:42) (Velocidade normal)

Neste áudio os falecidos se antecipam à pergunta do autor e já começam
a falar, havendo um encontro de pergunta com resposta. O autor exitou e
a pergunta se deu em duas partes, gerando uma espécie de confusão com
a resposta.

(Resposta antecipada dos falecidos)

(Primeiro plano, masculina, média algo metalizada): “Diz que o raio de
prata dividi o ambientx”.

Pergunta feita aos falecidos:

“Gostari” (por ser muito tarde e o autor estar esgotado, optou-se por terminar por aqui). (01:26:21)

(06/01/22) (22:54:16) (Velocidade normal)

(*Primeiro plano, masculina, média algo metalizada*): “Diz que o raio de prata dividi o ambientx”.

Pergunta feita aos falecidos pelo autor: “Gostari”.

Continuação da pergunta feita pelo autor aos falecidos: “Gostaria de agred(ecer) toda ajuda quire recebi”.

(*Segundo plano, masculina, média/grave*): “Tô levando”.

(*Primeiro plano, feminino, agudo, praticamente sussurrado*): “Sueli vai tá lembrando de tomá banho”. A continuação é complicada de interpretar, foi copiado o trecho para uma nova instância do *Audacity*, normalizado e o que conseguiu captar foi algo parecido com “te ver tua mãe” que se entendeu logo a seguir como “dever tamém (também?)”.

(*Primeiro plano, médio/agudo*): “Vai adiante”. A seguir a interpretação se complicou, foi copiado o trecho para nova instância do *Audacity*, feita normalização de parte da seleção e o que se conseguiu captar foi isso: “Nâtiulguién” seguido por “hê” (grave, rápida, aspirado) completado por um “pdim” (agudo).

(*Primeiro plano, masculina, aguda, sussurrada*): “Não há dinheiro que te pague”. Como algo parecia não bater, copiou-se para uma instância do *Audacity*, normalizou-se, fez-se a equalização dos “spikes”, nova normalização com o que se interpretou: “Spa celulite” seguindo por “banque!” (grave).

(*Primeiro plano, masculino, médio, meio metalizado*): “Mexicana” → “Toiscana”

(*Segundo plano, médio em tom diferenciado, um tanto estranho*): “Só pedir!”.

(*Primeiro plano, médio/agudo*): “Já tá mostrado” (finalizado como se modulado por uma vibração típica de um bastão de plástico macio que desliza por uma tela de cerca de malha fina e de plástico).

(*Primeiro plano, feminino, agudo*): “Pela fala é parte de tomá banho”.

(*Primeiro plano, feminino, agudo*): “Pela Virgem” “do Brasil e nem” (masculina, média) que se entendeu em seguida como “contra tilemom” e, em seguida, se entendeu como: “com trato di limão” → “contratiêlimão”.

(Primeiro plano, masculina, média, meio metalizada): “Mais tira do pão (como se fosse modulada ao som de um deslizar sobre uma tela de náilon”.

(Primeiro plano, média/aguda, meio metalizada): “Ritmo senga”. Ouve-se um “setx” enfático junto do “rit=” da expressão anterior. Tal som vem em médio mais agudo,

(Primeiro plano, aguda): “Meu pai” (finalizado por algo difícil de interpretar, como se dissesse: “pegue” ou “mégue” ou “régue” ou, ainda “ai dê”).

(Primeiro plano, masculina, média/aguda): “Diz Wagner queio”.

(Primeiro plano, masculina, média “meio estranha”): “Lerbrant”.

(Primeiro plano, aguda): “Plitiorsom”. Há algo que pode ser interpretado como “for çá!”.

(Primeiro plano, média/aguda): Mais uma difícil de interpretar, se parece com “êntero” seguido por um ruído que se pode interpretar como “vâ”.

(Primeiro plano, aguda): “Tora a bildi”. Ao mesmo tempo se ouve algo parecido com “tu recortô”.

(Primeiro plano, dueto, média com agudo): “Tio Zé. Tunonã mars”. (Mesmo assim somente depois de copiar para uma nova instância do Audacity, equalizar “spikes” e normalizar.)

(Primeiro plano, feminina, média, meio metalizada): “Fladiús ju pem” sendo “fladiús” rápida e mais aguda. “ju” de “ju pem” se percebe de várias formas tais como “h” aspirado ou “r” aspirado mas também como um “j”. (01:57:56)

(07/01/22) (22:34:07) (Velocidade 76%)

(Primeiro plano, feminino, agudo): “Com barril de toca traduziram a mãe”. (Nota: o trecho inicial não é interpretável, parece algo com “rreio”).

Início da pergunta feita aos falecidos (o autor exitou, parou antes de refazer a pergunta): “fessoal”.

Pergunta feita aos falecidos: “Gostaria de agradecer toda ajuda que recebi”.

(Continuam os falecidos durante a pergunta): Não se consegue interpretar pois o nível sonoro da pergunta é muito superior às inserções dos falecidos, tornando inviável tentar interpretar. Nem se tem certeza se o que se escuta realmente pode ser atribuído aos falecidos ou se é espúrio. (22:48:03)

Resposta dos falecidos:

(Velocidade 76%)

(Primeiro plano, feminina, agudo): “Tsulí vai partí não vai tomá banho”.

(Primeiro plano, feminina, agudo): “Sander comê”. “Se pelialotro dio”.

(Primeiro plano, masculino, grave, grave finalizando em agudo quase sussurrado): “O senhor entende” que se escutou “o senhor impépêdi” onde “pêdi” é agudo, o restante grave. Esse “pêdi” é oxítono, isto é, se pronuncia “pedí”. O curioso é que “impépêdi” é proparoxítora (com finalização oxítona). Esse “o senhor impépêdi” passou para “seu impépêdi” e, agora, para “seu importxpedí”. É como se o “seu importx” fosse masculina, com uma segunda participação dizendo “pedi”. Agora “cenaportx” + “pedim” → “cena fortx” + “pedim”. Optou-se por parar aqui.

(Primeiro plano, feminino, agudo): “Tx(u) vai dormir” “este pagui aquele”

(Primeiro plano, masculino, grave): “Puxa sor-rou”.

(Primeiro plano, média algo metalizada): “Vá de pil” “chuta” (sussurrada média) “plis' (aguda).

(Primeiro plano, média, metalizada, tremida ou vibrada): “Predum”.

(Primeiro plano, média, meio metalizada, meio sussurrada, dueto): “Pela folga a partir da vontade”.

(Primeiro plano, feminino, médio): “Pela Virgem” “não vá de ciúma” “bastião e noveia”.

(Primeiro plano, médio): “Pur-rê de mosquito?”.

(Primeiro plano, médio transitando para agudo): “Rápior denim”.

(Primeiro plano, médio, dueto): “Smar te tenham” → “Smar detenham” → “Os mar detenham”.

(Primeiro plano, masculina grave transitando para média): “Sort tu vai”.

(Primeiro plano, média, muito baixa, quase sussurrada): “Buscá Sueli” (foi necessário apelar para uma nova instância do *Audacity*.)

(Primeiro plano, agudo, aparentemente masculina): “Tu chaison” “senns que vá” “fâni”.

(Primeiro plano, dueto médio/agudo): “Vamos entrá ali” “bildi”.

(Primeiro plano, masculina, média): “Pro tio garra novo amor”.

(Primeiro plano, masculina, média, meio tremida ou trepidada): “Que é justo”. (00:22:49)

(00:23:47) (Velocidade 60%)

Resposta antecipada dos falecidos

(*Primeiro plano, masculina, média/grave metalizada*): “História registrô!” “Gratulando o amor” (*meio com eco, meio chiosa*).

Início da pergunta aos falecidos: “Quem soau” (*talvez “quem sou eu”, o autor não se lembra mais do que pronunciou.*)

Pergunta aos falecidos: “Gostaria de agradecê toda ajuda que recebi”. (*Há ruídos ou espúrios junto da pergunta que são ininterpretáveis, talvez seja o reverso que fica perceptível em alguns momentos.*)

Resposta dos falecidos.

(*Primeiro plano, agudo*): Não se consegue entender mas se parece com: “dezomí” ou “de zombi”. Agora se escuta “se zumbir” ou “tu sonha”, dependendo de como se concentra mentalmente. É preciso notar que a perspectiva ocorre após ouvir, já entendendo algo e não ao contrário: não é mera sugestão mental.

(*Primeiro plano, masculina, grave transitando para média, parecendo haver dueto*): “Apostx que o Valdo tomá banho”.

(*Primeiro plano, agudo*): “Filme, TV, tiroteio”. (*O estranho é que na casa do autor não tem TV, ou seja, esta informação, que pode estar ocorrendo em algum lugar próximo, certamente é desconhecida do autor por motivos óbvios.*)

(*Primeiro plano, masculino, transitando de agudo para bem grave*): “Não quero tu nobre” (*agudo*) “fôrfxtinn” (*grave em “fôr”, agudo no resto*).

(*Primeiro plano, agudo, parecendo sussurrada sem o ser*): “Vastiu-lhe a laringe” “qués tiubêr”. (

Foi necessária nova instância do Audacity, equalização dos “spikes” e normalização deste trecho.)

(*Primeiro plano, masculino, grave no início, aguda sussurrada fanha no restante*): “Puch forro” (*grave*) “não devias, brinca”.

(*Segundo plano, agudo*): Parece haver algo como “dspiegue” “peinam”.

(*Primeiro plano, agudo*): Trecho que se parece com “tu é lento”.

(*Primeiro plano, médio, trepidado*): Se parece com “Tirerezon”.

(*Primeiro plano, dueto, médio, melodioso*): “Cria um sebo com abor ttxter vontade”.

(*Primeira plano, média, talvez feminina*): “Ants que veja”.

(*Primeiro plano, talvez masculino, médio*): “Que joio curtir a Saletx”.

(*Primeiro plano, masculino, médio, meio metalizada, parece haver*

dueto): “pluastiô na megazin”.

(Primeiro plano, masculino média/grave transitando para média/aguda feminina): “Cuhest” (média/grave) “miandoou” (feminina, média/aguda).

(Primeiro plano, agudo, quase sussurrado): “Tu fala mal de mim” que se entendeu, ao selecionar o trecho como “boa noite, beim” “it is dollar” (médio) “câmbio” (média, masculina, tendendo para grave). (Nota: a cada pouco o autor verifica a cotação do dólar.)

(Segundo plano, médio): Trecho com música de fundo a ornamentar a expressão “jantô” (masculina, média).

(Primeiro plano, masculina, grave transitando para média): “Por” (grave) “tu vai” (média, meia rouca).

(Primeiro plano, média): “Tirou do sovac(o)”.

(Primeiro plano, média): “Aroma sejêi”. Ainda há, silabada, a expressão: “Por”-“quê?”.

(Primeiro plano, aparentemente masculina, média): “Quien chegô”.

(Trecho que se parece com “fome” mas que pode ser mero ruído).

(Primeiro plano, feminino, médio/agudo): “Eu tô sentindo que vô pre(cisá) denunciar”. Esse “precisar” é muito confuso e mais parece uma composição de “precisar” com “pesquisar”. Aparentemente diz: “Eu tô sentindo (que vou precisar/égua) denunciar”. De “égua” para frente é masculina, média/grave. O restante é agudo.

(Primeiro plano, masculino, média/grave): “Desmontaja” (este “j” é meio aspirado). Termina o trecho com “peso” em agudo.

(Primeiro plano, masculina, médio/grave): “Que (r)eagiu” “disco manda” (médio). (02:26:39)

Fluxo reverso

(08/01/22) (22:29:21) (Velocidade normal)

(Primeiro plano, agudo): “Êt sullivan”.

(Primeiro plano, agudo): “Viracando no Master”. (Foi necessário copiar para uma instância do Audacity, fazer equalização dos “spikes” e normalizar.)

(Segundo plano, agudo/médio): “No Master acudiu”. (Foi necessário copiar para uma instância do Audacity, fazer equalização dos “spikes” e normalizar.)

(Primeiro plano, agudo). “Ela is fruí bem,” (aguda) “ainda atrapalha” (mais grave, foi sumindo a expressão por encurtamento do final para o

início). (Foi necessário copiar para uma instância do *Audacity*, fazer equalização dos “spikes” e normalizar.)

(Primeiro plano, masculina, média): “Mãe (pausa) faz fêti”.

(Primeiro plano, masculina, média/grave, cantada): “Meus Deus! Pelo cumpadi”.

(Primeiro plano, masculina, média/grave): “Se tira playbanhas na Comil”.

(Primeiro plano, masculina, média/grave, trepidada): “Favor registrá”.

(Primeiro plano, masculina, média/grave): “Êxclamô, aqui vem!”

(Primeiro plano, aguda/média): Pelo que se consegue interpretar: “Cavalin” ou “tavalí” (trecho curto).

(Primeiro plano, masculino, média): “Observe róqui in sâperbanda”.

(Primeiro plano, aparentemente masculina): “Gatinho retrats”.

(Primeiro plano, masculina, média/grave, fanha): “periquit” (aguda) “vint(e) na rádio”.

(Primeiro plano, masculina, aguda transitando para média/grave): “Tu veil” (aguda) “statx” (média/grave).

(Primeiro plano, trecho curto, difícil de interpretar): Se parece com “Mitsarômên” (média) ao mesmo tempo se escuta “qué” (média/grave, outro tom, trepidada).

(Primeiro plano, masculina, média/aguda, talvez com dueto): “Só aprende desalarme”.

(Primeiro plano, aguda melodiosa): “Pelô feliz” ou “elô que diz” (se escuta qualquer uma delas, bastando pensar nelas).

(Primeiro plano, masculino, média): “Serpente divorciada” “quis” (agudo, som fraco). (00:12:50)

Reverso da pergunta feita aos falecidos: “E o busson sonojuba” (tom mais grave) “Isso lá glétsu” (tom mais agudo).

Reverso da parte inicial da pergunta feita aos falecidos: “Meu dich” → “Cumeu dich” → Cuomeu dich” → “espuma eu dich” → “cuomeu dich” → “Humêldich”/“Húmeldich” (se ouve qualquer uma, bastando se concentrar nela, no entanto elas variam por si se não se concentrar em nada.)

(Primeiro plano, agudo/médio, ruidoso): “Eterna jura” ou “Perna ajuda” se ouvindo qualquer uma bastando se concentrar nelas.

(Primeiro plano, masculina, média): “Volte im nela” ou “votem nela” → “pingela” → “te engana” → “te enganas” → “tem Anas” → “tem ganas” → te engana-se”. (00:39:02) → “engana-se” → “pingá no assí” → “pingá no artigo” → “pingá no ardil” → “ilhá no artigo” → “i lá no artigo” → “i lá martiu” → “Ilá Martiu” → “i lá vartiu” → “i lá partiu!”

→ “i já partiu” (de fato, a irmã do autor “se foi” visitar uma irmã de ambos) → “i já partir” → “i já para cima” → “e já Brasil!” → “e já é Brasil” → “tu já é Brasil” (*Segundo plano feminino*: “tu vem” → “tudo bem” → “tudo eim?” → “tudo eins”) (O segundo plano virou primeiro plano enquanto o primeiro plano “murchou” embora continue presente.) → “futuresn” → “futurains” → “culturais” (por ser muito tarde o autor optou por parar por aqui pois terá que levantar cedo para trabalhar em casa.). (01:05:48)

(10/01/22) (00:46:18) (Velocidade 76%)

(*Primeiro plano, média*) “Eta pausea sur-sal” → “Hétero, sur-çal”.

(*Primeiro plano, feminino, agudo*): “Olha fronteira baixa, onde é que suistenhas () (Nota: não se consegue entender o trecho final. Foi copiado para uma instância do *Audacity*, equalizado “spikes” e normalizado.).

(*Primeiro plano, masculina, média/grave*): “Aumento vem, faz parte”.

(*Primeiro plano, masculina, média*): “Selves direito, selves spikinglês) (speak English?).

(*Primeiro plano, masculino, média/grave*): “Por que já viu”.

(*Primeiro plano, talvez feminino, médio*): “Vem colono chá” “talvez” (*masculina, grave*) “parador” (*masculina, sussurrada, média*).

(*Primeiro plano, masculina, média*): “Dejôis palôm”.

(*Primeiro plano, talvez masculina, média*): “Czarnego, trzeba noazuly” (em parte, dito em polonês).

(*Primeiro plano, agudo*): “Vavartiu”. (Pronúncia: “vavártiu”)

(*Primeiro plano*): “Tu tem que larga” (agudo, sussurrado, algo metalizado) “É fácil” (*masculina, média, meio metalizada fanha*). (Esse, “é fácil” se refere a “conversar” em polonês, uma clara provocação para que o autor principiasse a usar o polonês já que aprendeu algo a respeito. Aparentemente, parentes antepassados do autor, pela linha materna. Isso em resposta a uma interação mental com o autor no momento da transcrição.)

(*Primeiro plano, aparentemente feminino, agudo*); “Tem que rapontilha”.

(*Primeiro plano*): “Bill” (agudo) “such” (*média*). (Pronúncia “sâtch”).

(*Primeiro plano, masculino, grave*): “Ftcheca”.

(*Primeiro plano, masculino, transitando de média aguda para média grave*): “Foi tentando alardre”. (A pronúncia é “âlárdre”).

(*Primeiro plano, aparentemente masculino, agudo*): “Melapelido” (Meu apelido?).

(*Primeiro plano, masculina, média*): “Chega mais pra **Warszawa**”. (Aqui se continua a parte com polonês, onde *Warszawa*, que se ouviu de forma

inconfundível, é Varsóvia, capital da Polônia.)

Reverso da pergunta feita aos falecidos: “E o busson cheia de griba” “Eô salinar vietsu”. “Eonsir” (Ouve-se, talvez como espúrio: “com quê”). → “Leonsir”.

(Primeiro plano, em coro masculina média metalizada com feminina aguda): “De sabão miro vai”.

(Primeiro plano, masculino em dueto com feminino, médio): “Monte dinheiro” → “mo didinheiro” → “fro didinheiro” → “didi veio” → “titi veio” (segundo plano, cantando: “e vai longes”). (Este “mo”, “fro” é de um trecho de ruído.) (02:40:42)

(10/01/22) (22:02:04) (Velocidade 60%)

(Primeiro plano, média): “Ranços” (pausa) “tiú pai”. (Foi necessário copiar para uma nova instância do Audacity, fazer equalização de “spikes” e normalizar para ter certeza de que o conteúdo era esse mesmo.) (“Tiú pai” se parece muito com “teu pai”).

(Primeiro plano, masculina, média): (pausa) “Açafrão dona” “Mariiiiê” (masculina, sussurrada, o “e” final não é bem um “ê” mas um som que se aproxima do som da letra “e”. O “r” é aspirado.).

(Segundo plano, agudo): “Tô di volta” começando antes de “açafrão” indo até o final deste vocábulo. “Tecnologia” junto de “dona Mariiiiê”. (Novamente se apelou para uma instância separada do Audacity.)

(Primeiro plano, aparentemente masculina, média, dueto): “Hora de dividi as toalhas hópô”. (Outra necessidade de nova instância do Audacity.)

(Primeiro plano, masculino, média/grave): “Aviso vem: feche esse ar”. (A janela da sala, onde está o computador, estava aberta. Procedeu-se com o fechamento dela.)

(Primeiro plano, média, meio sussurrada, som fraco): “Gran estoqui” → “grau estoqui” (onde “g” de “gran” ou “grau” é aspirado, como em holandês.) (Novamente foi necessário copiar para uma nova instância do Audacity.)

(Primeiro plano, masculina, grave, quase cavernosa): “Se éu (pausa curta) fôr”.

(Segundo plano, médio/agudo): “Tém escolha” → “Téim folha”.

(Primeiro plano, masculina, média/grave transitando para média): “Enjoy tuí selves”.

(Segundo plano, agudo): “Valdo vai dormi” pelo que se consegue entender. Apelou-se para nova instância do Audacity mas apenas foi

necessária uma normalização.

(Primeiro plano, talvez feminina, aguda): “Quem jura” (sussurrada/chiosa) “abitualdo” (normal). “Quem jura” já se entende por “chien jura”.

(Primeiro plano, masculina, média/grave): “Porque já viu”.

(Primeiro plano, masculina, média em dueto): “Vai querer Marshall” (se escuta “márchiâl”).

(Primeiro plano, masculina, grave transitando para média): “É mur” (pausa) “chavs”. (23:38:38)

(23:47:20)

(Primeiro plano, média): “Irfoi → “i foi” → “que foi” → “tu foi” (Segundo plano: “tira de lá”). (Usou-se nova instância para normalizar).

(Primeiro plano, média): “Haja vistu”. (Reja **Visła**) (pronúncia “vísua”).
Nota: **Visła** (Vístula em português) é o nome de um rio polonês, justamente o que corta Warszawa (Varsóvia).

(Primeiro plano, masculina, média/grave): “Czarnobył” (pronúncia “tcharnobêu”). (Será que se referem a Chernobyl?. “Czarno” ou “czarny” (e suas declinações) se referem a preto, em polonês, enquanto “był” é uma desinência verbal que expressa passado no mesmo idioma.).

(Primeiro plano, média, meio sussurrada): “Tchoco averte” (segundo plano: “é im polac(u)x”). Note-se que “é im polacux” (é em polaco) é uma forma de se dizer algo bem informalmente. Para se dizer que é “em polonês” ou “em polaco” se diz: “**po polsku**” no idioma polonês. Nossos antepassados costumavam dizer a mesma coisa assim: “po polski” mas esta forma é errada, embora “polski”, em polonês, seja um adjetivo que significa “polonês” ou “polaco”. Mas que não se aplica para idioma.

(Primeiro plano, médio): “Muitérés” “tsild” (aguda, sibilante) (foi usado uma nova instância do *Audacity* para conseguir melhorar mas tudo que se conseguiu foi isso.)

(Primeiro plano, masculina, transitando de média sussurrada para grave quase cavernosa): “O dia de hoje fica perfeito”. Parece uma referência ao fato do autor, durante a transcrição, ter captado termos no idioma polonês, o que é muito perto da dificuldade para se captar algo corretamente até mesmo em português.

(Primeiro plano, masculina, média, sussurrada, som baixo): “Vou te dizê teim seio feliz ano novo!”. (Foi usado nova instância do *Audacity* para se certificar de que era “teim seio”. Agora se escuta “queim seio”. Talvez o falecido quisesse dizer “que ensejo”).

(Primeiro plano, masculina, grave): “Diz tchau ao trono”.

(Primeiro plano, masculina, grave): “Buoite diz a vartre”.

(Primeiro plano, média/aguda): “Ele é firme!” → “que ele é firme!”.

(*Primeiro plano*, masculina, transitando de sussurrada para grave): “Chão pra **Warszawa** solto”. Continua com “lindus”. (Pronúncia: “varcháva”). Nota: Esse “firme” talvez se refita ao fato do autor resistir a registrar pronúncias que lembram palavras em outros idiomas como se fossem palavras de outros idiomas, salvo raríssimas exceções. Isso é feito para evitar erros e confusões decorrentes deles já que o único idioma que o autor domina é o português.

Reverso da pergunta feita aos falecidos: “dslì bussêrê trêrê bruba” “cristalibel belstsu” em *dueto médio/grave*. “Eonsir” → “Leonsir”

(*Segundo plano*, médio): “Felizmente” → “sedimento” → “sediment(h)”. Optou-se por *parar por aqui*.

(*Primeiro plano*, coros masculino (médio) / feminino (agudo, quase “sintético”) com leve deslocamento): “Seu mal de turno”. Escutando *melhor tem-se* “Seu balde turvo”. No *segundo plano tem-se*: “pinguela” () → “banguela” () → “sanguela” (). “Sanguela é turvo” → “sanguela é turbo”.

(*Primeiro plano*): Pequeno trecho de ruído. Aparentemente nada significa mas se percebe como algo semelhante a “fró”.

(*Primeiro plano*, masculino, médio): “Diz que clareô”.

(*Segundo plano*, agudo, como se fosse um deslizar de palheta em um instrumento com som médio/agudo): “Prossegue” → “então segue” (01:03:46).

Mensagem 05 (28/09/21)

Nota: a mensagem cinco é composta de múltiplos arquivos.

Data de gravação: 28/09/2021

Nome dado ao arquivo de áudio:

2021-09-28 CONTINUAR E REVISAR (2 - SACOLA PLÁSTICA).mp3

(11/01/22) (01:08:16)

Fluxo normal

Pergunta feita aos falecidos: “Tentando agora com o papel” (na verdade, com uma sacola plástica, daquelas que se recebe nos supermercados). (01:20:03)

(12/01/22) (Foi esquecido de registrar o horário mas era próximo de 00h15min.)
(Velocidade normal)

(Primeiro plano, masculina, média): “Eu falei (pausa) que”.

(Segundo plano, feminino, agudo): “Não se entrega, não” (interferência do autor/pausa dos falecidos) “sem esforçar”.

(Interferência do autor na resposta dos falecidos): “Não sei” (aqui é o autor quem fala.).

(Primeiro plano, aparentemente masculina, média/aguda): “Embax droit”.

(Primeiro plano, média/aguda): “Janela prende”.

(Primeiro plano, masculino, médio/agudo): “Mirá porta aberta”.

(Primeiro plano, masculino, médio/agudo): “Vídeo está complicado”.

(Primeiro plano, masculino, médio/agudo): “Vídeo complicado”.

(Primeiro plano, masculino, médio/agudo): “PayDay” ou “peidei”.

(Nota: de fato, neste dia, ocorreu o pagamento de salário com a assinatura da folha de pagamento. Portanto, “payday” é um fato novo.)

(Segundo plano, médio/agudo): “Encalha”. Nota: o autor se aproxima dos 60 anos e ainda é solteiro. Talvez se refiram a isso.

(Primeiro plano, masculina, média/aguda): “Biris (mais grave) câmani (mais agudo)”.

(Primeiro plano, masculina, média/aguda): “Infartud-le”.

(Segundo plano, masculina, média sussurrada): “Queim”.

(*Primeiro plano*, masculino, *média sussurrada tremida*): “Acha o vídeo tritorná”.

(*Primeiro plano*, feminino, *média*): “Tenta mudar de vídeo”.

(*Primeiro plano*, aguda): “Tenta chutar o escanteio”.

(*Primeiro plano*, masculina, *média*): “Depois o retrato”.

(*Primeiro plano*, *média*): “Depois tu 'faiz' a barba”.

(*Primeiro plano*, aguda): “Diz que são meus os pêsames”. (01:16:25). Há pouco tempo atrás (cerca de duas horas antes) soubemos do falecimento de Jorge (o Jorginho), filho da Ondina, por infarte, ocorrido pouco antes. Não se sabe quem é o falecido que envia os pêsames. Isso constitui um fato novo, visto que o áudio foi gravado em 28/09/2021 e o falecimento se deu em 2022-01-11, ou seja, não poderia estar gravado no áudio original.

(*Primeiro plano*, agudo): “Toma a sua mãe” “Diz pro Valdo, filho ninguém”. (O autor se questionou sobre como diria que um falecido enviou os pêsames, justamente no seio de evangélicos.)

(*Primeiro plano*, masculino, *média*): “Não devi olhodão”.

(*Primeiro plano*, masculino, *médio/agudo*, *dueto*): “Huspart quereio no banhega”. (“H” aspirado em “huspart”).

(*Primeiro plano*, masculino, *média*): “Preso ardim é pessionante, preso a mil”. Esse “preso a mil” também se escuta como “cláusula a mil”.

(*Primeiro plano*, masculino, *médio/agudo*): “Cá pra mim” “não pega essa escada”. (O autor não se lembra de quando se referiram à escada mas é fato que tem se acidentado com escadas no ambiente doméstico, por serem perigosas.)

(*Primeiro plano*, agudo): “Não pega a Bândx (Band?). Não tem va-cató”.

(*Primeiro plano*, *médio/agudo*): “Ninguém de calçado.” → “Ninguém me caçava”.

(*Primeiro plano*, masculino *médio*): “Clonindo” “O de perna de pé” → “O de pena de pé” → “O de perda de fé”.

(*Primeiro plano*, masculino, *médio*): “Cadê vídeo?”.

(*Primeiro plano*, masculino, *média com excesso de chiado*): “Pá dentru” (*pausa com chiado*) “tá meio perdido”. “Molham, bota os vídeo ladenta”.

(*Primeiro plano*, masculino, *médio/agudo*): “Vem pensando em trabalhar”. (Neste momento o autor, vendo a hora avançada, já estava pensando em somente terminar a transcrição e não fazer mais nada a não ser ir dormir, por um lado e, por outro, estava pensando no trabalho e o uso dos instrumentos pertinentes.)

(*Primeiro plano*, aparente *dueto*, *médio/agudo*): “Deu pro gasto, por isso eu vim a este alguém”. (Nota: o método de plástico “farfalhando”

tem sido sofrível, tanto que até os falecidos reclamaram. E “deu pro gasto” representa o reconhecimento de que por pior que fosse ainda seria suficientemente útil). (02:20:07)

Fluxo reverso

(13/01/22) (00:38:30) (Velocidade normal)

(Primeiro plano, talvez masculina, sussurrada, aguda): “Eles vão 'preguis” (feminino) “pode ajudá!” (masculina) → “Leilão preguis, pode chutá!”. Esse “preguis” se prolonga até o final da sentença, mais ou menos assim: “preguisssssssssss”.

(Primeiro plano, masculina, média, sussurrada): “A reform” “da judaica”.

(Primeiro plano, masculina, média, sussurrada): “Não adianta areia”.

(Primeiro plano, masculina, média, sussurrada): “PT tá chegando ao som”.

(Primeiro plano, masculina, média/grave, meio sussurrado): “Retardado, gênio explode humilde”.

(Primeiro plano, masculino, média). “Deu banho de Chãnpã-gaita”.

(Primeiro plano, dueto feminino/masculino, médio): “Dente do meio, Vivaldino” → “Pente do meio, Vivaldino” → “Tente no meio, Vivaldino” → “Cante no mei(o), Vivaldino” → “Cante no meio, evadindo”. Nota: de fato o autor já estava abandonando o trecho para continuar a escutar as demais partes, visto já ser tarde da noite) → “Cante do meio, invadimo” → “Cante no reino, invadimo”.

(Primeiro plano, masculina, média): “Pru caixão, estranha” → “pru crachá, estranha” → “Prucachá, estranha”.

(Primeiro plano, dueto feminino/masculino, médio): “Nu champagne, noticiando”.

(Primeiro plano, aparente dueto, masculino, médio): “No andar satisfeito”.

(Primeiro plano, dueto médio/agudo): “Vídeo já tá endoidasme”.

(Primeiro plano, dueto sussurrado, médio/agudo): “Dê mais vídeo sim dragão”.

(Primeiro plano, dueto masculino/feminino, sussurrado): “Trabalho, tu me ligues sabão”.

(Primeiro plano, dueto, médio/agudo): “Guarda na caix(a) que tem”.

(Primeiro plano, dueto, médio/agudo): “Pensamento pesado”. (O autor, frequentemente tem pensamentos, digamos, “pesados”).

(Primeiro plano, dueto, médio/agudo): “Vai com crêba, kilobytes”.

(Primeiro plano, dueto, médio/agudo): “Vai acontecendo vídeo alternado”.

(Primeiro plano, dueto, médio/agudo): “Vão cantá com vídeo alternado”.

(Primeiro plano, dueto, médio/agudo): “Passá” (masculina) “Tira o seu vídeo” (segundo plano: “o que é isto” → “nunca visto”). Ficaria assim: “Tira o seu vídeo, nunca visto”.

(Primeiro plano): “Roda na caçada” (segundo plano: “tubilrân”).

(Primeiro plano, dueto, agudo): “Não choques no transferir”. (Esse “transferir” vem vibrado.)

(Primeiro plano, dueto, médio/agudo): “Vai Teresinha”.

(Primeiro plano, dueto, médio): “Faz parte rasândle”.

(Primeiro plano, dueto, médio/agudo): “Tio pastando”.

(Primeiro plano, dueto, médio): “Te logrô na casa”. (Nota: se refere à planta da casa do sobrinho do autor, que foi entregue praticamente “em branco” faltando tudo que era essencial. A vítima foi o sobrinho do autor mas, como o autor está dando apoio “moral” (entre outros) ao sobrinho, os falecidos se referiram como se fosse o autor que foi enganado.)

(Primeiro plano, dueto, médio): “Pai agredir-te”.

(Primeiro plano, dueto, médio): “Vão deixá de empresas” (Nota: realmente fui informado de que o fornecedor do novo computador está mudando a forma de como constituirá a sua empresa.)

(Primeiro plano): “Vão em dragar serépios”. (02:41:09)

Reverso da pergunta feita aos falecidos: “Eispaçam pra â grâmôfi” ou “Ele(s) passam praa grâmofi”. (02:42:57)

Nome dado ao arquivo de áudio:

2021-09-28 CONTINUAR E REVISAR (3 – PAPEL).mp3

Este áudio é original, inclusive está com todo o ruído. Houve problemas de gravação e o ruído de fundo (um forte ronco) tornou sofrível este áudio.

Fluxo normal

(15/01/22) (00:29:22) (Velocidade normal)

“piscar” e “pstar”. Nega é o apelido da irmã do autor.) (00:42:01)

(Voz do autor): “Pró dedo tim uó”.

(Voz do autor): “De autismo” (com certeza o autor nunca pronunciou isso nas gravações). Agora se escuta como “beautismo”. Na verdade, basta se concentrar em uma delas para escutá-la.

(01:02:10) (*Primeiro plano, masculino, grave, com interferência tipo dueto*): “Essa interferência é da transferência, foi daqui. (01:07:16)

(Voz do autor): “Me engana”. “Mêsmú”. (Esse “mêsmú” tem a sílaba tônica em ambas as sílabas.)

(Voz do autor): “Uêpsaum”.

(*Segundo plano, masculino, médio*): “Tuháôpêna” (fraco, paroxítone). (O interessante é que (o autor descobriu agora) se ouve, no ouvido esquerdo, primeiro e segundo plano como descrito. Mas no ouvido direito, apenas o segundo plano, em um volume mais alto (“tuháôpêna”). Obviamente o autor tem problemas de audição e dificuldades de ouvir sons graves no ouvido direito. Digno de nota é a diferença entre “Tuháôpêna” e “tuháôpêna” (o “h” é aspirado).) (01:21:18)

(01:34:09) (*Primeiro plano, masculino, grave, com interferência tipo dueto*): “Se cale da aparência”. (01:37:35)

Nome dado ao arquivo de áudio:

2021-09-28 CONTINUAR E REVISAR (4 – PAPEL).mp3

Fluxo normal

(16/01/22) (10:39:20) (Velocidade normal)

(Voz do autor): “Nova no caxône: testando!” (Nota: o autor não se lembra de ter dito tal coisa.)

(*Primeiro plano*, masculina, média transitando para grave): “Stchavoleta virtual”. Junto a “Stchavoleta”, bem grave, surge “senta” → “esquenta”.

(*Primeiro plano*, masculino, média/grave): “Que foi dito, (pausa) da forma que isso na minha vida”.

(*Segundo plano*, médio, sussurrado): “Nervo fraco” (iniciando em “dito” e terminando antes de “da forma” da expressão anterior. O restante do segundo plano é “borbulhante” além de conter uma interferência chiosa. Também parece conter algo que se entende aparentemente como “spátuo”).

(*Primeiro plano*, masculina, média/grave, com muita interferência): “Jesus Cristo, se é que houve um Jesus Cristo, o que mais doutrina 'vartooo', de novo”.

“Deu o sangue na boca da Agustinga” → “Leu o sangue na boca da Agustinga” → “Levoca na boca da Agustinga”.

(*Segundo plano*, masculina, média): “da partida” junto de “da Agustinga” da expressão anterior.

(*Primeiro plano*, masculino, médio/grave): “De vez que só entendo tudo”.

(*Segundo plano*): Não se consegue entender mas há conteúdo aí.

(*Primeiro plano*, masculina, médio/grave): “Violência que vai falhar”.

(*Segundo plano*, média): “De algo que vai falhar”.

(*Primeiro plano*, masculina, grave, fanha): “Se não quer violências “pusêsquê”. “Pelo jeito” (vem em outro tom, masculino, médio, normal). (“Se não quer violências “pusêsquê” → “Se não quer conosco “pusêsquê”.

(*Segundo plano*, médio, “borbulhante”): “Glóriaahh” vem mais ou menos como “Gló glóri-iaahh”, tremida, borbulhante, quase sussurrante.

(*Primeiro plano*, masculino, grave transitando para médio): “É angustx que nem sofre”.

(*Segundo plano*, masculino, médio): “É grosso”. (Inicia em “-fre” de “sofre” da expressão acima e continua além.)

(*Primeiro plano*, masculina, transitando de médio para médio/grave): “É um convite para autolimitar controle”.

(*Primeiro plano*, masculina, grave quase fanha, em coro, média, tremida): “Só aquele povo terrestres”.

(*Primeiro plano*, masculina, muito grave): “É palavra do mundo dois” → “Essa regra é do mundo dois”.

(*Segundo plano*): Difícil de descrever mas é algo que se assemelha a uma transição de médio para médio/agudo, meio tremida, como se fosse obtido por um sintetizador, de um som de cordas de instrumentos tentando “falar”, algo meio “robotizado”. É um efeito sonoro. (12:05:06)

Neste momento ficou assim (12:07:35): “Só a aquele povo terrestres. Essa regra é do mundo dois”.

Nota: conteúdos “borbulhantes” costumam ser modulação de voz que não chegam a ser compreensíveis por diversos motivos, entre eles, ruídos.

(16/01/22) (12:18:41) (Velocidade 76%)

(Voz do autor): “Nova no caxône. Testando!”.

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanha*): “Se quer evoluir no virtual”.

(*Segundo plano*): Se escuta algo iniciando parecido com “t-tchaaaa...” que acompanha até o fim da sentença anterior.

(*Primeiro plano, masculina, grave*): “Se vai à Igreja (pausa) e toma o “luxuosmêsedes” → “Se vai à Igueja, reclama o “fluxuosmêsedes” onde “x” se pronuncia como “ch” em chapéu. (Nesta expressão variante, o som vem em voz masculina que transita entre média melodiosa, como se cantada, para grave, falada. A parte melodiosa transita de média para tom médio ainda mais agudo antes de transitar para grave no restante da expressão.)

(*Segundo plano, feminina, média quase sussurrada*): “Vamos fazer parte!”. (No lugar da pausa da expressão acima.)

(*Primeiro plano, masculina, média/grave*): “Está a fim de “realizartuu”.

(*Primeiro plano, masculino, grave*): “Este aqui”.

(*Segundo plano, masculina, média*): “Garotão de gabinete”.

(*Primeiro plano, masculino em dueto com feminino*): “Jesus Cristo lutou pelo mais novo”.

(*Segundo plano, masculino, médio, fraca*): “Ante o homem” → “anteontem o homem”. (“O espírito” - continua em segundo plano com voz feminina, média, mais grave). Nessa altura o primeiro plano já mudou. Já se escuta “Poltergeist” (“pôtârgáist”) seguido por “() mais longe” no lugar de “mais novo”, onde os parênteses indicam confusão neste local, tudo após “o espírito”).

(*Primeiro plano, masculina, média/grave, como se acompanha por um som de tambor médio*): “Esta” “lu” “que eu veju”. (Seria “luz” ou “lua” ou outra coisa?)

(*Primeiro plano, masculino em dueto com feminino, começando em dueto e terminando em feminino*): “Lembre bebê para refrescar-te”.

(*Primeiro plano, masculino, médio, meio tremido, meio com eco*): “Tabém sacola tem, tem esfriado”.

(*Primeiro plano, masculino, grave*): “Tu tens algo de moroso” ou (“tu

tens algo demoroso”).

(Primeiro plano, masculino, grave): “Férnãõ este é o físico!”.

(Primeiro plano, masculino, grave): “Êxêgêstos” → “Teve gestos”.

(Segundo plano, masculina, média): “Por pura” → “Loucura”.

(Primeiro plano): “Paciência” (masculina, grave). “Evangelisse em comum um”. Seguido, em segundo plano, por “tudo blue” (tudo blu).

(Primeiro plano, masculino, grave, rouca): “Se elas for na Ju” → “se ela for mais junto”.

(Primeiro plano, masculino, médio): “É o teu grêmio próximo, deve tentar”.

(Primeiro plano, masculino, média/grave fanha): “Aguenta, quem não pôde espirá” (onde o “r” é aspirado).

(Segundo plano, masculino, médio, fraca): “Vou i lá” iniciando em “pode” e terminando antes de “espirá”). Nesta altura já se escuta: “Quéim não pôd spihá”, onde o “h”, aqui, é aspirado.)

(Primeiro plano, masculina, grave, fanha): “Nesse povo quem quer viver?”.

(Segundo plano): “Verde-amarelaaa”. Este “amarelaaa” é muito difícil de dizer se é isso mesmo, sendo que se estende até o final. Ao selecionar o trecho final, para escutá-lo melhor, eis que o primeiro plano, que neste ponto se escutava “viver” mais lentamente, passou a se escutar como “ver depois” (ou, “verde, pois”). (13:58:11)

(16/01/22) (23:35:13) (Velocidade 60%)

(Voz do autor): “Nova no caxôê”.

Pergunta feita aos falecidos: “Testando”.

Resposta dos falecidos

(Primeiro plano, masculina, grave, com interferência média/aguda em uníssono): “O momento virtual”.

(Primeiro plano, masculina, média): “Se vai à Igreja, (pausa) prepare-se”.

(Segundo plano, masculina, média, chiosa): “É um saco” (velocidade 100% - no intervalo ocupado pela pausa da expressão acima.). Ou, “quando” (velocidade 60%).

(Primeiro plano, masculina, grave com interferência chiosa): “Que mostra ao vívido. Depende do amor”.

(Primeiro plano, masculino, grave): “Full ababêscõ”.

(*Segundo plano*, masculino, médio): Se consegue captar “bêsko” em dueto com a respectiva parte da expressão acima.

(*Primeiro plano*, masculina, média, com interferências): “Vai-te nervo” “que grandx senhor”.

(*Segundo plano*, masculino, médio): “Maicór” junto da palavra “senhor” da expressão acima.

(*Primeiro plano*, masculina, grave, com interferências): “Desistia de mar/bar Polônia/colônia” (Difícil distinguir se é mar ou bar, o mesmo vale para Polônia e colônia). O segundo plano contém uma espécie de acompanhamento que transita de médio para grave mas não se consegue se captar mais nada.). Agora se ouve: “Mesmo estilo de bar Polônia”.

(*Primeiro plano*, masculina, grave, com interferências): “Mais felitchi babêsko”.

(*Primeiro plano*, masculina, grave, tremida): “Quer dúvida?” → “Fler dúvida?”. (“Quer” ou “fler”? Se escuta uma ou outra, bastando se concentrar em uma delas.)

(*Primeiro plano*, masculino, bem grave transitando para menos grave porém parecendo água borbulhando): “Muito está a perder, muito regras”. “Béstiú gêntiéh” (esta parte parece ter como fundo algo borbulhante). (Nota: por “muito regras” parece que os falecidos se referem ao fato de o autor incluir coisas como primeiro plano, masculina, feminina, média/grave, etc... de modo a mostrar ao leitor não apenas o conteúdo mas como ele é percebido e a sua complexidade, que sempre é mais complexa do que o transcrito no texto deste livro.)

(*Primeiro plano*, masculina, média/grave): “Quén is for uunds quén is for molds”. (A impressão é de ser em inglês ou uma combinação idiomática).

(*Primeiro plano*, masculino, grave): “Tem menos bloco do que barroso”.

(*Segundo plano*, talvez feminino, médio): “Tu deixou”. Este “segundo plano” vem antes da expressão acima, de primeiro plano.

(*Primeiro plano*, masculino, grave): “Foi o novo pedir para gent-te”.

(*Segundo plano*, aparentemente masculina, média, tremida): “Embarriguei”. (Inicia em “-dir” de “pedir” da expressão acima.)

(*Primeiro plano*, masculino, grave): “Ele dêscurir o artigo dez primeiro” → “Ele dêscurir zártigo dez cruzeiros”.

(*Segundo plano*, masculino, médio): “Brilhaa” aparecendo após “dêscurir” mas antes de “o artigo/zártigo”. Aparentemente, “zártigo” vem de “os artigos”, ou seja, “o zartigos → os artigos”.

(*Primeiro plano*, masculino, grave como se pronunciada dentro de um tronco oco): “Vem comendo um mástrôun delicioso”. (Esse “mástrôun” é pronunciado por outra entidade, em outro tom, quase sussurrado. Para isso a entidade 1 dá uma pausa para a entidade 2, voltando logo depois.)

(*Primeiro plano*, masculino, grave/médio): “Foi que deixou”.

(*Segundo plano*, aparentemente feminino, médio): “Isso (mais aguda) psique antomána (mais grave) na quêik iú vérn(i) (mais grave ainda, que se passou a ouvir como “várni”) énsiú piêze (masculina, grave)”.

(*Primeiro plano*, masculino, médio/grave): “É o loca de ver (pausa) espuma” → “É o local de ver (pausa) de espirro”.

(*Segundo plano*, masculino, médio, fraco): “É o local” antecedendo “é o local” da expressão acima, que é mais lenta.) Há uma simulação de espirro, algo como “stirrô!” que vem logo após a palavra “espirro” da expressão acima (mas um pouquinho mais grave do que aquela que diz “é o local” no início.

(*Primeiro plano*, masculino, grave): “Neste ponto vir te vê”. (Logo após o autor se expressar verbalmente, questionando “para onde isso está levando?”.)

(*Primeiro plano*, masculino, grave): “Depois (pausa) pisca”.

(*Segundo plano*, masculino, médio, tremida): “Dobraaéextra” iniciando na pausa indo até o final. Dependendo da concentração a palavra “pisca” pode ou não ser percebida. (02:24:31)

Fluxo reverso

(17/01/22) (23:44:52) (Velocidade normal)

(*Primeiro plano*, masculina, média): “Jaimis (pausa) corrô/forrô (não se consegue distinguir qual delas é pronunciada) vem envolver meia da saúde”.

(*Primeiro plano*, masculina, média, fanha): “Ganha tubercunat”. Segue-se algo que parece interpretável como “São Luís”.

(*Primeiro plano*, masculino, médio): “Logras verde justiça” → “Depois de justiça”.

(*Segundo plano*, masculino, médio mais agudo): “Mister Luco”. (Se escuta Mister e não Mistér).

(*Primeiro plano*, dueto masculino grave e médio): “Que ouve (ou houve) o pés”.

(*Primeiro plano*, masculino, grave, fanho): “Os que vêm falar” → “Que deixa de falar” → “Deixa de falar”. “Vai em cim(a)” que se entendeu em seguida como “ênciúm(a)”.

(*Primeiro plano*, masculino, médio/grave): “Que houve?”.

(*Segundo plano*, tom médio): “Muda”.

(*Primeiro plano*, masculina, média/grave): “Igreja (pausa) suspeita” →

“Igreja (pausa) respeito”.

(*Segundo plano, espécie de coro, médio*): “Que hora que é?” → “Hora que é?” → “Márê quié”.

(*Primeiro plano, masculina, grave, vibrada*): “Vendem luz bendita”.

(Nota: os falecidos criticam o autor por tirar fotos de obstruções do passeio causadas por certa igreja, como se a igreja apenas vendesse a “luz bendita” e o resto não importasse.)

(*Primeiro plano, masculina, transitando de média para grave*): “Olhas (média) querida (grave)”.

(*Primeiro plano, masculina, transitando de médio para grave*): “Perde (médio) esse (médio/grave) molich (grave)”. A pronúncia está próxima de “smolich”.

(*Primeiro plano, masculino, média/grave*): “Por mais que olhem/orem”.

(*Primeiro plano, masculino, grave fanha*): “Não à forçable” → “Não é forçable”.

(*Segundo plano, tom médio*): Diz a mesma coisa que o primeiro plano.

(*Primeiro plano, masculina, grave, uma mistura de tremido com borbulhante, com fanho, além de ter um efeito de vai e vem típico das ondas curtas*): “Não existe o primeiro lugar: Árvore do cristianismo”.

(*Primeiro plano, masculino, transitando de grave para médio, uma mistura de tremido com borbulhante com fanho*): “Nunca estábulo”.

(*Primeiro plano, masculino, médio*): “Puxa bunda”. (Aqui cabe uma explicação: o autor tem psoríase e, por isso, vive arrancando as placas de pele que vão se desprendendo. Isso acontece em qualquer região do corpo, inclusive nas nádegas.) → “Puxa a burda” (Nota, esse “r” é muito carregado, como se fosse “burrda”).

(*Primeiro plano, masculina, média mais grave*): “O quê que aconteceu?”.

(*Segundo plano, média*): “Toma leite quente”. (Nota: isso é verdade, mas apenas quando a irmã do autor esquenta. O autor raramente esquenta o leite para tomar.)

(*Primeiro plano, dueto masculino/feminino, grave fanho/médio*): “Vem squêlêquênfai”.

(*Segundo plano, masculina, média*): “Papai!”. (Junto de “-quênfai” de “squêlêquênfai” da expressão anterior.

(*Primeiro plano, masculino, médio*): “Configuirê” (com tonicidade em “fi” e “rê”) → “considerê” (mudam as letras mas permanece a tonicidade).

(*Segundo plano, masculino, médio/grave*): “Bufando”. (Nota: o autor frequentemente fica “bufando” por motivos os mais diversos.)

(*Primeiro plano, masculino, grave fanhosa*): “E além disso: pra ir consolo/trair com sono”.

(*Primeiro plano, masculino, médio*): “Arnaldo, que Arnaldo” (*média mais grave e fanha*) “perfeito” (*médio mais agudo, normal*). (Já se escuta “anôdo, que Arnaldo!”).

(*Segundo plano, masculino, média*): Continua com “isso é bom”.

(*Primeiro plano, masculina, médio/grave fanha*): “Não acredite” → “mal acredite”. (02:26:31).

(**Voz do autor**): “Vóum natsê”.

(**Voz do autor**): “Em ã século um”. (02:29:04)

Nota: ao encerrar tudo, tirando o fone de ouvidos, o autor ficou ouvindo um ronco, típico de motor de carro antigo ligado mas em aceleração. Tal ruído foi diminuindo. Talvez isso explique certos trechos com sons algo trepidados.

(19/01/22) (00:06:34) (Velocidade 80%)

(*Primeiro plano, masculina, grave fanha*): “Dis(*pausa*)ponha para rever, rever depois”.

(*Primeiro plano, masculina, média, fanha, dueto com média mais aguda*): “Ela ti veim com mato”.

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanha*): “Meu Deus, estiticinco” → “Meu Deus, existi cinco”.

(*Segundo plano, masculina, média*): “Diabruco” *junto de* “-ticinco” *de* “estiticinco” (existi cinco) da expressão anterior.

(*Primeiro plano, masculina, média*): “E os dentes” (*fanha*). “Murclable” (*normal*).

(*Segundo plano*): *Acompanhamento musical*.

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanha*): “Pra expelir de novo”. Há um fundo que se assemelha a uma vasilha com conteúdo algo pastoso borbulhando, com bolhas estourando aleatoriamente.

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho*): “Melhor era não ter vindo”.

(*Segundo plano, média*): “Aê!”. *Precedido por um som ritmado como se houvesse batidas de pandeiro mas outras interferências*.

(*Primeiro plano, masculina, grave, fanha*): “Segue-nos ouvintêvê (*ouvin têvê*)”.

(*Segundo plano, masculino, média*): “Noventaa” *junto de* “ouvin têvê” *da expressão anterior*.

(*Primeiro plano, masculina, média*): “Se não exist” → “se não resist”.

(*Segundo plano, masculina, grave, parecendo o tanger de notas graves de violão*): “Não aprende” → “não atende”.

(*Primeiro plano, masculina, grave, fanha*): “De acordo (*pausa*) com

sméim-elitx”. Logo após “acordo” se ouve “cordo” em tom médio quase metalizado, como se viesse em eco com grande latência, sincronizando com restante da expressão em dueto. Esse “de acordo (pausa) com sméim-elitx” se ouve agora como “de acordo (cordo) duc(e) main elitx”. E esse “duc(e) main elitx” passou a ser entendido como “duc(e) véim o leitx”. De fato, neste momento e também anteriormente, “veio o leite” para o autor saboreá-lo. Ficando assim: “De acordo com o gosto disso véim o leitx” que se entendeu agora como “De acordo com o gosto disso véio o leitx”. Junto com “o leitx”, no segundo plano, parece haver algo interpretável como “conta!”.

(Primeiro plano, masculino, grave, fanha): “Tu vai querer ver”.

(Segundo plano, masculina, média): “Tu vai” bem onde está o correspondente da expressão anterior, sendo que a parte do primeiro plano sumiu, ficando apenas o segundo plano.

(Primeiro plano, masculina, grave, fanha): “Tu ámassou”.

(Segundo plano, masculina, média): “Arriô” junto de “-ssou” de “ámassou” da expressão anterior.

(Primeiro plano, masculino, médio/grave, dueto com tom médio, masculino): “Guardando-se” → “Cuartando-se”.

(Primeiro plano, masculina, média/grave, fanha): “Com data pendente” → “não dá(p) perdentx” → “não dá(p) pra presentx” → “com data presentx” → “fundá ppresentx” → “fundá pra presentx” → Num dá pra presentx → “Cum data presentx” → “cum dá presentx”. Nota: a parte inicial é grave, fanha e a parte final é média, normal.

(Primeiro plano, masculina, grave): “Atsêibêr”.

(Segundo plano, masculina, média): “Leiite”.

(Primeiro plano, masculina) “Finco” (grave, fanha) “a stábulê” (média) → “vim com a stábulê”.

(Primeiro plano, masculina): “Me chami” (média, masculina) “morto” (masculina, média/grave).

(Primeiro plano, masculina): “Ele” (média) “tá vendo” (grave) → “Feliz” “tá vendo”.

(Primeiro plano, masculina, grave, fanha): “Vamos rôco em pai”.

(Segundo plano, masculina, média): “Em pai” junto da parte correspondente da expressão acima.

(Primeiro plano, masculina, grave, fanha): “Perseverê” (média) “Isso adverte”.

(Segundo plano, masculina, média): “Sou eu!” junto de “isso” da expressão anterior.

(Primeiro plano, masculina, dueto entre grave, fanha e média, normal): “Todo ir marchâân”.

(Primeiro plano, masculina, média): “De novo”.

(*Segundo plano, média quase aguda*): “Guerra” → “Mãe Terra” → “Não enterra”.

(*Primeiro plano, masculina, grave*): “Esse day pára”. *Precedido no segundo plano, sussurrado, com “pare!”*. (02:08:25)

(*Primeiro plano, masculina, grave, fanha, forte*): “Vai” “ao ticotitx” (*média quase aguda, meio metalizada, feminina*). *Esta última parte teve o volume aumentado duas vezes.*

(*Segundo plano, agudo, metalizado*): “Veronic” (*na parte final da expressão anterior*).

Revedo o trecho, tem-se: “Vai ao ticotitsu”. (02:17:10)

(Voz do autor): “I óum ótzap” → “I no um ótzâp” → “I no um tzâp”.

(Voz do autor): “É oalfrêgudbom”. (02:21:21)

(19/01/22) (23:26:49) (Velocidade 70%)

(*Primeiro plano, masculina, grave, fanha*): “Dis(*pausa*)pare para rever, rever do sul”.

(*Segundo plano, média, em coro, com um fundo que parecem batidas rítmicas de palmas*): “Ses(t) (*pausa*) largáro”. *Nesta altura o primeiro plano mudou para: “Diz (*pausa*) pra rever no vídeo eu veio do sul”.* Quanto ao segundo plano, ele começa assim, entrelaçado com o primeiro plano: “sex(t) diz” onde na pausa de “ses(t) aparece “diz” e na pausa de “diz” inicia “largáro”.

(*Primeiro plano, masculina, média, com fundo ruidoso*): “Ela late bem do mato” → “E note bem do mato” → “E notx vem do mato”.

(*Segundo plano, no meio da expressão acima, agudo*): “iâ” (*como se fosse um piado de pássaro*).

(*Primeiro plano, masculina, grave, fanha*): “Lembrou destes que ficam”.

(*Segundo plano, masculina, média, normal*): “Quer ser grupo” (*junto da expressão “destes que ficam” acima*).

(*Primeiro plano, masculina, grave, fanha*): “Foi na cruz (*pausa*)” seguido por algo que se parece com “putiona” → “pletiona” → “prêtiô na”

(*Segundo plano, masculina, média*): “Queda” *justamente na pausa da expressão acima*.

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho*): “Pra nos ferir”.

(*Segundo plano, masculino, médio, meio metalizada*): “Deu impacto” iniciando em “nos” da expressão acima.

(*Primeiro plano, masculina, grave, fanha*): “Doeu, doeu préfcio”. *Este “préfcio” é paroxítona.*

(*Primeiro plano, masculina, grave, muito fanha*): “Luz cada vez bendita”.

(*Segundo plano, média*): “dita” em dueto com “-dita” da expressão acima.

(*Escutando de novo o primeiro plano, obteu-se*: “deu sânguedos (pausa) vendi pra ver”.

(*Primeiro plano, masculina, média*): “Falou e disse”. (Nota, o autor não sabe se tem alguma relação mas se expressou em voz alta assim: “esse calor faz a gente sofrer”. Agora se escuta “valor eu disse”.

(*Segundo plano, masculina, grave macio*): “Não atende!”.

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho*): “De acordo, percebe-se, isso vai o leitx”.

(*Primeiro plano, masculina, média/grave*): “Capaiz te mover” → “capaiz de morrer”.

(*Primeiro plano, masculina, média/grave, fanha*): “Tu ámassoo”. (Nota: o autor deu uma chinelada em uma aranha que surgiu na parede.)

(*Segundo plano, feminino, média*): “Foiê”.

(*Primeiro plano, masculino, média/grave*): “Qüastrânjo-si” → “Qüastrânjosi”.

(*Segundo plano, masculino, média*): “Qüastrânjosé”.

(*Primeiro plano, masculino, grave, muito fanha*): “Repintá”. (Nota, o autor está lixando as cadeiras para pintá-las novamente).

(*Primeiro plano, masculina, muito grave*): “Pensei (pausa) de chuva”.

(*Primeiro plano, masculina, mistura de grave com média*): “Disfarçame, traja-mi córpo”.

(*Segundo plano*): Ouve-se algo que se parece com “nhav” bem onde está “-ja” de “traja-mi” da expressão acima.

(*Primeiro plano, masculino*): “Persegues” (média metalizada). “Tal vi” (grave). Esse, “persegues” se ouve agora como “tu chegas” → “tu gemes”. O segundo plano, médio, parece dizer a mesma coisa só que em tom mais agudo. O “tal vi” se percebe agora como “tal que”.

(*Primeiro plano, masculina, grave, fanha*): “Vamos (ts) crê pois vai vocêgorô/vossegorô” que pode ser entendida como “vamos discrê pois vai vossêgorô”. É de se notar que “vamos discrê pois vai” vem em coro ou dueto mas “vossêgorô” é pronunciada em tom único.

(*Primeiro plano, masculina, grave, fanha*): “Não obedeça o que errado foi (o querrádo). Nota: “o que errado foi” vem em dueto, feminino, médio.

(*Primeiro plano, masculino, grave*): “Tu vai tê (pausa) deste mesmo lado”

(*Segundo plano, médio*): “O erro foi” (pronunciado no lugar da pausa da expressão acima).

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanha*): “Não acredite!” → “Mal acredite!” (02:15:55)

(**Voz do autor**): “Giumótsâ”.

(**Voz do autor**): “Méuférdubom” (o autor acabou de comprar uma estação de solda que consiste em um ferro de solda com controle de temperatura. Pode ser coincidência mas combina bem.). (02:19:23)

(Visto que se afirmou na mensagem acima haver mais conteúdo neste mesmo lado, optou-se por fazer uma última passagem, desta vez na velocidade 60%.)

(21/01/22) (00:35:16) (Velocidade: 60%)

(*Primeiro plano, masculina, grave, fanha*): “Já diz (pausa) tudo. (O primeiro plano sumiu, sendo substituído pelo segundo, que ficou “primeiro plano”).

(*Segundo plano, médio, sussurrado*): “For bi héil fãrmôso” (*for be rail?*). Agora se entende como “For bi héil famoso”, onde “-oso” é em voz grave, fanha, a mesma do primeiro plano acima).

(*Primeiro plano, masculina, grave, fanha*): “Pra ver (ou prazer) quente vir/ver do sul”. Há, como fundo, um som que se parece com suínos se alimentando. Ao retornar ao início o primeiro plano anterior voltou, com o segundo voltando ao seu devido lugar. O primeiro plano se entende como: “Já fiz (pausa) tudo”. O interessante é que o segundo plano ganha corpo e o primeiro vai cedendo lugar.

(*Primeiro plano, masculino, médio, dueto*) “Promete beim o Mar-conat(o).

(*Segundo plano, médio/agudo*): “êiii” (espécie de ganido que se percebe bem no lugar de “-te be” da expressão acima, que aqui, na forma destacada, se percebe como “-tx bree”).

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho*): “Logrou teste que fica”. “Pois é bom” (masculino, médio). Nota: o autor adquiriu há poucos dias um multímetro (ou, popularmente, “teste” (do inglês “tester”)) que vai “ficar” enquanto não optar por um melhor.

(*Segundo plano, masculino, médio*): “Quer grupo” ao mesmo tempo que se ouve “eletricista”. E surge, fracamente, em média/aguda, algo que se entende como “polenta” → “ocorrência”, tudo no mesmo lugar, simultaneamente, bastando pensar em uma delas para ouvi-la. No entanto, as vozes “se mandam” e voltam a destacar o que querem, o que é comum nestas situações. Tudo isso onde se localizaria “teste que fica” no primeiro plano. (Só agora se percebeu que este trecho, visto em

destaque, estava na velocidade normal e não em 60% dela.) (01:42:00)

Voltando o trecho na velocidade 60%:

(Primeiro plano, masculino, grave, fanho): “Logrou teste que fica”. “Evaduir conto” - “e vá doer conta” (dueto masculino grave/feminino médio). “Onde o átriz” (dueto masculino/feminino, médio). Junto de “conta” se escuta, fracamente, algo que se interpretou como “fora”. E no finalzinho, junto de “-triz”, surge outra pronúncia que se interpretou como “coça”. Realmente, por ter psoríase, o autor fica “se coçando” o tempo todo.

(Primeiro plano, masculino, grave, fanho): “Você marcou-os, combatx abooorrtooo”.

(Segundo plano, masculino, médio com sotaque): “Curréndo” (junto de 'você' da expressão acima).

(Primeiro plano, masculino, grave): “Tomara que seja”.

(Segundo plano, médio, com fundo complexo): “O arquivo” junto de “que seja” da expressão acima.

(Primeiro plano, masculino, grave, fanho): “Por cada vez tanguêja”. De forma destacada “tanguêja” se entendeu como “franguêja”. Neste caso, como “segundo plano” surgiu, bem forte, “insônia”. (02:34:27).

(Primeiro plano, masculino, médio): O trecho se entendeu como “colher” junto com “colha”.

(Primeiro plano, masculino, grave, fanho): “Os teus hábitos”.

(Primeiro plano, masculino, transitando de médio para grave): “Prêfêmos o raionit”.

(Segundo plano, médio, quase sussurrado): “Eu te amo!”.

(Primeiro plano, masculino, grave, fanha): “Que bom que o aprendeu não a forçar”. No entanto, a seguir, revendo, se percebeu como “Que bom que o aprendeu a forçar” e também como “Que bom que o apregou a forçar”.

Devido à hora avançada, o autor se obrigou a parar por aqui (03:02:58).

(22/01/22) (23:28:09) (Velocidade normal) (Recomeçando)

(Primeiro plano, masculino, grave, fanho): “Já fiz (pausa) tudo,” “por ver vídeo” (com fundo 'borbulhante”).

(Segundo plano, coro, média, como se acompanhada por batidas de palmas): “Por quê caiu 'de lado'”. (Nota: no dia anterior (21/01/2022), estando em cima de um barranco para cortar o excesso de vegetação que encobria um pé de fruta, impedindo de localizá-lo para poder irrigá-lo, eis que o autor pisa em falso, e despenca. Tentou se escorar em um poste que estava ali mas passou por trás dele, despencando de cabeça barranco

abaixo, com sérios danos, que foram da cabeça aos pés. A queda “de lado” se deve pela maneira como a queda aconteceu, ou seja, na tentativa de se apoiar no poste acabou circundando-o e, devido as características do local, acabou acontecendo “de lado”, do lado esquerdo. Isso é fato novo, pois o autor luta para se recuperar e é muito recente. Seria impossível na gravação original tal acontecimento estar registrado.)

(*Primeiro plano*, masculino, grave, fanho): “Mercosul, prometi beim”.

(*Segundo plano*, médio): Há uma espécie de “uivo” junto de “beim” da expressão anterior.

(*Primeiro plano*, masculino, médio/grave): “Promete, milagroso” que se entendeu em seguida como “gumetee, milagroso” → “gumétêeis, milagroso” → “com métôluz, milagroso”. Em paralelo com “com métôluz” se ouviu “segura ali”. “com métôluz” já se ouviu “pêrpétuus” → “pêrpét-luz” → “dileto-os”, “pela cruz”. (Por ser tarde, optou-se por parar aqui, lembrando que o autor está todo machucado.) O “segura ali” já se ouviu “tirei lá”.

(*Segundo plano*): Há um acompanhamento que é uma mistura de bater palmas com um instrumento musical, deixando tudo meio complexo.

Observou-se que este trecho, ao ser destacado, estava na velocidade normal. Ao refazer na velocidade 60% resultou na mesma coisa, apenas que “gumetee” se entendeu como “grumetee”. Ou seja, “grumete, milagroso” não parece fazer muito sentido visto que o autor, até onde se sabe, não foi um marinheiro.

(*Primeiro plano*, masculino, grave): “Este, que gravemente é outro quem ti a de vez (“vêch”) “**proczewa**” (talvez polonês, pronúncia ouvida “prôtchêva”).

(*Segundo plano*, masculino, médio): “Mui rêngo” junto da palavra “proczewa”. A seguir se entendeu como “mulherengo”.

(*Primeiro plano*, masculino, grave, fanho): “Paracei de novo”. Há um fundo complexo parecendo uma mistura de um tique-taque melodioso de um relógio com algo borbulhante em uma explicação muito imprecisa.

(*Primeiro plano*, masculina, grave, fanha): “Tomar” (média) “que seja por pôrôró”. Há um fundo complexo como se alguém jogasse rapidamente água de um balde com a mão”.

(*Primeiro plano*, masculina, grave, fanha): “Se ajeita na caama”. (Nota: isso tem sido 'normal' visto que o autor dorme no sofá, que é pra lá de desconfortável.)

(*Primeiro plano*, masculino, grave, fanho): “Favor” “dôális” (média) “o

leitx”.

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanha*): “Que bom que o aprendeu a forçar”.

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanha quase cavernosa*): “Nas plange” (dueto com média, no segundo plano se escuta “nas plângida”) “quer mãe me dar teu perfil”. (Nota: observou-se que a pronúncia atribuída ao pai do autor, obviamente masculina, é percebida como grave e fanha. Mas não dá para identificar este falecido somente por estas características, obrigando um cruzamento com o conteúdo.)

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanha*): “Estx abertura” “traga no fundo” (em dueto com média) “qué agrupá” (média).

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanha*): “Nunca foi comovente”.

(*Primeiro plano, média*): “Leva ao site”. Nota: não está claro a que site se referem já que o autor não possui nenhuma página específica que o identifique.

(*Segundo plano, média*): “Papai” (Junto da palavra “site” da expressão anterior). Nota: foram raríssimas as pronúncias atribuíveis a crianças pelo tom empregado. Obviamente esta não é uma pronúncia infantil.

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho*): “Por que pra mover toalha não deixa”.

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho*): “Procurar vocês” (dueto com média) “fungo” “estx” “nestx mesmo lobby (“lóbi”)”.

(*Segundo plano, média*): “Este vai olhá” junto de “estx nestx” da expressão anterior. Note que “estx” é uma representação simbólica de pronúncia que outros poderiam representar como “esti”. Ambas as representações se referem à palavra “este”. O mesmo se aplica para “nestx” e “nesti” em relação à palavra “neste”. Essa diferenciação se fez necessária para melhor identificar o falecido que se manifesta, de outra forma todos seriam confundidos como um só agente quando, na realidade, há múltiplos manifestantes, inclusive em uma única expressão, onde cada parte dela é pronunciada por um falecido (ou mais). Observe também que “estx nestx” contém uma hesitação, onde o falecido começa com “estx” mas se corrige para “nestx” após uma rápida pausa, algo que nós também fazemos ao perceber que a construção da frase seria melhor materializada se mudássemos a palavra já pronunciada. Isso denota que alguém está construindo a frase a ser manifestada, de forma natural. Não se trata de verbalização mecanizada de algo pronto, mera leitura de algo já premeditado, fixado em um meio

que facilite sua fácil reprodução.

(*Primeiro plano*, masculino, grave, fanho): “Nós vamos te pedir”.

(*Primeiro plano*, talvez feminina, média): “Tuátir”.

(*Segundo plano*, masculino, médio): “Tiróidx”. (02:52:04)

Voz do autor: “E o WatsApp?”.

Voz do autor, meio fora de fase: “Éum fér dubom”. (Observe que, na transcrição, se colocou “éum” e “dubom”, juntos, pois assim se escuta. No entanto, é muito provável que tal seja resultado da pronúncia rápida que aglutina os sons. Assim, pode ser decomposto em “é um fér du bom”, ou seja, “é um ferro (de soldar) do bom”. Obviamente que uma estação de soldar tem que ser “um ferro do bom” → “um bom ferro de soldar”.) O autor tenta colocar em palavras o mais exatamente possível aquilo que escuta, por mais que resulte em distorção das palavras, em termos de ortografia, a fim de mostrar de que forma os sons parecem se manifestar. Mas nessa captação o autor erra muito pois tem enorme dificuldade para entender o que é dito, em meio a um turbilhão de ruídos de todos os tipos.

(*Segundo plano*, para a voz do autor): “Component” (02:55:17)

Nome dado ao arquivo de áudio:

2021-09-28 CONTINUAR E REVISAR (4 – PAPEL)_1.mp3

Fluxo normal

(23/01/22) (09:39:39) (Velocidade normal)

Pergunta feita aos falecidos: “Nova no cachônê” - “Testando!” (O autor não se lembra de ter dito “nova no cachone”.)

Resposta recebida:

(*Primeiro plano*, masculino, média): “Stchavoleta virtual”.

(*Primeiro plano*, masculino, média algo grave): “E vai à perda”.

(*Segundo plano*, média): “Preocupado”.

(*Primeiro plano*, masculino, grave): “Por quê nasceu sozinho?”. Há um fundo complexo mas não há informação relevante.

(*Primeiro plano*, masculino, médio/grave, acelerado): Foi necessário reduzir a velocidade para 90% para se entender algo, pois é muito rápido embora grave: “Qué fund-te”. Junto, em outro tom, se houve “Qué fundo maior?” (médio).

(*Primeiro plano*, masculino, médio): “Regra pra ti”.

(*Segundo plano*, médio/agudo): “Politchá” (paroxítona e oxítona ao mesmo tempo).

(*Primeiro plano*, masculino, grave, dueto com feminina média): “Será que me tens” que se entendeu em seguida como “curáte me tens”.

(*Primeiro plano*, masculino, médio/grave, acelerado): Foi necessário reduzir a velocidade para 90% para se entender algo, pois é muito rápido embora grave: “Tiraque o porquê na” que se entendeu a seguir como “dirá o porquê não fui”, que se entendeu na sequência como “direto ou qualquê assunto”.

(*Primeiro plano*, masculino, médio): “Tu não vai no qua” → “Tu não vai no quarto”. Como complemento, surge a expressão, em masculino, médio: “o que ele tinha?” → “o bilheteinho”. (Nota: o autor tem feito inúmeras anotações, relativas a seus ativismos (pois é ativista), guardando-as.)

(*Primeiro plano*, média, acelerada): Foi necessário reduzir a velocidade para 90% para se entender algo, pois é muito rápido: “Opine mais” “no grupo” (grave, fanha).

(*Primeiro plano*, masculino, grave, fanha): “O quarto é muito novo”. Nota: não se sabe o que isso significa visto que a casa onde o autor mora tem décadas de existência. Não houve reformas, exceto a troca de forro em um deles.

(*Primeiro plano*, masculino, médio/grave): “Veia sangra” “Cadê a radiche” (pronúncia escutada “raditch”) → “Fazer a radiche” → “Pra vê a radiche”.

(*Primeiro plano*, masculino, médio/grave): “Do cliente vai achar falta”. A expressão “do cliente” aparece de tal forma que é como se fosse repetida duas vezes com certo *delay* entre elas, ficando um efeito semelhante a “do-do cliclientente” lembrando o tanger sucessivo das cordas de um violão indo de cima para baixo mas com pouca variação tonal. Nota: não é gaguejado. É provável que tal declaração do falecido se refira à supressão do cabo com conector de uma bateria de níquel cádmio, defeituosa, cujo destino certo é o descarte. A bateria, embora estragada, pertence ao cliente. Isso foi feito para facilitar os orçamentos para os próprios clientes visto a grande dificuldade tida até então justamente neste quesito: conseguir dar um orçamento sem ter o produto/componente à disposição. Parece que a atividade do autor, como técnico eletrônico, é monitorada por um falecido, também técnico. O

uso de tal cabo suprimido tem facilitado sobremaneira tais orçamentos, reduzindo o estresse dos clientes com orçamentos relativos, instáveis, incertos, mais ou menos assim: “talvez seja a bateria”, “se for a bateria” e por aí vai.

(*Primeiro plano*, masculino, médio/grave): “Dêcha o escravo” (O autor não tem a menor ideia do que estão falando ou se referindo) → “Mexa o escravo” → “deixa o escravo” → “deixa o Schiabo” (se escutou “squiabo”) → “Mexa o schiabo”. (Não parecendo ir a qualquer lugar, optou-se por parar por aqui.)

(*Primeiro plano*, masculino, transitando de grave para médio): “Menos mal”.

(*Segundo plano*, médio/agudo meio metalizado): “Tu véio”.

(*Primeiro plano*, masculino, médio, dueto com grave): “Em lavar (pausa) toalha”

(*Primeiro plano*, masculino, grave): “Tampa pinos no vér(pausa)tuoso”.

(*Segundo plano*, médio/agudo): “Tu vais” junto de “tampa pinos” do primeiro plano.

(*Primeiro plano*, masculino, grave): “Tu mexe o berçário” com o som de uma lata mais rígida sendo batida com repique, iniciando em “-xe” de “mexe” mas terminando junto de “o” de “mexe o” da expressão anterior → “Tu mexe aniver” “sário” sendo a primeira expressão masculina grave e a segunda, que a completa, em feminino médio/agudo. Na verdade, neste trecho, o autor foi vítima do descuido, havendo a emenda do final com o início, em modo repetitivo, com a conseqüente geração de expressão não dita. É trecho para ser esquecido, **registrado apenas para servir de alerta**.

(Refazendo o trecho)

(*Primeiro plano*, masculino, médio/grave): “Désconfio” (pausa) “não mexe aí”.

(*Segundo plano*, masculina, média): “Perfeita!”.

(*Primeiro plano*, masculino, grave/médio): “E a fera angustia” sendo que “angustia” é, ao mesmo tempo, proparoxítone, paroxítone e oxítone, ou seja, todas as sílabas parecem ser tônicas. O “tia” final soa como “ti-a”. Se reduziu para “fera angustia”.

(*Primeiro plano*, masculino, médio): “Somos nós” “que vejo” (médio mais agudo).

(*Primeiro plano*, masculino, médio): “Vai te ouvi” (meio fanhosa) “isso será tal que”.

(*Primeiro plano*, masculino, médio): “Desde ontem”.

(*Segundo plano*, masculino, médio/agudo): “Diz que foi tudo ontem”.

(Nota: o autor encerrou a transcrição do arquivo anterior na data de ontem fiel ao seu princípio de rever tais arquivos apenas uma vez em várias velocidades. Este já é outro arquivo.)

(Primeiro plano, masculino, médio): “Só aquele povo terrestr” → “quele povo terés”.

Ampliando o tamanho do trecho, obteve-se: “Só aquele povo terrestres” “por acaso é o do mundo dois”. No finalzinho há algo que se parece com “sôfrê”. (13:44:50)

(23/01/22) (23:16:46) (Velocidade 80%)

(Voz do autor): “De novo no cachônê”. “Testando!”

Resposta recebida

(Primeiro plano, masculino, média, fanha): “Stchavôlêta virtual” que se entendeu como “txtchavoleta virtual”.

(Primeiro plano, masculino, média, fanha): “Se vai à Igreja”.

(Segundo plano, médio, talvez feminino): “Preocupado”.

(Primeiro plano, masculino, média, fanha): “Por que nasceu sozinho?”. Há um fundo complexo, meio borbulhante mas sem outro conteúdo relevante.

(Primeiro plano, masculino, médio, fanho): “Está a fim de lagart revert ti”.

(Primeiro plano, masculino, médio mais agudo): “Tu met megohms”. “Ohms, não é?” Nota, parece que o falecido que contatou entende algo de eletricidade, talvez eletrônica, visto que “megohms” (ou Mega Ohm) tem poucos usos práticos, sendo mais comum para valores limites. Ohms é a medida de resistência, é padrão, portanto, elementar. Em eletricidade a escala de megaohm não é usual, sendo mais comum nos “megôhmetros”. Em eletrônica é bem comum.

(Primeiro plano, masculino, grave, fanho): “Negocia grupo” “o que lhe vai junto” (média, normal, aparentemente feminino).

(Primeiro plano, masculino, grave, fanho): “Roberta a um Tinoho” (onde “h” de “tinoho” é aspirado podendo ser representado por “tinocho” onde o “ch” seria aspirado).

(Primeiro plano, masculino, grave): “Veia sangra cabeça”. (Nota: o autor, ao cair de cabeça para baixo, de um barranco, deslizando de uns três metros de altura, diretamente em um local concretado, feriu a cabeça, sangrando.)

(Primeiro plano, masculino, médio): “Hostic” (médio, feminino) “mente” (médio/grave, meio tremido).

(Primeiro plano, masculino, médio): “Doença foi”.

(Segundo plano, feminino, médio, meio metalizado): “Tu ganhou” → “Não vai não” (masculina quase grave) → “Tu vai não” (estilo nordestino, masculina, quase grave).

(Primeiro plano, masculino, médio): “Deixou escravo” → “Berrou o escravo”.

(Primeiro plano, masculino, grave, fanho transitando para médio/agudo): “Dirente algo de hemorroge”. Se nota uma flutuação do sinal, como se o sinal contivesse uma espécie de “fading”, ora se elevando, ora decrescendo em amplitude, flutuação compatível com manipulação de uma mesa de som. (Ou mal contato do fone de ouvido.)

(Primeiro plano, masculino, grave, fanho): “Solong” (média/grave, pronúncia “soulong”). “Se for quem não quer”. (Talvez seja a expressão inglesa “so long”).

(Primeiro plano, masculino, grave, fanho): “Pororosco (pausa) te fêr”.

(Segundo plano, talvez feminino, médio): “Que horário que é?”.

(Primeiro plano, masculino, médio): “Não baixei tuduuu”.

(Segundo plano, feminino, médio, com chiado): “Garantido!”.

(Primeiro plano, masculino, médio transitando para grave fanho): “Este lençol mofa a lexma”. (De que lençol estão falando? O autor dorme em cima de um cobertor que está em cima de um sofá.)

(Segundo plano, feminino talvez, médio): “Vai tambê” → “vai teu bê” → “vai até o bê” →

(Terceiro plano, médio/agudo): “Tá massado” → “tá amassado”.

(Primeiro plano, masculino, médio): “Que troço!” “Este controle fácil de reparar” → “de restaurar”.

(Segundo plano, feminina, médio): “Que troça” no mesmo local de ocorrência idêntica na expressão acima. “Venha” iniciando em “de-” de “de restaurar” indo até o final. → “Que ele venha” iniciando logo após “fácil”. O som está com fading, vai e vem.

(Primeiro plano, masculino, grave): “Esse povo vem com métodoich”.

(Segundo plano, masculino, grave): “Com método dois”. Ao mesmo tempo há o seguinte: “Levanta e enrolaaa” iniciando em “po-” de “povo” da expressão acima e terminando além dessa expressão: “Esse povo vem com método dois”. (01:46:13)

(26/01/22) (00:59:37) (Velocidade 70%)

(Voz do autor): “Nova no cachônê”. “Testando”. Nota: logo no início há um fundo semelhante a um tilintar, junto de “nova no”. Não se sabe como isso apareceu aí.

(Primeiro plano, masculino, grave, fanha): Enquanto se ouve “tchtchavôlêta virtual” também se escuta “(é) o momento virtual” “levou à Igreja”. Ou, de forma contínua: “o momento virtual levou à Igreja”. “Perdoa ao senhor” “prédmilêsês” (proparóxitona), “que agrigrilha” (em tom médio, outra voz).

(Primeiro plano, masculino, grave, fanho): “Toda vez que tu vaitié que bom tigrê” “de bom postila de bom por” “vale mali mais” (em outra voz, tom médio) “Luci em moró trabuco eu morra” (masculina, grave, fanha).

(Primeiro plano, masculino, grave, fanho transitando para média, talvez feminina): “Luz sempre, Valdo!”. “No espertinho te vejo” (médio, feminino).

(Primeiro plano, masculino, grave, fanha continuando com média): “Paiê” → “Pra lê” → “Só lê”. Segundo plano parece dizer, em masculina bem grave “nfarto”. Ao aumentar o trecho selecionado já se entende “conecta” seguido por voz em tom médio: “conecta disco moldes” → “conecta discos novos”. (É de se notar que o disco rígido do PC do autor está nos limites, obrigando a manter atenção neste quesito.)

(Primeiro plano, masculino, grave, fanha): “Bem menos grave do que hemorrôgê”.

(Segundo plano, feminino, média meio sussurrada): “Tu pensô” → “tu tem suor” → “te bençoô” → “tu tem saúd(i)”. Na verdade, este “segundo plano” antecede o primeiro plano acima, deixando tudo como um contínuo, com duas vozes.

(Primeiro plano, masculino, grave, fanho): “Florblum” “ficaste em TV” “Everest” “preço do ácidu” (tom mais agudo) “expikingli” (seria *speak English?*).

(Primeiro plano, masculino, grave): “Finca o volume” (grave) “este é o máximo”.

(Primeiro plano, masculino, grave): “Fôr machu”. “(a)rranca fora pêritié” → “ore pelo tiê”.

(Primeiro plano, masculino, grave): “O próximo que lhe xingá”.

(Primeiro plano, masculino, grave, fanho): “Não aguenta, vai, cai no próprio espirrá”.

(Segundo plano): acompanhamento musical junto a “vai, cai no próprio”.

(Primeiro plano, masculino, grave, fanho): “Neste povo, firme quem é desistx”.

(Segundo plano, médio, meio metalizado, meio tremido): “Olhô para éé-él-lá”. (02:44:00)

Fluxo reverso

(28/01/22) (01:03:33) (Velocidade normal)

(Primeiro plano, masculino, grave): “Diz (pausa) forro, forrobodô”.

(Segundo plano, masculino, médio): “Só dis-cáa (que se passou a entender como “waliska” → “chaliskaa”) seguido por algo que se pareceu com “veado” (junto de “fôrrôbôdô”). O interessante é que a parte “diz (pausa) forro” não se ouve mais, apenas “chaliskaa”. Quanto a “veado” é percebida ao se repetir rapidamente o trecho com “fôrrôbôdô”. Mas se a repetição for manual, uma por vez, se entende “senha do”. Nota: *waliska* é uma palavra polonesa.

(Primeiro plano, masculino): “Feio com a saúde” que se entendeu como “veio com saúde”.

(Primeiro plano, masculino, médio): “Veio te terminá”.

(Segundo plano, médio/agudo): “Eu” (junto de “veio”).

(Primeiro plano, masculino, médio): “E é grande o que precista”.

(Segundo plano, masculino, médio mais agudo): “Quer grupo” junto de “que precista”. Esse “que precista” quando repetido de forma isolada se entendeu como “repressista”. Ao voltar ao trecho completo, tal entendimento some e se volta ao significado inicial. Neste caso se entende “quer ter grupo” no segundo plano.

(Primeiro plano, masculino, médio): “Que ouve a voz”.

(Segundo plano, médio/agudo meio metalizado); “Hoje vou à escola”.

(Primeiro plano, masculino, grave, fanha, dueto com média/aguda, talvez feminina): “Vou te abraçar o aceite”.

(Primeiro plano, feminino, médio): “Num milhar”.

(Primeiro plano, masculino, médio): “Queijo”. Aumentando a seleção se entendeu como “flor pororó, canjica”.

(Segundo plano, masculino, média mais aguda): “Se ajeita” → “se jeita”.

(Primeiro plano, masculino, médio); “Muelér” que logo se entendeu como “no olhar” → “fô-lhá” → “tu foi lá” → “foi reto”. Por ser tarde se optou por parar por aqui, mas parece se ouvir “O Humberto” → “completo”.

(Primeiro plano, masculino, grave, fanho): “Favor de 'coaliss-vô' béquitx”.

(Primeiro plano, masculino, grave, fanho, dueto com média): “O bom que o aprendeu a forçado”.

(Primeiro plano, masculino, grave, fanho, dueto com médio/grave): “Defende que vem o mais cômodo” → “defende de tu vê o mais

cômodo”.

(Primeiro plano, masculino, grave): “Cotchai-brê” seguida por “en gra ça do” todo tremido, com separação silábica na entonação.

(Primeiro plano, masculino, grave, fanho): “Tu pens agrupá”. Esse “agrupá” vem em médio, talvez feminino.

(Primeiro plano, masculino, grave, fanho): “No que tem poder vamos tsó com o pai. Você breçou o feliz e o tempo foi”.

(Primeiro plano, masculino, médio): “Jornal do. Já falei com o modo. Mal acredite.”

(Voz do autor): “Eum ótzip” “eóchêgo novão”. (02:59:27)

(29/01/22) (00:31:53) (Velocidade 80%)

(Primeiro plano, masculino, grave, fanha): “Dis(pausa)ponha para rever, rever do sul”.

(Primeiro plano, masculino, grave): “Óea te bem grunato”.

(Primeiro plano, masculino, grave, fanho): “E é grand esse trecista”.

(Segundo plano, masculino, médio/agudo): “Quer ser, ser grupo”.

(Primeiro plano, masculino, grave, fanho): “Hoje é bitola seis, de novo o reverso”. (Houve erro, esqueceu-se de trocar a velocidade normal neste trecho em uma nova instância.)

(Primeiro plano, masculino, grave, fanho, refazendo em 80%): “Outra vez, hoje é bitola seis, de novo”.

(Segundo plano): Acompanhamento musical em toda expressão anterior, até “seis”.

(Primeiro plano, masculino, grave, fanho): “Hoje terá que ficha. Vou pêêêê”. “Coveita”. “Vou olhar → “vão olhar” → “vão no olhar”. (“Hoje terá que ficha” se entendeu como: “no olhar, no olhar que fita”. E “coveita” se entendeu como “proveita”.)

(Segundo plano, masculina, grave): “não entende” junto de “vão no olhar” que se entendeu agora como “vão molhar”.

(Primeiro plano, masculino, grave, fanho, dueto com média, feminina): “De acordo com” “isso emá e leitx”.

(Primeiro plano, masculino, grave, fanho): “Tu vem que eu perdôo avaçado”.

(Primeiro plano, masculino, grave, fanho): “Depende de qual é o mais cômodo”.

(Primeiro plano, masculino, grave, fanho): “Defende a Dilma”, “diabo lhe ficha agrupá” (média, feminina).

(Primeiro plano, masculino, grave, fanho): “Nunca lei, tomei banho de novo em pai”.

(Primeiro plano, masculino, grave, fanho): “Você querê”. “Você me diz que o rei passou”.

(Primeiro plano, masculino, médio, fanho): “Jornal do” “eu serei tombado”.

(Primeiro plano, masculino, grave, fanho): “Dane-se” “Benzur”.

(Segundo plano, média/aguda, metalizada): Se percebe algo parecido com “tem sonic” junto de “Benzur”.

(Voz do autor): “E o Watsapp” “é o férru dubom”. (02:39:29)

(30/01/22) (00:33:53) (Velocidade 70%)

(Primeiro plano, masculina, grave): “Já dis(pausa)para, parabodô”. (Já dispara, parabodô.)

(Primeiro plano, masculina, grave, fanha): “Veio do sul, pala ti vêê”. Como segundo plano, junto a “ti vêê” se escuta algo como se fosse o coaxar de um sapo. Por ter sido entendido posteriormente diferente, registre-se: “ela lati bem” no lugar de “pala ti vêê”.

(Primeiro plano, feminino, médio): “Munhecoo”. Se entendeu posteriormente como: “um métrôô, dobrou”. O “coaxar” do sapo se percebe agora como o uivar curto de um cão, quase parecendo um gemido.

(Primeiro plano, masculino, grave, fanha): “E é grand estiticista”. “E é grand” faz parte da expressão anterior e se entendeu como “dobrou”. Se reduz, então a “estiticista”.

(Segundo plano, masculino, médio): “Quer grupo” junto de “estiticista”.

(Primeiro plano, masculino, médio): “Ele é o boss”. Esta expressão tem acompanhamento musical.

Anteriormente se ouviu algo assim: “Ele te quer ver bonito” e “meia bordô” ou coisa parecida, sendo uma mudança de conteúdo. Mas ao registrar novamente tais mudanças esta parte desapareceu sendo substituída por outra mudança. É provável que “esteticista” se refira a um sobrinho do autor, já falecido.

(Primeiro plano, masculino, grave, fanha): “Eu te ia mostrar ao espelho”. Seguido por “te amôôô” em grave, diferenciado, talvez mais grave, porém normal, melodiosa e tremida.

(Primeiro plano, masculino, médio): “Me leva!” → “me eleva!”.

(Primeiro plano, masculino, grave, fanho): “Nem(nim) faz(faiz) só perdedor”, “ou vem poder (podê)” (nesta expressão se ouve como segundo plano: “noventaaa”.)

(*Primeiro plano, masculina, média*): “Ao invésti, disse ao povo: tu gostá duçurá e leitx”. *Ouve-se, logo após algo que se parece com 'tférrí” (em agudo), emendando com “leitx”.*

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho*): “Tubém que ao ver não amassou”. (Se refere a um inseto que o autor teve o cuidado de não pisar em cima, quando estava indo ao trabalho. Não é costume ficar atento onde se pisa, então, de repente, se percebeu tal inseto bem onde pisaria.)

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho*): “Arcanjos virtououõ” (finaliza como se tivesse eco).

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho*): “Que vem (veim)”. Trecho este complicado, quase não se entende e se acaba entendendo de tudo. Agora se parece com “tu segue” → “prossegue”.

(*Primeiro plano, masculino, grave*): “Meio” (médio) “Catchuuma” (grave).

(*Primeiro plano, som tremido, rápido, meio com eco, bem complicado parecendo o som de uma locomotiva*): “Singular” → “Triangular” → “perambulá” → “circulá” → “pneu no ar” → “poder voar” → “pneu voar” → “que nem voar”. Há uma composição de grave, bem grave, com médio/agudo. “Poder zoar” → “pneu zoar” → “que nem zoar”. Optou-se por parar por aqui.

O autor estava “ouvindo”, ao parar para editar, no seu ouvido uma espécie de conversa incompreensível (por estar abaixo do limiar da compreensão) mas que acabou se desvanecendo até sumir.

(*Primeiro plano, masculino, bem grave, fanho*): “Te águo amei pedir” “boa sorte!” → “voa forte”.

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho*): “O que vem sfogo ensfart” “você gurô”.

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho*): “Isso me deixa com o olhar blefei” → “tu não me deixa com um olhar blefei” junto com um quase dueto em médio melodioso, talvez feminino. O desencontro emoldura a parte grave dando um efeito interessante.

(*Primeiro plano, masculino, médio/grave, quase sussurrado*): “O leite (pausa) deste mesmo modo” → “o leite (pausa) deste mesmo logo” → “tu vai ter, deste mesmo lado”.

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho*): “Vão ao ticutiti”. Esse “ticutiti” passou a ser ouvido como “ticutilóidx” onde o “lóidx” vem em masculino médio.

(*Primeiro plano, masculino, grave*): “E por quê na dor?”. Se ouve algo que se parece com “debilóidx” logo após “na dor?”. Nota: esta parte se refere diretamente ao autor.

(Voz do autor): “E o Whatsapp? É o ferdubom”. Esta última expressão é

acompanhada musicalmente em uma espécie de tilintar. (03:07:14)

(O trecho abaixo só foi feito porque acima apareceu que havia mais conteúdo “neste mesmo lado”. Mas, como se verá, isso é recorrente pois abaixo tal mensagem continua presente.

(31/01/22) (00:45:45) (Velocidade 60%)

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho*): “Fiz (pausa) tudo”.

(*Segundo plano, em coro, com barulho semelhante a dar palmas lentamente, médio*): “Por quê cai o jogo?” → “Por quê cai o Diogo?”

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho*): “É defunto ver voc(ê)”.

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho*): “Ela latx bêrvôli”. Bêrvôli é proparoxítona.

(*Segundo plano*): Se escuta um uivo mais parecendo um gemido junto da palavra “bêrvoli”.

(*Primeiro plano, masculino, médio*): “O Marconat” (continua na expressão seguinte).

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho e tremido*): “Doou poor hoje” com um efeito tal que é como se fosse pronunciado meio com eco e tremido ao mesmo tempo, especialmente em “doou poor” onde parece ser pronunciada duas vezes com leve deslocamento. Quanto ao fato do autor ter “doado por hoje”, isto é verdade e aconteceu agorinha, ou seja, foi feita doação via PayPal para instituições pró-vida e pró-família. Constitui fato novo pois, embora se repita todos os meses, é muita coincidência ter acontecido apenas alguns minutos após as doações terem sido realizadas.

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho*): “Com este rápido diodo desfeito” → “com este rápi diodo respeito”. (Não se sabe de que diodo estão falando. De qualquer forma, “rápi diodo” são pronunciados sem pausa como se fosse “rápidiôdo” com acentuação tônica nas sílabas negritadas.)

(*Segundo plano, masculino, médio, quase sussurrado*): “Diodo muito rápido”. O “diodo respeito” do primeiro plano passou a ser ouvido como “Diogo respeito”.

(*Primeiro plano, masculino, grave*): “Tente a cruz”. Há uma espécie de acompanhamento musical.

(*Primeiro plano, masculino, em coro, média*): “Eu te amo”. Agora se escuta “tente cruz: pleitiamo”

Esse “pleitiamo” se entende agora como “pleitiando”.

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho*): “Sou luz de mártiom”.

(*Primeiro plano, masculino, muito grave, fanho, tremida*): “Meia vért-

brá na cêrcuíta”. → “Minha vértebrá na cêrcuíta” (*segundo plano* “mal ermita” *junto de* “na cêrcuíta”).

(Ao parar para fazer tratamento de “spikes” *na nova instância, eis que o autor escuta nos seus ouvidos, bem baixinho, um som melodioso.*)

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho*): “Ele quer dizer: ninguém é surdo”.

(*Segundo plano, masculino, médio*): “Mais novo” *junto de* “é surdo” *da expressão anterior*. Nota: os falecidos se referem ao autor como “mais novo”.

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho*): “No olhar” “que voi” → “ja voi”.

(*Segundo plano, masculino, médio, rápido, metalizado*): “Deu mais um olhar” *junto de* “no olhar” *da expressão anterior*. Nota: essa história de “olhar” *se refere ao autor em relação a alguém*.

(*Primeiro plano, masculino, vozes alternadas grave e média*): “Tio Valdo gosta” (*média*) “de um leitx” (*grave*). (*Há conteúdo no segundo plano mas é de difícil percepção pois vem em “ritmo de pandeiro”. Por falta de tempo não será tentado interpretá-lo.*)

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho*): “Não há passado” *continua com* “com aprêndidu” (*feminino, médio*).

(*Primeiro plano, masculino, muito grave, fanho*): “Quer máeim num golpe perfeito”.

(*Primeiro plano, masculino, muito grave, fanho, meio borbulhando*): “Enche um brócuuuó, leva o mesmo afiá”.

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho*): “Tem gentx fala com a gentx”. Nota: “tem gente *que* fala com a gente”, *note que faltou o “que”*

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho*): “Porque entende, não é com dispár contíguo”.

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho, dueto com feminino médio*): “Tu, não me deixa, o teu lado que eu sei”.

(*Primeiro plano, masculino, grave*): “Tu vai tê (*pausa, neste local em médio, quase sussurrado, aparece* “vai olhar?”) neste mesmo lado”.

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho*): “Eu amo ticotiti”. *Bem no final, ou seja, no “-ti” final, se ouve, como segundo plano, em médio/agudo, a palavra “zilóidx”.*

(Voz do autor): “Di Watsapp? É o ferdubom”. Esta última expressão é acompanhada musicalmente em uma espécie de tilintar truncado. (03:17:45)

Nome dado ao arquivo de áudio:

Fluxo normal

(01/02/22) (00:58:29) (Velocidade normal)

Pergunta feita aos falecidos: “Mais uma tentativa com o papel”.

(Os falecidos também se manifestaram em paralelo, misturando tudo, muito difícil de captar algo): “Quem sab(e), mais uma tentativa com o papel” finalizado com algo parecido com “tu beim lotx”. Foi necessário copiar o trecho para uma instância do *Audacity* e reduzir a velocidade para 46% para entender algo. Com grande chance de erros de interpretação no tocante aos falecidos.

Resposta dos falecidos:

(01/02/22) (01:34:53) (Velocidade normal → velocidade 76 %)

(*Primeiro plano*, agudo, metalizada): “Brigado, Deus te vê berangui” “meu olhar prudente” “mil repeticione, bom pra teu decida” “tu não panha” “vais por lhe as manha” “fals se bel ir lobão” “o que o Valdo ruindu in di internet” “demais” “olha a ver ti” “se eu perco” “colega diz u beim” “esteja logo” “tu béins tínhamo” “responde rápido” “pondarapa” “jaguara o time comissão” “repeti” “que não quer mais” “dito gênio Marcus” “jus te péu” “ele transa” “os rocha desfili” “art dimeê” “Olha acredit toalha a mil” “inda bem que o Valdo tem” “empurrou a parte dentro” “sal ruoque piso vem” “volta qui tu feiz” “seja infea a coisa incrididj” “poronauta, quer saber” “poxa, partiu” “não dói conselho, do Maicos” “depois tu veim” “batiston, que a voz” “conta grave” “um pakrr fechou pra namorar” “chuta ele (pausa) beim” “o molde tem um preço alto” “de quem éstê, sai do barro (com 'rr aspirado)” “Somou os dispaudos” “que chato” “tomí” “marque im internet isso rápido”. Devido às dificuldades encontradas, não se aprofundará além disso neste lado. (02:57:46)

Fluxo reverso

(02/02/22) (01:26:43) (Velocidade 70%)

“Complicado e idjicabor teim” “forbaut direi fumou â poudji” “hets power te armô” “que trova” “hor rapaiz de peli” “sem querer reparte beim” “de brêin colêdj” “corája-te me deu um noje” “o que impera no que intchera costa tiein” “sabe?” “jus calavés hês fontáimê” “huch fontainy rêvér” “jantâmo-lo dir móchêin”. (Por ser tarde optou-se por interromper por aqui.) (02:26:07)

REFAZENDO

(03/02/22) (00:32:31) (Velocidade 70%)

“Complicado i vídeo teim de Russein” “âbaut jimeins fumou no pöldjii” “hets pauêr (power) smól (small, neste ponto surge algo interpretável como “sobrô”) de strôva” “horca (masculina) conféis segui (feminina, coro)” “o terreno reparte bem (feminina)” “Sim, filho só em parto de méu” “fuja agendá” “o que imperra loquintchéra” “posta quem sabe” “supera rest fech fontaine” “Hâch fai próblema” “sai campânulo” + “sáipêr (masculina)” “banho nu (feminina)” “tiveram que ir marchar ouvidência” “ôvi tulpar” “gét sôbri qui no vastu (feminina, coro)” “chia nos brat tu vai entende” “já comprede juvartin” “nuspelhô não entende” “Já enjoô vêm predicáa” “feliz natal” “tu chopsran” “tu é daqui” “do virtual” → “do litoral” “venho” “vim, sourreba daqui” “acho que não vai” “zercopéia” “segui páuê” “nunca estiêve” “djêgoure trato” “desconfia” “gêra log fino” “tranca você virtual” “tu chega desvirritanégo” “foi hoje lá” → “pôjulá” → “pódium lá” “vil só” → “Vilso” “chicóleo bizôliú sac” “robustema (masculino finalizado por feminino) que me só Bastiã” (feminino) “bom pra lástima tua mãe espagueti” “vô sorri” → “posso ri” “junio a raspeditai” “tu sabe tudo”. Nota: “vô sorri” pode se referir ao fato de que algum falecido “vai sorrir” ou então se refere ao fato de que um “vovô sorri”. Aparentemente se aplica a primeira opção.

(Voz do autor): “É um corret de mexias mi quasaar” “fáli”. (02:35:56)

Nome dado ao arquivo de áudio:

2021-09-28 CONTINUAR E REVISAR (1 – PAPEL).mp3

Fluxo normal

(04/02/22) (cerca de 01h00min) (Velocidade normal)

Interpretação do início: “Txlá”.

Pergunta feita aos falecidos: “Mais uma tentativa com o papel”. (Há alguma coisa, em agudo, junto da pergunta mas não se consegue interpretar. O finalzinho até parece a palavra polonesa “*kochamy*”).

Resposta recebida: o áudio é muito ruim, vem em agudo metalizado e se parece com: “Cuidado, diante (di ontem?) deu derrami” “no olhar (voelhar?) tudo bem” “diu repente siulda” “porque tem cerâmico” “Valdo” “faz brilhantina” “tictop não deixa lavá” “vôdá” “duzentuim presto” “quêst vídiu” “purisso faixa ele beim” “esse te déus/figado imagem tênua” “cônhaque pujna” “expõe um nível drap” “espinotê” “explim marque o tê” “pêpê” “vive contente” “pode imprimir” “molha a têtê enrola beu” “exame em nove mêis” “segura a papeleta” “fêrruo que diz antópe” “purquê tu não deixa com vídiu num AP” “presta com turma” “se resolvê de nôiti” “mistura de quem” “vai ficá metade” “Úrsula” “como é que se chama purêti vídiu” “sim – pode crê que eu vai da um estlête empacarro” “tu não respaldas nôitch” “faca num dimpréssionante” “isso orgânic grimpô”. (02:49:08)

Reverso

(05/02/22) (00:23:41) (Velocidade normal)

“São picadas ida não fois canalvi” “depois refres-ca”/“cego” “ciclôva Polônia” “venha teu controle híbridro (proparóxitona, “h” aspirado)” “isti pêga de maohígêna (proparóxitona, “h” aspirado)” “força só uma tranca pêintêr” “só toma” “vêim porque não tem barril dos ataque” “ficando dívido/de longe” “o rapincêgo” “o rapincêni e o rapivinhe pra proved” “sabe quando gilete brinca com rapitidinho” “vêine top Diêgo” “roga clicau bildi” “fixadão” “acho que tu não vai embora” “âmplificáo” “por que tiene porre?” “têm que errá” “no têm que se esquivá” “depois limpa a mão” “de tarde rebentu” “te pague um brilhante” “loc ficá mais um” “se tá com inveja” “pro brinquédis” “maior que tem” “grênainôtch”. Nota: “se tá com inveja” talvez fosse “cê tá com inveja”.

(Voz do autor): “Qual canal que dêcha me baseá”.

“Hálê (paroxítona, “h” aspirado)”. (02:27:49)

Mensagem 06 (29/09/21)

Data de gravação: 29/09/2021

Nome dado ao arquivo de áudio:

2021-09-29 CONTINUAR E REVISAR (1 – PAPEL).mp3

Fluxo normal

(05/02/22) (23:15:00) (Velocidade normal)

Pergunta feita aos falecidos: “Alguém quer trazer alguma informação?”.

Resposta recebida

(Primeiro plano, agudo): “Tu não vai”. Essa informação foi ganhando corpo. Há, além dela, outra que se sobressai mas que é incompreensível, podendo não conter nada além de ruído.

(Primeiro plano, masculino, média, muito embaralhada, muito rápida): “Ai que delícia que tu não vê”.

(Segundo plano, masculino, grave, meio cavernosa que foi clareando): “Oi, tinha o rabo a vê”. Ambas as expressões acima cabem exatamente no mesmo espaço temporal.

(Primeiro plano, masculino, média): “Ele só pensa em investigar”.

(Primeiro plano, masculino, média): “Por esse neto não é justo”.

(Primeiro plano, masculino, médio, outro tom): “Tudo afim”.

(Primeiro plano, masculino, grave): “Por quê se mantê a pilha?”.

(Provavelmente “pilha”, aqui, se refira ao componente elétrico/eletrônico e não a uma pilha no sentido de uma sucessão volumétrica.)

(Primeiro plano, masculino, médio/grave): “Não há força que diz o diverso”. Mas se entende, sob outro ponto de vista, como: “Não há força que diz tudo de lá”.

(Segundo plano, masculino, médio): “Tudo, tudo de lá”. É uma confusão

porque neste ponto se encontram três palavras “tudo”, chegando parecer conter um “contudo” ou “tudo modulá”.

(Primeiro plano, masculino, médio, cantado): “Esse convite eu não apaguei, tu morre bêlá”.

(Segundo plano): Se ouve um som parecido com o bater de uma lâmina em outra, como duas espadas quando se encontram de forma oblíqua, deslizando após o toque.

(Primeiro plano, masculino, grave, fanho): “De início” “tódó vapor” (tom mais agudo) “silêncio”.

(Primeiro plano, masculino, grave, fanho): “Felício”.

(Primeiro plano, masculino, médio): “O grediento”.

(Primeiro plano, masculino, médio tom mais agudo): “Lugar virtual”. (mais grave) “lugar que é esse daqui” (tom mais agudo). (00:57:05)

(06/02/22) (00:58:05) (Velocidade 80%)

Pergunta feita aos falecidos: “Alguém quer trazer alguma informação?”.

Resposta recebida

(Primeiro plano, agudo): Pelo que se consegue interpretar: “O teu pai” → “Oto pai” → “oto vai” → “oto, ele vai” → “vôtô (médio agudo), ele vai (agudo, em coro ou dueto)”

(Primeiro plano, masculino, grave, fanho): “O Cristiano diz quer te resolvê”.

(Segundo plano, sussurrado): “Eu te amo”.

(Primeiro plano, masculino, grave, fanho, transitando para médio, talvez feminino): “O microfone” “suspense”.

(Primeiro plano, masculino, grave/médio em coro com agudo): “Disfarçô” → “despachô” → “encaixô” → “vem cachô” → “bem cachô” (essas três últimas podem ser dificuldade do autor em distinguir os fonemas).

(Segundo plano, feminino, médio/agudo): “Bléim” (alguém diz “bléim”, nitidamente).

(Primeiro plano, masculino, médio, fanho): “Qual o instrumentos”.

(Segundo plano, masculino, média): “Meu papai!” iniciando em “-mentos” de “instrumentos” da expressão acima.

(Primeiro plano, masculino, grave): “Doeu saco” seguido por “acontece” (em tom médio, espichado). Nota: nesta noite o autor teve uma poluição noturna que o colocou em apuros. Mas isso denota que somos vigiados até de noite, de outra forma não saberiam da ocorrência (do ocorrido).

(Primeiro plano, masculino, médio): “Excelente” (pelo que se entendeu) “isso mede” (pelo que se entendeu em seguida) → “urso mede” (tanto “isso” quanto “urso” são perceptíveis dependendo do ponto de vista) → “curso mede”. Tanto

“isso”, quanto “urso” quanto “curso” são perceptíveis bastando apenas pensar em um deles.

(Primeiro plano, masculino, grave, fanho): “Foi prendê” “a bruxa” (feminino em aparente coro).

(Primeiro plano, masculino, grave, fanho): “Por quê teve dote?”. “Por quê?” (feminino, médio, normal).

(Segundo plano, masculino, médio/grave): “Teve dor” junto de “teve do” da expressão anterior que já se ouve como “por quê teve dór-te?”.

(Primeiro plano, masculino, grave/média): “Isso foi só por um momento” → Disforçô ao momento” → “disforçá ao momento” (aparentemente os falecidos continuam a se referir à poluição noturna referida acima, o que constitui um fato novo pois aconteceu na noite anterior ao início desta transcrição, muito depois da gravação deste contato via microfone.)

(Primeiro plano, masculino, grave): “Assim encalha” → “pra cima encalha” → “pra cimentália”.

(Primeiro plano): “Mexer” (feminino, médio) “o corpo” (masculino, grave, fanho), “mexe!” (feminino, médio).

(Primeiro plano, masculino, grave quase cavernosa, fanha): “Aqueles hábitos”.

(Segundo plano, masculino, média): “Com aqueles hábitos” em dueto com a expressão anterior, apenas que inicia imediatamente antes.

(Primeiro plano, masculino, grave transitando para médio, em dueto com masculino, médio): “A rede é amor profundo”.

(Segundo plano, masculino, médio): “O fuga!” começando em “o” de “ofund” da expressão anterior.

(Primeiro plano, masculino, médio/grave): “Foi nesse vídeo” → “põe nesse vídeo”. O “-deo” soa como se alguém estivesse pisando em uma poça de água. (02:04:50)

Nota: ao se verificar o cursor de velocidade, este se encontrava em 83%, não se sabe quando houve a alteração.

(06/02/22) (08:20:30) (Velocidade 70%)

Pergunta feita aos falecidos: “Alguém quer trazer alguma informação?”.

Resposta recebida

(Primeiro plano, agudo): Pelo que se consegue interpretar: “O teu pai” (“o to pai”). Quanto mais se escuta, mais se separam “o to” (aparentemente masculino) de “pai” (aparentemente feminino). Parece uma expressão composta pelo encadeamento de duas personalidades (ou mais, no caso de “pai”, que parece vir em coro). Neste momento “o to” se entende como “este” e “pai” como “vai”.

(*Primeiro plano*, masculino, grave, fanho): “Esmerilhá com os microfone” (Nota: o autor imaginou e, para isso colocou no papel, uma ideia de fusão de sinais de dois microfones (misturador) de modo a somar ambos os sinais em um só. Eis que o desenho se parece com as pedras de um esmerilho, donde deve ter surgido essa “suposição” que os microfones seriam usados como esmerilho, algo não pensado e, portanto, não poderia ser ecoado. Isso não foi ideia do autor, portanto deve ter sido imaginada em outro local e, de alguma forma, se materializou neste áudio. Note-se que a ideia do misturador dos microfones surgiu há pouco, quando o computador ainda estava desligado o que coloca mais um ponto impeditivo no processo. Não houve verbalização, o autor está sozinho, a ideia foi mental mas o desenho (um mero rascunho para lembrar de registrá-lo depois) foi real. No momento esta expressão já se ouve como “o esmerilhar destes perfume”. Note-se a insistência em “quebrar” com a concordância entre os vocábulos dizendo “o esmerilhar destes perfume” em vez de “o esmerilhar destes perfumes” ou “esmerilhá com os microfone” no lugar de “esmerilhá com os microfones”. Também se usa a forma flexionada do verbo onde caberia a forma infinitiva: “esmerilhá” no lugar de “esmerilhar”. De qualquer forma, soa estranho “esmerilhar destes perfume” tal qual “esmerilhar com os microfone” pois tais produtos não tem estes usos, o que leva novamente ao imaginário. Alguém imaginou tal possibilidade e esse “alguém” não foi o autor que nem imaginou esta “nova” possibilidade.

(*Primeiro plano*, masculino, grave, fanha): “O microfone suspense pouco a pouco”. Ao selecionar um trecho para tentar captar o segundo plano, eis que se interpreta o primeiro plano de forma diferente: “Pôr em suspense” (masculina, média, estridente) “beija a flor” (masculina, média, normal). Esse “pôr em” se entendeu depois como “porém” ficando “porém suspense”. Há algo médio/agudo no segundo plano mas este não consegue ser compreendido por causa da intensidade do primeiro plano que abafa tudo.

(*Primeiro plano*, masculino, médio): “Neste momento que instrumento que é certo”. Neste trecho ocorreu algo até bizarro, onde a frase começa no final do trecho e, devido à repetição, continua a partir do início em direção ao centro indo para o final, onde recomeça. Para ficar mais claro, o trecho “neste momen” se localiza no final do trecho selecionado e o restante vem linearmente a partir do início do trecho.

O trecho todo deveria ser entendido assim: “Quiescimento (aqui escimento?) “que, exceto” “porque, se morrer”.

(*Segundo plano*, masculino, médio): “Deu pra tráiz” (no lugar de “quiescimento”). “Que laaago” (no lugar de “que, exceto”) seguido, em

outro tom, por “revolvê” (após “que, exceto”). Esse “porque, se morrer” parece ser composto por “porque” no segundo plano e “se morrer” no primeiro. A suspeita vem da diferença de tom entre eles e melhor definição da frase de primeiro plano que ficaria “quiescimento que, exceto se morrer”.

Revedo o trecho inteiro, fica: “que instrumento que é certo, neste momen”. Aumentando um pouquinho mais a seleção fica: “que instrumento que é certo, neste momento”. A repetição, necessária para se conseguir interpretar o sinal pode ser uma faca de dois gumes: de um lado, ajuda a materializar o objetivo. Por outro lado, pode introduzir as mais diversas dificuldades devido às relações entre os trechos, e seus destaques. Há, ainda, a problemática da interpretação onde, dependendo de como se escuta, se capta uma coisa ou outra. Quanto mais embaralhado o sinal, maior a chance de se interpretar errado.

(Primeiro plano, masculino, grave, fanho): “Este momento, que é triste”.

(Segundo plano, masculino, médio): “Quee saco!” no lugar de “que é triste” da expressão acima.

Ao selecionar um trecho do áudio para tentar localizar onde parou, eis que o autor interpretou o tal trecho como “vê se ergue o peito” (de fato o autor fica arqueado em direção ao monitor e sua correção ergonômica passa por “erguer o peito”) mas tal expressão sumiu ao tentar se localizar onde estava. Essa relocalização é necessária após dar um “zoom in” profundo, onde se perde a referência de onde se estava visto que, ao dar o “zoom out” não se volta para o local de onde se partiu devido às particularidades da interface do programa adotado.

(Primeiro plano, masculino e feminino, em dueto): “Calmamente quer poder”.

(Primeiro plano, masculino, médio/grave): “Vê-se neste () excelente vídeo”.

(Segundo plano, masculino, grave): “Será esculpido” → “será scutido”.

(Primeiro plano, médio, aparentemente em coro): “Sosseigar”.

(Primeiro plano, masculino, grave, fanho): “Se discutiu” (iniciou na metade de “sosseigar”).

(Primeiro plano, médio, aparentemente em coro): “Um novo tanto”.

(Primeiro plano, masculino, grave): “De novo também”.

(Primeiro plano, masculino, grave, fanho): “Nervoês”.

(Primeiro plano, dueto entre grave/fanho e médio, talvez masculino/feminino): “Mer suor com mer silêncio”.

(Primeiro plano, masculino, grave, fanho): “Pra vê de honrá”. Neste momento o autor clicou errado no cursor de velocidade tendo que reajustá-lo. Acontece que o programa se “autocalibra”, mudando os

valores de referência, de modo a ficar impossível colocar onde estava. Por isso a velocidade a partir daqui ficará levemente alterada. (10:31:56). Nota: posteriormente o autor descobriu como fazer para colocar a velocidade exata sempre que quiser.

(Velocidade 68%)

(*Primeiro plano*, masculino, grave, fanho): “Prazê de honrá aonde conheço o que eu fiz”.

(*Segundo plano*, masculino, médio): “Fica” pelo se consegue interpretar, visto ser bastante difícil pois parece estar truncado. Ocorre junto de “-de” de “aonde” indo um pouquinho além. (10:40:36)

Reverso

(06/02/22) (10:41:50) (Velocidade normal)

(*Primeiro plano*, masculino, médio/grave): “Tem que desfazer sua quem me deixa”.

(*Primeiro plano*, masculino, grave, fanho): “Que virô” (média) “celência” (grave, fanha). O “que virô” se entendeu depois como “dimirô” e, a seguir, como: “timirou' → “ti mi mirou”.

(*Primeiro plano*, masculino, grave): “Esteve a fim” seguido por “degringou-a” (em outro tom).

(*Primeiro plano*, masculino): “Debriei” (grave, fanho) “crofón” (média, fanhosa).

(*Primeiro plano*, masculino): “Debriei” (grave, fanho) “você foi” (média, fanhosa, terminada em eco ou alguém dando gargalhada, sendo esta última opção mais adequada. Realmente ficou muito mais nítido e, claramente, alguém está dando risada).

O impressionante é que toda essa confusão agora se entende como: “pegue o microfone” “você foi” (risada). Agora o “pegue o microfone” vem tremido sendo que neste momento há um dueto: “pegue o microfone” em média transitando para outro tom levemente mais agudo, quase sussurrado e, como complemento do dueto, “pegue o mi” vem tremido em masculino, grave, fanho. Esse som tremido se assemelha a um som modulado por uma palheta que raspa nos raios de uma bicicleta cuja roda gira lentamente. Agora esse “pegue o microfone” se entende como “você deve o microfone” “você foi”. Quanto a “dever” o microfone, o autor não o usa há tempos (meses) apesar da insistência

dos falecidos em sentido contrário. O autor quer escutar todas as gravações já feitas antes de continuar a gravar ainda mais.

(*Primeiro plano, masculino, grave*): “Este (pausa curta) festival que não esqueço em pauta”.

(*Segundo plano, médio*): Há um “acompanhamento” tremido como se produzido vocalmente.

(*Primeiro plano*): “Perfil feliz” (*masculino, médio, meio rouca*) “fala pra baixo” (*masculino e feminino em dueto*).

(*Primeiro plano, masculina, média com masculina média/aguda, em coro*): “I só ao 'A Globo' tem”.

(*Primeiro plano, masculino, médio em dueto com feminino, médio*): “Neto tem o poder”.

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho*): “Quero vê se tu vence”.

(Nota: os falecidos entenderam como um “embate” entre o autor e seu sobrinho, que resolveu construir mas age no sentido contrário, fazendo de tudo, menos avançando a tal construção. Como o autor força para que a decisão de construir se materialize de fato e não apenas no imaginário, parece que há um embate entre ambos. Mas não é assim, cabe ao autor colaborar no sentido da realização da obra mas não há vencedor ou perdedor: não há um embate, aconteça o que acontecer.)

(*Segundo plano, médio*): “Virtual” começando em “se tu” da expressão acima.

(*Primeiro plano, médio*): “Te molhô” pelo que se consegue interpretar. Surgiu “vai mêlí” em paralelo se tornando o novo primeiro plano. Agora se entende por “vai me ri” ou “vai Neri” que passou a ser entendido como “Guarnieri” (*oxitona*). Nota: há vizinho com sobrenome “Guarnieri” (*paroxitona*), diversos deles já falecidos, um recentemente. E “Neri” é o nome de um que ainda está vivo. (11:39:27)

Após fechar o trecho acima, o autor resolve reabrir-lo. Eis que entende agora como “vai no rio (Rio)”, voltando para as interpretações anteriores.

(**Voz do autor**): “Na sambra foi invais até riba”.

(06/02/22) (11:44:31) (Velocidade 78%) (Não foi possível, no estado atual do programa, colocar em 80%. Nota: o autor somente aprenderá como fazer isso mais à frente.)

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho*): “São todos saber (pausa curta) tual”.

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho*): “O narcovício”.

(*Segundo plano*, médio/agudo talvez feminino): “O narcovício” que se tornou “o narco, narco”. Se entendeu em seguida em como “o Marconato” e, a seguir, como: “os Marconatos”. Suspeita-se que “o narcovício” seja “o marcovício” com dificuldade de distinção entre o “m” e o ‘n” inicial por causa da incapacidade auditiva do autor. Efetivamente, o autor percebe ambas as construções, dependendo do ponto de vista adotado.

(*Primeiro plano*, masculino, grave): “Esteve firme” “sempre foi o mor”.

(*Primeiro plano*, feminina, média, meio metalizada): “Sempris” “feio” (masculino, médio, meio metalizado).

(*Primeiro plano*, masculino, grave): “Mundo tô aquecendo” → “mundo tó é esquecendo”.

(*Segundo plano*, quase sussurrado): “Que tom é esse?”.

(*Primeiro plano*, masculino, grave, fanha): “O robôr que é, mexe o locão”.

(*Primeiro plano*, masculino, grave, fanha): Começou sendo interpretada como “certo” mas logo como “Sérgio” → “tédio” → “Césio” → “tédio” → “médio” → “pédiô” → “pegue-o”.

(*Primeiro plano*, masculino, grave, fanha): “Eis que no fundo”.

(*Segundo plano*, feminina, médio/agudo): “Não quer filhos”.

(*Primeiro plano*, masculino, médio): “Pilatos”.

(*Primeiro plano*, masculino, grave, fanha): “Este é defeso ao mesmo”.

(*Primeiro plano*, masculino, grave): “Me explica co teu poder”.

(*Primeiro plano*, masculino, grave em dueto com feminino, médio): “É um lugar que já imaginei”.

(*Primeiro plano*, média): “Vai (tom 1) emergí (tom 2)”. Passou também a ser entendida como “vai Neri” e “Guarnieri” (proparoxítone). (12:31:35). Nota: “Guarnieri”, até onde se sabe, se pronuncia “Guarniêri” (paroxítone). Mas a pronúncia ouvida é “Guárnieri” (proparoxítone). Fica, então, a dúvida sobre quem a pronunciou.

(**Voz do autor**): “Na Sandra foi invais atêr nigó”.

(06/02/22) (12:58:20) (Velocidade 68%)

(*Primeiro plano*, masculino, grave, fanha): “Te levar consolo, atenuó”. “Do Marcos”.

(*Primeiro plano*, masculino, grave): “Solte” “uma voz” (médio).

(*Primeiro plano*, masculino, grave, fanha): “Silêncio é o mais cômodo”. Isso se refere ao fato de que, aos humanos “normais”, é muito mais cômodo silenciar do que agir e sofrer as repercussões. Ou seja, neste

mundo os ativistas que lutam, contra a destruição que se impõe, sofrem (e muito). Por isso “silêncio é o mais cômodo”. Resulta daí a “espiral do silêncio” onde o silêncio do bem (muitos assim agem) sucumbe ao ativismo do mal (efetivado por poucos).

(Primeiro plano, feminina, médio/agudo): “Sempre”.

(Primeiro plano, masculino, grave dueto com feminino): “Sempre cuida” “do Marcos Sên”. Passou a ser entendida como “sempre fui do (grave)” “do Marcos Sen” (média).

(Primeiro plano, masculino, grave, fanha, dueto com feminino, médio): “Filho, me leva este vídeo” “deixa este vídeo a meu destino” “desde ontem, terça”. (Aparentemente é o pai do autor que se manifesta.)

(Primeiro plano, masculino, grave, fanha): “Desculpa (pausa) porque feiz. Peço a desculpa”. (Aparentemente é o pai do autor que se manifesta.)

(Segundo plano, masculino, médio): “Se eu dissé” junto de “desculpa”. “Nervo é que feiz” junto da pausa + “porque feiz”. “Graças a sua desculpa” iniciando após “feiz” mas coincidindo com “desculpa” no final. Essa sentença só foi possível porque consequência da desculpa previamente concedida, um pouquinho antes, ou seja, acabou se tornando um fato novo. Isso não elimina a culpabilidade do filho.

(Primeiro plano, masculino, grave): “Deixo aqui” “direto do céu” “porque nós somos certas ferragens, Jesus” (cavernosa, fanha). (Nota: esse “Jesus” parece parte de uma frase direcionada ao próprio Jesus Cristo, embora ecoada neste áudio, ou seja, para que o autor a conhecesse.)

(Primeiro plano, médio/agudo): “Vai morrer” → “pra você” → “cai você” → “cai você” “cai murêê”. (14:12:07)

(Voz do autor): “Na Sandra fui uazêr ternivó”. (14:13:39)

Mensagem 07 (30/09/21)

Data de gravação: 30/09/2021

Nome dado ao arquivo de áudio:

2021-09-30 CONTINUAR E REVISAR (1 – PAPEL).mp3

Fluxo normal

(06/02/22) (14:55:05) (Velocidade normal)

Neste arquivo a manifestação dos falecidos já ocorre antes da pergunta ser elaborada. Em geral, o autor força para que haja uma separação entre a pergunta e as respostas, colocando a pergunta primeiro e deixando espaço posterior para a resposta. Isso ocorre ao gravar a pergunta sem farfalhar o papel, iniciando esse farfalhar somente após o encerramento da pergunta. Evita-se, assim, que haja mistura do autor com a manifestação dos falecidos, o que produz confusão. Mas, no início, tal farfalhar era feito desde o princípio, de onde a manifestação dos falecidos ocorria prévia e, até, conjuntamente com a pergunta do autor.

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho*): “Por quê só há soalho mole”.

Pergunta feita aos falecidos: “Ao entrar se manifestando”.

Resposta recebida:

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho*): “Desfez”. Sumiu tal expressão ficando em seu lugar “luch fôt(a)” (Luz forte? Luz feita?).

(*Segundo plano, médio*): “Puro sabonete”.

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho*): “Esse foi o óbvio a fazer diantxia a luz” (diante à luz). Nota: isso decorreu do perdão dado pelo autor ao falecido que a pediu.

(*Primeiro plano, médio*): “Possível reverter”. (Mesma situação anterior, onde um erro pode ser revertido quando se busca tal reversão, não do fato, já materializado, mas das consequências.)

(*Primeiro plano, masculino, médio, metalizado*): “Dor p(á) cuzôtrs” (dor para com os outros). (Indica que a dor causada aos outros é injustificável.)

(*Primeiro plano, masculino, grave*): “Não se justifica”.

(*Segundo plano, masculina, média*): “Empaco ioiô” (junto de “dor p(á) acuzôtr”). “Compre três” (esta parte desapareceu, no seu lugar se encontra: “pra um brasileiro: levante o olho”). Ao mesmo tempo “não se justifica” se transformou em “festa justifica” no primeiro plano.

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho*): “No avanço, Jesus!”.

(*Segundo plano, médio*): “Lembra de quem?”.

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho*): “Tem porte de gentx” → “se aporte de gentx”.

O autor se viu obrigado a parar para dar atenção ao seu irmão. Ao retornar, o conteúdo mudou parcialmente, tendo que reiniciar de onde se modificou. (16:55:50)

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho*): “No aporte, Jesus!”.

(*Segundo plano, médio*): “Lembra de quem?”. Surge na continuação de “ () Jesus!” da expressão acima.

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho*): “Que sortice” “ter (pausa) respeitador-te” (tom mais agudo).

(*Segundo plano, médio/agudo, meio metalizado*): “Pega ligeiro”. Essa parte sumiu. Foi substituída por: “Prova de quê?”.

(*Primeiro plano, agudo, aparentemente sintetizado, um tanto metalizado com efeitos especiais que o autor não consegue descrever*): “Povo bate!”.

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho*): “De acord(o) com Levítico” que se entendeu após como: “de acordo com o vético”.

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho, dueto com agudo*): “Vou fazer por ti, favor, também” que se entendeu logo como “vou fazer partir, favor, também”. (17:33:10)

(06/02/22) (17:34:37) (Velocidade 80%)

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho*): “Por quê só larga o lu(g)ar demodulasti?”.

Pergunta feita aos falecidos: “Ninguém quer se manifestar?”.

(*Segundo plano da pergunta feita aos falecidos, sussurrado*): “Que saco!” no final da expressão acima.

Resposta dos falecidos

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho*): “Tuês (ex?) (pausa) da moça!” que se entendeu como “purez (pausa) da moça!”.

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho*): “Espeto: Não leve Rosseto porque quis”. “Burro!”.

(*Segundo plano, masculino, médio*): “Tirou o leiteiro!” iniciando após “porque quis” mas antecedendo “burro!”, complementando-os, dando o sentido. Apesar de tudo, o autor não entendeu nada. Neste momento já se entende diferente: “burro!” se torna “bufa!” e “tirou o leiteiro” se entende agora como “tira a leiteira” e com isso todo o sentido. Realmente o autor costumeiramente “tira a leiteira”, ou seja, a jarra onde se acondiciona o “saquinho” de leite. E “bufa!” faz todo o sentido porque o autor frequentemente faz isso pelos mais diversos motivos. Quanto ao espeto, ainda hoje critiquei meu irmão porque colocou o espeto na churrasqueira estando o fogo muito alto, a ponto de atingi-lo. Quanto a “Rosseto”, não se sabe qual a ligação com o resto.

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho*): “O fiel confiante em justiça”.

(*Primeiro plano, masculino, médio, fanho*): “Méus concúpios”. “Orgânico” (*médio/agudo*).

(*Primeiro plano, masculino, médio, fanho*): “Lembra de quem?”. “Onde depõe o agentx”. “O túmulo a fêix (fez)” (18:18:46)

(20:14:36)

(*Primeiro plano, masculino, grave*): “Por decor dos sensíveis”.

(*Primeiro plano, feminino, médio, sussurrado*): “Bobagem”.

(*Primeiro plano, masculino, médio/agudo*): “Têsta-lo”.

(*Primeiro plano, masculino, médio/agudo*): “A fonte guahe spirit(u) sêe” (“h” aspirado).

(*Primeiro plano, masculino, médio, fanho*): “Virtual do ser tiú uós (*to was?*)”.

(*Primeiro plano, masculino, médio/agudo*): “Hidrogênio fazer partir”.

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho*): “Faz um ano que eu vejo”. Também pode ser interpretada segundo outro ponto de vista: “Faz um ano que eu bêjo”, o que não faz sentido neste caso. (20:42:27)

(06/02/22) (20:43:10) (Velocidade 70%)

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho*): “Porquê morre daqui a um ano” “cunhece”.

(*Segundo plano, médio, meio “grilado”*): “Mããee”.

Pergunta feita aos falecidos: “Ao impres se manifestar?” (O autor não se lembra de ter dito desta forma a pergunta).

Resposta recebida

(Primeiro plano, masculino, médio, fanho, dueto com feminino): “Por essa moça”.

(Primeiro plano, masculino, médio, fanho): “Deixado por um homem específico, que a justiça (a)divirta esse homem, pois, por cortejo de um incorruptível”.

(Segundo plano, masculino, médio): “Pelo aborto” logo após “que a justiça” mas antes de “divirta”. Segue-se um falatório em segundo plano que se mostrou ininterpretável em um intervalo razoável de tempo (por causa do domínio do primeiro plano, atrapalhando).

(Primeiro plano, masculino, grave, fanho): “Nunca deixa acerca dedicar-lhe”.

(Primeiro plano, masculino, grave, fanho): “Razão porque é tempo que já feix (fez)”.

(Primeiro plano, masculino, grave, fanho): “Ao lhe vér morto”.

(Primeiro plano, masculino, médio): “Corpo delinquente”.

(Primeiro plano, masculino, médio): “Tu não existe”.

(Segundo plano, feminino, médio, sussurrado): “Tu não vai chegado”.

(Primeiro plano, masculino, médio): “O porte vai do espírito” “souu” (destacado, seria “soul?”).

(Segundo plano, médio, sussurrado): “Tu não vai nascer”.

(Primeiro plano, masculino, grave, fanho): “Não tem mal dispor”.

(Segundo plano, médio, sussurrado): “Volte!” (junto de “mal”).

(Primeiro plano, masculino, grave, fanho): “Tu não ouve!”.

(Primeiro plano, masculino, médio): “I teu gênio, melhor partir”.

(Segundo plano, masculino, médio): “Não aproveita”.

(Primeiro plano, masculino, grave, fanho): “Veja de novo”.

(Primeiro plano, masculino, médio): “O doce”. (22:06:09)

Fluxo reverso

(06/02/22) (22:09:16) (Velocidade normal)

(Primeiro plano, masculino, médio): “Sem vergonha!”.

(Primeiro plano, masculino, grave, fanho): “Custa-me vapor”.

(Segundo plano, masculino, médio): “Sou agregre”.

(Primeiro plano, masculino, grave, fanho): “Se eu continuares”.

(Primeiro plano): “Ex”(masculino, médio/grave) “ele que se sabe de cor” (médio, talvez feminino).

(*Primeiro plano*): “Filho, a rede” (**feminino, médio, baixo**) “que soube” (**masculino, médio**) “chega indo pro céu”.

(*Segundo plano, masculino, médio*): “Mal fiz”.

(*Primeiro plano, masculino, médio, quase sussurrado*): “Unlock disaplaudis, ioioiô, disaplaudis”.

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho*): “Tu feiz béth” “trilho” “um saca de nervo” → “saca de nervo”.

(*Segundo plano, masculino, médio*): “Seremo” **junto de** “saca de nervo”.

(*Primeiro plano, masculino, grave*): “Desfrutemos com esse tipo”.

(*Segundo plano, falatório tom médio*): “Não pega maletinha (**ou valetim**)”.

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho*): “Hoje (**pausa**), pór fôgo”. “é botafôgo” **iniciando justamente no local denominado** “pausa”, **se estendendo até o final de** “fôgo”, **onde acabam em dueto**).

(Voz do autor): “Nois fizemo sua dor”.

(*Primeiro plano, masculino*): “E sangue podre (**chiosa**) seu fiju (**grave, fanha com chiado**)”. (23:00:34)

(07/02/22) (00:15:00) (Velocidade 80%)

(*Primeiro plano, masculino, grave*): “Sua vez de continuá”.

(*Primeiro plano, masculino, grave*): “Luz, comida boa”.

(*Segundo plano, masculino, médio*): “E a podre?”. (**Revelação do que os maus encontrarão ao morrer.**)

(*Primeiro plano, masculino, grave*): “Luz foi que o “Óri” feiz”.

(*Primeiro plano, masculino*): “Ex” (**grave**) “ex que Máribu” (**médio**).

(*Segundo plano, masculino, médio*): “Deixe o seu trabalho”. **Deixar como? Parar de trabalhar na empresa ou não legar para a posterioridade esta coletânea?**

(*Primeiro plano, masculino, dueto médio/grave normal e médio fanhoso*): “Este está com febre” → “este com febre” → “vence com febre”.

(*Primeiro plano, masculino, grave*): “Este que é o ruim das notícia”. (**O lado ruim das revelações do pós-morte.**)

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho*): “Você pode acordá”.

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho*): “Inclusive eu penso que este és meu mor”.

(*Primeiro plano, masculino, médio*): “Xingue-lhe de 'este cego' em paralelo com “este cego” (**grave**).

(*Segundo plano, masculino, médio*): “De acordo”.

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho*): “Até hoje” “um papelão de ferruge” (*em médio*).

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho*): “Estações de atitude”. “Dane-se”.

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho, coro*): “É só dar tempo”.

(Voz do autor em dueto com feminino): “Nós tivemos a sua dor”.

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho*): “É sério”.

(*Segundo plano, masculino, médio*): “Tudo beim”.

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho, arrastado*): “Desculpe, sol a tempo”. (00:55:23)

(07/02/22) (00:56:18) (Velocidade 70%)

(*Primeiro plano, masculino, grave*): “Só a ver de longe”.

(*Primeiro plano, masculino, grave*): “Luz, comida podre”. (*Revelações do pós-morte: falta de luz e comida estragada.*)

(*Segundo plano, masculino, médio*): “É podre!”.

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho*): “Se a luz quer tsu não aguenta”.

(*Primeiro plano, masculino, grave*): “Luz, tu recebe com a moça”.

(*Primeiro plano, masculino, médio*): “Mi prego a” “isso” (*grave*).

(*Primeiro plano, masculino, médio*): “Já coei jasmim”.

(*Primeiro plano, masculino, médio*): “Se ar tempo de ver, vou explicar”.

(*Primeiro plano, masculino, médio*): “É melhor pedir Hortênsia”.

(*Segundo plano, feminino, médio*): “Vale o amor”.

(*Primeiro plano, masculino, grave*): “Dez mil morts” “vai influenciando” (*médio*) “justiça” (*grave*).

(*Segundo plano, feminino, médio*): “Justiça” *junto de* “justiça” *do primeiro plano, em dueto.*

(*Primeiro plano, masculino, grave*): “Um beijo” “está pesáme” (*médio*) “cultura gerá lhe disso” (*médio mais agudo*). *Continua com* “di som” (*grave*).

(*Primeiro plano, masculino, grave*): “Nariz de ferro”.

(*Primeiro plano, masculino, médio*): “Também”.

(*Primeiro plano, masculino, grave*): “Resiste a fênhacu”.

(Voz do autor): “Não tsicula o rdsépniú”.

(*Primeiro plano, masculino, grave*): “Encerrado” → “Pensa errado”.

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanhosa*): “Que importância tem o

tempo?”. (01:43:08)

Mensagem 08 (01/10/21)

Data de gravação: 01/10/2021

Nome dado ao arquivo de áudio:

2021-10-01 CONTINUAR E REVISAR (1 – PAPEL).mp3

Nota: Feito tratamento prévio dos “spikes” sem salvamento.

Fluxo normal

(13/02/22) (09:29:19) (Velocidade normal)

(Primeiro plano, masculino, média/grave, fanho): “Tu dess dente decidir”. Há uma componente muito grave que parece dizer: “Valdo!” mas que pode ser outra coisa, inclusive um espúrio (entre “-te de-” de “dente decidir” da expressão acima).

(Segundo plano, masculino, médio/agudo): “Qué tinhoosooooooooo”.

Pergunta do autor: “Abrindo o canal”.

Resposta dos falecidos

(Primeiro plano, masculino, média): “Tu prefere se livrar do 'tchico', é?”. “Também” (em tom médio/grave) que se passou a interpretar como “se bem”. Já do “tchico” passou a ser entendido como do “tipo”.

(Segundo plano, masculino, médio/agudo): “Masoquinho”. Com repetição de “masoquinho” deslocada temporalmente de modo a se ouvir ambas ao mesmo tempo. Graficamente, tem-se:

Masoquinho Masoquinho MasoquinhoMasoquinho

(*Primeiro plano*, masculino, grave, fanha, quase cavernosa): “Que vejo 'diferenciência” onde “ciência” é pronunciada em tom médio.

(*Primeiro plano*, masculino, grave, fanha, quase cavernosa): “Se eu disser que este círcuos” “circuavânha”. Esta última palavra parece vir em coro, em médio, com eco. Termina mais ou menos como “vânhanhaa”.

(*Segundo plano*, masculina, média, em outro tom, fraca, quase inaudível): “Passou desespero” que se entendeu em seguida como “passou dos espíritus” originando no início da expressão acima e terminando antes de “circuos”.

(*Primeiro plano*, masculina, grave em dueto com feminino médio, quase agudo): “Os restaurantis fornec(e) a honr(a) de certa craiança”.

(*Segundo plano*, masculino, médio): “E a bela?” (começa no início da expressão anterior indo até “res-” de “restaurantis” que agora se entende como “isolante” vindo tremido, como se houvesse eco com curto “delay”. Para entender melhor, este “isolante” se comporta como se fosse pronunciado três vezes, com um leve deslocar entre eles, dando um efeito “tremido” ao resultado final. Graficamente:

Isolante
Isolante
Isolante

Isolante

(*Primeiro plano*, masculino, média/grave em dueto com aparente feminino, médio, meio sussurrado): “Por quê lat-latx, latx, latx diz respeit(o), desespero”. Esse “desespero” passou a ser entendido como “diz espêro”. Já o “diz respeit(o)” passou a ser entendido como “não diz o dispért(o)”.

(*Segundo plano*, médio): “Não late” vindo logo após “por quê lat-latx,” da expressão anterior. Segue-se por “o que é que houve?” que se

entendeu em seguida como “desperte hoje” e, a seguir, como: “eu vejo-o desperto hoje”.

(Primeiro plano, masculino, grave, fanha): “Est ficou na Veja, imbecil”. “Est ficou” está com confusão na parte intermediária parecendo com “est s-s-ficou” podendo ser “especificou” ou “este que ficou”.

Termina a mensagem com um som meio metalizado, que pode ser espúrio, mas que se pode interpretar mais ou menos como “paiê” ou “prucê”. (11:11:17)

(11:15:37) (Velocidade 80%)

(Primeiro plano, masculino, grave, fanho, dueto com feminino): “I dêci-dêci decidir”. Que se transformou em “e decidir também, viuú”.

(Segundo plano, masculino, médio): “Tal rumor” (seguido por um trecho ininterpretável por causa do primeiro plano, cuja finalização acaba em dueto com o primeiro plano).

Pergunta feita ao além pelo autor: “Abrindo o canal”.

Resposta dos falecidos

(Primeiro plano, masculino, grave, meio cavernosa, fanha): “Se você agredir” “se o Éverto” “éssê ou é” “suplen(pausa)tê!”. (Há um fundo meio borbulhante.)

(Primeiro plano, masculino, grave, fanha, quase cavernosa, dueto com médio): “Se eu vejo o que desconheço”.

(Segundo plano, masculino, médio): “Suga”. Ocorre após “-nhé-” terminando junto de “-ço” de “desconheço' da expressão anterior.

(Primeiro plano, masculino, grave, fanho, quase cavernosa, dueto com médio no segundo plano): “Sugas acôrdes, pro Chico ês um empecil” seguido por “no otro ano” (em médio) que se entendeu como “por, por otro ano”. Este “sugas acôrdes” passou a ser entendido como “suba às cortes”. Já “por otro ano” passou a ser entendido como “sô otro anoos” que se interpretou como “só vô trovando”.

(Segundo plano, masculino, médio): “Sugas acôrdes, pro Chico tu es um imbecil”.

(Primeiro plano, masculino, grave, fanha, quase cavernosa): “Pra nesse lar, cadê (p)sicólogo gestarante i a fortuna”.

(Segundo plano, médio): “Supimba!” (coro, masculino, iniciando no início da expressão acima mais ou menos onde estaria “pra nesse lar”, visto que esta parte se alterou para “os Mêdulii”, meio tremido). Segue “aleluia!” onde se localiza “gestarant i a”. Segue-se, ainda: “por

cumular” onde se localiza “fortuna” no primeiro plano. Esse “por cumular” passou a ser entendido como “por tumular”.

(Primeiro plano, masculino, médio, fanho): “Note bem” seguido por “lembra do Gilberto durante o tchútchú espéculoo, me lembra” (médio, feminino). Se entendeu a seguir como “te lembra do Gilberto durante êstis séculos, me lembra”.

(Primeiro plano, masculino, grave, fanha, quase cavernosa): Trecho complicado de interpretar mas se parece com: “E se fôsq côu naa Veja de Filcris”. (12:45:19)

(Velocidade 70%)

(Primeiro plano, masculino, grave, fanho): “É nesse mesmo, viu?” (O autor tinha reclamado pela demora devido a dificuldade de conseguir entender o que estava sendo dito e veio esta “resposta”).

(Segundo plano, masculino, médio): “Porque é esse tempo mesmo, viu”. Primeiro e segundo plano se expressam lentamente, “preguiçosamente”.

Pergunta feita pelo autor ao além: “Abrindo o canal”.

Resposta dos falecidos

(Primeiro plano, masculino, grave, fanho, com fundo borbulhante): “Vô permitir tudu honestiment vir”.

(Primeiro plano, masculino, grave, fanho, outro tom transitando para médio, dueto com médio): “Que brilha, veja nos quadro quem sou”.

(Primeiro plano, vozerio, mistura de dueto meio sussurrado de feminino e masculino e ainda outros): “Do vers Malúniga” (dueto médio, masculino/feminino) que se entendeu a seguir “que prefers, Malúniga?”.

“Pro Filips tu és o perfil” (masculino, médio mais grave) “Tu não é a pessoa errada” (masculino, médio mais agudo, som parecido quando se fala através de um tubo/cano). Tal mensagem parece uma resposta ao pensamento do autor de que tais recepções destas mensagens deveriam ser feitas por pessoas mais religiosas, de modo a se obter um retorno diferenciado. Tal trecho passou a ser interpretado como “tu me apunhs, nada” → “tu me apuis, nada” → “tu na puis, nada” (o autor ainda sofre com a queda que sofreu no barranco, quando caiu de cabeça para baixo, arrebatando a unha do dedão do pé esquerdo, que ainda demora para cicatrizar. Houve descolamento da parte posterior, onde o sangue coagula e se forma pus. Talvez fosse uma referência a isso não fosse nova transformação, como segue: “tu na cruz, nada”).

(Primeiro plano, médio, masculino): “Se cura” ou “secura” ou “txcura”

mais parecendo este último.

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho*): “Pra desligar, cadê (p)sicólogo”. Há um aparente acompanhamento com um acordeão (gaita), meio sincronizado com a fala, como se houvesse “fala” também pelo instrumento.

(*Primeiro plano, médio, masculino*): “É só saber ligar” → “Você saber ligar” → “Você saber lidar”.

(*Segundo plano, médio/agudo, feminino, em dueto com o primeiro plano onde coincidem*): “Saber ligaar”.

(*Primeiro plano, médio*): “Se tu fez isso”.

(*Segundo plano, talvez feminino, médio*): “Milagre” → “milhares” → “Lares”.

(*Primeiro plano, masculino, médio, fanho em dueto com feminino médio*): “Note beim, note-se o ódio”.

(*Primeiro plano, masculino, médio em dueto com feminino médio/agudo*): “Coloque isso esperto, valor dos espírito”.

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho*): “Esse enfoquê”.

(*Segundo plano, masculino, médio*): “E sem julgá(r)” onde o “r” é aspirado meio terminando em um “S”. Se entendeu a seguir como “esse lugar”, na verdade ambas as versões são escutáveis, dependendo do ponto de vista adotado.

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho*): “Bom para ti”.

(*Primeiro plano, masculino, médio*): “Eu dispêjo”.

(*Segundo plano, talvez feminino, médio*): “Interessant”.

(*Parte final, metalizada, média/aguda*): “Pode ir” junto de “pode vir” → “pode rir” (talvez porque o autor sorriu deste encontro um tanto estranho de expressões). (13:50:20)

Fluxo reverso

(13/02/22) (14:44:46) (Velocidade normal)

(*Primeiro plano, masculino, médio*): “Informe porque parou de escolhê”.

(*Primeiro plano, masculino, médio, em dueto com média/aguda, cantados*): “Corrê. É só convite, é só pô”. Passou-se a ouvir como: “Corrê. Sei que não. Pequeno toco” → “Corrê. Qualquer motivo é pouco!” → “Ocorrê (masculina/média). “Traz venda te le (feminina/aguda)” “poco (masculina/média mais aguda)”.

(*Segundo plano, masculino, médio, gritado*): Alguém solta uma espécie

de grito que se parece com: “Taaaahhhhhhhhh” onde os ‘H’ são aspirados, iniciando após “ocorrê”.

(Primeiro plano, masculino, médio): “Tá nela”.

(Primeiro plano, masculino, médio mais grave, meio fanha): “Bela diz pai”.

(Primeiro plano, masculino, médio mais agudo, quase sussurrada): “Bela pro pai”.

(Segundo plano). Há algo como segundo plano das duas últimas expressões mas não se consegue entender o que é, tal a confusão de fundo. É como se houvesse um instrumento soando rapidamente, sem parar.

(Primeiro plano, masculino, médio/grave meio tremido): “Désdx ontchi tem que ligar convitchi (desde ontem tem que ligar convite)”.

(Primeiro plano, masculino, médio/grave meio tremido): “Dêch. Tem, tem que ligar o convitx”.

(Segundo plano, masculino, médio, sussurrado): “O Eduardo, dêcha” (O Eduardo deixa).

(Primeiro plano, masculino, médio → grave fanho, meio tremido): “Que buraco feiz” “Fez (→ fiz) do lote artigo veio” → “fiz, fiz buraco daqui me veio”.

(Segundo plano, masculino, média): “Deste homem” → “desde homem” → “fez do homem”. (Inicia após “fez” mas antecede “fiz” na expressão acima).

(Primeiro plano, masculino, médio/grave, meio fanho, cantado): “Iô guspiu até mudar o herdeiro” (o corretor ortográfico sugere para “guspiu” a alternativa “cuspiu” mas não há erro: o que se escuta é mesmo “guspiu”. Ademais, a sentença realmente inicia por “iô”. Provavelmente é “E o guspiu” pelo que se consegue interpretar neste momento. De fato, o pai do autor fez grande escavação manual no terreno ate ter problemas de saúde que o afastaram definitivamente. E foi obra dos herdeiros escavar ainda mais, mecanicamente, dando a aparência atual. Dos herdeiros originais, apenas dois detém a posse da propriedade.).

(Voz do autor): “Há um apandemí” (bem parecido com “há uma pandemia”) → “Há um aprende mi”.

(Segundo plano da voz do autor): “Tu aprende”.

(Primeiro plano, masculino, médio → grave fanho → médio): “Vamos todos, todos, sorri” → “Vamos côbo, povo sorri”.

(Segundo plano, masculino, médio/agudo): “Embarca” junto de “sorri” da expressão anterior. (16:11:13)

(13/02/22) (16:41:29) (Velocidade 80%)

(*Primeiro plano*, masculino, grave, dueto com médio, talvez feminino): “Não pode perder junto a OVNIS convite”.

(*Primeiro plano*, masculino, grave, fanha): “Provêitx (pausa) que (pausa) leitx (pausa) faz mal”.

(*Segundo plano*, feminino, médio): “Zoêra” → “suêra”.

(*Primeiro plano*, médio): “Tan delay” (feminino, fanho) “pifan” (masculino).

(*Primeiro plano*, feminino, médio/agudo, meio metalizado): “Durou um médio”.

(*Primeiro plano*, masculino, médio): “Is fânquié” → “Istanquié”.

(*Primeiro plano*, masculino, grave, fanha, dueto com feminino médio): “Quando não há crise”.

(*Primeiro plano*, masculino, grave, fanha): “Condutor não há se fício”.

(*Segundo plano*, masculino, médio): “Ciôôôôôô” iniciando junto de “-cio” de “fício” da expressão anterior.

(*Segundo plano*, masculino, médio, dueto com tom mais agudo, quase sussurrado): “I vão dormir (mais grave, dueto) ripécutindo (mais aguda, paroxítona)”. Se transformou em “irmãos vão, vão dormir” “ripécutindo” → “irmãos também vão dormir”.

(*Primeiro plano*, masculino, grave, fanha): “Deixam o Pedro em mal serviço”.

(*Segundo plano*, médio): “Então que é”. (Pronúncia “entôm quié”.)

(*Primeiro plano*, masculino, grave, fanha): “Formaturéché com equilíbrio”.

(*Primeiro plano*, masculino, grave, fanha): “Não testou a pilha com controle externo”.

(Voz do autor): “Há um atreviliment”.

(*Segundo plano da voz do autor*): “Bastant(i)”.

(*Primeiro plano*, masculino, grave, fanha): “Somos todos sangue do sangue”. “Márcio” (média, masculina). (17:56:01)

(13/02/22) (18:00:16) (Velocidade 70%)

(*Primeiro plano*, masculino, grave, fanha, dueto com médio): “Não podes perder flur (seria “vlucht”? *Vlucht em holandês significa voo*) com OVNIS convite”.

(Primeiro plano, masculino, grave, fanha, dueto com médio): “Vão diante ter viola, guia de fé, jô(pausa)rrantx (jôrrantx → jorrante)”. Em seguida se interpretou assim: “Pujantx. Vê se rola antx guia de fé, jô(pausa)rrantx”. (Pujante. Vê se rola ante guia de fé, jorrante.)

(Primeiro plano, masculino, grave, fanha): “Vanderlei Bispai” (Talvez Wanderlei Bispai).

(Primeiro plano, médio, masculino/feminino, dueto): “TransWeb” → “Que traz Web”.

(Segundo plano, médio): “Integrado”. (18:38:11)

(20:08:34)

(Primeiro plano, médio, masculino, dueto): “Escolhe o dim expedi” → “escora o game expedi”.

(Primeiro plano, masculino, médio, fanha): “Vamos molhá?” “Fazer o exército checando”.

(Primeiro plano, masculino, grave, fanha): “Dêle reverso!”. (Dê-lhe reverso.)

(Segundo plano, médio): “Dispárô”. (Paroxítone e oxítone simultaneamente.)

(Primeiro plano, masculino, grave, fanha, dueto com médio): “Respondo lhe perguntando”.

(Primeiro plano, masculino, grave, fanha): “Diz pertinho”.

(Primeiro plano, masculino, médio, fanha): “Dêcho, vejo nota” (Deixo, vejo nota).

(Primeiro plano, masculino, grave, fanha, dueto com médio): “Maus por maus” → “transformais”.

(Primeiro plano, masculino, grave, fanha, dueto com médio): “O maturejo conferir”.

(Primeiro plano, masculino, grave, fanha): “Tubercunácul”.

(Segundo plano, médio, fanha, dueto, talvez feminino também): “Luz: tu avio” → “Luz: du navio” onde “luz” é masculino e o restante vem em coro, tom médio, talvez feminino).

(Primeiro plano, masculino, médio, fanha, dueto em médio): “Tu deve isso pro teu fígado”.

(Voz do autor): “Há uma credibilidad”.

(Segundo plano da voz do autor, médio, masculino): “De alma feiz”.

(Primeiro plano, masculino, grave, fanha): “Vamos todos conversar” → “vamos todos conquistar”.

(Segundo plano, médio, masculino): “Já comigo vencê-la!” (20:56:18)

Nome dado ao arquivo de áudio:

2021-10-01 CONTINUAR E REVISAR (1 - PAPEL - com remoção de cliques).mp3

Fluxo normal

(14/02/22) (23:36:39) (Velocidade normal)

(*Primeiro plano*, masculina, grave, fanha): “Tu vai sugar pra benzedor”.

Pergunta feita pelo autor aos falecidos: “Abrindo o canal”.

Resposta recebida

(*Primeiro plano*, masculina, grave, fanha): “Prefere se livrar do tipo, é?”.

(*Primeiro plano*, masculina, grave, fanha): “Se bem que o gorro que o véio sórcê”.

(*Primeiro plano*, masculina, grave, fanha): “A flor que sustenta o chicoô, a flor”.

(*Continuação da frase anterior, em coro feminino, tom médio*): “Tuabusana” → “Tu abre os ana” (O interessante é que neste trechinho o som, embora monocanal, muda “abrindo” ou “fechando” como se mudasse de mono para estéreo e vice-versa. Obviamente há um processamento do sinal que dá uma sensação espacial, fato que não se encontra em um sinal comum, mono) → “tu abrusana” → “tu abre os ana”.

(*Segundo plano*, médio): Não se consegue interpretar porque o primeiro plano se sobrepõe de tal maneira que fica incompreensível. Há, no entanto, algo pois há um desencontro entre o primeiro e o segundo plano, não se tratando de dueto nem de coro, sequer de variação de tom.

(*Primeiro plano*, masculina, média, fanha): “Os restaurantes” “com (pausa) com a honra que Zé” “faria” (feminino, médio).

(*Segundo plano*, masculino, médio): “E a bela?” → “Isabela?” (Junto de “os restaurantes” da expressão acima).

Revedo o trecho final do primeiro plano acima, tem-se: “Com a honra” (masculino, média) “que não” (feminino, médio, quase segundo plano) “bisão” (masculino, média) “faria” (feminino, média). Tal trecho alterou

para: “É ele que zomfaria” (dueto masculino/feminino médio) que se reduziu para “É ele que zofaria”. Neste instante “zofaria” já mudou, inclusive o alcance do dueto. “É ele que zo” (somente masculino, médio) e “farilha” (em feminino, médio). Mudou de novo para “É ele que zo” (em dueto ou coro feminino, médio) e “farilha” (feminino, médio). Nova mudança para “É ele que” (feminino, médio) “zo” (masculino, médio) “farilha” (feminino médio). É preciso deixar claro que os femininos citados diferem tonalmente na mesma sentença.

(Primeiro plano, feminino, médio, sussurrado): “Se tu tem”.

(Primeiro plano, masculino, médio, fanho, meio sussurrado): “O aptidão” “que rapos” “guidantx”.

Estas últimas partes mudaram para:

“(...) faria”.

(Primeiro plano, feminino, coro, médio): “Com sossego”.

(Primeiro plano, masculino, médio, fanho, meio sussurrado): “O aptidantx que rápos” “que o, o dispert” (não mais fanho) “o dispêro” (masculino médio, tom mais grave, transitando para grave). Alterou ainda mais: “seja o dispert” (coro feminino, médio/agudo).

Há, ainda, um acréscimo, que se pensava ser segundo plano, ficando assim: “O aptidantx” “o radicado” (feminino, médio) “que rápos”.

(Primeiro plano, masculina): “Receio que” (media, meio sussurrada, quase metalizada) “ficou na Veja” (grave, fanha) “impecil” (média, tonalidade mais grave). (01:13:15)

(16/02/22) (23:48:51) (Velocidade 80%)

(Primeiro plano, dueto masculino/feminino): “Érecêdêvô” (paraxítona). (Há variações no volume que diminui e aumenta sozinho. Não se sabe o que é “erecedevo”. Notou-se que o plugue do fone de ouvido estava mal conectado. Agora se escuta “arécêdêvô”.

(Segundo plano, masculino, médio meio metalizado): Parece-se com “veio luz” mas não se sabe se há algo pronunciado ali.

(Primeiro plano, dueto masculino/feminino): “Mas venho flertar” (o som vem como se fosse um trovão, meio estrondoso). Aparentemente se ouviu “mas venho flertar” mas agora se escuta “mas ganho flertar”.

Pergunta feita pelo autor aos falecidos: “Abrindo o canal”.

Resposta dos falecidos (00:07:30)

(Primeiro plano, masculino, grave, fanho): “Como prometi: vento

leste/oeste vem”.

(*Primeiro plano*, masculino, grave, fanho, dueto com masculino médio algo fora de coincidência): “Durante o beijo deixamos suar só ampla” “vécrudê” (paroxítona) (dueto agora acontece com feminino, médio).

(*Primeiro plano*, masculino, grave, fanho, dueto com masculino médio): “O chicoos que partiu” → “Do chips do os que partiu”.

(*Primeiro plano*, feminino, médio): “Uma amúrna” “ula murna” → “pula murna”.

(*Primeiro plano*, masculino, grave, fanho): “Vai tar” → “vou tá”(médio) “com medo do meu corpo”.

(*Primeiro plano*, masculino, médio, rápido): “Vou continuar”.

(*Segundo plano*, feminino, médio, rápido, coincidente com a expressão acima): “Mentira”. O estranho é o efeito desta mistura que se parece com “vem cortina” ou “vem com tira”. Agora se entende no lugar de “vou continuar” algo que se parece com “mãe continuá”. E o efeito da mistura já se parece com “mãe curtirá” (na parte aguda, feminina) e “também” (na parte grave). Também se percebe “menco tirá” junto do “também” → “flamenco dirá” + “também”.

(*Primeiro plano*, masculino, médio, dueto com feminino): “Que estou falando i artitude” → “Que estou falando em artitude”.

(*Segundo plano*, masculino, médio): “Veim”.

(*Primeiro plano*, masculino, grave, fanho): “Morte glótimus, com rãpuz”.

(*Segundo plano*, feminino, médio): “Lembra do Gilbertus”.

(*Primeiro plano*, masculino, médio em dueto com feminino, médio): “Que despert maluca espêrro” (onde os “rr” são aspirados): “Que filmo, que bom ator”.

(*Primeiro plano*, masculino, médio com partes muito graves): “Eu fiquei viuvinho”.(01:25:46) Agora se entendeu com “viuvinha”, com voz que parece ser masculina, media. A mãe do autor ficou “viuvinha” ao morrer o pai do autor. Neste momento se entende como “Eu fiquei de obrinha”. (01:30:23)

(18/02/22) (00:35:38) (Velocidade 70%)

(*Primeiro plano*, masculino, grave, meio fanho): “Tudo você recebeu” → “tudo vai receber”.

(*Primeiro plano*, masculino, grave, fanho, meio estrondoso): Primeiro se entendeu “no receptor”, logo como “no defletor” e agora como “não dê frescor”.

Pergunta feita aos falecidos: “Abrindo o canal”.

Resposta dos falecidos

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho*): “Como eu prometi, venho cuidar”.

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho*): “Como é que foi com pilha”.

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho*): “Eu sou disfarço, sou hipervérmute (*paroxítona*)” que passou a ser entendido como “sou hipervérmutei (*paroxítona*)”.

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho*): “No chips tem ôñib(u)s/uns que partiu”.

(*Primeiro plano, masculino, médio*): “O meu f(*pausa*)fnando” (*pareceu uma gaguejada*).

(*Primeiro plano, masculino, médio, pergunta gritando*): “Por qué?”.

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho*): Continua outro falecido “porque a dúvidar” (*proparóxítona*).

(*Segundo plano, feminino, médio*): “Dedurá!” junto de “duvidar” da expressão acima.

(*Primeiro plano, masculino, médio/grave, fanho, dueto com feminino, médio*): “Cadê o sacólogo”.

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho*): “Você”.

(*Primeiro plano, feminino, médio*): “Falou de morte” como continuação da expressão anterior.

(*Primeiro plano, masculino, médio meio agudo*): “Este é o Valério”.

(*Primeiro plano, masculino, médio/grave, fanho, dueto com feminino, médio*): “Mostre o déntx” (*predomina o grave*) “mais pru alto” (*predomina o feminino*).

(*Primeiro plano, masculino, grave/médio, fanho, iniciando médio, parece aquelas pessoas que falam por uma abertura no pescoço*): “Cadê t-t-te spa, cadê teus pêsamo”.

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho*): “Eu filmo, eu vou para dentro” “teu filps” (*ou Philps*).

(*Segundo plano, feminino em coro, médio*): “Tá errado” que também se entende como “tá em rádio”. Tentando se concentrar em “tá errado” se ouve “tá enrádio” portanto não pode ser “tá errado” pois termina em “dio” em não em “do”. (02:22:31)

Fluxo reverso

(18/02/22) (00:01:12) (Velocidade normal)

(*Primeiro plano*, masculino, metalizado médio): Parece algo como “pus”.

(*Primeiro plano*, masculino, grave, fanho): “Vontade de trabalha vai colhê junt(o)” “olê(t)”.

(*Primeiro plano*, masculino, médio/agudo meio metalizado): “Foi suando foi ti levôco, com mola verbal”.

(*Primeiro plano*, aparentemente masculino com voz meio feminina, dueto com feminino): “Greleia menina”.

(*Primeiro plano*, masculino, médio com componente muito grave, meio tremido: “Os vrócos (pausa) foram para o ar”. Esse “vrócos” se] entendeu após como “os fróco” e agora como “os fracoo”. Já “foram para o ar” se passou a entender como “foram para o mar”.

(*Primeiro plano*, médio): “Vintx (vinte)” iniciando no final de “fracoo” e terminando antes da expressão anterior retomar o curso após a pausa. (Esse trecho lembra a partida dos nossos antepassados fugindo da guerra e vindo para o Brasil, pelo mar, ou seja, de navio. Não ficou claro o que significa o que disseram acima.).

(*Primeiro plano*, muito ruidoso, médio/grave, rápido, algo estrepitoso): “Chegando o encanto meu”.

(*Primeiro plano*, médio, masculino, com componente grave): “Me sórt(x) um bêjo, pega um martelo em missôn”.

(*Primeiro plano*, masculino, médio): “Luiz Carlo” ou “nuis calo” → “nu scalo” → “nu estalo” → “num estalo” → “nu estalo”.

(*Primeiro plano*, masculino, grave, fanho): “Má tu mexe com o equilíbrio”.

(*Primeiro plano*, masculino, grave, fanho): “E o mordeu a ferro florisbello”.

(Voz do autor): “Há um entendement”. O “E” em “-ntendr” de “entendement” acima parece ser vocalizado por uma voz feminina, mas com inserção precisa, como se a voz principal mudasse de tom na vocalização somente desta letra. Como “segundo plano da voz do autor” se ouviu “complicar” ou “complicou”.

(*Primeiro plano*, masculino, grave, fanho): “Vamos todos, vamos sorri”.

(*Segundo plano*, médio, masculino): “Vai de novo, cho-rá” junto de “vamos todos” na expressão acima. “Chorar” na expressão é

pronunciado mais alongado como se arrastasse o “cho” e, de repente, pronunciasse o “rá”. (01:10:58)

(19/02/22) (01:12:33) (Velocidade 80%)

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho, dueto com feminino, médio*): “Vontade de ver palavras pois que hoje eu ia dizê”.

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho, dueto com feminino, médio*): “Violência” que se entendeu a seguir como “pôlêcêa” (polícia) “tirpe txi pegô” (*dueto médio, feminino*).

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho, aparentemente com dueto médio*): “Pai, tanderlei bispai”. (Anteriormente já tinha surgido “Vanderlei Bispai” (ou “Wanderlei”).

(*Primeiro plano, feminino, médio*): “Grelelei em Áurea di ré!”.

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho, dueto com feminino médio*): “Essa é minha culpa” “quando tomo uma cercuitx”.

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho*): “Que hooooomen me sórtx um bêjo”.

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho, dueto com médio*): “Teve um martelo nisso”.

(*Primeiro plano, masculino, médio*): “Virtual” iniciando em “-sso-” de “nisso” da expressão acima, se prolongando além desta palavra mas antecedendo a próxima palavra na continuação da expressão acima, ainda não transcrita.

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho*): “Nisso, na naturêjo ficou ferido”.

(*Primeiro plano, masculino, grave, quase cavernosa, fanho*): “E o marcou a ferro florisbéla”. O “LA” de “florisbéla” vem meio com eco, aparentemente em outro tom, como se dissesse “florisbéla-la-la” onde os dois últimos “la” além de virem em eco, vem em tom diferenciado.

(**Voz do autor**): “Há um atrevriment”.

(**Segundo plano da voz do autor**): “Bastant(i)” com o “i” final duro. Além do mais vem em um tom mais agudo, como se fosse pronunciado por outra entidade.

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho*): “Vamos todos, vamos sorri”.

(*Segundo plano, médio, masculino*): “Já com o novo, nós falá” junto de “todos sorri” na expressão acima. O interessante é que, ao escutar em detalhe “nós falá” para realmente entender o que foi dito, se escuta também “nós sabê”. Mas ao escutar a expressão completa, o segundo

plano já diz outra coisa: “Já com o novo posso falá”. (01:58:17)

(20/02/22) (00:28:19) (Velocidade 70%)

Inicia com um pequeno trecho metalizado, em médio, que parece dizer: “fecha” ou “decha” mas que também se entende por “fechou”. Neste instante parece dizer “foi só”.

(Primeiro plano, masculino, grave, fanho): “Não pode perder palavras, hoje eu vi”.

(Primeiro plano, masculino, grave, fanho): “Poder que envolvac”.

(Primeiro plano, feminino, médio): “Pra tchiêr serviu”.

(Primeiro plano, masculino, médio, fanhosa): “Frónða”.

(Primeiro plano, feminino, médio): “Zé Arigó”.

(Primeiro plano, masculino, médio): “Tandêrlei Bispai”. “Bispai” já vem em tom grave. (Anteriormente já tinha surgido “Vanderlei Bispai” (ou “Wanderlei”).

(Primeiro plano, médio, dueto ou coro, masculino e feminino): “Médio é dispõe de método”.

(Primeiro plano, masculino, grave, fanho): “E é comutativa” era isso que o autor ouvia mas devido a uma pequena má compreensão ficou rodando repetidamente este trecho, um pouco aquém também. Eis que o conteúdo agora se entende outro: “Te conto amanhã, com a fita”.

(Primeiro plano, masculino, médio, fanhosa): “Quando vejo uma (pausa) surpress”. Também se entende como “onde diviso uma surpress”.

(Segundo plano, masculino, médio, outro tom, mais grave e estranho): “Por quê parou?” iniciando exatamente na pausa da expressão acima indo até “-pre-” de “surpress”.

(Primeiro plano, masculino, grave, fanho): “O ronco dos ronco” “bifétio, (pausa) mesmo” (médio, pertencente à mesma entidade que mudou de tom). “Ronco bifétio” são pronunciados continuamente, a separação foi apenas para indicar mudança de tonalidade.

(Primeiro plano, masculino, médio, fanhosa): “Pegue o mel que arrebentx”.

(Segundo plano, feminino, médio transitando para tom masculino metalizado no final): “Eu tx amo”. Esse “amo” soa um tanto estranho devido ao efeito especial atuante, como se fosse robotizado.

(Primeiro plano, masculino, grave, fanho): “Pois” “pur naturejo fui ferido”

(Segundo plano, feminino, médio): “Glóóória” junto de “pois” da expressão acima indo até quase iniciar “pur natunejo (...)”.

(Primeiro plano, masculino, grave, fanho): “Marcos pulou a pé o tomeu

Lisbooa-a”. Esse “Lisbooa-a” é meio gaguejado no final, parecendo que diz “boba”, ficando “Lisboo boba”. Esse “boba” vem em outro tom. Esse “o tomeu Lisbooa-a” se entende agora como “não te deu eles, não” “boba”. Esse último “não” é mais prolongado e melodioso que as demais partes da expressão.

(Voz do autor): “Há uma credibilidad”.

(Segundo plano da voz do autor, masculino, médio, tom mais agudo que o do autor): “Bastante” que se entendeu logo após como “gastantx”.

(Primeiro plano, masculino, muito grave, meio estrondosa e fanha): “Vamos todos conversá-la” que se entendeu em seguida como “vamos todos condensá-la”. O estranho é que esta segunda opção, ao tentar manter este ponto de vista, somente funciona para a primeira opção “conversá-la”.

(Segundo plano, masculino, médio): “Tudo béim?”. Esse “segundo plano” ocorre após a expressão acima findar. (02:13:38)

Mensagem 09 (02/10/21)

Data de gravação: 02/10/2021

Nome dado ao arquivo de áudio:

2021-10-02 CONTINUAR E REVISAR (1 – PAPEL).mp3

Fluxo normal

(21/02/22) (00:46:17) (Velocidade normal)

(*Primeiro plano*, masculino, grave, fanho): “Fiqueis avós para sistrafo”.

Pergunta feita aos falecidos: “E alguém quer deixar a sua contribuição?”

Resposta dos falecidos

(*Primeiro plano*, masculino, médio, fanho, meio metalizado, chiosa): “Tem uma perna até com dentx?”.

(*Primeiro plano*, masculino, médio, fanho, algo metalizado): “Êch” (pausa) “poder”.

(*Segundo plano*, aparentemente masculino, médio, algo metalizada): “São do” iniciando e terminando justamente na pausa da expressão acima.

(*Primeiro plano*, masculino, médio, fanho, meio metalizado como se fosse pronunciada por uma abertura no pescoço): “Por causa destes” (pausa) “tenho o poder”.

(*Segundo plano*, masculino, tom médio mais agudo): “Eu te ligo com o poder” iniciando na pausa da expressão acima e concluindo em dueto com ela. O dueto existe na primeira parte, também, em “por causa destes”

(*Primeiro plano*, masculino, médio, fanho, algo metalizado): “Se você já pensó” → “que você já pensó”. Esse “pensó” ocorre em dueto, mais agudo que o restante.

(*Primeiro plano*, masculino, médio, fanho, algo metalizado): “Já que até hoje passou na **eletronikalicja**”. (“Eletrônicalitsia” é o que se escuta – palavra paroxítone).

(*Primeiro plano*, masculino, médio, fanho, algo metalizado): “Quem que nos ouve distelado (deste lado)?”.

(Primeiro plano, masculino, médio, fanho, algo metalizado): “Já canser” (pausa) “faz xis balancê”. Esse “já canser” também está sendo entendido como “já câncê”, na verdade se entende um ou outro, dependendo do ponto de vista adotado. Esse “já câncê” se entende também como “tá câncê” e “dá câncê”. Por outro lado “já câncê (pausa)” da expressão acima teria como segundo plano “tá com virt” + pausa. Mas essa parte substituiu a parte “já câncê” + pausa e com a voz da entidade do primeiro plano. A do segundo entra aqui como dueto, inclusive indo até o final de toda a expressão completa acima.

(Primeiro plano, masculino, médio, metalizado): “Fiar de confuso” em dueto com tom vocal quase agudo que entra como se fosse um fundo chioso.

(Primeiro plano, masculino, médio, metalizado): “Porque se não tem corajx (coragem)”.

(Primeiro plano, masculino, médio, metalizado): “Pór quê” “alvo de Kantx bobeabeadores”.

(Segundo plano, masculino, médio/agudo): “Disser que decerto novêmboris”. Já o primeiro plano mudou para “ao medicar não vem morris” (ao medicar não vem (a) morrer, ao que parece, talvez uma referência ao tratamento precoce que o autor se impôs devido ao fato de sua irmã ter “pego” Covid-19 e conviverem no mesmo espaço físico. Isso, porém, é atual, isto é (21/02/22) (02:08:21), muito após a gravação original, feita no ano passado.

(Primeiro plano, masculino, médio, algo metalizado): “Dezoito leito”.

(Segundo plano, masculino, médio/agudo): “Máicâl (Michael?) puxal!”.

(Primeiro plano, masculino, médio): “Pensândô” (tom mais grave) “quando causa a betoaida” (tom mais agudo, meio metalizado).

(Primeiro plano, masculino, médio): “Poucs pudor, tio”. (Neste local o volume tem variado para mais e retornado, algumas vezes. Até parece obedecer a um ciclo mais lento só perceptível a quem ativou o modo repetição e nele se mantém.). (02:23:58)

(22/02/22) (00:04:52) (Velocidade 80%)

(Primeiro plano, masculino, grave, fanho): “Instala João com los calientes”. Trecho difícil de compreender. → “Tu está lá João com los calientes”. “Grauouci” (médio).

Pergunta feita aos falecidos: “E alguém quer deixar a sua contribuição?”.

Resposta dos falecidos

(*Primeiro plano, masculino, médio*): “Obrigado”. Não se garante que este trecho pôde ser interpretado assim. Ele contém menos fonemas do que precisaria para esta interpretação, notadamente no início e final.

(*Primeiro plano, masculino, médio, fanho*): “Se você vá(i) a pé peigueim de vai”.

(*Primeiro plano, masculino, ora grave, ora médio, fanho*): “Ler porque Soudoma foi enterro forte”.

(*Primeiro plano, masculino, médio, metalizado, fanho*): “Por quê não entende?”. “Porque vivo falar”.

(*Segundo plano, masculino, médio, metalizado, mais agudo*): “Ou não entende!” iniciando em “que” de “que não entende” da expressão acima, coincidindo em dueto no restante.

(*Primeiro plano, masculino, médio, fanho*): “Se você já tem”.

(*Segundo plano, masculino, médio*): “Faz o bem” no mesmo local de “-cê já tem” da expressão anterior.

(*Primeiro plano, masculino, médio, fanho*): “Se a tua dúvida é agredir uma única Lu-tsia” (ou Lu-cja).

(*Segundo plano, masculino, médio outro tom*): “A regracia” ocorrendo justamente entre “Lu” e “tsia” da expressão acima, bem onde parece haver uma pausa, se bem que, apesar de praticamente parar, não houve parada e sim uma prolongação forçada antes de finalizar. Antes desse há uma participação feminina, média, quase imperceptível, dizendo “diá” justamente em “dir” de “agredir” da expressão acima.

(*Primeiro plano, masculino, médio, fanho, dueto com feminino, agudo*): “Por quê não teve parte logo?”.

(*Primeiro plano, masculino, médio, fanho*): “O que é beca!”.

(*Segundo plano, masculino, médio*): “Purxou” ou “murchou” ocorrendo antes da expressão acima, finalizando justamente no “o” de “o que é beca!”. Neste instante o primeiro plano já diz “sou beca!” → “tão beca!”.

(*Primeiro plano, masculino, médio, fanho, tremido, dueto com feminino, médio também tremido*): “Porque a Eliane o enfeitiçou”. Não se sabe se é uma pergunta ou uma declaração já que “por quê a Eliane” parece ser pergunta mas o tom de “o enfeitiçou” denota mera declaração.

(*Primeiro plano, feminino, iniciando médio terminando quase grave em dueto com feminino quase agudo o tempo todo*): “Ter filho prechta (presta)”.

(*Primeiro plano, masculino, médio*): “Por quê será tem política”. Mas que logo se entendeu como “Por quê tem polít-créfêr” (ambas as partes da última palavra tem seus termos vocalizados como oxítonos).

(*Segundo plano, feminino, médio, quase sussurrada*): “O que será tem de mal cré-fér”. O “L” de mal é um “éle” mesmo e não um “U”. Na verdade parece dizer “malr”, como se tivesse um “R” depois.

(*Primeiro plano, masculino, médio, fanho*): “A fim de ser pôbre de luxos” → “a fim ser pôbre de luxos” → “a fimser pôbre de luxos” → “a fim ser pôbre de luxos”. A pronúncia é tal que parece ser “a fimser” (*paroxítona*) → “a fim ser robro de luxos”.

(*Segundo plano, masculino, médio com tom mais grave*): “Vai a rogo de luxos” coincidindo no espaço temporal de “de ser pobre de luxos”. Neste momento já parece ser “vai a rôbo de luxos”.

(*Primeiro plano, masculino, médio, quase metalizada*): “Disconfie do ôlhô antigo”.

(*Segundo plano, masculino, médio, meio grasnado*): “Tinguana” (ti nguana → *te engana?*).

(*Primeiro plano, masculino, médio, quase metalizada*): “Pensalto” → “tem salário”. Uma componente bastante grave diz “cer-to” justamente em “-lário” de “salário” da expressão acima. Esse “tem salário” agora também se entende por “pensa o Mário” bastando se concentrar em uma destas opções para ouvi-la.

(*Primeiro plano, masculino, médio, quase metalizada*): “Já obteve a bem tua índia”. “Tê-vê o trêjêit”.

(*Segundo plano, feminino, médio mais grave*): “Corage” no mesmo lugar de “tua índia”. (02:29:51)

(22/02/22) (23:52:50) (Velocidade 70%)

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho*): “Instalas logo a voz pra ver pra virtuose”.

Pergunta feita aos falecidos: “E alguém quer deixar a sua contribuição?”.

(*Segundo plano da voz do autor, masculino, médio, mais agudo que a voz do autor, que é grave neste ponto*): “Saco” ocorrendo onde está “quer deixar” da expressão acima (note-se que é difícil garantir que seja isso mesmo o dito pois a voz do autor é forte neste local e o fundo é difícil de interpretar). Note-se que, na velocidade normal, tal inexistente, ocorrendo apenas nesta velocidade. “Cedê-la!” ocorrendo bem onde está “-ção” de “contribuição” da expressão acima.

Resposta recebida

(*Primeiro plano, masculino, médio, quase metalizada, há um fundo chioso em dueto*): “Se você já até ser guêim educaíd(u)”.

(*Primeiro plano, masculino, médio, quase metalizada*): “Piêê torcido” “loca a dinheiro à parte” → “loca adquirir um aparto”.

(*Segundo plano, feminino, médio mais agudo*): “Fraela” ou “pra ela”. Mais parece “fraela”. Ocorre após “piêê” e termina antes de “torcido”. “Milha” ocorrendo em “-rir um a-” de “adquirir um aparto” da expressão acima. Note que o segundo trecho da expressão acima já é interpretável de forma diversa: algo mudou.

(*Primeiro plano, masculino, médio, quase metalizada*): “Por quê não entende o que vivo falando?”.

(*Primeiro plano, masculino, médio, quase metalizada*): “Eu até feiz, eu até hoje pôrsigô no gênê polí-tsio” (*seria policjo?*).

(*Segundo plano, feminino, médio quase agudo, dueto com parte respectiva do primeiro plano*): “Pôrsigô no gênê”. Note-se que “pôrsigô” é paroxítona mas um tanto enfatizada na primeira sílaba que chega parecer proparoxítona. “Como uma regrácia!” ocorrendo em “polí-tsia” (agora se percebe com terminação em “a”. Seria “policja”?) Também se percebe como “colí-tsia” (*seria colicja?*, ou *kolicja?*). Por outro lado, “como uma regrácia” se percebe agora “como uma negácia”. O conteúdo é dinâmico, isto é, muda.

(*Primeiro plano, masculino, médio, quase metalizada*): “Por quê não entende parte lócô”. Junto, quase em uníssonos, ocorre a mesma expressão, em masculino, médio mais agudo, que progressivamente “se descola” da expressão principal (ou ganha volume, de modo a se sobressair cada vez mais).

(*Primeiro plano, masculino, médio, quase metalizada*): “Então benzes”. “Então” se escuta como “êntóm”.

(*Segundo plano, sussurrado, aparentemente masculino*): “Isso” → “fez isso?” junto de “benzes” da expressão acima.

(*Primeiro plano, masculino, grave, falhando, algo metalizada, em dueto com feminino, médio*): “Por si pernaneime com ciú-me”.

(*Segundo plano, feminino, médio meio agudo*): “Póli o home' (poli o homem – polir o homem → melhorar moralmente.).

(*Primeiro plano, masculino, médio, quase metalizada*): “Que feio, hoje!” → “que feio, por hoje!”.

(*Primeiro plano, masculino, médio, quase metalizada*): “O que será que feiz?”.

(*Segundo plano, aparentemente feminino, médio*): “Rende mal!”.

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanha*): “Por quê ele está fim de ter obra devida?”.

(*Segundo plano, feminino, médio*): “Ela está a fim de morar” ocorre junto de “ele está a fim de ter” da expressão anterior. “Relaxe!” junto de

“-vida” de “devida” da expressão anterior.

(*Primeiro plano*, masculino, médio, quase metalizada): “Disconfie do ólhô antigo” ou “disconfie do óleo antigo”.

(*Segundo plano*, aparentemente masculino, médio, outra tonalidade): “Tarado. Ela ama. Dimai!”. Ocorre desde o início da expressão acima até ultrapassá-la em “dimai”. É como se dissesse: “ela ama, (pausa) demais!”. Agora o “dimai” já se entende como “dimais”.

(*Primeiro plano*, masculino, médio, quase metalizada): “Bem certo”.

(*Segundo plano*, masculino, médio, tonalidade diferenciada, pouco mais aguda): “Tem salário” → “Vencenário” → “tem cenário” → “vem cenário”. Neste momento o primeiro plano já se entende como apenas “certo”.

(*Primeiro plano*, masculino, médio, um tanto metalizada): “Já obteve a ver a tua índia. Houve o trêjêito”.

(*Trecho final*, talvez espúrio): “Pineal” ou “opinão”. Se entende também como “punhalou” e “puxa-o” (em médio). “Foi” na parte média/grave. (01:46:08)

Fluxo reverso

(23/02/22) (01:48:46) (Velocidade normal)

(*Primeiro plano*, masculino, médio, meio metalizado): “Este lumingo de ar foi direto de reguardo”.

(*Primeiro plano*, masculino, médio, meio metalizado): “Marcuse” ou “me acuse!”.

(*Primeiro plano*, masculino, médio/agudo, meio metalizado, quase sussurrado): “Parapsigou aquela” “luz” (um pouco mais grave, normal). (Na data de ontem o autor piscou algumas vezes a luz do quarto da irmã dele, em três intervalos diferentes, o que representa fato novo, pois ocorreu muito tempo após a gravação desta mensagem. Isso foi feito para provocar alguém em especial).

(*Primeiro plano*, masculino, médio, meio metalizado, dueto com masculino, tom médio algo diferenciado): “Seja do maior golpe que existe” “por lá” (médio diferenciado).

(*Primeiro plano*, masculino, médio quase agudo, meio metalizado): “Quem que veja”.

(*Primeiro plano*, masculino, médio, meio metalizado): “É só um filhos de Deus”.

(*Segundo plano*, masculino, médio diferenciado): “Humilhantx!”

ocorrendo após “Deus” da expressão anterior.

(*Primeiro plano*, masculino, médio, meio metalizado, algo tremido): “Deixa de mi le avisá”.

(*Primeiro plano*, masculino, médio, meio metalizado): “Isso foi bóim” → “Isso foi bónic” → “Esfregounic. O tolalétx, por ti”. Este “i” é duro como o segundo “i” de “difícil”. Agora já se ouve “por triz”. Esse “triiz” é tremido.

(*Primeiro plano*, masculino, médio, meio metalizado): “As pilaproveitei que é gruup”.

(*Primeiro plano*, masculino, médio, meio metalizado, meio soluçado): “Vai que reclamando”.

(*Primeiro plano*, masculino, médio): “Olho logo mist-t-tcê. Vai!”.

(*Segundo plano*, masculino, médio diferenciado): “Onde eli foi?” junto do segundo “-t-” de “mist-t-tcê” da expressão anterior. Já se escuta como “i êli foi!”. Continua com “se for grandx”.

(*Primeiro plano*, masculino, médio algo grave): “Vai em cima da paredx. Clama você!”.

(*Primeiro plano*, masculino, médio, metalizado, ruidoso, dueto com tom próximo): “Quer uma mulher por partido”. Junto de “quer” se ouve uma batida de fundo como de um prato musical.

(**Voz do autor**, dueto com voz em tom mais grave): “Elusivo de cóópérativa” (*paroxítone*). Continua com “mi gróta”.

(*Primeiro plano*, masculino, médio, meio metalizado): “Que falta faz o...” que se entendeu em seguida como “o fraco faz o aplaudiáudi”. (02:48:20)

(23/02/22) (23:11:44) (Velocidade 80%)

(*Primeiro plano*, masculino, médio, meio metalizado): “Ver o exame de arco gilete do guárbido”.

(*Primeiro plano*, masculino, médio): “Me acuse!”.

(*Primeiro plano*, masculino, médio): “Se era domingo o ontem, anteontem e hoje”. Nota: ao preencher uma tabela o autor observou que houve corrupção relativa aos dias da semana, tornando tudo irreal. De alguma forma houve a eliminação de algumas linhas da tabela, o que produziu o inconveniente de a datação ficar fora do lugar. Houve a necessária correção, fato acontecido a apenas alguns minutos atrás. Seria impossível tal coisa estar registrada neste áudio que foi gravado meses atrás. Isso constitui um fato novo, digno de nota. (Hoje é quarta-feira).

(*Primeiro plano, masculino, médio*): “Se equilibra na morte” (talvez queiram dizer que “se equilibra com os falecidos”).

(*Segundo plano, masculino, médio, outro tom*): “Paránuch” (para nós?) “queremos um voto” “de moralmente” (médio mais agudo, meio sussurrado) “mais cinco” (médio pouco mais grave que o anterior).

(*Primeiro plano, masculino, médio*): “É só um elogio”.

(*Primeiro plano, masculino, médio*): “Isso do LED, (pausa) dentro de um LED só”. Nota: no trabalho o autor teve problemas com um LED, haviam dois mas foi SÓ UM que incomodou. Se tal LED é o que atrapalhou a vida do autor no trabalho hoje, então se está diante de mais um fato novo.

(*Segundo plano, masculino, quase sussurrado, em dueto com primeiro plano onde coincidem*): “Metadx dentro de um LED só”. Considerando que o LED é composto pelo diodo propriamente dito e seus terminais, formando o encapsulamento, ao perder os terminais perdeu-se metade do LED, a metade que sobrou não ficou usável, ou seja, o problema ficou metade dentro de um LED só.

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho*): “Foi propô as coisa lá di-dividinho”.

(*Segundo plano, talvez feminino, médio, tremido*): “Quero” ocorrendo em “dividi-” de “di-dividinho). A parte tremida se limita ao “R” mas seria difícil de imitar tal o efeito observado.

(*Primeiro plano, masculino, parte grave, parte médio, fanho*): “Faiz (pausa) melhor que o Roberto tio Bugre fai, viu, rodeô”.

(*Segundo plano, masculino, médio, outro tom*): “Ponto de melhor que o Roberto, tio Bugre, fai, viu, rodeô” iniciando na pausa da expressão acima e continuando como dueto no restante da expressão, onde combinam. (O autor teve um problema para emendar um cabo de antena automotiva que estava partido. Acontece que a malha não aceitava solda mas precisava ser emendada, o que obrigou a fazer uma cobertura soldável, além de outros problemas. O incômodo foi tanto que se gastou meio dia apenas para fazer tal emenda. Impossível estar tal fato, que ocorreu pela manhã, embora iniciado na véspera, registrado na gravação original, consistindo em outro fato novo.)

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho*): “Tu ficou ao longo nisso (pausa) e soltou a voz!”.

(*Segundo plano, masculino, médio*): “E depois” ocorrendo na pausa da expressão anterior.

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho aparentemente em dueto com masculino, médio dando um efeito meio de gagueira ou eco pelos desencontros*): “Elape-lapeavedia” (sabe-se lá o que é isso).

(*Primeiro plano, masculino, médio, meio metalizado*): “Firma nos seio”

onde “nos” de “nos seio” vem prolongado temporalmente.

(*Segundo plano*, masculino, médio, quase sussurrado): “Comparado!”.

(*Primeiro plano*, masculino, médio, meio metalizado): “Perda do líquido, pérdagua da torneir”. O autor não se lembra se é desta quarta ou do dia anterior onde, por estar mal apertada, a torneira (na empresa onde trabalha) fica correndo intensamente jogando água fora enquanto não se resolve o problema. Acontece devido a problemas de pressão que enganam pensando ter fechado suficientemente a torneira quando na verdade foi mal fechada. Ao acionar a descarga do banheiro, a pressão resultante é suficiente para colocar tal torneira mal fechada em ação. Isso, naturalmente, não poderia estar gravado na gravação original. O autor, ao observar a torneira correndo, fechou-a.

(**Voz do autor**): “E o Silva, quem considera Silva, quingó”. O segundo plano diz a mesma coisa em dueto mas em outro tom.

(*Primeiro plano*, masculino, médio/grave, fanho, fundo chioso): “Que fortx a dose, o aplaudientix”. (01:06:39)

(24/02/22) (01:07:32) (Velocidade 70%)

(*Primeiro plano*, masculino, médio, meio metalizado): “Ver o exame de arco gilete do guárbido”.

(*Primeiro plano*, masculino, médio): “Me acuse!”.

(*Primeiro plano*, masculino, médio): “Se era domingo o ontem, anteontem e hoje”.

(*Primeiro plano*, masculino, médio, vem em dueto): “Se equilibra na morte, eu não acredito!”. Esse “eu não acredito” também se entende como “não há perigo”.

(*Primeiro plano*, aparentemente feminino sussurrado): “Moralmente” → “coralmente” → “oralmente”.

(*Primeiro plano*, masculino, médio): “Com recibo” → “com recípruo”.

(*Primeiro plano*, masculino, médio): “Viajou (pausa) pelo chip”.

(*Segundo plano*, masculino, médio, outro tom): “Esperando o chico” ocorre desde a pausa até o final da expressão anterior.

(*Primeiro plano*, masculino, médio, fanho): “Diz uêi” → “ti zoei”. “é hábito” “lembra do lembarga dissó”.

(*Segundo plano*, masculino, médio mais agudo): “Bela”. No caso este “bela” é rápido e ocorre logo após o “lembarga” da expressão anterior.

(*Primeiro plano*, masculino, mistura de médio com grave meia cavernosa, fanho): “E foi com as tuas coisas lá. (hesitante) êi (fez

barulho com a boca como se puxasse na memória o que dizer sem nada dizer). Esse “ei” se entendeu após como “darei” ou “eitch”.

(*Primeiro plano, masculino, médio, outro tom*): “Já falô vai dormii?”.
Nota; frequentemente o autor, por ser tarde, fala (em voz alta) que “vai dormir”.

(*Primeiro plano, masculino, médio, fanho*): “Fez Zagalo melhor que o Roberto disarmá-lo, foi”. “Zagalo” aqui vem destacado em outro tom, quase sussurrado. Quanto a “disarmá-lo, foi” o autor estava com dificuldade para entender, então surgiu um tom em dueto cujo volume foi aumentando até se comparar com o primeiro e com isso, clareou a audibilidade.

(*Primeiro plano, masculino, médio, fanho*): “Disputando o mistério longo mis (pausa) o insulto”.

(*Segundo plano, masculino, médio, outro tom*): “mil discutx”. Inicialmente se entendeu como “mi disculpe”. Mas o certo é “mil discutx” “déu” (aparentemente feminino, médio) “um ao óôtro” (masculino, médio, parecendo tremido).

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho*): “Você terá presentx (pausa) otro seio”. (“Otro s” de “otro seio” vem prolongado, isto é, o “S” se emenda com o “O” final de “otro” mas é prolongado, de foma sibilada antes de continuar de forma lenta).

(*Segundo plano, masculino, médio, quase sussurrado*): “Comparado!”.

(*Primeiro plano, masculino, médio, fanho, dueto com feminino médio*): “Milagre do guri quer mer vai o mercurujá”.

(Voz do autor): “E o Silva, quem considera Silva, quingó”.

(*Primeiro plano, masculino, médio, fanho*): “Que foi pras onze uma pra gentitx”. (02:22:40)

Mensagem 10 (03/10/21)

Data de gravação: 03/10/2021

Nome dado ao arquivo de áudio:

2021-10-03 CONTINUAR E REVISAR (1 - PAPEL) - MUITO RUÍM – OSCILANTE.mp3

Fluxo normal

(24/02/22) (23:48:10) (Velocidade normal)

Pergunta feita aos falecidos: “Se alguém quiser colaborar”.

Resposta dos falecidos

Nota: o sinal está muito ruim, vem oscilando, Parece que é modulado por uma locomotiva. Na verdade é o estilo adotado pelos comunicantes, uma espécie de bate-bate que eles mesmo denominaram de “credilê”.

(Primeiro plano, masculino, médio/grave, fanho): “Se julgou nas opnet e se fingiu de mort” → “se fincou nas opnet, se fingiu de nós”.

(Primeiro plano, masculino, médio/grave, fanho): “Veio com isso” → “veio, conheço” → “meio começo” → “veio começo”.

(Primeiro plano, feminino, médio/grave, fanho, tremido, com efeito “fading” típico de ondas curtas): “Glória que esta neta passa bem”.

(Primeiro plano, masculino, médio/grave, fanho): “Muita gente já cria por natureza”.

(Primeiro plano, masculino, médio/grave, fanho, aparentemente em dueto com tonalidade um pouco diferenciada): “Este Marconato gosta de apoio”.

(Primeiro plano, masculino, médio/grave, fanho, meio cantada): “Este Marconato deve usar uma roupa nova”.

(Primeiro plano, masculino, grave, fanho, meio cantada): “Tosse, tosse, tosse, tosse, tosse, tosse, tosse, tosse, digual, digual, digual, digual, coce, coce, coce, coce (...) o autor se perdeu e não conseguiu registrar tamanha a dinamicidade. → “pédi, pédi, pédi, de cór em córi, tosse, tosse, tosse, tosse, pédi, pédi, pédi, de cór em cór, pra ajudar, tosse, tosse, tosse, tosse, pédi, pédi, de cór em cór, pra ajudar, tosse, tosse, tosse, tosse, pédi, pédi de cór em cór, pra ajudar, (...) trace, trace, trace,

trace, pédi, pédi, pédi, pédi de cór em cór pra ajudar (...) plás, plás, plás, plástica se pédi i de igual forma pra ajudar (...) “cresce, cresce, cresce, cresce fica de igual, de igual, de igual forma pra ajudar (...)

(Nota: no trecho selecionado acima, em repetição, o sinal foi constante, pelo menos visualmente. No entanto, o conteúdo foi variável. Começou-se captando uma coisa e terminou com outra. Não existe “terminou” pois quem termina uma repetição é quem a escuta. Mas início e final são diferentes, para mesma forma de onda gráfica. Se a forma de onda não varia e seu conteúdo varia, isso aponta para interferência. Algo atuou para que o sinal, que deveria se repetir sem modificação, se modificasse ao longo do tempo. E a modificação foi tal que implica uma interferência inteligente pois não se espera que o acaso faça isso, não com essa facilidade. Obviamente que, neste caso, uniu-se o final com o início mudando a ordem da expressão. Mas, independentemente disso, houve variação, tanto que foi registrada em alguns momentos, podendo ser comparada a forma de onda visualmente.)

Fugindo desse trecho, segue-se um “chiôô” como se a agulha de um disco de vinil tivesse deslizado e ido parar em outro local e veio o conteúdo a seguir:

(*Primeiro plano, masculino, médio/grave, fanho, meio cantada*): “O credilí que ligo só não vem comigo, se você comigo devolvê (→ depois se escutou “resolvê”) esse vídeo, se você confia o vídeo deste outro saudo-seduzista, vai com todo, todo lacre, passe em varredurri. → “faz com todo, todo lacre, passe em varredurre”. “Credilí” é oxitona.

Revisando novamente este trecho pois parece ter mudado algo...

(*Primeiro plano, masculino, médio/grave, fanho, meio cantada, dueto com feminino médio*): “O credilí que ligo só não vem comigo, se você comigo devolvê esse vídeo (...)

(Mudou de novo! Note também que o dueto com feminino passou para dueto com masculino.).

(*Primeiro plano, masculino, médio/grave, fanho, meio cantada, dueto com masculino médio*): “O credilí que ligo só não vem comigo, se você comigo percorrêi o vídeo ministro outro saudo-seduzista, vai com todo, todo lacre, passe em varredurri. (02:16:13)

O trecho anterior, revisitado inteiramente:

“É um pórrri que si dér, grato, grato, desce, desce, pédi, pédi, pédi, bem limpinho (neste ponto é inserido aquele som que pareceu um deslizar de agulha de disco de vinil, iniciando em “-pinho” de “limpinho” indo até o final desta palavra.. É preciso notar que “bem limpinho” agora se escuta “tão limpinho”. Veja que este trecho é radicalmente diferente daquele visto acima, tendo sumido, por exemplo: “de igual forma pra ajudar”. Os bytes do arquivo sonoro são os mesmos, o gráfico é o mesmo. Mas o conteúdo varia, muda, se torna outro. E é organizado, inteligente. (02:36:39)

(26/02/22) (01:11:27) (Velocidade 80%)

Pergunta feita aos falecidos: “Se alguém quiser colaborar”.

Resposta dos falecidos

(*Primeiro plano, masculino, médio/grave, fanho*): “Se vulgou nas opnet, se vulgou na nossa Titani”. (*Titani é oxítona*).

(*Primeiro plano, masculino, médio/grave, fanho*): “Emêi su” “onde Cristo fica testemunha” “neste vídeo vem do grupo meu (*meio cantado, embora altamente oscilante*)”.

(*Primeiro plano, masculino, médio/grave, fanho, cantada*): “E mete, mete, mete, mete flúor (o segundo e o terceiro “mete” são intensificados em relação aos outros, ou seja, há um crescente e um decrescente neste caso).

(*Primeiro plano, masculino, médio/grave, fanho, cantada*): “E a que mexe, mexe, mexe, sol a sol (o segundo “mexe” é intensificado. Há um acompanhamento com “palmas”, ou seja, batida de palmas de mão.).

(*Primeiro plano, masculino, médio/grave, fanho, cantada*): “Que erre, que erre, desce i desce, que erre, desce, desce, que erre, desce

(*Segundo plano, masculino, grave*): “Marco me ajudô”.

Refazendo...

(*Primeiro plano, masculino, médio/grave, fanho*): “Se vulgou nas inte(r)net, se vulgou na nossa Titani” “que Emêi su”. (*Titani é oxítona*). → “Se vulgou nas inte(r)net, e também na nossa Titani” “que sea do sul”.

(*Primeiro plano, masculino, médio/grave, fanho, meio cantado*): “Onde Cristo fica testemunha deste vídeo meu.” “veio do grupo meu” (*outro tom, levemente diferenciado, mais melodioso*).

(Primeiro plano, masculino, médio/grave, fanho, cantada): “E mete, mete, mete, mete flúor (o segundo e o terceiro “mete” são intensificados em relação aos outros, ou seja, há um crescente e um decrescente neste caso).

(Primeiro plano, masculino, médio/grave, fanho, cantada): “E a que mexe, mexe, mexe, sol a sol (o segundo “mexe” é intensificado. Há um acompanhamento com “palmas”).

(Primeiro plano, masculino, médio/grave, fanho, cantada): “Que erre, que erre, erre, desce, desce, que erre, desce, desce, que erre, desce, que erre, desce, pédi, pédi, pédi pra mataaion (esse “pra mataaion” começa a ser entendido como “pramoçaon” → “prômoçón”? → Ficou parecendo agora como “pra mataah”).

(Segundo plano, masculino, grave, cantada): “Bloco, bloco, bloco, bloco, bloco me ajudô, bloco me ajudô, bloco. bloco” iniciando junto com a expressão acima mas termina antes de “pédi”.

(Primeiro plano, masculino, médio/grave, fanho, cantada com dificuldade): “O credilê envído, o homem vem comigo, vem comigo, vem comigo, tem comido, tem comido, tudo, tudo”. Algo interessante ocorreu aqui: palavras/expressões tem “sumido” (“foram comidas”) e se acrescentou o correspondente em “tudo” no final. Ou seja, a expressão foi sumindo e tudo foi ficando “tudo, tudo...”. “Vem comigo” e “tem comido” foram as primeiras vítimas. Ademais, deve-se notar que o autor comeu “tudo” que lhe deram, o que não foi pouco e talvez isso inspirou aquilo. Seria, assim, mais um fato novo pois aconteceu agora, muito depois da gravação inicial. Nesse momento se contou 19 vezes a palavra “tudo” uma depois da outra até finalizar a mensagem de hoje. (02:27:09)

(26/02/22) (23:14:53) (Velocidade 70%)

Pergunta feita aos falecidos: “Xi alguém quiser colaborar”.

Resposta dos falecidos

(Primeiro plano, masculino, grave, fanho): “Se vulgou nas inte(r)net, e também na nossa Titaní” “que sea do sul”.

(Primeiro plano, masculino, médio/grave, fanho, meio cantado, aparentemente coro): “Onde Cristo fica testemunha neste vídeo, neste vídeo, neste vídeo, fornes (fornec(e)) este vídeo, neste mesmo vídeo, vimus → neste médio reduzimos, múliá, e mexe, mexe, mexe inté, mais (tremido, alongadamente), erre, erre, cresce, cresce, erre, cresce, cresce,

crece, cresce, cresce i cresce, cresce, cresce com uma boa potência. O credilê em crescimento vem comigo, vem comigo, vem comigo, vem comigo, vem que eu vejo tudo, tudo, tudo, tudo, tudo, tudo, tudo, tudo, tudo, tudo → alterou para → vejo tudo, tudo, tudo, tudo, tudo, tudo, vejo, vejo, vejo (o problema aqui é que uma voz diz “tudo” e outra diz “vejo” e, na repetição, ora uma predomina, ora outra, ora ambas se equivalem, fazendo com que o conteúdo mude toda hora, dificultando sobremaneira o registro do que dizem. O conteúdo é dinâmico, ou seja, varia não apenas em função da posição do cursor de reprodução mas também temporalmente, quer dizer, a mesma sequência varrida pelo software reprodutor é escutada de um jeito em um momento e de outro em nova repetição, indicando clara influência que vai além dos bits fixados na gravação. O que se escuta não é o que o software “lê” no arquivo mas o que influenciadores querem que escute, baseado na sequência de bits gravados. Os bits do arquivo constituem a trilha que dita certos limites mas o conteúdo (aquilo que se escuta) é variável e se adapta nesta trilha já registrada. Se a trilha tem um pico, o conteúdo segue esse pico mas pode conter uma coisa ou outra, dependente de influência. Em resumo: há algo que está além dos bits do arquivo, que age, que organiza, que demonstra inteligência, que altera e se adapta também. (00:07:47)

Fluxo reverso

(27/02/22) (00:08:00) (Velocidade normal)

(Primeiro plano, masculino, médio/grave, fanho, meio cantado, aparentemente coro): “Se vê que já não tá, não tá notando este baque-baque, vê se já não tá notando (com participação feminina. Sim, o “baque-baque”, como chamam, já foi notado, caracteriza todo o arquivo e é o que o autor se referiu como “som de locomotiva” no início. Para evitar repetição desta descrição em toda transcrição se optou por colocar esta informação logo no início, uma única vez. Mas o som de todo o arquivo vem “soluçado” ou com “baque-baque” tornando muito difícil para captar e transcrever, até porque é rápido. Neste momento, esta parte selecionada já diz outra coisa: “este bate-bate, bote o pé, pé no chão, (com participação feminina nítida e clara mudança de conteúdo por influência pois se ficou repetindo o mesmo trecho enquanto se anotava estas palavras.) Continuando... → “que esse vinho, que esse vinho, bem outro, outro eu fiz. Por mais, segue, segue, segue, segue,

segue, segue, segue, segue, segue, segue, segue, segue, negue corticoide comprô (terminou alongado em eco, com um ruído semelhante a palmas dadas sequencialmente por umas três pessoas). Neste momento se entende “onde corticoide comprô?”. Na sequência se entendia “corticoide, corticoide” mas, ao selecionar o trecho seguinte, para entender melhor, o que se ouviu foi: “Ahm, fale, fale que é Andiu” “dentista” (em outro tom, masculino) “bem que esperto, Beto i deve estar”. (Em relação a comprar corticoide, a irmã do autor contraiu Covid-19 e, como consequência, todos adquiriram corticoides e outros medicamentos, obviamente de diversas farmácias. Isso deve ser fato novo pois é recentíssimo, a menos que se refiram a outra coisa acontecida no passado, onde o autor não participou. Quanto a Andi “dentista”, o autor não sabe de quem falam, embora a irmã dele vá regularmente a um dentista por causa de seu aparelho ortodôntico.)

(Primeiro plano, masculino, grave, fanho): “Vê que vê que viu, Mêrciêê (oxítone) muiêr com os longos devidos, que mulher/melhor me ajuste”. Esse “mulher/melhor” é entendido segundo o ponto de vista adotado, bastando pensar nele para ouvi-lo. Mas, no início, ao tentar ouvir um, acaba-se ouvindo o outro, e nunca se conseguia saber se era um ou outro. (00:59:05). Esse, “mulher/melhor” que ficou em repetição até agora, já se entende como “que o teu verme ajuste”.

(27/02/22) (01:01:51)

(Voz do autor): “Nau aval nós é aqui é gôis”.

(27/02/22) (01:06:27) (Velocidade 80%)

(Primeiro plano, masculino, médio/grave, fanho, meio cantado, aparentemente coro): “Se vê que segue, segue, segue, sempre, sempre, sempre, sempre, sempre segue, sempre, sempre, sempre segue, (a repetição já trocou o conteúdo para “e tá curtindo” (masculino) “erro sempre certo” → “erro cento e sete” (feminino – ambas escutáveis dependendo do ponto de vista adotado) “ta cutilho, tá cu(r)tindo” (ou “tá com o Tindo” - Tindo é o apelido de um vizinho já falecido. O tom de “tá com o Tindo” é outro, algo parecido com o que tinha quando vivo) “tenho coração e tenho figado”. “Não para” (este “para” tem o 'erre' aspirado e alongado, algo como “não páhaa” (paroxítone) “O barco, o barco segue, segue, segue, segue, segue, segue, segue, sempre segue, sempre onde tudo, tudo, tudo, tudo (aqui virou confusão pois o conteúdo

variou várias vezes, antes de se conseguir anotá-lo, apesar de se estar em repetição de um trecho curto) “onde tudo, tudo, onde closed tudo” → “onde tudo, tudo, onde close estudo” (em *segundo plano* já se escuta: “está apanhando”, talvez masculino, médio/agudo, meio sussurrado). Continuando para o próximo trecho: “só não pode parar” (termina pelo mesmo som de palmas sequenciais referido acima) “teste segue, segue, segue. Filho do Jonh (“filho do djôn”) “te vê” (som com tom diferenciado, mais agudo) “tá curtindo o estilo também”. “Neste ritmo, neste vídeo vamos a desenrolar” → “Nau o ritmo, neste vídeo vamos a desenrolar” “explica neste video” (tom masculino, médio mais agudo) “marchando” (feminino, talvez coro, médio) → “explica neste filme, marchando” “mulher que fez com o Valdo fez do Pedro outro poder morris” (“môrris” é oxítona).

(Voz do autor): “Nau aval nós é aqui é gôis”. (01:44:12)

(27/02/22) (01:45:43) (Velocidade 70%)

(*Primeiro plano*, masculino, médio/grave, fanho, meio cantado, coro): “Se bem que sempre, sempre, segue, sempre segue, sempre, cerca. sempre, sempre, sempre, sempre, sempre segue, tá curtindo, tá cutindo → “tá com o Tindo, tá com o Tindo” “mesmo”. “Ele está com o Tindo, sim” “medo”. “O arado” “quando o barco segue, sempre segue, sempre segue, sempre segue” “sempre, sempre segue, sempre segue tambémiiim” (aqui parece haver acompanhamento instrumental, aparentemente eletrônico, terminando também por palmas sequenciais). “Faz o Fábio sabe que tá com o filho do Tindo”.

(*Primeiro plano*, meio cantado, musicado): “Ne-neste grupo vai trazer feliz” (começa meio médio e vai transitando para meio grave). “Neste inverno primor, primor de celulôido” “se pegó com o Tindo”, “marcha” (em outro tom de voz) “Viver com o fisco, viver consigo, vir perder que o bebê que eu fiz” (02:36:02)

(Voz do autor): “Nau aval cnóis é aqui é gôis” → “Nau aval cnóis é aqui é nêgôich” (“negoich” é oxítona, “ch” tem o mesmo som que em “chapéu”) (02:42:02)

Nome dado ao arquivo de áudio:

2021-10-03 CONTINUAR E REVISAR (1 - PAPEL) - NOVA TENTATIVA.mp3

Fluxo normal

(28/02/22) (00:47:34) (Velocidade normal)

Pergunta feita aos falecidos: “Vamo tentá de novo”. [Aparentemente se escuta “não tentá de novo”.](#)

Resposta recebida

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho*): “Isto tem a ver com Mont Serrat”. [Embora pareça mesmo ser “Mont Serrat” talvez seja “isto tem a ver com não serrá”.](#)

(*Primeiro plano, masculino, médio, alto metalizada*): “Isto tem a ver com tá fuçando esta cadeira por onde o Hugo foi”. ([O autor está “arrumando” as cadeiras da residência onde mora.](#))

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho*): “Por quê êssa inda existe?”.

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho*): “Por quê sair artigo ruim?”.

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho*): “Por um quê vai ter comigo?”.

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho*): “E esta obre ([pausa](#)) continua”.

(*Primeiro plano, masculino, médio, fanho*): [Durante a pausa acima se escuta “de bach\(o\)”. E, ao manter a repetição no local, se escuta também, cada vez mais forte: “vou ocupá” → “vou culpá”.](#)

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho*): “Recordo mente livre”. [Em paralelo, de forma estrepitosa, há a repetição da expressão acima, começando atrasada e terminando junto. Sua manifestação se parece com o roçar dos dedos em um violão, nas cordas graves, de cima para baixo, com elas abafadas.](#)

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho*): “Se for possante corpamente com jeito for”. (01:33:44)

(28/02/22) (01:35:25) (Velocidade 80%)

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho*): “Ficou na dúvida que neste

jeito (...).”

(*Primeiro plano*, masculino, médio, fanho, meio metalizada): “(...) Ficou na dúvida porquê na experiência de ontem?” (os parênteses com reticências indicam continuidade da primeira expressão na segunda). Aparentemente como *segundo plano*, surge “adiô” entre “porquê” e “na” da expressão acima. O autor não sabe o quê “se adiou” pois nada deveria ser executado na data de hoje. Qualquer coisa a ser feita está sujeita a um lapso temporal variável segundo circunstâncias mais propícias, visto que algo pode depender de outros fatores.

(*Primeiro plano*, masculino, grave, fanho): “Conheça a voz de homem”. “Fuvêrtur”.

(*Primeiro plano*, masculino, médio, fanho, meio metalizada): “Árticu” ou “ar(i)ticu” (ariticú). Já é tempo de ariticum (que o corretor ortográfico indica ser “araticum”) e o autor já tem colhido os primeiros que caíram no chão. Talvez seja uma referência a isso. No entanto, o autor verifica a temperatura do Ártico todos os dias.

(*Primeiro plano*, masculino, grave, fanho): “Por quê (por quê, por quê) sair neste tipo de vicittitude?”. Expressão complicada porque aparentemente é repetido três vezes a mesma expressão, gerando uma confusão com a mistura de tantas repetições, mesmo que se diferenciem tonalmente.

(*Primeiro plano*, masculino, grave, fanho): “Neste século, (pausa) festivou-a normal, normalmententx”.

(*Segundo plano*, masculino, médio): “Qual?” escutável durante a pausa acima.

(*Primeiro plano*, masculino, grave, fanho): “Ticús te curô de covid” “te comoveu” (mais grave) “por você” (mais aguda) “plan menor serrar” (grave) “por wi-fi” (feminino, médio/agudo).

Revendo...

“Nestx séculuus” (em *segundo plano* se escuta “marca logo” → “marca lócus” → “Mar(pausa)ta lócus” → “mar tá lócus”). O interessante que “nestx séculuus” foi desaparecendo na medida que se tentava ouvir o segundo plano, mas foi voltando na medida em que se concentrou nela de novo. Segue-se “qual?”. Então vem “estimou-a normal-normalmentxmentxi (normalmente).

(*Primeiro plano*, masculino, grave, fanho em dueto com feminino, médio): “Jesus ti (pausa) curou de covid”.

(Primeiro plano, masculino, grave): “Tx comomeu”.

(Primeiro plano, masculino, médio, algo fanho): “Por vocêêêê”. “Menor serrar”.

(Segundo plano, feminino, médio quase agudo): “Por wi-fi” (“aifai” como se escuta. Ao isolar o trecho final se escuta, primeiro como “talisban” e logo após “vou radicá”). (02:58:14)

(28/02/22) (23:22:52) (Velocidade 70%)

Pergunta feita aos falecidos: “E o tentá de novo”. (Provavelmente “vou tentar de novo”) - **Agora já se entende** “vuamo tentá de novo”.

Resposta recebida

(Primeiro plano, masculino, grave, fanho): “Neste mundo, neste meu filho existi-ti-ti”.

(Primeiro plano, médio, quase sussurrada, parecendo em coro): “Bobaião quer me ver” parecendo ser “O Faión quer me ver”. “O Faggion quer me ver desde ontem” (transitando para masculino, médio).

(Primeiro plano, masculino, grave, fanho): “Nas tormências mas que homem (...)”.

(Primeiro plano, masculino, muito grave, fanho): “(...) tu dêstior (ambas as sílabas tônicas)”.

(Primeiro plano, masculino, médio, algo metalizada): “Particularmente”.

(Primeiro plano, masculino, médio, fanho): “Tu disse” ou “porquice” “o arquetipo de visita” (a pronúncia captada é “arquetipo” e não “arquétipo”). É preciso notar que “particularmente” e “tu disse/porquice” se misturam, iniciando este a partir de “-mente” do primeiro, sendo que o final de “particularmente” se alonga até terminarem juntos. Isso gera dificuldades de interpretação pois há mais fontes de interferências.

(Primeiro plano, masculino, grave, fanho, aparente em coro): “Há um bom tempo já pegaste néstx Fernandooo”.

(Primeiro plano, masculino, médio, algo sussurrado): “Igual fêrtchi” ou “igual fêr-ti”.

(Primeiro plano, masculino, médio, fanho, meio confuso): “Nua, normal → ao destacar o trecho: “sua, normal sua, ele vem aqui” → “sua, normal sua, ele tem aqui” (com acompanhamento musical de fundo).

(Primeiro plano, masculino, médio): “Te acusa”.

(Primeiro plano, masculino, médio mais grave): “O som que ficou violeiro”.

(Primeiro plano, masculino, grave, fanho): “Ti(nh)a clorofil” ou “tx a côro film’.

(Primeiro plano, masculino, médio, algo fanho): “Por favor”.

(Primeiro plano, sussurrado estrepitoso, médio, fanho, talvez em coro): “Quem maior será?”.

(Primeiro plano, feminino, médio, quase metalizada): “Peixôt(o)”.
Surge como se houvesse uma batida em um prato musical. (00:57:04)

Fluxo reverso

(01/03/22) (00:57:28) (Velocidade normal)

(Primeiro plano, masculino, médio, fanho): “Veja o óbice, veja o óbice”.

(Primeiro plano, masculino, médio, fanho, aparente coro ou dueto com feminino): “Como evitar” que se entende também “como invitar”. “Ô, psit! Exitei” → “A princípio” (médio/grave), exitei (médio mais agudo, fanho)”.

(Primeiro plano, masculino, médio, rápido, embaralhado): “melhor pra figis” (figis é paroxítona). Em paralelo se diz, em tom mais agudo, “o melhor pra figis” gerando dificuldade para captação. É mais ou menos como estar escutando ao lado de uma máquina barulhenta.

(Primeiro plano, masculino, médio, fanho): “Conscientementx”

(Segundo plano, masculino, médio mais agudo): “É divêr” ou “édvêr”.

(Primeiro plano, masculino, médio, fanho): “Tu (pausa) há de vê” “coturno, cofôgo”.

(Primeiro plano, masculino, médio, fanho/embaralhado, algo borbulhante): “Mal de espíritus”.

(Primeiro plano, masculino, médio, fanho): “Simulólogo”.

(Segundo plano, masculino, médio mais agudo): “Nénc(e) confortou-a” → “nem se confortou-a”. “O Marconato” pronunciada lentamente.

(Primeiro plano, masculino, médio, fanho): “Pédru cistchi”. (“Cistchi” é paroxítona).

(Segundo plano, masculino, médio mais agudo, quase sussurrado): “E sai Satanás!”.

(Primeiro plano, masculino, médio mais agudo): “Ele insistx”.

(Primeiro plano, coro, médio ainda mais agudo): “Por elas, por elas” → “curá-las, curá-las” tanto uma forma quanto a outra é perceptível bastando se concentrar nela, ou seja, dependem do ponto de vista de

quem escuta.

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho, aparente em coro*): “Pra você, mano, te deixo” → “Pra você, mano, me queixo” → “Pra você, mano, me deixo” → **mudou para** “pra você, claro envideixo”.

(**Voz do autor**): “Vou rêbatê burro”. (“Rêbatê” é **proparoxítone**.) (01:47:28)

(02/03/22) (01:19:49) (Velocidade 80%)

(*Primeiro plano, médio, metalizado*): “Dá flor”.

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho*): “Falecimento vá pro poder chamar”.

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho*): “**A quem ele vai ver gostoso?**”.

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho, confuso*): “A quem lhe ligo o arqueólogo?”.

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho*): “Nem confiamos neste” “tu não quer deputando pra Globo News”.

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho*): “O quê que este mês eu custo?”.

O conteúdo mudou, necessário recomeçar...

(*Primeiro plano, médio, metalizado*): “Dá flor”.

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho*): “Falecimento vá pro poder chamar”.

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho*): “**A quem ele vai ver gostoso?**”.

(*Segundo plano, masculino, médio*): “Não desemboca!”.

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho, confuso*): “A quem lhe ligo o arqueólogo?”.

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho*): “Nem confiamos neste” “tu não quer deputando pra Globo News”.

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho*): “O quê que este mês eu custo?”.

Nota: o conteúdo tinha mudado radicalmente mas, ao reiniciar, voltou ao inicial. O conteúdo novo se perdeu. Estranho, no mínimo.

(*Primeiro plano, masculino, médio, sussurrado*): “Résolvêmo (**pausa**): Cristianí”.

(*Primeiro plano, aparente coro, médio, fanho*): “gêmênêis, boca sua!” (“gemeneis” é oxítone). Esse “gemeneis” já se entende como “diâneneis” (talvez Diane Neis) → “dianeneis, ropa sua”. Ao selecionar um trecho mais longo, para trás, já se entende: “por quê negueis? Ropa sua”. Ficaria o trecho todo como: “Résolvêmo (pausa): Cristianí”. “Por quê negueis? Ropa sua!”. Porém ao selecionar tal trecho, se escuta: “O quê que este mês eu custo?” “Mulher dos outros: Listiani. “Por quê negueis? Ropa sua!”. “Listiani” é proparoxítone. O autor nunca ouviu tal nome antes.

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho*): “Negou-me: ex- ex- existe”. Esse “existe” foi pronunciado preguiçosamente/lentamente.

(*Primeiro plano, talvez feminino, médio, algo fanho*): “Superou-me”.

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho*): “Quer povo teim tendência” pronunciado paulatinamente como “teim-ten-dên-cia”.

(**Voz do autor**): “Vou rêbatê bola”. Esse “rêbatê” é quase proparoxítone. É uma mistura de proparoxítone com oxítone.

(*Trechinho final*): Parece dizer “tá vend(o)?” (02:30:56)

(02/03/22) (02:31:20) (Velocidade 70%)

(*Primeiro plano, médio, metalizado*): “Dá flor”.

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho*): “Falecimento vá pro poder chamar”.

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho*): “A quem ele vai ver gostoso?”.

(*Segundo plano, masculino, médio*): “Desembocal!”.

(*Primeiro plano, masculino, médio, fanho*): “A quem (...)”.

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho*): “(...) lhe tirou o arqueólogo” “licucu fach” (licucu faz) (médio).

(*Primeiro plano, masculino, muito grave, fanho*): “Nestx (...)”

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho*): “(...) segundo poder”.

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho*): “Deputante, cabelos longo”.

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho*): “Por quê conferir o cust”.

(*Primeiro plano, masculino, médio, sussurrado*): “Résolvêmo (pausa): Listiani”.

(*Primeiro plano, coro, médio, fanho*): “Quem me der. Ropa suja se é”.

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho*): “Brom”.

(*Primeiro plano, coro, médio, fanho*): “Não sonha, não sonha” → “deu Sonha, Deus sonha”.

(*Primeiro plano, masculino, médio, melodiosa*): “Porque de ser”.

(*Primeiro plano, feminino, médio, fanha*): “É bela”.

(*Primeiro plano, masculino, médio*): “Por quê povo temem com ele amorfo”.

(Voz do autor): “Vou rêbatê bola”. Esse “rêbatê” é quase proparoxítona. É uma mistura de proparoxítona com oxítona.

(*Trechinho final*): Parece dizer “tá olhand(o)?” (03:16:25)

Mensagem 11 (04/10/21)

Data de gravação: 04/10/2021

Nome dado ao arquivo de áudio:

2021-10-04 CONTINUAR E REVISAR (1 – PAPEL).mp3

Fluxo normal

(02/03/22) (00:49:56) (Velocidade normal)

Pergunta feita aos falecidos: “Alguém quer dizer alguma coisa?”.

Resposta recebida

(03/03/22) (00:51:25) (Velocidade normal)

(*Primeiro plano, masculino, médio, fanho*): “Leva a paiaii. Luiz Carlos”.

(*Primeiro plano, masculino, médio, fanho, aparentemente em coro incluindo feminino*): “É uma tagarelice doce”.

(*Primeiro plano, masculino, médio/grave transitando para muito grave, fanho*): “Eu existo (pausa) por você”.

(*Primeiro plano, masculino, médio, fanho*): “Você qué?”. Ocorre justamente na pausa da expressão acima.

(*Primeiro plano, masculino, médio/grave transitando para muito grave, fanho*): “Por quê me fez (pausa) todo ódio. Vê se sai com outro”.

(*Primeiro plano, masculino, médio/grave transitando para muito grave, fanho*): “Já faiz tempo que nós fomos casados em Andrômeda”.

(*Primeiro plano, masculino, médio/grave transitando para grave, fanho*): “Logo após você conta um momóri históric(u)”. Resseleccionando “logo após” eis que se entende diferente “núpcias após” ficando todo trecho “núpcias após você conta um momóri históric(u)”.

(*Segundo plano, masculino, médio*): “Que erre (pausa) pórrri”. Ocorre logo após o “mômóri” da expressão anterior.

(*Primeiro plano, masculino, médio/grave transitando para grave, fanho, com fundo musical*): “Leva ao Beto que montou outros arquivos” mudou para “leva ao Beto, provoquei (médio), que montou outros arquivos!”. Nota: até onde se sabe o autor não levou ao conhecimento de nenhum Beto a parte anterior, já divulgada de forma algo limitada.

(Primeiro plano, masculino, médio/grave transitando para muito grave, fanho): “Respira que hoje, dia de hoje, é festa do astrólogo *jockey*” (escutou-se “dióquê”). Ao insistir se entendeu: “respira, que nos guia de ontem, festa do astrólogo Jockey”.

(Primeiro plano, masculino, médio, fanho em coro com feminino, com aparente bater de palmas): “Você taque-taque”. (Você em masculino, a expressão toda em coro feminino.)

(Primeiro plano, masculino, metálico, trecho final): “E por quê?”. (01:54:47)

(03/03/22) (01:55:00) (Velocidade 80%)

(Primeiro plano, masculino, médio/agudo, metalizado): “(A)terrizá”.

(Primeiro plano, masculino, médio, fanho): “Leva às conta que eu repeti”.

(Primeiro plano, masculino, médio transitando para grave, fanho): “Descartando o povo (pausa) xucro”.

(Segundo plano, masculino, médio): “Diz pra elo” junto com “descartando” da expressão anterior.

(Segundo plano, masculino, médio): “Mulher por fogo em Lucifêrti”.

(Primeiro plano, masculino, médio/grave transitando para muito grave, fanho): “Ondê fis-cou o exêrcio” “por terra” (erre aspirado em terra). “Por terra” mais trecho seguinte se entendeu depois como “por quê que fez?”.

(Primeiro plano, masculino, médio/grave transitando para muito grave, fanho): “Quem de óculus marcha em crianças”.

(Primeiro plano, masculino, médio/grave transitando para muito grave, fanho): “Pois, porque foi pra nós fazer achei melhor avisar pra não fazeer”.

(Primeiro plano, masculino, médio transitando para grave, fanho): “Você focou no 'Banri Scarri Corner”.

(Primeiro plano, masculino, médio/grave transitando para muito grave, fanho): “Foi onde, acredito” “poder over” “causa” (médio) “arco felí (feli é oxítone)” “nus negócios” (parece ser coro, fanho) “sem calça” “faz que a morti veim” (em segundo plano, “a morti venha” onde coincidem).

(Primeiro plano, masculino, médio, fanho, em coro com feminino): “Pur melhor consert(o).

(Segundo plano, feminino, médio): “Você é forti, senti lá”

(Primeiro plano, masculino, médio, fanho, em coro com feminino): “Puxê sete e sete”.

(*Trechinho final, metalizado*): “Porque!”.

Ao tentar entender, a expressão anterior, no trecho completo, mudou algo: “Nus negócios sem calça faz que a morti veim-venha” “pur melhor consert(o)” “você é forti, senti lá” “sete e sete lá”. Sendo que “forti, senti lá” e “sete e sete lá” ocorrem simultaneamente. (03:10:37)

(04/03/22) (00:52:22) (Velocidade 70%)

(*Primeiro plano, talvez masculino, metalizado*): “Têrminá”.

(*Primeiro plano, masculino, médio, fanho*): “Leva as coisa, põe no site (se escuta “sáitx”)”.

(*Primeiro plano, masculino, médio, fanho*): “Escapou do víru” → “Escapando vivu”.

(*Segundo plano, feminino, médio*): “Vai discordá ele, viu?”.

(*Primeiro plano, masculino, médio, fanho*): “O que é contíguo e o que é o bombons depois de” “ruitsia” (“ruicja?”– grave). “Ruicja” é acentuada tonicamente em “i”.

(*Primeiro plano, masculino, muito grave, fanho*): “Nestos, cores, nesto” “to-que-to-que” (grave).

(*Primeiro plano, masculino, muito grave, fanho, dueto com grave*): “Ele tem prior que informa consciência”.

(*Primeiro plano, feminino, grave, fanho, dueto com masculino médio, transitando do primeiro ao segundo, meio cantado*): “Mas tem como uma forma consciente”.

(*Primeiro plano, masculino, muito grave, fanho*): “Nenhum onde vier tiver certeza (pausa) Vicentx”.

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho, dueto com feminino, médio*): “Você ajudou na esclaricência”.

(*Primeiro plano, masculino, muito grave, fanho*): “Foram dez que me pertube, lhe pertube” (perturbe?).

(*Primeiro plano, masculino, médio/grave*): “O Marco Feli” (Fêli é oxítone) → “Do grupo *O Marco Feli*”.

Refazendo a expressão toda: “Foram dez que me pertube, lhe pertube, do grupo *O Marco Feli*”.

(*Primeiro plano, masculino, médio/grave, fanho*): “Nos negócios já sem calças”.

(*Segundo plano, feminino, grave, meio ondulante*): “Do meu mano” ocorrendo onde deveria estar “Nos ne-” de “nos negócios” da expressão acima. Ocorre que “nos negócios já” se transformou em “dócil já”, com a supressão do início e permitindo que o segundo plano se expressasse.

(*Primeiro plano, masculino, médio/grave, fanho*): “Dócil, já sem calças,

faz negócio de olho em um maior quer pegar”. (Nota complementar: ontem, ao lavar a roupa de trabalhar em casa, o autor percebeu que as calças, que já tinham rasgado na altura das pernas, rasgaram também na altura do bumbum, o que determinou a decisão de eliminá-la, ou seja, ficou “sem as calças”. Não se sabe se é referente a isso ou outra coisa. De qualquer modo, nesta altura já se transformou em “negócio que ele não quer pegar” → “aposto que ele não quer pegar”. Qualquer uma destas duas expressões são escutáveis dependendo do ponto de vista adotado.

(Primeiro plano, masculino, médio/grave, com feminino): “Pur quê sete e sete” → “por quer setx i setx? (séti i séti)”. Esse “quêr” é uma mistura de “que” com “ser” pois ambas as palavras são pronunciadas simultaneamente, sobrando o “erre” final a denunciar a dissonância.

(Segundo plano, feminino, coro, médio): “Porque vai pro rádio”.

(Primeiro plano, trecho final, metalizado, talvez masculino): “Por ter”. (02:15:43)

Fluxo reverso

(04/03/22) (02:17:30) (Velocidade 79%, por descuido)

(Primeiro plano, masculino, médio, fanho, metalizado, dueto com feminino em coro, aparentemente sussurradas): “Disputâncias” (masculino/metalizado) “mispareceram” (começa mais masculino metalizado e vai sumindo em fading enquanto o coro feminino prevalece forte no restante).

(Primeiro plano, masculino, muito grave, fanho): “Pra rever se é Inês Paulínia talvez faz questionáveis, talvez” “cólogo monodo” (masculino, médio, normal) → “cólo do monodo”.

(Primeiro plano, masculino, médio/grave): “Mija com o sarro dele”.

(Primeiro plano, masculino, muito grave, fanho): “Saco firme”.

(Primeiro plano, coro, grave, fanho, aparentemente com masculinas e femininas mas difícil de garantir). “Vê de indicá amôrrr”. Esse “amor” tem o “orrr” tremido. Além disso há um ruído que parece uma batida de pandeiro bem em “cá” de “indicá”

(Primeiro plano, masculino, muito grave, fanho, dueto com feminino): “Por quê ficá com o novo fácil?”.

(Primeiro plano, masculino, grave, fanho, dueto com feminino): “Por ter bem melhor novidente novo incidência”.

(Segundo plano, feminino, médio): Diz algo difícil de entender mas que

se parece com “dá” junto a “-dên-”.

Refazendo...

“Bem melhor novidente, novo índice vem cego”. (Nota: o autor reservou um lugar para o índice, sem preenchê-lo, deixando esta etapa para o final.)

(Primeiro plano, masculino, médio/grave, fanho, dueto com feminino, cantado): “Logo mostro Márconáto, não é de hoje”.

(Primeiro plano, masculino, muito grave, fanho, dueto com feminino): “Dinhelisco pra fazer disco lang studiér”.

(Primeiro plano, masculino, muito grave, fanho): “Por qué foi grande esforço, grande ângerî pra 'vouz-ce' lido”.

(Primeiro plano, masculino, médio, fanho): “E só reforma o artigo depois e só”. (O autor transcreve o conteúdo dos áudios, deixando a edição do texto para depois.)

(Segundo plano, masculino, médio mais grave e sonora): “E só reforma o artigo, deforma, também.”

(Primeiro plano, masculino, muito grave, fanho, dueto com algo indefinido): “Talvez façás uma filha também direito ao roi”.

(Primeiro plano, feminino, médio, talvez coro): “Faz um rito” ou “faz um grito” dependendo do ponto de vista adotado, visto que se entende uma coisa ou outra. Difícil é perceber ambos os pontos de vista simultaneamente pois “dá um nó” no cérebro, por não ser acostumado a escutar duas coisas parecidas (mas distintas) ao mesmo tempo. (03:25:20) O autor já tinha fechado o processador de texto quanto percebeu nova mudança, que registra aqui: “vai dormir” e “pra dormir” → “vároni” → “fórum mi” → “foram-me”. Por ser tarde, parou-se aqui. (03:28:53)

Mais uma abertura para terminar com a voz do autor, que passou despercebida.

(Voz do autor): “Se o quão corregis desk miavá). “corregis” é oxítona. (03:32:12)

(04/03/22) (23:28:43) (Velocidade normal)

(Primeiro plano, masculino, médio, fanho): “Que tu fez pra ti ver(pausa)sário”. “sário” vem em feminino, dueto ou coro. (Seria

“berçário”?)

(Primeiro plano, masculino, muito grave, fanho, dueto com algo indefinido): “Toda vez que azuêia fazer sós pra saúde pro just(o)” “pega no balde!” (“pega no balde!” vem acelerada, masculina, média/grave).

(Primeiro plano, masculino, médio, dueto com feminino): “Se liga no fato” “se com fome” (masculina, grave) “pede à Geni pra ajudar” (coro masculino grave/feminino médio), “e tem que ser que logo fazer” (coro masculino grave/feminino médio).

(Primeiro plano, masculino, médio, dueto com feminino): “E tem que mediar, de repente nobre, é Rica(r)do Guardo Messe”. Ao selecionar apenas este nome, ouve-se: “É ricado Guardo Messe” (seria um recado de Guardo Messe ou o potencial ajudado se chamaria Ricardo Guardo Messe?)

(Primeiro plano, masculino, médio, dueto com feminino): “Marcante a fazer” (masculino) junto com “marcante até” (feminino, médio). O “marcante a fazer” desapareceu ficando apenas “marcante até”.

(Primeiro plano, masculino, muito grave, fanho, dueto com algo indefinido, aparentemente feminino em coro): “Teólogos protestantes”. A parte feminina vem quase como dueto, em eco.

(Primeiro plano, masculino, muito grave, fanho, dueto com algo indefinido, aparentemente feminino em coro): “Pesquisar no corrente mês, entrevejo”. Depois, ao resselecionar, entendeu-se como “pesquisar no corrente, tem gente, vejo”.

(Primeiro plano, masculino, médio, aparente dueto com feminino): “Esse é o recado, seja feito”.

(Primeiro plano, masculino, médio, aparente dueto com feminino): “Esse é o reverso, tem sido deste mês depois”.

(Voz do autor): “Zéu com guaragiz métniúvá”. (00:59:37)

(05/03/22) (01:00:44) (Velocidade 80%)

(Primeiro plano, masculino, muito grave, fanho, dueto com algo indefinido, aparentemente feminino em coro): “Se poder partir” “pra aparelho” (feminino, coro).

(Primeiro plano, masculino, muito grave, fanho, dueto com algo indefinido, aparentemente feminino em coro): “Pra viver-se nêssa linha, pra ver festas móveis”.

(Primeiro plano, masculino, médio): “Fiz pólogo do gnome”.

(Primeiro plano, masculino, médio, tom diferenciado): “Fuja do ferro dele” (masculino, médio) junto com “mija no” (feminino, médio),

coincidindo temporalmente com “fuja do”. Esse 'mija” passou a ser entendido como “flija”. “Fica firme” (médio fanho, outro tom).

(*Primeiro plano, coro sussurrado entre masculino e feminino*): “Médio ditai morr”.

(*Primeiro plano, coro quase sussurrado entre masculino e feminino*): “Eu sei que trôtx lôgo batxe”.

(*Primeiro plano, masculino, muito grave, fanho, dueto com algo indefinido, aparentemente feminino em coro*): “Eu tenho que lhe dar novo, vem de novo recado cego, Guardo Messe”.

(*Primeiro plano, masculino, médio, dueto com feminino predominante*): “Marcante é” (feminino, médio, metalizado), “sér teólogo a assacéssos, como quisé” “sér o delinquentx da gentx, como se”.

(*Primeiro plano, masculino predominante, médio, dueto com feminino*): “Desculpe por todas as coisas que fez pros outrooé”.

(*Segundo plano, masculino, médio, tom bem diferenciado*): Diz exatamente a mesma coisa da expressão anterior, praticamente em dueto com ela. Trata-se de uma expressão vem com tom masculino duplo.

(*Primeiro plano, masculino, médio, fanho*): “Acesso dirá que direi que eu sei direito ao boi”.

(*Primeiro plano, masculino, médio, tom diferenciado*): “Valdo vai dormii!”. (01:56:27)

(Voz do autor) : “Zéu com guaragiz métniúvá”. (01:57:31)

QUARTA PARTE

IMPLICAÇÕES TÉCNICO- CIENTÍFICAS

PRIMEIRAS CONSIDERAÇÕES

OS DADOS OBJETIVOS

AS PRIMEIRAS INFORMAÇÕES OBTIDAS

MEDODOLOGIA USADA: PAPEL FARFALHANDO

Alguns detalhes de interesse técnico-científico em uma primeira abordagem sobre o assunto.

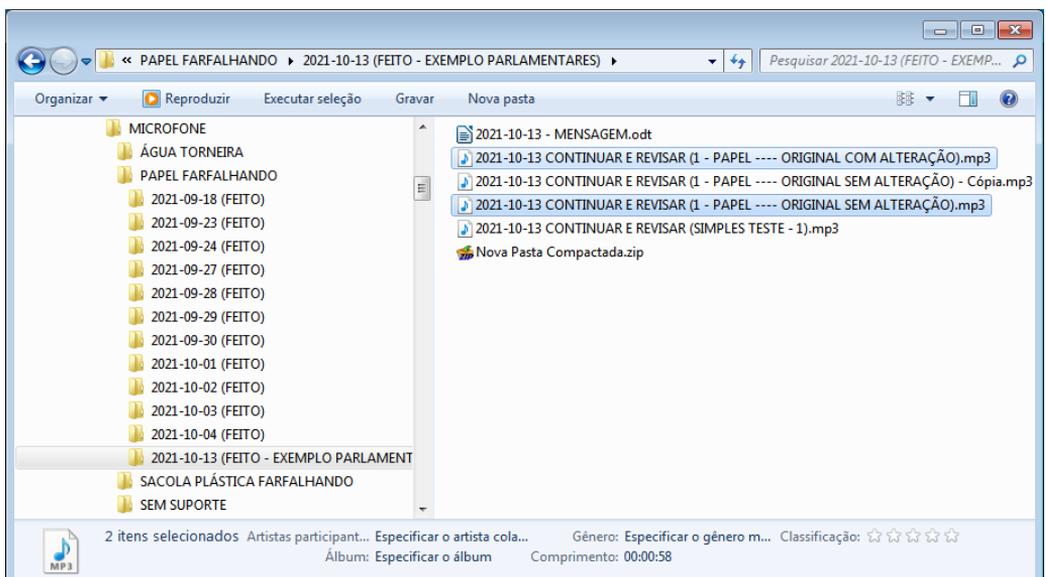
(Somente para maiores de idade)

Existência do arquivo de áudio

Os arquivos existem. Foram salvos e tem sua existência física garantida em formato digital. Independentemente de qualquer interpretação que se dê, não há dúvida da existência real do arquivo, como “*stream*” de bits, com palavras que dependem da tecnologia usada no armazenamento. Os arquivos são tão reais que podem ser escutados por qualquer um que seja capaz de ouvir sons.

Para maior objetividade, eliminando qualquer subjetividade, a existência do arquivo pode ser comprovada fazendo uso do sistema operacional como fator não humano. No caso específico do arquivo abaixo, foi usado o gerenciador de arquivos do Windows. Tal gerenciador não apenas lista os arquivos do disco como também fornece outras informações pertinentes, tais como o caminho do arquivo, se configurado para tanto, a estrutura dos diretórios dentre outras informações disponíveis, visualizáveis e, portanto, comprováveis objetivamente.

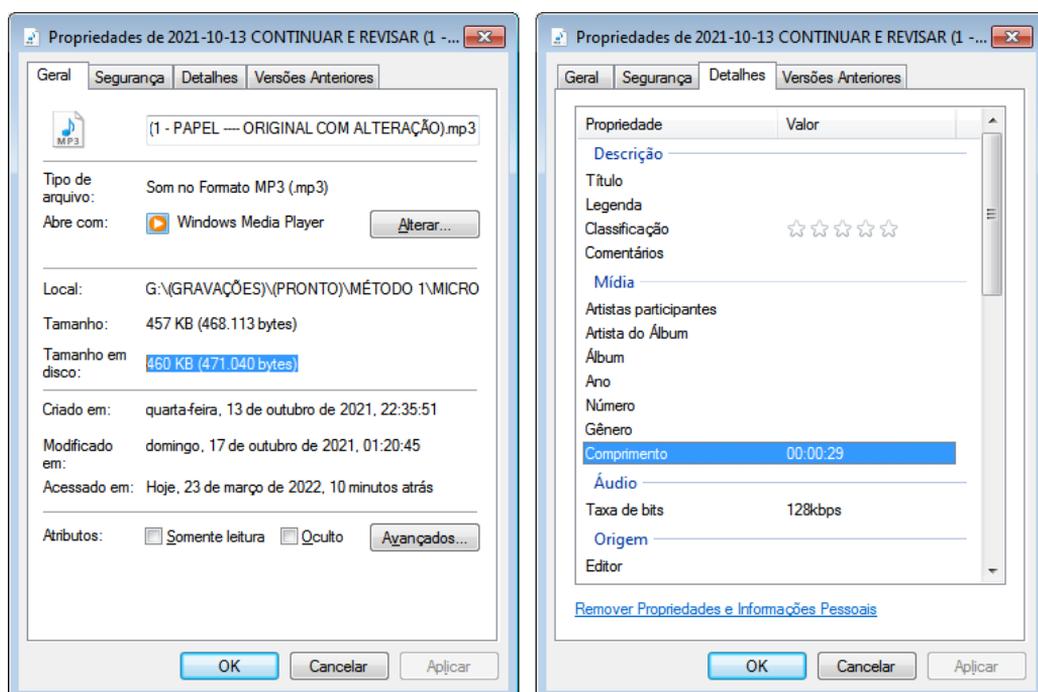
Cada sistema operacional (e suas respectivas versões), tem um modo peculiar de apresentar as informações (o conteúdo do disco) através de um programa gerenciador de arquivos. Interessa o tamanho do arquivo em disco e seu comprimento real, pois provam que ocupam lugar no espaço e tem dimensão não nula (*stream* de bits não nula, o que lhe dá um comprimento, implicando conter dados reais).



O arquivo existe, tem tamanho e ocupa espaço no disco.

A figura acima mostra a visualização, através do gerenciador de arquivos, dos arquivos usados para compor a *Parte 2* deste trabalho, ou seja, o arquivo gerado para servir de exemplo aos parlamentares e que tomou um rumo inesperado. E tal arquivo, depois de modificado e salvo, foi usado para compor a maior parte do texto já apresentado na respectiva parte citada.

O arquivo se comporta como um contêiner, confinando dados específicos que são interpretáveis por programas capazes de interpretá-los. É o conteúdo do arquivo, que existe e pode ser analisado objetiva e subjetivamente. Importa, aqui, que tal arquivo tem propriedades. E estas são mais uma garantia de sua existência real. No caso específico do arquivo citado, o gerenciador de arquivos mostra as seguintes propriedades:



O arquivo tem propriedades reais.

Tais propriedades são consistentes com o apresentado na Parte 2, lembrando que os arquivos foram manuseados inúmeras vezes, sendo movidos de um lugar para outro na medida em que se ia estruturando o local onde estavam armazenados.

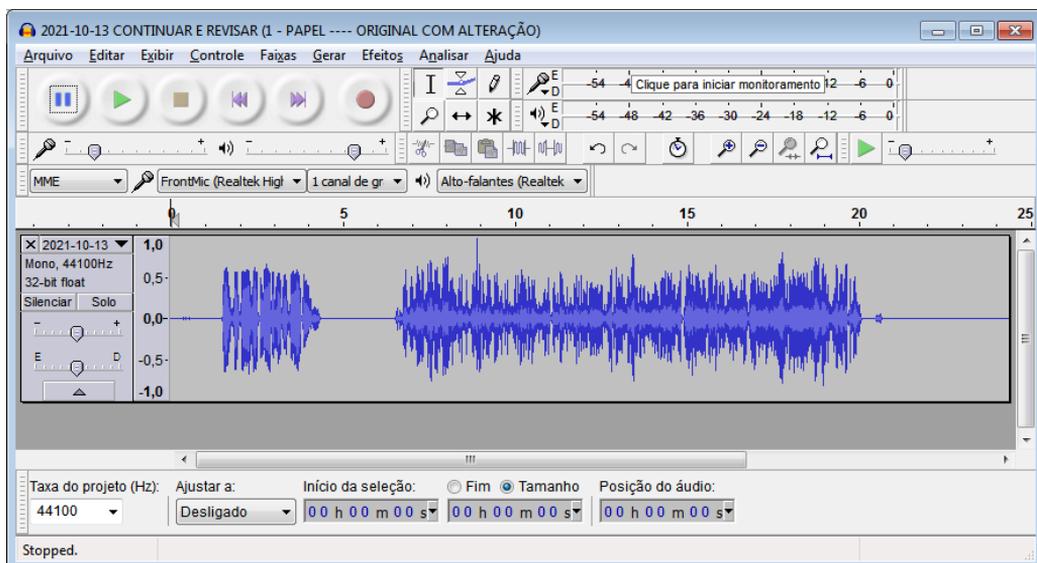
Estas informações, obtidas pelo gerenciador de arquivos, são informações objetivas, que independem da subjetividade do operador do computador. Elas mostram o que existe armazenado no disco, dentro dos limites de apresentação

do gerenciador de arquivos utilizado e das configurações de exibição adotadas.

Indo além, pode-se visualizar o conteúdo do arquivo abrindo-o em um programa capaz de interpretá-lo. É mais uma prova de que o arquivo contém dados, não nulos, ou seja, que os dados também existem. Eis:



No Windows Media Player



Conteúdo do arquivo visualizável no Audacity

Deste modo, os arquivos existem (isto é, são reais) e contém algo (conteúdo). Interessa, aqui, apenas a existência real do arquivo.

Gravação de áudio: o que se espera e o que se obtém

O que se espera, seja tecnicamente, seja fisicamente, é que o resultado de uma gravação de áudio via microfone seja uma cópia do conteúdo sonoro do ambiente em que o mesmo esteja imerso. É o que se espera. E, em geral, assim o é. *Em geral não significa sempre.*

O que se espera ao gravar ruído, como o farfalhar de papel, próximo de um microfone?

Isto:

Ruído acústico gerado (som) → Ruído acústico captado pelo microfone (som) → Transdução acústico elétrica (no microfone) → Ruído elétrico (áudio) → Processamento elétrico do ruído (basicamente: amplificação) → Transdução eletroacústica (no alto-falante ou fone de ouvido) → Ruído amplificado (som que é uma cópia fiel e amplificada da entrada).

Em resumo: você grava ruído e obtém o mesmo ruído que gravou. Pelo menos é o que qualquer técnico, cientista ou audiófilo espera obter. E, de fato, é o que a maioria tem obtido. Mas nem sempre é assim. A primeira parte desta obra mostra como, objetivamente, ao se gravar o ruído sonoro (no caso, o ruído gerado pelo farfalhar de papel), via microfone ligado a um computador, obteve-se um conteúdo que em nada se assemelhava ao esperado: ruído do farfalhar do papel.

Exige o método científico a repetibilidade do experimento. Qualquer um pode tentar tal repetição. Tecnicamente o resultado (a saída) é uma cópia da entrada, modificada pelo processamento aplicada. Limitando-se o processamento ao mínimo necessário, limitam-se as distorções (modificação do conteúdo). Excluindo-se os efeitos especiais, por serem potenciais fatores de distorção, o resultado na saída deve se assemelhar ao da entrada: farfalhar de papel na entrada sairá como farfalhar de papel na saída.

Parece óbvio. Em termos objetivos, sem interferência externa, a saída de um estágio de processamento de áudio é uma réplica da entrada, modificada pelo processamento objetivo aplicado. Em se tratando da captação via microfone de um ambiente, pode acontecer de se captar sons que o ouvinte não escute por limitações auditivas e até fatores subjetivos. Mas tais fatores inexistem depois da captação materializada, quando a saída deveria ser uma réplica processada da entrada.

Dito de outra forma, ao se reproduzir um arquivo já existente, o que se espera é um resultado fixo, desde que mantidas as mesmas configurações de reprodução adotadas inicialmente. Se o ouvinte ouvir o conteúdo de um arquivo pela primeira vez terá a certeza de que ouvirá tal conteúdo, inalterado, mesmo que o repita milhares de vezes, dentro dos limites da mídia empregada. Não se espera que, ao reproduzi-lo, este varie a cada reprodução ocasional, nem mesmo que varie durante repetições continuadas, salvo anomalias técnicas no sistema reproduzidor.

Obviamente que a interpretação do conteúdo, na etapa de saída, está sujeita a fatores subjetivos, quando materializada por agentes humanos. Mas tais fatores tem limites, não se esperando resultados totalmente inesperados que vão contra toda a lógica que norteia a objetividade. Se a gravação é de um canto de pássaros, não se espera, salvo grandes distorções, que se ouça o coaxar de um sapo. Muito menos ainda que o resultado sejam vozes humanas diretas ou modulantes. Por vozes diretas, aqui, se entende vozes exclusivamente humanas. Por vozes modulantes se entende que o original (no exemplo, canto de um pássaro) varie de tal forma que se interprete como palavras conhecidas pelos humanos, embora ainda se perceba o original (o pássaro pareceria “estar falando” através de seu canto), ou seja, o suporte utilizado dita as características do resultado modulado.

Assim, ao se gravar via microfone dois resultados são possíveis: 1 – resultado objetivo previsível; 2 – resultado imprevisível objetivamente. O primeiro resultado tem norteado a sociedade humana tal que é senso comum: se algo é escutável na reprodução, então o foi gravado originalmente deste modo, deste jeito se apresentava o conteúdo no ambiente no momento da gravação. O segundo resultado acontece quando, excluindo interferências externas, fica-se chocado com o resultado pois contrasta radicalmente (ou parcialmente) com o esperado.

Tanto física, quanto tecnicamente, o segundo resultado é inesperado. Explicações podem surgir. Mas explicações não provam nada. Alguns casos podem ser resolvidos por anomalias de ordem técnica. Trata-se de defeito de natureza elétrica, ou seja, costuma se restringir a falhas de circuitos eletrônicos. Corrupção de softwares podem produzir resultados bizarros. Mas não onde não há softwares envolvidos (como no caso de gravações utilizando simples gravadores de fita cassete, instrumento de gravação comum onde a fenomenologia também é encontrada).

Pede a objetividade que, se o resultado difere substancialmente do esperado,

haja interferência direta ou indireta envolvida. Hipóteses surgem. Mas é preciso atentar para o conteúdo inteligente, que se modifica inteligentemente. Não se espera da aleatoriedade algo que seja inteligente, que interaja com o ouvinte de modo a dar uma ou outra direção ao conteúdo, segundo uma interação impensável sem se apelar para a interferência externa. Não se pode esquecer do *fato novo*, aquele fato que surge na reprodução da gravação muito depois desta ter sido materializada. A complexidade, sem apelar para interferência externa, fica ainda maior se o fato novo é desconhecido do ouvinte interpretador e dos demais circundantes. E cresce ainda mais se for imprevisível, sendo reconhecível apenas por seus efeitos, o que acontece somente depois destes atingirem uma magnitude tal que passam a serem perceptíveis.

Soma-se a isso ao resultado mutante: objetivamente, a gravação do mesmo conteúdo sonoro ambiental, via microfone, produzirá, invariavelmente, a mesma saída que é uma réplica processada da entrada. No caso mutante, a mutabilidade é tal que o resultado é diferente para cada gravação efetuada usando ao mesmo ruído de suporte (no caso, o farfalhar do papel). Não há duas gravações iguais, todas diferem substancialmente. Deste modo, o conteúdo gravado é importante, importa, pois, considerá-lo.

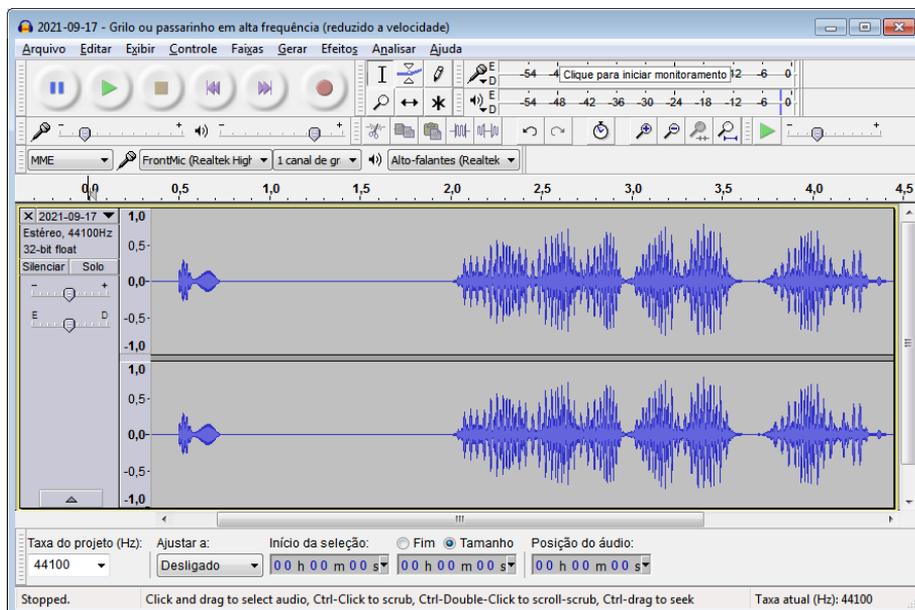
O que interessa, aqui, é que a gravação via microfone nem sempre produz os resultados objetivamente esperados. Algo vai além. Pode haver um grande contraste entre o esperado e o encontrado. Como para todo efeito existe uma causa, é de se esperar que esta causa seja determinada.

A necessidade de ruído como suporte

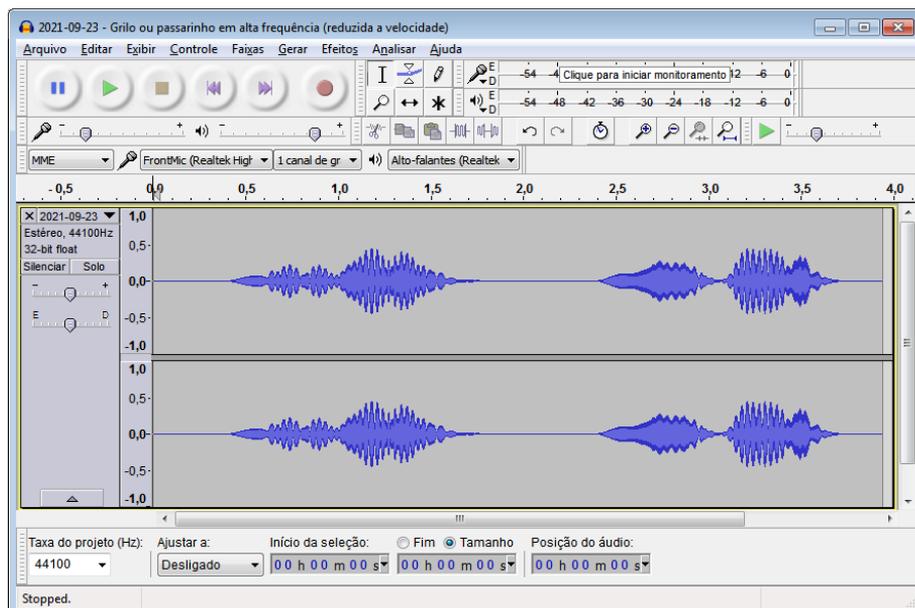
Quando se grava o conteúdo ambiental, via microfone, em silêncio e sem ruído de suporte, o resultado é o que objetivamente se espera: *nada* é gravado. Embora o autor soubesse da obrigatoriedade da utilização de ruído de suporte, pois isso já está registrado na literatura técnica, iniciou as gravações justamente sem empregar nenhum ruído de suporte. O resultado: foram inúmeros fracassos, onde *nada* era registrado dia após dia. De vez em quando eram encontrados ruídos reconhecíveis, como pios e outros, em geral exigindo mudança de velocidade para serem perceptíveis. Tais conteúdos registrados poderiam ser atribuídos ao ruído ambiental não percebido, como os produzidos ocasionalmente por grilos, morcegos, etc... e também os atribuíveis a espúrios.

Obviamente que o ruído local também era gravado, como o ruído do ventilador

do computador ou do refrigerador. Mas os ruídos contínuos, ou que tivessem um padrão de repetibilidade, podiam ser eliminados por meio da filtragem digital. Apenas os ruídos que pudessem ser distintos do restante é que sobreviviam à filtragem. Nesta categoria se incluem os sons, como pios, etc...



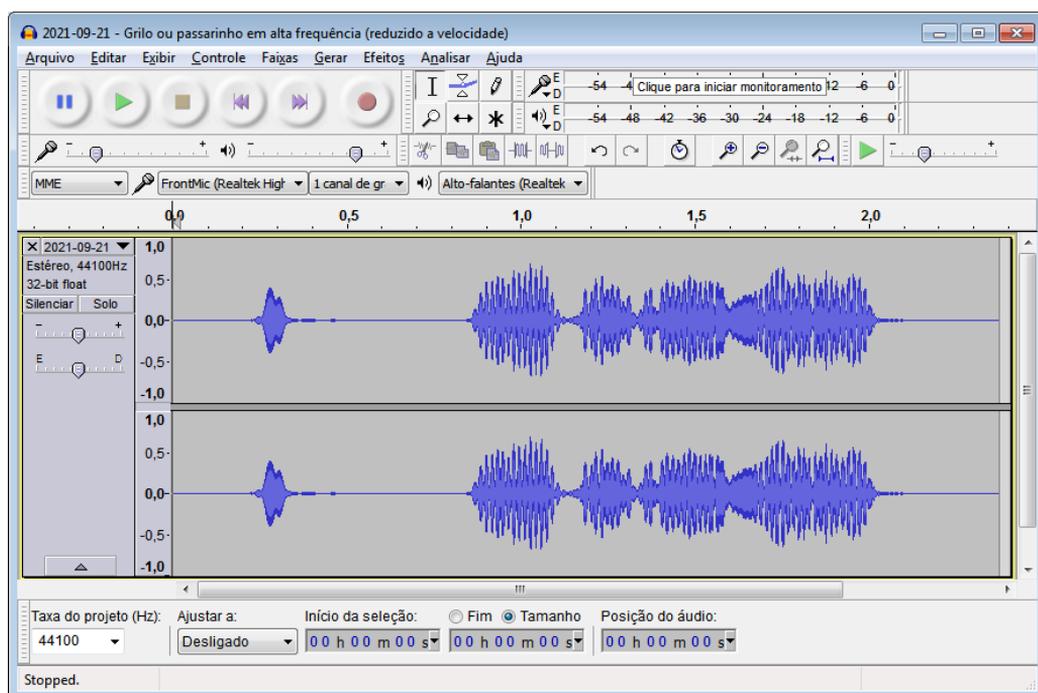
Exemplo que lembra muito um grilo.



Exemplo que é um meio termo entre grilo cantando e trinado de passarinho.

A interpretação de “com o que se parece” o som modulado gravado depende muito da subjetividade do ouvinte. O fator objetivo é que algo está claramente gravado, como mostra graficamente a forma de onda produzida pelo software processador de áudio. Não se pode negar que algo ali esteja gravado. E o software, por não ser humano, o mostra friamente, dando objetividade.

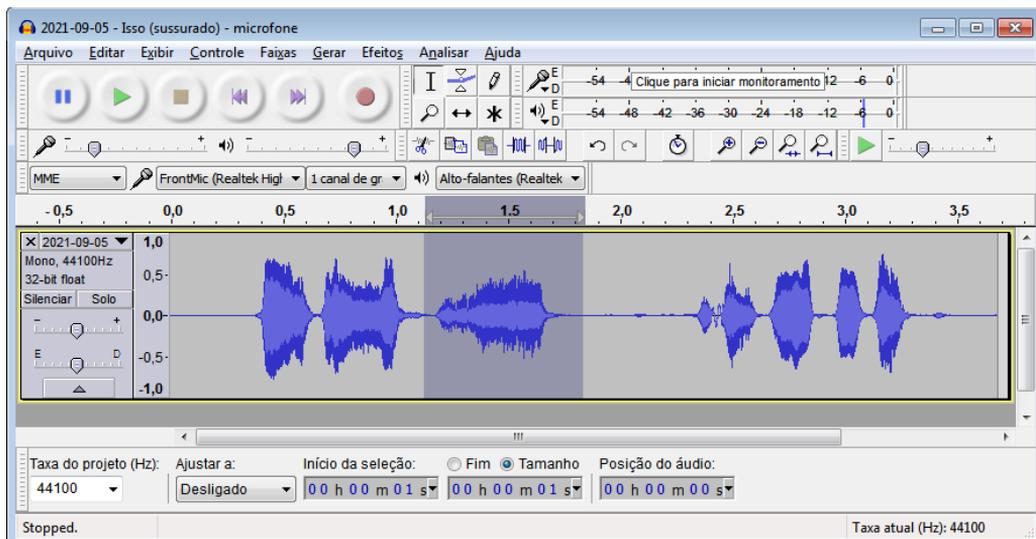
E tais fontes de ruído podem servir como suporte necessário para que uma mensagem possa ser embutida. O exemplo seguinte mostra uma espécie de trinado de passarinho, só perceptível ao reduzir a velocidade, onde tal “trinado” parece estar modulado com algo parecido com “vou conferir”. Tal “mensagem” somente foi percebida agora (27/03/2022), antes era percebido apenas o “trinado”. Apesar disso, o som se parece muito com um trinado e, só com esforço, se pode distinguir algo modulante (uma mensagem). Parece pouco mas já é um começo.



Exemplo que parece um trinado com mensagem aparentemente humana embutida.

Captou-se algo mais concreto: na figura abaixo, na região em destaque, aparece a mensagem, sussurrada, dizendo: “isso!”. O restante corresponde ao autor fazendo a sua pergunta. A resposta veio bem no meio, através da modulação de algum ruído que ali ocorreu, de modo que, embora curta, tal mensagem foi bem significativa. A explicação concreta é que o autor, antes de principiar os

experimentos, leu extensa literatura a respeito. Como leitura não se traduz em contato, eis que, ao experimentar, veio a confirmação de que o caminho era este mesmo: a prática, as gravações. Eis:



Primeira ocorrência de voz humana, no caso sussurrada (na região destacada).

A falta de ruído de suporte adiou o contato inicial pois se perguntava mas não se dava uma via de resposta (o ruído de suporte). Pode parecer absurdo perguntar, dando um ruído como intermediário, a ser analisado posteriormente. Mas o lado objetivo é justamente a modulação. Em termos físicos, inclusive técnico, um ruído pode sofrer modulação e, com isso, transportar informação. O ruído age como portador. Ao se “demodular” o ruído, fica-se com a mensagem. Ao contrário da modulação em amplitude de portadoras de radiofrequência, onde a demodulação separa as flutuações modulantes, audíveis, suprimindo a portadora que é inaudível temos, no caso do ruído modulado, a modulação feita já dentro do espectro audível, dispensando etapas adicionais para demodulação: o próprio sistema auditivo se encarrega de captar e interpretar o conteúdo. Por mais que o resultado interpretado dependa do fator subjetivo, claro está que algo existe ali objetivamente.

Essa captação inicial (dizendo “isso!”) foi um alento que alegrou, influiu decisivamente na persistência. Mas a falta de ruído de suporte somente trouxe fracassos, com eventuais “pios”, “trinados” e outros sons metalizados difíceis de interpretar, em geral no espectro superior da audição humana. Local onde o autor já é surdo e não consegue mais ouvir, obrigando a mudar a velocidade de reprodução para ver do que se trata aquela região do gráfico onde visualmente fica mais do que claro que contém algo. Sem essa mudança de velocidade tal

conteúdo é, para o autor, inaudível.

Foi então que o autor se lembrou de que alguém citou, em uma das obras da literatura lida, que o contato poderia ser efetuado pelo “farfalhar” de papel. Embora fosse apenas uma citação, sem qualquer detalhamento, resolveu o autor tentar o processo (e por quê não?), pois tudo que precisaria era acrescentar um papel sendo amassado. Ao materializar essa tentativa, eis que o sucesso foi imediato: havia modulações e o sinal modulado era abundante, durando tanto quanto o ruído fornecido (papel farfalhando). E continha um conteúdo tal que foi fácil distinguir vozes muito semelhantes às humanas embora imersas em um turbilhão de ruídos. As próprias “vozes” não eram fáceis de distinguir pois eram baixas, sussurradas, ruidosas, etc... como as partes anteriores desta obra ilustram em profusão.

Uma das primeiras coisas que o autor interpretou foi “parabéns pelo seu comezinho”. Tentou salvar mas a mutabilidade se mostrou um problema a mais. Meses depois o autor não tem mais a certeza se este início foi realmente bem compreendido, se a interpretação foi fiel ao que estava gravado naquele primeiro contato exitoso. Foi ali que se aprendeu que salvar trechos específicos pode não ser uma boa ideia. Foi neste momento que se percebeu que transcrever o áudio todo era mais relevante e permanente.

O lado importante, aqui, é a necessidade, imperiosa, de um ruído de suporte. Sem ele nada de relevante acontece. Deve ser lembrado que se está falando de gravação por microfone. A literatura cita outras formas de contato, cada qual com suas características.

A descoberta das camadas

Quando se estuda um novo idioma, a descoberta de conteúdo fonético pode ser complicada. Para distinguir os fonemas, um dos recursos usados é justamente reproduzir lentamente a fonte sonora. Outro recurso é a repetição continuada. Assim, aliando-se a baixa velocidade com a repetição se pode perceber sons que, de outra forma, passariam despercebidos ou seriam de difícil percepção.

Acontece que reproduzir lentamente é o mesmo que diminuir a velocidade, ou seja, reprodução em baixa velocidade de algo gravado com velocidade mais alta. A repetição permite que nos concentremos em detalhes pois comparamos o

que se escutou com aquilo que sabemos que ocorrerá em nova repetição. Sempre que há uma discrepância entre aquilo que se espera e o que, de fato, se escuta, refinamos o processo de percepção auditiva do conteúdo. Desta forma novos fonemas podem ser descobertos e, a partir dali, já os percebemos na reprodução normal (com velocidade normal, tal como gravado).

Pois foi pela redução da velocidade de reprodução dos arquivos gravados (pelo uso do ruído de suporte → papel farfalhando diante do microfone) que se deparou com conteúdo distinto daquele percebido na reprodução em velocidade normal. Voltando-se a reprodução para a velocidade normal, volta-se a escutar o conteúdo encontrável na velocidade normal, ou seja, há mais de um conteúdo disponível no mesmo arquivo de áudio,

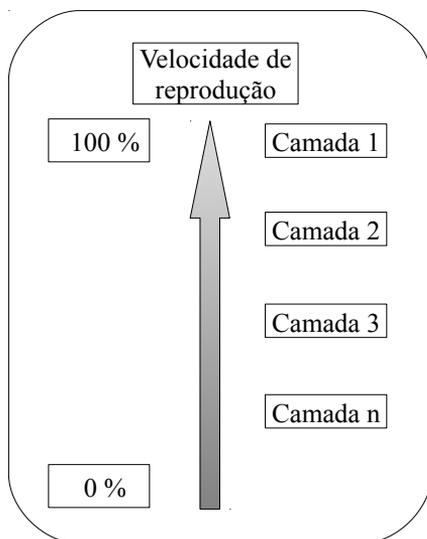
Com isso foi descoberto vários conteúdos no mesmo arquivo de áudio, gravado via microfone pelo método do papel farfalhando, e tais camadas são acessíveis bastando mudar a velocidade de reprodução. A chave de acessibilidade de novos conteúdos é a mudança de velocidade de reprodução para menos. Não se tentou alterar a velocidade para mais.

Por exemplo, se um dado arquivo de áudio gravado pelo microfone, utilizando o método do papel farfalhando (ou outro método de registro que funcione) contiver um determinado conteúdo ao reproduzi-lo normalmente, ao mudar a velocidade de reprodução para 70% o conteúdo poderá ser parcial ou radicalmente diferente. E se mudar de novo para 50%, poderá acessar um terceiro conteúdo. Para acessar os conteúdos anteriores, basta selecionar novamente as velocidades citadas.

Embora tais conteúdos possam estar estratificados em camadas, nem sempre tais camadas estarão presentes, nem mesmo há uma velocidade (ou faixa de velocidades) onde se poderá afirmar que esta ou aquela camada estará ali presente. Para encontrar as camadas, o método usado é o da tentativa e erro. Há, portanto, uma incerteza sobre um número extra de camadas (se presentes) e sua acessibilidade.

O que importa, aqui, é que o conteúdo gravado via microfone, pelo método do papel farfalhando, pode conter conteúdos distintos dispostos em camadas e que tais camadas tem a sua acessibilidade realizada ao operar uma mudança significativa na velocidade de reprodução.

Para entender melhor como se definiu a estratificação em camadas de conteúdos distintos, com base na sua velocidade de reprodução, considere a figura seguinte:



Fluxos do conteúdo: normal e reverso

Toda *stream* de dados multimídia tem uma direção para o fluxo de bits que a caracteriza. Tal direção é dada no momento da gravação, como sendo a direção normal, aquela que vai do começo ao final. Em se tratando da reprodução da mídia, tal direção normal será assumida, indo do início ao fim, ou seja, a reprodução vai percorrer os mesmos caminhos feito pela gravação, bit por bit. Assim, executa-se o primeiro conjunto de bits, após o segundo, o terceiro, etc... Procedendo deste modo, o resultado na saída será a reprodução fiel do que foi gravado. É o que acontece em uma gravação normal.

Não poderia ser diferente para *streams* de áudio. Aqui será considerado apenas a *stream* de áudio, por motivos óbvios. As gravações de áudio são unidirecionais, ou seja, tem início, meio e fim. A reprodução deve respeitar tal ordem para que o resultado final seja o previsto. Embora a direcionalidade caracterize o fluxo de dados gravados, nada impede que a reprodução seja feita ao contrário. Quando a reprodução segue os mesmos passos da gravação, temos um conteúdo inteligível, ou seja, temos um conteúdo normal e o fluxo principia no início e termina no final do arquivo.

Ao reproduzir o áudio do final para o início, ou seja, começando pelo último conjunto de bits, após o penúltimo, o antepenúltimo, etc... teremos um fluxo

“ao contrário” do que foi gravado, conhecido como fluxo reverso. Em condições normais, tal fluxo reverso produzirá um conteúdo “ao contrário”, em geral ininteligível. As partes inteligíveis de tal fluxo costumam não formar um conteúdo coerente além de soarem estranhas já que os fonemas surgem ao contrário.

Isso é o que acontece para gravações comuns, onde a direcionalidade dita o sentido da reprodução e o conteúdo que se obtém. Mas, em se tratando da gravação por microfone com ruído de suporte, tal como o farfalhar de papel (aqui se limita a esse método), a reprodução pode admitir a bidirecionalidade: no sentido normal, tem-se o conteúdo normal e, no sentido reverso, tem-se o conteúdo reverso, que é distinto do conteúdo normal, ambos compreensíveis, como se fossem gravados simultaneamente em ambos os sentidos: o primeiro conjunto de bits traz tanto a informação inicial do conteúdo normal quanto a informação final do conteúdo reverso, o segundo conjunto de bits traz os dados seguintes do conteúdo normal e, simultaneamente, a penúltima informação do conteúdo reverso, e assim por diante...

Nem toda gravação feita por microfone, pelo método do papel farfalhando, conterà um conteúdo reverso. Mas, se contiver, ele será compreensível tanto quanto o conteúdo normal. Não apenas serão compreensíveis como ambos serão diferentes entre si e, até onde se sabe, estarão relacionados. Em termos digitais, o fluxo reverso sempre será possível. Em termos de conteúdo, não é qualquer fluxo reverso que produzirá um conteúdo reverso compreensível. O conteúdo reverso compreensível só ocorrerá se a gravação também der suporte para tanto. Isso implica conhecer de antemão os dados a serem gravados. E isso é um fator de complicação nas gravações “ao vivo”, onde a imprevisibilidade dita os rumos dos conteúdos.

O que interessa, aqui, é a existência de fluxos que caracterizam os respectivos conteúdos, podendo ambos serem compreensíveis e distintos. Não se pode atribuir à aleatoriedade a compreensibilidade de um conteúdo quando reproduzido “ao contrário”, menos ainda que seja distinto e que se mantenha relacionado ao conteúdo normal. Tampouco se pode atribuir à reversão do fluxos tais propriedades, simplesmente por revertê-lo. A compreensibilidade, a distinção e a relação existente entre ambos os fluxos indicam que tal ocorreu de forma inteligente, que há um grau de inteligência envolvido e que o acaso não justifica tal ocorrência. De qualquer forma, objetivamente não se justifica o conteúdo mutante, menos ainda o fato novo oriundo dele, pois o reverso, em termos físicos, de uma *stream* de áudio, não deveria sofrer mutabilidade. A menos que tal mutabilidade dependa de influência/interferência externa e de *como* se percebe o conteúdo.

Conteúdo: dinamicidade, interpretabilidade e transcritabilidade

Ao efetuar uma gravação pelo microfone, com ruído de suporte baseado no “farfalhar do papel”, o conteúdo resultante pode vir modulado. Se nada mais foi fornecido além do ruído de suporte, ou seja, se houve silêncio no local e, ainda assim, o conteúdo registrado conter mais do que o ruído de papel farfalhando, então o conteúdo pode ser relevante. Interessa aqui o conteúdo que contenha sons que se aproximem dos sons emitidos pelos seres humanos, quer dizer, que se pareçam com a fala humana.

Tais sons registrados podem ser interpretados. A interpretação depende dos conhecimentos do intérprete, inclusive na questão idiomática. Nem todo som será compreensível. Nem tudo será interpretável. Mas aquilo que for interpretável pode ser usado para construir sentenças. Independentemente dos erros do intérprete, que é um ser imperfeito, ou da subjetividade da interpretação, há ali um conteúdo e este é interpretável.

No entanto, tal conteúdo não é estático. Ao abrir o arquivo o intérprete poderá fazer uma certa interpretação. Ao abrir de novo, nova interpretação. Abrindo pela terceira vez, uma terceira interpretação e assim sucessivamente. Há uma dinamicidade quando a gravação do ruído de suporte vier modulada na reprodução e esta dinamicidade se refletirá na interpretação. A dinamicidade da interpretação é fruto da dinamicidade do conteúdo. É o conteúdo que varia, não é o intérprete que interpreta segundo sua subjetividade momentânea.

E tais interpretações podem ser transcritas. É quando o intérprete se torna um transcritor. Interpretar é compreender o conteúdo gravado, o que também fica sujeito à subjetividade da interpretação, podendo o intérprete se expressar de diferentes formas, como a fala. Mas se o resultado se materializar em palavras, o intérprete já adentra na transcrição. O conteúdo pode ser transcrito. E assim, a gravação do ruído de suporte pode se materializar em palavras escritas de acordo com o conteúdo encontrado. Isso permite a outrem analisar o resultado sem passar pelo estresse do processo, que é esgotante.

O que interessa, aqui, é que o conteúdo é interpretável, independentemente de como o será feito e que este mesmo conteúdo pode variar à revelia do intérprete, sem que este faça nada a mais do que reproduzi-lo, ou seja, também pode ser dinâmico. Adicionalmente, a interpretação pode ser transcrita e, de

registro de sons, teremos um registro de palavras.

Mutabilidade do conteúdo do arquivo

A mutabilidade do conteúdo do arquivo independe de nova gravação, alteração ou salvamento. Sequer exige microfone ou qualquer outra fonte de entrada de sinal. Basta abrir o arquivo para reprodução (mutabilidade na reprodução após nova abertura) ou em modo repetição (mutabilidade após repetir um trecho por um período longo o suficiente). É a mutabilidade externa, não provocada pelo operador.

Em termos objetivos, o operador pode mudar o conteúdo de um arquivo fazendo nova gravação, pode alterá-la, pode fazer uso de microfone ou outra fonte de sinal e tornar tal conteúdo permanente, salvando-o.

A mutabilidade também ocorre simplesmente fazendo novo salvamento, especialmente quando a gravação é feita via microfone com um ruído de suporte, tal como o farfalhar do papel. A cada salvamento, novo conteúdo é encontrável, sendo parcial ou radicalmente diferente. Neste caso a mutabilidade é permanente. Quando ocorre durante a reprodução, em especial durante as repetições, a mutabilidade é transitória e, se não transcrita, o seu conteúdo se perde. Ainda não se conseguiu salvar/gravar trechos com mutabilidade durante repetições.

O que interessa aqui é que a mutabilidade do conteúdo existe. O que ainda precisa ser compreendido é *como* isso ocorre e qual é a influência do audiente (ouvinte) no processo.

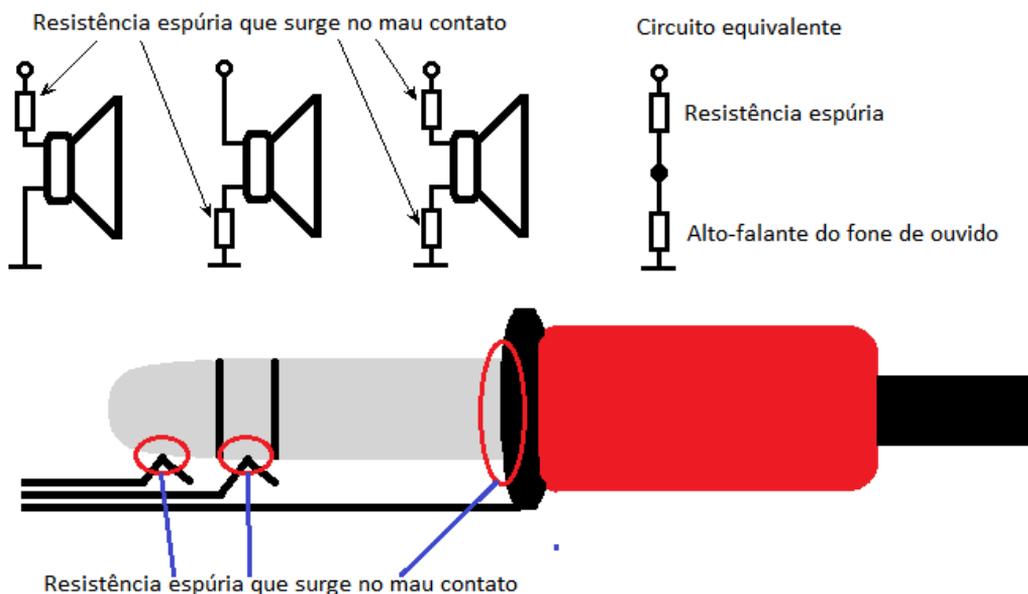
A variação do volume durante a reprodução do conteúdo

Em geral o volume é o mesmo, tal qual gravado no áudio, regulado pelo *mixer* da placa de som do computador. É o comportamento padrão.

No entanto, o som pode variar em termos de volume. A variação *para menos* pode ser tecnicamente explicada, sem apelar para detalhamentos intrínsecos à topologia dos circuitos presentes no computador. O autor teve este tipo de variação ao ouvir o conteúdo, com o sinal reduzindo e aumentando e a explicação é mau contato na junção do plugue do fone de ouvidos com o respectivo *jack* no gabinete da CPU. Bastou mexer no plugue do fone de ouvido

para se estabilizar de novo (melhorando o contato entre ambos). Este tipo de mau contato é comum no quesito *reparação* em oficinas de eletrônica.

A explicação é que o mau contato se comporta como se houvesse a inserção de resistência em série com o plugue do fone de ouvido, reduzindo o nível de sinal efetivamente entregue aos alto-falantes do fone de ouvido. Essa resistência pode ocorrer tanto no lado “vivo” (por onde chega o sinal) quanto no “terra” (por onde o sinal retorna à fonte que o forneceu). Ou em ambos, ao mesmo tempo. Essa resistência espúria, em série, contribui para atenuar o sinal entregue no transdutor eletroacústico (alto-falantes do fone de ouvido). Veja:



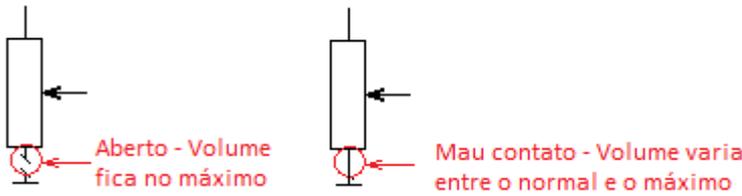
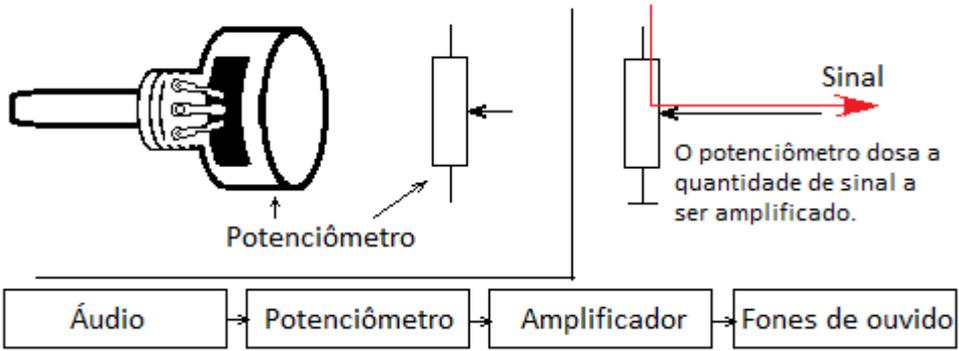
Tipicamente, a impedância de um fone de ouvidos se situa em 32 Ohms. Se o valor da resistência espúria que se forma no mau contato for da mesma ordem, em torno de 32 Ohms, o volume entregue nos fones de ouvidos cai pela metade, ou seja, metade da potência se perde no mau contato. Se o valor da resistência espúria alcançar algo próximo de dez vezes a impedância do fone de ouvidos, cerca de 90% da potência não atingirá o fone de ouvidos, ou seja, o volume ficará baixinho.

Obviamente, qualquer variação no mau contato, produzindo uma resistência espúria variável, fará com que o som fique variando para mais ou para menos no fone de ouvido podendo, inclusive, cortar totalmente o som, seja intermitentemente, seja de forma meio permanente (ou até permanente, se o

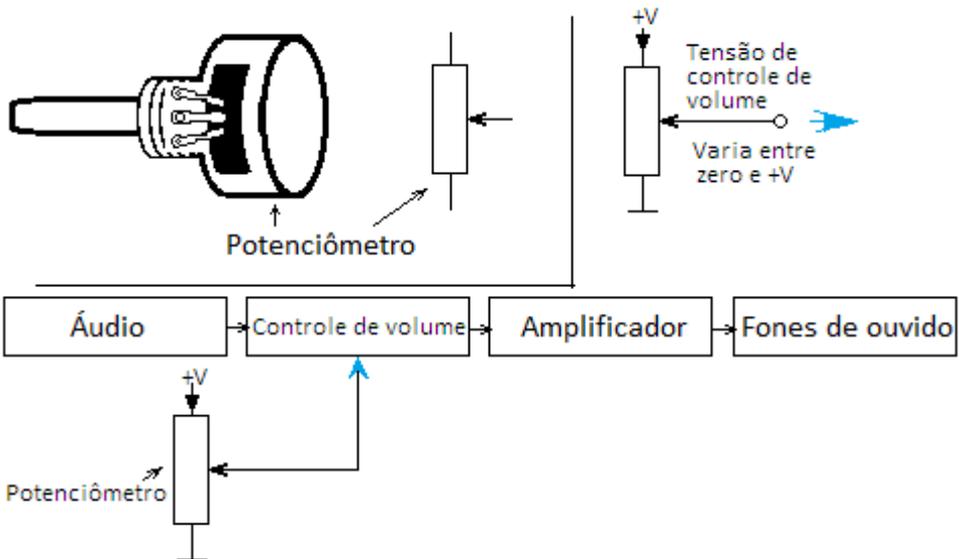
grau de oxidação dos contatos chegar a tanto). Isso, porém, não fará com que o som fique maior do que já estava antes do mau contato se manifestar. O volume anterior é o limite máximo e qualquer variação acontecerá somente desse limite para baixo. Nunca para cima. Não se cria volume alto com mau contato no fone de ouvidos.

Já a variação *para mais*, do som, em termos de volume, embora tecnicamente possível é, modernamente, coisa rara. Pode implicar defeito, também no quesito *reparação*, em oficinas eletrônicas, mas há limites práticos que, para placas de som de PC(s) tornam extremamente improváveis sua ocorrência. O volume pode aumentar, sozinho, no caso geral, em circuitos eletrônicos, por problemas no circuito de controle de volume, tipicamente um potenciômetro, defeito no controle remoto, influência espúria (interferência) no sensor de controle remoto ou problemas na malha de realimentação negativa.

O exemplo da figura abaixo mostra o potenciômetro como elemento regulador série do sinal analógico, formando um divisor de sinal. Por ficar em série com os estágios, o sinal de áudio é forçado a passar pelo potenciômetro. Como este é variável, o sinal de áudio de saída pode ser variado entre o mínimo e o máximo, simplesmente girando o potenciômetro. Acontece que falhas na ligação ou no próprio potenciômetro, podem ocasionar elevação de volume, desde que afastem o ponto de referência (massa) da pista interna do potenciômetro onde acontece a regulagem do volume. Trata-se de um defeito típico nos aparelhos de áudio cujo volume é controlado por um potenciômetro que fica em série com o sinal de áudio. Neste caso o potenciômetro atua diretamente no sinal.

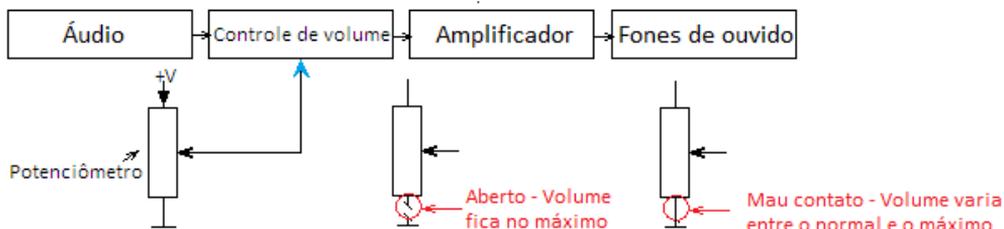


Mas o potenciômetro pode atuar de forma indireta, pela variação de um nível DC que, por sua vez, comandará o estágio que efetivamente controlará o volume.

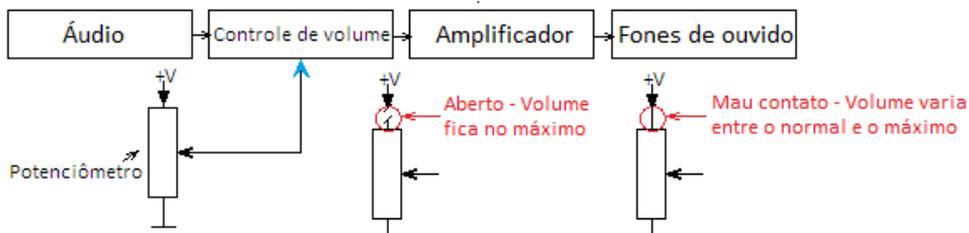


Há, neste caso, dois sistemas possíveis para controlar o volume: no primeiro, o volume aumenta com o aumento da tensão de controle. No segundo, o volume aumenta com a diminuição da tensão de controle.

Quando o volume aumenta com o aumento da tensão de controle



Quando o volume aumenta com a diminuição da tensão de controle



Obviamente que o potenciômetro pode ser do tipo deslizante mas, eletricamente, o princípio é o mesmo.

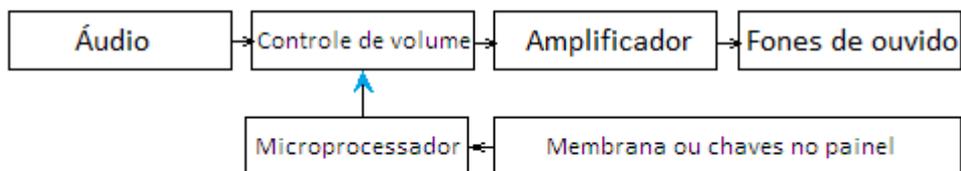
O controle de volume pode ser efetuado, também, por um *encoder*. Neste caso, dependendo da atuação do encoder o volume aumentará ou diminuirá segundo a interpretação do processador que, por sua vez, executa um programa. Independentemente da topologia, o encoder somente codificará o volume ao ser girado. Se ele estiver parado, nada acontece. É extremamente improvável que mau contato no encoder seja capaz de variar o volume, estando na posição estática. Defeitos típicos do encoder como controlador de volume é dificuldade extrema para variar o volume ou o volume atua aleatoriamente, subindo ou descendo sem controle, ao girar o encoder para um dos lados.

Similar ao encoder, há como controle de volume chaves controladas por teclas ou ainda membranas. No caso das membranas, o aumento do volume pode ser consequência de curto-circuito no contato correspondente ao “volume mais”, que costuma ser indicado por uma seta para cima (ou para a direita). No caso das chaves comandados por teclas, um curto-circuito na chave de “volume mais” (*volume up*) eleva rapidamente o som até o máximo, ficando no máximo, semelhantemente ao que ocorre com as membranas.

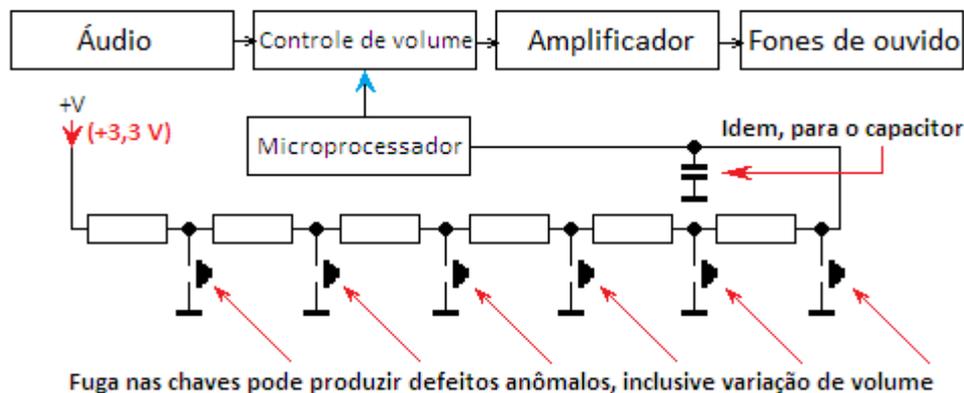
No entanto, no quesito *reparação* em eletrônica, tanto a chave de “volume mais”, quanto outras com funções diferentes podem produzir um aumento de

volume (ou mesmo a sua diminuição) se tiverem fuga (resistência espúria), operando aleatoriamente, sem qualquer comando humano. Neste caso qualquer função pode ocorrer mas, aqui, interessa apenas a variação do volume, principalmente “*para mais*”. E não apenas as chaves mas capacitores na linha de controle de volume podem atuar de forma análoga, se defeituosos. Podem ser agregados nos circuitos, principalmente se houver C.I. BGA presente, elementos protetivos, tais como duplo diodos (que podem ser do tipo zener em torno de 5,6V), em paralelo/série, de modo que se pode ter mais um elemento perturbador em caso de falhas. Tais elementos protetivos, similarmente aos capacitores, costumam ser fontes de mau funcionamento.

Quando o controle de volume é comandado pelo microprocessador em resposta à atuação de chaves de toque ou membrana no painel



Problemas com chaves no painel

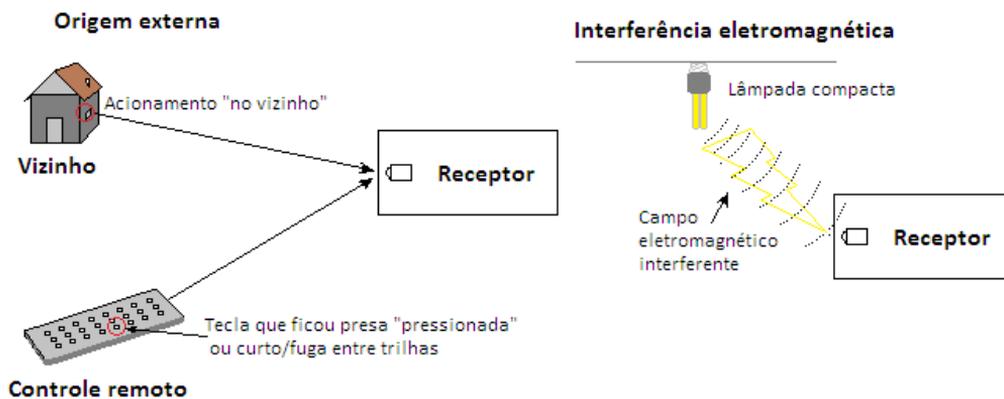


O evento pode ser acionado, ou ter origem, externamente. Este tipo de defeito, que se origina externamente ao aparelho, é causado por mau uso ou avaria do controle remoto ou interferência eletromagnética no sensor de infravermelho. No caso do controle remoto, este poderá estar com uma das teclas presa na posição pressionada (ou seja, a do *volume mais*, ou *volume up*, pois estamos falando em *aumentar* o volume, esquecendo os demais defeitos). Ou um dos contatos com curto-circuito ou fuga, podendo ser ocasionado por trilhas em

curto, visto ser comum trilhas se cruzarem uma em cima da outra (nos controles remotos mais antigos). Qualquer fuga ou curto capaz de acionar o controle remoto poderá causar problemas no aparelho receptor de infravermelho.

Em se tratando de interferência eletromagnética no sensor de infravermelho, é comum tal ocorrer com alguns sensores de infravermelho expostos à radiação eletromagnética, como sol direto ou, principalmente, luz de lâmpadas compactas (que causam muita interferência). Acontece que o microtradutor dentro do sensor de infravermelho, não consegue separar o sinal útil da interferência e acaba gerando pulsos de comando quando submetido às interferências eletromagnéticas. Tal interferência tem atuação espúria e pode causar confusão no sistema do microprocessador quando o sinal espúrio coincidir com comandos pré-programados. Em casos assim o aparelho se comporta de forma anômala, com funções sendo executadas aleatoriamente, à revelia dos usuários.

Ainda neste caso de interferência há o acionamento, em outra residência, de controle compatível cujo campo de ação acaba atingindo a casa do vizinho e acionando 'aparentemente sozinho' o aparelho de outrem. Estes tipos de anomalia desaparecem ao se colocar uma fita isolante tapando o sensor de infravermelho do aparelho, denotando serem de origem externa.

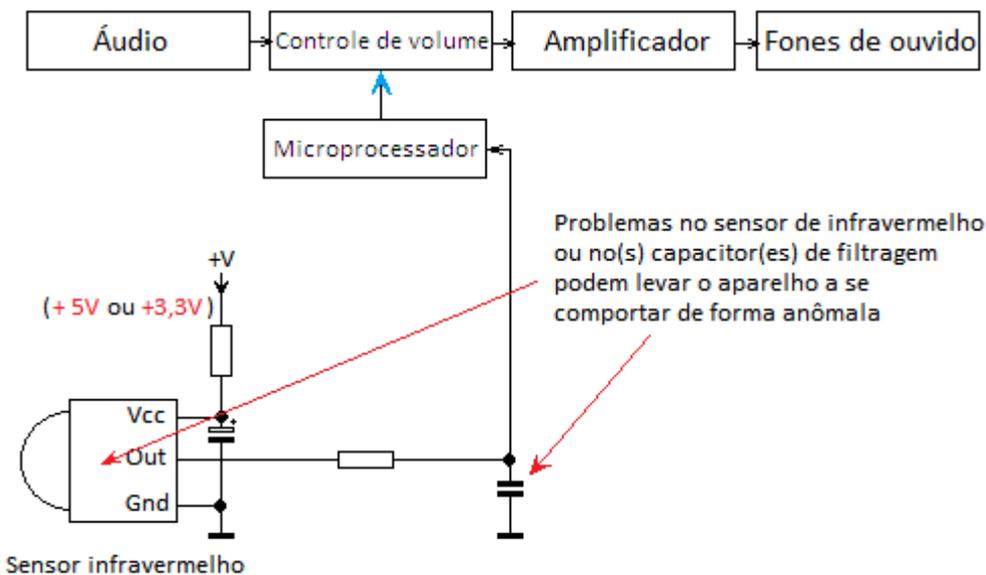


É possível que problemas no sensor receptor de infravermelho, ou componentes periféricos, em geral capacitores, também sejam responsáveis por comportamentos anômalos ligados à linha de comando por infravermelho. Neste caso a origem do problema é interna ao aparelho. Dos capacitores, o eletrolítico que filtra a alimentação do sensor, se problemático (variação de fuga) variará a tensão de alimentação do sensor (e a correspondente variação da saída, podendo ser anormalmente interpretada. Já o capacitor ligado na saída (*out*) do sensor costuma não estar presente, ou seja, a ligação é direta ao

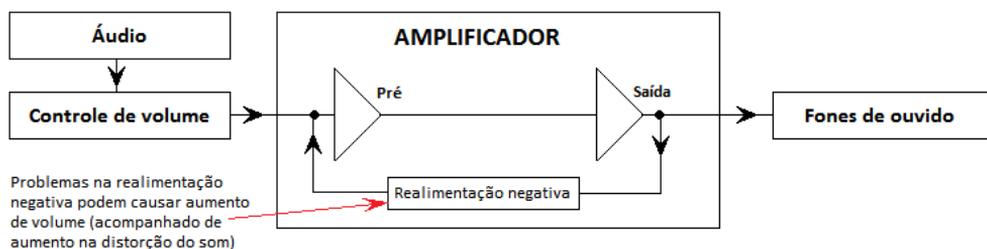
microprocessador, sem filtragem.

Apesar de possível, é muito improvável que haja uma coincidência entre o comportamento anômalo do sensor/capacitor e a codificação necessária do sinal para que seja decodificado como um comando pelo microprocessador. Justamente por causa do sensor fazer parte de um sistema que está imerso em um ambiente sujeito à múltiplas fontes de infravermelho que se faz necessário uma codificação especial. O mais provável, nestes casos, é a perturbação do funcionamento do controle remoto que deixa de funcionar ou tem sua atuação prejudicada. Alguns aparelhos simplesmente não ligam se a linha do controle remoto estiver problemática.

Origem interna



E problemas no estágio de realimentação negativa podem elevar o volume. Neste caso é muito provável que haja um aumento na distorção do som. Uma das funções da realimentação negativa, além de estabilizar, é a de limitar o ganho, diminuindo-o tanto mais quanto maior a realimentação negativa. Se essa realimentação diminuir, por falhas no circuito, o ganho (por consequência, o volume) aumenta. Outra função da realimentação negativa é diminuir a distorção, tanto mais quanto maior essa realimentação. A falha que aumentar o volume impactará na distorção. Capacitores, etc... com fuga ou intermitência afetarão negativamente o estágio de saída, que se manifestará com aumento de volume e de distorção.



Em sistemas cujo controle de volume seja analógico, comandado por um microprocessador, a saída deste conterá uma rede filtrante que poderá apresentar anomalias. No entanto, modernamente, o controle se faz por vias digitais e não analogicamente, pois isso reduz as vias de comando necessárias no microprocessador, aumentando consideravelmente as possibilidades com interface simplificada, o que é desejável em placas compactas como as placa-mãe de computadores.

As opções acima são as mais comuns mas, em eletrônica, o universo de possibilidades é amplo, dependendo da engenhosidade dos projetistas.

De qualquer forma, o autor fez as gravações com um computador PC comum, já antigo para os padrões atuais. É de se notar que tais tipos de computadores não usam potenciômetro, descartando-se este tipo de influência. Também não usam *encoders*, sequer chaves de volume no painel, não podendo ser atribuído qualquer influência a estes estágios no aumento de volume justamente por não existirem. Ademais, não usa sensor de infravermelho, descartando-se problemas com controle remoto local ou da vizinhança, nem mesmo disparos anômalos por interferência eletromagnética, típico das lâmpadas compactas. Obviamente que falhas no sensor de infravermelho inexistem pois tal sensor não está presente, nem seu circuito adjacente.

Computadores possuem uma placa de som “espetada” ou integrada na placa-mãe. E tal placa é controlada por um subsistema de som do sistema operacional (*mixer* como em geral é denominado), ou seja, o volume é controlado por software e não por hardware.

A questão do volume variar, até pode ser facilmente explicada no caso do volume variar “*para menos*” devido a maus contatos nas conexões do fone de ouvido, com aumento da resistência, o que implica em uma maior impedância. Se trata de um efeito natural cuja causa é o aumento da impedância por causa da imperfeição do contato. Isso não explica o “aumento do volume”, ou seja, “*para mais*”. Maus contatos na conexão não aumentam o volume.

Tecnicamente o volume pode disparar ou, dependendo do defeito, aumentar certa quantidade, devido a problemas de hardware. Mas, uma vez que tal problema exista, se espera que se manifeste com certa regularidade, ou aleatoriedade (ou, até mesmo, que se torne permanente).

No entanto, ao “rodar” certo trecho em repetição, e o problema acontecer apenas neste trecho, a coincidência seria um tanto estranha pois há, aí, uma variação temporal, embora o trecho seja fisicamente sempre o mesmo. Quando o controle de volume é dado dinamicamente por software, elimina-se o estágio de controle de volume analógico, fonte potencial de mau contato (chave, potenciômetro, resistência *pull up*, dependendo da configuração adotada). O controle de volume passa a ser comandado por software mas, no final das contas, o elemento que realmente controla o volume estará integrado como um subcircuito, ou seja, dentro de um circuito integrado.

Não costuma ser típico um defeito de “aumentar o volume” em circuitos assim. Seria, na verdade, uma exceção. Agora, se o aumento de volume for relatado no conteúdo da própria gravação, não se pode atribuir tal aumento a falhas do sistema ou subsistema a menos que tal informação exclua interferência externa à parte física.

No caso prático, nestas gravações, observou-se queda de volume com retorno ao normal, queda que era menor ou maior, quase ficando mudo e, ao mexer no conector do fone de ouvido tal problema se resolveu. Ou seja, neste caso específico foi uma falha de hardware.

Obviamente que o autor também teve aumento de volume sem que nada tenha sido feito para tal. Ao reproduzir a gravação, simplesmente aconteceu, e mais de uma vez. Mas foi somente de forma específica, em certos trechos e durante certo lapso temporal. Não tem acontecido de forma a caracterizar alguma anomalia dos circuitos ou softwares. Tudo indicou que o aumento de volume observado foi proposital, como forma de introduzir uma modalidade de efeito especial no sinal. Assim foi percebido no momento.

Mas também teve aumentos de volume setorizado, ou seja, *fading* de um sinal em primeiro plano, para dar lugar a sinal do segundo plano, que ascendeu em volume, indo de fraco a forte. O sinal de primeiro plano vai sumindo em certo trecho e seu lugar fica a descoberto para que se expresse um segundo plano, que ganha vida e, às vezes, complementa o primeiro mudando a significação da expressão inicial para outra diferente. Embora evidente para quem faz transcontatos, para técnicos que somente vem pelo ótica física seria mais adequado que tais variações fossem descritas no próprio conteúdo do sinal para

evidenciar a propositalidade e a interferência externa, incluindo a não física. No caso, os falecidos não indicaram que provocaram este ou aquele efeito, apenas o materializaram.

É preciso notar que, fisicamente, ao se excluir influência externa, depara-se com uma impossibilidade: a simples reprodução repetida de certo trecho do arquivo já carregado na memória não deveria ter seu conteúdo variado de modo a que um primeiro plano ceda lugar a um segundo que, gradualmente, o domine. Tecnicamente, para que partes do conteúdo variem de forma independente, seria necessário não apenas ter controle de cada parte que o compõe mas também de atividade concreta para atuá-la. De outra forma um conteúdo fixo reproduzido, sem interferência, deve-se manter inalterado.

Mas eis que tais variações foram concretas, sem qualquer ação do autor ou dos programas, para efetivá-las. O autor nem mesmo sabe como separar um primeiro plano de um segundo, se soubesse a interpretação do conteúdo dos arquivos seria tremendamente facilitada. Menos ainda limitar partes do primeiro/segundo planos de modo a revelar o plano favorecido. E, ainda menos, aumentar o volume somente do segundo plano. Ademais, a transição de segundo plano para primeiro, de modo a complementá-lo ou substituí-lo com precisão é mais uma incógnita tanto física, quanto técnica, sem aplicar uma interferência. E a complicação aumenta, ainda mais, se considerar-se a mutação do conteúdo sem qualquer interferência externa. O autor nem sabe como alterar o conteúdo de um arquivo a seu bel prazer para que a mensagem inicial se transforme em outra final, passando por múltiplas etapas intermediárias.

As variações de volume, para mais, foram reais, ocorreram mesmo. Fisicamente tal variação, por se tratar de hardware de PC comum, deveria ser produzida ou por falha do hardware (e não se detectou nada de anormal em outros momentos) ou por problemas de software. Nada indica qualquer anomalia de software. Intermitências são admissíveis para hardware mas não para softwares, a menos que estes reflitam aqueles. Tanto hardware quanto software defeituosos deveriam ter suas falhas mantidas a menos que se acredite que houve uma autocura. E isso se torna ainda mais complexo quando se leva em consideração a propositalidade que se revela.

É preciso lembrar que as variações de volume para mais ocorreram com o áudio carregado na memória por um software específico, que estava em repetição, tornando muito mais difícil atribuir tal evento a outras fontes de atuação. Tipicamente, o controle de volume, modernamente, é feito por comandos digitais (transportados por barramentos com *clock* e *dados*), oriundos do microprocessador que, por sua vez, obedece a um programa. Em computadores

a complexidade é muito maior pois há *chips* específicos que interagem com o microprocessador e se encarregam dos subsistemas. Em se tratando de softwares, o sistema operacional interage com múltiplos programas e o resultado dessa interação se manifesta no hardware. É difícil, senão improvável, que uma atuação não esperada surja com tal precisão em um trecho específico que está rodando, que possa ser atribuído a falhas ou manipulações de terceiros.

Soma-se, dentre essas variações de volume, um efeito bem interessante. Em certo momento o som, que era mono, portanto com níveis praticamente idênticos em ambos os lados do fone de ouvido, teve variação espacial de modo que ora ficasse bem mais alto em um dos lados, ora no outro, algo bem mais intenso do que o encontrado ao se comutar entre mono e estéreo nos aparelhos reproduzindo um sinal estéreo, tal como na recepção de FM. Mais do que “ficar estéreo” o sinal se comportou como se comandado por uma mesa de som, com um controle de balanço, com um operador intencionalmente posicionando tal controle de um lado para outro, de forma contínua. O resultado foi tal que parecia nitidamente haver propositalidade em tal variação. Embora tanto física quanto tecnicamente tal variação não seja um mistério, este surge ao se considerar que não deveria haver qualquer interferência em um trecho de áudio, rodado por programa específico, já carregado na memória e em repetição.

É preciso notar que existem programas capazes de posicionar o sinal espacialmente, dando as mais diversas sensações quando ativos. Mas o relatado acima se refere a programas comuns rodando um arquivo gravado no formato mono, presumivelmente sem qualquer interferência tanto do operador do computador quanto do hardware/software integrantes do equipamento.

O que interessa, aqui, é a variação (principalmente “para mais”) do volume do conteúdo do arquivo, de um trecho em repetição, sem que nada tenha sido feito para que tal variação ocorresse. Como para todo efeito corresponde uma causa, esta pode ser melhor compreendida se esforços de pesquisa de sua origem forem despendidos. Tudo leva a crer que há interferência, que é atuante e inteligente, capaz de transformar uma realidade em outra. Aparentemente a atuação não é apenas física mas vai além.

Colocando em teste certas afirmações

O autor se deparou com certas afirmações e resolveu testá-las na prática. São, basicamente, duas:

1. Surgimento de voz, do nada, diretamente no alto-falante;
2. Eletricidade usada onde se requer potência relevante.

A primeira opção apareceu na literatura técnica sobre transcomunicação, onde se afirmou que mensagens de voz surgiram “diretamente” no alto-falante. Para um técnico, “diretamente” implica que houve acionamento do alto-falante sem usar dos recursos técnicos que são normalmente utilizados para acioná-lo. Em geral, embora haja outras formas de uso, um alto-falante faz parte, como transdutor eletroacústico, da etapa de saída de um amplificador de áudio. É o componente eletrônico que faz parte da interface homem-máquina, o destino de todo processamento de áudio de potência, a “última peça” da cadeia de amplificação de áudio, aquela peça que interfaceia o ouvido humano (que só compreende som, que não passa de rápidas compressões/descompressões das moléculas do ar) para que perceba o que acontece nos circuitos elétricos de áudio (onde o “som” é de natureza puramente elétrica, chamado tecnicamente de *áudio*).

A segunda opção, que surgiu como afirmação, tem efeitos de potência, onde a eletricidade foi usada. Tal afirmação foi encontrada em dois lugares: em uma citação da Bíblia, onde se afirmou que foi “queimado” carne encharcada, com a eletricidade vinda do alto, de forma atípica e em uma declaração de evangélico (já falecido) de que, tendo faltado luz (eletricidade), o seu computador (CPU e acessórios), e apenas ele, continuou funcionando apesar de que em tudo o mais não havia luz, nem mesmo na lâmpada que iluminava o cômodo onde trabalhava, ou seja, o computador foi alimentado como se houvesse um “*no-break*” (UPS) instalado. Em suma, eletricidade “surgiu do nada” pelos percipientes, mas que sabiam sua origem, deixando-a claro em suas afirmações.

Teste prático para testar voz surgindo “diretamente” no alto-falante

Para este teste o procedimento executado foi o seguinte: pegou-se uma caixinha de som (dessas que se usam em computadores), extraiu-se tudo de dentro dela (basicamente a fonte de alimentação e o amplificador de áudio, dependendo do tipo de caixinha), tudo exceto o alto-falante. Em resumo, ficou apenas o alto-falante e o gabinete que o condiciona (a intenção, caso o resultado fosse positivo, ou seja, se vozes surgissem no alto-falante, era de tirar também o

gabinete, deixando apenas o alto-falante, a descoberto). É de se notar que o gabinete permite isolar a parte frontal da posterior do alto-falante, para que o rendimento seja o máximo, por isso foi mantido. Mas isso poderia ser substituído por “parede” de isolamento, de modo a manter o alto-falante visível embora ainda preso nela. O alto-falante isolado (sem qualquer gabinete ou “parede” de isolamento) tem grande queda de rendimento.

O resultado obtido, depois de certo tempo, não foi bem o esperado. Não surgiram vozes “diretamente” no alto-falante até agora, meses após (16/05/22) mas este também não ficou mudo. Este teste foi criado logo que se iniciou as gravações dos falecidos pois a literatura sobre transcomunicação já era conhecida e o autor já era técnico há décadas.

Inicialmente se ouviam “estalos”, provavelmente oriundos do forro, estalos que eram frequentes, e a dúvida surgia: eram dilatações/contrações de origem térmica ou algo diferente? Por diferente deve ser entendido que o autor tem conhecimento de literatura espiritualista e que “estalos” em paredes ou teto são fatos mencionados como integrantes dos eventos citados em tal literatura, segundo a explicação dada. Tais estalos tem como característica serem agudos e intensos.

Com a colocação da caixinha somente com o alto-falante, passou-se a ouvir estalos diferentes, mais graves e macios, e bem menos intensos. Tais “estalos” são parecidos com o ruído no alto-falante quando se aplica um pulso de corrente contínua, retirando-o após. É mais grave do que aquele obtido por um multímetro analógico em alto-falantes do mesmo tamanho, como se o cone do alto-falante sofresse uma excursão maior, parecido com o que acontece quando se tem o estágio de saída (de um amplificador) defeituoso, mas sem o ronco característico dos amplificadores alimentados pela rede elétrica.

Se deve notar que o autor não suporta barulhos, vive reclamando de perturbações e usa protetor do tipo “abafador” (de 29 dB). Talvez por isso o som vem mais brando (“bem menos intenso”), ficando até difícil percebê-lo em meio a outros ruídos. De qualquer forma o autor procedeu a troca do forro que foi atacado por cupins, utilizando em seu lugar madeira, para paredes, de eucalipto (que é um tipo de madeira dura). Entenda-se: colocou madeira de parede no teto. Não se sabe se é por causa disso ou não, mas os estalos agudos, intensos, típicos, vindo aparentemente do teto, rarearam, ainda existem mas é raro escutá-los. Antes eram frequentes.

No entanto, durante a troca do forro, removeu-se tudo da sala onde está o computador, inclusive a caixinha contendo somente o alto-falante, usado para

teste. Com o término da troca do forro, que demorou em torno de um mês (ou mais) visto o autor trabalhar apenas nos fins de semana e ser necessário outras atividades (limpeza, passar produto anticupim, consertar telhado, etc...). O fato é que, após o término, tendo voltado todas as coisas ao local de origem, esqueceu-se da caixinha contendo apenas o alto-falante, que ficou “entulhada” junto com outras coisas em um quarto (o autor continuou trabalhando em outras dependências). Depois de um tempo, através das mensagens captadas, surgiu a reclamação:

(Primeiro plano, masculina, grave, bem complexa entre tremida e melodiosa, difícil de descrever): “Alto-falante” “descolocô”.

Foi quando o autor se deu conta que estava faltando a tal caixinha de teste contendo unicamente um alto-falante em seu interior e mais nada. Mais que depressa localizou a tal caixinha, repondo-a em seu devido lugar (em cima da CPU, próxima do autor). Essa caixinha tem a particularidade de estar sempre disponível, isto é, não depende de qualquer alimentação para funcionar. Estalos vem da direção desta caixinha geralmente quando o autor demora para fazer algo que implique contato com os falecidos. Estalos parecem vir “como um alerta, uma reclamação” como quem diz: “ei, não está esquecendo de nada?”, ou “estamos aqui esperando!”.

Mas, com o retorno da caixinha, nunca mais se recebeu mensagem indicando que a caixinha estava deslocada. Devido ao fato do autor usar protetor abafador quase ininterruptamente, fica difícil encontrar um momento em que, por não o estar usando, a caixinha possa ser acionada. Talvez isso explique porque não se ouvem vozes diretamente pelo alto-falante: porque o alvo de tais vozes não pode escutá-las visto estar com os ouvidos sempre tapados pelo abafador.

Teste prático para testar a produção de eletricidade “do nada”

Ao mesmo tempo em que o autor fez o teste prático para as vozes diretamente no alto-falante, também fez o teste para o surgimento de eletricidade sem um circuito elétrico típico.

Imaginou o autor que, como passo inicial, bastaria usar um LED sem qualquer conexão elétrica. Caberia aos falecidos acenderem tal LED e, para isso, teriam que suprir a necessária polarização do LED, isto é, fornecer energia elétrica. Obviamente que não se trata de um circuito de potência e sim de um elemento

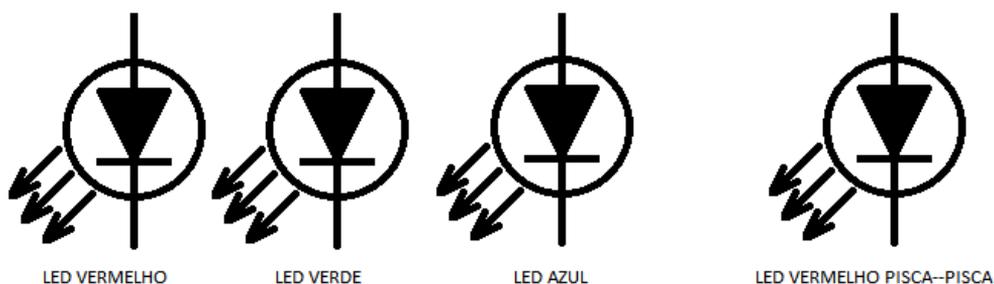
de baixo consumo. Mas não se pode começar com alto consumo se não se sabe quais são as limitações existentes. Por isso o passo inicial foi de exigir que fosse suprido um baixo consumo, pelo menos isso. Menos que isso ficar-se-ia muito longe de “alta potência”.

LEDs existem de diversos tipos, com diversos consumos de eletricidade. Tipicamente um LED vermelho acende com uma tensão de 1,7 ou 1,8 volt. Um LED verde ou amarelo acende com uma tensão de 2,1 ou 2,2 volts. Um LED azul acende com uma tensão de 2,5 volts. Um LED branco com uma tensão de 3 volts. O LED pisca-pisca vermelho pode ser polarizado com a mesma tensão do LED vermelho. Qualquer um deles funciona bem com uma corrente de uns 10 mA (miliampères). Há os LEDs difusos, os de alto-brilho e os de potência. São encontrados em encapsulamentos SMD de diversos formatos, e em encapsulamentos discretos de 3 e 5 mm.

O autor optou por usar um LED vermelho, um verde, um azul e um vermelho pisca-pisca, quatro LEDs no total. O LED vermelho é do tipo comum, o verde e azul são de alto-brilho. Todos os LEDs são de 5 mm. Tais LEDs foram montados em uma plaquinha pré-perfurada, soldando-os sem ligá-los eletricamente a lugar algum. Colocou-se o LED vermelho em primeiro lugar, seguiram-se os LEDs verde, azul e pisca-pisca, este um pouco mais afastado. Adicionou-se um suporte (feito com um pedaço de fio) para que a plaquinha ficasse na posição inclinada. As fotos abaixo mostram como ficou a plaquinha:



Tanto a caixinha contendo apenas um alto-falante quanto a plaquinha contendo os LEDs isolados, sem qualquer conexão elétrica, ficaram próximos do autor, junto ao computador. Aguardou-se que algo acontecesse. O tempo foi passando, passando e nada dos LEDs acenderem. Eis como, esquematicamente, os LEDs ficaram:



Certo dia, em uma mensagem, obtive-se o seguinte:

(*Primeiro plano*): “Toda vez que vem, toda vez que dê voltagens!”. Esse “que dê voltagens” se alterou para: “se dê voltagens”. Isso aconteceu em 15/01/2022.

Com isso o autor entendeu ser necessária uma pré-polarização tanto dos LEDs (na plaquinha) quanto do alto-falante (na caixinha contendo apenas um alto-falante isolado). Imediatamente se pôs a modificar os experimentos para que ficassem pré-polarizados, ou seja, dar as voltagens (tensões de polarização) como solicitado. Uma semana depois já estava resolvido, eis o que foi feito:

No caso da caixinha de som, em vez de reinserir as partes suprimidas, optou-se por deixar a caixinha tal qual se encontrava como forma de insistir neste tipo de experimento. Uma nova caixinha, completa, foi incorporada aos testes. No caso da plaquinha de LED, esta foi incrementada como já tinha sido previsto desde o início.

Teste prático incrementado para testar som “saindo diretamente” no alto-falante

O que se fez foi pegar um novo par de caixinhas de som, para PC, totalmente funcional, colocá-las em operação, no volume máximo, deixando-as permanentemente ligadas. Como são alimentadas pela entrada USB (alimentação DC), resulta que somente funcionam quando o computador está ligado.

O plugue P2, deste par de caixinhas, fica desconectado de tal forma que, se for

tocado pelos dedos, o alto-falante “ronca”, ou seja, o plugue P2 fica o tempo inteiro bem visível, à frente das caixinhas e bem longe das entradas e saídas do PC. As fotos abaixo mostram o par de caixinhas ligadas, em operação mas longe do PC, para melhor visualização. Obviamente que o par de caixinhas fica próximo do PC. No caso, fica precisamente em cima da CPU.



Deve ser notado que a luz (LED verde) da caixinha esquerda, que contém a placa amplificadora e controla o conjunto, está acesa, indicando estar ligada. É possível observar, no detalhe, que o botão do volume está no máximo. Também no detalhe é visível que o conector P2 está solto, desconectado, bem visível e na frente das caixinhas. Embora o par de caixinhas seja alimentado via USB, na foto foi usado um conversor ligado à tomada de energia (220V) por estar longe do PC. Mas, nos testes, o par de caixinhas é alimentado diretamente pelos conectores USB da CPU. Pretende-se, mais à frente, alimentá-las

independentemente da CPU para que, quando o computador estiver desligado, elas continuem operacionais. Por enquanto não é assim.

Quanto aos resultados obtidos, ainda não se escutou nenhum som vindo das caixinhas amplificadas que fosse compatível com “som saindo diretamente do alto-falante”. No entanto, o autor escutou, por diversas vezes, ao girar na cadeira onde costuma sentar, uma espécie de lamento, como se fosse um cãozinho solicitando atenção. Tal som sempre ocorria ao girar na cadeira e sumia tão logo ficava na direção da caixinha. Mas foi alarme falso: o que aconteceu foi que a cadeira possui encosto torneado e um deles está frouxo. Ao girar na cadeira, tal encosto torneado emitia tal rangido que parecia um lamento de um cachorrinho. Eis a foto da cadeira para entender melhor:

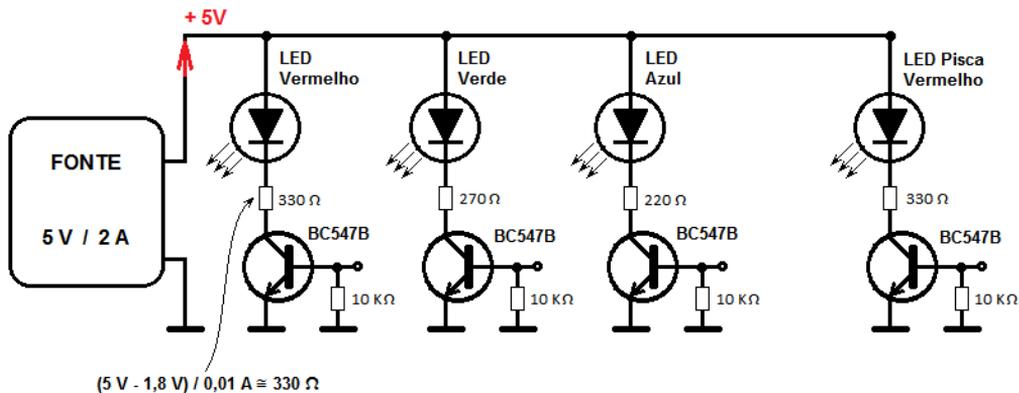


Em resumo, não se escutou nada vindo da caixinha amplificadora até agora (16/05/22). Muito menos algo que pudesse ser atribuído aos falecidos. Mas os testes continuam com esta caixinha amplificadora que continuará ligada com o plugue P2 *desconectado*.

Teste prático incrementado para testar a produção de eletricidade “do nada”

Em relação aos LEDs usados para monitorar o fornecimento de energia do tipo elétrica (onde LED aceso significa energia presente e LED apagado a sua falta), foi necessário um pouco de trabalho técnico. Para começar, não apenas se aplicou as tensões pedidas para polarizar os LEDs mas se optou por colocar uma chave eletrônica cuja comutação exigisse uma corrente bem menor que a exigida pelos próprios LEDs. Ao mesmo tempo tal comutação foi inibida para

impedir que espúrios pudessem gerar falsos disparos. Assim, embora simples, tal circuito exige certo esforço para que cada um dos LEDs acenda.



A alimentação foi feita utilizando uma fonte comercial de 5 V / 2 A. Embora o consumo total, com todos os LEDs acesos simultaneamente, seja de meros 40 mA optou-se por adquirir uma fonte de 2 A porque tais fontes são de melhor qualidade e tem mais chances de futuros reaproveitamentos. Os resistores de polarização dos LEDs foram calculados para uma corrente próxima dos 10 mA. Alguns LEDs são de alto-brilho (o autor, na ocasião, não encontrou todos de alto-brilho). Os resistores da base dos transistores tem valor padrão para estes casos (10 KΩ), sendo este valor encontrado em inúmeros aparelhos eletrônicos.

Funcionamento: em condições normais, que é o caso geral, todos os LEDs permanecem apagados. Para algum LED específico conduzir (acender) é necessário que o respectivo transistor conduza. Isso somente acontecerá se a tensão de base alcançar o valor base-emissor de condução, que se situa em torno de 0,55 V – 0,75 V. Em geral o limiar de condução fica próximo de 0,55V. O valor de 0,75 V (ou mais) coloca o transistor em forte saturação. A função do resistor de 10 KΩ é de prevenir falsos disparos ao drenar espúrios (transientes, induções da rede AC) sendo necessário pelo menos 65 microampères para que o transistor conduza. O autor tem deixado a plaquinha que acomoda o conjunto de LEDs ao lado do pé do monitor (que é do tipo CRT) e não tem havido disparos falsos, nem sequer se tornou necessária qualquer blindagem.

Quanto aos resultados, até agora (16/05/22) os LEDs não acenderam “por si sós” nenhuma vez. Houve uma ocasião em que, ao se voltar rapidamente para o monitor, o autor percebeu que o LED verde, que está à direita do monitor, estava aceso e se apagou rapidamente. Era um brilho fraco, da cor verde, que sumiu tão rapidamente que quase não foi percebido, foi uma percepção fugaz. Não se sabe o que aconteceu, se foi o reflexo de alguma luz no encapsulamento

do LED verde ou se foi qualquer outra coisa. Era um brilho fraco, similar a quando um LED começa a acender, ao se incrementar a polarização ou quando se polariza o LED de tal forma que só acende nos picos de tensão AC. O autor não estava esperando por isso, não estava focado em ver LEDs acesos. Na maioria do tempo o autor nem se dá conta da presença da plaquinha com os LEDs embora ela esteja a uns 40 cm de seus olhos o tempo todo. Mas se um deles acender, então ficará impossível não perceber. E a diferença de cor entre eles já é indicativo de qual deles acendeu.

O autor não considera este evento como sendo representativo de um acendimento acusador de “energia oriunda do além” pois sequer tem certeza se tal LED realmente acendeu (não tem dúvida de tê-lo visto fracamente aceso mas sem garantia de que foi resultado da circulação de alguma corrente através dele). Ademais, descobriu que o LED vermelho, apesar de ter acendido no teste efetuado, não acenderia em condições esperadas visto se ter descoberto uma desconexão que mantinha o circuito aberto. Esqueceu-se de soldar um ponto de conexão e isto mantinha o LED vermelho em malha aberta e somente acenderia se polarizado diretamente (aplicação de tensão direta em seus terminais).

Obviamente que este circuito continua ligado pois o teste continua. Tal como a caixinha amplificadora, somente está em condições de trabalho ao ligar o computador pois a fonte está drenando energia do estabilizador de voltagem e este somente é ligado ao usar o computador.

Eis as fotos da plaquinha montada artesanalmente:



Fora da tomada de energia (LEDs apagados)

Na próxima foto o conversor está conectado na rede de energia elétrica (o LED verde do conversor está aceso) mas os LEDs da plaquinha permanecem apagados, como seria de se esperar.



Nota: o LED verde do conversor não fica visível na prática porque é conectado atrás do estabilizador de voltagem e somente é perceptível o seu *status* pelo reflexo do brilho na parede. Tal reflexo é fraco demais para se refletir nos LEDs da plaquinha visto que há no teto uma luz LED branca suficientemente forte (30 W) que limita os efeitos do LED do conversor. Mas há outro LED verde, este do estabilizador de voltagem, que fica posicionado bem mais diretamente à plaquinha, embora de forma oblíqua. De qualquer modo, girou-se o estabilizador de voltagem para que ficasse em diversos ângulos, inclusive diretamente, sem qualquer influência nos LEDs da plaquinha. E, para maior garantia, girou-se a própria plaquinha para que ficasse na direção do estabilizador de voltagem e não se notou qualquer efeito reflexivo em seus LEDs.

QUINTA PARTE

DAS OUTRAS IMPLICAÇÕES CONSIDERAÇÕES RELEVANTES

OUTROS DADOS RELEVANTES

ALGUMAS INFORMAÇÕES IMPORTANTES

MEDODOLOGIA USADA: PAPEL FARFALHANDO

Algumas informações em destaque que ajudam a entender melhor a dinâmica do contato com os falecidos.

(Somente para maiores de idade)

Sobre a confiabilidade dos dados recebidos

Logo no início, quando se estava tentando entender o que continha nas gravações, se ouviu algo que parecia com “vamos ver tia Natal”. Chegou-se até a salvar um trechinho do áudio para servir como prova do conteúdo. Naquele momento não se sabia que o simples salvamento já alterava o conteúdo, ou seja, que era inútil salvar da maneira que foi feito. De qualquer maneira, “vir” em transcomunicação tem o significado de “morrer”. Era final de setembro, ou seja, relativamente distante do Natal, não parecia um mero recado similar a “no sábado” quando se está na quinta-feira. Parecia uma mensagem sobre algo que aconteceria no futuro próximo. Três possibilidades se apresentaram:

1. Chegada de um parente no Natal (visita inesperada);
2. Um parente morreria no Natal;
3. O autor morreria no Natal.

O Natal estava razoavelmente próximo e, de fato, chegou e se foi. Não se tem conhecimento de nenhum parente “ter chegado” no Natal, muito menos um tio ou tia. Idem para o falecimento de um parente: até onde se sabe, nenhum parente morreu no Natal, isso inclui um tio ou tia. E o autor continua vivo, ou seja, não foi desta vez. Natal de que ano? Não se sabe. Em resumo: ou se entendeu mal a mensagem ou claramente o prognóstico falhou.

Mais à frente, nova informação, desta vez o autor era o alvo claro.

(Primeiro plano, masculino, grave, fanho): “Porquê morre daqui a um ano” “cunhece”.

(Primeiro plano, masculino, médio, fanho, dueto com feminino): “Por essa moça”.

(Primeiro plano, masculino, médio, fanho): “Deixado por um homem específico, que a justiça (a)divirta esse homem, pois, por cortejo de um incorruptível”.

Fica claro que se está prevendo a morte do autor no prazo de um ano. O motivo da morte? Amargura por motivos amorosos.

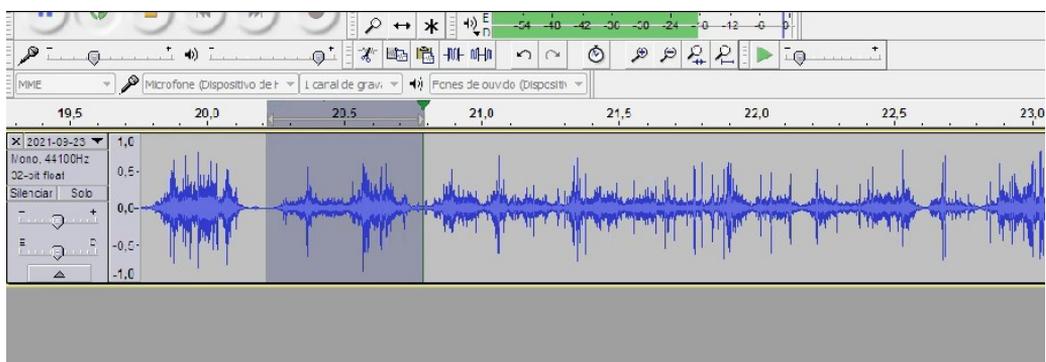
Tal prazo ainda não se esgotou pois estamos em 19/04/22 e “muita água ainda vai rolar”. Mas tudo indica que não acontecerá pois o autor não tem nada de grave, que saiba, para que tal desfecho se concretize em curtíssimo prazo. Salvo imprevisibilidades como acidentes, etc...

Na mesma linha tinham informações um tanto genéricas, com o sentido de “ir” ou “vir”, onde o autor era o destinatário delas. Isso parecia indicar que já

previam a morte do autor. Em certo momento reclamei aos falecidos, eis o trecho registrado neste volume:

(*Primeiro plano*): “É fígado” (como o autor reclamou que tanto dizem que “tu vem”, “tu vai”, etc... mas nunca dizem o que ele tem de problema, agora já citam: “É fígado”).
(*Segundo plano*): “Olha a mão”.

Já havia uma causa mais real, um motivo mais palpável a indicar a morte do autor: problemas de fígado. Até “foi aconselhado” a monitorar o fígado mensalmente. Isso até pareceu zoeira. Tal informação foi salva como vídeo, em formato “.mp4”. Eis um recorte, obtido por *printscreen* da tela, onde o trecho selecionado claramente diz: “o fígado”.



A este respeito o autor não sabe o que dizer pois não tem a menor ideia do estado de seu fígado. Mas não acredita que seja “para logo”. Tudo aponta, salvo imprevistos, que não será “para tão logo assim”.

Porém, nova informação aponta para um futuro mais realista. Eis o trecho recebido (nesta altura o autor já compreendia bem melhor o conteúdo):

(*Segundo plano, feminino, médio*): “Você é forti, senti lá”
(*Primeiro plano, masculino, médio, fanho, em coro com feminino*):
“Puxê sete e sete”.

Ao tentar entender, a expressão anterior, no trecho completo, mudou algo: “Nus negócios sem calça faz que a morti veim-venha” “pur melhor consert(o)” “você é forti, senti lá” “sete e sete lá”. Sendo que “forti, senti lá” e “sete e sete lá” ocorrem simultaneamente.

(*Primeiro plano, masculino, médio/grave, com feminino*): “Pur quê sete

e sete” → “por quer setx i setx? (séti i séti)”. Esse “quêr” é uma mistura de “que” com “ser” pois ambas as palavras são pronunciadas simultaneamente, sobrando o “erre” final a denunciar a dissonância.

Aqui a previsão da morte do autor é meramente sugerida, é prevista uma data com grande probabilidade de acontecer, levando em consideração o estado atual do corpo físico. O próprio autor, sentindo o seu próprio corpo, estima algo entre 70 e 75 anos, consequência de uma vida ativa e cheia de estresse. Assim, 77 anos também soa razoável quando se considera a expectativa média de vida da população, prevista, como divulgado pelos meios de comunicação. Essa previsão, no reino das possibilidades, soa real e tudo indica grande chance de acerto.

Das três opções que podem implicar na morte do autor, duas tendem a falhar e somente a última a se concretizar. Isso indica que quem trouxe tais informações via mensagens não sabe o momento da morte do autor. É muito provável, nas duas primeiras hipóteses, que tais mensagens fossem para assustar, levando o autor a mudar de vida, ficando mais sintonizado com “o lado de lá”, quer dizer, que se preparasse (rapidamente) para tal passagem.

Em termos de índice, dois terços de erro e apenas um terço de acerto é uma taxa muito baixa para a confiabilidade nas informações prestadas. Pelo menos limitado neste quesito: a morte do autor. Quando se entra em contato com os falecidos, se pensa que eles tem um conhecimento tal que as informações prestadas seriam 100% confiáveis. Parece que não é bem assim. Isso implica certa reserva com relação às informações recebidas.

Gostaria o autor que fosse diferente: em caso de confronto, com céticos, seria desejável um acerto de 100%, de modo a ser contundente. Sem isso o confronto seria arriscado, pois bastaria um erro para colocar tudo a perder. Se você não tem a garantia da veracidade da informação, acaba perdendo o norte, fica inseguro, entra em um reino duvidoso. E isso traz mais malefícios que benefícios para ambos os lados.

De nada adianta acumular grande quantidade de informações se estas não forem confiáveis. Mais valem poucas informações, mas verdadeiras, reais, do que o contrário. A prestação de informação não confiável pode indicar certa imaturidade do falecido que entra em contato. Não se pode esperar, em um contato, que o contatado seja um cientista rigoroso, que somente emite uma informação se ela tem a veracidade garantida.

Embora o autor não tenha dúvidas nenhuma de que os contatados são falecidos,

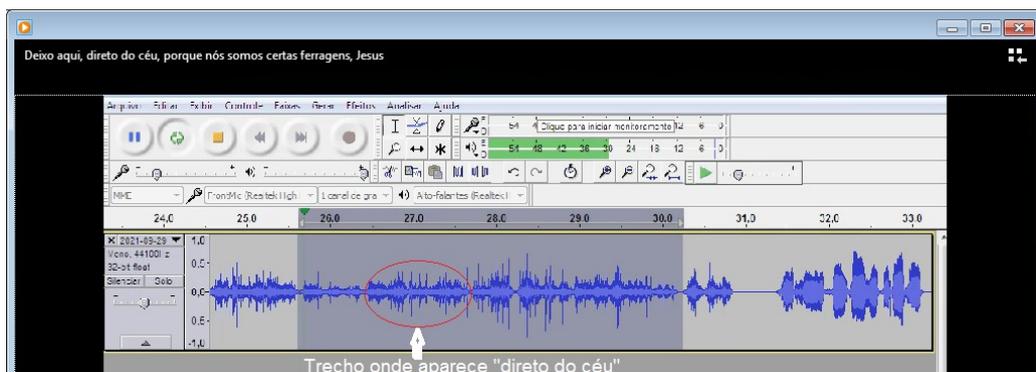
o mesmo não se pode dizer sobre o conteúdo que conseguiu captar. O autor erra muito, entende errado muita coisa, tanto que manteve o texto transcrito tal como entendeu “na hora” e “depois”, após insistir na captação. Mas certas partes são tão nítidas que não se admite erro de interpretação. Isso, porém, não garante a confiabilidade do conteúdo recebido.

ORIGEM DAS MENSAGENS

O trecho seguinte dá uma ideia da origem das mensagens, pelo menos da própria mensagem destacada aqui:

(*Primeiro plano, masculino, grave*): “Deixo aqui” “direto do céu” “porque nós somos certas ferragens, Jesus” (*cavernosa, fanha*). (Nota: esse “Jesus” parece parte de uma frase direcionada ao próprio Jesus Cristo, embora ecoada neste áudio, ou seja, para que o autor a conhecesse.)

Esta prova foi registrada em vídeo (.mp4). Na figura abaixo foi tirado um printscreen quando a mensagem estava sendo reproduzida no *Windows Media Player*. Destacou-se, com uma elipse, a região onde se diz “direto do céu”. A parte destacada, no *Audacity*, diz: “Deixo aqui, direto do céu, porque nós somos certas ferragens, Jesus”.



TRANSWEB

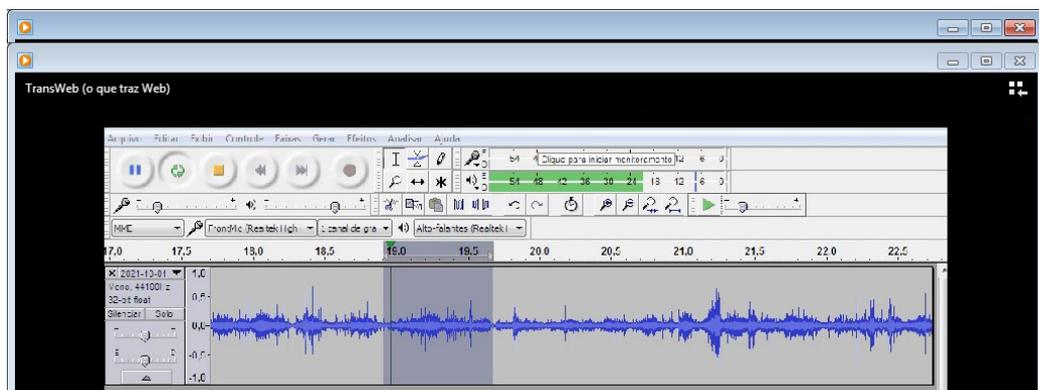
Se existe uma mensagem, obviamente existe uma comunicação. Mas, como ela se opera? Dito de outra forma, ela é materializada através de que via? Afinal, como a mensagem chega até aqui?

O seguinte trecho dá uma ideia de um conceito que o autor ignorava até então: *transweb*.

(Primeiro plano, médio, masculino/feminino, dueto): “TransWeb” → “Que traz Web”.

Note-se que “transweb” ou “TransWeb” (ou mesmo “Trans-Web”), na sentença acima é pronunciada ao mesmo tempo que “que traz Web”. O ouvinte pode escutar um ou outro, dependendo do ponto de vista adotado. De qualquer forma, ambos significam a mesma coisa. Mas o primeiro termo tem a vantagem de rotular um termo técnico novo (pelo menos para o autor). Assim, as mensagens vem “direto do céu” através da “transweb”. A transweb seria a “internet” entre o além e o aquém, a via de ligação entre a realidade dos falecidos e a nossa realidade, a dos ainda vivos.

Essa prova também foi registrada em vídeo (.mp4) e a figura abaixo mostra, na região destacada no *Audacity*, onde justamente está localizada. A reprodução ficou a cargo do programa *Windows Media Player*. Obviamente que serviria qualquer outro programa reprodutor de vídeos no formato mp4.



Implica, então, na existência de uma “transweb”. E usar esta rede é uma opção de cada um: que faça uso dela quem quiser.

De qualquer forma, a sequência das expressões foi:

(Primeiro plano, médio, masculino/feminino, dueto): “TransWeb” → “Que traz Web”.

(Segundo plano, médio): “Integrado”.

Onde “integrado” pode ser interpretado em relação à “transweb”, indicando alguma integração, ou fisicamente, como um “chip” ou circuito integrado, visto que o autor é um técnico eletrônico. Esta segunda opção parece não fazer sentido neste caso.

LUGAR VIRTUAL

Mas que lugar é esse, que se liga com o aqui? Se existe uma “transweb”, ela conecta um lugar com o outro. Conhecemos relativamente bem o lugar onde vivemos, o nosso lugar “real”. As seguintes mensagens apresentam um outro lugar, um lugar que os falecidos estão rotulando de “virtual”:

(Primeiro plano, masculino, médio tom mais agudo): “Lugar virtual”.
(mais grave) “lugar que é esse daqui” *(tom mais agudo)*.

(...) *(feminina, coro)* (...) “tu é daqui” “do virtual” → “do litoral” (...) “tranca você virtual” (...).

(Primeiro plano, masculino, grave, fanha): “Se quer evoluir no virtual”.

Outras passagens se referem ao virtual:

(Primeiro plano, masculina, grave, com interferência média/aguda em uníssono): “O momento virtual”.

(Primeiro plano, masculino, grave, fanha): Enquanto se ouve “tchtchavôlêta virtual” também se escuta “(é) o momento virtual” “levou à Igreja”. Ou, de forma contínua: “o momento virtual levou à Igreja”.

(Primeiro plano, masculino, média): “Stchavoleta virtual”.

(Primeiro plano, masculino, média, fanha): “Stchavôlêta virtual” que se entendeu como “txtchavoleta virtual”.

(Primeiro plano, masculino, grave, fanho): “Quero vê se tu vence”. (...) *(Segundo plano, médio):* “Virtual” começando em “se tu” da expressão acima.

(Primeiro plano, masculino, médio, fanho): “Virtual do ser tiú uós (*to was?*)”.

(*Primeiro plano, masculino, médio*): “Virtual” iniciando em “-sso-” de “nisso” da expressão acima, se prolongando além desta palavra mas antecedendo a próxima palavra na continuação da expressão acima, ainda não transcrita.

MUNDO DOIS

O lugar onde os falecidos estão, como visto acima, foi autodenominado como “*lugar virtual*”. Mas, pelos trechos abaixo, parece que também está sendo denominado de *mundo dois*:

(*Primeiro plano, masculina, grave quase fanha, em coro, média, tremida*): “Só aquele povo terrestres”.

(*Primeiro plano, masculina, muito grave*): “É palavra do mundo dois” → “Essa regra é do mundo dois” (Neste momento ficou assim (12:07:35): “Só a aquele povo terrestres. Essa regra é do mundo dois”).

(*Primeiro plano, masculino, médio*): “Só aquele povo terrestr” → “quele povo terés”.

Ampliando o tamanho do trecho, obteve-se: “Só aquele povo terrestres” “por acaso é o do mundo dois”. No finalzinho há algo que se parece com “sôfrê”. (13:44:50)

Ou seja, *mundo dois* é o lugar onde os falecidos vivem, depois de ocorrer o falecimento. Não significa, porém, ser um lugar único. Tal como em nosso mundo, o real (de “carne e osso”) onde há muitas localizações possíveis para se estar, presume-se o mesmo para o “mundo dois”.

A primeira impressão que se tem, ao travar contato com a expressão “mundo dois” é o de um outro mundo, um mundo de extraterrestres, um mundo de “Ets”. Isso chega a ser reforçado pela expressão “só aquele povo terrestres”. Mas o detalhe se amplia e a expressão passou a ser compreendida como “só a aquele povo terrestres” que “por acaso é o do mundo dois”. Ou seja, se refere aos falecidos no planeta Terra (terrestres → povo originado de terrestres), que passaram a habitar um mundo que coexiste com este, como se fosse um mundo paralelo, mas que se compõe de forma etérea, fora do limiar de captação normal da física atual.

Isso não elimina a existência de outros mundos, sejam “reais” ou “virtuais”, apenas limita o endereço da maioria dos contatantes ao mesmo globo onde vivem os contatados.

IRMANDADE

Quem são os falecidos? A sentença seguinte dá uma resposta:

(Primeiro plano, masculino, grave, fanha): “Somos todos sangue do sangue”.

“Somos todos sangue do sangue” denota que eles viveram como nós, nasceram de pais biológicos, ou seja, “sangue do sangue”. Apesar de serem “sangue do sangue” isto não significa que, presentemente, estejam “vivos” em corpos biológicos, tais como nós. Também significa que todos, obrigatoriamente, passa(ra)m pelo mesmo processo. Implica que há uma fase “por aqui” e outra “por lá”.

ORIGEM DOS FALECIDOS

Se são falecidos, vieram de algum lugar. A sentença seguinte mostra um exemplo de origem de falecido, declarada por ele mesmo:

(Primeiro plano, masculina, grave, fanha): “Diz (pausa) pare para rever, rever do sul”.

(Segundo plano, (...)): (...) Nesta altura o primeiro plano mudou para: “Diz (pausa) pra rever no vídeo eu veio do sul”.

“Eu veio do sul” denota de onde o falecido veio. Ou seja, ele viveu em algum lugar antes de ir para lá. É preciso notar que “vir”, “vem”, “veio” significam vir para o lugar que eles chamaram de virtual. Só que para “ir” para lá é necessário primeiro morrer, só assim “se vai” para lá. Nós que estamos neste mundo de carne e osso usamos o verbo “ir”. Eles, que já estão lá, usam o verbo “vir”. Tudo é uma questão de referência, cada um se refere ao mundo em que está para relacionar o “outro” mundo.

Também é preciso notar que “eu veio do sul” não significa que nasceu no sul e sim que morreu no sul. “Eu veio do sul” parece muito genérico, afinal “sul” de onde? A transcomunicação faz muito sentido para quem a recebe, tem relação direta com quem é receptor. No caso específico da mensagem “eu veio do sul”, corresponde ao pai do autor, que nasceu em São Paulo (em São José do Rio

Preto) e morreu no Rio Grande do Sul (em Porto Alegre). Os falecidos costumam usar um linguajar meio enigmático, dizendo e não dizendo ao mesmo tempo, criando um clima de incertezas. Em outras palavras, não costumam ser diretos ao ponto.

MISTURA DE IDIOMAS

Se são falecidos, é natural que falem algum idioma. Obviamente o idioma que falam é o idioma que falaram quando por aqui viveram. Sendo falecidos, muito provavelmente são antepassados de quem aqui ainda vive. Dependendo do caso, podem conhecer mais de um idioma: o daqui e o de onde vieram (se imigrantes) ou, pelo menos, o idioma que aprenderam com os antepassados deles. Assim, alguns falecidos podem ser bilíngues.

No caso do autor, cujos antepassados são poloneses e italianos, não se deve estranhar se tais idiomas surgirem nas mensagens. O problema é entender o que dizem se não se conhece tais idiomas. Isso não significa que apenas tais idiomas surjam nas mensagens. Depende muito dos conhecimentos idiomáticos de quem recebe tais mensagens. Além disso, pode-se tentar contatos com idiomas outros quando o falecido que quer fazer tal contato não conhecer o idioma do receptor das mensagens. Há, portanto, uma certa complexidade. No caso geral, as mensagens quase sempre vem no idioma que o receptor fala.

Mas, em transcomunicação, não é incomum a mistura de idiomas na sentença: algumas palavras podem estar em um idioma e outra(s) em outro. O que complica ainda mais são as combinações idiomáticas de uma única palavra formando, por exemplo, uma espécie de “portunhol” (mistura de português com espanhol).

Exemplos de mensagens com mistura de idiomas:

(*Primeiro plano, masculina, média*): “Chega mais pra **Warszawa**”. (Aqui se continua com polonês, onde *Warszawa*, que se ouviu de forma inconfundível, é Varsóvia, capital da Polônia.)

(*Primeiro plano, média*): “Haja vistu”. (Reja **Viśła**) (*pronúncia “vísua”*).
Nota: Viśła (Vístula em português) é o nome de um rio polonês, justamente o que corta Warszawa (Varsóvia). Não se sabe o que é “reja”.
Nota: rio em polonês é “rzeka” cuja pronúncia é “jéca”.

(*Primeiro plano, masculina, média/grave*): “Czarnobył” (*pronúncia*

“tcharnobêu”). (Será que se referem a Chernobyl?. “Czarno” ou “czarny” (e suas declinações) se referem a preto, em polonês, enquanto “był” é uma desinência verbal que expressa passado no mesmo idioma.). (Primeiro plano, média, meio sussurrada): “Tchoco averte” (segundo plano: “é im polac(u)x”). Note-se que “é im polacux” (é em polaco) é uma forma de se dizer algo bem informalmente. Para se dizer que é “em polonês” ou “em polaco” se diz: “po polsku” no idioma polonês. Nossos antepassados costumavam dizer a mesma coisa assim: “po polski” mas esta forma é errada, embora “polski”, em polonês, seja um adjetivo que significa “polonês” ou “polaco”. Mas que não se aplica para idioma. Por outro lado, o 'L' em polonês se pronuncia “éle” mesmo, como em “lata” e não como “u” do português. O “éle cortado” (ł) é pronunciado como um “u”. Bastou uma procura na internet, em polonês, para encontrar o termo *Czarnobyl*, com letra “éle” no final, para a usina nuclear de Chernobyl. Assim, há uma pequena discrepância entre o que se escutou na mensagem e o nome real em polonês.

(Primeiro plano, média/aguda): “Ele é firme!” → “que ele é firme!”.

(Primeiro plano, masculina, transitando de sussurrada para grave): “Chão pra **Warszawa** solto”. Continua com “lindus”. (Pronúncia: “varcháva”). Nota: Esse “firme” talvez se refita ao fato do autor resistir a registrar pronúncias que lembram palavras em outros idiomas como se fossem palavras de outros idiomas, salvo raríssimas exceções. Isso é feito para evitar erros e confusões decorrentes deles já que o único idioma que o autor domina é o português.

(Primeiro plano, talvez masculina, média): “**Czarnego, trzeba** noazuly” (em parte, dito em polonês).

(Primeiro plano, agudo): “Vavartiu”.(Pronúncia: “vavártiu”)

(Primeiro plano): “Tu tem que larga” (agudo, sussurrado, algo metalizado) “É fácil” (masculina, média, meio metalizada fanha). (Esse, “é fácil” se refere a “conversar” em polonês, uma clara provocação para que o autor principiasse a usar o polonês já que aprendeu algo a respeito. Aparentemente, parentes antepassados do autor, pela linha materna. Isso em resposta a uma interação mental com o autor no momento da transcrição.)

Note-se, aqui, que “czarnego” e “trzeba” são palavras polonesas. Já “noazuly”, se o autor conseguiu registrar corretamente, visto a pronúncia ser “noazuli”, é desconhecida. É aqui que entra a composição idiomática, que lembra o nosso portunhol: a palavra é composta parte em um idioma e parte em outro. Não se sabe como “noazuly” ou “noazuli” foi composta mas, sendo “niebieski” azul

em polonês, talvez “noazuli” seja uma composição de inglês-português-polonês, assim: “noazuli”.

(*Primeiro plano, masculino, médio, fanho, algo metalizado*): “Já que até hoje passou na **eletronikalicja**”. (“Eletrônica” é o que se escuta – **palavra paroxítona**). Nota: o autor, que é técnico eletrônico, trabalhou quase toda vida em uma oficina eletrônica (e ainda lá trabalha). Por outro lado, eletrônica, em polonês, é “elektronika” e é comum a terminação “cja” em polonês. Assim, “eletronikalicja” ou “eletronicalicja” parece ser uma composição português-polonês.

(*Primeiro plano, masculina, média*): “Selves direito, selves spikinglês) (speak English?)”.

(*Primeiro plano, média, meio sussurrada, som fraco*): “Gran estoqui” → “grau estoqui” (onde “g” de “gran” ou “grau” é aspirado, como em **holandês**. Na ocasião o autor estava estudando o neerlandês (holandês).)

(*Primeiro plano*): “Bill” (**agudo**) “such” (**média**). (**Pronúncia** “sâtch”).
Aparentemente, aqui, dois vocábulos isolados em inglês.

NOMES COMPLETOS DE FALECIDOS

Se são falecidos, obviamente tiveram nomes que os identificassem enquanto vivos. Embora tenham surgido diversos nomes, poucos foram os que os forneceram completos, ou seja, nome mais sobrenome. E por terem se identificado, aqui serão registrados. O autor não conhece, nem nunca ouviu falar de nenhum deles. Não sabe que eles são. O que se registra aqui é o que se ouviu ao escutar os arquivos. Pode ocorrer erros de transcrição, onde o nome real tenha pequenas (mas importantes) diferenciações. Assim, o autor não consegue distinguir entre Vanderlei, Vanderley, Wanderlei e Wanderley pois todos são pronunciados do mesmo jeito.

O primeiro deles é Márcio Prades, que surgiu no seguinte trecho:

(*Primeiro plano, masculina, média, meio tremida*): “Márcio Prades”.
(**Pronunciada** “Márcio Praádes”).

Na figura seguinte, a prova foi realizada por meio de vídeo, no formato .mp4, cuja reprodução ficou a cargo do *Windows Media Player*, de onde se tirou um

printscreen. Ei-la:



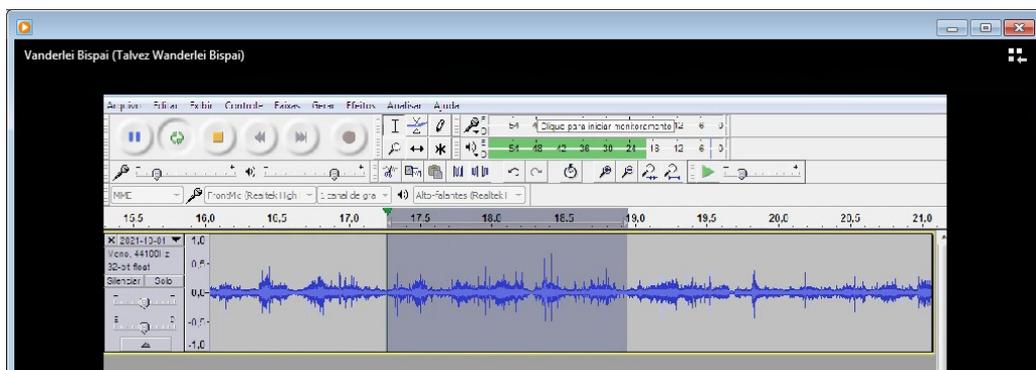
O segundo é Vanderlei Bispai (talvez seja Wanderlei Bispai). Eis o trecho onde tal nome é citado.

(Primeiro plano, masculino, grave, fanha): “Vanderlei Bispai” (Talvez Wanderlei Bispai).

Primeiro plano, masculino, grave, fanho, aparentemente com dueto médio): “Pai, Tanderlei Bispai”. (Anteriormente já tinha surgido “Vanderlei Bispai” (ou “Wanderlei”).

(Primeiro plano, masculino, médio): “Tandêrlei Bispai”. “Bispai” já vem em tom grave. (Anteriormente já tinha surgido “Vanderlei Bispai” (ou “Wanderlei”).

Eis a prova em vídeo, por intermédio do *Windows Media Player*.

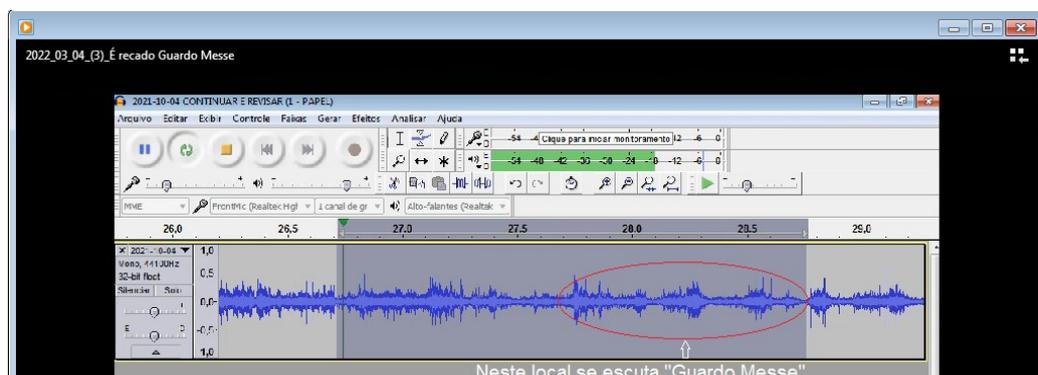


E o terceiro é Guardo Messe, cujo texto é esse:

Como entrar em contato com o além

(Primeiro plano, masculino, muito grave, fanho, dueto com algo indefinido, aparentemente feminino em coro): “Eu tenho que lhe dar novo, vem de novo recado cego, Guardo Messe”.

Há, obviamente, outros trechos onde este nome figura mas o trecho acima é o mais claro, em termos de captação do nome. Eis o vídeo de prova, novamente usando um *printscreen* da tela do *Windows Media Player*:



No caso a sentença completa, destacada no vídeo, diz: “É recado Guardo Messe”.

Para o seguinte nome não foi gerada uma prova em vídeo pois naquela altura não se cogitava gerar tais provas:

(Primeiro plano, masculino, grave dueto com feminino): “Sempre cuidoo” “do Marcos Sên”. Passou a ser entendida como “sempre fui do (grave)” “do Marcos Sen” (média).

O maior valor destes nomes é a verificabilidade. Não há como localizar alguém apenas pelo nome ou apelido, a menos que se saiba de antemão de quem se trata. Mas quando se dá o nome completo, a verificação já se torna possível. O autor não fará isso, apenas registra o que escutou. Até porque localizar alguém, que não se sabe quem, é similar a procurar uma agulha em um palheiro.

PEDIDOS

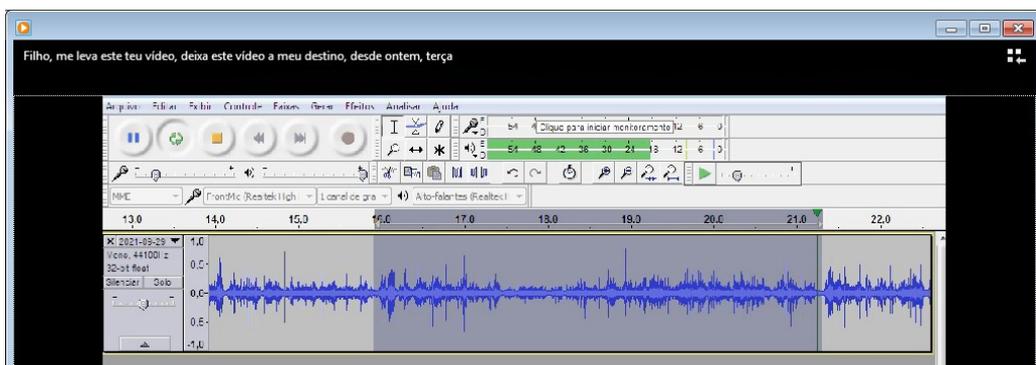
Os pedidos podem ser meros pedidos, podem ser pedidos de ajuda ou pedidos de notificação. Nos pedidos simplesmente se pede alguma coisa, dependendo do que o falecido quer pedir. Nos pedidos de ajuda, o falecido pede para que o

autor se mexa para ajudar a outrem, neste mundo. Implica dados suficientes para que se possa materializar o pedido. Ajudar a quem? Se nem nome se cita, fica difícil materializar tal ajuda. Se surgir um nome (primeiro nome) já é alguma coisa mas, com tantos Joões e Marias, pode ser insuficiente. Com nome completo já é mais localizável. No entanto, é complicado chegar em alguém levando um recado de falecido. Não é assim tão simples, principalmente quando há barreiras religiosas. Há, também, o pedido de notificação, onde o falecido quer levar alguma informação para ou entrar em contato com alguém. Todos esses casos são encontráveis no texto das mensagens acima.

Eis um pedido, de pai para filho:

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanha, dueto com feminino, médio*):
“Filho, me leva este vídeo” “deixa este vídeo a meu destino” “desde ontem, terça”. (*Aparentemente é o pai do autor que se manifesta.*)

Eis a prova, em vídeo, de um pedido dirigido ao autor, via *Windows Media Player*:



ÁRVORE DO CRISTIANISMO

Na literatura lida a respeito da transcomunicação instrumental consta que os falecidos mantêm a sua religião, a religião que tinham ao falecer. Nas mensagens anteriores, as únicas referências que denotam religiosidade dos falecidos que se manifestaram sempre apontaram para o cristianismo. Nunca apareceu, nas poucas mensagens gravadas, religiosidade fora do cristianismo.

No entanto, na mensagem abaixo, surge claramente a expressão “Árvore do

Cristianismo”.

(Primeiro plano, masculina, grave, uma mistura de tremido com borbulhante, com fanho, além de ter um efeito de vai e vem típico das ondas curtas): “Não existe o primeiro lugar: Árvore do Cristianismo”.

Não se sabe o que significa “Árvore do Cristianismo”, o autor nunca ouviu algo assim antes. E a expressão “não existe o primeiro lugar” parece enigmática. No entanto, da forma que surgiu, parece que a primeira expressão é consequência da segunda. De qualquer forma, parece que “Árvore do Cristianismo” tem significação importante.

ANATOMIA DOS FALECIDOS

De extrema importância para nós, que estamos do lado de cá, é saber a composição anatômica dos falecidos. Em outras palavras, saber “como se parecem” comparativamente ao nosso corpo. Embora haja, na literatura, descrições abundantes a este respeito, nas mensagens vistas acima já dá para perceber que os falecidos são mais do que algo disforme ou sem forma. A mensagem abaixo mostra que os falecidos tem coração e fígado:

(Primeiro plano, masculino, médio/grave, fanho, meio cantado, aparentemente coro): “Se vê que segue, segue, segue, sempre, sempre, sempre, sempre, sempre segue, sempre, sempre, sempre, sempre segue, (a repetição já trocou o conteúdo para “e tá curtindo” (masculino) “erro sempre certo” → “erro cento e sete” (feminino – ambas escutáveis dependendo do ponto de vista adotado) “ta cutilho, tá cu(r)tindo” (ou “tá com o Tindo” - Tindo é o apelido de um vizinho já falecido. O tom de “tá com o Tindo” é outro, algo parecido com o que tinha quando vivo) “tenho coração e tenho fígado”.

Observe-se que não se perguntou a composição anatômica dos falecidos, tal conteúdo surgiu “por si mesmo”. Assim, já dá para saber que, depois de morrer, teremos tanto um coração, quanto um fígado. É de se esperar que tanto o coração quanto o fígado tenham composição semelhante ao restante do corpo do falecido, ou seja, uma composição etérea, que sejam eterizados.

De qualquer forma, não se gravou a prova desta mensagem pois o autor estava envolto em provar um outro detalhe importante e esta prova foi deixada para

gerar depois. Mas acabou esquecendo.

Espera-se que mensagens posteriores tragam mais luz sobre a anatomia dos falecidos, com termos concretos e não com evasivas semelhantes a “tudo é igual”.

PSIQUE

Os falecidos são designados de diferentes maneiras na literatura disponível atualmente. Uma delas, tida como mais técnica, é rotular de “psique”. Surpresa foi tal termo técnico surgir nas mensagens vistas acima:

(Primeiro plano): Te amo mexicana (“te amo” em masculina, grave e “mexicana” em feminina sussurrada. Mas, ao seccionar tal trecho, não se consegue interpretar o seu conteúdo coerentemente, devido a profusão de sons. O segundo plano começa com “custeia” seguido pelo primeiro plano que parece dizer “calmo” onde deveria estar “te amo”, seguido por “psique” Ana onde deveria estar “mexicana”. O Ana vem destacado, ou seja, não poderia estar ligado a sílabas anteriores, como em “mexicAna”. Ademais, Ana é pronunciada como se fosse Anna, com “N” dobrado, ou seja, “An + na”. A falecida mãe do autor tinha justamente este nome (de origem polonesa, onde ambos os “n” se pronunciam distintamente). “Psique” parece se referir à alma, ao espírito ou, como se diz em algumas literaturas mais técnicas: “psique”).

(Segundo plano, aparentemente feminino, médio): “Isso (mais aguda) psique antomána (mais grave) na quêik iú vérn(i) (mais grave ainda, que se passou a ouvir como “várnì”) énsiú piêze (masculina, grave)”.

Note-se que, nas gravações transcritas acima, o autor levou muito tempo para reconhecer o termo “psique” em “psique Anna”, percebendo-o como “mexicana”. Mas esta referência dos falecidos a eles mesmos é um reconhecimento da composição sutil, eterizada, dos falecidos, que tem *corpo* mas não um corpo de carne e osso como o conhecemos. Mesmo assim possuem coração e fígado, como visto na parte corresponde à anatomia dos falecidos.

FATOS PASSADOS

O autor conhece muito pouco de futebol. Embora Zagalo seja conhecidíssimo no meio futebolístico, obviamente o autor não conhece suas proezas. O autor não se interessa por futebol, assim não conhece certos detalhes. Para que estes apareçam nas mensagens, seguramente não saíram da mente do autor visto o seu distanciamento do futebol. Assim, não há como o autor saber detalhes futebolísticos, ainda mais situados no passado já longínquo, mesmo que referentes a alguma Copa do Mundo em que triunfamos.

O trecho seguinte traz uma opinião de falecido, sobre fato passado, estando o autor incapacitado a dar qualquer contribuição de modo confirmá-la ou rejeitá-la.

(Primeiro plano, masculino, médio, fanho): “Fez Zagalo melhor que o Roberto disarmá-lo, foi”. “Zagalo” aqui vem destacado em outro tom, quase sussurrado. Quanto a “disarmá-lo, foi” o autor estava com dificuldade para entender, então surgiu um tom em dueto cujo volume foi aumentando até se comparar com o primeiro e com isso, clareou a audibilidade.

O interessante, aqui, é a revelação de algo que o autor desconhece, não podendo ter nascido da sua imaginação. Não se sabe se o falecido captou tal detalhe pela observação na condição de falecido ou como um ente de carne e osso. Neste caso tal captação por ser por via midiática ou diretamente assistindo uma partida específica de futebol onde tais jogadores interagiram esportivamente. De qualquer forma, parece que o referido falecido gostava de futebol.

SOMOS OBSERVADOS

Inúmeras mensagens captadas denotam que os falecidos nos observam o tempo todo. Obviamente que o tipo de observação e o número de falecidos que nos observam variam dependendo da ocasião. A mensagem abaixo é um exemplo típico (para mais exemplos basta rever as mensagens transcritas desta mesma obra):

(Primeiro plano, masculino, médio, meio metalizado): “Perda do líquido, pérdágua da torneir”. O autor não se lembra se é desta quarta ou do dia anterior onde, por estar mal apertada, a torneira (na empresa onde trabalha) fica correndo intensamente jogando água fora enquanto não se

resolve o problema. Acontece devido a problemas de pressão que enganam pensando ter fechado suficientemente a torneira quando na verdade foi mal fechada. Ao acionar a descarga do banheiro, a pressão resultante é suficiente para colocar tal torneira mal fechada em ação. Isso, naturalmente, não poderia estar gravado na gravação original. O autor, ao observar a torneira correndo, fechou-a.

O fato é que nos observam e, muitas vezes, somos flagrados nos momentos mais impróprios. Ao contatar os falecidos, tais observações podem ser ecoadas nas mensagens recebidas.

OS FALECIDOS TAMBÉM FILMAM

Embora já se soubesse, por intermédio de literatura sobre o além, que os falecidos também filmam, tal detalhe parece relevante o suficiente para constar registrado. A mensagem seguinte traz à tona o fato de que os falecidos também filmam.

(*Primeiro plano*, masculino, grave, fanho): “Eu filmo, eu vou para dentro” “teu filps” (ou Philps).

(*Primeiro plano*): Porque fez partir. (Não se sabe do que estão falando.)
(*Segundo plano*): Filmar após partir. (Não se sabe o que isso significa.)
Isto produz nova (o autor esqueceu de completar seu pensamento e a sentença ficou incompleta, provavelmente se refere a uma nova informação: filmar).

(*Primeiro plano*): “Diverti, desce o filme com cupleo” com acompanhamento musicado, inclusive com pratos em que se escuta ora em um ouvido, ora em outro, apesar de o áudio ser mono (monopista, monoaural). Que após se escutou como “Diverti, quêsse filme com cupleo”. Na velocidade 29% ficou: “adverti com esse filme pouco vamos ser claro” (esse “vamos ser claro” só foi perceptível na velocidade 19%). Na verdade, em 19% há uma outra mensagem, com direito a segundo plano agudo, feminino, mais exatamente: é um dueto uníssonos. (Na velocidade 19%: “Lutamos sucesso pro Valdo, prematuro, vamos ser claro”.)

(18:08:00) (Velocidade 40%) Ver (pausa) a “úti” quer que eu filme “com

cumpleio” seguido por algo que pareceu “duelo” → “pro ralo” → “pro Valdo” → “pro ralo” (conjuntamente há um som que parece batida de um barrote em uma tábua (mas que parece dizer “toco” ou “loco” → “soco”))

(Primeiro plano, masculino, médio em dueto com feminino, médio): “Que despert maluca espêro” (onde os “rr” são aspirados): “Que filmo, que bom ator”.

VARIÂNCIA DO CONTEÚDO

O conteúdo varia. Isso é um claro indício de atividade externa sobre o áudio já gravado, atividade esta que não é aleatória mas organizada, inteligente, que dá rumo à variância de modo que o resultado contenha significância: continua compreensível. Ao longo das mensagens já transcritas, inúmeras vezes houve variância de conteúdo. Mas nem todas as variações podem ser registradas, pois elas vão além do que está gravado fisicamente. Há uma intensa interação, de modo que o conteúdo varia mesmo quando se repete um trecho fixo, implicando que a interferência externa não se limita a alterar o conteúdo a ser gravado (e, portanto, registrável) mas altera também a simples leitura de algo já gravado (e isso não é registrável, a menos (presumivelmente) que se monitore o que é emitido diretamente na saída do fone de ouvido).

Não se sabe como opera esta variância de conteúdo mas ela é real, acontece mesmo, e é intencional. Eis um comentário feito pelo autor logo após constatar a variabilidade de certo conteúdo:

(Nota: no trecho selecionado acima, em repetição, o sinal foi constante, pelo menos visualmente. No entanto, o conteúdo foi variável. Começou-se captando uma coisa e terminou com outra. Não existe “terminou” pois quem termina uma repetição é quem a escuta. Mas início e final são diferentes, para mesma forma de onda gráfica. Se a forma de onda não varia e seu conteúdo varia, isso aponta para interferência. Algo atuou para que o sinal, que deveria se repetir sem modificação, se modificasse ao longo do tempo. E a modificação foi tal que implica uma interferência inteligente pois não se espera que o acaso faça isso, não com essa facilidade.)

Eis uma amostra onde a variância se manifestou, fazendo com que o autor

“apanhasse” ao tentar transcrever o conteúdo:

O trecho anterior, revisitado inteiramente:

“É um pórrri que si dér, grato, grato, desce, desce, pédi, pédi, pédi, bem limpinho (neste ponto é inserido aquele som que pareceu um deslizar de agulha de disco de vinil, iniciando em “-pinho” de “limpinho” indo até o final desta palavra.. É preciso notar que “bem limpinho” agora se escuta “tão limpinho”. Veja que este trecho é radicalmente diferente daquele visto acima, tendo sumido, por exemplo: “de igual forma pra ajudar”. Os bytes do arquivo sonoro são os mesmos, o gráfico é o mesmo. Mas o conteúdo varia, muda, se torna outro. E é organizado, inteligente. (02:36:39)

(Primeiro plano, masculino, médio/grave, fanho, meio cantado, aparentemente coro): “Onde Cristo fica testemunha neste vídeo, neste vídeo, neste vídeo, fornes (fornec(e)) este vídeo, neste mesmo vídeo, vimus → neste médio reduzimos, múliá, e mexe, mexe, mexe inté, mais (tremido, alongadamente), erre, erre, cresce, cresce, erre, cresce, cresce, cresce, cresce, cresce i cresce, cresce, cresce com uma boa potência. O credilê em crescimento vem comigo, vem comigo, vem comigo, vem comigo, vem que eu vejo tudo, tudo, tudo, tudo, tudo, tudo, tudo, tudo, tudo → alterou para → vejo tudo, tudo, tudo, tudo, tudo, tudo, vejo, vejo, vejo (o problema aqui é que uma voz diz “tudo” e outra diz “veja” e, na repetição, ora uma predomina, ora outra, ora ambas se equivalem, fazendo com que o conteúdo mude toda hora, dificultando sobremaneira o registro do que dizem. O conteúdo é dinâmico, ou seja, varia não apenas em função da posição do cursor de reprodução mas também temporalmente, quer dizer, a mesma sequência varrida pelo software reprodutor é escutada de um jeito em um momento e de outro em nova repetição, indicando clara influenciação que vai além dos bits fixados na gravação. O que se escuta não é o que o software “lê” no arquivo mas o que influenciadores querem que se escute, baseado na sequência de bits gravados. Os bits do arquivo constituem a trilha que dita certos limites mas o conteúdo (aquilo que se escuta) é variável e se adapta nesta trilha já registrada. Se a trilha tem um pico, o conteúdo segue esse pico mas pode conter uma coisa ou outra, dependente de influenciação. Em resumo: há algo que está além dos bits do arquivo, que age, que organiza, que demonstra inteligência, que altera e se adapta também. (00:07:47)

(Primeiro plano, masculino, médio/grave, fanho, meio cantado,

aparentemente coro): “Se vê que segue, segue, segue, sempre, sempre, sempre, sempre, sempre segue, sempre, sempre, sempre, sempre segue, (a repetição já trocou o conteúdo para “e tá curtindo” (masculino) “erro sempre certo” → “erro cento e sete” (feminino – ambas escutáveis dependendo do ponto de vista adotado) “ta cutilho, tá cu(r)tindo” (ou “tá com o Tindo” - Tindo é o apelido de um vizinho já falecido. O tom de “tá com o Tindo” é outro, algo parecido com o que o referido falecido tinha quando vivo) “tenho coração e tenho fígado”. “Não para” (este “para” tem o 'erre' aspirado e alongado, algo como “não páhaa” (paroxítona) “O barco, o barco segue, segue, segue, segue, segue, segue, segue, segue, sempre segue, sempre onde tudo, tudo, tudo, tudo (aqui virou confusão pois o conteúdo variou várias vezes, antes de se conseguir anotá-lo, apesar de se estar em repetição de um trecho curto) “onde tudo, tudo, onde closed tudo” → “onde tudo, tudo, onde close estudo” (em segundo plano já se escuta: “está apanhando”, talvez masculino, médio/agudo, meio sussurrado).

ADENTRANDO EM TECNICISMOS

TESTE DE PILHAS

Os trechos seguintes se referem a pilha, muito provavelmente o componente eletrônico usado para alimentação de aparelhos. O autor não suspeitava de que algum técnico ou quem quer que seja tivesse um interesse mais técnico durante as transcrições:

(Velocidade normal): No dia seguinte, assim (19/10/2021, madrugada): Você já pertence para ela, vai te ajudar. Você tem que guardar este correio. Isso adianta para dissuadir. Você editar hipertenso. Confirme provar pilha. É só uma experiência. (De fato o autor é hipertenso há décadas e tem um estilo de vida altamente estressante. Pediram para provar pilha. Acontece que os relógios do autor o deixam “na mão” frequentemente e, de tanto trocar pilhas sem testá-las, começou a testá-las para saber se o problema que surge é na pilha ou no relógio despertador. Não é qualquer um que tem um testador de pilhas e, talvez por isso, pediram-lhe para fazer um teste, por mera experiência. Provavelmente deveria ser curiosidade da parte deles. Feita tal teste pedido, no claro e no escuro, o autor nunca recebeu retorno com o

“resultado” da experiência, de onde se suspeita de mera curiosidade de algum falecido).

(*Primeiro plano, masculino, grave*): “Por quê se mantê a pilha?”. (Provavelmente “pilha”, aqui, se refira ao componente elétrico/eletrônico e não a uma pilha no sentido de uma sucessão volumétrica.)

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanha*): “Não testou a pilha com controle externo”. Não se sabe o que isso significa. Normalmente, “testar com controle externo” tem aplicações científicas.

(*Primeiro plano, masculino, grave, fanho*): “Como é que foi com pilha”.

PRESENÇA DE TÉCNICO ELETRÔNICO

Os trechos a seguir mostram que o autor está sendo acompanhado por algum técnico eletrônico em seu dia-a-dia na empresa onde trabalha, visto que certos detalhes transcritos aconteceram por lá e tem caráter técnico:

(*Primeiro plano, masculino, médio mais agudo*): “**Tu met megohms**”. “**Ohms, não é?**” Nota, parece que o falecido que contactou entende algo de eletricidade, talvez eletrônica, visto que “megohms” (ou Mega Ohm) tem poucos usos práticos, sendo mais comum para valores limites. Ohms é a medida de resistência, é padrão, portanto, elementar. Em eletricidade a escala de megaohm não é usual, sendo mais comum nos “megôhmetros”. Em eletrônica é bem comum.

(*Primeiro plano, masculino, médio*): “Isso do LED, (pausa) dentro de um LED só”. Nota: no trabalho o autor teve problemas com um LED, haviam dois mas foi SÓ UM que incomodou. Se tal LED é o que atrapalhou a vida do autor no trabalho hoje, então se está diante de mais um fato novo.

(*Segundo plano, masculino, quase sussurrado, em dueto com primeiro plano onde coincidem*): “Metadx dentro de um LED só”. Considerando que o LED é composto pelo diodo propriamente dito e seus terminais, formando o encapsulamento, ao perder os terminais perdeu-se metade do LED, a metade que sobrou não ficou usável, ou seja, o problema

ficou metade dentro de um LED só.

(*Primeiro plano, masculino, parte grave, parte médio, fanho*): “Faiz (pausa) melhor que o Roberto tio Bugre fai, viu, rodeô”.

(*Segundo plano, masculino, médio, outro tom*): “Ponto de melhor que o Roberto, tio Bugre, fai, viu, rodeô” iniciando na pausa da expressão acima e continuando como dueto no restante da expressão, onde combinam. (O autor teve um problema para emendar um cabo de antena automotiva que estava partido. Acontece que a malha não aceitava solda mas precisava ser emendada, o que obrigou a fazer uma cobertura soldável, além de outros problemas. O incômodo foi tanto que se gastou meio dia apenas para fazer tal emenda. Impossível estar tal fato, que ocorreu pela manhã, embora iniciado na véspera, registrado na gravação original, consistindo em outro fato novo.)

O autor pensava que estava sendo acompanhado pela sua mãe, já falecida, mas o linguajar técnico, que a mãe do autor desconhecia, denuncia a presença de outro falecido a lhe observar, principalmente com a automeação que surgiu na transcrição: “Roberto, tio Bugre”. O autor não tem a menor ideia de quem é o falecido “Roberto” mas parece que ele era conhecido como “tio Bugre”. É pouco provável que seja um tio do autor visto que este desconhece qualquer “tio” que fosse um técnico eletrônico.

O trecho a seguir deixou o autor surpreso:

(*Primeiro plano, masculino, médio/grave*): “Do cliente vai achar falta”. A expressão “do cliente” aparece de tal forma que é como se fosse repetida duas vezes com certo *delay* entre elas, ficando um efeito semelhante a “do-do cliclientente” lembrando o tanger sucessivo das cordas de um violão indo de cima para baixo mas com pouca variação tonal. Nota: não é gaguejado. É provável que tal declaração do falecido se refira à supressão do cabo com conector de uma bateria de níquel cádmio, defeituosa, cujo destino certo é o descarte. A bateria, embora estragada, pertence ao cliente. Isso foi feito para facilitar os orçamentos para os próprios clientes visto a grande dificuldade tida até então justamente neste quesito: conseguir dar um orçamento sem ter o produto/componente à disposição. Parece que a atividade do autor, como técnico eletrônico, é monitorada por um falecido, também técnico. O uso de tal cabo suprimido tem facilitado sobremaneira tais orçamentos, reduzindo o estresse dos clientes com orçamentos relativos, instáveis, incertos, mais ou menos assim: “talvez seja a bateria”, “se for a bateria”

e por aí vai.

REQUISIÇÃO DE GRAVAÇÃO PELOS MICROFONES

Nos trechos abaixo os falecidos reclamam da falta de novas gravações usando o microfone. É pelos microfones que se materializam novos registros. A simples reprodução produz conteúdos que são voláteis, que se perdem ao fechar o arquivo que estava sendo reproduzido.

(Primeiro plano, masculino, grave, fanho, transitando para médio, talvez feminino): “O microfone” “suspense”.

(Primeiro plano, masculino, grave, fanho): “Esmerilhá com os microfone” (Nota: o autor imaginou e, para isso colocou no papel, uma ideia de fusão de sinais de dois microfones (misturador) de modo a somar ambos os sinais em um só. Eis que o desenho se parece com as pedras de um esmerilho, donde deve ter surgido essa “suposição” que os microfones seriam usados como esmerilho, algo não pensado e, portanto, não poderia ser ecoado. Isso não foi ideia do autor, portanto deve ter sido imaginada em outro local e, de alguma forma, se materializou neste áudio. Note-se que a ideia do misturador dos microfones surgiu há pouco, quando o computador ainda estava desligado o que coloca mais um ponto impeditivo no processo. Não houve verbalização, o autor está sozinho, a ideia foi mental mas o desenho (um mero rascunho para lembrar de registrá-lo depois) foi real. No momento esta expressão já se ouve como “o esmerilhar destes perfume”. Note-se a insistência em “quebrar” com a concordância entre os vocábulos dizendo “o esmerilhar destes perfume” em vez de “o esmerilhar destes perfumes” ou “esmerilhá com os microfone” no lugar de “esmerilhá com os microfones”. Também se usa a forma flexionada do verbo onde caberia a forma infinitiva: “esmerilhá” no lugar de “esmerilhar”. De qualquer forma, soa estranho “esmerilhar destes perfume” tal qual “esmerilhar com os microfone” pois tais produtos não tem estes usos, o que leva novamente ao imaginário. Alguém imaginou tal possibilidade e esse “alguém” não foi o autor que nem imaginou esta “nova” possibilidade.

(Primeiro plano, masculino, grave, fanha): “O microfone suspense pouco a pouco”. Ao selecionar um trecho para tentar captar o segundo plano, eis que se interpreta o primeiro plano de forma diferente: “Pôr em

suspense” (masculina, média, estridente) “beija a flor” (masculina, média, normal). Esse “pôr em” se entendeu depois como “porém” ficando “porém suspense”. Há algo médio/agudo no segundo plano mas este não consegue ser compreendido por causa da intensidade do primeiro plano que abafa tudo.

O impressionante é que toda essa confusão agora se entende como: “pegue o microfone” “você foi” (risada). Agora o “pegue o microfone” vem tremido sendo que neste momento há um dueto: “pegue o microfone” em média transitando para outro tom levemente mais agudo, quase sussurrado e, como complemento do dueto, “pegue o mi” vem tremido em masculino, grave, fanho. Esse som tremido se assemelha a um som modulado por uma palheta que raspa nos raios de uma bicicleta cuja roda gira lentamente. Agora esse “pegue o microfone” se entende como “você deve o microfone” “você foi”. Quanto a “dever” o microfone, o autor não o usa há tempos (meses, quase um ano ao escrever esta nota) apesar da insistência dos falecidos em sentido contrário. O autor quer escutar todas as gravações já feitas antes de continuar a gravar ainda mais.

OS FALECIDOS USAM MICROFONES?

Neste ponto ocorreu ao autor que, se os acréscimos feitos ao áudio acontecerem por intermédio de microfones na parte dos falecidos, ou seja, se eles falam em microfones para depois inserir neste arquivo de áudio, em hipótese nenhuma se encontrou sons do ambiente (do autor), como periquitos ou cachorros, na reprodução, indicando que tais microfones, se existem, não captam o ambiente local ou há recursos para anulá-los ou, ainda, uma incrível coincidência de tal gravação ocorrer justamente quando há silêncio no ambiente do autor.

FALECIDO DANDO ORIENTAÇÃO DURANTE GRAVAÇÃO

O seguinte trecho foi captado indicando claramente que havia algum falecido orientando outrem, também falecido, a continuar falando enquanto o autor produzia ruídos por intermédio do farfalhar de papel:

“Vai falando” (mais baixo, como se houvesse um terceiro incitando alguém a falar).

A impressão que se tem é que o orientador tinha controle da instrumentação usada e que o falecido que “falava” era iniciante no processo, não sabendo, por experiência própria, se deveria parar ou continuar falando, talvez presumindo que o autor pararia de farfalhar subitamente, truncando a comunicação.

PEDIDO DE MIGRAÇÃO PARA METODOLOGIA MAIS AVANÇADA

Os trechos seguintes contém sugestões dadas pelos falecidos destinadas a avançar o contato para um próximo nível, visto que o farfalhar de papel é um tanto rudimentar:

(Primeiro plano, masculino, grave, fanho): “Instalas logo a voz pra ver pra virtuose”. O autor não entendeu muito bem o significado desta expressão transcrita: que/qual voz é para instalar? Talvez seja uma referência para a metodologia da “bolha humana”, presente na literatura técnica já lida.

(Segundo plano, feminino, coro, médio): “Porque vai pro rádio”. Há, aqui, duas interpretações possíveis:

1. Ir para uma emissora de rádio, a convite, para divulgação;
2. Usar a metodologia do rádio nas comunicações com os falecidos.

(Primeiro plano, masculino, muito grave, fanho, dueto com algo indefinido, aparentemente feminino em coro): “Se poder partir” “pra aparelho” *(feminino, coro)*.

Como o farfalhar de papel é uma metodologia complicada de comunicação, os falecidos já pedem para usar algo mais sofisticado, isto é, ir “pra aparelho”. Não ficou claro que aparelho seria recomendável.

Muitos transcomunicadores tiveram que tentar durante longo tempo até conseguirem algum contato. Por outro lado, o que funciona para um pode não funcionar para outro. Levando em consideração que os métodos mais rudimentares costumam dar mais garantia de contatos iniciais no curto prazo, o autor decidiu começar justamente pelos mais elementares e progredir tendo um contato já estabelecido. Dar o passo seguinte com segurança parece o melhor caminho de progredir pois, se algo der errado, sempre se pode contatar pelo que já funcionou. Melhor um contato ruim do que contato nenhum.

OUTROS MUNDOS

OVNIs

Imaginem receber um convite para dar um “voo” com um OVNI. Pois é o que parece acontecer, com o autor, nas mensagens abaixo:

(Primeiro plano, masculino, grave, dueto com médio, talvez feminino):
“Não pode perder junto a OVNIs convite”.

(Primeiro plano, masculino, grave, fanha, dueto com médio): “Não podes perder flur (seria “vlucht”?. *Vlucht em holandês significa voo*) com OVNIs convite”.

Embora a literatura técnica sobre transcomunicação instrumental trate desse assunto com naturalidade, tal “convite” apareceu nas mensagens que o autor transcreveu.

OVNIs lembram ETs e estes lembram outros mundos potencialmente habitados. Obviamente que, devido as distâncias astronômicas envolvidas, a viagem intergaláctica de corpos “de carne e osso” é uma empreitada para lá de complicada. O mesmo não sucede com os falecidos que, por não morrerem, podem se dar ao luxo de se deslocarem independentemente do tempo necessário para tanto.

Não se cogita, aqui, de maneiras mais exóticas de deslocamento, explorando as características do espaço-tempo, tais como imaginadas pela física e que lotam obras do gênero. Sequer das maneiras narradas em obras já publicadas de transcomunicação instrumental, pois não é o objetivo adentrar nestas possibilidades, pelo menos não nesta obra.

Apenas acenou-se com a possibilidade de que OVNIs (ou UFOs) sejam reais pois nada impede que um falecido vá de um mundo para outro, independentemente do motivo que o norteou para tanto. E se tal acontece, então estamos diante de um ET, de carne e osso ou não, podendo obter informações adicionais, mesmo que sejam chocantes ao tomar o primeiro contato com elas. Independentemente da forma dos ETs, tal como vistas nas obras cinematográficas ou nas que se obtiveram pela transcomunicação, o interessante nas mensagens acima é a possibilidade de “dar um voo” em um OVNI, como se

entende pela palavra “convite” transcrita.

E como isso se realizaria? Se o ET é um falecido que “migrou” (imigrou) para cá e seu veículo (o OVNI) é de mesma natureza, ou seja, quintessenciado, como esse voo aconteceria? Há uma obra sobre transcomunicação que narra um “voo” assim. Mas, sem entrar nesse assunto, o que desperta a atenção é o termo, cuja pronúncia que se ouviu foi “flur”, muito bem poderia ser “vlucht”, uma palavra holandesa, justamente o que o autor tinha aprendido ao estudar holandês. Acontece que a letra “v” em holandês se pronuncia como o som da letra “f” na palavra portuguesa “fui”, o que sugere uma coincidência ainda maior. No entanto, na palavra “vlucht” o “v” tem o som de “v” mesmo. Não se sabe se seria aceitável, neste caso, uma pronúncia diferente.

Mas é preciso notar, como se observa nas mensagens já transcritas, que os falecidos não pronunciam exatamente como seria esperado mas sim com alterações, alterações estas que parecem propositais, talvez para garantir que não sejam confundidos com narrativas comuns. Isso estaria de acordo com certas misturas de idiomas observadas nas mensagens escritas, sendo que obras técnicas sobre transcomunicação já relatavam isso com destaque.

Mas a existência de ET neste nosso planeta Terra pode ser real. Pelo menos há indícios neste sentido.

SERIA O AUTOR UM ET HOMOSSEXUAL, EXPULSO DE ANDRÔMEDA?

As seguintes mensagens, por serem mais diretas, trazem informações que implicam várias situações a serem analisadas:

(Velocidade 70%): “Ei, tio. Foi casado” (que se entendeu em seguida como: “foi caçado!”).

(Primeiro plano, masculino, médio/grave transitando para muito grave, fanho): “Eu existo (pausa) por você”.

(Primeiro plano, masculino, médio, fanho): “Você qué?”. Ocorre justamente na pausa da expressão acima.

(Primeiro plano, masculino, médio/grave transitando para muito grave, fanho): “Por quê me fez (pausa) todo ódio. Vê se sai com outro”.

(Primeiro plano, masculino, médio/grave transitando para muito grave, fanho): “Já faiz tempo que nós fomos casados em Andrômeda”.

(Primeiro plano, masculino, médio/grave transitando para grave, fanho): “Logo após você conta um momóri históric(u)”. Resseleccionando “logo após” eis que se entende diferente “núpcias após” ficando todo trecho “núpcias após você conta um momóri históric(u)”.

(Segundo plano, masculino, médio): “Que erre (pausa) pórrri”. Ocorre logo após o “mômóri” da expressão anterior.

(Primeiro plano, masculino, grave, fanho): “Negou-me: ex- ex- existe”. Esse “existe” foi pronunciado preguiçosamente/lentamente.

(Primeiro plano, talvez feminino, médio, algo fanho): “Superou-me”.

(Primeiro plano, masculino, grave, fanho): “A quem ele vai ver gostoso?”.

(Primeiro plano, masculina, grave, aparentemente em dueto com um tom médio, meio distorcido, meio sussurrado): “Aquele desejo você que ter uma prova clara diz ex caçar o amor”.

As sentenças acima apontam para o fato de que o autor, em vida passada, já foi casado (isso não deveria representar nada de enigmático). Mas vão além, pois parece que tal “amor” se estendeu por muito tempo, tal que ainda há um clamor por continuidade no presente. Mas o intrigante é que tal “amor” parece ser de natureza masculina (o autor também é do sexo masculino). Isso implicaria um relacionamento homossexual pela atual acepção encontrável nas terminologias de relacionamentos atuais. Assim, o autor teria sido um homossexual no passado.

Só que esse “passado” se situa em “Andrômeda”!

Ora, Andrômeda é designativo tanto de uma outra galáxia, a mais próxima da Via Láctea, quanto de uma constelação de estrelas. A Constelação de Andrômeda é visível a olho nu no céu do Hemisfério Norte, sendo que a galáxia de Andrômeda é visível, através de telescópio, na mesma região desta constelação. São coisas diferentes.

No entanto, ao acreditar no conteúdo das mensagens acima, “vir” de Andrômeda, seja da galáxia, seja da constelação de mesmo nome, tem suas implicações pois presentemente estamos aqui, na Via Láctea, no planeta Terra.

Não se viaja interestelarmente como se viaja entre locais do planeta Terra, por mais distante que tais locais estejam um do outro. Se não conseguimos viajar regularmente nem mesmo entre planetas, que são os objetos relevantes que estão astronomicamente mais próximos, figura quase impensável uma viagem interestelar transportando seres humanos.

Se o autor era “casado” em Andrômeda, no passado distante, de alguma forma veio parar aqui, que está bem longe de lá. Não se pode deixar de citar uma outra revelação, encontrada em literatura religiosa espiritualista, com muito mais informação: *Os Exilados da Capela*. Consta que cerca de 25 bilhões de falecidos em Capela (da constelação de Cocheiro) foram expulsos (exilados) para o planeta Terra, obviamente com seus corpos sutis, eterizados (ao perderem o corpo carnal na morte) devido ao seu comportamento moral inadequado para a evolução moral daquele planeta orbitante de Capela.

Presume-se que estavam empenhados em destruir as estruturas da sociedade, principalmente as morais e, por sua reticência no mal, de lá foram expulsos. Tal ocorreu a cerca de 65 mil anos atrás, mas ganharam relevância a partir de uns 12 mil anos atrás, quando edificaram civilizações expressivas que deram um *boom* à civilização humana no planeta Terra.

Esse lapso temporal, de tão recuado, fez com que os capelinos expulsos para viverem aqui, em corpos humanos de carne e osso, se transformassem em ETs integrados na raça humana, de tal sorte que se autoconsiderassem verdadeiros humanos, esquecendo-se definitivamente do local de onde provieram e suas características extraterrestres.

Ora, se o autor, de acordo com as mensagens transcritas acima, é proveniente de Andrômeda, então ele é, seguramente, um ET, um extraterrestre! Mas não se espera que, estando em Andrômeda, se chegue aqui com conhecimentos rudimentares, animais ainda, pois viajar interestelarmente denota suficiente avanço intelectual. Ou se vem por conta própria (independentemente de como isso se materializa) ou se é expulso. É muito pouco provável que se venha por conta própria e se esqueça completamente do motivo pelo que veio, até mesmo que veio para cá. O que mais parece razoável é que o autor é fruto do exílio, que foi exilado por mau comportamento, que foi expulso por estar ativamente envolvido na destruição das estruturas da civilização de Andrômeda.

Implica, primeiramente, em duas coisas um tanto relevantes:

1. Que o planeta Terra se tornou o destino de exílio forçado, de elementos indesejados, por seus ativismos anticivilizatórios;
2. Que os “imigrantes”, por exílio no planeta Terra, tem mais de uma origem interestelar, vindo de mundos diferentes e até longínquos entre si, tendo em comum a maldade de seus atos nos planetas de origem.

Não se exilam habitantes de pouca periculosidade, de baixa expressividade maldosa. Assim, o planeta Terra recebeu levas de malfeitores. E 25 bilhões vindo somente de Capela é um número bastante expressivo quando se considera

a massa do Planeta Terra. Obviamente, de acordo com a história passada do nosso planeta, tais exilados não coabitaram fisicamente este planeta simultaneamente. Cada um deve ter tido que aguardar a sua vez, o que pode implicar a busca do direito de aqui encarnar, ou seja, obter merecimento para tanto.

O número dos que foram exilados neste planeta é tão elevado que a maioria da população mundial pode, mesmo, ser considerada extraterrestre. Como há uma limitação de corpos físicos disponíveis, é de se esperar que a maioria dos exilados, capelinos pelo exposto acima, não estão encarnados, ou seja, há muito mais falecidos aguardando chances de encarnar do que os que se encontram presentemente encarnados. Há, no mínimo, o dobro de falecidos no mundo virtual do que neste mundo onde vivemos “em carne e osso”. É provável, pelas cifras citadas, que haja pelo menos o triplo, somando-se capelinos e outros extraterrestres, inclusive os autóctones deste planeta.

Um complicador é a questão do aborto, que tira oportunidades de mais falecidos usarem, simultaneamente, o planeta Terra como escola. Não é por nada que se recomenda, na literatura espiritualista, ir e “encher” o planeta (multiplicai-vos). O aborto atrasa o progresso do planeta Terra pois este só atinge certo progresso quando *todos* os seus habitantes progredirem. Quanto menos falecidos conseguirem oportunidade de encarnar, mais demorado será o progresso geral do planeta. Obviamente que todos que favorecerem a causa do aborto assumem a integral responsabilidade às suas consequências. Quanto maior a taxa de aborto e quanto menor a taxa de fertilidade, tanto mais difícil será conseguir uma oportunidade de encarnar, quer dizer, de evoluir.

Também expressiva é a data do evento. Um lapso temporal de 65 mil anos é bastante relevante em termos evolutivos por equivaler a um retrocesso na qualidade de vida e, conseqüentemente, sofrimento para se chegar no mesmo patamar civilizatório onde se estava quando de lá se foi expulso. E tal patamar não era pouco se considerarmos que viajar interestelarmente é um desafio e tanto.

Mas se o autor, ao ser expulso, tinha uma intelectualidade avançada, comparada ao encontrado por aqui, não deveria se sobressair em relação aos demais? Nada indica que o autor seja mais inteligente que os demais que o rodeiam. Tanto que, nas mensagens acima, se afirmou que o autor é “um nada”. Ora, se o autor não se distingue dos demais, duas possibilidades se impõe:

1. O autor não tem origem extraterrestre, pelo menos não mais evoluída que a existente por aqui na pretensa chegada por exílio;
2. Que o autor não veio sozinho, mas sim junto a uma leva numerosa de

outros exilados, devido a um expurgo de massa, de tal sorte que sua intelectualidade atual é reflexo da média encontrável dos demais elementos em exílio que são forçados a conviverem no seu processo evolutivo. Em outras palavras, o autor não se sobressai intelectualmente porque os demais que o rodeiam vêm, em geral, também de exílios.

Os Exilados da Capela é obra que é parte de uma trilogia. O autor leu apenas esta obra da trilogia. Mas detalhes relevantes são oferecidos a quem neles acreditar. Quanto a Andrômeda, tal origem para exilados é, para o autor, novíssima, até então desconhecida. Não se sabe mais nada a respeito, apenas o registrado nas mensagens transcritas acima, de onde se sobressai que o autor foi “casado” por lá, se tornando um extraterrestre por aqui em um passado remoto, e que foi um homossexual.

Assim o autor sofre a duras penas, por milhares de anos, por sua reticência no mal, não podendo fazer parte do “céu” de Andrômeda, de onde foi expulso, para ter seu inferno particular por aqui, se arrastando com os grilhões que criou, conjuntamente com os demais que não deveriam ser muito melhores que ele. Presume o autor, na falta de maiores informações, que esteve envolvido ativamente na destruição das estruturas da sociedade andromediana, sendo impedido de participar daquele paraíso em formação, já em tempos remotíssimos.

Faz tanto tempo que o autor, que se julgava até então, um legítimo ser humano, um terrestre “nato”, não suspeitava a milenar origem interestelar, se tais mensagens forem credíveis.

É preciso deixar claro, segundo literatura encontrável para ser lida, que, para “encarnar” um extraterrestre por aqui, que tinha vivido em um corpo anatomicamente algo diferente do corpo humano, que tal “adaptação” requer tempo, muito tempo, em torno de mil anos. São cerca de mil anos perdidos apenas na adaptação, o que implica em mais um lapso temporal jogado fora na esteira evolutiva, tudo isso para recomeçar a jornada evolutiva, uma jornada que é punitiva, onde se vai reaprender tudo aquilo que já se sabia de mais evoluído. Terá que reaprender a construir a roda (e tudo o mais). Automóveis, aviões, foguetes, televisores, telefones, etc... esqueça-os, pois terá que reinventá-los e isso tomará dezenas de milhares de anos. Cada um tem o livre arbítrio para escolher o seu futuro. Parece que o autor preferiu participar da reinvenção civilizatória a um custo tremendo, como degredado, por imposição punitiva.

Com isso o autor preenche dois pontos no conhecimento da sua própria esteira evolutiva: a atual e uma remota, como extraterrestre. Não se sabe de onde o

autor é originário, pois pode ter sido um degredado de outro mundo, cujo destino foi, num passado ainda mais remotíssimo, Andrômeda. Parece confirmar a afirmação espiritualista de que não se sabe de onde viemos nem para onde vamos, pois vivemos o momento atual, desconhecendo tudo o mais. Há quem faça regressões para descobrir quem era antes de nascer. Mas isso tem trazido resultados limitadíssimos, que estão muito longe de sua origem intestelar, se não for um autêntico autóctone deste planeta. Nem mesmo se tem garantia de que, ao chegar para o exílio, os habitantes que aqui rastejavam eram autóctones, podendo eles mesmos serem exilados já em processo de evolução pós adaptação para encarnação corporal.

Apesar de estudo científico recente indicar que cerca de 90% de todas as espécies serem originárias de apenas um par de seres vivos, em termos biológicos, deixando cerca de 10% para outras origens, é preciso ficar claro que a carne (parte biológica, um modelo habitável) provém da carne, tal como a ciência já conhece mas, limitando-se apenas aos seres humanos, o corpo não carnal dos falecidos, que tem composição etérica, praticamente indetectável pelos instrumentos atuais, não provém de outros falecidos, ou seja, a parte etérica que compõe o corpo dos falecidos tem origem única, desconhecida e, segundo a literatura especializada, é muito mais complexa do que apenas mais um corpo material, embora de baixíssima densidade (eterizado).

Quando um novo ser humano nasce, inequivocamente filho de pai e mãe, ali encarna um ser que já existia há milhares de anos, não tendo a sua origem naquele nascimento. E a seguinte mensagem, transcrita acima, indica claramente que o autor já existia antes de nascer nesta vida:

(Primeiro plano): Este aviso é de reencarnante.

Ficou claro que o autor, como “reencarnante”, voltou à carne em uma nova tentativa nesta roda da vida, para que use este planeta como escola, pelas vias dolorosas, para aprender a se tornar gente em condição de adentrar, em um futuro incerto, no paraíso que nós próprios temos que criar, sob pena de ser degredado em um novo expurgo que se avizinha mais uma vez.

E, tocando nesse assunto, tal expurgo obrigatório aos maus elementos, até então incorrigíveis, é antecedido por um período em que o mal parece triunfar, aqui conhecido como apocalipse. O apocalipse, no entender do autor, é um período em que, chegada a hora do julgamento final, se decide quem continua por aqui na construção do paraíso terrestre (que não será físico, pois implica na completa desvinculação da matéria ordinária, o que é algo gradual) e quem será enxotado em um novo expurgo, para um exílio, em um planeta em condições de evolução

um tanto rudimentares.

Por outro lado, vir de Capela ou de Andrômeda, ou quem sabe lá de onde mais, indica claramente, pelas distâncias envolvidas, que existem muitos poucos planetas em condições algo próximas das terrestres em termos de habitabilidade, da tal modo que, se expulso daqui, é provável que jamais consiga voltar em um futuro por mais distante que seja. E isso se deve pela diferença evolucionária pois se estaria quase sempre infinitamente atrasado em termos de elevação moral. Para cada degrau que se eleva por aqui, se eleva diversos outros por lá, em um crescendo que parece inalcançável, pois lugar algum é estático, todos evoluem sem parar, alguns se arrastando, outros avançando “a jato”.

É preciso deixar claro, claríssimo, que o autor, nesta vida, como ativista, tem se posicionado firmemente como contrário ao estilo de vida homossexual, tanto que tem sofrido pesados revés de quem se posiciona favoravelmente a tal estilo. E tal posicionamento do autor, talvez seja motivo suficiente, para explicar o conteúdo de certas mensagens transcritas, tal como segue:

(Primeiro plano, masculino, grave, fanho): “Negou-me: ex- ex- existe”.

Esse “existe” foi pronunciado preguiçosamente/lentamente.

(Primeiro plano, talvez feminino, médio, algo fanho): “Superou-me”.

Adicionalmente, recebeu-se a mensagem transcrita abaixo, para a qual não se emitirá qualquer opinião para não ferir sentimentos alheios (mesmo que o autor tenha sido citado como tendo vivido como um homossexual andromediano (não se sabe nada no planeta Terra, ainda), mesmo que o autor venha a descobrir, futuramente, que fez parte deste “enterro forte”):

Primeiro plano, masculino, ora grave, ora médio, fanho): “Ler porque Soudoma foi enterro forte”.

Tudo que se afirma nesta obra é referente ao autor. Nada aqui é direcionado a outrem. Quem quiser mensagens que sejam relevantes para si deve fazer suas próprias gravações, como ensinado nesta obra ou usando outra metodologia, desde que funcional.

SEXTA PARTE

UTOPIA

ALGUNS SONHOS DO AUTOR

OBJETIVOS A SEREM ALCANÇADOS

*O QUE PRECISA SER FEITO PARA QUE
A UTOPIA SE TORNE UMA REALIDADE*

Alguns detalhes utópicos, destinados a introduzir a perspectiva de uma realidade inexistente, em uma primeira abordagem sobre o assunto.

(Somente para maiores de idade)

UTOPIA

Desde o início o autor tem direcionado seus esforços no sentido de criar um canal onde falecidos e não falecidos (ainda) possam interagir. Obviamente que tal canal existe, mas não como o autor gostaria que fosse. Digamos que tais canais existentes (há vários) ainda são rudimentares.

Qual é a visão utópica do autor?

Não é a de se obter um canal onde alguém se destaque e sirva de intermediário para conectar ambos os lados interessados em se contatar. Quer dizer, as notícias do além sendo reveladas aos que estão no aquém por intermédio de um, digamos, privilegiado, que consiga tal façanha.

Quer o autor que os falecidos possam se contatar visual e auditivamente, em tempo real, como se estivessem em um *show*, onde os apresentadores seriam os falecidos e os expectadores, ativos, seriam quaisquer pessoas desejosas de ir além, interagindo normalmente com os falecidos.

Obviamente que há limitações, não apenas técnicas, mas inclusive de permissões. Não se está pedindo uma liberação geral, onde se generalize qualquer tipo de contato, mesmo os muito pouco recomendáveis. O que se pede, simplesmente, é uma melhora significativa, se possível deslumbrante, para que o contato se realize como nunca feito antes.

Este tipo de contato é excelente para religiosos, onde se pode, na prática, confirmar aquilo que se ensina aos fiéis. Qualquer religião pode se beneficiar ao interagir com falecidos de sua própria religião, visto que tais falecidos podem revelar o mundo que encontraram depois da morte, não deixando dúvidas aos que ainda não passaram para o lado de lá. Isso permite acreditar com segurança.

ENSINO COLETIVO

O autor vê excelente oportunidade no ensino coletivo, que é onde os falecidos expõem aos habitantes deste mundo tudo que é merecedor de ser ensinado. E para isso o imaginou, utopicamente, da forma seguinte:

- Robô instrutor controlado pelos falecidos. Destina-se a interagir e transferir conhecimentos dos falecidos aos espectadores deste mundo dos “vivos” em uma nova modalidade de comunicação.
- Tela multimídia com conteúdo fornecido diretamente pelos falecidos “ao vivo” (em tempo real) contendo sons, imagens e vídeos. Obviamente como um veículo de instrução.
- Tela alfanumérica permitindo a interação visual onde os falecidos “escrevem” as respostas em vez de as fornecerem por áudio. Isso aumentaria o grau de compreensibilidade pois ler é mais fácil do que ouvir em um turbilhão de ruídos.

Da utopia à realidade

Quanto ao robô instrutor, comandado pelos falecidos, a boa notícia é que tais robôs, digamos os mais simples, já são uma realidade e estão, inclusive, disponíveis para aquisição na modalidade “kits”. Compre um kit, monte-o, programe-o e terá um robô funcional. Falta apenas fazer com que o controle seja feito pelos falecidos. É um passo adiante a ser dado.

E para que um robô não seja um perigo aos encarnados, com os quais interagirá, na hipótese se algum falecido mal-intencionado o controlar, necessariamente precisa de certas limitações que o tornem inofensivo.

Imaginem uma palestra, entre outros eventos/shows, onde o robô (instrutor, apresentador, etc...) dê um show de interação, como se estivéssemos diante dos próprios falecidos. Um robô assim ainda precisa ser criado. A mecatrônica já fez sua parte, tornou possível os robôs, a tecnologia já está ao alcance de qualquer um que se disponha a “meter a mão na massa”. Ainda falta criar uma maneira de tal robô ser comandado pelos falecidos e dar-lhe um destino útil: ensinar.

Em relação à tela multimídia, não faltam dispositivos eletrônicos, na presente tecnologia humana, onde uma tela multimídia esteja presente. Embora a lista

seja flexível, o autor imagina e se limita, pelo menos inicialmente, às telas de televisores. As modernas TVs digitais, com amplos recursos, permitem imagens impressionantes. Aproveitá-las parece o melhor caminho pois não é necessário “reinventar a roda”, quer dizer, criar um sistema específico, proprietário, onde poucos privilegiados teriam acesso. Aproveitar os televisores atuais permite que o mundo inteiro possa usar deste canal impressionante.

Isso é possível desde que se empregue dos recursos que qualquer televisor oferece. O que é preciso fazer é uma interface entre a tecnologia usada nos televisores e a disponível no além, acessível por alguma metodologia adequada de tal forma que os falecidos consigam exibir na tela da TV o conteúdo visual e reproduzir, nos alto-falantes, o som que lhe corresponda. Nada, a princípio, será necessário fazer nos televisores, exceto no caso do fabricante querer incorporar no produto tal interface. A problemática é criar tal interface controlável pelos falecidos. Obviamente que, no princípio, tal interface seria básica, muito limitada. Mas, qualquer avanço nesta direção já seria um ganho.

Imaginem surgir na tela de um televisor as cenas de um filme exibido pelos falecidos mostrando o mundo virtual, com a respectiva trilha sonora, narrando, comentando, etc... tais cenas. As oportunidades e possibilidades são inúmeras, quase sem limites, sendo uma excelente ferramenta de ensino.

Igrejas se beneficiariam enormemente de tal interatividade para firmar a fé dos fiéis, céticos poderiam ver com os próprios olhos aquilo que descreem. E conteúdos verdadeiramente educativos poderiam exibidos.

Embora conteúdos complexos e que exijam muitos recursos sejam suportados normalmente pelos atuais televisores, no princípio conteúdos simples podem ser considerados um grande êxito quando a origem deles provier do mundo virtual. Conseguir escrever na tela já permite uma comunicação por palavras. Se imagens comuns puderem ser exibidas na tela, já se poderia criar um *slide-show*, que seria uma espécie de precursor dos filmes. Por algum motivo, que não se sabe qual é, parece que os falecidos não gostaram de um *slide-show* ou de comunicação por escrita na tela.

É preciso deixar claro que o autor está muito longe de ser um exímio engenheiro multimídia, ou de qualquer outra natureza. Assim não se pode exigir do autor aquilo que ele não pode dar ou fazer. Caso alguém com conhecimentos robustos (ou que pretenda obtê-los) queira adotar esta empreitada, só podemos agradecer. O que o autor pode fazer é principiar mas para isso precisa conhecer muitas coisas previamente, uma delas é saber o que é possível em termos de transmissão de informação. Outra coisa é saber como tal transmissão opera, de

modo a poupar tempo com tentativas e erros, ou seja, ir além do empirismo. Foi por isso que, desde o início, colocaram-se em prova certas afirmações, como produção de eletricidade e sons diretos nos alto-falantes. Se os LEDs acenderem, então uma comunicação ótica é possível. Se o som aparecer nos alto-falantes, uma comunicação sonora é possível. Estes dois testes, simplesinhos, já permitiriam controlar o robô e dar-lhe voz. Mas também introduzir conteúdo em TVs, entre outras possibilidades.

Em relação ao *display* alfanumérico, mais ou menos do tipo que se usa em estádios de futebol para exibir o placar e demais informações pertinentes, mas que permitam escrever palavras a serem exibidas ao público, tais *displays* tem vantagem do tamanho e de transmitirem informações por texto. *Displays* mais complexos, tipicamente usados em vias públicas, para propagandas visuais, permitem algo mais próximo de um filme, onde cada elemento luminoso pode ser encarado como um pixel de uma imagem dinâmica, ou seja, o acendimento programado deles pode resultar em um excelente meio visual de interação, algo que se aproxima um tanto de um televisor. Obviamente que controlar um *display*, pixel por pixel, tem seus problemas, tanto quanto construí-lo, pois milhares de LEDs tem custo e consomem bastante energia, para não citar muitos outros detalhes. Um simples *display* em matriz de 30 x 30 LEDs teria 900 LEDs, o que tem tamanho insignificante. Se fosse de 100 x 100 já necessitaria de 10 mil LEDs e continuaria pequeno. E isso para um *display* meramente monocromático. Colocar cores triplicaria o número de LEDs e a complexidade se multiplicaria.

A via do *display* é problemática pois exige muito e não seria para qualquer um: seria mais adequada para eventos coletivos, como em igrejas e outras apresentações mas, na falta de coisa melhor, já seria um avanço. Parece que essa ideia de usar *display* para impressionar o público não agradou aos falecidos. O fato é que o autor somente conseguiu contato de forma extremamente limitada, recheados de erros, erros que o autor assume como o único responsável. E é justamente para minimizar ou eliminar tais erros e melhorar substancialmente o contato, colocando esta nova realidade ao alcance de qualquer um, que se almeja formas mais aperfeiçoadas de contato. Tais formas precisam atrair o público que, diga-se, não é afeito a leituras massivas de livros que podem ser maçantes. É o contato fácil que permite atrair o público. É muito mais fácil fazer alguém ouvir ou assistir do que fazê-lo ler.

O que se tenta fazer é descobrir como fazer as coisas. Sabendo como elas operam é muito mais fácil de engendrar um caminho que represente uma solução. A voz pode muito bem representar a voz de um robô. Mas um segundo canal de voz pode ser usado para comandar esse mesmo robô. Dois ou mais

robôs podem interagir entre si ou com a plateia dando o espetáculo e com isso o *show* é garantido.

A função do autor é conectar o mundo de cá com o mundo de lá. Não é função do autor direcionar mensagens, determinar conteúdos, limitar o que se diz ou se faz. Ao autor se limita à criação do canal e a conexão de ambos os lados, para interagirem, ensinando como funciona e a replicar o sistema.

O contato com os falecidos, de tal forma que produza um verdadeiro *show*, ainda é uma utopia. Mas este trabalho já é um passo dado, o primeiro passo para que a utopia se torne realidade. O autor está fazendo a sua parte: fazer algo.

O autor tem algumas ideias para testar, de modo a entender melhor como a comunicação por instrumentos funciona. É desse conhecimento que poderá nascer um canal prático onde o resultado final permita merecidamente ser chamado de *show*. Obviamente que não se espera um contato “a pleno vapor”, maximizando recursos tecnológicos, coisa que demandaria suporte das maiores mentes humanas do mundo de cá, mas somente para um futuro mais distante, quando “a coisa” se tornar trivial.

A princípio se deve conseguir um contato simples, limitado, mas eficaz. Um contato multimídia elementar já permite dar um *show* desde que tenha algo visual e algo audível, mas que sejam reconhecíveis como autênticos.

O futuro dirá o que, da utopia, continuará uma utopia e o que se tornará uma realidade palpável, de uso corriqueiro. Mas não se pode esperar o futuro chegar apenas para checar este ou aquele prognóstico. O futuro precisa ser construído e logo! E isso demanda trabalho, esforço e até mesmo algum investimento.

Que cada um faça a sua parte, a parte que lhe cabe. Quanto maiores os esforços aplicados, melhor e mais rápido será o retorno.

CONCLUSÃO

Pelo exposto até aqui fica evidente que é possível entrar em contato com os falecidos por meio de instrumentação técnica, sendo tal processo conhecido como *transcomunicação instrumental*.

A metodologia do “papel farfalhando” torna o contato muito simples, tão simples que qualquer um pode experimentar. Apesar de extremamente simples, tal metodologia tem alguns inconvenientes, tais como a dificuldade de compreender o que os falecidos dizem.

Ficou claro nas mensagens transcritas que a chave para o entendimento é repetição à exaustão de trechos selecionados, até compreender o que eles dizem. Não se consegue, sem repetir, garantir que entendeu o que no arquivo está contido.

As mensagens transcritas demonstram que se erra muito. E isso pode ser um problema. É preciso fugir da tendência de interpretar o não dito como se dito fosse, ou seja, captar um fragmento de áudio e deixar a mente/cérebro completar a frase na base do “imaginômetro”. Isso costuma ser fatal na interpretação dos arquivos, levando a uma quantidade impressionante de erros.

Não se deixou dúvidas que há mutabilidade. Por causa disso não adianta querer salvar trechos específicos pois o resultado pode se alterar e não ser aquilo que se quis salvar.

Para efeitos de prova, onde trechos específicos são salvos, a recomendação é de que se limite à velocidade normal e que o salvamento seja feito apenas para o primeiro plano. Se houver mutabilidade durante a reprodução, é muito provável que tal variação não possa ser salva como prova pois mutabilidade aponta interação após a abertura do arquivo, não ocorrendo no próprio arquivo mas em outro local. Tal interação é efetuada pelos falecidos “na hora”, ignorando-se o ponto exato onde isso ocorre.

A recomendação geral é de que opere apenas na velocidade normal. A dificuldade de se gerar uma prova implica ser a transcrição um dos melhores caminhos para registrar o conteúdo caso se queira compartilhá-lo com outrem. Nada garante que um arquivo salvo e interpretado de uma forma pelo autor seja reconhecido da mesma maneira por outros que o reproduzam.

Foi dito que este processo de contato com os falecidos *não é religião*.

Obviamente que não o é. Trata-se de um intercâmbio entre o lado de cá e o de lá por intermédio de instrumentos, que independe de qualquer religião. Isso não significa que os falecidos contatados não sejam religiosos ou não façam uso dos aspectos religiosos. Tampouco significa que não possa ser usada tal metodologia justamente para fins religiosos por aqueles que assim o quiserem.

Por questão de analogia, considere a televisão e o televisor. Televisão é o sistema que permite a transmissão e recepção de imagens, televisor é o dispositivo que faz uso deste sistema. Televisor é apenas um hardware, não é religião. Mas nada impede que se tenha religião justamente em um sistema destes, como *conteúdo*, não como hardware. Em televisão qualquer conteúdo pode ser transmitido de uma estação transmissora a um ou mais receptores (televisores), inclusive religião.

A transcomunicação instrumental faz justamente isso: conecta o nosso mundo com o mundo dos falecidos e isso é tudo. O conteúdo depende de quem é conectado e da realidade encontrada no *mundo virtual*, o *mundo dois*, que é revelada ao “nosso mundo” pelos que já passaram para o lado de lá. A transcomunicação instrumental não é uma nova religião, mas apenas uma forma de contatar aqueles que partiram deste mundo.

A transcomunicação instrumental permite provar que não se morre, que se continua a viver depois da “morte”, que o corpo que se perdeu ao falecer não passava de um veículo necessário para transitar na escola do mundo físico, como se fosse uma vestimenta física, que a perda do corpo não passa de uma falência deste veículo sendo que o “piloto” é forçado a abandoná-lo por se tornar tal vestimenta carnal imprestável dali por diante.

O que existe do lado de lá e suas regras, como vivem, o modo correto de se viver em nosso mundo para se vá para o melhor lugar de lá, o que acontece com quem vive do modo certo ou errado neste mundo depois que falecer, tudo isso são aspectos inerentes da realidade existente, que abrange nosso mundo e o mundo de lá. Isso não é transcomunicação instrumental, pois esta providencia um meio físico de contatar ambas as realidades, a de aqui com a de lá, mas não tem o poder de alterar a realidade de nenhum dos lados.

Boa parte das religiões ensinam como viver por aqui para se dar bem ao ir para lá. Mas, costumeiramente, não incluem a comunicação entre o lado de cá e o lado de lá. Quando o fazem, em geral não costuma ser algo pessoal como um contato direto de pai com filho, por exemplo.

O lado de cá existe. O lado de lá também existe. O problema é a comunicação

entre o lado de cá com o lado de lá, ou vice-versa. Esta é a função da transcomunicação instrumental: contatar ambos os lados, o mundo “dos vivos” com o mundo “dos falecidos”. E o “mundo dos falecidos” não está em outro planeta, está aqui mesmo, no planeta Terra, pois vivemos e morremos aqui, e por aqui permanecemos, vivos ou “mortos, sem estar morto”.

E os falecidos podem estar tão próximos que podem estar ao seu lado justamente agora, muito embora não consiga vê-los nem ouvi-los. E para materializar a comunicação com o mundo de lá é necessário se ter uma metodologia. Pois é isso que esta obra oferece: uma metodologia que funciona (uso do farfalhar do papel para produzir um ruído conveniente que os falecidos conseguem modular).

O que era inacessível, de repente se torna acessível. Mas dá um certo trabalho. E, com esforço, se descobre um mundo novo, uma nova realidade. Somos, de certa forma, desbravadores de um mundo até então pouco conhecido, cujas nuances vamos colorindo conforme as revelações que recebemos. Com a certeza de que, após falecer, iremos para lá, nada melhor do que conhecer, de antemão, esse lugar que nos espera. Pelo menos, se quisermos ter a certeza de que iremos para o lugar correto em vez de transitar sem rumo, sem saber para onde ir, sequer como agir por desconhecimento das regras existentes por lá.

Assim, esta obra prova que só falecidos existem e que estão bem vivos, que é possível se comunicar com eles, ensina como fazer isso através de um método relativamente simples, fornecendo conselhos e orientações, mostrando as dificuldades que podem ser encontradas, os erros que podem ser cometidos, o tipo de conteúdo que se pode obter, entre outras facetas ligadas à metodologia empregada.

De qualquer forma o resultado final depende de persistência. É preciso muita insistência, a demanda de tempo é grande e o cuidado tem que ser redobrado para não cair nos mesmos erros em que o autor caiu.

O transcomunicador é, ao mesmo tempo, uma antena (atraindo os falecidos que queiram se comunicar), um concentrador (ao canalizar diversas fontes em um único local, que pode ser um livro, etc...), um distribuidor (ao distribuir o fruto de seu trabalho) e um influenciador (ao expandir a transcomunicação para outrem, que se tornam potenciais novos transcomunicadores).

A divulgação é essencial para a consolidação do processo que possibilite o intercâmbio de informações, principalmente de lá para cá. Para que o contato não morra mas cresça sem parar, onde todos possam, desde cedo, se comunicar

com os entes que lhes são caros, como algo perfeitamente natural (pois assim o é) torna-se necessário dar um passo além: divulgar, ensinar, estimular, formar grupos, organizar o conteúdo coletado, ou seja, expandir o processo de comunicação com nossos falecidos para que não seja um privilégio de poucos mas uma realidade para a maioria. E, para isso, tornar interessante tal contato ajuda muito. E esse é um desafio que ainda precisa ser materializado.

Essa obra fez a sua parte, que é fazer alguma coisa. É pouco, porém é melhor que nada. Mas isso não significa que o trabalho terminou, que tudo está às mil maravilhas, pois não está. O trabalho continua porque o contato deixa muito a desejar, está muito longe do objetivo que é contatar o mundo dos “vivos” com o mundo dos “falecidos” de uma maneira deslumbrante. Falta muito, significa muito trabalho pela frente. E precisa de alguém para fazê-lo. Quanto mais gente arregaçar as mangas, melhor.

Mas o contato se materializa como um conteúdo. E tal conteúdo pede atenção pois costuma ir além de um “alô!”. Algo está sendo dito, implicações existem, conselhos são dados, pedidos são feitos, orientações são fornecidas, revelações aparecem, etc... Isso e tudo o mais precisa ser tratado com seriedade e respeito, algo que ambos os lados precisam aprender a fazer. Quando há uma sintonia entre aqui e lá, tudo funciona melhor e isso significa mais facilidade para avançar.

Melhorar o contato significa melhorar o conteúdo, quer dizer, para termos conteúdos melhores, com menos erros, é preciso melhorar a metodologia que permite tal contato. Quanto mais compreensivo for o conteúdo, mais livre de erros presumivelmente ele estará. Mas como se viu nas mensagens anteriores, não é apenas de palavras articuladas em expressões que o contato se faz: vai além, contendo até mesmo fundo musical. Se a metodologia permitir, informações mais complexas devem chegar ao nosso mundo vindas de lá.

Esta obra ensina como fazer para entrar em contato com os falecidos de uma maneira simples, utilizando-se para isso da comunicação por instrumentos, mais conhecida como *transcomunicação instrumental*.

A metodologia utilizada é a do farfalhar de papel diante de um microfone, tão simples que qualquer um pode experimentar.

Neste livro você encontrará a explicação, passo a passo, de como proceder para efetivar a comunicação com os falecidos e demais detalhes que facilitarão a sua experiência nesta comunicação.

A comunicação com os falecidos é um pouco mais complicada do que a que estamos acostumados quando telefonamos para alguém, com características próprias.

Qualquer aparelho que grave pelo microfone consegue fazer o contato com os falecidos, no entanto o uso de um computador permite resultados melhores, com menos sofrimento e maior compreensibilidade.

Se você nunca fez contato com os falecidos, então este livro ensinará como fazê-la de uma forma muito simples, exigindo apenas um pouco de dedicação.